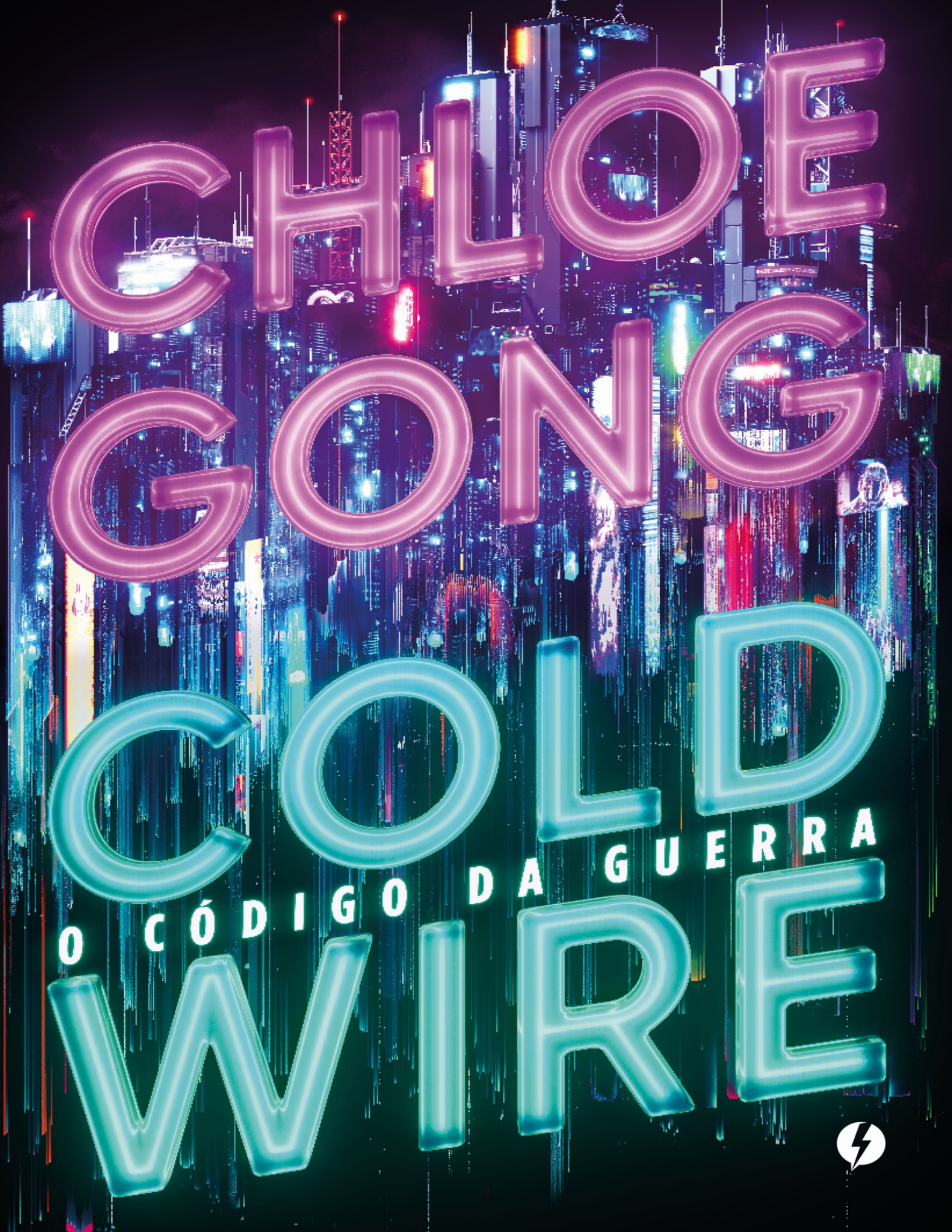
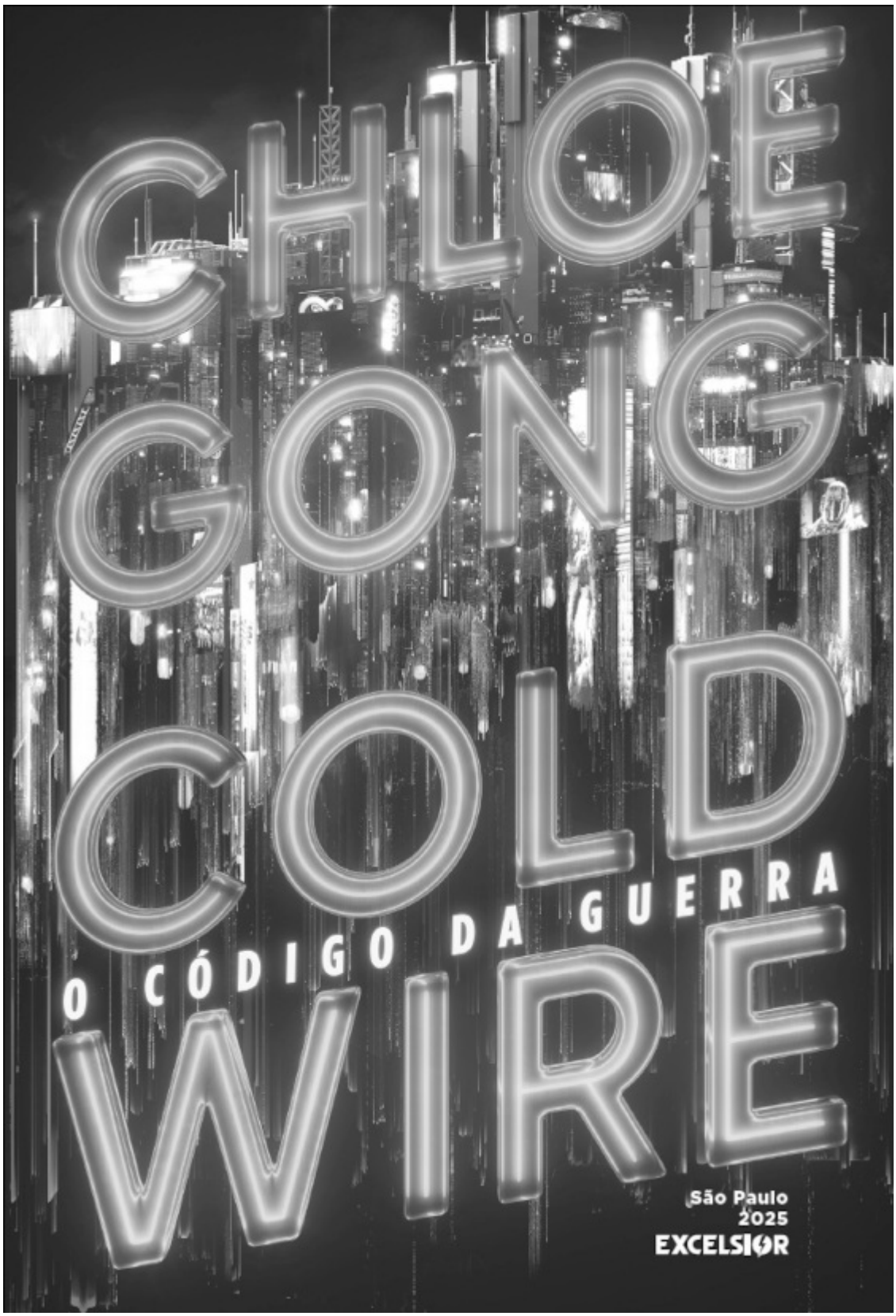

CHLOE GONG
COLD WIRE
O CÓDIGO DA GUERRA


CHLOE GONG
COLD WIRE
O CÓDIGO DA GUERRA
São Paulo
2025
EXCELSIOR

*Coldwire (2025)*
Copyright © 2025 by Chloe Gong
Jacket photo-illustration © 2025 by Sean & Eve
Tradução © 2025 by Book One
Todos os direitos de tradução reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

COORDENADORA EDITORIAL, ADAPTAÇÃO DE CAPA E PROJETO GRÁFICO
**Francine C. Silva**

PRODUTORA EDITORIAL
**Caroline David**

TRADUÇÃO
**Leticia Zumaeta**

PREPARAÇÃO
**Rafael Bisoffi**

REVISÃO
**Tássia Carvalho**
**Luíza Thomaz**

ILUSTRAÇÃO ORIGINAL DE CAPA
**Sean & Eve**

DIAGRAMAÇÃO
**Bárbara Rodrigues**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

G64c Gong, Chloe

Coldwire [livro eletrônico] / Chloe Gong ; tradução Leticia Zumaeta. — São Paulo : Excelsior, 2025.

416 p. ; ePUB (Trilogia 2058)

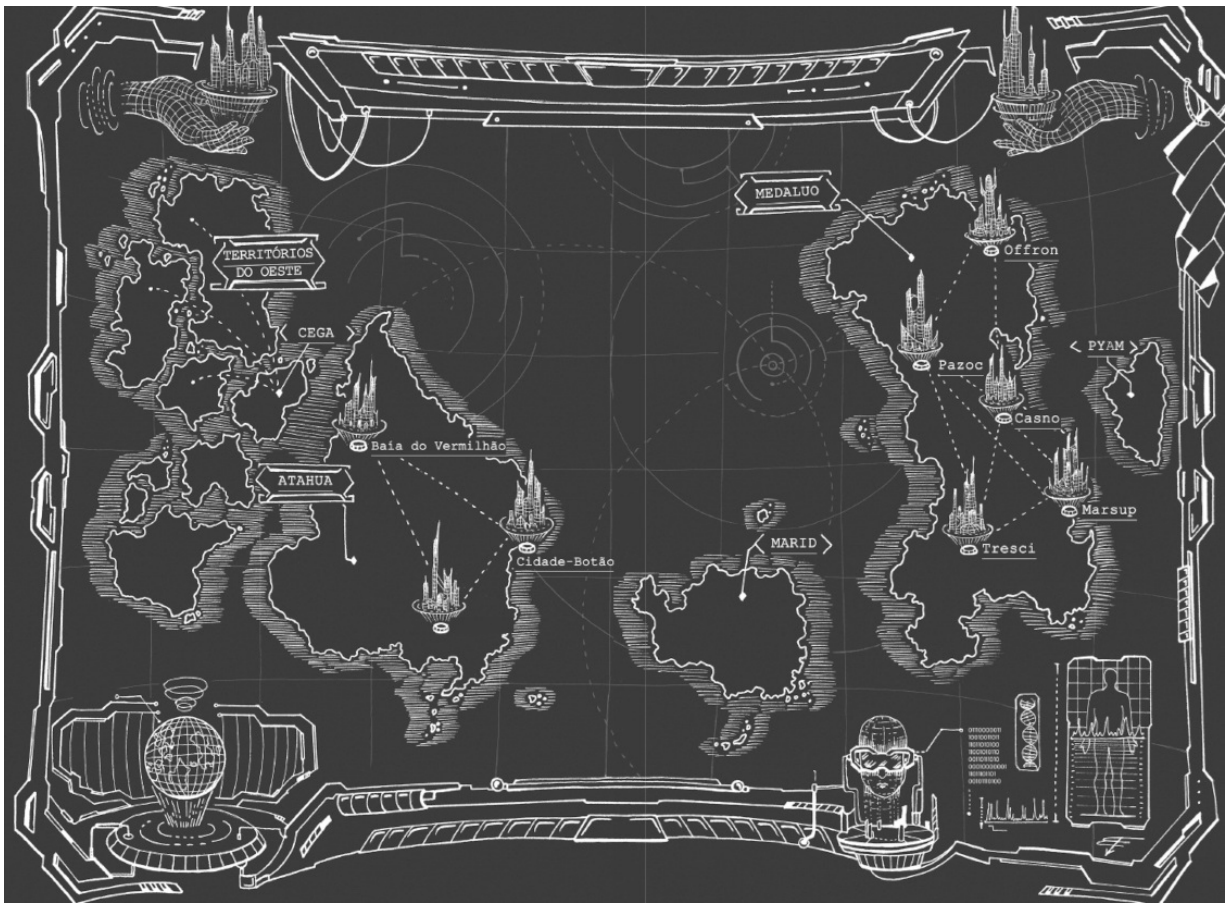
ISBN 978-65-83545-47-3(e-book)

Título original: *Coldwire*

1. Ficção chinesa 2. Ficção científica I. Título II. Zumaeta, Leticia

25-3069 CDD 895.13

*Para Owen*
*Porque “essa tal ideia para um romance cyberpunk” que eu tinha rendeu muita conversa no nosso primeiro encontro, e por causa de todas as conversas desde então.*
*Eu te amo!*


MEDALUO
TERRITÓRIOS DO OESTE
CEGA
ATAHUA
Baía do Vermilhão
Cidade-Botão
MARID
Offron
Pazoc
PYAM
Casno
Marsup
Tresci

# CAPÍTULO 1
## EIRALE

Às dez para a meia-noite, os robôs de choque detonam ao redor do quarteirão.

Nossas cordas tremem; cada arnês suspenso resistindo às ondas de choque que deslizam pelo exterior do arranha-céu, mas ficamos parados pacientemente, vinte andares acima. Quando os manifestantes correrem em nossa direção, o gás lacrimogêneo já terá se dispersado das explosões, exatamente como planejamos na base. Não vão nos ver.

— Unidade de captura, atenção.

Os protestos anti-NiloCorp são uma visão comum ao longo das principais avenidas de Cidade-Botão. Quando eles ficam muito difíceis de manejar, a NiloCorp envia seus robôs de choque em nome do governo atahuense, agindo sempre mais rápido que a polícia local. Cidade-Botão tem mais armazéns da NiloCorp por metro quadrado do que qualquer outro lugar do mundo. Haverá uma resposta pronta, não importa que tipo de confusão perturbe a paz.

Eu testo minha linha, que afrouxa o suficiente para que eu dê dois passos cuidadosos no vidro vertical antes de olhar por cima do ombro, rastreando as figuras em pânico correndo abaixo. Talvez alguns gritos fracos. Difícil dizer. Meu capacete consegue bloquear ruídos não essenciais.

— Mint, fique de olho nas câmeras. — Meu fone de ouvido continua a transmitir. — Eirale, prossiga para o térreo.

A manifestação desta noite é composta por caminhoneiros. Eles improvisaram cartazes quando uma nova linha de semirreboques autônomos da NiloCorp deixou dezenas de milhares de pessoas sem trabalho, e então o sistema de coleta de dados da NiloCorp colocou discretamente o plano deles em nosso radar. Existe um processo para encerrar um protesto de forma rápida e eficiente. Os robôs de choque conduzem os dissidentes todos para um lado da estrada. Gás lacrimogêneo

explode dos recipientes e tira a visão deles por algumas horas — ou alguns dias, com os encrenqueiros mais indisciplinados que tentam atacar os robôs. Em pouco tempo, a rua estará limpa, e seus símbolos de resistência copiados da internet não serão nada mais do que placas encharcadas se desintegrando nas poças da calçada. Normalmente, não há necessidade de os soldados corporativos, unidades como a nossa, se envolverem.

Ficamos reservados para contratações de alto nível. Como capturar anarquistas.

— Tudo bem — declara Teryn, satisfeita com a cobertura que temos. — Vamos lá.

Eu destravo meu mosquetão, deixo a corda frouxa. Meu traje grita um aviso de que estou indo rápido demais, que vou bater no concreto e devo considerar fazer o rapel corretamente. A tela diante dos meus olhos brilha em vermelho, tentando calcular o dano no impacto.

Eu estico a corda de repente. Meu arnês aperta; paro bruscamente antes que minhas botas toquem o chão. Não sou empregada da NiloCorp há muito tempo. Eles me designaram para a base de Cidade-Botão há seis meses. Enquanto todos os outros da minha turma que seguiram o caminho das forças privadas da NiloCorp foram destacados logo após nossas provas finais e enviados para o Baixo para correr soltos no mundo real, eu perdi três meses me recuperando. Ainda assim, todos aqueles anos de escola militar me prepararam para ser rápida, mais rápida do que os trajes fornecidos pela NiloCorp que tentam sugerir os próximos movimentos por mim. O vermelho desaparece. A tela do traje fica limpa quando retiro meu cinto.

Meu hálito aquece o interior do capacete. Uma fileira de outdoors se sincroniza no nível da rua, mudando de anúncios da Eveline para um segmento de notícias. Mal vejo o presidente Sterling subindo ao pódio, a legenda na parte inferior anunciando “RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS COM MEDALUO PIORAM — INCIDENTE NO MAR DO NORTE” antes que o gás lacrimogêneo turve minha visão, se concentrando sobre o topo da minha cabeça.

Meu traje ativa as capacidades infravermelhas.

Eu estava espionando mais cedo no quartel quando Teryn recebeu o briefing de emergência para esta missão. Ela não tinha entrado no corredor antes de atender a videochamada em seu computador de mão. O protesto

dos caminhoneiros estava se formando ao longo da Avenida 7, a três quarteirões de distância. Os robôs de choque os empurrariam intencionalmente em nossa direção e então detonariam, convenientemente oferecendo cobertura das câmeras de vigilância apontadas para as entradas do nosso prédio alvo. Isso salvaria a NiloCorp de ter filmagens de suas forças se intrometendo em assuntos civis: mais asneiras para vender aos tabloides, mais munição para artigos de sucesso sobre a governança de Atahua e a dependência do país de serviço militar privado.

— Todos os outros, vão para suas entradas designadas. Ele não vai escapar desta vez.

O cascalho estala sob meus pés quando eu giro. Circulo o exterior do arranha-céu, o alto saguão imóvel do outro lado do vidro grosso. O infravermelho não mostra nada no meu caminho na entrada dos fundos. Pelo registro oficial, algum fundo de garantia é dono do prédio, abandonado por empresas abastadas que continuam pagando aluguel, mas não realizam mais operações no local. Um segurança bate ponto durante o dia e é pago para fazer vista grossa depois do expediente, quando as casas noturnas, estúdios de tatuagem e rinhas de cães se instalam. Isso é típico do Baixo.

— Estou em posição — digo, a voz rouca. Não falo em voz alta desde que saímos da base. Teryn transforma qualquer reclamação em um discurso motivacional e, se não estou a fim de falatório, aprendi a manter a boca fechada.

— Vá para a escada — instrui Teryn imediatamente. — Chegue mais perto da boate.

Eu empurro a entrada dos fundos, surpresa ao descobrir que não está trancada. No escuro, meu traje avisa que há movimento à minha direita, mas é apenas um fio de gás lacrimogêneo deslizando comigo antes de eu fechar a porta de vidro e correr para o saguão principal. O espaço é de conceito aberto: pilares dilapidados que sustentam um teto branco; a recepção, uma tira de metal levantada por vigas de aço brotando do piso de ladrilho. Faço uma varredura superficial. Vazio. Corro para o hall do elevador.

— Chefe. — A voz de Smith sai pelo meu fone de ouvido, chamando a atenção de Teryn. Nossa unidade está dividida ao meio entre os seis contratados. Tem Teryn, Mint e eu. Recém-formadas. Sangue novo na base, decididas a fazer um bom trabalho porque nosso líder de equipe, Wright,

nos intimida. Os outros três não se importam em impressioná-lo. Eles são graduados da Academia Militar do Nilo, uma década mais velhos, entediados com o trabalho e lutando para obter uma promoção que os coloque no comando.

— Chefe — chama Smith novamente. — As fechaduras estão quebradas nas varandas do segundo andar.

— O quê?! — exclama Teryn.

Abro a porta da escada. Está quieto — e com um brilho gritante, banhado em um violeta intenso de fitas de LED que correm pelos quatro cantos. O infravermelho do meu traje desliga automaticamente, mas ainda não consigo ver. Bato na parte de trás do meu traje para abrir o capacete. A porta da escada se fecha atrás de mim.

— Estou subindo — relato, sacando minha arma de fogo. — Nada aqui…

— Ei — interrompe Mint na linha de comunicação. — O *feed* das câmeras está falhando.

Meus passos sobem silenciosamente até o segundo andar; o resto da minha frase fica inconcluso. A boate é acessível pela entrada principal por uma passarela, ou por uma entrada lateral que leva à escada do prédio. Teryn e Mint entraram: Teryn como batedora de campo e Mint para vigiar usando as câmeras ao redor dela. Smith e Buchanan estão de olho na passarela. Penrose fica na plataforma que se projeta do trigésimo quinto andar, de onde fizemos rapel, agindo como atirador reserva. Eu sou a única que foi mandada para cá.

— Como assim? — Teryn exige saber.

— É interrupção de sinal — responde Mint. Eu paro do lado de fora da boate, um sussurro fraquíssimo de música ecoando pelas paredes à prova de som. Com isso, aperto a arma de fogo com mais força. A única entidade que poderia bloquear *nosso* sinal é… — Alguém do governo federal deve estar na cena.

— *Por quê*?

Ninguém responde Teryn. O governo atahuense delegou essa tarefa para a NiloCorp, contratou a nós, em vez de um departamento federal, para capturar Nik Grant. Mas já tentamos duas missões de captura e falhamos nas duas vezes, então talvez eles estejam perdendo a paciência.

— O governo federal só bagunça as câmeras se estiver tramando algo — opina Smith. Um tom sarcástico marca sua voz, óbvio até mesmo através dos fones. — Eu me pergunto o quê.

Wright está de licença por causa de uma lesão há semanas. Em circunstâncias normais, se o anarquista mais procurado de Atahua entrasse em Cidade-Botão naquele momento, a tarefa de mobilizar e liderar o ataque que o prenderia deveria ter ido para outra unidade na base, ou para o contratado em nossa unidade com o segundo maior tempo de serviço — Smith. Em vez disso, eles a deram para Teryn.

Teryn Moore, de dezoito anos. Sobrinha de James Moore, CEO da NiloCorp.

— Só vamos descobrir quando descobrirmos — decide Teryn. Ou ela não percebeu a provocação de Smith, ou escolheu ignorá-la. — Eirale, tem visão?

— Negativo — respondo.

— Unidade de captura, prossiga conforme o planejado. Nosso alvo está no prédio.

Teryn e eu fomos para a Academia Militar do Nilo juntas, embora a primeira vez que falei com ela foi depois da formatura, quando me apresentei no quartel de Cidade-Botão. Ela era boa o suficiente para ser oradora da turma, mas não consegui conectar essa reputação à soldada com quem trabalhei. Ela é capaz, eu acho. É rápida e inteligente e passa alguns segundos todas as manhãs na frente do pequeno espelho no quartel para endireitar a gola do uniforme e garantir que o logotipo da NiloCorp esteja polido e limpo em seu peito.

Ela também hesita em campo, e nos desvia em momentos nos quais precisamos de coesão. Se não conseguirmos nos aproximar de Nik Grant pela terceira vez, vamos ficar com o emprego em jogo. Mas Teryn ficará bem. Ninguém demite a própria sobrinha.

— Alguma imagem de dentro? — pergunta Smith.

— Negativo — responde Teryn. — Mantenha todas as sacadas seguras. Assim que o perseguirmos, ele não terá escrúpulos em pular para a rua.

Bato o pé; o eco viaja pelo chão de pedra da escada. Não temos soldados suficientes no perímetro. Penrose deveria estar na passarela também. Ou deveríamos ter combinado com outra unidade e dobrado os esforços, dados nossos fracassos anteriores.

Nik Grant ganhou fama pública pela primeira vez depois de bombardear uma base militar fora da capital. Três baixas, um comandante… mas o mais importante, o dano destruiu toda uma rede de vigilância. O governo se debateu sem direção por uma semana tentando determinar o culpado e deixou o Distrito de Melnova operando às cegas até que seus servidores fossem consertados. A nação especulou ferozmente sobre a possibilidade de ser obra de Medaluo. Um terrorista surgindo entre os medanos étnicos que chamavam Atahua de lar. Alguém recrutado por seus laços ancestrais para esquentar a guerra fria. Então, um bombardeio idêntico teve como alvo uma base da NiloCorp, eliminando uma equipe de contratados, e em poucas horas a NiloCorp já tinha identificado o autor e gerado uma manchete para o noticiário. Confirmou que ele era atahuense, de nascimento e de criação. Não era um agente de uma potência inimiga estrangeira, e sim um anarquista doméstico. A NiloCorp não divulgou seu nome, a princípio. Seus representantes se recusaram, na verdade, o que levou à especulação de que ele era um ex-contratado rancoroso. Mas o boato morreu rápido quando eles cederam, com uma pitada de informações biográficas: ele tinha apenas dezessete anos.

"*Considerando esses ataques recentes, a Agência Federal de Defesa de Atahua confiou às nossas forças de segurança a execução da justiça*", divulgou a NiloCorp em um comunicado. "*Como o autor é menor de idade, achamos que é melhor manter suas informações longe do escrutínio público. Por favor, relatem quaisquer avistamentos no site da NiloCorp*."

Na próxima imagem que conseguiram, ele estava pichando os escombros do local da bomba, terminando a última letra de sua mensagem: "*MEU NOME É NIK GRANT kkkk*" antes de desaparecer. Um grande "foda-se" para a NiloCorp por querer esconder sua identidade.

Com cada um de seus ataques subsequentes nos últimos meses, ele só cresceu cada vez mais. As notícias espalham fotos de Nik Grant para encorajar os atahuenses a relatar qualquer informação que tenham sobre seu paradeiro, o que não deixa de ser desconcertante. Ele poderia ter sido um dos meus colegas cadetes na academia, ligeiramente loiro na luz certa e franzindo a testa com a insolência de um encrenqueiro de classe. A mídia atahuense cria uma nova teoria após a outra sobre por que ele quer destruir seu próprio país — talvez um passado trágico como órfão ou uma ascendência secreta de um grupo extremista —, tudo para não abordar a

provável verdade: ele despreza a NiloCorp e está fazendo tudo ao seu alcance para arruinar a empresa. Tornou-se notório por seus slogans, pichados sobre seus locais de bombardeio para apoiar teorias da conspiração que têm se espalhado como fogo: *"NILOCORP MATA SEUS CRÍTICOS"; "INDISPOSIÇÃO É REAL"; "DESLOGUE ANTES QUE VOCÊ PERCA A CABEÇA"*.

— O secretário de defesa está aqui — declara Mint de repente. — Eu o vejo. Lá atrás, perto do bar.

— Hm — diz Teryn. Ela hesita. — Vamos deixá-lo em paz. Provavelmente não tem nada a ver com nossa tarefa.

Pelo menos Teryn é muito boa em respostas dóceis e controladas. Qualquer outra pessoa teria perguntado que tipo de negócio Chip Graham poderia ter em uma boate decadente no Baixo. Os contratados da NiloCorp conhecem o rosto do nosso secretário de defesa tão bem quanto conhecemos o de presidente Sterling. Em tempos de guerra, enquanto o presidente Sterling se dirige ao público, nós temos Chip Graham. No papel, ele pode estar no comando do exército atahuense, mas as Forças Armadas têm tantos buracos em sua infraestrutura que o país não sentiria diferença se fossem dissolvidas amanhã. Não há necessidade de canalizar dinheiro para o exército quando existe a NiloCorp para tapar os buracos. A NiloCorp saúda as diretrizes de Chip e passa as tarefas para uma fila de soldados corporativos.

— Possível visão do alvo perto das mesas — relata Teryn. Seu tom muda, afiando para o combate.

— Pronto ao seu sinal — avisa Smith.

Alguns minutos se passam. Minhas palmas formigam de suor sob minhas luvas. Ajusto minha pegada na arma de fogo.

— Deixa pra lá — diz Teryn finalmente. — Só é parecido. Passei pelo quadrante noroeste. Mint?

— Nada no sul até agora — responde Mint. — Todo mundo está se mexendo demais, é difícil confirmar se verifiquei todos os clientes.

Esse é o problema de tentar capturar um fugitivo em uma boate.

— Estou vendo uma movimentação nos escritórios do terceiro andar — contribui Buchanan. — Alguma chance de ser o alvo?

— Não pode ser. — A resposta de Smith é um pouco abafada. Ele se afastou do microfone, falando diretamente com Buchanan. — Ward está na

escada. Ela teria visto ele passar.

Uma nova camada de suor escorre pelas minhas costas. É certamente impossível que ele tenha passado por mim. Só há uma rota.

— Ele pode ter escalado a fachada — responde Buchanan.

— Se ele está escalando a fachada para fugir de nós… — diz Teryn — teria fugido em vez de se aproximar do terceiro andar.

— Talvez ele já estivesse lá — opina Mint. — Não é a primeira vez que não…

Um grito interrompe o resto da frase dela, penetrando no canal de comunicação compartilhado. Eu me encolho, minha mão voando até meu ouvido às pressas. Deve ser alguém diretamente ao lado de Mint, se o microfone dela captou. Mal tenho um momento para me preparar antes que a porta na minha frente se abra e uma massa de clientes invada a escada. Eles se afunilam pelo corredor estreito do lado de fora da entrada lateral da boate, movendo-se em tal fluxo que as duas portas adjacentes não chegam a se fechar atrás de ninguém. Isso destrói o isolamento acústico da boate. A música de repente fica tão alta que quase sinto o gosto dela; o grave ressoa pela escada.

— O que está acontecendo? — pergunta Smith imperativamente. — O que é toda essa gritaria?

Mal abro caminho em meio à multidão, imprensada contra a parede para evitar os clientes que passam pela soleira da saída e descem correndo as escadas. Examino cada um dos seus rostos, tentando garantir que Nik Grant não esteja escapulindo no meio desse caos, mas a luz ultravioleta prega peças na minha visão. Tudo tem um brilho estranho.

— Com licença!

Pego uma garota da multidão aleatoriamente, parando-a no meio do caminho. Embora ela tente continuar, com seu braço esticado para uma amiga que segue sem ela, não consegue se soltar. Minha força é imbatível.

— O que aconteceu? — questiono.

Eles não desligam a música estrondosa lá dentro. Tenho que gritar para ser ouvida. Luzes estroboscópicas elétricas disparam para a escada também, cortando os corpos como uma corda de pular cujo ritmo não sigo.

— Me solta — grita ela. Os três piercings em sua sobrancelha esquerda capturam o estroboscópio. Seu brilho quase bloqueia minha visão. — Alguém deu um tiro lá dentro.

Então eu a solto. Minha própria arma de fogo ainda está presa na minha outra mão, escondida ao meu lado. A garota rapidamente desce as escadas. O resto da minha unidade continua gritando instruções pelo fone de ouvido, mas não estou mais ouvindo. Minha atenção retorna aos clientes. Adolescentes com cachecóis amarrados sobre seus rostos se escondem das câmeras de reconhecimento facial. Homens mais velhos em ternos são conduzidos por guardas pessoais.

Um garçom uniformizado entra pela porta e vira imediatamente à direita, subindo as escadas. Não consigo distinguir nenhum outro detalhe sob as luzes estroboscópicas. Não importa. Ninguém mais está subindo.

Eu corro para frente, empurrando a multidão de pessoas.

— Peguei — digo. — Peguei. Ele está na escada.

No momento em que meus pés tocam as escadas, subindo três degraus de cada vez, Nik Grant dispara. Ele corre escada acima, trocando destreza por velocidade. Teryn exige que eu espere por ela. Smith está gritando para eu me apressar e dar uma localização, para que ele possa ajustar seu rapel e bloquear a saída de Nik no andar correto.

Um estrondo ecoa de cima. Uma das portas da escada foi aberta, batendo na parede. Eu estico meu pescoço e arrisco olhar diretamente para cima através do meio do corrimão, pegando o lampejo revelador de sombra antes que sua porta se feche novamente.

— Quinto andar — relato. — Vá para o quinto andar!

Eu fecho a distância rapidamente. Há um momento de resistência quando tento puxar… Ele amarrou algo na maçaneta, mas eu puxo novamente e arrebento o cordão de plástico em que ele deu um nó.

Emerjo em um corredor fantasmagórico. Os andares que não são utilizados por oportunistas do Baixo parecem praticamente os mesmos, exatamente como seus donos os deixaram. São os restos de escritórios abandonados, lotados de caixas ao longo das paredes e mofo subindo pela lateral das janelas altas. Sou cuidadosa enquanto caminho em direção às mesas de plano aberto, pisando em um braço de cadeira quebrado e no ferrolho defeituoso ao lado dele.

Um rangido soa atrás de mim.

Eu me viro, levantando minha arma de fogo.

— Pare.

Nik Grant congela. Há pouca luz na boca do corredor, então não consigo analisar sua expressão. Ele permanece nas sombras, apenas metade do rosto visível sob o azul e o rosa piscando dos *outdoors* no nível da rua.

— Mãos pra cima — digo calmamente.

Ele mantém as mãos onde está, mas inclina a cabeça.

— Você de novo.

Fui eu quem quase o pegou na nossa última tentativa de captura. Eu o bloqueei, a poucos metros, com minhas algemas preparadas, mas então, de alguma forma, ele disparou uma bomba de flash ofuscante. Quando abri os olhos, ele tinha sumido.

— Não tem para onde correr — digo. — Mãos pra cima, ou tenho instruções para atirar.

— Sabe, nunca fez sentido para mim por que os Wards trabalham para a NiloCorp — diz Nik. Seu tom é leve, como se estivéssemos conversando no ônibus. — Você pode ter que se matricular na escola militar por lei, mas nenhuma lei diz que tem que continuar como soldada corporativa para pagar sua dívida. Qual é a sua opinião?

Eu mantenho meu braço firme. Não faço a pergunta óbvia, mas…

— Sim, eu sei que você é uma Ward — diz ele, respondendo mesmo assim. — Eirale Ward. Eu te pesquisei.

— Vou contar até três.

Não é difícil ver um rosto medano em Atahua e presumir que é um Ward. Quando a guerra fria entre Atahua e Medaluo começou, a maioria dos medanos que viviam em Atahua decidiu fugir em vez de ficar para ser tratada como inimiga. Durante séculos, houve uma presença significativa de imigrantes medanos em Atahua e, em poucos anos (conforme as pessoas arrecadavam fundos para escapar para Cega ou outra ilha nos Territórios Ocidentais), o número caiu para quantias insignificantes. Aqueles que permanecem agora ou têm muitos laços para abrir mão, ou são órfãos nascidos nesta guerra sem nenhum outro lugar para ir. Tutelados do Estado, marcados como propriedade de Atahua até no próprio nome.

Nik Grant dá um passo à frente.

Eu atiro.

Ele evita a primeira bala, já saindo do caminho antes que eu puxe o gatilho. Apesar de tudo o que sei, apesar das horas que passamos na base

assistindo às imagens de vigilância de Nik Grant para nos prepararmos para prendê-lo, ainda estou surpresa com a rapidez com que ele bate em mim.

Evito cair em uma guinada totalmente instintiva, recuperando o equilíbrio no momento em que ele balança o punho. Em vez de bloqueá-lo e arriscar meu impulso, desvio, tento recuperar minha postura e endireitar meu braço de tiro, mas Nik prevê para onde me viro. Ele agarra meu cotovelo, torce e, de repente, estou pressionada com o peito na parede, minha arma de fogo apontando para o céu atrás das costas. Meu traje geme em protesto de perigo.

— Diga-me, soldada — diz Nik Grant em meu ouvido. — Por que você foi mandada para Kunlun ano passado?

Quando os *outdoors* ficam pretos lá fora, a escuridão no corredor se torna total e envolvente. Não há estrondo, mas o silêncio abrupto que o acompanha indica que outra detonação ocorreu. Uma bomba eletromagnética em algum lugar do prédio, cortando as vozes que estavam passando pelo canal de comunicação. Minha equipe não consegue me ouvir. Estou sozinha.

— Do que você está falando? — exijo.

— É uma pergunta muito simples — diz Nik. — Só me diga por que você foi para lá. Diga o que você fez.

Levanto meu pé atrás de mim e chuto, atingindo seu joelho. Embora eu esperasse que isso fosse o suficiente para me soltar, Nik não me solta. Ele empurra meu braço para cima, com força na direção errada com meu ombro. Naquele lampejo de dor gritante, eu largo a arma.

— Eu… — Nik chuta a arma com um bufo, fazendo-a deslizar pelo assoalho. — … li seus arquivos. Saberei se você estiver mentindo.

Eu bato minha cabeça para trás. Nik rosna, seu aperto se solta, e eu imediatamente giro, procurando onde minha arma de fogo foi parar.

Tenho a sensação de que ele está me permitindo mudar para a ofensiva agora que me desarmou. O corredor se ilumina com um verde abrupto, iluminado pelo anúncio que volta à vida nos *outdoors* do lado de fora. Meu fone de ouvido também dá um pouco de estática, então:

— *Eirale*? Eirale, responda…

— Eu já disse, quinto andar — sibilo. — Quinto andar, *rápido*…

Nik Grant vai correr para as janelas.

Eu avalio isso no giro do seu sapato esquerdo, no piscar dos seus olhos sob a terrível luz verde e sua atenção presa ao vidro. No momento em que ele começa a avançar, eu me impulsiono para detê-lo, colidindo com ele e nos jogando no chão.

— Eles vão descartar você, soldada.

Eu bato meu antebraço sobre sua clavícula. Ele para de lutar. Ambos os braços permanecem abertos de cada lado, travados onde eu possa vê-los.

— Não se mexa — sibilo.

— Eles vão te usar, depois te descartar. Se tiver sorte, talvez a enviem para o Alto primeiro. Você nem vai sentir quando for espremida para fora.

— Ótimo — retruco. — Talvez então eu não tenha que ficar assistindo a suas fitas idiotas sem parar.

Nik pisca.

— Ai.

O fone de ouvido continua cuspindo vozes sobrepostas para mim. Finalmente uso minha mão livre para segurar o microfone na gola do meu traje, gritando:

— Repito, quinto andar! — Mas os segundos passam e Teryn continua pedindo uma localização. Ainda estou bloqueada.

Eu me mexo apenas um pouco. Nik pergunta:

— Problemas para se comunicar?

Seu ombro se contrai sob meu braço. Só então percebo que ele também está usando um fone de ouvido.

— Mudança de planos. — Ele não está falando comigo. — Tenho algo interessante aqui.

— Como é?

Percebo o truque tarde demais. Uma mancha escura de algo aparece na palma da mão de Nik. No momento em que tento me mexer, para colocar distância entre nós, ele já a colocou no meu pescoço.

•

Não fico inconsciente por muito tempo.

Dois minutos. Talvez três. Eu me levanto e me sento.

Não me movi. Ainda estou no quinto andar, os *outdoors* continuam a emitir verde para o corredor, e a janela está escancarada, a cortina picada

por traças balançando com o vento.

Merda.

Estremeço, puxando o curativo do meu pescoço. As microagulhas em sua superfície emergem com uma fina mancha de sangue. Preciso verificar o ferimento para ter certeza de que Nik Grant não me passou alguma doença.

— Alguém consegue me ouvir?

A repentina cacofonia de respostas confirmaria que, sim, estou transmitindo pelo comunicador novamente. Eu tropeço para ficar de pé. Não há chance de Nik ainda estar à vista, mas corro para a janela de qualquer maneira. De fato, ele desapareceu há muito tempo, mas meus olhos se arregalam para registrar oito, nove, dez carros pretos estacionados ao redor do prédio.

— Eirale, o que aconteceu?

— Ele estava aqui — apresso-me a dizer. — Fui atrás dele no quinto andar. Estou voltando.

Eu empurro a porta para a escada. Está quieto. O LED ultravioleta foi substituído por uma luz branca feia e normal, mais calma para meus olhos enquanto eu contorno o patamar, contando o quarto andar, depois o terceiro. Mint está tentando falar em seu fone de ouvido (“Eles querem que a gente saia. Receberam uma ameaça…”) e com outra pessoa ao mesmo tempo. Ela está discutindo com o governo federal.

Eu volto para o segundo andar, então sigo pelo corredor estreito. Dentro da boate, as luzes também se acenderam, branco-azuladas para substituir os estroboscópios. Nem todos os clientes saíram correndo. Ainda há grupos circulando pelas paredes, torcendo as mãos nervosamente. Eu os empurro para passar por eles, procurando por Mint ou Teryn.

Então, eu vejo o sangue.

— Não chegue perto!

De repente, estou na ponta receptora de dez rifles, lasers vermelhos apontando uma coleção de pontos para meu traje. A boate é menor do que as plantas faziam parecer — ou talvez a tinta preta lascada nas paredes deixe tudo mais próximo. Aproximei-me do fundo da pista de dança, ao lado do bar. E para onde quer que eu olhe, há agentes federais. Segurando armas, direcionando drones de câmera, instalando fitas de precaução.

— O que está acontecendo? — murmuro no microfone, para minha equipe responder. Levanto minhas mãos para os lados, mantendo-as à vista

dos agentes. — Por que estão apontando armas para *mim*?

— Eirale, aqui. — Ouço Mint no meu ouvido, mas há um eco duplo, sua voz real vindo de perto. Meus olhos correm para o lado, e vejo suas tranças verdes por cima do ombro de um agente federal. Ela se move até que eu possa ver seu rosto direito, seus braços cruzados firmemente em volta do tronco. Sua cabeça se inclina, gesticulando para a esquerda, e sigo o rastro de sangue no chão até uma cabine.

Minha respiração fica presa na garganta. Um homem está caído sobre a mesa, seu rosto pressionado contra o metal em um ângulo estranho. A julgar pelo vermelho se espalhando ao redor dele, escorrendo para os ladrilhos a seus pés, tenho de imaginar que há uma bala cravada bem no centro de sua testa.

— É Chip Graham? — murmuro. Não quero mexer muito a boca. Não quero que os agentes federais leiam o que estou dizendo, mas minhas mãos devem abaixar em choque porque eles logo gritam comigo, berrando para ficar parada ou então vão atirar, vão atirar imediatamente.

— Estou tentando dizer a eles que estávamos atrás de Nik Grant esta noite e que *ele* fez isso — sibila Mint. — Mas a filmagem já vazou no *feed*.

— Que filmagem? — questiono. Os agentes federais estão começando a se aproximar de mim. Um está sacando algemas. Não consigo entender o que poderia ter causado essa reação, por que seus rifles permanecem apontados para mim, até que a voz de Teryn quebra nas comunicações, fria como gelo:

— Você, Eirale. Há um vídeo de você atirando no secretário de defesa.

# CAPÍTULO 2
## LIA

Dá para perceber que nosso quintal não é limpo há um tempo, porque o galho de árvore quebrado do mês passado ainda está perto da cerca de estacas.

O vento da manhã uiva contra a janela, sacudindo as travas. O nascer do sol no Baixo não traz mais muita luz, não do jeito que eles redesenharam no Alto. Eu odeio o quão sombrio tudo fica a essa hora, o quão vazio o mundo parece. Sombras se movem no quarto como a névoa lá fora, pesada e viscosa. Papai diz que eu não deveria me sentar na alcova porque é muito exposta, e a janela poderia ser facilmente quebrada. Nossa casa fica no estado de Porto Seguro, ao norte de Estado-Botão e a duas horas de distância de Cidade-Botão, onde o céu diurno é sempre ligeiramente marrom. Quando os ventos se acalmam, posso ouvir nosso perímetro eletrificado: um zumbido fraco e constante que Tamera jura não ser perceptível.

Nunca tivemos um incidente na casa. O público em geral — apesar de suas constantes acusações de que meu pai é um espião medano — não é estúpido, e eles sabem que ele não está aqui em Baixo. Papai, como todos os outros senadores em Atahua, mantém seu corpo físico no Distrito de Melnova, dentro de um escritório escondido e trancado dentro do bem-protegido Edifício do Capitólio. Em seus dias de reinicialização, fica andando pelo Capitólio, pedindo café para os robôs de serviço.

Ninguém passa pela cerca, de qualquer forma. Nenhum saqueador, nenhum mochileiro nômade procurando um lugar quente para se esconder. Suponho que haja uma rara chance de alguém aparecer para jogar algo em protesto, o único cenário em que posso imaginar que haja perigo.

“FILHA DE SENADOR ATINGIDA POR UM TIJOLO.” Seria uma manchete bem patética. Eu me afasto da janela.

A televisão na parede muda de segmento, passando para as últimas notícias vindas de Cidade-Botão. Quando me inclino para trás para ouvir, meu cabelo protesta contra o movimento, preso em volta dos meus ombros como se fosse um xale preto. Aparentemente, algum funcionário do governo foi assassinado ontem à noite. Eles não dizem o que o oficial estava fazendo na cidade de Baixo para começar, onde corria risco de ser assassinado. Nem mencionam que esses tipos de assassinatos parecem estar acontecendo cada vez mais, apesar das inúmeras iniciativas de segurança que a NiloCorp lança em cada apresentação trimestral para "proteger Atahua". Antes que alguém possa refletir muito sobre os detalhes, os apresentadores mudam o segmento para uma entrevista de James Moore: uma antiga que eu praticamente decorei porque assisti a ela muitas vezes, e aceno minha mão para silenciar a televisão.

— Lia, você está aqui em cima?

— Sim — respondo. — Alcova.

Os passos de Tamera se aproximam do meu quarto. Eu me ocupei o suficiente ontem quando desloguei do Alto, indo da esteira para a máquina de remo e para a barra de flexão instalada na minha porta. Agora estou impaciente para terminar minhas 24 horas obrigatórias em Baixo. Usuários mensais de Pods ficam mais tempo no Alto, mas ainda precisamos reinicializar em Baixo — no mundo real — para evitar que nossos corpos se deteriorem. A maioria da minha turma na academia faz isso junta: no primeiro dia de cada mês, eles são todos cuspidos para fora de seus Pods nos dormitórios da Academia Militar do Nilo, livres para se movimentar, desde que não saiam do campus. Enquanto usam o tempo para socializar, para correr pelo terreno da escola e sacudir o corpo, eu acordo aqui.

Por mais que eu resmungue, com medo constante de perder boas fofocas no tempo em que estou fora, sei que papai só insiste em ter meu Pod em casa no estado de Porto Seguro para me manter a salvo. Além do crime disparado nas poucas cidades grandes restantes, nossa mera existência no mundo real é perigosa agora. Foi por isso que inventaram o Alto, afinal. Meio século atrás, seria incompreensível imaginar como temos que viver agora. Quando Tamera relembra sua infância, ela tinha céus azuis no mundo real e uma pequena temporada de gripe que a tirava de combate por alguns dias, no máximo.

Então os mares começaram a inundar as costas, o próprio ar se tornou cancerígeno e as pandemias sofreram mutações a uma taxa que nos matou mais rápido do que poderíamos nos inocular contra elas. As fábricas se recusaram a parar de bombear toxinas para as nuvens, e as megacorporações não desligavam suas máquinas que consumiam água doce. O que mais as pessoas poderiam fazer?

Quando a NiloCorp inventou o Tear, prometeu um servidor para cada nação. Eles replicariam virtualmente as ruas, até o formato dos paralelepípedos, e tudo que alguém possuísse em "Baixo" seria seu no "Alto", também. Eu tive de fazer uma quantidade ridícula de tarefas sobre a famosa apresentação na qual James Moore revelou esses termos ao mundo, fazendo uma pausa depois de falar as duas palavras, como se soubesse que estava fazendo história. O Alto resolvia um problema sem ter que retificar o dano que eles estavam causando. O planeta tentou travar uma guerra após décadas de tormento, e a NiloCorp levou seus combatentes civis embora. Agora, a maior parte da população mundial migrara para a vida online, e embora essa existência seja tudo que eu já conheci, as pessoas certamente parecem mais felizes assim.

Flexiono minhas mãos, observando a curva dos meus dedos, as linhas dos meus ossos mudando e se esticando. Meu dispositivo portátil já está zumbindo com atualizações no *feed,* postagens dos meus colegas de classe retornando ao virtual. Rayna prometeu que me contaria todas as fofocas do dia de reinicialização, então pelo menos eu teria um relatório interessante no almoço.

Tamera enfia a cabeça pela minha porta.

— Você quer café da manhã, querida?

— Não, estou bem.

O sistema de segurança emite um sinal sonoro de um painel perto da televisão. Está anunciando uma mudança de temperatura externa, o que pode significar a chegada de uma tempestade de poeira. Eu já não tenho vontade de sair, nunca, mas as notificações diligentes do sistema da nossa casa só aumentam minha repulsa. Eu provavelmente murcharia como uma uva passa se saísse. Uma uva passa radioativa.

— Certeza? — insiste Tamera.

— Certeza.

Ela coloca as mãos nos quadris.

— Comida de verdade faz bem para você.

Não tenho nenhuma lembrança da minha mãe adotiva porque eu era muito jovem quando ela faleceu. Tamera é a figura materna mais próxima que conheci — embora, tecnicamente, ela seja minha tia-avó adotiva. Enquanto o papai está ocupado em Melnova, Tamera é quem cuida de mim. Ela mora aqui, na casa de Porto Seguro, ficando por perto para o caso de meu Pod precisar de manutenção enquanto eu estiver lá dentro. Durante o dia, ela acessa o Alto como assinante diária, ajuda o papai no apartamento de Melnova e, quando é hora de descansar, ela desloga e dorme no mundo real.

Eu bufo, jogando minhas pernas sobre a alcova.

— Mas eu estou sem fome, Tamera — reclamo. — Perigosamente sem fome. Na verdade, posso vomitar se der uma mordida sequer.

Não é totalmente teatral. Eu geralmente fico um pouco enjoada quando venho para o Baixo, embora a reinicialização deva ser revigorante. Quando eu voltar para o Pod, o soro de nutrientes me manterá alimentada. Eu gosto do soro de nutrientes. A maioria dos outros cadetes, como Rayna, vai para o Baixo muito mais do que o necessário, para malhar e alimentar seus corpos reais. Dizem que nenhuma quantidade de treinamento no Alto pode substituir o exercício físico no mundo real. Enquanto isso, estou convencida de que poderia ficar conectada para sempre, se a reinicialização obrigatória não existisse. Os Pods são construídos para nos sustentar indefinidamente, desde que alguém esteja mantendo o soro de nutrientes, e meu corpo nunca mostra sinais de declínio quando sou forçada a me desconectar. Claramente, estou bem sem ter que descer com tanta frequência.

— Está bem, então. — Tamera verifica seu relógio, esperando a pulseira piscar. — Ainda faltam cerca de vinte minutos para seu Pod desbloquear. Vou fazer um café ou algo assim. Seu pai sempre toma chá no Alto, mas, para ser sincera, não acho que eles tenham aperfeiçoado a reação à cafeína ainda…

Tamera sai falando consigo mesma pelo corredor, depois desce as escadas para a cozinha do terceiro andar. Nos meus dias de reinicialização, ela não vai para o Alto até eu ir primeiro. Ela espera comigo, movimentando-se em uma casa melancólica, com pouco a fazer. Secretamente, acho que fica impaciente para voltar ao apartamento de Melnova, onde tem uma lista definida de tarefas: comprar ingredientes para

cozinhar, tirar o pó dos móveis, colocar plantas na varanda. Quando faço videochamadas com o papai, sempre vejo Tamera ao fundo, cozinhando, apesar de sua insistência de que são só pixels. Seu cabelo loiro tingido e seu corpo alegremente rechonchudo a fazem parecer mais jovem, mas Tamera viveu uma vida inteira antes que o Alto fosse inventado, trinta anos atrás. Ela fala do virtual como uma realidade falsa, um simulador tentando substituir a experiência verdadeira. É por isso que ela não quer um Pod próprio e só usa um sistema de Garra simples, para poder entrar e sair quando quiser.

A vidraça chacoalha novamente. Na tela da televisão, James Moore conta a história da origem da NiloCorp; desço enfim da alcova, completando as falas dele em perfeita sincronia: "*O futuro é online. O futuro é digital*". O ícone do Tear pisca no canto, uma flecha em forma de infinito engolindo a si mesma como um ouroboros, e eu aceno para desligar a televisão completamente.

Mais dezoito minutos. Sigo pelo corredor. No banheiro, a pequena tela de toque que acende a luz está sempre mais longe do que imagino; eu tateio com minha mão para frente e para trás na parede. Minha imagem no espelho mal se parece com uma pessoa pairando na entrada cinza e nebulosa, mais uma silhueta do que um corpo, mais um fantasma do que algo sólido. Não gosto de vir para Baixo. Não gosto das paredes brancas vazias, do piso frio de ladrilho e do cheiro clínico estéril que permeia todos os cantos da casa, exceto a alcova, e que nunca vai embora, não importa o quanto eu tente criar ventilação no meu quarto.

A lâmpada redonda acende. Com a luz, de repente minha imagem fica cristalina no espelho, e minha visão fica embaralhada. Tudo parece plano. Tenho que respirar fundo. Eu me forço a contar: *dez, nove, oito*…

É a Síndrome de Wakeman. Desde que o Alto existe, também existe o transtorno que aflige 0,5% das pessoas, que questionam sua realidade como resultado. O nome é uma homenagem ao presidente Elliot Wakeman, o cara no comando quando a NiloCorp introduziu o Tear e começou a permitir que as pessoas fossem para o Alto. Wakeman estava na metade de seu segundo mandato quando perdeu as estribeiras e tentou lançar uma arma nuclear em Cega. Apesar de estar em Baixo na época, ele tinha se convencido de que nada era real e precisava acordar de uma simulação. O vizinho ocidental de

Atahua escapou por pouco da aniquilação porque o vice-presidente o acalmou e o internou num hospital psiquiátrico.

Um transtorno bastante adequado, dado que Wakeman significa “homem que acorda”, e o termo pegou.

*Respire, respire.*

Só contei ao papai sobre meus sintomas, mas ele acha que estou exagerando. Diz que não é Síndrome de Wakeman, que estou só sobrecarregada na escola. Sugeriu que eu falasse com seu terapeuta sobre meus sentimentos — *normais*, ele insiste, para alguém com minha idade e ambição. Acha que preciso escolher alguns hobbies, tentar aproveitar a vida fora dos meus estudos. No ensino fundamental, estudei excessivamente para garantir que me qualificaria para a Academia Militar do Nilo, e agora na Nilo, estudo excessivamente para ser a aluna de maior destaque na turma. Claro que fiquei paranoica com a ideia de que não sou nada além de uma distorção incompreensível de pixels e código. Tudo o que sei é fazer um bom trabalho e extrair bons resultados. Quando não estou no Alto como um avatar, quando deveria estar relaxando como uma garota de verdade, o tempo parece borrado, e as coisas que fiz há poucos minutos parecem ter desaparecido horas no passado. Tenho a sensação de que o tempo deixa de existir, que se eu pensar muito sobre isso, vou me soltar dele sem querer e me perder em um vazio flutuante.

— Lia? — A voz de Tamera ecoa lá de baixo. — Qual é a sua caneca? A azul ou a verde?

— Azul — respondo. — Obrigada!

Na página oficial do governo sobre papai, eles me chamam de Lia Sullivan, embora, por sua própria lei, isso não seja permitido. Houve muitas crianças espiãs medanas fingindo ser órfãs, o que significa que, embora atahuenses possam nos acolher, nos amar, nos tornar parte de sua família, nunca podemos nos livrar do sobrenome Ward, e ainda somos obrigados a frequentar a escola militar quando atingirmos a maioridade. Os Wards também são responsáveis por suas próprias mensalidades, então todos ficamos em dívida com as escolas (nas quais somos obrigados a nos matricular), e nossos pais adotivos não podem assumir o fardo. É um mecanismo de proteção para Atahua, supostamente, mas todos sabem para que serve. Atahua também precisa de espiões para sua guerra fria, e isso

garante a eles seu recurso mais precioso: rostos medanos que podem se misturar quando são enviados para a nação inimiga.

Então, quando papai me mandou uma mensagem sobre o horário de terapia na semana passada, recusei. Não posso correr o risco de a academia suspeitar que eu tenho a Síndrome de Wakeman. Não vão querer uma cadete com um distúrbio nas forças de segurança privadas da NiloCorp, e a única razão pela qual eu trabalho tanto na academia é para garantir o posto mais desejado após a formatura. Vou ficar perto do papai, em Melnova. Não vou ser usada como munição na guerra deles.

Passo a mão pela cabeça, tocando a pequena cavidade na nuca, onde começa a minha linha do cabelo. Não há cicatriz. O procedimento é tão pequeno e rotineiro que a pele cicatriza perfeitamente para envolver o chip interno. Eu o adquiri quando me inscrevi no sistema Tear aos cinco anos de idade — todo mundo faz isso, para permitir imersão total por meio de sinais neurais. Às vezes, eu queria que eles tivessem deixado uma cicatriz, só para haver uma pequena diferença entre meu corpo e meu avatar. Só como prova de que tenho pele real que pode ser cortada.

Minha mão treme, coçando inesperadamente como se eu tivesse sido mordida por um frenesi de formigas. Junto os dedos com força, fechando o punho quando meu braço retorna ao meu lado.

— Eu juro, Lia, não sei como tem tantas canecas nesta cozinha.

Tamera novamente. Enquanto ela continua conversando preguiçosamente lá de baixo, eu alcanço as prateleiras ao lado da pia do banheiro, arrastando meus dedos pelos itens. Um dos pentes de dentes finos se destaca dos demais; seu cabo é fino e parecido com uma cauda, afiado na ponta.

Antes que eu possa pensar duas vezes, tenho o pente em uma mão, pressionando a palma da outra. A ponta afiada afunda na minha pele, cava paralelamente a uma veia, esculpindo uma marca. Então eu empurro com mais força, mais força. Minha mão arde ferozmente, mas não é o suficiente. Enquanto for suportável, pode não ser nada além de uma resposta sensorial virtual, fabricada para me fazer acreditar em uma realidade inventada.

*Rasgue*, eu insisto, imaginando minha pele se partindo. *Mostre-me algo inegável.*

— Lia!

Tamera, de repente, está ao meu lado, agarrando meu pulso. Embora eu não resista, mantenho a ponta afiada para baixo, e quando ela puxa minha

mão, o pente raspa na minha palma com força.

Eu realmente estremeço dessa vez. O pente cai no chão, batendo contra os ladrilhos com um som horrivelmente dissonante.

Por alguns segundos, o arranhão é apenas vermelho brilhante, um vergão elevado. Então, gotas de sangue chegam à superfície, vazando pela membrana danificada. Pequenos pontinhos cercam o corte em tamanhos variados antes que o vermelho pingue para baixo, depositando uma gota nos ladrilhos do chão.

Não é muito, mas é algo. Significa que sou *real*. Sou real. O Tear não codifica sangue.

— O que deu em você? — sibila Tamera.

— Nada — respondo imediatamente. — Nada. Eu estava com coceira.

— Coceira! — Tamera pega uma toalha e a enrola firmemente na minha mão para estancar o corte. — Não precisava pressionar tanto.

Eu franzo o nariz, levantando a toalha para espiar o arranhão. O sangramento já parou. Eu me sinto muito melhor. Uma tensão que vinha crescendo e crescendo no meu peito nessas vinte e quatro horas foi liberada, um buraco perfurado no meu peito para começar a pressurização.

— Estou bem, juro — digo.

Tamera não se convence fácil. Franze a testa, ainda olhando para minha mão. Não sei quando exatamente aconteceu, mas fiquei dois palmos mais alta que ela, então ela precisa segurar meu braço bem acima do nível dos olhos para mantê-lo elevado.

— Venha para a cozinha. Vou te fazer um curativo.

— Já parou de sangrar. Viu? — Eu mostro a palma da minha mão. — Um curativo vai ficar nojento se eu deixar por um mês lá dentro.

— Lia.

Faço beicinho.

— Tameraaaaaa…

— Tudo bem, tudo bem — cede ela, soltando minha mão. — Vamos lá, então. Já passaram vinte e quatro horas.

Nós voltamos para o meu quarto. No momento em que Tamera entra, faz menção de abrir as cortinas da janela lateral, o que não muda a situação de iluminação. Ela parece perceber isso também, parando antes de fechá-las pela metade novamente.

— Você vai direto para a escola? — pergunta Tamera, virando-se.

Finjo verificar o relógio em seu pulso.

— Pensei em entrar em um terminal de desembarque de Cidade-Botão para fazer algumas compras de luxo primeiro.

Tamera me lança um olhar irônico.

— Um simples “sim, vou para a escola” teria sido o suficiente.

— Desculpe. Não posso negar a vontade de ser espertinha.

Nunca falto à escola em absoluto, nem quando estou doente. Não há chance de eu perder um minuto durante esta semana crítica, quando as informações sobre as provas finais devem sair em breve. Cada nota que eu obtiver pode mudar o resultado da corrida para melhor aluna da turma. Por mais que eu adore pensar que tenho o título garantido, há um adversário que está sempre na minha cola.

Tamera abre a tampa do Pod. Está instalado no canto do meu quarto para que seus fios possam ser ligados à entrada de conexão na parede, o que faz a configuração parecer um sarcófago. Temos entradas em todos os quartos, alimentando os cabos que concedem acesso ao Alto, desde que papai continue pagando as taxas de assinatura associadas aos nossos *logins*.

— Já verifiquei seu soro de nutrientes e seu nível está bom por dois meses consecutivos — Tamera me diz. — Se você precisar das dez semanas inteiras para seu posto, tenho certeza de que ele me alertará para substituí-lo também.

Deveria ser minha responsabilidade garantir que o Pod tenha níveis adequados antes de eu logar, mas Tamera gosta de cuidar de tudo na casa. É legal. Na academia, há enfermeiros de emergência de prontidão caso o Pod de alguém fique com níveis baixos de nutrientes, mas os cadetes também podem facilmente deslogar, ir até a sala de nutrientes e enfiar um substituto no Pod. Só fica complicado durante nosso posto de prova final, porque se estivermos hackeando outro país, não podemos sair até que a tarefa termine. Neste caso específico, a NiloCorp nos permite pular um dia de reinicialização obrigatório, sabendo que vale a pena o risco se quisermos ficar em um servidor estrangeiro. Se nossos Pods estiverem bem mantidos, dois meses no virtual não nos farão mal algum.

Tamera resmunga, agora olhando para dentro do Pod. Deixei a Garra no travesseiro, não no gancho do lado, onde ela deveria ficar. Sorrio timidamente quando entro, mas não danifiquei nenhum dos eletrodos tipo haste.

O Pod tem todos os tipos de outras coisas que o adequam para estadias de longo prazo. Os nós se projetam dos lados, prendendo-se às minhas pernas, aos meus braços, ao meu tronco. A NiloCorp teve décadas para aperfeiçoar sua tecnologia de estase, dando choques no corpo nos intervalos certos enquanto nossas mentes estão no Alto para garantir que nada atrofie no mundo real. Deslizo a agulha de nutrientes no meu braço.

— Confortável? — pergunta Tamera.

Ajusto um dos pinos da Garra, encaixando-a na cabeça. A parte de trás precisa estar alinhada com o chip na nuca.

— Ai. Por que está tão apertado…?

Tamera se estica, desembaraçando um pouco do meu cabelo que ficou preso na Garra.

— Pronto. Pode fechar o Pod. — Faço uma pausa. — Obrigada.

Ela assente, então toca meu rosto brevemente.

— Divirta-se na escola. E boa sorte se eu não te ver antes de sua designação.

Ela fecha a tampa. O Pod fica completamente escuro. Na escuridão, suspiro de alívio, esperando a tela acima de mim carregar antes que a mensagem de lançamento apareça. Ele reconhece meu rosto depois de alguns segundos, o texto no topo exibe “BOAS-VINDAS DE VOLTA, LIA”. Não há necessidade de inserir minhas credenciais de *login* novamente — ele só solicitará minha senha na próxima vez que eu renovar meu ID de usuário. Um mapa de Atahua e seus territórios brilha, oferecendo todas as estações de pouso do Alto para onde eu poderia querer ir. Fiel ao seu propósito, o mapa do Alto é idêntico a um mapa de Baixo, cada rua e fachada de edifício replicada pelos satélites da NiloCorp. Dou zoom em Estado-Botão, então giro o mapa ligeiramente acima de Cidade-Botão, cem quilômetros ao norte, em uma cidade cercada por árvores vermelhas brilhantes com um rio a leste e um castelo flutuando na beira da água. Realizei esse processo centenas de vezes. Já é tão familiar para mim quanto respirar.

Toco no meu destino. Pressiono “*Confirmar*”. A névoa dentro do Pod começa a soprar: uma sensação refrescante e entorpecente afundando até os ossos. A Garra me dá um pequeno choque elétrico para me dizer que está prestes a entrar em ação.

**UM LAÇO PARADOXAL…**

Meus ombros relaxam. Minha respiração se alivia. O mapa se dissolve para as palavras de saudação, a mesma frase de três linhas desde que Tear chegou ao mercado.

**EM UM TEAR…**

Letra por letra, cada uma das palavras aparece e depois desaparece. Assim que a parte final chega, estou submersa.

**O FUTURO ESTÁ CARREGADO**



A academia tem uma estação de desembarque fora do campus para chegadas no Alto, mas está deserta quando meu avatar aparece. Há muita atividade nas estações de desembarque de manhã cedo para escolas públicas na cidade durante a entrada dos usuários diários, mas todos os cadetes da Academia Militar do Nilo devem embarcar como usuários mensais. Ontem, todos saíram meia hora antes de mim enquanto eu estava terminando alguns deveres de casa, o que significa que eles chegaram mais cedo também. Estou sozinha quando percorro o curto caminho até o portão.

“ACADEMIA MILITAR DO NILO” declara a placa na frente. “SEMPRE A POSTOS.”

Toco na placa ao passar, apertando o metal frio. O corte na palma da minha mão obviamente não foi copiado para o virtual, mas sinto a picada no meu avatar, mesmo assim. Quando solto a placa e continuo andando, recebo uma pequena notificação no canto da minha visão.

**Por favor, evite qualquer ação que possa danificar a propriedade da academia.**

— Desculpe! — grito, empurrando a notificação para longe. Ninguém está realmente ouvindo. Os alertas são automatizados, avisos acionados pelas regras que a NiloCorp define dentro de sua propriedade. Se eu acidentalmente danificar a placa, ela permanecerá assim. O Tear promete

escanear o mundo real para criar o Alto, mas não atualiza continuamente depois. Eles teriam que trazer engenheiros para restaurar a imagem ou obter uma nova placa virtual. Ambas as coisas exigem esforço e dinheiro.

Pisco uma vez, abrindo meu visor para ver as horas. Eu realmente deveria me apressar. É um campus grande, e há certas áreas que tenho que navegar com cuidado, perpetuamente escorregadias por causa da lama molhada. Abro minhas mensagens e encontro Rayna. Ela provavelmente não teria voltado a dormir depois de logar com apenas quarenta e cinco minutos até o primeiro período, mas no estilo típico de Rayna, ainda chegará logo antes do sinal de propósito. Eu envio *OIEEEE BOM DIA FLOOR DO DIA!!!* para sua caixa de entrada.

O vento sopra em meus olhos enquanto atravesso penosamente o caminho de cascalho em direção à escola. Nosso calendário compartilhado me diz que o primeiro período de Rayna é Matemática, enquanto eu vou para Educação Física.

— Cadete Lia! — grita o guarda do portão, Sr. Nell, quando me vê. — Você vai perder toda a primeira aula nesse ritmo vagaroso!

Eu acelero meu passo.

— Desculpa, desculpa — resmungo. — Dá tempo de me trocar…?

— Não, cadete! Apresente-se no ginásio, cadete!

A maioria dos cadetes no campus o chama de Sr. Berro pelas costas.

— Sim, senhor. Tenha uma ótima manhã, senhor.

Meu avatar foi recarregado com o uniforme de combate de ontem: as roupas que estava usando antes de sair. Estou feliz por ter trocado de roupa primeiro, e não ter simplesmente me arrastado para o Baixo de pijama. Não há nada que eu possa fazer sobre meu cabelo solto, mas pelo menos está mais curto no virtual. Mais administrável do que o tanto que ele cresceu lá em Baixo.

Em Atahua, temos muito pouco ajuste em nossa aparência no Alto. Nossa primeira varredura acontece no centro de registro da NiloCorp, quando fazemos cinco anos e nos qualificamos para as credenciais do Tear. Eles nos colocam sob as câmeras, emitem uma ID de usuário e, em seguida, fazem a incisão rápida para implantar o chip que interage com a Garra. Renovamos nossas credenciais do Tear todo ano — aqueles sem Pods voltam para os centros da NiloCorp, e aqueles com Pods só precisam apertar um botão. As varreduras são concluídas em segundos, e nossos avatares são atualizados

para aparecer exatamente como estamos em Baixo quando fizermos *login* novamente.

Tecnicamente, até temos opções. Podemos comprar extensões de cabelo ou cortar o cabelo aqui. Há até uma indústria de cirurgia plástica próspera que aprendeu a fazer ajustes de avatar usando alterações legais de código.

Enquanto isso, a indústria de cirurgia plástica está completamente morta no Alto de Medaluo. Lá, os usuários têm uma página de ajustes cosméticos em sua própria tela, permitindo que alterem o formato do queixo de seus avatares e o brilho de seus dentes dentro do razoável. O *feed* debate o tempo todo se a personalização do avatar deve ser permitida, argumentando sobre o quão prejudicial é para nossa percepção de beleza quando as pessoas podem mudar sua aparência por capricho.

Não me importo que Atahua exija que os ajustes cosméticos sejam apagados. Uma coisa a menos para me preocupar; em vez disso, posso me concentrar nos estudos. Meus colegas de classe aparecem à distância, saindo do ginásio em duas fileiras. Estou atrasada. Eles começaram a primeira corrida ao redor do perímetro do campus. Outra notificação brilha no canto da minha tela.

**Você está três minutos atrasada para o primeiro período!**

Começo a correr para recuperar o atraso. A última coisa de que preciso é que minhas notas de participação caiam, especialmente quando Educação Física é uma aula falsa no Alto. Tem mais a ver com construir hábitos e relaxar a mente. Precisamos aprender a superar o desconforto. Treinar uns com os outros nos tatames para acelerar nossos reflexos mentais, e depois fazer isso de novo na vida real durante os dias de reinicialização.

Já discuti com meu pai sobre o que posso estar perdendo se não praticar o que aprendo. Nunca pisei no campus físico — é muito longe, com meu Pod em Porto Seguro. Posso malhar sem parar em casa, mas, pelo que sei, posso acabar como um daqueles cadetes que se formam sem saber nem como dar um soco de verdade quando for uma contratada em Baixo.

Já aconteceu antes. Os Pods são construídos para preservar nossos corpos reais em condições ideais, mas isso não significa que todos colocam os nós corretamente; nem significa que podemos fortalecer músculos de verdade enquanto estamos no Alto. Fiquei obcecada com depoimentos de ex-cadetes

que processaram a NiloCorp por demiti-los por serem mais fracos do que o esperado, e fiquei acordada à noite me perguntando se isso poderia acontecer comigo mesmo se eu entrasse para o exército particular deles. Esses casos nunca vencem. Se as pessoas não são tão competentes em Baixo quanto são no Alto ao receberem uma oferta de emprego, a culpa é delas.

Meu cabelo esvoaça atrás de mim conforme ganho velocidade, os fios se levantando com o vento. Nos meus dias de reinicialização, consigo fazer cem flexões. A esteira em casa fica no quarto de Tamera de propósito, para que possamos passar tempo juntas se eu estiver correndo por horas e ela estiver tricotando alguma coisa. Meu desempenho tem sido perfeitamente bom todos os meses, sem nenhuma indicação de que não serei capaz de transferir minhas habilidades.

Um arrepio percorre minha espinha conforme me aproximo do grupo. Viro um pouco para a direita, juntando-me ao aglomerado de cadetes.

— Fica esperta, Nat.

Natalie Ward visivelmente se assusta. Um segundo depois, sua expressão se suaviza quando ela vê que sou eu.

— Ah, só me ultrapassa e me deixa sofrer em paz. Vejo você no almoço, vadia.

Eu rio, avançando. O lado leste do campus tem vista para o rio, onde as lindas bétulas pendem da beirada e depositam punhados de folhas verde--amareladas na água. Faço um zigue-zague, com firmeza suficiente para evitar me cansar, mas mantendo um ritmo que me coloca à frente de alguns colegas de classe. As pessoas têm ritmos de resistência diferentes, mesmo no Alto. O quão em forma estamos no virtual geralmente depende dos limites que nossas próprias mentes estabelecem para nós. Outros cadetes frequentemente me acusam de ter uma cabeça grande, então talvez eu seja competente no Alto por pura fé e força de vontade.

O campus se curva para cima em uma colina suave, depois desce em uma ladeira lamacenta. Mantenho meus passos delicados, braços erguidos para me equilibrar. Conheço as pedras afiadas aqui de cor. Nenhum de nossos instrutores está nos supervisionando, exceto pelas atualizações de status que o sistema deve estar mandando para a academia. Ainda assim, ninguém vai se arrastar ou sair do curso para passear. Não somos a única academia militar fora de Cidade-Botão, nem a mais antiga ou maior, mas somos a

mais prestigiada. São necessárias as melhores notas no exame de admissão para se qualificar para a entrada. Há um certo padrão que a Academia Militar do Nilo define, do qual todos os cadetes vão ficando mais cientes a cada vez que as telas da sala comum transmitem as notícias de última hora. A NiloCorp nos possui, e onde a NiloCorp vai, chove renome. A própria natureza da vida como a conhecemos é devida à NiloCorp.

Derrapo na base da colina. Isso não me atrapalha em nada — eu me recupero em um instante e continuo, me aproximando do fim do perímetro. Quando sou a única que corre até a treinadora Chelsea, a calorosa sensação de conquista embala meu estômago. Eu tomei uma dianteira significativa.

— Achei que você fosse uma cadete do Nível B — dispara contra mim. Suas mãos estão apoiadas nos quadris. — Eu não tinha expectativa de ver nenhum Nível A pelos próximos dez minutos.

— Se você quiser que eu dobre e me junte à corrida do Nível B também, é só dizer — respondo, parando.

Respiro fundo. Meus pulmões se esforçam, então se estabilizam. Os longos manuais regulatórios da NiloCorp explicam quais ações exatas no Alto criam quais reações em nossos avatares, mas é mais fácil presumir que os engenheiros da Tear trabalharam direito e que dá para seguir a lógica usual com a qual estamos acostumados no Baixo. Eles são meticulosos. Chegaram ao ponto de garantir que teremos mau hálito depois de uma noite de sono virtual, o que significa que os usuários mensais também precisam escovar os dentes todas as manhãs.

— Metade do Nível B já voltou — diz a treinadora. — Mas você provavelmente conseguiria alcançar a outra metade se fosse agora.

— Certo. — Finjo voltar cambaleando em direção à colina, seguindo a rota da outra classe. Não nos sobrepomos no meio porque o Nível B passa pelo caminho da floresta, em vez da borda com vista para o rio, por onde o Nível A vai.

A treinadora Chelsea revira os olhos com bom humor e verifica o relógio. É uma das muitas pessoas que ainda compram itens antiquados no Alto. Poderia facilmente piscar para abrir o visor e olhar as horas, mas acho que deve ser legal levantar o braço e executar a ação com a qual ela se acostumou nos anos anteriores ao virtual.

Ela acena para que eu prossiga para o ginásio, onde os Níveis A e B se juntarão para continuar a aula. Passo pelas portas externas, limpando meus

sapatos na entrada. Tenho outro par no meu armário, mas não sei se isso é lama suficiente para justificar uma troca.

As portas internas do ginásio se abrem com força. O som é alto o suficiente para me assustar, mas relaxo assim que vejo quem é. Kieren Murray, vestido com uniforme de classe em vez de equipamento de combate para educação física. Ele definitivamente não está nesta turma — tenho certeza de que tem Literatura atahuense agora. Não que eu tenha memorizado sua grade de horários ou algo assim.

— Ward — diz ele, e apesar do sorriso, instantaneamente soa como uma provocação. — Eu estava procurando por você.

— E a que devo o prazer? — Retribuo seu sorriso, enjoativamente doce, enquanto vou abrir meu armário. Tomo a decisão de trocar meus sapatos, simplesmente para contornar Kieren e me ocupar. Ele odeia quando as pessoas não lhe dão total atenção. — Já passaram vinte minutos do início da aula.

— Achei que talvez você tivesse sentido o cheiro da designação das provas finais e voado até o quadro mais próximo.

Meu sorriso desaparece.

— O quê?

Deve ter acabado de acontecer, há segundos, se eu ainda não ouvi nada a respeito. Típico de Kieren fazer parecer que eu não estava prestando atenção. Ele e sua irmã gêmea, Hailey, também não mantêm seus Pods no campus, então é bem capaz de também ter logado pouco antes do primeiro período.

Ele se aproxima.

— Foi você?

— Eu o quê? — pergunto. Nunca desisti de uma pirraça tão rápido. Podemos ficar na picuinha habitual outra hora… Os postos de provas finais *saíram*?

— Não finja que não sabe.

— Eu *literalmente* não sei do que você está falando.

Oh, Kieren Murray, meu caro rival. Tenho sido a maior pé no saco dele desde o verão antes do nono ano, depois que fomos aceitos na Academia Militar do Nilo com base nos exames de admissão estaduais do nordeste. Fizemos amizade em uma festa de Orientação de Novos Cadetes e juramos inimizade tão rápido quanto no dia seguinte, quando nos sentamos lado a

lado para um segundo exame de classificação para estabelecer níveis de classe. De alguma forma, ele e eu acabamos *dividindo* o primeiro lugar, porque ambos não apenas recebemos notas perfeitas, mas maximizamos os pontos de bônus exatamente da mesma maneira. Embora eles tenham seguido o protocolo e nos investigado por possível trapaça, o sistema constatou que nenhum de nós olhou para cima nem uma vez. Nenhuma chance de colar. Em retrospecto, é chocante eles terem me deixado dividir essa classificação com ele em vez de me empurrarem para o segundo lugar, já que o próprio pai de Kieren é o diretor da academia.

Quatro anos se passaram e nada mudou. Eu o irrito tanto antes das provas que sempre há rumores circulando pela escola de que devemos estar nos pegando em segredo, porque duas pessoas não podem realmente se importar tanto em tirar notas mais altas que as da outra. Rayna está frequentemente me convencendo a não enviar um textão no *feed* desmentindo as alegações. Não que isso importe, mas Kieren e eu só nos beijamos uma vez. E tínhamos treze anos, então não conta. Não sei se fico mais ofendida pela insinuação de que eu participaria da cultura do sexo casual, ou pela de que preciso de outra razão para dar a Kieren Murray um aneurisma além de ser melhor que ele.

— O posto, Ward. — Kieren joga os braços para o alto. — Isso é inédito.

Papai pode pensar que trabalhar demais é o que alimenta minha ansiedade e desconexão com a realidade, mas ser a melhor é o que me faz sentir mais viva. Kieren, consequentemente, pode ser meu principal concorrente, mas também é minha maior fonte de alegria.

Guardo isso para mim, é claro.

Cuidadosamente, cutuco seu peito com um dedo, tentando empurrá-lo para trás.

— Você pode relaxar um pouco? Se alguém sair agora, os boatos vão disparar.

— Você… — Suas mãos agarram o espaço entre nós, como se o autocontrole de não me estrangular estivesse por um fio. — Tudo bem. Vou resolver isso, já que aparentemente tenho que fazer tudo por aqui.

Com um movimento abrupto, Kieren gira e sai furioso.

— Foi algo que eu disse? — grito para ele. — Meu bem, volta aqui. Eu posso mudar!

Ele me mostra o dedo do meio sem olhar para mim. O fato de não continuar implicando comigo significa que a situação é séria. Já estou fazendo careta antes que ele desapareça pelas portas corretamente. *Postos finais*. É cedo. Eu não esperava que saíssem logo nessa manhã, no momento em que retornamos de um dia de reinicialização. Ainda temos mais uma unidade para ver em aula.

Troco os sapatos rapidamente e fecho meu armário com força. Dentro do ginásio, os cadetes do Nível B que já retornaram estão aglomerados na parede mais distante. Os exercícios começarão assim que o resto da turma deles e a minha chegarem, então é incomum que todos estejam reunidos no quadro de anúncios. Eles estão instalados em todo o campus, cada um acompanhado por uma animação holográfica do logotipo da NiloCorp acima, percorrendo o formato de infinito do ícone do Tear. Às vezes, os quadros exibem os próximos eventos e, em outras, ficam lotados de manchetes de notícias de última hora que a academia quer que os cadetes saibam. Hoje, o quadro parece esparso.

— São as designações? — pergunto, ficando na ponta dos pés na beira da multidão.

Gena Wilson se vira. Seus olhos se arregalam.

— Lia, você está aqui! — Ela se afasta imediatamente para me deixar passar. — Vá olhar.

Eu me enfio na multidão, tentando me aproximar sem esbarrar em outros cadetes. Não preciso me preocupar. Quando meus colegas me veem, saem correndo da minha frente, abrindo caminho para que eu prossiga.

Isso está ficando muito esquisito.

Chego à frente. Examino as palavras no topo do quadro imediatamente. Postos de provas finais, de fato. Meu coração bate forte na garganta.

Designações e anúncios são sempre feitos por classificação de classe, então espero me ver na primeira fila. Mas meu nome não está em lugar nenhum. Também não está na segunda fileira. Nem na terceira. Meu coração começa a martelar. Desço a lista devagar, lendo cuidadosamente as duas colunas: o posto à esquerda e o cadete à direita. Vejo Rayna, postada em Medaluo. Vejo Hailey Murray, irmã de Kieren, também postada em Medaluo. Isso é mais incomum. Cada cadete é designado para um local no Alto, seguido por uma breve descrição de qual é o objetivo de sua missão. A maioria fica em Atahua. Uma fração é enviada para outras nações.

Cadetes de ascendência medana ou pyasa quase sempre são enviados para Medaluo. Com certeza, é para lá que vão me mandar.

Finalmente, encontro meu nome no final do quadro — o que por si só já é um aviso — antes mesmo de registrar o resto das palavras. Está em uma fileira própria, separada das outras.

Eu leio, horrorizada. Esfrego meus olhos e leio de novo.

Mas não importa o que eu faça, nenhuma das palavras muda.

| **POSTO CONJUNTO ESPECIAL** | **CADETES** |
|---|---|
| Medaluo | Lia Ward & Kieren Murray |

Ver o Diretor para mais detalhes

— Merda — resmungo.

# CAPÍTULO 3
## EIRALE

Eles me levam.

Não importa o quanto eu proteste que sou inocente, ou que os membros da minha equipe alegaram que eu não estava no local do assassinato. Expliquei claramente aos agentes federais o que estávamos fazendo na boate. A NiloCorp recebeu a notícia da presença de Nik Grant esta noite, e nós aparecemos. Se algo horrível aconteceu, ele é o responsável. Isso é simples observação e dedução.

De alguma forma, ainda acabei na parte de trás da van de transporte deles, com meus pulsos presos em algemas magnéticas. As janelas estão trancadas. Dois agentes estão sentados na van comigo, falando baixinho entre si. Não consigo ouvi-los, embora não esteja tentando, de qualquer maneira. Ouço sem entusiasmo o rádio tocando nos alto-falantes: a guerra civil em Cega continua, Marid anunciou que vai limpar os oceanos do sul. O presidente Sterling fará um anúncio de emergência amanhã. Para designar um novo secretário de defesa, tenho certeza.

— Tudo bem, vamos andando.

Estou sendo arrancada do banco antes mesmo que a van pare completamente. Um dos agentes segura meu cotovelo, e o outro abre a porta. Avaliando apenas pelo seu aperto, o agente que me acompanha não é muito forte. Mildenhall, diz sua plaqueta. É pálido, magro, e a parte calva na parte de trás da cabeça tem o formato de uma certa parte anatômica. Aposto que posso correr mais rápido que ele.

Então, Mildenhall me empurra para a calçada, meus olhos examinam a instalação federal à nossa frente e mudo de ideia. A fila de militares uniformizados se estende por todo o perímetro. Não vou correr para lugar nenhum. Eles vão atirar em mim antes que eu possa dar uma volta completa nos calcanhares.

— Entre. Vamos.

A plaqueta da outra agente diz Perron. Ela caminha em direção ao prédio, os pequenos saltos de seus sapatos estalando audivelmente a cada passo. Alguns civis curiosos espiam de seu acampamento na rua, iluminados pela luz laranja enevoada do fogo queimando em uma lixeira virada. Eles sabem que não devem se intrometer em negócios do governo e que devem manter uma distância saudável de uma instalação federal. Quando chegamos à porta, não há mais espectadores se esforçando para ver.

O agente Mildenhall me empurra pelo vestíbulo. No primeiro andar, examino as mesas vazias pelas quais passamos, as telas escuras e os relógios holográficos desligados. Cidade-Botão faz barulho não importa a hora da noite, e uma série de buzinas fracas de carros soa pela janela. Eu nem sabia que o governo federal tinha uma instalação no centro da cidade, mas não estou surpresa.

Na sala de interrogatório, eles me sentam sem cerimônia. Uma lâmpada se acende.

— Vamos direto ao ponto — diz a agente Perron. — Você pode facilitar as coisas. Uma confissão completa é bem melhor aos olhos de um júri do que nós arrancando a verdade de você.

— Não sei quantas vezes vou ter que repetir. — Fico imóvel na cadeira. — Não sou eu na filmagem.

Paramos de confiar em evidências de vídeo sem fonte há cerca de vinte anos. A menos que venham direto da gravação, é muito fácil manipular rostos e pessoas como evidência. Certamente esses dois sabem que qualquer vídeo que tenham não resistirá ao escrutínio.

Perron se recosta na cadeira e abaixa um par de óculos no topo da cabeça. Eles ganham vida, acendendo diante de seus olhos. Talvez ela esteja assistindo à filmagem novamente.

— *Deepfake* ao vivo não funciona tão rápido — diz Mildenhall. Ele continua de pé.

— Tem sido rápido assim em alguns laboratórios.

Talvez eu deva ficar quieta até que a NiloCorp consiga mandar seus advogados para cá. Quero acreditar que meus empregadores me considerarão um ativo valioso demais para negligenciar, mas não tenho ninguém para defender meu caso dentro da empresa. Wright não será fácil de contatar enquanto estiver se recuperando da lesão. Teryn não disse nada quando eu estava sendo levada embora, o que provavelmente significa que

não vai contatar o tio pessoalmente para pedir ajuda. Ela vive falando sobre a grandeza da NiloCorp e nosso papel como soldados em mantê-la. Mint pode estar disposta a discutir com o governo federal e insistir que eu fui incriminada, mas Teryn torce o nariz para qualquer um que prejudique a reputação da empresa.

— Eirale Ward, se você aceitou fazer isso como uma tarefa para Medaluo, agora é a hora de confessar.

Levanto a cabeça.

— Eu não sou uma espiã.

— Sim, é o que todos vocês dizem, até que seja provado serem espiões.

— Vocês foram alertados sobre o crime enquanto ele acontecia — digo. — Depois, receberam o vídeo diretamente. — A confusão na boate já havia confirmado isso, mas calculando apenas pelo tempo, os agentes federais chegaram à cena antes mesmo que o vídeo adulterado fosse publicado online. — Não acha isso estranho? Não acha bizarro o fato de alguém ter postado o vídeo no *feed*?

Esses são agentes federais. A educação deles deve ter coberto a incrível probabilidade de evidências adulteradas. A maior parte do mundo passa seu tempo em uma realidade gerada por computador. Ninguém confia mais em imagens de vídeo. No tribunal, as acusações exigem testemunhas oculares e testemunho humano inegável. Se usam vídeo para provar alguma coisa, então precisam ter múltiplos ângulos de múltiplas fontes.

Mildenhall coloca as mãos nos bolsos. Elas vão fundo. Ele tem bolsos enormes ou punhos assustadoramente pequenos.

— Você parece ter as respostas perfeitas, não é? O povo medano adora pequenas expressões idiomáticas e misteriosas.

— Não sei o que você quer dizer com isso.

Ainda não vi as imagens. Mas presumo que a iluminação estava ruim. As pessoas estavam se mexendo muito. Se o vídeo foi enviado para agentes com o título “RE: CONTRATADA DA NILOCORP EIRALE WARD ATIROU EM CHIP GRAHAM”, posso imaginar que parece convincente à primeira vista.

Mildenhall se inclina em direção a Perron. Sussurra algo em seu ouvido, fazendo um esforço para cobrir os dois lados da boca para que eu não consiga ler seus lábios. A luz está forte demais, de qualquer forma.

— Eu não o matei — digo mais uma vez. Minha voz permanece calma. — Não tenho laços com Medaluo e nenhuma razão para matar o secretário Graham.

— Pelo que eu entendi… — começa Perron, apertando os óculos — você frequentou a Academia Militar do Nilo e concluiu um posto final em… Kunlun?

Minha postura endurece.

— Sim.

— Algum motivo para seu registro corporativo estar censurado para nós, Eirale?

Porque a NiloCorp prometeu mantê-lo privado. Todos os graduados da Academia Militar do Nilo têm um posto de prova final obrigatório realizado em realidade virtual. Essa foi minha chance de provar meu valor em uma carreira acadêmica mediana. Tirei uma nota boa o suficiente para me qualificar para a academia da NiloCorp, mas fiquei fora do radar quando de fato comecei a estudar lá — sem prêmios, sem projetos especiais, sem amigos. Era improvável que eu fosse designada para as forças da NiloCorp, que era a aspiração da maioria dos graduados. Talvez, com sorte, arrumasse um emprego de segurança numa empresa menor. Senão, só me restaria deixar o campo e me virar em Baixo, vivendo de salário em salário enquanto pagava a dívida da escola militar. Ninguém faz isso, é claro: eu precisaria de duas vidas para apagar minha dívida se trabalhasse fora das forças corporativas como medana, e como as escolas emprestam o dinheiro, elas também definem os limites de tempo antes de poderem nos entregar à empresa-mãe para confisco. Minha vida acabaria no momento em que eu deixasse de pagar uma parcela.

Não tive escolha nesse caminho. Por lei, os tutelados do Estado são retirados do sistema de adoção aos doze anos e colocados em qualquer escola militar que nos aceitar. Isso cria o ciclo perfeito. O Estado não precisa continuar sustentando seus órfãos, e enquanto pagamos nossa educação, Atahua ganha soldados.

— Eu fiz um trabalho confidencial — respondo. — Pergunte à sua Agência Federal de Defesa. Eles que pegaram as informações que recuperei.

— E por isso — diz Mildenhall — você matou o Secretário Graham?

— O quê? *Não*.

Ano passado, a mídia atahuense divulgou alegações de que Medaluo estava inventando tecnologia às custas dos direitos humanos em Kunlun, e os *feeds* ficaram loucos. Kunlun é a única cidade do mundo que existe no Alto sem um equivalente em Baixo. É o berço da realidade virtual como a conhecemos, uma renderização criada pelos primeiros servidores testando essa tecnologia antes do Tear introduzir a capacidade de imitar nosso mundo real. Por uma questão de preservação histórica, Kunlun foi autorizada a permanecer como parte dos servidores de Medaluo. No entanto, apenas cidadãos podem entrar — e a cidadania de Kunlun só pode ser comprada por um preço astronômico. Uma vez que um usuário recebe acesso, a entrada é possível exclusivamente por meio de uma segunda senha adicional altamente protegida que um Pod ou a Garra solicita ao selecionar o espaço aberto ao norte de Medaluo.

Como todos os outros cadetes em Atahua com um rosto medano, fui designada para Medaluo na minha prova final. Não me lembro qual era minha tarefa. Não me lembro por que terminei em Kunlun, ou como cheguei lá. Acordei no Baixo, nos dormitórios, quase inconsciente, e viva só porque as enfermeiras da escola receberam um aviso de que eu estava tendo uma convulsão no meu Pod e me tiraram de lá. Depois que meu quadro se estabilizou no hospital, o CEO da NiloCorp em pessoa apareceu para me interrogar. James Moore me disse onde eu havia estado, então me perguntou o quanto eu conseguia lembrar, se havia algum detalhe adicional fora das minhas gravações. Eu não tinha nada: a convulsão deixara buracos gigantes na minha memória. Moore me agradeceu mesmo assim. Disse que minhas descobertas eram uma questão de segurança nacional e que eu fiz um ótimo trabalho protegendo Atahua. Assim que eu estivesse curada, seria designada para um bom posto em uma de suas equipes.

Não tive notícias dele desde então. Também não recuperei nenhuma das minhas memórias, e a NiloCorp não está exatamente disposta a me dar acesso ao material confidencial que desenterrei para eles.

A agente Perron se levanta. Coço meus pulsos contra as algemas, virando minhas mãos para frente e para trás no meu colo. Depois que ela sai da sala e a porta bate atrás dela, o agente Mildenhall funga para preencher o silêncio, resmungando algo baixinho sobre horas tardias e falta de cooperação. Vão registrar o relatório dessa forma, acredito. Eirale Ward se recusou a responder às nossas perguntas. Eirale Ward tornou nosso trabalho

mais difícil, porque não podíamos empurrá-la diretamente para o caixão de culpa que deixamos aberto, pronto e esperando.

Não digo mais nada. Aprendi, durante a minha infância, que nenhuma cooperação é suficiente para alguém que não está disposto a oferecer boa vontade. Meus inúmeros pais adotivos. As mães do dormitório nos centros de assistência. Antes da academia, eu sobrevivia ficando em silêncio quando sozinha e calma quando importunada. Não consigo mais lembrar os nomes dos meus pais adotivos — não foi a convulsão que apagou essas memórias, apenas a passagem do tempo. Não consigo imaginar seus rostos além de um borrão pálido na minha cabeça. Mas lembro como precisava lidar com a rápida ascensão deles à raiva, sua suspeita inerente em relação a mim por causa de quem eu era.

— O pessoal da NiloCorp está a caminho — anuncia o agente Mildenhall, quebrando o silêncio após vários minutos.

— Com advogados, espero — murmuro.

— Seus empregadores ainda não têm o direito legal de oferecer advogados. Depende de como a agência vai processar você.

Arrepios percorrem meus braços por baixo das mangas. Ainda estou vestida como um soldado da NiloCorp, mesmo tendo tirado o traje de combate. Preto da cabeça aos pés, as pernas das calças enfiadas nas botas. Eles pegaram a arma e o fone de ouvido. Os compartimentos nos meus ombros e os bolsos ao redor do meu tronco estão vazios.

Todo esse tempo, estive esperando que algo acontecesse. Alguma evidência de que minha culpabilidade foi uma armação, trazida por um soldado ou uma denúncia anônima em um telefonema. As paredes vibram com o ruído de fundo monótono dos fios, suas máquinas que executam análises em Cidade-Botão, seus *scanners* observando o perímetro em busca de indícios de problemas.

Uma semana depois de eu ter sido retirada do meu posto, Atahua deu uma entrevista coletiva para condenar as ações de Medaluo em Kunlun. O *feed* estava se perguntando por que os soldados da NiloCorp apareceram em suas ruas, então eles precisavam dizer algo, não importa o quão vago. Em resposta, Medaluo soltou uma nota sobre o que “pode ter sido interpretado como uma violação, mas, por favor, tenham certeza de que trabalharemos com o comitê internacional de direitos humanos para garantir nossa cooperação futura e, mais uma vez, imploramos aos Estados Federados de

Atahua que respeitem nossa soberania". Nunca fui mencionada em relação ao escândalo. Embora eu tenha assistido a todas as coberturas de notícias que pude encontrar sobre o incidente em Kunlun, não investiguei detalhes adicionais, nem perguntei explicitamente o que eu havia descoberto que justificava um mar de soldados aparecendo como reforço. Eu me tornei soldada corporativa logo depois. Sou bem paga. Todos os dias acordo na base, treino e faço refeições. É mais do que um órfão medano em Atahua pode esperar, enquanto as tensões com Medaluo estão piores que nunca.

A NiloCorp terminou de me usar, e eu deveria estar colhendo os benefícios agora. Eles continuarão esse acordo com a mais nova turma de formandos da Academia Militar do Nilo. Vão jogar seus cadetes na briga e fazer uso total das brechas legais que permitem que os alunos lutem a guerra fria de Atahua sem consequência. Depois, vão oferecer recompensas para nos manter quietos e felizes.

Então, se essa situação não se resolver, não tenho grandes esperanças de que a NiloCorp vá arriscar muito para me ajudar. A empresa prefere que eu não vá para a cadeia, mas isso é porque preciso terminar de pagar minha dívida escolar com o serviço. Mesmo assim, alguns milhares de dólares de dívidas não pagas provavelmente não valem os honorários do advogado que me defenderia no escândalo. Meu rosto ainda é medano, no fim das contas. Ruim para a imagem. Ruim para o moral nacional. Sou um sacrifício fácil de jogar na pira.

A cadeira cava sulcos em minha pele, mesmo sobre as roupas quando me mexo, mudando qual perna cruzo sobre a outra.

— Mais uma vez — faço uma última tentativa — … estávamos no meio de uma missão de captura de Nik Grant quando o secretário de defesa foi assassinado. Talvez o principal anarquista do país tenha algo a ver com isso?

O agente Mildenhall não está mais prestando atenção em mim. Está olhando para baixo. Digitando rapidamente em uma mensagem no computador de mão em seu colo. Aqui e ali, insurgentes têm saído do nada para protestar contra a atual administração de Atahua, mas geralmente são presos rapidamente quando a NiloCorp envia suas forças privadas. Não há nada que a NiloCorp não possa encontrar. Nada que a NiloCorp não possa ver.

A capacidade de Nik Grant de escapar da captura é altamente incomum. Com esse tipo de habilidade, não tenho dúvidas de que ele poderia armar para mim. A única pergunta é: por quê?

— Várias câmeras flagraram Nik Grant saindo do prédio antes de o tiro ser disparado — o agente Mildenhall diz sem expressão após alguns segundos. — A lista de crimes dele continua longa, mas este parece ser seu.

— De repente, estou ouvindo que é importante considerar a presença de várias câmeras — respondo. — Eu ainda estava perseguindo Nik Grant depois que o tiro foi disparado. A filmagem de sua saída é falsa.

O agente Mildenhall desliga a tela do seu dispositivo portátil e inclina a cabeça.

— Qual é a organização terrorista? — pergunta abruptamente. — Libertários? Coalizão?

Eu nunca ouvi falar de nenhuma dessas organizações que ele está listando.

— Como?

— Qual delas recrutou você?

— *Nenhuma* — respondo.

— Você é independente, então?

— Não é isso que estou dizendo.

A sala fica em silêncio. O agente Mildenhall bufa e desvia o olhar. Apenas olho para a frente, esperando.

Quando a porta se abre novamente, não é Perron retornando. Os três homens esperando na entrada são militares.

— Vamos, por favor.

Eu me levanto. A rápida obediência não é fingida, embora Mildenhall franza a testa como se estivesse surpreso com minha disposição de cumprir a ordem. Claramente, não estou chegando a lugar nenhum tentando convencê-lo. Já que ninguém pode limpar o próprio nome com discussões infrutíferas, melhor assumir uma postura agradável.

— Encontrem a agente Perron na cela preparada — diz Mildenhall aos soldados. — Então, informe ao seu líder de esquadrão que terminamos aqui. Obrigado por fazerem horas extras para lidar com os criminosos medanos.

Não digo nada. Meu olhar, queimado pela lâmpada brilhante, permanece nivelado enquanto eles me levam da sala de interrogatório ao corredor. Subimos dois lances de escada; a instalação está assustadoramente

silenciosa ao nosso redor. Dois dos soldados andam na minha frente, um atrás. O resto dos homens parece ter saído. Paramos diante da porta trancada no final da escada, e minhas botas raspam no linóleo.

O primeiro soldado escaneia seu distintivo contra o painel ao lado da porta de metal. Sua luz permanece vermelha.

Franzindo a testa, ele escaneia novamente.

— Você guardou o distintivo com o dispositivo portátil? — pergunta o soldado ao lado dele. — Você sabe que isso causa um curto-circuito na tarja magnética.

— Não guardei, não — responde o primeiro soldado.

Enquanto eles discutem, inclino minha cabeça para baixo, balançando-a de um lado para o outro. Há um barulho persistente do lado de fora, cada vez mais alto. Parece estar acima de nós.

— Ei — digo. — Você ouviu isso?

O soldado se vira, seu distintivo pressionado contra o painel. Seu nariz está enrugado, seu lábio superior curvado com uma leve sugestão de desgosto.

— O quê?

Continuo ouvindo.

— Parece um helicóptero. Estranho um chegar a essa hora.

No momento em que as palavras saem da minha boca, as luzes se apagam. Meu coração despenca para o estômago. Os soldados demoram um pouco para reagir. Um deles grita alto. Os outros dois sacam suas armas dos coldres. Mesmo se preparando, eles ainda se sobressaltam quando as janelas estilhaçam, jogando cacos de vidro pela escada. Tento ficar o mais perto que posso do corrimão.

A silhueta de uma pessoa mergulha pela janela, imediatamente desenganchando uma corda do cinto. Procuro na escada por algo, qualquer coisa, para me esconder. Nada. Antes mesmo de ter a chance de considerar se seria melhor correr, a silhueta da janela vem direto para mim.

— Espera, espera…

A pessoa tenta agarrar meu pulso. Parto para minha defesa mais rápida, esticando meus braços mesmo presos nas algemas. Um dos soldados dispara um tiro no escuro. Erra. A figura mascarada, enquanto isso, previu meu movimento exato e agarra meu cotovelo. Antes que eu registre sua

medida contrária, ela enrola o outro braço em minha cintura, e estou sendo pega, jogada por cima do seu ombro.

A situação passou de só ruim para catastrófica.

Tenho uma lufada de ar para gritar antes de ser arrancada da janela do terceiro andar, dando um mergulho rápido rumo ao chão de concreto. O vento assobia contra meus ouvidos. Meu senso de equilíbrio vira de cabeça para baixo, lutando para entender em que direção a gravidade mudou.

Paramos pouco antes de atingir o pavimento.

— Vamos, soldada.

Reconheço essa voz. Não acredito. Estou pasma demais para reagir, mas então meu salvador solta a corda que pegou, nos depositando na calçada ao lado do prédio federal. A fila de militares se foi. Meus pés param no momento em que encontram solo firme, então ele agarra meu braço novamente, me puxando para frente.

Um helicóptero desceu perto do píer. Há um alarme estridente vindo do prédio federal. Luzes vermelhas e brancas piscam do lado de fora, mas os agentes ainda não saíram pela porta.

— Quando chegarmos à escada, você vai subir.

— Não vou subir. — Tenho que gritar por cima do zumbido frenético do helicóptero. Meu cabelo curto bate nos meus olhos. — Eu não vou fugir da cena com você.

Nik Grant arranca sua máscara de esqui.

— Você prefere ser processada por traição? Porque, acredite em mim, eles *vão* te processar.

Luto para encher meus pulmões de ar. A noite não deveria estar tão fria assim, tão longe do inverno. Cada arfada aperta minha garganta.

Os agentes federais saem do prédio.

— Esqueça — retruca Nik Grant. — Isso não é uma escolha. Vamos.

O anarquista mais perigoso de Atahua, que é apenas um adolescente que só tem um palmo a mais que eu, me puxa consigo até nos aproximarmos do helicóptero pairando. Nik joga minhas mãos amarradas em um degrau da escada.

— Ou você segura, ou você cai. *Sobe*! — A última parte desse comando é para as pessoas dentro da aeronave. Tiros ecoam na noite, disparados dos degraus do prédio federal. Eu lanço um olhar por cima do ombro, ao mesmo tempo torcendo por uma intervenção e rezando para que não haja nenhuma.

Meu cabelo voa em um frenesi, se contorcendo como fios soltos e obscurecendo meus olhos enquanto o vento aumenta com a decolagem. Eu me esforço para enganchar uma perna em um degrau mais baixo para facilitar o apoio dos meus braços. Os tiros continuam ecoando, perto o suficiente para atingir a escada e ricochetear com um estrondo metálico antes que o helicóptero consiga se elevar às nuvens escuras.

— Tenho certeza de que não preciso avisá-la para não tentar nada neste momento.

Nik empurra meu tornozelo com sua própria perna, garantindo minha estabilidade. Sua voz paira perto do meu ouvido. Resisto ao impulso de me atirar para longe apenas para ver o que aconteceria se eu o fizesse. Ele provavelmente me seguiria e me arrastaria de volta, mesmo que ambos tivéssemos estatelados no chão.

A escada começa a se retrair em um mecanismo de corda, nos levando para o alto, até que um braço alcança meu cotovelo e me puxa para dentro.

— Eu tenho que admitir… — A garota não me solta nem quando estou de pé. Suas mãos permanecem em meus ombros no interior escuro, fazendo um exame completo do meu rosto. — Eu realmente não achei que isso fosse funcionar.

— Falta de confiança, Miz. Eu não disse que ia dar?

Nik sobe, batendo a porta do helicóptero. Ela abafa o barulho do som lá fora. Com o motor funcionando firmemente, parece até que estamos em um vagão de trem no chão.

Um momento se passa. Estou observando o espaço, as malas guardadas no canto, os assentos limpos que fazem o helicóptero parecer totalmente novo.

— Por que você me resgatou? — pergunto cuidadosamente. Minha voz está rouca.

Nik Grant não diz nada. A garota, Miz, aperta os lábios e se ocupa com uma tela portátil, aparentando um desconforto que Nik não demonstra. Ele me encara diretamente, bem tranquilo em deixar o momento desconfortável se prolongar.

— Eu fiz uma pergunta — insisto. — O mínimo que você me deve é uma resposta.

— Achei que a resposta fosse óbvia. — Nik levanta uma sobrancelha, como se realmente duvidasse que fosse necessário perguntar. — Nós

libertamos você porque te colocamos lá. Nós incriminamos você.

Eu o encaro. *Eu* sabia que não matei Chip Graham. *Eu* sabia que havia uma ligação entre nossa operação, Nik Grant e esse assassinato. Mas por que…

— Eu preciso da sua cooperação para nossa missão, e essa era a única maneira de conseguir — continua Nik. — Venha para Medaluo conosco, e eu lhe darei de volta a filmagem real que limpa seu nome.

Levo um momento para processar suas palavras. Um momento para compreender que isso não foi só uma armação para me fazer parecer culpada. Foi uma armação para me manipular, usando como incentivo a possibilidade de continuar fora da prisão.

Nik espera pacientemente. Suponho que ele quer minha colaboração imediata. Minha gratidão, por me tirar das salas de interrogatório de Atahua.

Eu o ataco com minhas mãos estendidas.

# CAPÍTULO 4
## LIA

O escritório do diretor Murray fica no centro do campus, no prédio do Bloco A, ao lado do grande plátano, e fico terrivelmente nervosa no momento em que as portas se fecham atrás de mim.

Sigo pelo Bloco A lentamente, me preocupando com todas as possibilidades que podem surgir com aquela designação. Se há uma coisa que sei fazer bem, é me preocupar. Há momentos em que fico paranoica achando que vou começar a pensar demais e ficar presa em um círculo vicioso para sempre, criando novas realidades dentro da minha cabeça de tanto percorrer os vários resultados possíveis de um cenário futuro. Quando a NiloCorp nomeou seu mecanismo de Tear, era para fazer referência à ideia de um “laço paradoxal”, onde a criação volta para influenciar o original, apagando qualquer senso de começo ou fim. O exemplo mais clássico de laço paradoxal é “quem veio primeiro, o ovo ou a galinha?”. Outro é se meu mundo é mantido em rédeas curtas porque faço tempestade em copo d’água por qualquer coisa e acabo exatamente onde comecei se não tivesse pensado em nada.

Não é de surpreender que a Síndrome de Wakeman costume andar de mãos dadas com um transtorno de ansiedade. Eu não deveria me autodiagnosticar. Às vezes parece perigoso até mesmo pensar sobre o que pode estar errado comigo, caso a NiloCorp ouça. Se algo for registrado em meu arquivo, a NiloCorp não vai querer me aceitar depois que eu me formar.

O Bloco A está vazio quando sigo pelos corredores sinuosos. Outros cadetes estão em aula. Enquanto arrasto os pés, abro minha tela e examino a lista de contatos. Já fui dispensada da próxima aula, então não há mal nenhum em demorar. Papai ativou o modo Não Perturbe em seu perfil, mas ligo mesmo assim.

A ligação mal toca. Imediatamente, uma notificação aparece para me dizer que estou sendo transferida para sua assistente.

— Lia — cumprimenta Freya. — Como vão as coisas?

Freya é assistente do papai no Capitólio desde que se formou há dez anos. Ainda me lembro de quando começou, porque era ela quem me fazia companhia enquanto papai corria entre uma reunião e outra.

— Tudo bem — digo. — Papai está aí?

— Um segundo. — Ouço um barulho de papéis do lado dela da linha. O ruído ambiente faz com que as ligações telefônicas do Alto pareçam mais realistas, embora a conexão seja entre avatar e avatar, e o sistema tenha a capacidade de isolar apenas a voz do falante no microfone. A mesa de Freya fica do lado de fora do escritório do papai: ela deve espiar pela janela para ver se ele está livre ou no telefone. — Sim, vou te transferir. Estou atendendo muitas ligações do seu pai ultimamente, porque está recebendo muito spam internacional.

Eu franzo a testa.

— Spam? Com a segurança dele?

— Eu sei. Provavelmente um vazamento de informações. Vou retomar a busca na *dark web* para ver se acho alguma coisa assim que eu passar você.

Freya é engraçada. Embora eu não ache que ela esteja brincando.

— Valeu. Boa sorte na *dark web*.

— Obrigada. Até mais, Lia.

Um clique ecoa pela linha. Dois segundos depois, ouço papai limpando a garganta quando atende.

— Lia? Este não é o nosso horário de ligação habitual.

Nosso horário de ligação habitual é tarde da noite, quando estou no meu dormitório e papai está de volta ao apartamento. Durante o dia, sempre há alguma emergência que o arrasta para longe depois de dois minutos de conversa. Papai odeia mensagens de texto, então raramente escrevo para ele. É em grande parte uma medida de segurança, dadas as contas de robôs que surgiram no passado fingindo ser ele. É ainda pior como figura pública, com tantos clipes de voz e declarações escritas disponíveis online. O resto de nós não está tão preocupado, mas seguindo o conselho do papai, estabeleci uma verificação de identidade com Rayna antes de começarmos uma nova conversa uma com a outra. Ele acha que nós duas nunca paramos

de enviar mensagens de texto. O que é verdade. Isso nos torna bons alvos para golpistas.

— Tenho uma novidade especial — digo. Linhas telefônicas também podem ser falsificadas, tecnicamente, mas a NiloCorp está realmente trabalhando duro para combater isso no Alto. Precisam dar às pessoas alguma sensação de segurança. — Os postos finais saíram.

Um longo intervalo se passa. Esse tipo de silêncio é incomum para o papai, que provavelmente conseguiria falar sem parar com qualquer um de seus eleitores e suas avós.

— É cedo — diz finalmente. — Para onde você foi enviada?

— Medaluo, é claro. — Olho por trás do meu ombro. Ainda sem atividade no Bloco A, nem mesmo um rangido do prédio se acomodando. É muito moderno para isso. O sistema não codificaria. — Estou indo ver o diretor Murray. Aparentemente, o meu é um posto especial.

— Parece promissor. — Seu tom é tenso. Papai sempre fica estranho quando se trata de Medaluo, quando eu lembro que é natural que Atahua tente me usar como uma arma em seu arsenal. Ele quer acreditar que eu poderia ser como ele, que eu poderia seguir meu próprio caminho se apenas me esforçasse o suficiente para resistir à percepção do resto da nação sobre mim.

Mas em tempos de guerra, há um mundo de diferença entre ser meio ou totalmente medano. Nada impede que papai seja senador, mas uma montanha de dívidas me impede de ser qualquer coisa além de parte da segurança da NiloCorp. Custa mais frequentar a escola militar para os tutelados do que para os atahuenses. Vai entender.

— Eu te aviso em que posto — digo.

— Lia… — começa Papai, e eu ouço sua relutância. Não gosta da ideia de um posto de prova final no mundo além da segurança da academia. Ele teria me banido completamente da academia militar se não fosse obrigatório por lei enviar todos os tutelados. — Venha jantar hoje à noite. Devíamos conversar sobre o que você tem para fazer.

Há uma razão pela qual me esforcei tanto na escola, uma meta final com a qual tenho contado para colher os frutos. Na Academia Militar do Nilo, o orador, o melhor aluno de cada série, tem permissão para informar em qual posto de novato da NiloCorp prefere ser alocado, e é sempre mandado para lá. Sofri por quatro anos brutais, claro, tanto faz. Mas se eu for oradora da

turma, posso me juntar à segurança do Capitólio no Distrito de Melnova. Poderia trabalhar para ser parte da equipe do papai, e ele nunca mais teria que se preocupar comigo, nem eu com ele. Teryn Moore se formou como oradora da turma do ano passado, e ela está na base de Cidade-Botão agora. Eu a sigo no *feed* para receber todas as suas atualizações, embora ela não poste muito. Tenho certeza de que ser sobrinha do CEO da NiloCorp significava que ela conseguiria qualquer posto que quisesse de todo modo, mas eu já sabia que ela teria o melhor desempenho mesmo quando estava na academia. Quando meus veteranos faziam horas extras em Educação Física, eu ficava para observá-la nas cordas de escalada, assentindo comigo mesma para fazer anotações mentais sobre o que ela estava fazendo bem. Aposto que ela tirou nota máxima no posto de prova final.

Preciso ser dez vezes melhor que Teryn Moore se quero passar a mesma impressão de competência.

— Não posso sair da academia hoje à noite — digo. São cinco horas de trem da Cidade-Botão para Melnova. — Não dá tempo de viajar.

— Deslogue e logue novamente. Você estará de volta ao campus antes da chamada para dormir.

Estremeço. Infelizmente, odeio tanto ir para Baixo que me recuso a usar esse método, mesmo que seja por alguns segundos. A maioria das pessoas prefere o pseudoteletransporte, mas preciso viajar corretamente, cruzar o espaço virtual como se fosse real. Caso contrário, mexe com minha cabeça.

— Vou ver aqui e te aviso — digo. — Tenho muito trabalho a fazer.

— Tudo bem. — Há murmúrios do lado dele: Freya entrou em seu escritório para chamá-lo. — Tenho que ir agora. Falo depois. Te amo.

— Também te amo.

Papai desliga.

Como figura pública, há algumas coisas sobre seu passado que ele nunca me contou: a internet faz esse trabalho para ele. Mesmo quando estou apenas passando o mouse sobre seu perfil salvo, pesquisas sugeridas aparecem sem aviso, caso eu queira navegar mais.

**“Senador Henry Sullivan.”**
**“Quem é o senador dos Estados Federados por Porto Seguro?”**
**“Morte da esposa de Henry Sullivan.”**

Faço uma careta, saindo da minha lista de contatos. É como se ele soubesse o que as sugestões automatizadas estão me mostrando, porque recebo uma mensagem dele naquele momento: uma animação simples de aceno com seu rosto renderizado. Ele tem um pacote inteiro delas feito para usar quando precisa conversar com seus eleitores. Reserva as bobas para mim.

Mando de volta um "**hehe**".

Antes de mim, papai e sua esposa tiveram uma filha biológica. O bebê ficou doente quando era muito jovem. Algum tipo de câncer, embora eles nunca tenham divulgado qual. Papai passou um tempo sem aparecer em público. Pelas postagens antigas que eu bisbilhotei no *feed*, parecia que ela estava melhorando.

Ela faleceu duas semanas após seu quarto aniversário. Doze meses depois, o *feed* anunciou que Henry e Mallory Sullivan tinham adotado uma filha: eu. "É importante para nós dois que não abandonemos as crianças de Atahua em nosso país por causa da nossa guerra com Medaluo", ele disse aos repórteres, fazendo um comentário direcionado a uma recente lista de crimes antimedanos em Atahua. Naquela entrevista, Mallory estava espremida ao lado dele, aparentemente ali para lhe dar seu apoio. Toda vez que assisto à filmagem novamente, na esperança de captar algum novo detalhe sobre esses dias passados, tudo o que consigo pensar é que ela é quem parecia precisar de conforto, sua expressão subjugada.

Mallory Sullivan — tecnicamente, minha mãe, seria melhor dizer — nasceu Mallory Meng. Ao contrário do papai, que parece muito atahuense, apesar de sua origem meio medana, Mallory tinha dois pais medanos que imigraram para Atahua antes do início da guerra fria.

Mallory morreu em um acidente de carro um ano depois que fui adotada. Não tenho nenhuma lembrança dela, nem mesmo o menor indício de como ela cheirava ou como ela abraçava. Ela e papai precisaram passar um tempo em Baixo para me criar até que eu tivesse idade suficiente para receber as credenciais do Tear e usar o Alto — e isso tirou a vida dela.

Pisco rápido, tentando controlar a vontade repentina de chorar. Minha tela abre uma série de abas, sem entender meus movimentos oculares, e murmuro um palavrão, fechando tudo de uma vez. Minha visão clareia. Apenas o corredor vazio do Bloco A espera à frente.

Papai me ama, mas às vezes me pergunto se ele *gosta* de mim, porque é provável que nunca tenha desejado ficar preso a mim sem sua esposa, e agora sou dele por um senso de dever. Uma tutelada do Estado, agarrada desesperadamente à identidade que ele me dá para além disso. Ele é rigoroso sobre aonde posso ir e o que posso fazer, e por mais que eu proteste, sei que é só porque ele quer me proteger do jeito que não conseguiu proteger sua esposa e sua primeira filha. Eu costumava vê-lo limpar as fotos de Mallory sobre a lareira todas as manhãs. No aniversário de sua morte, todos os anos, ele acendia uma vela para ela e eu ficava na soleira da porta, sem querer interromper. Ele se virava e me chamava para dar uma olhada.

— Você sente saudade dela? — A conversa é uma das minhas primeiras memórias, um pequeno punho agarrando a perna do papai porque eu não queria que ele andasse para muito longe. Eu devia ter seis anos, mal tinha me acostumado à minha vida ainda.

— Claro que sim. Sinto muita saudade, e sempre vai doer um pouco enquanto eu estiver sem ela. — Ele me deu uma vela. — Mas ela ficaria tão feliz por você estar aqui comigo. Nós cuidaremos um do outro, você e eu. Não é?

Meu pai perdeu tanto, e sou tudo o que ele tem. Serei boa, serei a melhor, serei tudo o que alguém poderia pedir de uma filha, porque senão qual seria o sentido de ele se sacrificar tanto para me criar?

Papai não exigiu isso de mim. Ele não precisa. Se eu sou tudo o que ele tem, ele é tudo o que eu tenho. Sua aprovação é tudo para mim.

Uma porta se abre com força acima, audível do andar térreo. Isso dá outro choque no meu coração, me lembrando de onde estou e aonde devo chegar. Inspiro fundo. Expiro fundo.

Sigo meu caminho.

Nosso diretor não tem um assistente para intermediar suas reuniões. Quer estar prontamente disponível para o corpo estudantil, o que significa que, quando eu vou até sua porta e bato suavemente, ele não me ouve devido ao rádio que está tocando em seu escritório.

— … Atahua é frequentemente vista de forma negativa durante as negociações globais por ter iniciado o que agora é chamado de *guerra fria* com Medaluo. Nossa intenção de proteger nossos próprios interesses é

percebida como hostil. É fácil, pessoal: só queremos manter os produtos atahuenses em casa.

Bato novamente, mais forte, imaginando que o diretor Murray não me ouviu. Desta vez, ele desliga o rádio e grita:

— Entre.

Eu entro em seu escritório.

— Olá, senhor.

É praticamente um guincho, mas o diretor Murray não comenta quando levanta os olhos da tela do computador. O pai de Kieren me assusta. É um homem enorme, com ombros quadrados e pescoço sempre muito vermelho. Não tem nada a ver com Kieren, que parece magricela à primeira vista, mas, quando tira a camisa para treinar em Educação Física, mostra que tem um corpão musculoso. Sem dúvida, uma tática dele para me distrair. O que só funciona de vez em quando. E, de qualquer forma, quem não fica nervoso com a perspectiva de ter que tocar em um torso nu?

Eu realmente não tenho um motivo para grasnar como um pato sempre que estou na presença do diretor Murray, mas se eu tivesse que escolher um, seria porque ele já foi chefe de segurança na NiloCorp. Só saiu para assumir o cargo de diretor na Academia Militar do Nilo quando seus dois filhos mais velhos começaram aqui, e a cada segundo que passo em seu escritório, estou convencida de que eu poderia dizer algo errado, fazer algo errado, e ele ligaria para seus antigos contatos na NiloCorp para relatar diretamente que sou imprestável.

— Lia, estava esperando você. — O diretor Murray gesticula para o assento. — Por favor.

Há três cadeiras de frente para sua mesa. Eu me arrasto até a cadeira da esquerda, me sentando delicadamente. Kieren já passou aqui. Dá para ver, porque a cadeira da direita está torta, o tapete embaixo empurrado pelo movimento brusco de alguém se levantando.

— Tenho que admitir — começo. — Não sabia que um posto conjunto era uma possibilidade.

Cadetes se unem com frequência, claro. Se um grupo de nós for enviado para Medaluo, então há grandes chances de que muitos estejam na mesma cidade ao mesmo tempo. Podemos dividir quartos de hotel. Podemos combinar esforços para cumprir nossos objetivos diferentes em um mesmo lugar. Alguns cadetes são instruídos a adquirir informações. Outros são

ordenados a pesquisar novos desenvolvimentos em certas indústrias ou regiões. A colaboração pode ser uma ferramenta útil.

Mas eu nunca ouvi falar de dois cadetes com a mesma diretiva.

— As coisas têm mudado ultimamente, Lia. — O diretor Murray clica no mouse, fechando algo na tela à sua frente. Computadores são um objeto desnecessário para renderizar em virtual, mas comuns, como o relógio que a treinadora Chelsea usa. Podemos acessar tudo na internet piscando para abrir nossa tela, mas trabalhar por horas a fio usando os movimentos oculares do nosso avatar fica cansativo.

— A academia avalia nossas necessidades com a mudança do cenário geopolítico — continua. — É por isso que estamos enviando todos uma semana antes. Menos chance de Medaluo nos bloquear, quando sabem que é época de exames.

— Entendo — digo. Fico nervosa até mesmo de parecer que estou discutindo, então tento pronunciar todas minhas palavras com tranquilidade: — Mas… sem querer questionar a decisão nem nada… parece, para mim, que talvez um posto conjunto especial não devesse… ser eu e Kieren?

O diretor Murray se afasta do computador. Entrelaça as mãos, recostando-se na cadeira. Há fotos de seus três filhos em sua mesa: Kieren e Hailey lado a lado, depois Weston, de doze anos. Ao lado dos porta-retratos, há um porta-canetas dourado. Reconheço a marca específica de canetas-tinteiro porque Kieren as usa em sala de aula. A maioria dos nossos colegas abre um teclado virtual e faz anotações em seus arquivos pessoais. Kieren prefere caneta e papel.

Ninguém sabe o que ele faz com as anotações quando se retira para seu dormitório, já que pode digitalizá-las num piscar de olhos. Talvez as coma.

— Há algum problema? — pergunta o diretor.

— Não! Claro que não.

O diretor Murray me olha.

— Achei que vocês dois eram amigos. O conselho achou que uma tarefa tão colaborativa exigiria cadetes que já se conhecessem muito bem.

Como posso começar a explicar o relacionamento que tenho com Kieren? Nós somos… bom, não somos *inimigos*, acho. Nós nos conhecemos há anos, desde a primeira noite da Orientação de Novos Cadetes. Tínhamos feito as atividades diurnas separadamente, ignorantes da ameaça colossal que andava pelo campus, apenas nos unindo quando acabamos na mesma

festa que os veteranos deram. Foi exatamente o que eu esperava de uma festança de academia militar: cadetes gritando, bebendo e se jogando do telhado do clube para ver se o Tear os faria saltar nos arbustos — realmente testando os limites do Alto não permitir ferimentos graves. Procurei um cômodo mais silencioso, seguindo Natalie Ward, com quem fiz amizade mais cedo naquele dia. Todos que se juntaram ao círculo no tapete receberam uma lata de prata gelada sem nenhuma informação de identificação impressa na superfície. A única pessoa que recusou como eu foi Kieren Murray.

Sentei-me imediatamente ao lado dele. Imaginei que tínhamos algo em comum. Antes do início formal do ano, a academia sempre ignorava a bebida no campus. Seria diferente quando as aulas começassem, mas era muito difícil reprimir enquanto todos os cadetes participavam. Exceto nós, suponho.

— Não é do seu agrado? — perguntei.

— Prefiro drogas pesadas — respondeu.

Coloquei a mão no bolso e ofereci o lenço de papel amassado que eu tinha. Kieren olhou para baixo lentamente, depois para mim.

— Eu estava brincando.

— Eu também — respondi. — O único pó de ouro aqui é meu ranho.

Kieren ficou surpreso por eu ter me igualado ao nível dele. Percebi quando sua atitude mudou e sua carranca relaxou. Seus olhos se suavizaram, abrindo para um castanho mais quente. Hailey enfiou a cabeça na sala alguns minutos depois, claramente para verificar se ele ainda estava deprimido, e Kieren foi rápido em apresentá-la e apressá-la para sair.

Aquela primeira troca conquistou rapidamente sua amizade. Ficamos juntos a festa inteira. Gostávamos dos mesmos eventos históricos obscuros, compartilhávamos as mesmas opiniões sobre a política atahuense. Eu já me imaginava levando todos os meus pensamentos a ele pelos próximos quatro anos para que pudéssemos debater até ficarmos roxos.

Acabei tendo razão, com algumas divergências. Na segunda vez que me igualei, ele não gostou tanto, e Kieren Murray mudou de ideia sobre nossa crescente camaradagem depois que eles se recusaram a desempatar nosso primeiro lugar. É uma pena, porque realmente ainda gosto de debater com ele.

— Frequentamos os mesmos círculos — respondo finalmente ao diretor Murray, após um momento de hesitação. — Mas também somos muito… hã… *competitivos*. Você se lembra quando Kieren me empurrou durante a corrida de revezamento.

Isso foi no segundo ano. O diretor Murray franze a testa, provavelmente tentando se lembrar.

— Achei que você tinha dito que foi um acidente.

— Foi. — Para ser justa, foi porque tentei fazê-lo tropeçar primeiro. — Mas, mesmo assim, ele ficou bem feliz com a minha angústia.

O diretor Murray suspira. Estamos desviando do assunto.

— Acredite, sei que a designação da prova final geralmente é o momento de um cadete brilhar. O conselho considerou bastante isso antes de tomar sua decisão. O desempenho de vocês será avaliado individualmente. Exigiremos permissão para acessar suas gravações de avatar. Qualquer coisa pessoal ou possivelmente sensível será filtrada pelo sistema.

Não gosto da ideia de a academia vasculhar minhas filmagens gravadas só para descobrir se eu tive um desempenho melhor que o de Kieren. Tendo a entrar em pânico no momento e resolver as coisas conforme elas acontecem. Preferiria muito mais ser julgada pelo meu produto final.

— Mas…

— Isso é importante, Lia — interrompe o diretor Murray, antecipando minha rejeição. — A diretiva veio do governo federal. Para falar a verdade, o conselho está chocado que eles queiram dois cadetes da academia realizando isso. É o tipo de missão que deveriam dar a alguém com dez anos de carreira.

Lentamente, eu me empertigo na cadeira. Sou boa o suficiente em agradar os outros para aceitar o elogio, mas também não sou estúpida. Os insurgentes continuam explodindo membros das forças armadas quando estes estão de folga para mostrar o quanto odeiam a administração atual. Um pouco antes, o *feed* estava divulgando imagens da cena de um ataque — eu não assisti a elas e, quando fui ver, já haviam sido excluídas. O vídeo vai subir nos canais secundários em breve, e então os fóruns extremistas o pegarão para culpar os medanos no país, para insistir que Atahua lance uma bomba nuclear em Medaluo enquanto ainda pode, que acabe com o inimigo e obtenha uma vitória neste conflito que está sugando nossa nação.

Os departamentos governamentais de Atahua precisam de ajuda, apesar do orçamento monstruoso, e os cadetes da NiloCorp sempre conseguem alguns postos de prova que são essenciais para o esforço de guerra federal. É um passe livre para Atahua, a desculpa perfeita se formos pegos cometendo espionagem internacional. Somos apenas estudantes de uma empresa privada. Somos crianças, na verdade, e crianças não podem ser responsabilizadas. Então, duvido muito que o conselho tenha ficado tão chocado com essa diretiva, não importa qual seja.

— Tudo bem — digo lentamente. — Estou pronta.

O diretor desliza uma pasta preta sobre a mesa.

— Achamos que Medaluo criou uma arma de IA.

Deixo os ombros caírem. Medaluo supostamente cria uma nova arma de IA a cada duas semanas. Toda vez, há rumores de que atingiram o auge da tecnologia e vencerão a guerra fria ao apreender o sistema Tear, mas, toda vez, a pesquisa ainda não está avançada o suficiente.

— E podem realmente ter algo? — pergunto. — Ou é paranoia de Atahua?

*De novo*, acrescento silenciosamente.

A guerra fria já havia começado quando o Tear foi inventado. Talvez como as duas nações mais poderosas do mundo, Medaluo e Atahua pudessem ter construído algo duplamente eficaz se tivessem colaborado, mas cada nova eleição aqui trazia mais projetos de lei cortando laços. Mais políticos que odiavam como Medaluo estava ultrapassando Atahua. Mais atahuenses decididos a confrontar o assunto.

— Atahua tem motivos para estar paranoica — repreende o diretor Murray.

Fico de boca fechada. Deveria ter pensado melhor antes de expressar algo não patriótico. Minha identidade étnica já me faz pisar em ovos. O diretor dá uma batidinha no arquivo à minha frente e eu pego a pasta preta.

O governo de Medaluo foi, na verdade, o primeiro a experimentar a realidade virtual totalmente imersiva, mas só tinha energia suficiente para gerar Kunlun. Desperdiçaram muitos recursos tentando desenhar um novo mundo, codificando ruas, estradas e plantas que seguissem as leis da física. Não pensaram em escanear nosso mundo real e deixar a inteligência artificial fazer o trabalho pesado. “Estamos apenas imitando a realidade”,

James Moore declararia na conferência da NiloCorp para apresentar sua nova criação, Tear. “Não há necessidade de inventar uma nova.”

E James Moore nem começou como engenheiro — era um designer gráfico nos níveis mais baixos da NiloCorp, contratado logo após a faculdade depois de vencer um concurso de arte de mascote. Acabaram não usando seu trabalho. Realmente não se importaram. A NiloCorp era a maior empresa de Atahua, uma varejista de massa que vendia tudo sob o sol e, nos anos em que existiu, simplificou as operações a ponto de controlar cada nó logístico. Fazia sentido que eles continuassem se expandindo para os braços de consumidores mais poderosos. Armas e equipamentos militares. Escolas e soldados. O governo de Atahua era seu cliente mais insaciável.

Então, naquela época, se houvesse algum lugar para propor ideias sobre um cenário de realidade virtual, a NiloCorp era a empresa certa. Em suas entrevistas, James Moore atribui sua inspiração a acordar terrivelmente doente uma manhã e perceber que não podia arriscar ir à festa de aniversário de seu irmãozinho — mas quão bom teria sido se esse risco não estivesse presente? Levou suas ideias aos superiores, e como as notícias continuavam falando sobre Kunlun e quão rápido Medaluo avançaria em seu trabalho, Moore recebeu uma divisão para dirigir: Tear.

Ele nunca admitiu que sua equipe deve ter roubado tecnologia do governo medano, mas não importa onde se leia sua história de origem, há alguém nos comentários falando sobre como é impossível que eles tenham inventado o Tear tão rápido sem ajuda. Depois de Moore provar que o mecanismo funcionava em escala global, Atahua injetou bilhões na divisão Tear para se tornar seu principal investidor. O governo federal e a NiloCorp se entrelaçaram mais do que nunca: Atahua definiu como ninguém as regras do nosso novo mundo. Marid assinou rapidamente, ansiosa para demonstrar ser uma aliada em ascensão. Entre os rivais, Cega mudou de ideia primeiro — esperado, dada sua posição na fronteira oeste de Atahua, mas levou a um efeito dominó nos outros Territórios Ocidentais. Eventualmente, até Medaluo foi forçada a ceder e admitir a derrota usando Tear, abrindo seu servidor e se tornando o último grande país a assinar. É difícil ficar de fora quando a vida começa a se mover para outro lugar. Quando as pessoas estão deixando o plano físico em uma direção ascendente.

Mas Medaluo nunca se esqueceu de que Atahua roubou sua tecnologia promissora debaixo de seus narizes, e eles estão desesperados desde então

para ganhar alguma vantagem. Têm lutado pelo controle do mundo virtual da NiloCorp, onde precisam viver por não haver alternativa.

O que provavelmente tem algo a ver com o arquivo que estou segurando em minhas mãos.

— Operação SangueFio — leio em voz alta. O resto da página de abertura está inteiramente censurado.

— Você encontrará imagens de campo começando na página cinco, e registros de pesquisa na página vinte. Não é necessário entender a ciência exata por trás disso. Só precisa entender que a Operação SangueFio é a tentativa de Medaluo de criar uma arma funcionalmente capaz de hackear Tear por comando de linguagem. Pense em um *chatbot* leal a Medaluo e capaz de enfiar os dedos em código administrativo sempre que quiser.

Levanto a cabeça.

— Puta merda.

— Olha os modos, cadete.

Eu faço uma careta.

— Desculpe. Então já foi feito?

— A arma já foi feita — responde o diretor Murray. — Mas também foi deletada.

Eu franzo a testa.

— Não tenho certeza se entendi.

— Aqui. — Recebo uma transmissão e pisco, aceitando baixar o arquivo do diretor Murray. Um artigo.

— O engenheiro chefe deles é alguém chamado Chung Yin. Você sabe quem é.

Por um momento, presumo que o diretor Murray esteja me dando uma alfinetada. Medanos étnicos estão acostumados com as insinuações de que eventualmente nos tornaremos espiões, especialmente em um lugar como a Academia Militar do Nilo.

Muitos de nós são designados para Medaluo para coletar informações para a NiloCorp, porque somos ativos atahuenses que se misturam bem disfarçados… até o momento em que Medaluo descobre nossa presença e nos oferece dinheiro suficiente para mudar de lado. Alguns políticos dizem que está em nosso sangue. Alguns querem que todos nós sejamos reunidos e expulsos do país antes que possamos destruí-lo.

Então, olho para a foto anexada ao artigo e percebo que o conheço *mesmo*.

— Você era jovem quando ele estava em Atahua, então talvez não se lembre mais — continua o diretor Murray.

— Não, eu me lembro dele — digo, com voz fraca. Antes de embarcar na academia, eu morava com meu pai no apartamento em Melnova. Ele era um dos amigos do meu pai, vinha a cada poucas semanas para beber e conversar na varanda enquanto eu fazia meu dever de casa do ensino fundamental. Meu pai me fez chamá-lo de tio Chung. Quando eu tinha onze anos, percebi que não via o tio Chung há algum tempo e, quando perguntei ao meu pai por quê, a resposta foi que ele tinha aceitado um emprego em outro lugar e se mudado.

— Chung Yin nasceu cidadão de Atahua — diz o diretor Murray. — Mas ele decidiu revogar a cidadania quando Medaluo lhe ofereceu um emprego.

Minha cabeça se ergue bruscamente. Sinto como se tivesse sido atingida por um raio, congelada no chão.

Ouvimos as acusações. Quase não ouvimos falar de quando realmente acontece.

— Eu não sabia — digo. — Meu pai nunca me contou.

— Imagino que Henry não soubesse de tudo. Só recentemente recebemos notícias sobre o que o Sr. Chung tem feito para Medaluo todos esses anos, e descobrimos que está secretamente construindo um robô hacker.

Todo mês, a Assembleia Internacional levanta protestos contra a NiloCorp — e Atahua, perifericamente — sobre o controle limitado que os países têm sobre seus próprios servidores. A NiloCorp pode dar a Medaluo a capacidade de deixar seus avatares mais bonitos, mas eles não podem mudar nada sobre suas ruas, seus mapas. As configurações do Tear são imutáveis. Ele constrói tudo no Alto a partir de seus satélites em Baixo, e a NiloCorp não libera nada para os engenheiros de um país brincarem. Isso estabelece com firmeza o equilíbrio de poder no Alto. A NiloCorp é o cão de guarda da Atahua, então Atahua é o rei global.

Se Medaluo hackeasse o Tear, poderia se intrometer silenciosamente em cada pedaço da sociedade sem que soubéssemos de fato o que eles estão atingindo. Mensagens das pessoas. Contas bancárias. Objetos de inventário. Nosso próprio senso de realidade. Medaluo estaria inserindo fios de marionete no trono de Atahua.

O diretor Murray me envia outro arquivo. Eu o abro, olhando para uma varredura de satélite de algum complexo.

— Você está ciente da função dos centros de dados nacionais, não? — pergunta.

Espero que sim.

— Quer dizer, as salas de servidores gigantes onde o governo armazena seus dados?

— Correto.

— Estou familiarizada com o conceito.

Ele assente.

— O que você está vendo atualmente também pode ser encontrado na página quatorze do seu arquivo. A Medaluo vem construindo o SangueFio diretamente em seus centros de dados. Isso garante o mais alto nível de proteção se não houver segundos pontos de acesso, nenhum escritório externo para invadir, nenhum local remoto para hackear. Em seu currículo oficial, consta que Chung Yin é supervisor dos servidores do Ministério da Defesa Nacional. Na verdade, ele é o engenheiro-chefe que comanda a Operação SangueFio usando esses centros de dados como escritórios.

Volto para o arquivo anterior, examinando o artigo novamente. Na foto, Chung está significativamente mais velho do que eu me lembrava. Os anos não foram gentis com ele no Baixo. Cientistas e engenheiros são algumas das poucas pessoas que acabam na vida real, muitas vezes, por necessidade profissional. Os testes precisam ser executados. Os servidores precisam ser atualizados.

Seu cabelo está ficando grisalho em mechas dos dois lados. Ele está vestido com uma camisa de botão que parece um tamanho grande demais para ele, mas o grande jaleco branco esconde o tecido largo. Um par de óculos está pendurado em uma corrente em volta do pescoço dele — óculos velhos, do tipo para miopia, não aqueles que as pessoas usam em Baixo para substituir seus computadores de mão.

— E agora parece que o Sr. Chung Yin desapareceu.

Minha cabeça se levanta bruscamente, minimizando tudo na minha tela.

— O quê?

— Os servidores mostram que ele não está mais logado no Alto — continua o diretor Murray, apesar da minha reação. — O Pod em sua casa

está vazio, e as câmeras o perderam de vista depois que ele saiu do trabalho naquele dia.

Estou piscando rapidamente. Certamente há algo suspeito aqui. As pessoas não *desaparecem* mais. O reconhecimento facial as identifica em um instante, mesmo que seja só um pedaço de sua testa em uma câmera de segurança.

— Em circunstâncias normais, poderíamos presumir que ele se hospedou em um retiro de spa em algum lugar para aproveitar um tempo de folga. No entanto, a Operação SangueFio também desapareceu dos centros de dados de Medaluo. É difícil argumentar que isso não é suspeito.

Mas um arquivo do tamanho de um programa de IA não pode ser excluído tão facilmente. Sempre há métodos para reverter a limpeza.

— É essa a tarefa, então? — pergunto. — Recuperar o arquivo?

O diretor Murray me lança um olhar entediado.

— Claro que não. Isso exigiria uma enorme quantidade de triagem de dados. Lia, queremos que vocês encontrem Chung. Leia o resumo. Há dois objetivos possíveis: confirmar que ele está morto e não é mais uma ameaça ao nosso modo de vida, ou localizá-lo para que possamos agir e recuperar sua lealdade. A explicação mais provável para um desaparecimento voluntário é que ele tenha chateado Medaluo. Terreno fértil para trazê-lo de volta a Atahua.

Finalmente folheio a pasta corretamente, passando pela página introdutória censurada. Uma sensação de aperto começou no meu peito. É nisso que estou sendo avaliada. O exame mais importante da minha vida, e é para usar minha conexão pessoal com um amigo do meu pai que não vejo há quase uma década. Um engenheiro que provavelmente nem se lembra de mim e provavelmente não tem interesse em voltar para um país do qual ele desistiu.

— Chung desapareceu de Marsup, então você começará por lá. Ele tinha escritórios nas principais cidades, o que significa que pode ser necessário viajar para a busca ser abrangente. — A segunda página do meu resumo diz “MEDALUO: UMA PESQUISA GEOGRÁFICA”. — Temos recursos dos quais recebemos atualizações ao vivo. Você receberá mais informações de um contato no local. Esteja pronta para agir e se mover a qualquer momento.

— Mas ele desapareceu de Baixo Marsup — observo. Os postos da prova final são sempre virtuais. Eles só podem nos injetar no país inimigo porque a NiloCorp tem controle sobre o sistema, afinal. Seria terrivelmente mais difícil infiltrar alunos em Medaluo no mundo real.

— Correto. Você ainda é uma cadete. Não estamos colocando você no campo real. Se ele se retirou para Baixo, também deve ter deixado sinais no Alto: uploads de arquivos, saques monetários, comunicações com empresas. Por que ele desapareceu? Quem ele irritou? Ele mesmo deletou o SangueFio ou outra pessoa está atrás dele? Podemos oferecer proteção a ele?

Os olhos do diretor Murray ficam vidrados por um momento enquanto ele lê uma mensagem. Depois de alguns segundos, assente e pisca para fechá-la.

— Os engenheiros da NiloCorp virão amanhã de manhã para mandá-los ao servidor de Medaluo — continua. — Vocês vão começar mais cedo que o resto da classe. Mais alguma pergunta?

Minhas mãos apertam a pasta. Estou fazendo vincos no papel. Antes que eu possa pensar demais, pergunto abruptamente:

— Por que Kieren?

— Como?

O diretor Murray não parece ofendido logo de cara, o que é promissor. Menos chances de ele me rotular imediatamente como uma cadete insubordinada a quem não se pode confiar uma tarefa. Ou como alguém que planeja tirar seu filho de um posto de prestígio.

— Só queria saber — digo cuidadosamente — por que precisam de nós dois? Posso lidar com isso sozinha. Sei que posso.

— Receio que isso fique a critério do conselho — responde o diretor Murray.

— Eles consideraram outra pessoa para a função?

Está claro por que eles me querem. O raciocínio deles para Kieren não é tão aberto.

— Receio que essa não seja uma informação que eu possa divulgar. — O diretor Murray se levanta. Nenhum sorriso simpático, mas também nenhum de escárnio. Ele é impossível de ler, e fico perpetuamente nervosa. — Se não houver mais nada…?

Me apresso em me levantar. Minha cadeira range para trás, suas pernas empurrando o tapete assim como a de Kieren à direita fez, e eu resisto a um suspiro. Das notas dos testes à maneira como ficamos de pé.

— Não, senhor.

O diretor Murray gesticula para a porta.

— Kieren já está fazendo as malas, então você também deveria.

•

Dispenso o jantar e opto por me deitar no carpete do meu dormitório.

É confortável. Nunca fui de precisar de luxos, mas estou feliz que esta seja uma faceta do Alto.

Os carpetes são mais grossos e as paredes são mais limpas. Tear replicará tudo em grande escala, sem exceções, não importa o quanto os políticos considerem os lotes abandonados como monstruosidades e exijam ajustes. Mas o sistema permite muitas mudanças razoáveis, se a NiloCorp fornecer os suprimentos. Os varejistas de roupas podem vender quantas peças virtuais quiserem. Os restaurantes podem fazer tanta comida quanto houver demanda. Tudo no Alto é assustadoramente real até seu estado mais básico, quando se descobre que a NiloCorp interveio com seus pixels para substituir as fontes originais. Fazendas virtuais são meras imitações natimortas que nunca são colhidas; todos os tecidos virtuais vêm do mega Tear.

A nível de pixel, o Alto só usa materiais da NiloCorp. Claro que seria mais suave, mais agradável, mais leve.

Solto um suspiro, meu cabelo esvoaçando do meu rosto.

Kieren e eu geralmente dividimos uma mesa no refeitório — embora ocupemos duas extremidades opostas da superfície longa — e nossos amigos provavelmente estão morrendo de curiosidade por nenhum de nós estar lá esta noite. Estão ansiosos para descobrir mais sobre o posto conjunto, a julgar pelos grupos que silenciei. Têm perguntas. Teorias e rumores que não tenho permissão para esclarecer. Tem um carimbo de “CONFIDENCIAL” em cada página da pasta de instruções, que abri em meus arquivos pessoais depois que o diretor Murray enviou a versão digital.

Enquanto olho para o teto, leio o resumo novamente em minha tela, meus movimentos oculares virando cada página rapidamente. A visão geral

geográfica de Medaluo começa com uma fotografia do horizonte de Marsup. Abreviação de “Terra do Mar Superior”, Marsup não é a capital, mas é a primeira cidade que vem à mente quando alguém pensa em Medaluo. No Alto, esses arranha-céus são o centro financeiro e econômico do país. Em Baixo, a localização de Marsup na costa leste do país significa que está sujeita às marés subindo ano após ano. O lixo se arrasta pelos riachos inundados, e a corrente destrói qualquer apartamento térreo em elevação mais baixa. A cidade real está ainda pior, aproximando-se do abandono total em certos setores.

Eu não admitiria isso em voz alta, não neste clima, mas uma parte de mim sempre esperou ansiosamente pelo posto final só para poder ver Medaluo no Alto pelo menos uma vez. Não quero ficar lá pelo resto da vida pagando minhas dívidas, e definitivamente não quero estar lá em Baixo, que é onde os soldados corporativos são mais necessários. Ainda assim, gostaria de experimentar sua réplica virtual. Andar pelas ruas de Marsup. Comer a comida de Tresci. Agora chegou a hora… só que eu vou ter companhia.

— Isso é ridículo — digo para meu dormitório vazio. Ainda não consigo acreditar que estão nos enviando *juntos*.

Alguém bate na minha porta. *Kieren*, penso instintivamente, e me viro de bruços, me apoiando nos cotovelos e colocando minha franja de volta no lugar.

— Entra! — exclamo.

Minha porta se abre e bate na parede dos fundos com força.

— Minha vida acabou.

Solto uma risada, abaixando meus cotovelos e voltando ao chão para olhar para Rayna. Ela já está de pijama, então veio de seu próprio dormitório, não do refeitório. Seu cabelo continua solto nas costas em vez de enrolado naquele pedaço de espuma que ela insiste que criará cachos sem aquecimento, embora, inevitavelmente, no terceiro período de cada dia, seu rabo de cavalo esteja mais uma vez tão reto quanto uma régua.

— Por quê? — pergunto. Minha bochecha roça nos fios do carpete. — Você viralizou no *feed* com uma postagem idiota de novo?

— Não — resmunga, fechando a porta e marchando para dentro. — É… o que rolou aqui? Que bagunça é essa?

Comecei a arrumar minhas coisas, mas só enchi a mala até a metade, e não sei o que mais levar. Não tenho muitas roupas no virtual. Rayna, por

outro lado, tem um leve vício em compras, o que significa que tem uma tendência a surtar e comprar tudo de um catálogo de novidades.

— Preciso levar roupas, já que vou viajar por dez semanas — explico. — Tenho certeza de que você viu a designação.

— Eu vi seu posto. — Ela se joga na minha cama. — Mas, na verdade, estou mais preocupada com o *meu*.

Finalmente me levanto do chão, sentando-me ereta. Embora ela esteja choramingando como se fosse o fim do mundo, esta é uma demonstração de emoções muito normal para Rayna Ward. Somos melhores amigas desde o primeiro ano — ou, mais especificamente, desde o nosso segundo dia de aula na Academia Militar do Nilo, quando Rayna pediu um elástico de cabelo emprestado e ficou tão grata que eu de fato *tinha* um, que começou a chorar. A mãe adotiva de Rayna é uma advogada de alto nível que decidiu que queria um filho, embora não tivesse um parceiro e estivesse acima da idade normal para isso. Assim como eu, desde o momento em que Rayna foi acolhida, ela não conheceu nenhum outro lar, mesmo que a lei nos impeça de sermos formalmente reivindicadas.

Ao contrário de mim, Rayna é próxima da mãe do jeito estranho e piegas dos atahuenses. Ela cresceu sentindo-se acolhida para se expressar.

— Não me diga… — começo. — É por causa da Hailey, né?

Rayna coloca o rosto no meu travesseiro e grita nele. Eu a deixo fazer o que quer. Às vezes, Gena manda uma mensagem do dormitório ao lado para falar baixo, quando Rayna e eu tagarelamos muito alto, mas ela provavelmente está no refeitório jantando.

— Eu já deveria ter chamado ela para sair — lamenta Rayna. — Estou sem tempo. Só temos mais dois dias!

— Poderia ser pior — digo. — Se fosse eu, na verdade só ia ter meio dia restante.

— Sabia que ela me deu boa sorte quando saí do refeitório? São oficialmente as palavras de número 20 e 21 que ela já trocou comigo.

Volto meu olhar sarcástico para Rayna. Seu rosto ainda está enterrado no travesseiro. Andamos nos mesmos círculos sociais que Hailey Murray desde o começo de minha rivalidade com Kieren Murray em nossa carreira acadêmica. Rayna teve muitas oportunidades de falar com Hailey, muitas festas e conversas fiadas durante os almoços. Ela só inventa desculpas todas as vezes.

— Você é patética.

— Eu *sei*! Sou a lésbica mais arregona da história.

Ela solta outro grito abafado. Estou tentando muito não rir.

— Olhe pelo lado bom — consolo. — Hailey também foi designada para Medaluo. O que foi mesmo, contagens de bases militares nas cidades?

— Sim — diz Rayna, com voz abafada. — E eu vou inspecionar a rede elétrica. Nunca vamos nos cruzar.

Minha mente tem girado e girado sobre o porquê de o governo federal pedir uma designação conjunta. Autoconfiança e insegurança me consomem na mesma medida. Eles precisam de mim pela minha conexão; eles precisam de mim pelo meu rosto. Kieren é mais confiável; não se pode confiar em Kieren para lidar com isso sozinho.

— Que tal o seguinte? — proponho a Rayna. — Uma garota branca em Medaluo provavelmente vai querer se juntar a uma cadete medana, *cof cof*, que nem você. Ela vai parecer mais natural nas cidades, como se estivesse visitando uma amiga em vez de coletando informações. Pergunte a Hailey se ela quer unir esforços.

De repente, Rayna levanta a cabeça da minha pilha de travesseiros.

— Essa… não é uma má ideia — diz, lentamente.

Abro meus braços.

— As pessoas me chamam de encantadora de sáficas.

— Ninguém te chama assim.

Pego uma bola de meias do meu lado e jogo nela. Ela bate bem no centro da testa de Rayna e, com um grito, ela finge ter sido atingida por uma bala, simulando o impacto antes de cair contra minha parede, o pescoço torto.

Ficamos em silêncio por um momento. Então os olhos de Rayna se abrem novamente.

— Enfim. — Joga as meias de volta para mim. — Estranho o que estão fazendo com você, hein?

Ah, agora estamos falando de mim.

— Não consigo entender. — Coloco as meias de volta na mala. Elas não combinam, uma cinza e uma rosa enroladas juntas. — Uma parte de mim acha que eles têm medo de que eu me rebele, então Kieren está de guarda. A outra parte se pergunta se essa designação é tão importante que precisam enviar dois de nós para garantir que, se uma pessoa for sequestrada e torturada no meio da missão, a outra ainda possa terminar a tarefa.

Rayna faz uma careta, parecendo enjoada com o pensamento. É o tipo de aluna que quer ter um desempenho dentro da curva. Ser designada para algo importante é sua ideia de pesadelo.

— Acho que ninguém é torturado no Alto. Você poderia só deslogar.

Aponto o dedo para ela.

— Exatamente. O posto falhou. Os torturadores venceram.

— Meu Deus — murmura Rayna. — Estou feliz de ter só a rede elétrica.

— Se formos para a guerra, a rede elétrica é a primeira coisa que Atahua vai atingir — rebato. — Tudo o que você descobrir sobre a distribuição no Alto contribui para como a atacamos em Baixo.

— Eba. Mal posso esperar para morrer na guerra antes de poder abrir meu arquivo de órfã.

— Não diga isso.

Rayna é obcecada por seu arquivo de órfã há anos. Todos os tutelados do Estado recebem um para catalogar suas informações básicas: data de nascimento, se conhecida; país de origem, se conhecido; data de entrega ao governo, pais biológicos. O meu sempre foi desbloqueado — não há nada substancial no arquivo. Ambas as seções dos meus pais estão em branco, informações desconhecidas. Mas o de Rayna está bloqueado até seu aniversário de dezoito anos, o que provavelmente significa a presença de informações que identificam seus pais biológicos que ela não tem permissão para ver até que esteja madura o suficiente para saber que caçá-los seria uma má ideia. Se seus pais estiverem vivos, deve haver algum motivo para ela ter sido criada como tutelada.

— Tá, tá certo — diz Rayna sabiamente. — Eu fiz um pedido para que o arquivo fosse aberto publicamente no meu aniversário, de todo modo. Espero fazer dezoito anos e *então* declararmos guerra.

— *Rayna*.

Uma notificação aparece no canto da minha visão. Recebi uma mensagem.

**KIEREN:** Ei.

— Tá, tenho que terminar de fazer as malas — declaro. — Você vem me ver amanhã?

Rayna pula da minha cama, entendendo a deixa.

— Eu acho que não tenho permissão. Privacidade de cadete e tudo mais.

Irritante. Mas não quero criar mais problemas com o diretor mais do que já criei, e eu suponho que ele vai supervisionar nossa designação pessoalmente. Nós começamos cedo, e é o próprio filho dele sendo mandado embora.

— Tá bom — digo. Eu abro meus braços para um abraço. — Então, te vejo em Medaluo. Podemos nos encontrar quando você chegar lá. Me mande uma mensagem quando estiver no servidor.

— Pode deixar. — Rayna me aperta com força. Ela é baixinha, mas seus braços têm força de aço. É todo aquele levantamento de peso que ela faz quando está treinando no Baixo. — Já que você vai passar tanto tempo com Kieren, acha que pode perguntar se…

— De jeito nenhum — interrompo. — Sua paquera é problema seu.

Rayna ri, me soltando.

— Te amo! Te vejo em território inimigo.

Mando um beijo no ar. Ela fecha minha porta. Uma espécie de silêncio oco se instala, os dormitórios vazios de atividade. Minha tela se abre diante de mim com um piscar de olhos, meus olhos já girando enquanto eu caminho em direção à minha janela. O peitoril está gelado em minhas mãos quando as coloco sobre ele. Eu envio minha resposta.

**LIA:** oi

Kieren vê minha resposta imediatamente, mas só responde dois minutos depois.

**KIEREN:** Resposta instantânea… É como se você gostasse de mim ou algo assim.
**LIA:** vejo que estamos no clima de brincadeira agora
**KIEREN:**
**KIEREN:** Quero me desculpar por antes. Eu não deveria ter acusado você de tramar tudo isso.
**LIA:** …
**LIA:** ok, estou esperando o pedido de desculpas
**KIEREN:** [Enviou uma mensagem de voz.]

São três segundos de silêncio. Meio segundo de um suspiro muito alto. Então: — Desculpe.

**LIA:** você é tão irritante
**LIA:** de qualquer forma, seu pai disse algo útil pra você? por mais que eu ame passar tempo com você (), isso é muito estranho

Tenho que rolar manualmente a lista de emojis que são acionados como sugestões pela palavra “amor” para ver o que está disponível antes de fazer minha seleção. A cada poucos meses, novos emojis obscuros são adicionados ao sistema, e levo um tempo para avaliar meu nível exato de bobagem antes de enviar. Kieren espera um tempo igualmente longo antes que sua resposta volte.

**KIEREN:** Não. Eu sei tanto quanto você.
**LIA:** aff
KIEREN MURRAY SILENCIOU AS NOTIFICAÇÕES.

Eu pisco. O quê?

**LIA:** mano.
SUA MENSAGEM FOI ENTREGUE SILENCIOSAMENTE.
**LIA:** você que me mandou mensagem primeiro
SUA MENSAGEM FOI ENTREGUE SILENCIOSAMENTE.
**LIA:** isso é algum tipo de jogo de poder doentio?
VISTO ÀS 22:27.

Inacreditável.

Além da caixa de bate-papo que sobrepus em meia transparência, a noite se estende como uma imagem assustadora. As árvores balançam no escuro. A lua imita sua forma atual em Baixo, minguando em crescente. Esta parte do campus está deserta — desde que as designações das provas finais saíram, estamos todos preocupados com nosso desempenho, com as últimas semanas que temos como cadetes antes de sermos enviados para a formatura e para o vasto mundo desconhecido. O vento frio penetra pelas

linhas da minha janela. Não consigo suprimir o arrepio que percorre minha espinha.

Afasto a caixa de bate-papo e fecho minhas persianas. Vou arrumar o resto da minha mala amanhã.

# CAPÍTULO 5
## EIRALE

Acordo assustada.

Meus últimos segundos de consciência voltam. Nik Grant admitindo que me incriminou. Nik Grant explicando levianamente que fez Atahua acreditar que cometi um crime de lesa-pátria para que eu o acompanhasse nessa missão com o incentivo de provar minha inocência.

Minha tentativa de sufocá-lo.

Estremeço, me mexendo no assento. O helicóptero ainda está voando, embora haja uma turbulência sacudindo as paredes. Meus membros ficaram dormentes. Eles me amarraram. A culpa é minha: não estava prestando atenção na garota circulando e enfiando um sedativo no meu ombro antes que eu pudesse colocar as mãos na garganta de Nik. Sem um traje, fico vulnerável às agulhas e aos tranquilizantes.

— Tudo bem? — pergunta ela agora. Não me olha nos olhos, suas pernas cruzadas, sentada do outro lado do corredor da aeronave.

— Eu vou te matar — ameaço, sem emoção. — Miz é apelido de quê? Miséria?

— Queria eu — confessa Miz. — É Mizuna, na verdade.

Eu examino suas feições. Cabelo escuro curto, cortado na altura do queixo. Nariz fino e pequeno com um piercing passando pelo septo. Olhos castanhos sob seus óculos transparentes, sem nenhum traço de maquiagem.

— Você não é medana.

— Não. Uma Ward como você, mas fora isso, pyasa.

O helicóptero estremece de novo, balançando bruscamente para o lado. Devemos estar voando sobre o oceano com esses ventos, e baixo. É difícil analisar, já que as máquinas funcionam tão silenciosamente, o zumbido das lâminas quase inaudível, além de um leve tremor ao longo do teto. Pela secura da minha boca, o sedativo está se infiltrando no meu sistema há horas, me mantendo inconsciente. Meus braços ainda estão presos, mas em

algum momento, trocaram as algemas por um pedaço de corda. Uma linha vermelha brilha em meus pulsos, sensível ao toque.

Miz gesticula para meus punhos.

— Podemos cortá-las, se prometer que não vai atacar Nik novamente.

— Prometo.

Ela hesita. Seu olhar finalmente se levanta, embora seja extremamente cauteloso. Quase parece que ela tem medo de estar na minha linha de visão, caso eu pingue veneno através do mero contato visual.

— Você tá mentindo?

— Claro que tô mentindo. Tá achando o quê? — Tento bater o pé, mas as tiras também estão segurando minhas coxas. Minha perna se levanta um pouco antes de cair no chão de metal com um som seco.

Miz resmunga e balança a cabeça. Desvia o olhar novamente, inclinando-se contra a parede.

— Você precisa dizer ao líder da sua equipe de insurgentes para reconsiderar o plano — digo com firmeza. — Não sou a melhor que a NiloCorp tem a oferecer. Nem sou a melhor que a base de Cidade-Botão tem a oferecer. Teryn Moore estava lá. Por que você me levaria em vez dela?

Não é de bom tom colocar outra pessoa na reta, mas é uma pergunta óbvia.

— Por que a gente ia querer levar Teryn Moore? — pergunta Miz. — A NiloCorp estaria atrás de nós em cinco minutos.

Certo. Porque Teryn é importante.

— Vocês não podem fazer isso — digo, mudando de assunto. — Não podem me forçar a participar. É…

— Ilegal?

A interrupção vem da frente. Nik emergiu silenciosamente da cabine, inclinando-se na soleira. Mesmo quando outro tremor sacode o helicóptero, ele permanece perfeitamente imóvel, um ombro firmemente encostado na parede. Ele também colocou um par de óculos, a tela piscando linhas tênues em seus olhos à medida que o conteúdo muda. Além desse aparelho em uso, ele também está segurando seu dispositivo portátil perto do peito.

— Você acordou muito cedo — comenta ele. — Volte a dormir.

— Você não deveria me levar para Medaluo — retruco. — Atahua tem espiões em todos os lugares. Assim que a vigilância nacional detectar meu

rosto, os soldados particulares da NiloCorp vão ficar no seu encalço. Isso vai arruinar sua missão.

É um argumento forte, objetivamente. Mas Nik, entra na área de passageiros devagar, sem se convencer. Está lendo algo em seus óculos. Em cima das quatro malas despejadas sem cerimônia no canto da aeronave, há também uma maleta e um laptop aberto. Sua tela muda, a luz refletindo no metal da parede. Os óculos de Nik devem estar conectados ao laptop. Ele rapidamente guarda seu computador de mão em uma das malas, fechando o zíper por segurança.

— É muito fácil evitar a vigilância. Não se preocupe.

Miz limpa a garganta e estreita os olhos para Nik. Alguma comunicação silenciosa deve passar entre eles, porque Nik se aproxima de mim. Enrijeço. Ele dá mais um passo, aproximando-se, quase como se estivesse testando minha reação, e reajo como esperado. Quando ele para bem na frente do meu assento, meus membros estão praticamente travados no lugar.

— Estamos procurando alguém há um tempo — diz ele. — Alguém… que foi embora e depois voltou.

Eu o encaro, esperando que ele explique melhor. A carranca de Nik se aprofunda.

— O sobrenome Sullivan significa alguma coisa para você?

— Não faço a mínima ideia — respondo honestamente. — Desculpe.

Do outro lado da aeronave, Miz murmura algo baixinho, então acena em resposta a uma mensagem que deve estar piscando em seus óculos.

— Nik — chama ela. — Estamos pousando.

O material opaco ao redor das paredes começa a se mover, dobrando-se da esquerda para a direita para revelar um painel de janela construído na lateral do helicóptero. Eu engulo o protesto pairando na minha língua. O mundo lá fora brilha através do vidro, e minha respiração falha.

Medaluo, de costa a costa, tem uma diferença de fuso horário de doze horas com Cidade-Botão. A imagem lá embaixo está banhada pelo pôr do sol, uma névoa laranja cobrindo os arranha-céus com teto de vidro.

O helicóptero paira mais baixo. Meus olhos traçam o perímetro curvo, captando o formato da costa. Aqui deve ser Marsup. A cidade brilha com a declaração, com a clareza de seu nome completo: “Terra do Mar Superior”. Contêineres de transporte flutuam perto de seus píeres; as ondas cinza-chumbo espumam em uma costa de concreto. Um rio fino corta o meio da

cidade, permitindo que máquinas flutuem para fazer entregas no interior. Alguns deles se transformam em drones de voo quando estão perto o suficiente dos mega arranha-céus, voando diretamente para os exteriores de vidro, onde hologramas de neon se desenrolam na escuridão crescente, exibindo anúncios de assinaturas do Alto.

É lindo. É colossal.

— Por que não estão atirando? — pergunto, baixinho. — Você está voando muito perto. Devemos estar aparecendo em todos os sensores deles.

O painel da janela começa a fechar novamente. Reajo com uma pontada momentânea de perda, uma criança com seu novo brinquedo tirado, quando o exterior desliza totalmente e interrompe a visualização temporária.

— Esta é uma aeronave medana. — Nik tira os óculos, dobra o dispositivo até que fique pequeno e o coloca no bolso. Uma mecha de cabelo castanho cai solta ao longo de sua testa, e ele a afasta para trás. — Está liberada para voar dentro desta zona.

Essa foi minha primeira visão real de Medaluo. De que me lembro, pelo menos. Há uma chance de eu ter nascido aqui e sido levada para Atahua antes de ser abandonada, mas meu arquivo de órfã está em branco e não tenho memórias reais antes dos lares adotivos. Quando volto para o ponto mais antigo da minha infância, só consigo evocar impressões tênues de alguém me guiando. Uma rua na chuva. Uma sirene à distância — não um carro de polícia, talvez uma ambulância.

Nada além disso.

— Como isso pode ser uma aeronave medana? — Com a janela fechada, me recomponho novamente, controlando minha reação. — Nós decolamos de Cidade-Botão.

— E em Cidade-Botão, éramos uma aeronave atahuense. — As mãos de Nik de repente brilham com algo prateado. Ele puxou um canivete. — Tente acompanhar o raciocínio.

Eu me encolho. Meu coração martela de pânico, pulando para a conclusão mais provável. Só posso fazer o que qualquer outra pessoa faria naquele momento, correndo o risco de ser cortada por um anarquista perturbado.

Revelo que desfiz as correias do assento enquanto ele estava distraído e o ataco novamente.

— Ei! — exclama Miz. — Ei, *peraí*!

Nik não tem tempo para se preparar antes que eu o jogue no chão da aeronave, usando meus joelhos para prender seus quadris. Seus braços se agitam para trás em uma fração de segundo de surpresa, e eu tento desesperadamente alcançar o canivete com as duas mãos.

Subestimo sua velocidade de reação. O cotovelo de Nik se contrai rápido como um raio, jogando a arma para longe. Vejo o clarão de algo metálico no canto da área de passageiros. Quando avanço contra ele, soltando um joelho e enfraquecendo meu aperto, Nik nos vira, me prendendo pela minha perna. Sua boca se contrai em uma linha.

Recalibro minhas opções. Ele me prendeu agora. Ainda estou amarrada, e estou de costas. Não quero me contorcer e mostrar fraqueza.

Com grande relutância, abro minhas mãos para indicar rendição. A sequência ocorreu tão rápido que Miz mal terminou de desafivelar o cinto de segurança.

— Não tem necessidade de nada disso — sibila.

— Ela me atacou — diz Nik. Sua voz é baixa, como se ele mal conseguisse se conter. Suspeito que preferiria me nocautear completamente a mostrar clemência e me prender no lugar.

— Você está me sequestrando — digo. — O que mais eu deveria fazer?

Nik diminui, embora bem pouco, a pressão na minha perna. Talvez seja sem querer, mas eu percebo.

— Você não está sendo sequestrada — resmunga. — Longe disso.

— Estou sendo mantida sob a mira de uma arma para trabalhar para você.

— É isso que você quer? — Num piscar de olhos, Nik puxa uma arma de um coldre escondido em suas calças. O metal é frio e penetrante quando toca meu queixo. Ele pressiona com força, deixando o cano cravar sua marca. — Isso te ajuda?

Não me mexo. Nik Grant é apenas uma pessoa. Um garoto, na verdade, causando estragos contra uma potência mundial e suas forças… mas está se tornando aparente para mim o motivo de ser tão difícil capturá-lo. Seus olhos, antes brilhantes e cinzentos, ficaram completamente vazios. Se eu o provocar mais uma vez, ele pode só atirar, que se dane minha utilidade.

— Não precisa. — Wright alega que tenho uma tendência a cair em um tom monótono. Que eu deveria parar com isso quando superiores estão

falando comigo. *Falta de deferência*, ele insiste. — Você me pegou — digo entre dentes. — Não vou a lugar nenhum até que você me dê a filmagem.

Esse plano que eles montaram é bem eficaz. Todas as tentativas que estou fazendo para me libertar são atos de insubordinação infantil. Se eu fui incriminada, não vou rastejar de volta para o meu país sem provas de que sou inocente. Ficou claro que ninguém do governo federal estava acreditando em mim.

Nik inclina a cabeça. A arma fica onde está.

— Eu convenci minha equipe de que era de você que precisávamos — diz ele. — Mas, para ser sincero, se você for muito puxa-saco da NiloCorp, posso estar errado. Talvez eu tenha pegado a pessoa errada.

— Talvez tenha. — Meu maxilar está começando a doer com o esforço de não me mover. — Entre a NiloCorp e a morte certa, fiz minha escolha há muito tempo. Me joga na água agora, se isso for um problema.

Atahua pode não me amar, mas eu sou atahuense do mesmo jeito. Se eu tivesse um lugar melhor para ir, teria ido, mas não tenho. A existência insignificante que me foi concedida em Atahua é uma vida pela qual trabalhei, sangrei, não importa o quão corrupta a NiloCorp seja. O trabalho de soldado corporativo é uma droga, mas é alguma coisa. Não é tão ruim quanto o exército do governo. Não é tão ruim quanto ser outro corpo caído nas ruas de Baixo olhando para um computador de mão o dia todo e rolando o *feed*, porque a maioria dos órfãos medanos forçados a frequentar a escola militar certamente não recebem nada mais do que isso se não puderem servir ao seu propósito nesta guerra fria. Os melhores empregos não nos querem. Os empregos de serviço querem robôs.

Trabalhar para a NiloCorp é *alguma coisa*. O que mais eu *tenho*?

Nik retira a arma abruptamente. Meu queixo lateja de alívio, a ameaça de aço removida. Ele também puxa o joelho da minha perna, permitindo que eu fique de pé.

— Obrigada — murmuro.

*Puxa-saco*. Eu me pergunto como Nik Grant foi criado, onde ele nasceu. A NiloCorp não ofereceu nenhuma dessas informações para a missão de captura. Mesmo que seus recursos de coleta de dados provavelmente saibam o que Nik Grant comeu no café da manhã em seu sétimo aniversário, operamos apenas com as informações necessárias.

Ainda assim, alguns antecedentes não precisam de uma descrição detalhada. Vejo seus dentes brancos perolados. Observei cada dobra cuidadosa que ele fez nas mangas enquanto olhava pela janela. Se sou puxa-saco da NiloCorp, de que infância confortável Nik Grant saiu para ter tais recursos como anarquista da NiloCorp?

A aeronave estremece, depois para. Um fraco “uhuu!” soa da cabine, sinalizando a presença de um terceiro membro da equipe.

Aterrissamos.

— Na hora certa. — Com outro truque de mãos, a arma desaparece em algum lugar dentro das roupas de Nik. Até Miz parece um pouco abalada, seus olhos piscando para confirmar o desaparecimento da arma. Ela começa a se aproximar de mim em um esforço para ajudar, mas estou de pé antes que ela possa fazer contato. Eu tiro a poeira dos meus cotovelos. Ela suspira, e então gesticula que pegou o canivete de Nik e estava vindo me soltar. Ofereço os pulsos, e a corda cai no chão com facilidade, permitindo meus movimentos.

Nik empurra a porta da aeronave. A noite espera lá fora, fria e violeta.

— Depois de você, soldada.

# CAPÍTULO 6
## LIA

Antes da Academia Militar do Nilo, eu já era muito exigente com minhas notas.

A escola primária particular em que meu pai me colocou não classificava seus alunos, então minha intensidade não era tão óbvia, a não ser pelas notas 100 perfeitas em meus testes. Não tive nenhuma abaixo de 95 na minha vida. Se eu tirava 98 em um dia ruim, chorava no banheiro e depois enxugava minhas lágrimas na hora em que Tamera vinha me buscar para me levar para casa. Naquela época, meu lar era o apartamento de Melnova, no Alto.

Meu pai geralmente ainda não tinha voltado quando eu chegava da escola, então eu me sentava na sala de estar e começava meu dever de casa. Sempre soube que a lei de Atahua exigia que eu frequentasse uma academia militar assim que me formasse no ensino fundamental. A lista oficial das cinquenta melhores escolas militares de Atahua nunca mudou. A Academia Militar do Nilo era consistentemente a número um, então era para lá que eu ia.

Fui diligente com meu plano. Eles começaram a nos dar avaliações na quinta série, e eu abria uma nova aba nas notas da minha tela só para estudar e manter uma agenda. Quando Tamera me via com o olhar vidrado, não era porque eu estava assistindo a um vídeo no *feed*. Eu estava sempre tentando resolver um problema antes que meus olhos ziguezagueassem para digitar.

Tamera só se desconectava depois do jantar. Ela voltava para a casa de Porto Seguro em Baixo, onde insistia que gostava de dormir. Porém, até ficar tarde, ela me fazia companhia em Melnova, no Alto. Ela me trazia lanches, depois cortava frutas para eu mordiscar. Pelo que descobri, Tamera também praticamente criou o papai, então ela sempre se comportava como

uma mãe, reclamando que ele precisava avisá-la quando voltasse do trabalho, para que ela pudesse começar a preparar o jantar.

Lembro da última vez que vimos o tio Chung naquele apartamento. Papai mandou avisar que estava a caminho. Quando a porta da frente se abriu, ele estava conversando, algo relacionado ao trabalho. Eu não estava prestando atenção. Não era um apartamento grande, então eles apareceram na minha visão periférica assim que entraram, mas eu tinha meu monitor sobreposto em 90 por cento de opacidade. Álgebra era um tópico com o qual eu tinha um pouco de dificuldade, e eu estava chegando muito perto de achar o X no problema mais difícil da lista.

— Oi, Lia — cumprimentou Chung.

— Oi — retribuí.

Papai entrou na cozinha. Chung tirou os sapatos.

— Lia — insistiu Chung novamente, e eu sabia o que estava por vir. Abandonei meu problema de matemática e pisquei para fechar a tela. — Gesso está para o osso assim como um grande gesto está para…?

Um momento se passou.

— Confiança — respondi.

Chung apontou um dedo para mim.

— Você está ficando muito boa nisso. Vou ter que pensar em alguns novos.

Ri.

— Quer dizer que suas máquinas não os inventam para você?

— As máquinas ainda não são tão inteligentes. Elas vão chegar lá.

Papai saiu da cozinha então, um copo de uísque em cada mão, um cubo de gelo perfeito alojado como uma boia no líquido. Ele passou um para Chung, liberando sua mão para bagunçar meu cabelo ao passar.

— Como está indo o dever de casa?

— Bem. — Olhei a tela novamente. — Acho que sou melhor em resolver analogias do que em achar o X.

— Isso é só porque eu passo muito tempo aqui. — A voz de Chung ecoou por cima do ombro enquanto ele seguia meu pai até seu escritório. — Faça seu pai ficar amigo de um matemático, e vai resolver sua vida.

Eu sabia o que o tio Chung fazia nos laboratórios ao lado do Capitólio. Sua área de estudo era modelagem de linguagem. Eu só batia na altura do cotovelo dele, então costumava me aproximar quando eles estavam

conversando e ficava lá até que ele me notasse e me trouxesse para a conversa. Sua pesquisa ajudaria nossos computadores a ficarem mais inteligentes. Era o que permitiria que mecanismos como o Tear reagissem mais rápido aos comandos. O financiamento era forte — investidores movidos pelo espírito da guerra fria. A corrida para dominar o mundo, no final das contas, tinha a ver com tecnologia. Atahua queria ser o país mais poderoso do mundo. Medaluo queria ser o país mais poderoso do mundo. Se nosso mundo era virtual, quem regulasse aquele espaço ganhava tudo.

Mas não confiavam no tio Chung. Eles o ignoravam em projetos. Não recebia dados sensíveis atahuenses com os quais pudesse trabalhar.

Tudo isso que ouvi, entendi, mesmo naquela idade. Depois de não ver o tio Chung pela casa por quase um mês, perguntei ao papai onde ele estava, para onde tinha ido. Recebi a mesma resposta, de novo e de novo, até que finalmente esqueci de continuar perguntando: “Não sei”.

— Você sabe que isso não vai contar pontos nas suas notas de participação, né?

Continuo me alongando no tapete de ginástica. Ouvi os passos de Kieren no momento em que ele entrou pela porta, embora tenha tentado ficar quieto. Ele queria me dar um susto, tenho certeza. Não me viro para encará-lo.

— Na verdade, quero que eles tirem alguns — digo. — Tenho muitos. É injusto com você.

— Com certeza, vão tirar quando virem a fechadura quebrada.

Giro então, minhas pernas ainda abertas. A academia estava fechada quando cheguei, cedo o suficiente para que o sol ainda não tivesse nascido. Mas eu realmente precisava entrar.

— A fechadura não está quebrada.

— Está arranhada, Ward.

— Não está!

A luz do dia só agora entra pelas janelas altas, com indícios de vermelho surgindo no horizonte. É difícil permanecer cansada no Alto. A falta de sono é mais um incômodo, porque nada está aberto e não tem ninguém por perto, do que um fardo para nossa saúde. Aprendi que, se eu aguentar os primeiros minutos grogue às 4:00 da manhã, estarei bem desperta em pouco tempo. Eu deveria saber que Kieren estaria acordado a essa hora também.

— Acho que ninguém vai olhar de perto — cede ele.

Kieren para na beirada do meu tapete e cruza os braços.

Nós dois estamos com roupas civis, preparados para sermos injetados no servidor de Medaluo. Mas, enquanto meu look é soltinho e folgado, copiando o que vi ser comum no *feed* para medanos da minha idade, Kieren ainda parece atahuense da cabeça aos pés, de calças de linho e uma camisa polo. Deve ter acordado ainda mais cedo do que eu: teve tempo de arrumar cada fio do cabelo.

Coloco-me de pé num salto.

— Aviso de cinco segundos.

— Absolutamente não — diz Kieren na mesma hora. — Minha camisa não estica.

— Parece papo de perdedor.

Ele já está tirando os sapatos, mesmo resistente.

— Lia, eu juro, se você rasgar minha camisa…

Eu ataco. Ele desvia do primeiro golpe que eu dou, mas foi só uma distração: minha mão esquerda sobe para bater na lateral de seu corpo, com força, marcando um ponto. Nós lutamos o suficiente ao longo dos anos para que ele conheça meus truques. A melhor maneira de vencê-lo é pegá-lo de surpresa.

Mesmo que não seja totalmente uma surpresa. Kieren se recupera rapidamente, partindo para a ofensiva quando se abaixa.

— Que trapaça — sibila ele, girando para trás. Eu mal consigo escapar. — Você não teria duas facas em uma situação real.

— Eu teria jogado minha única faca da mão direita para a esquerda… — Agarro seu pulso, optando por abraçar o golpe em vez de desviar. — … com um giro muito maneiro.

Eu rolo para o tatame, forçando Kieren a descer comigo. Ele não perde tempo e aproveita o momento. Assim que estou recuperando o equilíbrio, a base de sua mão faz contato com meu ombro e o arrasta para baixo, para marcar um ponto. Marco outro na parte interna de seu joelho quando ele se levanta.

Kieren se firma na cabeceira do tatame. Ele ergue as mãos para se render.

— Ok — diz ele. — Provavelmente estou sangrando até a morte neste momento.

Estreito meus olhos. Não acredito, mas mesmo meio segundo de hesitação é o suficiente. Kieren avança e agarra meu ombro com força;

quando minhas duas mãos sobem para se proteger do contato, seu outro punho arrasta em meu estômago, marcando um golpe incapacitante.

Eu bufo, empurrando-o para longe.

— Você sempre faz isso.

Kieren faz uma cara presunçosa.

— Vencer?

— Não — resmungo. Imito seus movimentos. Nunca é um golpe abrupto, mas um contato que se estende da esquerda para a direita. — Você arrasta a mão sempre que marca.

— Porque estou te cortando. É isso que estou praticando. — Ele desamassa as rugas em sua camisa. — É um método confiável para desarmar sem matar. Enfiar a faca pode atingir um órgão crucial ou romper uma artéria.

Esta é a primeira vez que realmente pergunto por que ele faz isso, embora eu tenha visto Kieren confiar nas mesmas manobras por anos. Suponho que, se há algum momento para perguntar, é agora. Estamos indo para nossa primeira tarefa de campo, a primeira vez em que os atos que praticamos em um tapete de treino podem ter alguma importância. Ainda é no Alto. Os serviços de emergência serão chamados automaticamente se alguém puxar uma faca. Mas isso não significa que não haverá outros tipos de violência se formos pegos perambulando por lugares onde não temos permissão de estar.

— Hum — resmungo, calçando meus sapatos de volta. — Não quer matar alguém que está tentando te matar?

— Se alguém estiver tentando me *matar*, aí sim eu vou esfaquear. — O olhar de Kieren fica vazio. Ele está verificando as horas. A manhã fica mais brilhante passando pelas janelas, vozes flutuando ao longo da trilha do lado de fora enquanto os dormitórios começam a acordar. — Mas presumo que a maioria das pessoas só esteja lutando para me pegar. A segurança fazendo seu trabalho. Agentes estrangeiros indo atrás do ativo. Oponentes encurralados. — Ele pisca, seus olhos se focando novamente. — Isso justifica um corte não letal, eu acho.

Não me surpreende ouvir o raciocínio de Kieren, mas ainda levo um tempo para processá-lo. É uma linha de lógica que parece distante na minha mente. Chegar ao fim da academia militar já é um desafio. Não tenho treinado meus instintos para o campo e as lutas que virão. Treino para ser excelente no presente. Golpes rápidos. Manobras certeiras.

— Quase na hora? — pergunto.

Kieren assente.

— Meu pai está nos esperando em seu escritório. A NiloCorp está aqui.

— Vamos lá, então. — Enrolo o tapete, empurrando-o para o lado. — Como me encontrou aqui, aliás? Sentiu tanto a minha falta que procurou pelo campus?

— Eu não conseguiria viver comigo mesmo se não maximizasse o tempo que passamos juntos hoje — entoa Kieren. — Mas não, este foi o primeiro lugar que procurei. Você é meio previsível.

— Tá, tá — murmuro. Ele também é, então isso não é um problema para mim.

No vestiário do lado de fora da academia, pego a mala que deixei perto da porta, e Kieren pega sua mochila. Caminhamos pela trilha até o Bloco A em silêncio, as rodas da minha mala fazendo barulho nas pedras irregulares. Algumas pessoas pressionam o rosto contra as janelas do dormitório para nos observar quando passamos, curiosos o suficiente para ficar boquiabertos. É só um posto antecipado para os dois cadetes que competem diretamente pela posição de orador da turma. Não há um terceiro candidato em nosso encalço: todos os outros da nossa classe ficaram para trás no segundo ano. Sem dúvida, quem receberá o medalhão na formatura será eu ou Kieren.

— Depois de você — diz Kieren, abrindo a porta do Bloco A para mim.

— Obrigada, você é muito gentil.

Ele me envia uma solicitação de gorjeta. Recuso a notificação na minha tela e, em seguida, envio a ele um emoji com meu rosto e mostrando o dedo do meio.

A porta se fecha atrás dele. Com aquele baque retumbante, nossos espectadores ficam isolados do lado de fora. Apenas os longos corredores administrativos à frente testemunham quando me viro para Kieren e digo:

— Então, sabe que eu conhecia nosso alvo de investigação?

Ele franze o cenho, então o suaviza em um piscar de olhos. Eu o observo cuidadosamente.

— Ah, é? — responde, casualmente. — Posso ter ouvido algo sobre isso.

O que significa que ele foi informado.

— Antes que pergunte — aviso —, não sei mais do que você. Não tenho nada útil para oferecer como informação.

Kieren mantém seu olhar à frente.

— Ainda bem que estamos sendo enviados para fazer novas descobertas, então.

Ele está atipicamente calmo sobre um assunto que eu pensei que ele gostaria de investigar. Se estivéssemos entrando em um posto conjunto onde Kieren era quem conhecia o homem desaparecido, eu estaria fazendo a ele todas as perguntas possíveis. Mesmo se Kieren não pudesse responder a nenhuma delas, eu pelo menos estaria seguindo o protocolo até esgotar minhas opções.

— Certo — digo. Não faço nenhum movimento para esconder minha carranca. Kieren gesticula para o nosso destino, me deixando prosseguir primeiro.

O escritório do diretor Murray está movimentado quando entramos. A NiloCorp enviou uma equipe inteira, pelo que parece, três circulando pela sala com seus computadores de mão e dois com óculos sobre os olhos. Conheço tecnologia o suficiente para poder entrar e sair do Tear, digitar minhas credenciais onde preciso e, ocasionalmente, solucionar problemas de carregamento. Não conheço tecnologia o suficiente para entender como eles vão nos injetar no servidor de Medaluo sem que Medaluo perceba.

Suponho que, como a NiloCorp é dona de toda a infraestrutura, pode fazer muita coisa.

— Oi, nerds.

A irmã gêmea de Kieren está esparramada na cadeira do pai, com os pés apoiados na mesa. Eu não saio com Hailey com frequência — é muito intimidador para Rayna, e ela é minha prioridade. Ainda assim, Hailey acena para mim com tanto entusiasmo quanto cumprimenta Kieren quando se senta.

O diretor Murray está do outro lado do escritório, olhando para o nada de uma forma que indica que está digitando em sua tela.

— Oi — diz Kieren. — Nós perdemos alguma coisa?

— Eles meio que não podem começar sem vocês — responde Hailey. — Tem sido muito anticlimático até agora.

Sua cabeça pende para trás no assento. Hailey Murray me lembra um pouco uma boneca de pano, e é totalmente incongruente com o resto de sua energia perspicaz. Ela conta ótimas piadas e tem um talento especial para quebrar a tensão em qualquer situação. Ela é perceptiva o suficiente para ser

sempre a primeira a ver alunos do primeiro ano pairando em volta da nossa mesa de almoço no começo do ano, e logo acena para eles se sentarem. Mas no dia em que a vir manter uma boa postura por mais do que alguns segundos, o mundo inteiro vai estar debaixo d'água.

— O que você esperava? — pergunta Kieren. — Um círculo de fogo se abrindo do chão?

— Isso provavelmente é uma ocorrência diária neste escritório — responde Hailey.

O diretor Murray não responde. Ele ainda está digitando. Naquele silêncio constrangedor, Kieren e Hailey trocam um olhar, então ambos reviram os olhos em completa sincronia.

A inveja espuma pela minha garganta, me força a desviar o olhar. Eu costumava desejar tanto ter uma irmã, alguém para me fazer companhia e dividir o quarto, para que pudéssemos fofocar no escuro e sussurrar segredos durante a noite. Em vez disso, ficava acordada só com o som dos meus próprios pensamentos, com minhas fixações incessantes e obsessivas sobre o que eu tinha feito de errado naquele dia, ruminando sem parar, até finalmente adormecer de pura exaustão mental. Eu queria uma irmã pela companhia, mas talvez só quisesse o mundo alternativo onde a irmã que eu poderia ter tido não havia morrido. Naquele mundo, eu não era uma filha substituta, era só a caçula. E talvez lá eu não tivesse esse peso esmagador e doentio no meu peito o tempo todo.

Abro minha tela. Meu cache deve ter sido limpo durante a noite, então, quando clico na minha aba de conversa com Rayna, nossas mensagens antigas estão arquivadas e não em exibição direta. Hora da verificação de identidade.

**LIA:** castor

Rayna já acordou — para o meu choque. Recebo uma série instantânea de respostas.

**RAYNA:** eca
**RAYNA:** bom dia, cadete!
**RAYNA:** baiacu
**LIA:** aliás, ouvi dizer que é muito bom

Nossa verificação de identidade no momento é um animal que estaríamos dispostas a comer. Ainda não ficamos sem exemplos. Funciona bem, porque estamos ficando cada vez mais bizarras com nossas respostas, e então qualquer uma de nós sentiria instantaneamente se a *vibe* mudasse. Os golpistas hoje em dia são muito sofisticados — estão raspando dados vendidos do *feed* e roubando dos milhares e milhares de catálogos que a NiloCorp armazena de nossa atividade no Alto. A NiloCorp sabe tudo sobre nós e, como subproduto, se eles pegam um funcionário desonesto que quer fazer um bico vendendo informações para a empresa de IA de alguém, não há praticamente nenhuma maneira de distinguir entre sua melhor amiga real e um robô que analisou todas as escolhas verbais dela.

Eu suponho que nada é infalível, mas isso chega perto.

**LIA:** no escritório do diretor murray agora com todos os murrays
**LIA:** assustador
**RAYNA:** deus me livre, mas quem me dera
**LIA:** não foi isso que eu quis dizer
**LIA:** e eca??
**RAYNA:** ugh, não o diretor, obviamente. nojento

— Vamos repassar tudo mais uma vez, certo? — sugere o diretor Murray, piscando para fechar sua tela. Faço o mesmo rapidamente, minimizando meu bate-papo com Rayna e esperando que ninguém perceba minha desatenção. — Depois que vocês estiverem instalados no servidor medano, não poderemos tirar e colocar vocês de volta sem acionar a segurança deles, então terão que viajar no Alto de Medaluo usando seus próprios meios. Um cartão virtual foi anexado às suas credenciais, tudo o que gastarem nele será reembolsado no final do posto.

— Vamos viajar para além de Marsup? — pergunta Kieren.

— Difícil dizer — responde o diretor Murray. Há muito pouco calor na resposta, nenhuma atenção extra para indicar que é o próprio filho que ele está prestes a enviar em uma missão longa. Em vez disso, ele fala diretamente comigo. — Depois que entrarem no servidor, um posto avançado da NiloCorp entrará em contato. Eles serão seu melhor ponto de contato para a missão.

As instruções diziam que ainda seria possível se comunicar com Atahua enquanto estivéssemos no servidor medano. Espero que isso signifique que posso continuar a ligar para o papai sem aparecer nos sensores.

De repente, recebo uma chamada no meu visor. O avatar do papai aparece, como se meus pensamentos o tivessem invocado.

— Meu pai está me ligando — digo, desconfortável em interromper o resumo. — Tudo bem se eu…?

O diretor Murray olha para um dos engenheiros.

— Alguma estimativa de quando estaremos prontos?

— Tempo suficiente para atender uma chamada. Tranquilo — responde o engenheiro. Ele deve enxergar bem sob os óculos de proteção pesados, porque me oferece um sinal de positivo. Medaluo espera cadetes entrando em seu servidor na mesma época todos os anos, quando a temporada de provas finais chega, então fazem o possível para reforçar a segurança. Mesmo dentro da NiloCorp, leva um segundo para encontrar as portas dos fundos.

— Tudo bem — concorda o diretor Murray. — Vá em frente, Lia. Acho que cobrimos tudo.

— Obrigada. Vai ser rápido. — Aceito a ligação. — Oi, pai.

— Lia, que bom que consegui falar com você. Já vai começar seu posto?

— Sim. — Eu troco o peso de um pé para outro. — Desculpe por não poder voltar para casa ontem à noite.

Papai suspira do outro lado da linha. Há um leve eco. Ele provavelmente está andando de uma reunião a outra no Capitólio, sob seus tetos altos e por seus corredores cavernosos.

— Com sorte, vai terminar o posto rápido e então ter um tempinho para relaxar em Melnova antes da formatura.

É legal a fé que ele tem em minhas habilidades.

— Ah sim, vou num pé e volto no outro — digo.

— Para o que você foi designada?

Meus olhos se erguem rapidamente. O diretor Murray está me observando, seu olhar não mais perdido na própria tela. Não há ameaça em sua expressão, mas vejo um aviso presente do mesmo jeito. Não devemos divulgar detalhes, nem mesmo para nossos pais. Confidencial é confidencial.

— Só uma investigação. Não posso dizer muito.

— Uhum. — Imagino papai concordando do outro lado. Ele não costuma ser uma pessoa emotiva, mas sei a diferença entre um *uhum* apático e um *uhum* curioso. Este é o último.

— Acho que estamos prestes a entrar agora — digo. — Obrigada por ligar.

— Tudo bem. — Ele faz uma pausa. — Se precisar de mim, estou sempre aqui, ok?

O sentimento me pega de surpresa. Não é que eu duvidasse; papai nunca me afastou ou me ignorou de propósito. Mas há algo de antecipatório em um comentário como esse, uma necessidade presunçosa de provar a si mesmo para que eu não esqueça.

— Ok — respondo. Não sei mais o que dizer. — Te amo.

— Também te amo. Boa sorte.

— Tchau, pai.

*Clique*. Embora a linha caia, mantenho a janela aberta um pouco mais, observando meu registro de chamadas registrar a troca. Há um novo zumbido na sala. Parecem ventiladores em miniatura dentro dos óculos dos engenheiros.

— Eu estava pensando… — começa Hailey, chamando a atenção do pai — se isso significa que posso faltar à aula hoje.

O diretor Murray franze a testa.

— Não sei por quê.

— Apoio emocional para Kieren. Preciso estar à disposição.

— Hailey. Essa não é uma razão legítima para faltar à aula.

Kieren bufa baixinho. Só eu estou perto o suficiente para ouvir o som. Insatisfeita com a falta de permissão, Hailey muda de tática para argumentar que o diretor Murray tem sorte de ela ter pedido a ele primeiro.

Para gêmeos, é justo que Hailey e Kieren não ajam parecidos, mas é quase bizarro o quanto eles não se parecem em nada também. O cabelo curto de Kieren é escuro como pó de café grosso, seus olhos são castanho-claros. Os de Hailey são azul-celeste, seu rosto inteiro é sardento e seu cabelo ondulado clareia para um loiro sujo. Eles não se parecem entre si, mas compartilham uma semelhança abstrata com modelos de catálogo que foram photoshopados até a morte. Muito simétricos. Muito imaculados.

— Quanto tempo mais? — pergunta Kieren ao engenheiro-chefe.

— Depende de onde seu arquivo de usuário está no sistema — responde o engenheiro. — Assim que eu o isolar, a gente começa.

Kieren apoia as mãos nos quadris. Ele balança o braço. Seu cotovelo bate no meu.

— Onde vamos nos encontrar?

Olho para ele sem expressão.

— Em Marsup — esclarece Kieren. — O hackeamento vai definir de forma aleatória nossa entrada em qualquer plataforma de pouso dentro dos parâmetros da cidade. Se nossos avatares se separarem, devemos decidir agora onde nos reuniremos.

— Ah, é — digo. — Eu ia falar sobre isso também.

Kieren bate o cotovelo em mim novamente para mostrar que não acredita. Eu o bato de volta com a mesma força.

— Que tal a estátua do premiê? — sugiro.

— É um ponto turístico. Muito movimentado.

Quando estivermos ambos lá dentro, teremos os mesmos privilégios de servidor e poderemos enviar mensagens diretamente de novo.

— E daí? Só manda uma mensagem dizendo onde você foi parar.

— Pesadelo sensorial, Ward.

Ok, tudo bem.

— Que tal o Buraco da Estrela?

O Buraco da Estrela é uma vala na fronteira de Marsup, onde a cidade urbana começa a se transformar em vilas mais esparsas. Depois que um asteroide minúsculo atingiu a fronteira lá, ele recebeu atenção massiva da mídia por se assemelhar a uma estrela, até que o governo medano o isolou. O Alto o recriou diligentemente, a vala grande o suficiente para ser captada pelos satélites.

Kieren aponta para o próprio rosto.

— Eu acho que deveríamos ficar no centro da cidade, onde os turistas costumam ficar.

— Muitos atahuenses visitam o Buraco da Estrela.

— Um turista atahuense viralizou no *feed* porque pichou uma mensagem grosseira no Buraco da Estrela e foi jogado na prisão por duas semanas. Não quero ser levado embora antes mesmo de começarmos nossa tarefa.

Irritada, abro um mapa na minha tela. Ouvi as notícias sobre o turista porque Teryn Moore as compartilhou no *feed*, e li rapidamente para poder

contribuir com um comentário. Não preciso que Kieren me conte a respeito.

Dou zoom em uma rua aleatória no centro de Marsup.

— Café dos Amantes, na Rua Azul-celeste — leio em voz alta, identificando o primeiro estabelecimento avaliado com mais de três estrelas. Um segundo depois, o arrepio quente no meu pescoço se espalha para o meu rosto. — Hã, mas…

— Tudo bem por mim. — A expressão de Kieren permanece neutra.

— Ótimo — confirmo.

— Ótimo.

— Ótimo…

— Beleza! — declara o engenheiro alegremente. — Cadete Lia, feche os olhos.

Isso é inesperado.

— Boa sorte! — canta Hailey da mesa.

— Peraí — digo. — Por que eu tenho que fechar…

Meu mundo inteiro entra em curto. Os pixels se esticam; as cores sangram. Giro, tentando recuperar algum senso de direção e, em vez disso, causo em mim mesma uma vertigem severa em um vazio de nada. A ausência extrema se estende até onde pode, permeando trezentos e sessenta graus ao redor da minha forma física.

Preciso respirar. Preciso lembrar que não tenho forma física aqui. Eu sou um avatar, e se algo der errado, alguém só precisa arrancar a Garra da minha cabeça lá em Baixo para que eu possa existir novamente.

As afirmações não ajudam a aliviar meu pânico. Não mudam a forma como meu mundo se deformou. Nem reprimem a sensação de estar à deriva.

Fecho meus olhos com força. Isso piora tudo. De repente, estou completamente em queda livre, e quando meus braços se agitam e minhas pernas chutam, não há nada para me segurar.

*Por favor*, imploro ao sistema. *Por favor, não me perca*.

Meus pés de repente encontram solo firme. A presença abrupta abaixo de mim é súbita o suficiente para que um choque percorra meu corpo e suba pela minha espinha, elétrico ao fazer contato.

Meus olhos se abrem.

Um lindo abismo.

Estou olhando para o mar noturno, as ondas brilhando com luz neon. A barragem da orla de Marsup. Estou aqui. Estou no servidor. As cores brilham no preto infinito, e eu giro, sobressaltada, procurando pela cidade.

Eu bato diretamente em outra pessoa que acaba de entrar na plataforma de pouso. A mulher me lança um olhar estranho.

— O que você está fazendo? — pergunta ela em medano.

Levo um momento para registrar a troca de idioma. Um momento para analisar completamente as palavras, para deixar anos e anos de aulas e prática se juntarem em um instante, para lembrar que “a unidade de hoje é sobre começar uma conversa! A primeira coisa que vamos abordar é o infame ‘O que você está fazendo?’, que, sim, é coloquial e pode ser uma expressão de preocupação, para perguntar se você está bem…”.

— Nada, nada — respondo, revirando os ombros. As roupas do meu corpo vieram comigo. Minha mala… não. Devo tê-la largado antes de ser removida do servidor de Atahua. — Estou bem.

A mulher levanta uma sobrancelha.

— Toma cuidado — aconselha ela, me empurrando de leve para fora da plataforma. — Não demore muito, para não colidir com ninguém. Tem certeza de que não precisa de ajuda?

— Eu… — Olho por cima do ombro, assustada. Várias outras pessoas se materializaram na plataforma de pouso durante nossa curta conversa, vestidas com uma variedade eclética de roupas casuais e de festa informal. Elas saem correndo dos degraus assim que aparecem. Em uma fila um tanto organizada, seguem em direção ao centro da cidade, onde as luzes são brilhantes o suficiente para manter toda a faixa do aterro iluminada vividamente.

As ondas quebram contra o aterro de concreto. Abro meu visor, verificando as horas. 20h52.

— Estou bem — respondo, finalmente arrancando as palavras da minha garganta.

Minhas notas de prática na aula de medano foram instáveis durante minhas primeiras semanas na academia. Eu sabia muito bem como pronunciar certas palavras, mas fingi incompetência. Achei que isso me tornava mais atahuense.

Assim que vi quais seriam minhas pontuações previstas nos testes, recuperei o controle bem rápido.

A mulher não parece muito convencida com minha resposta, mas ela concorda e vai embora. As pessoas em Marsup são ocupadas. Os tempos de carregamento são rápidos como um raio, e as vitrines estão sempre abertas. Eu cambaleio até a barragem, em direção à cidade iluminada.

Ela definitivamente pensou que eu estava drogada. Os medanos estão acostumados à experiência de logar e deslogar, pois têm uma quantidade de usuários diários muito maior do que Atahua. Embora eu esteja particularmente acostumada a ficar virtual por um mês de cada vez, por causa da academia, muitos atahuenses comuns também têm uma assinatura mensal. Em Medaluo, a maioria dos usuários não paga antecipadamente como nós: eles entram quando precisam — seja durante o dia, com seus empregadores compensando a taxa, ou depois do trabalho para a vida noturna — e são cobrados de acordo.

Eu pisco, mantendo o cuidado ao ativar os recursos do sistema. Quando meu visor se sobrepõe, me mostra um perfil que parece idêntico ao que vejo em Atahua, exceto pelo pequeno número de série de um visto falso que acompanha minha foto. Os rastreadores de dados no Alto registrarão minha presença como turista de Atahua. Outros avatares olhando para meu rosto presumirão que sou uma medana comum, cuidando de sua vida cotidiana.

O pequeno ícone da caixa de entrada no canto do meu visor não pisca, marcando todas as minhas mensagens como lidas. Então, diante dos meus olhos, vejo as notificações se acumularem de um modesto 1 a 5 para um preocupante 12 em poucos segundos. Tenho certeza de que deve ser um erro, até clicar e perceber que são só anúncios. O primeiro é de um ônibus turístico de IA que sai de Marsup todos os dias para embarcar em uma aventura pelo país. O próximo é de um cassino. Então, o aviso “Compre um, leve outro grátis” de um restaurante.

Isso é ridículo. Silencio firmemente as notificações para todas as mensagens, exceto as de pessoas listadas em meus contatos. Então, navego até meu diretório e encontro o perfil de Kieren.

**LIA:** oi sumido
**LIA:** brincadeira rsrs, já te deixaram entrar?

Fecho meu visor. Ele vai responder quando der. A orla é fria, definitivamente codificada para estar a vários graus abaixo do resto da

cidade, e eu resisto a um arrepio, passando as mãos para cima e para baixo nos meus braços. Não acredito que estou aqui.

Marsup está iluminada em todas as cores imagináveis aos olhos. Saio da área da barragem, cruzando a rua até o sinal verde para pedestres. Os veículos autônomos esperando no semáforo são todos táxis, pintados de azul para indicar sua função. Ninguém olha para mim duas vezes, o que é um alívio depois do comentário daquela mulher. Um cachorrinho late do outro lado da rua. Quando passo, o dono sorri para mim, puxando a guia. A maioria dos cachorros de verdade em Baixo está morrendo, seja de fome ou abandono. As pessoas não veem diferença, de qualquer maneira. Se a vida real deles é vivida no Alto, então aquele cachorro virtual é tão real quanto qualquer um de carne e osso mantido em Baixo.

Chego à estrada principal. Hologramas descem das portas, ásperos e erráticos dependendo do que estão anunciando. Olho para um lado, depois para o outro, e não importa se estou me movendo de forma estranha, porque não me destaco. *Não me destaco*. Meu rosto se mistura, minhas feições se assemelham às de todos os outros, e eu poderia berrar alto no meio da estrada e iam ignorar e esquecer em segundos. Sou apenas uma medana em Medaluo.

— Uau — sussurro em voz alta, olhando para minhas mãos. Elas brilham sob o verde da farmácia 24 horas, depois o rosa da entrada do trem subterrâneo. Não bebo, mas se bebesse, imagino que essa seja a sensação que as pessoas sempre buscam, calor suficiente saindo do estômago para que a percepção do mundo fique desequilibrada.

Talvez seja só isso. Talvez seja por isso que fui afligida pela Síndrome de Wakeman, teimosamente em desacordo com a natureza da minha realidade. Meus olhos rastreiam os avatares passeando pelas ruas, os casais se abaixando sob o holograma de um dragão, os amigos de braços dados a caminho de um bar. Eu paro bem no centro da rua, avistando uma rede de *fast food* que Atahua também tem, e então aquela sensação no meu estômago de repente sobe para o peito, transformando-se um desconforto quente.

Em Atahua, minhas opções são cursar uma escola militar para uma carreira que eu possa escolher, ou algo mediano que me empurre para uma existência miserável. Em Atahua, cresci passando todos os dias tentando ser a melhor, e em vez disso… eu poderia ter simplesmente *existido*.

— Show de comédia, senhorita?

Eu tomo um susto. Um homem com um chapéu iluminado me oferece um panfleto, e eu o aceito. No momento em que leio a primeira linha, praticamente tenho que enfiar meus olhos de volta nas órbitas pelo preço do ingresso.

— Muito obrigada — digo, já indo embora. — Vou considerar.

Eu dobro o panfleto. Poderia ter existido feliz no Alto de Medaluo, assistindo a shows de comédia no meio da multidão sem me destacar, mas provavelmente estaria em Baixo, me aproximando de uma morte prematura com o próximo desastre climático ou vírus que atacasse meu sistema imunológico. Ninguém quer admitir, mas o Alto se tornou popular no começo porque as populações sem-teto estavam ficando incontroláveis. Era impossível navegar pelos centros urbanos passando pelos corpos caídos, barracas improvisadas e cheiros — e já que o governo se recusava a fazer algo a respeito, as pessoas escolhiam a opção egoísta, a opção fácil, a opção bonita. Elas construíram outro mundo e fugiram.

Minha fantasia se dissolve, pouco a pouco, enquanto continuo pela avenida principal. Papai e Mallory me adotaram em Atahua, não em Medaluo. Estou sonhando com uma vida que nunca teria sido oferecida a mim. Eu deveria me considerar sortuda por ter ganhado uma casa confortável em troca de alguns ataques de delírio e ansiedade.

Minha tela se acende com uma notificação.

**KIEREN:** [voz de hacker] Estou dentro.

Eu bufo.

**LIA:** chego no café em 20, a caminho
**KIEREN:** Aterrissei um pouco mais ao norte. Achando o metrô agora, levo 30.

Respondo com um joinha e mantenho meu visor aberto, deixando o mapa me direcionar. O Café dos Amantes é um estabelecimento térreo localizado dentro de um arranha-céu que é usado para negócios corporativos. Eu já estou na Avenida Avelã Oeste, então devo fazer mais uma curva antes de seguir a oeste para a Rua Azul-celeste.

Eu viro a esquina, cantarolando baixinho. É então que uma pequena notificação de triângulo de advertência aparece na parte inferior do meu visor, o que eu nunca vi antes. Deve ser algo permitido apenas pelas configurações do servidor de Medaluo. Há muitas notificações que a Atahua proíbe por privacidade.

Eu abro a notificação, franzindo a testa.

**Um usuário desconhecido vem seguindo você por 0,96 km.**

# CAPÍTULO 7
## EIRALE

Um táxi autônomo espera do lado de fora do helicóptero, suas portas frágeis escancaradas.

Dou um passo à frente. Meu joelho ameaça dobrar, e eu paro, suprimindo o tremor. A noite recém-caída é fria. Esfumaçada. Um manto cinza paira sobre a cidade no horizonte, um filtro varrendo os prédios para impedir que suas linhas e luzes tomem forma. Quase esfrego meus próprios olhos, como se isso pudesse clarear a imagem.

— Vá em frente — sugere Nik, atrás de mim.

A grama roça, viscosa e úmida, em meus tornozelos enquanto caminho. Nik grita um aviso sobre minha cabeça quando chego ao táxi de nove lugares, mas eu o ignoro, me arrastando para dentro sem prestar atenção em quanto espaço resta entre o topo da minha cabeça e o teto do táxi. Sinto que ele roça meu cabelo. Uma leve camada de manchas de tinta azul me segue até a parte de trás, grudando nas pontas dos meus dedos. Limpo tudo, então passo meus dedos pelo cabelo, torcendo-o para cima.

— Posso pegar uma caneta?

Miz me segue até o táxi primeiro. Ela está franzindo a testa, carregando duas sacolas.

— O quê?

— Uma caneta — repito. — O dispositivo cheio de tinta que é usado para escrever.

— Eu sei o que é uma caneta — murmura ela, enfiando a mão no bolso. — Já fui esfaqueada por uma caneta antes, já aviso de antemão. Não vai me surpreender.

Apesar de suas palavras, ela me entrega uma caneta fina do bolso. É uma daquelas descartáveis de plástico que vêm com cartões de raspadinha de loteria no supermercado, a outra ponta é uma placa de metal sem ponta para raspar o cartão.

Sem dizer nada, pego a caneta e a enfio no meu cabelo para prendê-lo. Miz continua desconfiada, mas ela desliza pelo assento, chamando por alguém chamado Blare.

O terceiro membro da equipe deles caminha penosamente pela grama com mais duas sacolas e para com uma perna apoiada dentro do táxi para se equilibrar. Eu pisco. Sabia que devia haver outra pessoa pilotando o helicóptero. Não esperava uma *criança*, ainda com cara de bebê e o tipo de suavidade que os alunos do primeiro ano da academia possuem antes que os exercícios matinais os transformem em cadetes de pedra.

— Mas como assim? — pergunto em voz alta.

Blare olha para mim em pânico.

— Eu sou agênero! — elu deixa escapar.

— Eu… — Minha perturbação dá lugar à confusão. — O quê?

Nik aparece atrás delu.

— Blare está tendo algumas revelações sobre gênero ultimamente. Por favor, não incomode elu com isso. Blare, entre, vamos.

Minha boca abre e fecha. Blare carrega as sacolas com esforço, então entra no carro, acomodando-se ao lado de Miz.

— Vou adicionar trabalho infantil à sua lista de crimes — digo a Nik.

Ele bate a porta deslizante.

— Isso é uma discriminação contra oportunidades iguais de emprego.

— Tá de brincadeira? Por favor, me diga que é brincadeira.

— Claro que é brincadeira. E não é trabalho infantil se for voluntário.

Isso é descaradamente falso.

— Quantos anos você tem? — pergunto para Blare. — Treze?

Elu se encolhe, levantando os ombros.

— Talvez!

Eu me viro para Miz.

— Vocês colocaram um adolescente de treze anos para pilotar o helicóptero?

— Ele estava no piloto automático o tempo todo. Ninguém usa voo manual para uma viagem intercontinental — responde Miz, mexendo nos óculos em seu colo. Ela os tirou do bolso para limpá-los. — E, além disso, sou eu quem geralmente supervisiona o transporte. Mas imaginei que era melhor colocar Blare no controle de voo do que arriscar deixar elu perto de *você*.

Eu resisto a um bufo. Certo, tentei começar uma briga no helicóptero. Quem sabe; talvez eu tivesse me comportado se soubesse que havia uma *criança* presente. Blare deveria estar indo para a escola e rolando o *feed*, explorando os limites ilimitados da expressão de gênero. Não andando por aí com anarquistas.

— Deixe elu em paz — pede Nik novamente. — Você é a única que está aqui contra a vontade.

Eu cerro os dentes. Nik lança um olhar rápido e verificador sobre mim, como se esperasse que eu retrucasse seu comentário irreverente, mas não digo mais nada. Meus próprios anos escolares foram nebulosos. Eu não tinha amigos na academia. Havia cadetes como Teryn, que eu conhecia, mas eu sentava sozinha no almoço e não pedia as anotações de ninguém emprestadas. Não era incomum na academia militar — muitos de nós éramos realistas, bem cientes de que estávamos apenas passando por esses anos para sermos enviados e sacrificados na linha de fogo. Eu mesma me fiz companhia. Ficava no meu dormitório pesquisando coisas idiotas no *feed*, como "o q é ser uma garota?" "vc pode ser não binário e continuar usando ela/dela?" "é problemático usar ela/elu só para sinalizar às pessoas que sua identidade de gênero é um pouco estranha, mas vc não precisa necessariamente ser elu/delu?"

O motor do táxi liga sozinho. Ninguém se junta a mim na parte de trás, onde os três assentos se misturam em um. Depois dos assentos vazios do motorista e do passageiro da frente, há quatro no meio — dois a dois, um de frente para o outro, com um corredor entre eles. Nik se acomoda no lado esquerdo. Miz, em frente a ele, colocou os óculos: ela está se conectando ao táxi para dar instruções. No lado direito, a atenção de Blare permanece firmemente em suas mãos, como se eu fosse repreendê-lu se fizermos contato visual mais uma vez.

Nik e Miz parecem exatamente o tipo de pessoas que seriam insurgentes da sociedade: os prováveis rebeldes que iriam contra a NiloCorp, contra nosso modo de vida aceito. Blare não. Blare pode se transformar em mim daqui a cinco anos.

Não que o eu de agora seja lá muito admirável.

Cruzo meus braços firmemente, inclinando meu corpo para encarar a janela. Pousamos em algum lugar ao norte, nos limites externos de Marsup. O helicóptero permanece estacionado nas colinas enquanto o táxi se afasta.

Ou alguém está chegando para buscar a aeronave, ou ela foi roubada e seu uso acabou.

A fumaça penetrante segue em nosso enlaço enquanto o táxi estremece em uma estrada de cascalho, ganhando velocidade. Nenhuma fonte específica contribui para a qualidade do ar esta noite. Nos arredores, as fábricas sempre obstruem os céus até que fiquem viscosos. Há poucos postes de luz à frente, mas o táxi autônomo não precisa de nada além de seus próprios sensores, avançando rapidamente.

— Ok. — Com esforço, Nik se levanta e se joga no assento longo ao meu lado. Eu enrijeço, me afastando sutilmente alguns centímetros. — Atahua está caçando você pelo país inteiro, então é do seu interesse ficar escondida conosco. Se você for pega, será presa sem provas. Não me culpe se isso acontecer. — Ele tira algo do bolso e joga em mim. Parece um curativo de acne. — Coloque isso na sua testa. Vai atrapalhar a vigilância.

Eu obedeço sem protestar. O pior que pode acontecer é uma espinha na minha testa.

— Diga o que você quer de mim — digo, sem expressão. — Vamos resolver isso o mais rápido possível.

— Obrigado pelo entusiasmo, soldada. Eu sabia que você mudaria de ideia.

Isso é desconcertante.

— Há um programa do governo medano dividido em três arquivos em três locais — começa Nik. Seu jeito é indiferente. Quase entediado. — Uma quantidade enorme de dados, e ultrassecretos. As redes de inteligência em Medaluo e Atahua foram informadas de que os arquivos foram excluídos. Queremos roubar esses arquivos antes que a verdade venha à tona, pois foram apenas escondidos.

Faço um rápido cálculo mental sobre o ano letivo e o mês atual. Ele bate. A Academia Militar do Nilo estará se preparando para enviar a mais nova turma de formandos em suas designações de provas finais. Eu apostaria qualquer coisa que eles vão se envolver. O governo atahuense adora terceirizar tudo para a NiloCorp, e a NiloCorp adora usar seus cadetes em treinamento.

— E qual é o programa? — pergunto.

O táxi fica em silêncio. Miz aperta os olhos de maneira exagerada sob os óculos, fingindo não estar ouvindo. Blare ainda está olhando para o colo,

mas agora ainda mais desconfortável, encolhendo-se no assento.

— Não importa — responde Nik. Embora ele estivesse me observando antes, seus olhos dispararam para a janela. Eles refletem as formas em movimento, o neon azul à distância. Passamos por moinhos escuros e *outdoors*, carros abandonados e casas caindo.

— Claro que importa.

— Tá bom — retruca ele. — É confidencial para você agora.

Além de bombardear as propriedades da NiloCorp, o segundo comportamento mais prejudicial de Nik é sua insistência em espalhar um slogan comum em seus sites: *Indisposição é real*. Indisposição foi desmascarada. É algo que costumava ter força apenas em fóruns anônimos, a ideia de que a NiloCorp possui malware capaz de infectar um usuário no Tear e destruir sua mente.

Desde Nik Grant, no entanto, a ideia vem se enraizando entre as massas. Algumas pessoas estão ficando com medo de fazer *login*, alegando que podem ficar indispostas ao dizer a coisa errada. É ridículo. Ele está claramente trabalhando com teorias da conspiração, então quem sabe que outras informações falhas usa ao montar suas missões.

Suspiro, cruzando os braços.

— Como eu vou te ajudar sem saber o que você está procurando? — Se é que esse programa sequer existe, para começo de conversa.

— Você vem junto. Nós te avisaremos quando precisarmos que você opine.

— Você — sibilo, pingando de ódio — arruinou minha vida para me fazer *opinar*?

Nik coloca a mão no bolso. Por um momento, tenho certeza de que ele vai me atacar novamente. Preciso me preparar para ficar na defensiva. Encontrar o objeto contundente mais próximo que possa me ajudar a lutar.

Ele só puxa seu dispositivo portátil. Não tenho ideia de quando ele migrou de sua bolsa para seu bolso. Eu definitivamente o vi colocá-lo no bolso da frente antes.

— Aqui estão as plantas de cada local que contém o arquivo. Marsup. Tresci. E Kunlun.

A tensão em meu corpo muda completamente, encontrando um novo alvo.

— *Kunlun*?

— Não se preocupe muito com Marsup e Tresci. Esses arquivos estão escondidos em seus centros de dados nacionais. — Ele está fingindo que não ouve meu choque. — Vai dar um pouco de trabalho, mas é possível invadir.

Apesar de tudo, pego o computador de mão e aumento o PDF na tela. Nik me observa como um falcão, rastreando cada movimento do meu dedo. Eu trato isso como se estivesse olhando para uma nova missão: preciso entender as instruções antes que a NiloCorp nos dê o ambiente em realidade mista para treinar. Acho que esses testes práticos na base são mais difíceis do que a missão real. Meu desempenho é melhor se eu tiver memorizado os detalhes antes de entrar, mesmo que isso não me diga o que esperar quando eles recriam nossos locais de destino até o código hexadecimal do grafite. Eles nos pedem para desenrolar todos os cenários mais prováveis nessas salas de realidade mista, mas, metade das vezes, o cenário mais provável é só o primeiro. Nem toda missão é tão difícil quanto capturar Nik Grant. Normalmente, estamos só protegendo oficiais de alta prioridade entrando em Cidade-Botão ou transportando mercadorias críticas. Não há necessidade de um teste dois, ou quinze. Uma vez, perguntei a Teryn se também sempre estavam testando sua velocidade de reação a outra unidade de soldados da NiloCorp atacando-a, e ela olhou para mim como se eu tivesse enlouquecido. Os engenheiros na base projetam cada experiência para ser única para o soldado, trabalhando com instruções do teste anterior sobre quais são nossas piores falhas e, por qualquer motivo, realmente querem que eu esteja preparada para ser emboscada por uma unidade inimiga. Não consigo nem imaginar o porquê. Nunca encontramos nada parecido em uma missão real.

— Não sei por que você está me mostrando isso — comento o óbvio. — Você já tinha o plano em andamento antes de me incriminar. Suspeito que saiba como entrar nessas instalações.

O centro de dados de Marsup é um prédio enorme que se estende por várias alas em um campo. Apenas uma entrada, o que significa passar por uma catraca de triagem de pessoal, fechaduras nas salas e senhas de acesso ao servidor. Tresci não é tão ruim: é um prédio menor com mais saídas. Pode ser mais difícil se mover pela cidade sem levantar suspeitas da vigilância governamental. Tresci é a “Terra das Três Cidades”, o principal

centro do país, aonde todas as estradas levam e de onde todas partem, altamente vigiadas e rigidamente governadas.

Tento devolver o dispositivo portátil. Nik não o pega, apesar do olhar cuidadoso que mantém em minha mão. Ele estica o braço e desliza para o terceiro PDF que carregou para mim.

Olho para baixo.

— Ah, claro — digo. — Hilário.

— Estou te mostrando isso porque essas são as únicas plantas que temos para Kunlun.

É uma foto minha. Minha foto de identificação como contratada da NiloCorp. Eles tiraram no hospital, uma semana depois que eu acordei, para que pudessem começar meu registro. Pareço atordoada e desgrenhada, com inchaço visível ao longo do meu maxilar, sem nem saber em que ano estávamos, muito menos o que eu tinha encontrado no virtual. Meu corpo não deveria sofrer nenhum dano enquanto eu estava no Alto realizando minha prova final, mas o soro de nutrientes havia se rompido quando eu tive uma convulsão, e os nós no Pod não conseguiram acomodar a quantidade frenética de atividade acontecendo. Disseram que tive sorte de sobreviver. E também que tive sorte de só perder um bocado de memórias.

Eu empurro o dispositivo portátil de volta.

— Você disse que leu meus arquivos.

— Sim.

— Os arquivos censurados no banco de dados da NiloCorp.

— Correto — responde Nik.

— Então você já sabe — digo. — Não me lembro de nada sobre Kunlun.

Não são apenas minhas memórias de hackear Kunlun que viraram um grande vazio. É tudo o que veio antes também, o momento em que fui injetada no servidor de Medaluo. Não consigo lembrar como me infiltrei em Kunlun. Eu poderia especular: embora Kunlun não tenha um equivalente físico no Baixo, os servidores que armazenam suas ruas, seus edifícios, seus dados estão em Frontex — “Terra da Fronteira Exterior” — na extremidade norte de Medaluo, onde Kunlun foi criada. Se há algum lugar de onde faz sentido hackear Kunlun, é Frontex.

Mas é aí que toda a minha especulação se desintegra. Frontex e Kunlun, no Alto, são duas cidades separadas. Ninguém na NiloCorp quis me explicar como eu consegui passar de uma para outra. É melhor que eu não

saiba, de fato, para poder evitar justamente situações como essa: ser mantida sob coação por anarquistas para levá-los a locais altamente seguros.

— Não importa. — Nik guarda o dispositivo portátil. — Começamos o trabalho em Marsup, de qualquer maneira.

Eu não entendo. Nik e sua equipe fizeram todo esse esforço para me levar em sua missão. Eles mataram um homem, arrastaram meu nome na lama, botaram o governo federal de Atahua atrás de mim.

E aí ele parece nem se importar sobre se eu posso ou não os ajudar. Não faz sentido.

— Você sabe de algo que eu não sei?

É a vez de Nik se assustar. Por um breve momento, o pânico paira sobre sua expressão, e é uma mudança bem-vinda da frieza indiferente e *blasé* que ele tem usado até então.

— O quê?

— Sabe de algo — repito — que eu não sei? No avião, você disse que estava procurando por alguém que se perdeu, e me perguntou sobre o nome "Sullivan". De repente, deixou isso de fora dessa explicação.

— Eu não disse que se *perdeu* — murmura ele. — Só estava checando algo. Você não sabe, então deixei de fora.

— Eu tenho dez semanas de memórias perdidas — rebato. — Se não sei, posso simplesmente ter esquecido. Me diga o que você estava checando.

— Apenas não tem relevância, se o nome não parecer familiar.

— Como assim…?

O táxi dá um solavanco, sacudindo o veículo inteiro. Meu olhar se volta para Miz. Ela assumiu as capacidades de direção autônoma só para fazer isso de propósito.

— Estamos nos aproximando da cidade — anuncia ela. No meio-tempo em que desviei o olhar da janela, o carro entrou em uma estrada principal. Ele dirige paralelo a uma rodovia acima, onde a parte inferior está aglomerada com fiação elétrica que brilha em uma cor branca perigosa. Outros veículos avançam pela estrada de cinco faixas, seus exteriores enferrujados pelos elementos, os passageiros dentro fantasmagóricos pela luz.

— Tá bom, não temos mais tempo para conversa — declara Nik.

Ele sai do banco de trás, avançando para as malas no corredor. Miz o avisa para tomar cuidado com a cabeça na próxima curva, e o táxi sai da estrada em um túnel, saltando sobre uma vala na estrada com impulso suficiente para ameaçar capotar. Por um momento, fica completamente escuro no túnel. Então saímos do outro lado, e em vez de uma rodovia acima, são arranha-céus e seus anúncios iridescentes, girando pela noite e mergulhando em qualquer coisa que sintam abaixo deles. São drones zumbindo e fazendo entregas no topo dos prédios, voando por eles e encontrando a janela certa para pairar antes de liberar seu pacote. São pessoas — movimento nos apartamentos, movimento nos mercados noturnos, um burburinho que pode ser ouvido mesmo através das janelas seladas do veículo, um murmúrio de conversa sobrepondo-se em cada andar de Marsup.

Uma onda de algo indecifrável sobe pela minha garganta. Uma mistura de nojo e nostalgia, o desejo de absorver Medaluo e a agitação doentia que imediatamente se instala quando percebo que esse espanto é o que Atahua apontaria se eu fosse acusada de ser espiã. Mais cedo ou mais tarde, algum medano que acompanha as notícias atahuenses no *feed* me vai me reconhecer no espaço físico, e aí, vai ser isso. Vão subir as fotos online, vão ficar indignados. Atahua vai me marcar como traidora até eu ter o vídeo de volta. Podem até continuar me achando traidora depois, mas isso não importa, contanto que eu tenha meu emprego de volta. Contanto que haja um teto sobre minha cabeça e uma cama na base.

— Para onde vamos primeiro? — pergunto.

— Hotel. — Seguindo a direção de Miz, o táxi entra em uma rua lateral. Aqui, postes de luz curtos crescem do paralelepípedo a cada poucos passos, iluminando o beco com um branco-amarelado simples. — Preciso da noite para invadir a rede do centro de dados e obter algumas informações. Queremos detalhes dos funcionários.

Nik puxa um dos assentos abruptamente. Ele olha para mim por um momento infinitesimal, e só consigo pensar que queria uma reação minha. Me fazer pular, me dar um susto. Meu rosto permanece inexpressivo. Ele está se virando antes que qualquer outra pessoa possa observar o gesto, já abrindo a porta do táxi e saindo antes de uma parada completa.

— Vambora. Quanto menos tempo passarmos na rua com câmeras, melhor.

O táxi freia ao lado de um prédio baixo e fino. Nosso destino, presumo. Miz e Blare saem atrás de Nik, os dois murmurando entre si enquanto separam as malas. Miz ainda está evitando meu olhar, mas os olhos de Blare se levantam por um momento. Elu sorri cautelosamente, me oferecendo o gesto antes de descer. Só então eu sigo o exemplo, meus sapatos tocando o piso irregular da calçada.

Está quieto. Um cheiro forte vem do fundo do beco — sigo sua fonte, apertando os olhos além das luzes para encontrar uma senhora idosa com uma barraquinha de comida estacionada na esquina. Apesar da hora, apesar de tudo o que presumi sobre o Baixo em uma cidade moribunda, esperando ruas vazias e desoladas, há pessoas suficientes andando por aí para que dois compradores fiquem perto da barraquinha, esperando suas panquecas de cebola. Eles olham fixamente para a frente, sem expressão, rolando o *feed* exibido em seus óculos, as mãos enfiadas nos bolsos.

Assim que desço, Miz manda o táxi embora. Uma música fraca sai de um arranha-céu ao lado do prédio baixo. Avaliando pelas luzes, apenas os cinco primeiros andares dos quarenta estão funcionando.

— Vamos ficar perto dessa coisa? — Eu coloco isso como uma pergunta, mas meu tom é totalmente de julgamento. — Vai desabar no meio da noite.

Miz acena para eu avançar.

— Não vai, não.

Prédios parcialmente funcionais também são comuns em Cidade-Botão. Aqueles que possuem ou alugam propriedades em Baixo recebem valor equivalente ao do Alto: todas as nações que assinaram um servidor Tear concordaram com esses termos. Mas isso significa que ninguém pode abrir mão de sua propriedade no Baixo se quiser operar no Alto. Sempre haverá algum esqueleto em Baixo. Um guarda vigiando os escritórios do banco de investimento para que a empresa funcione no Alto. Dois cozinheiros nos restaurantes de Baixo fazendo sanduíches secos, que só podem ser entregues por robôs, para que os clientes do Alto possam pedir coquetéis e bifes.

Há um casal saindo das portas automáticas quando eu passo. Uma das moças olha direto para mim. Ela continua me encarando por um momento longo demais. Talvez esteja se perguntando se me conhece, de onde me conhece. Muito mais medanos acessam os *feeds* de Atahua do que qualquer governo jamais admitiria. É fácil dizer quando há usuários de Medaluo

debatendo nos comentários de postagens polêmicas, porque eles usam um emoji de cutucar o nariz muito específico, que nós atahuenses não temos em nossos teclados.

O casal segue em frente. Entro no saguão. Elas não gritam nem nada, e quando viro a cabeça para rastrear para onde foram, já estão na esquina, saindo para aproveitar a noite.

— Caso esteja se perguntando… — grita Nik do elevador. — Miz está postada em seu quarto, então nem tente fugir.

Miz entra pelas portas automáticas então, fazendo uma careta. O diretório ao lado do elevador mostra que os três primeiros andares são escritórios. O quarto e o quinto são quartos de hotel. Não há nenhum saguão formal à vista, e seis, sete e oito estão apagados, tornados indecifráveis por marcas de arranhões. Talvez o espaço de escritório de outra empresa, colapsando no Baixo depois que a automação tomou conta do setor.

— Começamos de manhã.

As portas do elevador se abrem. Uma senhora idosa sai, empurrando um carrinho de limpeza. O cheiro de alvejante pesado flutua junto a seu andar lento, seus suprimentos chacoalhando. Ela empurra a porta para a escada dos fundos, uma batida alta declarando sua saída.

No silêncio que se segue, ninguém se mexe, esperando que eu entre no elevador primeiro. Eu obedeço. Há uma câmera piscando no canto, mas quando sigo o fio saindo de sua base, não leva a lugar nenhum.

Miz entra e fica ao meu lado. Blare está igualmente perto quando encontra um lugar na minha frente. Estou quase surpresa que essa equipe de sequestradores não se preocupou em me algemar, não se importou em me manter sedada até chegarmos aonde precisamos estar. É muita fé em meu bom senso. As forças privadas da NiloCorp não são conhecidas por isso. A NiloCorp tem uma taxa de sobrevivência de 99,91% para seus soldados porque não somos treinados para nos importar com quem é pego na linha de fogo. Atire primeiro e pague depois, em meio a uma confusão de jargões corporativos. Não vamos ter problemas, porque a NiloCorp como entidade é grande demais, nebulosa demais para ser derrubada pelo dedinho nervoso de um soldado.

— De manhã… — continua Nik quando as portas se fecham atrás dele — leia-se, amanhecer. Vamos pegar esses arquivos antes que empresas como a sua NiloCorp percebam.

— Se quiser que eu nos leve para Kunlun — começo —, vai ter uma chance muito maior de sucesso se me disser o que está procurando lá. Que tipo de dados são? Que tipo de arquivo? Cada parte de Kunlun está armazenada nos servidores da Frontex, de qualquer maneira… não dá para invadir o centro de dados da Frontex e pesquisar lá?

Chegamos ao quarto andar. As portas do elevador deslizam.

— Não. Não dá. — Nik sai, caminhando pelo corredor. Blare corre para segui-lo, os dois desaparecendo em uma porta à esquerda.

Viro-me para Miz, lenta e ameaçadoramente, e ela mal pisca. Lembra muito eu mesma quando estou naquelas salas de realidade mista, tentando não olhar pelo canto do olho, porque sei que eles estão prestes a lançar a unidade traidora da NiloCorp em cima de mim de novo, e é preciso toda a minha disciplina para não lutar contra eles. Melhor mantê-los afastados o máximo possível e me concentrar na missão real. Neste caso, *eu* sou a unidade traidora e irritante de Miz.

Sigo de perto quando ela sai do elevador. Ela escaneia a palma da mão na porta oposta àquela em que Nik e Blare entraram, e a fechadura se abre.

— Você tem os dados da sua palma armazenados na recepção? — pergunto.

— É uma camada de pele impressa em 3D — murmura ela.

— Credenciais biológicas falsas?

— Isso.

Miz joga suas bolsas no chão, então se senta na cadeira, um dispositivo portátil no joelho e seus óculos bem ajustados. Agora que ela apontou, vejo a linha fina em seus dedos onde a camada termina.

Eu ando ao redor da cama à esquerda, inspecionando os lençóis picados por traças. Miz não quer conversar, o que é bom para mim, mas me parece bizarro sentir que ela está me culpando. Como se eu tivesse feito algo para justificar esse tratamento.

— Qual é o problema, hein?

Faço a pergunta casualmente, como se estivesse querendo saber qual é a temperatura ou o que vamos jantar.

Miz abaixa os óculos. Sua testa franze.

— Como é?

— Certamente sou eu quem deveria estar brava — digo —, já que vocês me sequestraram. Por que esse gelo?

Agora Miz bufa. Ela enfia a mão na bolsa e tira um segundo aparelho portátil, equilibrando-o no outro joelho.

— Não leve para o lado pessoal — responde ela. — Você parece meio desalmada, e não vejo sentido em agir de outra forma.

Sento-me na cama.

— Tá bom.

Miz franze a testa para si mesma. Se ela esperava me ofender, ficará desapontada. Não tenho vontade de contrariar.

Ela bate nos óculos. Eles ficam opacos do meu lado, garantindo que eu não consiga ver nenhuma pista do que está sendo exibido diante de seus olhos.

— Tenta dormir um pouco — sugere Miz, sem expressão. — Me avise se eu estiver fazendo muito barulho.

# CAPÍTULO 8
LIA

**Aviso: Usuário desconhecido ganhou velocidade.**

Não penso muito na minha estratégia: disparo, correndo pela rua movimentada. Os outros pedestres mal me dão atenção. Meus pés batem no pavimento no ritmo do meu coração, entrando e saindo da multidão enquanto tento encontrar algum tipo de cobertura.

Como isso aconteceu? Estou aqui há um total de dez minutos e estou sendo *seguida*.

Talvez eu não devesse fugir. Talvez isso só vá piorar tudo.

Droga. *Droga*. No mínimo, tenho que me encontrar com Kieren primeiro, para que esse *stalker* pegue nós dois. Se eu cair, vou levá-lo comigo.

Faço uma curva fechada para a esquerda, avistando um par de portas duplas automáticas que levam a um prédio particularmente redondo. Subo os degraus três de cada vez, e então entro em um shopping cheio de crianças gritando e o barulho rítmico de máquinas de fliperama na plataforma central.

*Pense. Pense, Lia.*

— Como eu abro isso? — resmungo baixinho. Eu me forço a diminuir o ritmo, sem querer chamar a atenção dos seguranças. Aleatoriamente, meu monitor abre um mapa, acionado pelos movimentos dos meus olhos.

Um pequeno ponto piscando entra também. Eu quase paro completamente. Não estou só sendo seguida, estou sendo *rastreada*.

Eu desvio, evitando um grupo de adolescentes. Enquanto conversam, não percebem a pequena dança que eu faço para evitar bater na parede antes de ganhar velocidade novamente ao redor deles. O shopping tem vários níveis subterrâneos. Pego a escada rolante, olhando por cima do ombro. Há muitas pessoas, muita atividade. É impossível identificar quem está atrás de mim.

**Sugestão: Fazer uma chamada de emergência?**

— Não, absolutamente não — murmuro, ignorando o alerta. O que meu perseguidor vai fazer, me matar? Não podemos morrer no virtual. O sistema não codifica sangue, então não podemos nem nos machucar seriamente, exceto por leves hematomas — e esses não duram muito. Eles só existem como uma tentativa de manter o Alto o mais real possível. Ferimentos mais graves alertam automaticamente as autoridades no sistema para realizar uma verificação superficial. Crimes violentos não existem no Alto, e não é por causa do caráter melhorado da sociedade; é porque todas as oportunidades desapareceram.

Eles tendem a enviar a maioria desses criminosos para Baixo, onde as taxas só aumentam.

Chego ao nível inferior, saindo da escada rolante para o meio de uma praça de alimentação. As placas declaram “Comida Saborosa Para Viagem!” e “Melhor Frango De Todos Os Tempos”, suas telas de pedidos piscando intensamente para atrair clientes e seus robôs atrás do balcão trabalhando em alta velocidade.

Por mais tentador que seja cheirar a comida medana e experimentar tudo que papai não me deixa comer em Atahua, continuo andando, pegando uma bandeja. A máquina de depósito emite um sinal sonoro, reconhecendo meu usuário quando estendo a mão, e meu visor me diz que dez centavos (“Já convertemos o pagamento para a moeda atahuense para todas as suas necessidades turísticas!”) foram retirados da minha carteira, disponíveis para reembolso mediante a devolução da bandeja. Não vale a pena devolvê-la por dez centavos, então continuo andando, passando pelas mesas e seus códigos de pedido flutuando nas telas no meio, evitando os vários robôs minúsculos que circulam pela praça de alimentação para entregar pratos.

O banheiro está vazio quando empurro a porta de vaivém. Verifico as três cabines, uma por uma. Não há ninguém. Inspiro, expiro e então levanto a bandeja, esperando o ponto no mapa ficar cada vez mais perto. O manual da Academia Militar do Nilo desaconselharia isso. O manual de postos de provas finais também nunca disse que aparentemente alguém seria capaz de hackear minha localização imediatamente. O que eles estão rastreando? Meu avatar? Meu painel de usuário no sistema? Alguém da academia está

de olho em mim, e as configurações de privacidade de Medaluo o entregaram?

A porta do banheiro abre uma fresta. E quando ataco com a bandeja, erro completamente onde pensei que haveria alguém, porque um *gato* enfiou o rosto na entrada e entrou rebolando.

— Put… — Eu quase derrubo a bandeja na cabeça do gato. Ele é fofinho. Preto. Meu coração começa a bater regularmente de novo. — Oi.

O gatinho pisca. A porta se fecha atrás de seu rabo longo. De repente, uma onda de suor frio desce pelas minhas costas e me aperta o estômago, porque ainda estou olhando para o mapa na minha tela, e o usuário que está me rastreando também entrou no banheiro. Estou olhando para um gato. Então, por que o mapa me mostra que é um usuário?

Quase desmaio quando o gato começa a falar.

— Ah. Não pensei que seria você.

Então, ele desaparece. Literalmente. Seu corpo inteiro brilha e pisca, fora do virtual, deixando apenas um espaço vazio para trás. Minha tela não nota mais um usuário desconhecido em meu rastro. O mapa se fecha.

Uma nova notificação pisca na tela.

**KIEREN:** Cadê você?
**LIA:** mano, você não vai ACREDITAR no que aconteceu comigo

•

Empurro as portas do Café dos Amantes vinte minutos depois, bufando de cansaço. Kieren já está lá, como provado pelas várias mensagens que recebi dele apontando meu atraso.

— Boas-vindas! — cumprimenta a recepcionista. — Posso lhe oferecer um cardápio?

É assustadoramente rosa por dentro. Não em tons pastéis fofos, mas um tipo de fúcsia metálico, pintado de parede a parede e brilhando das lâmpadas coloridas sob as mesas dos estandes. Vejo Kieren no canto, seus dedos tamborilando na mesa. Ele é o único sentado sozinho.

— Não, obrigado — digo, apontando para Kieren. — Ele já deve ter pedido o que eu quero.

O lugar está supermovimentado enquanto tento ir até o canto. Como o nome indica, o Café dos Amantes só tem mesas para duas pessoas, e todas estão ocupadas. Kieren deve ter tido uma sorte imensa em conseguir um lugar, especialmente com a quantidade de clientes que estão parados ao redor, esperando um momento para pegar uma mesa vazia.

Tento passar por um casal parado bem no meio da passagem. Uma garota está pendurada no pescoço da outra, roçando o nariz no da parceira. Nenhuma delas percebe quando me espremo para passar, alcançando Kieren.

— Sim — diz ele no momento em que encontro seus olhos. — Pedi para você também.

— Espero que não seja o mesmo que o seu — digo, olhando para sua xícara antes de me sentar. Kieren gosta do café preto, sem açúcar, sem leite. É inimaginável para mim.

— Não nasci ontem, Ward.

Bem na hora, um garçom sai da cozinha, carregando uma bandeja. Ele está usando um fone de ouvido decorado com um laço, provavelmente para se comunicar com os robôs se algum deles se perder.

— Mesa dezesseis, seu *date* finalmente chegou! — grita, pegando uma xícara grande de sua bandeja e colocando-a na mesa. — Aqui o café que você pediu para sua namorada.

Kieren dá um pulo e arregala os olhos, como se estivesse sendo acusado de um crime.

— Ela não é minha namorada.

— Ah, sinto muito — o garçom se apressa em dizer. Pega dois guardanapos da bandeja, colocando-os na mesa também. — Para sua esposa.

Então sai antes que Kieren possa fazer outra correção.

Pego a xícara, tomando cuidado para deslizá-la na minha frente sem perturbar o enorme monte de chantilly.

— Vou encontrar um anel aqui quando beber? — pergunto. — Não gostaria de engasgar com um diamante enorme.

Kieren está furioso.

— Não tem graça.

— Observe como eu disse “enorme”. Terei que rejeitar qualquer coisa menor que dois quilates.

— Podemos voltar ao assunto? Que história é essa de gato falante?

Coloco a xícara no pires depois de um gole. Provavelmente há creme no meu lábio superior, então pego um guardanapo e limpo antes de falar.

— Foi exatamente como eu disse por mensagem. Ele me seguiu, então abriu a boca e disse palavras humanas. Não acho que isso esteja dentro da lei.

— Não está. — Kieren gira a própria xícara, pegando as borras que tentam se aglomerar no fundo. — Ou pelo menos não está de acordo com os termos de uso do Tear.

— Então, o que terá sido aquilo?

Há um ditado que temos na academia: “se alguém parece ter enganado a NiloCorp, provavelmente é a NiloCorp”. Grupos insurgentes que atacam para roubar um protótipo; protestos sindicais em torno de um novo lançamento portátil que crescem o suficiente para atrair o escrutínio nacional. Mesmo que o resultado não seja imediatamente claro, depois que o tempo passa, acaba beneficiando a NiloCorp de alguma forma.

— Por que não perguntamos?

Um convite surge na minha tela, me adicionando em uma chamada. Kieren salvou o contato do diretor Murray como “pai…”, com uma pontuação que parece desnecessária. Toca algumas vezes antes que ele responda, não com uma saudação, mas com:

— É muito rápido para já termos descobertas.

— Estamos nos acomodando — diz Kieren. — Já estamos sendo contatados?

— Como assim?

Kieren olha ao redor do café. É improvável que alguém esteja prestando atenção em nós. Ainda mais improvável que Medaluo possa monitorar nossa linha, dadas as centenas de milhares de chamadas sendo feitas ao mesmo tempo. Ainda assim, precisamos ter cuidado. Eles terão sensores automáticos, acionados por certas palavras para ouvir agentes estrangeiros.

— Nosso contato — diz Kieren novamente. — Você disse que agiríamos com um contato no solo. Eu queria confirmar quando seremos contatados.

— E por acaso já encontraram hospedagem? Estabeleceram uma estação de trabalho?

— Só estamos tentando checar tudo — interrompo. Kieren está claramente irritando seu pai, e não ajuda que ele não tenha explicado

exatamente por que estamos ligando. — Suspeitei que fomos seguidos. Queríamos verificar se não era nosso contato.

— Não — diz o diretor Murray. Alguns segundos se passam. Talvez seja alguma configuração em Medaluo, mas não consigo ouvir nenhum ruído. Quando o diretor Murray não fala, é como se a linha nem estivesse ativa. — Assim que seus avatares fizerem *check-in* em um hotel com os vistos de turista, vão receber a ligação do seu contato no solo. Não pega bem eu ter que explicar isso.

Minha postura enrijece. A boca de Kieren endurece em uma linha.

— Por que você acha que fomos seguidos? — pergunta Kieren. — Qualquer sugestão é bem-vinda.

— Vou ter que verificar isso e te dizer depois.

— O quê? Só me diga o que você acha. É possível que haja uma ameaça de Medaluo aqui?

— Vou ver e te aviso. Mantenha a conversa social ao mínimo, Kieren.

E o diretor Murray desliga.

— Sabe… — Kieren empurra sua xícara de café vazia para o meio da mesa. — Ele não costumava ser tão *cuzão*.

O diretor Murray claramente não acha que há um problema. Acho que parece mesmo bobagem quando dito em voz alta. Se Medaluo soubesse que estamos em seu servidor, não estaríamos sentados em um café fazendo uma ligação para casa. Estaríamos em uma sala escura com agentes do governo, vendados, enquanto Medaluo tenta nos impedir de sair por tempo suficiente para nos questionar.

Tomo outro gole do meu café excessivamente doce. Medaluo não governa seu país como Atahua. Não tem vários ramos, freios e contrapesos entre seus departamentos. Medaluo tem uma agência federal mantendo seu funcionamento e o maior exército nacional do mundo. Não há corporações com um pé na reserva nacional, nenhuma família poderosa fora das que trabalham para o governo. Se alguém perturba o governo medano, não há nada que impeça seus agentes de arrastá-los para Baixo e garantir que ninguém os encontre novamente.

— Tenho que imaginar que foi uma coincidência — digo finalmente. — Não vamos mais pressionar. Vai que a gente chama atenção do governo *de verdade*.

Também não gosto muito do governo atahuense, mas pelo menos é significativamente mais difícil desaparecer em Atahua. Pelo menos lá, podemos sair chutando e gritando, com centenas de contas no *feed* tagarelando sobre o delito. Medaluo é mais assustador por seu silêncio.

— Talvez — murmura Kieren. — Talvez seja assim que a gente realmente consiga fazer as coisas.

Franzo a testa, acenando minha mão na frente de seu rosto. Seus olhos estão vidrados. Qualquer passante casual presumiria que ele está olhando para algo em sua tela, mas conheço bem essa cara de concentração. É Kieren perdido em seus pensamentos.

— Ei — digo. — Relaxa, tá? Estamos em um caso de pessoa desaparecida, não na eliminação da guerra fria.

Isso parece trazer Kieren de volta à realidade. Seus ombros caem. Na frente do Café dos Amantes, a porta se abre com força para um encontro duplo vindo do restaurante do outro lado da rua. Um pequeno robô de limpeza gira sob nossa mesa, sugando as poucas gotas de café que respingaram da minha xícara sem que eu percebesse.

— Obrigada — sussurro para ele.

O robô acende um flash rosa.

Sento-me confortavelmente por um momento, terminando meu café. Apesar do alto zumbido ambiente, consigo ouvir a recepcionista, que está curvada de tanto rir perto da porta, muito entretida com o cliente na frente da fila. Está calor devido à quantidade de pessoas, e as janelas de vidro rangem e se abrem alguns centímetros para regular a temperatura.

— Você já teve a sensação de que meu pai tem um ponto no ouvido, dando as respostas?

A pergunta vem totalmente do nada. Meus olhos se arregalam, minha atenção se volta para Kieren. Ele está falando sério.

— Acho que não falei com seu pai o suficiente para fazer esse julgamento — digo, cautelosa. — O que você quer dizer com isso? Que a NiloCorp controla tudo o que ele faz?

É raro que alguém desapareça sem fazer barulho em Atahua, mas também é raro que alguém sequer faça barulho. *Todo* atahuense está sob o controle da NiloCorp até certo ponto, simplesmente usando o Alto, onde nossas atividades e mensagens são catalogadas em seus servidores até os mínimos detalhes. Como o governo federal e a NiloCorp são tão

colaborativos, a maioria de nós está convencida de que a polícia baterá em nossa porta apenas por um pensamento negativo em relação à empresa.

Ainda tem crime o bastante. Pequenos furtos, assaltos, homicídios. A NiloCorp pode descobrir enquanto alguém monta o plano, mas isso não significa que eles desperdiçarão recursos preciosos para impedir. Eles não se importam se o velho que mora em um barracão lá em Baixo teve a garganta cortada à noite. Não se importam em impedir que os eletrônicos de alguém sejam roubados. Mais dinheiro retorna para a cadeia de suprimentos quando compram mais coisas da marca NiloCorp para substituir o que perderam, de qualquer maneira. Tenho certeza de que gostariam de evitar os golpes que miram mais alto — não quer dizer que nada escapa à atenção da NiloCorp quando há tantos anarquistas mirando gente poderosa. Mas a maioria dos criminosos é pega em pouco tempo. Apenas alguns acabam se tornando ameaças famosas, e mesmo assim a NiloCorp acaba os alcançando no fim.

— Ele vai além de estar debaixo da asa deles, às vezes. É praticamente um porta-voz ambulante — resmunga Kieren. — Ele costumava ser diferente quando eu precisava de ajuda. Podia até ser rigoroso quando as pessoas estavam olhando, mas se fôssemos só nós dois, atrás de portas fechadas… — Ele gruda os ombros nas orelhas. — Cá estou, protestando que meu pai não é mais *legal* comigo.

Eu me mexo na cadeira.

— Tenho certeza de que é difícil para ele. Não deve querer ser acusado de ter favoritos.

Um barulho soa sob a mesa. O robô de limpeza cutucou a perna de Kieren. Ele o afasta, de volta ao seu caminho correto, e o aparelho geme em confusão. Provavelmente se atrapalhou com a ausência de vincos em qualquer uma das roupas de Kieren e pensou que havia uma superfície mais lisa para rolar.

— Inacreditável que eu pensei que ele poderia realmente ajudar. — O robô finalmente gira, virando-se para a próxima mesa. — Antes de Hailey e eu começarmos na academia, ele nos disse que aceitou o trabalho para ficar de olho em nós. Nossa educação foi a única razão pela qual ele deixou a carreira corporativa da NiloCorp. — Kieren puxa sua perna para cima da cadeira. — Mas não parece mesmo que ele se importa muito conosco, né?

Eu não sei o que dizer, então fico em silêncio. Meu pai também é uma figura pública, então também sei como é pisar em ovos em torno da responsabilidade que ele deve ao resto do mundo. Parece cosmicamente apropriado que Kieren tenha o mesmo conflito. Por mais diferentes que Kieren e eu sejamos na superfície, nossas mentes sempre foram espelhos. É a razão pela qual conseguimos rivalizar sem nos cansar durante todos esses anos.

Outra notificação aparece na borda da minha tela. Kieren me enviou um local fixado.

— Eu estava procurando por hospedagem enquanto esperava. Tem um hotel a um quarteirão daqui.

Ah, entendi. É hora de mudar de assunto.

— Ok — concordo. — Mostre o caminho.

Saímos da mesa, levando nossas xícaras para o carrinho de coleta. A recepcionista acena e eu retribuo o gesto, dando uma gorjeta na porta usando meu display. Saímos para a rua, eu seguindo um pouco atrás de Kieren. Sua mochila veio com ele, mas eu continuo sem nada. Espero que Hailey tenha devolvido minha mala para o dormitório das meninas. Vou ficar brava se o diretor Murray a tiver enviado para reciclagem.

— É por aqui — anuncia Kieren. — Este.

Estou navegando no mercado online enquanto sigo Kieren até um prédio baixo, seu saguão movimentado com algum evento de luxo. Participantes de ternos e vestidos entram pela porta de vidro conosco, esperando o grande elevador chegar. Seleciono uma escova de dentes, depois um conjunto de pijamas de algodão e concluo a compra.

— Casamento? — pergunta Kieren ao grupo que espera ao nosso lado.

Eles interrompem a conversa, se animando com curiosidade. Eu não estava olhando atentamente para nenhum rosto enquanto caminhava pela orla; nem prestei atenção especial a ninguém no café escuro, exceto Kieren, cujo rosto conheço muito bem. Aqui, porém, sob as luzes douradas do átrio do prédio, de repente sinto a necessidade de sair de vista, colocar um chapéu sobre minha cabeça e puxá-lo para baixo.

— Evento corporativo — responde uma mulher, sorrindo. — Você vem?

Eu já vi os filtros de ajuste cosmético de Medaluo no *feed*. Vi as fotos, os vídeos. Ainda é surpreendente ver pessoalmente, os queixos simétricos, os dentes brancos e os narizes perfeitamente curvados. Sem pensar direito,

verifico se tenho acesso aos controles deslizantes de ajuste do filtro, mas os meus ainda estão em branco. Visto de turista. Aff.

— Não — contribuo antes que Kieren decida que esta é uma oportunidade. — Não somos afiliados.

— É aberto, de todo modo. Sétimo andar!

As portas do elevador se abrem. Entramos com os festeiros corporativos, espremendo-nos no espaço apertado. Kieren me lança um olhar para perguntar por que interrompi, e eu retribuo sua expressão. Estou bem atrás de um homem alto. A altura não é ajustável, mas a inclinação de seus ombros provavelmente é a curva exata de seu pescoço. No quarto andar, as portas do elevador se abrem, e estou distraída o suficiente para que Kieren tenha que agarrar meu cotovelo, me arrancando de lá com ele.

— Perdemos bebidas de graça, Ward — lamenta Kieren depois que as portas se fecham.

— Não acredito — digo, claramente concentrada em outro assunto. — Como deve ser não ter mais poros?

Kieren coloca as mãos nos bolsos. Meu olhar de repente se volta para ele.

— Acho que você não entende.

— Ei — protesta ele. — Eu tenho poros.

— Tá, tá — resmungo. — Onde é o *check-in*?

Kieren pisca para sua tela.

— *Check-in* automático. O site diz que será ativado quando chegarmos ao quarto andar… Ok, lá vamos nós. Estou navegando, navegando…

Ele para. Alguns segundos depois, ainda está congelado.

Bato meu pé.

— Você tá prendendo a respiração? Precisa de boca a boca?

— Bem que você queria, né? — dispara ele de volta, retomando sua respiração normal. — Só tem um quarto disponível.

— Só pega esse mesmo — digo. — A gente divide o espaço.

— Tem certeza? Tem outro hotel a dez minutos daqui. Pode ser maior. Este só tem dois andares.

Eu resisto à vontade de suspirar, de bater minha cabeça na parede, não por causa do que Kieren está dizendo, mas porque este dia foi *tão longo* e, até onde meu corpo sabe, ainda é de manhã. Eu adoraria fazer *check-in*, tomar um banho e não me sentir a pessoa mais suja de todo o Alto de Marsup. Talvez me sentar por um minuto, hidratar meus vários poros e,

finalmente, planejar o próximo curso de ação para realizar adequadamente no nosso posto.

— Já pedi coisas para este hotel.

Os olhos de Kieren entram em foco.

— Por que você…? Ah, derrubou sua mala. Como que você derruba…?

— *Pega o quarto!* — sibilo.

— Tá bom! — Ele ergue as sobrancelhas e fez a seleção. — Quarto 408. É logo à frente.

Outra notificação aparece na lateral do meu visor para confirmar que Kieren compartilhou um cartão-chave comigo. Alguém está saindo de seu quarto, então nos recompomos, sorrindo de um jeito afetado enquanto o homem passa e se dirige ao elevador. Ele mal olha em nossa direção, olhos vidrados em sua própria tela. No momento em que ele desaparece no elevador, caminho ao longo do carpete fino, procurando até avistar 408 em cursiva dourada adornando a porta preta lisa.

A maçaneta gira suavemente sob minha palma, uma lufada fria de ar-condicionado acariciando minha bochecha assim que entro. Em uma configuração automatizada, as luzes suaves se acendem e as cortinas vermelhas se abrem, revelando a vista do nível inferior da cidade à noite. A imagem escura brilha com a movimentação, mesmo a esta hora. Drones voam para cima e para baixo na rua, perfeitamente visíveis na altura da janela do hotel, piscando em amarelo, azul, rosa para sinalizar sua tarefa. A televisão fixada na parede começa a dar boas-vindas aos hóspedes, e eu aceno minha mão para desligá-la. Meus olhos giram, encontrando o guarda-roupa interativo, a lâmpada que muda de cor… e a única cama.

— Peraí…

Kieren entra também, deixando a porta se fechar com um baque.

— Não diga que eu não avisei.

# CAPÍTULO 9
## EIRALE

Após meu posto de prova final, acordei confusa em Cidade-Botão. A última lembrança completa que tenho é na academia, no Alto, antes de entrar para fazer a prova. Além de gritar de dor intensa, não estava totalmente consciente quando fui retirada do meu Pod. Não reagi durante o transporte aéreo do campus da Estado-Botão para a cidade.

Dei um susto nas enfermeiras quando tentei me mexer. O hospital não esperava que eu ficasse alerta tão cedo. Desmaiei de novo em segundos daquela explosão inicial de energia, mas as máquinas conectadas ao meu corpo gritaram como se fosse o fim do mundo. Picos e quedas horríveis, disseram.

Depois disso, minha recuperação foi lenta. Todo dia, eu abria meus olhos por alguns minutos, tentando analisar o que tinha acontecido, dissecar pistas dos médicos falando perto de mim. Ouvi termos peculiares, “função cerebral mínima, mas melhorando”, “ativação muscular”. O mais alarmante não era que eu mal conseguia me mexer. Era que eu não conseguia me *lembrar*. Se estava assim tão perto da morte, esperava saber qual era a causa.

Não reconheci meu visitante, a princípio. A enfermaria do hospital diminuiu as luzes e o barulho no corredor ficou silencioso, o que me fez concluir que tinham isolado o espaço. A porta se abriu e ele se aproximou do meu leito cercado por seguranças. Suas roupas eram simples: uma camiseta branca e calças escuras com um cinto preto. Meu pescoço se mexeu um centímetro; meus olhos conseguiram girar quando ele se acomodou na cadeira. Também tinha seguranças esperando do lado de fora da porta. Eles estavam uniformizados em vestes resistentes, o logotipo da NiloCorp costurado acima do peito. Naquele momento eu sabia quem era, não por causa de seu rosto, mas porque eu tinha estudado o número de

soldados que ele contratou para sua força de segurança pessoal. Era uma boa posição. Algo que eu aspirava.

— Olá, Eirale — disse James Moore. — Sinto muito por você estar mal.

Eu não conseguia falar. Até onde pude avaliar, não tinha sofrido danos na minha garganta, mas era como se a parte do meu cérebro que tentava dar o comando para verbalizar minhas palavras estivesse frita. Tentei dizer que estava tudo bem e que eu não me sentia mal, mas se não conseguisse fazer isso, era verdade, afinal. *Não estava* tudo bem. Eu *estava* mal.

— Por favor, aceite minha mais profunda gratidão pelo trabalho que você fez por nós — continuou James Moore. — Sinto muito que isso tenha acontecido com você. Nos primeiros dias do Tear, estava no topo da minha lista que as pessoas nunca se machucassem ao usá-lo. É lamentável o quanto o mundo mudou desde então… o quanto escapou do meu controle.

Eu o observei pegar minha mão. Não consegui fazer nada além de lançar um olhar penetrante, embora ele sorrisse calorosamente. Pensei, naquele momento, que se eu tivesse um pai, ele teria mais ou menos a idade de Moore. Ele poderia estar correndo para me ver enquanto eu me recuperava e me cumprimentando dessa maneira exata. Mas eu era órfã, então o que recebi em vez disso foi uma visita do meu todo-poderoso futuro empregador. O que recebi foi algo proposital, uma visita para me fazer saber seus desejos. Os dedos de Moore estavam pegajosos de suor. Não combinava com o resto de sua aparência. O sorriso cuidadoso e o cabelo loiro limpo, escovado para trás, seu rosto gentil.

— O objetivo era nos conectar sem danos — disse ele com firmeza. — Nada de agentes cancerígenos penetrando em nossa pele, nada de poluentes em nossos pulmões só porque queríamos aproveitar o sol em nosso rosto. Se eu não tivesse gerenciado o projeto, outra pessoa teria, você não acha?

Ele não esperava uma resposta para sua pergunta. Moore agarrou minha mão com mais força, quase a ponto de doer, e eu não tive capacidade de reagir.

— O Tear é um bem social. Seria melhor se pudéssemos manter isso em segredo, Eirale. Cada incidente que meu motor causou está gravado em minha mente. Mas cada grande passo também. Você sabe quanto tempo levou para todos os Estados-membros da Assembleia Internacional assinarem, depois que Tear foi ao ar? Só cinco anos. Demorou dez para que a economia da realidade virtual superasse a real. Depois de quinze, o

governo federal declarou Atahua de Baixo como extinta, financeiramente falando. Pretendo continuar em uma trajetória ascendente. Fico feliz por não termos perdido você entre os incidentes. Isso significa que pode nos ajudar a garantir que isso nunca mais aconteça.

Consegui o menor movimento de cabeça, a aparência de um aceno. Deve ter sido o suficiente para Moore, porque a tensão se dissipou em sua expressão. Ele se portava com uma satisfação no olhar.

— Entrarei em contato novamente quando você se recuperar. — A segurança na sala se mexeu, preparando-se para supervisionar sua saída. — Aproveite o tempo para se curar. A base de Cidade-Botão vai estar esperando por você, quando estiver pronta.

•

Finjo estar dormindo até que Miz finalmente guarda seus dispositivos portáteis. Espero até ouvi-la se acomodar na cama.

Quando sua respiração se estabiliza, emitindo roncos suaves e baixos, desisto da farsa e abro os olhos, optando por olhar pela janela da sacada.

Nunca estive tão desperta. Continuo voltando à memória de James Moore no meu quarto de hospital, o dia em que percebi que, de alguma forma, os resultados da minha designação final me deram uma posição confortável em uma base de prestígio. Depois que me recuperei, recebi um salário muito mais generoso do que eu esperava ou já havia pensado em pedir. Foi o melhor cenário que eu poderia ter imaginado, quando me formei.

No entanto, ainda não consigo imaginar o que eu poderia ter feito para justificar isso. E talvez uma parte de mim não queira saber.

Eu me mexo um pouco contra meu travesseiro, estreitando os olhos. Miz deixou as cortinas abertas, então tenho uma visão perfeita do prédio vizinho. *Ali*. A luz pisca novamente. Talvez um alarme silencioso com defeito.

Quando me mexo para sentar, querendo ver melhor, meu corpo responde facilmente. Já se passou tanto tempo que minha internação parece um sonho distante, um evento acontecendo com outra pessoa, passado pelos meus olhos. Parece absurdo considerar que fiquei imóvel enquanto James Moore estava no quarto, que não tive a chance de falar. Eu o admiro, apesar dos erros da NiloCorp no mundo.

Moore não entrou em contato novamente. Mas seus representantes da NiloCorp, sim, então acho que isso ainda conta. Fiz uma transição tranquila para Cidade-Botão. Oficialmente registrada como soldado corporativo.

Outro piscar, vindo do arranha-céu vizinho. Me movo silenciosamente de uma vez, levantando e enfiando os pés nos sapatos. Já é o quinto flash, e estou contando os segundos que passam entre eles. Eles estão aumentando em intervalos de dez segundos. Não é um alarme e não é aleatório.

*NiloCorp*.

O ronco de Miz ecoa pela sala. Lentamente, rastejo pelo chão e abro a porta centímetro por centímetro para evitar que as dobradiças ranjam. Miz não se mexe. O corredor está escuro como breu, interrompido apenas por luzes embutidas no chão acarpetado. Era uma iluminação para saída de emergência, reaproveitada depois que o mundo se tornou virtual para que os donos dos prédios pudessem economizar dinheiro nas contas em Baixo. O quarto 407, onde Nik e Blare desapareceram, também está escuro atrás da porta.

Saio do quarto, indo direto para o elevador. Em circunstâncias normais, eu presumiria que a escada seria uma rota mais silenciosa, mas já ouvi que a porta de saída era barulhenta quando a moça do carrinho de limpeza passou por ela. Não há sinal de vida dentro de nenhuma das outras portas do quarto andar. Meus sapatos não fazem barulho no carpete.

As portas do elevador se abrem. Eu entro furtivamente.

Ele não se move por um longo momento. Agonizando, olho para o visor digital até que a caixa finalmente começa a descer, o 4 vermelho mudando para 3. Uma luz piscando dentro da visão da minha janela significa que alguém está tentando chamar minha atenção, ou a equipe de Nik está sendo investigada, e este é um sinal entre os membros da unidade que estão se aproximando. Independentemente da situação, eu gostaria de ver o que está acontecendo.

Quando o elevador chega ao térreo, as portas são tão lentas que eu me empurro para fora antes que elas se abram completamente, meus olhos ardendo com o ataque repentino da iluminação fluorescente. Espero apenas um momento.

Antes que a entrada da escada se abra com força, e Nik Grant saia marchando.

Começo a correr. Meu ombro bate forte contra a porta de entrada na minha pressa, mas eu ignoro, fazendo uma curva fechada à direita. Viemos da avenida principal, então sigo para o outro lado, pegando as ruas pequenas e obscuras.

— Vai pra onde? — grita ele atrás de mim. — Eu consigo te rastrear!

Eu continuo correndo. O sistema em seus óculos pode mapear exatamente para onde estou indo, mas não preciso fugir. Só preciso ficar à frente.

Marsup se desdobra grade por grade, a maioria de seus becos e entradas escondidos até que eu me aproxime diretamente. Onde não há prédios operacionais, as ruas permanecem escuras. Viro à esquerda para confundir o rastreamento de Nik, descendo rapidamente uma rampa e mergulhando em um estacionamento. Há um fogo bruxuleando aqui, queimando em uma caixa de metal. Figuras adormecidas se agitam com minha entrada, mas giro rápido para uma escada, sem esperar para ser notada.

Não vou muito longe. No patamar mais próximo, salto para a borda da janela, levantando o vidro. A moldura é quebradiça — meu pé quase atravessa a madeira podre antes de eu escalar a janela e cair de volta na calçada, rangendo os dentes. O impacto causa uma dor aguda em meus pés e joelhos. Traço uma linha ao longo da noite. Conto as janelas do arranha-céu que se ergue sobre o caminho escuro.

Quase perco. Quando estou prestes a correr, a luz volta.

A leste, um drone dispara para o céu, apitando erraticamente para começar uma busca. Corro para frente, passando pelas portas de vidro e cumprimentando o guarda noturno atrás da recepção, entrando pelos fundos antes que ele possa responder.

Há um homem dormindo na escada. O guarda noturno não está fazendo um bom trabalho. Salto sobre ele antes que seu ronco alto se transforme em um despertar. Não é como se o homem fosse ter muita sorte tentando entrar nos andares ou em qualquer um dos apartamentos, porque se houver ocupantes dentro de seus Pods, o sistema de segurança deles chamará a polícia instantaneamente ao menor sinal de invasão.

A questão, então, é quem exatamente está dando aquele sinal.

— Oito… nove… dez… — conto baixinho, virando e virando na escada, de olho em cada andar que subo. Estou mirando no quinze. Meu passo só

diminui em algum lugar no décimo segundo andar porque capto um pouco de brisa.

Eu paro abruptamente quando viro o patamar. A vidraça aqui foi quebrada.

Um braço se fecha em volta do meu pescoço.

— Não grite. Ele estará aqui em menos de um minuto. Quando ele chegar, você vai fingir. Ele não pode suspeitar que você me viu aqui.

Eu reconheço aquela voz.

— *Teryn*?

— Me escuta — diz ela firmemente. Não resisto contra a imobilização, mas ela se mantém firme, mesmo assim. — A NiloCorp sabe que você é inocente. Encontraram evidências de que a filmagem era *deepfake* assim que analisaram. É prova suficiente de que Nik Grant armou para você.

Não perco tempo pensando. Assimilo os novos acontecimentos num piscar de olhos: Teryn me seguiu até Medaluo; meu empregador sempre soube que não sou uma traidora. O que de repente significa que não estou aqui pelos motivos que pensei.

— Então posso voltar para casa? — sussurro.

— Não. — Há um som de batida lá embaixo. — A NiloCorp estava esperando para ver por que armaram para você antes de contatar o governo federal para esclarecer as coisas, mas então uma oportunidade melhor caiu no colo deles. Fique aqui. Continue seguindo o plano de Nik Grant.

O buraco na janela faz um barulho de sucção com o vento frio. O clima está ficando mais intenso lá fora, trazendo o primeiro sinal de uma tempestade noturna.

— Não vai dar certo — digo. — Ele armou para mim porque quer que o leve para *Kunlun*, Teryn. Não consigo levá-lo a Kunlun.

Ela faz uma pausa. Seu braço não afrouxa.

— Frontex, então — decide ela. — Leve-o o mais longe que puder em sua missão. Nossas forças vão cercá-lo lá.

Consigo ouvir passos. A batida de antes deve ter sido Nik entrando no prédio.

— Não dá para entregá-lo *agora*? Ele está bem ao alcance. Vai aparecer daqui a pouco.

— A empresa diz que não. Parece que ele está atrás de algo que queremos.

— Não podemos ver isso depois de pegar ele? Ele disse que está procurando um programa.

— Pelo que eu entendi — diz Teryn em voz baixa —, esse programa não é algo que podemos acessar. Nik Grant precisa adquiri-lo primeiro. Você consegue fazer isso?

Um pânico lento borbulha na minha garganta. Cobre minha língua.

— Ok. Tá. Eu consigo — sussurro. — Mas e… e as acusações contra mim? — Minhas palavras se misturam, minha fala tropeça tentando cobrir tudo antes que Teryn desapareça. A empresa quer que eu seja o volante que conduz Nik para águas escuras, mas fui treinada para ser uma engrenagem invisível no motor reserva. Esta não é minha linha de trabalho habitual. — Toda Atahua acha que sou uma traidora. Dá para limpar meu nome internamente, pelo menos?

— Seu nome será limpo quando isso acabar. Não podemos arriscar deixar Nik Grant saber que você está em contato conosco.

— Se isso continuar por muito tempo, a NiloCorp pode nem acreditar…

— Chega de negociação — retruca Teryn, e eu enrijeço. — Você teve a sorte de liderar esta tarefa. Não há "seu nome" para limpar. Há a NiloCorp, que se juntou a você, e quando você tiver sucesso, todos nós teremos sucesso. Entendido?

*Juro minha lealdade à minha equipe, minha unidade, minha empresa*. Todos somos solicitados a recitar os juramentos quando somos introduzidos em uma base. Nossos nomes impressos nos registros corporativos de segurança da NiloCorp e assinados sob a aprovação de James Moore.

— Entendido — digo.

— Bom. Estarei por perto.

Teryn me solta e se vai, para o décimo segundo andar residencial. A porta se fecha. Eu já estou correndo para a janela, batendo meu cotovelo no vidro e esperando que o barulho seja o suficiente para cobrir sua saída.

Uma forte rajada de vento uiva na escada. A chuva começou em uma névoa constante. Cinza e turva, rastejando para dentro e imediatamente cobrindo minhas mãos quando agarro a moldura da janela para me empurrar.

Nik finalmente me alcança, fechando a mão em volta do meu braço. Eu não me viro para olhar para ele.

— Já chega — declara ele. — Você e eu sabemos que não vai se jogar.

— Talvez não. — Há sempre um cheiro que acompanha a chuva noturna do Baixo. Espesso, rico, encharcado de sujeira. É como o musgo cheiraria se crescesse abandonado nas fendas de uma propriedade antiga, esquecido em cada troca de dono até que sua presença se tornasse insuportável. — Mas eu poderia te atacar. Você não tem reforços. Provavelmente só teve tempo de pegar uma arma, e se essa arma não estava ao alcance, então é algo mais improvisado. — Eu me arrasto um centímetro para frente. Suas mãos estão mais frouxas do que deveriam. Seus dedos se apertam como aço instantaneamente ao serem avisados, mas é tarde demais. Eu já provei que ele não estava sendo cuidadoso o suficiente. — Talvez esse fosse meu plano. Eu vi a luz vermelha piscando na sua porta e sabia que você estava me observando pela câmera. Eu não podia arriscar você acordando o resto da sua equipe e se unindo contra mim. Tinha que te levar para mais longe. Onde eu pudesse nos jogar, *juntos*, de algum lugar muito alto.

Nik fica imóvel atrás de mim. O vento aumenta. Eu sempre pensei que um dia, como qualquer outro soldado desde a formação dos Estados-nação, eu daria minha vida ao meu país por algum ato insignificante de serviço que não apareceria nem em uma nota de rodapé nos relatos históricos. Depois de fazer o juramento para a NiloCorp, percebi que até superestimei meu impacto naquela época. Em nenhum momento houve qualquer menção a Atahua nos juramentos, nas regras, nos discursos. Minha lealdade era para com minha empresa. Minha empresa era pelo que eu daria a vida.

— Tem certeza de que ia conseguir me dominar e fazer a investida? — pergunta Nik. — Vamos colocar à prova?

Provavelmente, conseguiria. Mas não vou.

Demoro muito para responder, e uma sensação de metal cortante no meu pulso substitui a mão que Nik tinha no meu braço. Ele prende a outra ponta da algema magnética a si mesmo.

— Para de bancar a durona — declara ele, me puxando para longe do peitoril. — Você só está criando mais problemas para si mesma.

— Eu tinha que ver se você estava dedicado mesmo — respondo. — Não tinha certeza do quanto eu significava para você, e tudo mais.

Nik chuta para longe um caco de vidro que caiu perto do seu pé. A chuva espirra pela janela quebrada. Uma gota o atinge bem no nariz, mas ele não liga.

— Você é nossa especialista. Se isso fosse um teste de lealdade, não sei como poderia ser mais leal do que selecionar você pessoalmente.

Mas como eu apareci no radar deles? Como encontraram algo relevante nos meus arquivos que decidiram que poderia ajudá-los? A menos que já estivessem procurando por detalhes no banco de dados da NiloCorp… E então, levando em conta a coincidência de que eu estava na mesma equipe enviada para capturar Nik Grant quando ele entrou pela primeira vez em Cidade-Botão, dando a eles a oportunidade de me incriminar…

Eu faço um barulho vago.

Os olhos de Nik se estreitam. Relâmpagos estremecem das nuvens. Mercúrio em todas as direções.

— Quê?

— Nada. — Não há mais nenhum sinal de movimento do resto do prédio. Onde quer que Teryn tenha ido, está bem escondida. Se ela trouxe uma equipe, não percebo nenhuma indicação de que estamos sendo observados. — Você me pegou. Me leve de volta.

# CAPÍTULO 10
## LIA

Fecho a porta, agradecendo ao robô que me trouxe minhas compras do mercado. Eu tinha escolhido um aplicativo de entrega aleatório, que tinha a velocidade de entrega mais rápida no centro da cidade de Marsup. Em Medaluo, todos eles são parte de um conglomerado, de todo modo — Águia Dourada, de propriedade do cunhado de um funcionário do governo — então qualquer escolha é uma ilusão. Papai tem tentado fechar as subsidiárias da Águia Dourada em Atahua, com medo de Medaluo roubar nossos dados.

O que é só para acomodar o patriotismo atahuense, dada a quantidade de dados sobre os atahuenses que nossa própria NiloCorp detém.

Amasso o saco plástico, jogando-o no lixo. Kieren está deitado como uma estrela do mar na cama, se sentindo em casa. Ele não me dá atenção enquanto abro o creme dental que pedi, espremendo um pouco na minha escova antes de colocá-la na boca. Escovo os dentes pensativamente por um momento, ainda olhando para Kieren.

— Você vai desfazer as malas?

Ele franze a testa, levantando a cabeça ligeiramente.

— O quê?

Minha boca está cheia de pasta de dente, transformando minha pergunta em “Fofê fai defa’er a ala?”. Dada a habilidade única de Kieren de roubar meu holofote na aula e levantar a mão para dizer a resposta primeiro, era de se imaginar que ele seria capaz de me entender.

Eu vou até o banheiro para cuspir a espuma. A imersão total da realidade virtual não vem dos pixels fotorrealistas ou do mecanismo de física: vem de nossas funções corporais. Foi assim que James Moore abriu sua apresentação na primeira vez que anunciaram o Tear em um evento da NiloCorp. Embora tenham rolado muitos memes, com as pessoas comentando “o cara quer que a gente faça xixi virtual”, com certeza

funcionou quando foi ao ar. Se temos que realizar nossas tarefas habituais no Alto, não há separação do real. Coloco minha escova de dentes na beirada da pia.

— Eu *perguntei* — tento novamente — se você vai desfazer a mala.

— Não adianta — responde Kieren. — Podemos viajar de novo amanhã.

— Ia levar tipo, dez minutos. — Saio do banheiro, colocando as mãos nos quadris. — Talvez cinco para arrumar tudo de novo.

— Eu tenho uma rotina. Não posso simplesmente tirar e recolocar as coisas. Está tudo organizado como camadas de solo, cada roupa para uma situação…

— Tá, tá legal, não está mais aqui quem falou — interrompo, pegando o pijama que deixei na mesa.

Volto para o banheiro e fecho a porta. Enquanto me troco, o espelho reflete as laterais dos meus braços, inexplicavelmente polvilhados com sujeira do shopping, e faço uma careta. Claro que Kieren me deixou andar por aí desse jeito. Não há toalhas — é um hotel econômico, sem comodidades —, mas pego papel higiênico e esfrego.

É só quando estou alcançando a última mancha que todo o meu visor se enche com uma ligação, e eu perco o equilíbrio, batendo meu quadril contra a lateral da banheira antes de cair.

— Tudo bem? — grita Kieren.

— Tudo! — retruco. Não é culpa dele que eu tenha sido pega de surpresa, mas ainda estou brava. — Você também está nessa chamada?

— Estou vendo. Devo atender?

— *Peraí*.

Eu tropeço e me ponho de pé. Quando saio do banheiro, Kieren permanece na diagonal na cama, embora esteja virado de bruços agora. Ele está apoiado nos cotovelos, casualmente, enquanto folheia uma história em quadrinhos. Há uma pilha que ele tirou do bolso da frente da bolsa e colocou na mesa de cabeceira, espalhada ao lado de vários jornais em atahuense que ele deve ter pegado em sua caminhada entre a estação de desembarque e o Café dos Amantes. Eu examino as letras grandes, que gritam “A ESCAPADA OUSADA DE NIK GRANT”, “NIK GRANT E A QUEDA DE ATAHUA”, “NIK GRANT E…” antes de correr para me sentar aos pés da cama.

— Pronto.

A chamada se conecta. Com nós dois em uma linha compartilhada, nossos sistemas se comunicam e anulam a tela dupla, projetando-se no quarto.

Não há imagem projetada na parede. Apenas uma onda de áudio trêmula, saltando para cima e para baixo quando uma voz diz:

— Olá, cadetes. Conseguem me ouvir bem?

— Sim, ouvimos bem — respondo.

— Eu nunca vi essa origem de chamada antes — acrescenta Kieren. Ele está passando pelos metadados na tela ainda aberta em seus olhos.

— É um canal secundário para garantir que não tenhamos nenhuma escuta telefônica. — A forma de onda encolhe enquanto a linha farfalha. A pessoa está folheando papéis do outro lado. — Muito bem. Cadetes Lia Ward e Kieren Murray, bem-vindos ao seu *briefing* em campo.

*Falou meu nome primeiro,* eu digo para Kieren só mexendo a boca.

*Vai tomar no cu*, ele responde do mesmo jeito.

— Eu sou Kam, com K, oficial número 4092, trabalhando para a NiloCorp em Medaluo como contato para provas da academia — continua. — Todo o material relevante para seu posto chegará até vocês através de mim. Se forem contatados por qualquer outra pessoa alegando possuir informações, presumam que é fraude e entrem em contato comigo imediatamente, entendido?

— Sim — respondemos Kieren e eu em uníssono.

— Ótimo. Tão fácil. Estou olhando sua lista de tarefas administrativas, e seu primeiro passo amanhã será registrar o Sr. Murray na Declaração Voluntária de Visitantes Estrangeiros na delegacia mais próxima. Senhorita Ward, você pode se juntar a ele se quiser se declarar uma turista atahuense, mas as chances de te pedirem identificação são baixas.

Nós assentimos. Mesmo que Kam não possa nos ver, suponho que dê para passar a ideia. Não consigo imaginar a pessoa que acompanha essa voz; ela foi alterada para se livrar de quaisquer características de identificação, nenhuma indicação de homem ou mulher, velho ou jovem.

— Logo após o registro, podem prosseguir para o último paradeiro conhecido do Sr. Chung. Nós, a empresa, teremos sua rota de entrada preparada de acordo. Encontrem o que puderem lá dentro. Vocês estão procurando por causas prováveis de seu desaparecimento, seus próximos

passos. — Uma pausa. — A pasta de instruções de vocês é bem fininha, então deduzo que sua academia acredita que este deve ser um exame rápido.

Pessoalmente, achei que nossa pasta era bem grossa. Temos dez semanas para concluir o posto final. A NiloCorp não planejaria algo fácil, infiltrar nós dois no último paradeiro conhecido de Chung só para relatar suas possíveis motivações.

— Desculpa — interrompo. — Achei que o objetivo era encontrar Chung.

— Correto.

— Você acha que isso é viável só com seu último paradeiro conhecido?

— Depende se ele está em movimento ou não — responde Kam. — Podemos recalibrar conforme necessário depois. Esta linha está aberta, podem ligar a qualquer momento se tiverem algo a relatar.

Sem mais pompa, Kam desliga. A tela desaparece da parede, a onda de áudio virando uma linha antes de sumir.

— Que broxante — diz Kieren. — Achei que teria mais informações.

— Bom, disseram que era um contato de posto avançado da NiloCorp, não uma fonte — respondo. Fazer o registro na delegacia. Prosseguir para o Centro Nacional de Dados do Mar Superior, de onde Chung foi visto saindo. — O plano de amanhã parece bom para você?

— Sim — responde Kieren. — Parece. E para você?

Concordo. Com essa interação, tenho certeza sobre nossos próximos passos. Nossa aprovação mútua me deixa mais segura do que a ligação da NiloCorp, do que qualquer *briefing* que escreveram para nós. Muitas vezes, me preocupo em não formar opiniões próprias o suficiente, em estar apenas adotando o que ouvi de outros. Quando contribuo para qualquer discussão, entro em um modo de performance, falando por falar, discordando apenas para impressionar. Podemos estar em um posto agora em que nossas gravações realmente serão julgadas no final, mas mesmo quando estou assistindo às aulas na academia, sempre há um comitê invisível concordando com minhas palavras, e nunca estou dizendo exatamente o que penso: estou dizendo aquilo em que seria melhor acreditar.

Metade do tempo, não consigo confiar totalmente em minhas opiniões até obter uma validação positiva, mas confio em Kieren. Sua confiança não vacila, e é bom estar do lado certo dela.

A pausa entre nós se estende por muito tempo. Faço uma busca rápida em minha tela.

— A delegacia abre amanhã às nove horas — anuncio. — Acho que vou dormir.

Kieren inclina a cabeça. Espero um pouco.

— Você — começo — vai se oferecer para dormir no chão?

— De jeito nenhum.

Aquele momento sinérgico foi bom enquanto durou. Meus dentes de trás rangem.

— Você pode pelo menos se endireitar, para eu ter a metade da cama?

Com o gibi ainda agarrado na mão, Kieren mexe lentamente suas pernas longas, ajustando-se em um lado da cama. Então, ele retoma a leitura.

— Você é insuportável.

— Obrigado.

— Deveria escovar os dentes.

— Ok, mãe.

Pego a ponta do cobertor e jogo sobre sua cabeça.

— Ei!

Com um estalo de dedos, apago as luzes, me acomodando no colchão.

— Boa noite.

Eu me mexo muito na cama de propósito, fazendo-o balançar de um lado para outro quando enfio um travesseiro entre nós. A cama é grande o suficiente, duvido que acabe encostando nele durante a noite, mas é mais pelo sentimento do que pela necessidade real.

— Não me incomode quando se levantar para ir ao banheiro.

# CAPÍTULO 11
## EIRALE

Não consigo pregar os olhos.

A manhã chega, e Miz se espreguiça, esticando os braços sobre a cabeça. Ela rola de barriga para cima, grogue. Seu primeiro movimento é olhar para mim. Meus olhos sem piscar devem assustá-la, porque ela faz um barulho, estremecendo.

— Ai, tá bom — murmura ela quando se recupera. — Boa demais para essa coberta?

Eu não fico cansada com frequência. Uma consequência do meu tempo no Alto durante a academia. Eu também não dormia muito naquela época, convencida de que não teria um impacto prejudicial, e o hábito pegou.

— Sou meio esquentadinha.

Depois que Nik me devolveu ao quarto, passei a noite pensando. A NiloCorp quer que eu fique com Nik. Nik quer chegar a Kunlun. Se eu vou empurrá-lo para as mãos da NiloCorp, então devo fazer exatamente o que Nik Grant quer. Vou desenhar uma rota para ele direto para Kunlun.

Miz se levanta, caminhando até as cortinas. Eu as fechei depois que voltei, sem querer chamar a atenção de ninguém para o local da minha pequena excursão. Com a nova manhã, Miz empurra o tecido para os dois lados da sacada. O quarto dilapidado se ilumina. As manchas no canto têm formas discerníveis. O papel de parede descascado atrás da televisão revela um anel de mofo que quase lembra a insígnia de Atahua.

Embora a luz brilhe através do vidro, ela tem uma qualidade sem vida, opaca pela camada perpétua de poluição que assombra Medaluo em sua estratosfera. O céu está cinza e carregado, manchado com nuvens mais escuras que vejo apenas quando me levanto e caminho até o vidro da sacada, esticando o pescoço para a faixa visível além dos prédios altos. Quatro andares abaixo, no térreo, a senhora com a barraquinha de comida desapareceu.

Está tranquilo em Marsup. As manhãs geralmente o são, em Baixo. A cidade foi devastada do seu epicentro financeiro até o sistema fabril. O primeiro transferiu seu pessoal para o Alto — devem estar se conectando da segurança de suas casas agora mesmo — e o último foi totalmente automatizado. Se há movimento precoce na rua abaixo, uma bicicleta solitária ou um carro estropiado, é alguém que está vigiando um prédio vazio, garantindo que ele não seja vandalizado enquanto as operações permanecem virtuais. Alguém indo para uma mansão e cuidando de crianças até que completem cinco anos, a idade mínima para serem escaneadas no sistema Tear.

Ou alguém que só pode trabalhar no real, como aqueles no centro de dados nacional, cuidando dos servidores.

— A qualidade do ar não está tão ruim hoje.

— Os ventos devem estar soprando poluição para o norte — responde Miz sem emoção. Ela puxa a cortina, como se estivesse tentando suavizar os vincos e farrapos. — Vai ser pior em Tresci. As montanhas prendem a fumaça na bacia.

Conforme o dia começa a ficar mais claro, a atividade aumenta no Baixo também. Tendas nas ruas farfalham. Invasores refugiados em prédios abandonados saem antes de serem pegos por policiais de patrulha.

— Tresci — digo — também vive congestionada pela vigilância do governo de Medaluo. — E, consequentemente, é impossível entrar ou sair despercebido por causa de sua posição naquela bacia montanhosa.

Miz dá de ombros.

— Tá de boa. Nós vamos hackear o sistema.

Para entrar em Tresci, eles vão precisar fazer mais do que burlar as câmeras. Não é Marsup, a cidade em que se espera a visita de estrangeiros. Em Tresci, vão precisar que as câmeras pensem que temos identidades existentes registradas na cidade, ou então seus drones policiais estarão atrás de nós em uma fração de segundo.

— Por que você está fazendo isso? — pergunto de repente.

— Como assim?

Eu bato o dedo no vidro.

— Isso. Tocar o terror em Atahua. Se aventurar por Medaluo com, e me perdoe por tirar minhas conclusões aqui, o objetivo final de tocar ainda mais terror em Atahua.

— Por que *você* faz o que faz? — responde ela. — Leal à NiloCorp sem nenhuma razão.

— A razão é a sobrevivência sob o capitalismo — digo. — Não fuja da pergunta.

Miz bufa, enfiando as mãos nos bolsos. Isso puxa o material solto de suas calças verde-escuras. Algo faz cócegas no fundo do meu cérebro. É a mesma sensação de sentir o cheiro de um perfume que não uso há anos. O *déjà vu* de visitar um local que vi em meus sonhos. Por dez semanas, estive em Medaluo virtual realizando uma missão da qual não consigo me lembrar. Qualquer plano que eu crie aqui para entrar em Kunlun *deve* se inspirar no que decidi fazer da última vez. Ainda sou a mesma pessoa. Eu não pensaria diferente só porque não tenho a lembrança.

— Já nos conhecemos? — pergunto antes que Miz possa falar de novo.

Ela recua.

— Nós… — Seu maxilar faz um som quando ela para um momento, corrigindo sua resposta. — Não. Claro que não.

Uma batida rápida na porta interrompe minha resposta, o que é melhor, porque eu ia acusar Miz de mentir. Nik entra. Ele parece que também não dormiu, ainda com a mesma camisa preta de colarinho, uma mecha de seu cabelo cacheado achatada na lateral. Os óculos não escondem suas olheiras.

— Bom dia — diz ele.

— Péssimo — respondo.

Blare entra em seguida, mastigando um caqui. Elu parece bem descansade. Também pendurou duas bolsas em cada ombro, o que não parece sustentável.

— Já estamos indo?

— Vamos revisar a agenda primeiro.

Nik pega seu dispositivo portátil, apontando-o para a parede. Ele desliza o dedo pela superfície, e um feixe de luz dispara do topo do dispositivo, projetando sua tela na parede branca, a borda direita ligeiramente cortada pela televisão. Ele franze a testa. Belisca a tela no dispositivo portátil, e a luz projetada encolhe alguns centímetros também, encaixando-se perfeitamente na parede sem ser cortada.

— Nosso alvo é o Centro de Dados Nacional do Mar Superior, que contém um arquivo que compreende um terço do programa que estamos procurando — começa ele sem alarde. A planta aparece na parede. — Há

uma entrada principal e uma porta lateral usada para coleta de correspondência. O centro de dados da Marsup fica a leste da cidade, em uma área industrial. Qualquer movimento em falso vai acionar a segurança. Precisamos usar a entrada principal com credenciais legítimas se quisermos evitar ser notados.

Ele desliza o dedo, mudando a projeção.

— Aqui estão os dezoito funcionários trabalhando no centro de dados hoje. O que acham, alguém em particular que devemos escolher como alvo?

Eu leio os perfis curtos exibidos na parede. Miz deve ter escrito isso, ou pelo menos resumido as informações que encontrou. Nome, idade, cargo, título.

— Ainda não acho que isso importe — diz Miz. — Quem der para clonar do estacionamento, e pronto.

— Há a questão do sistema de segurança humano — rebate Nik. Parece um lembrete, como se já tivessem discutido isso antes e chegado a um beco sem saída também. — Qualquer instalação segura vai ter uma barreira adicional que impeça a entrada de alguém que furtou o crachá de um funcionário. Neste caso, é a pessoa que está no balcão da recepção.

— Infelizmente — murmura Miz.

Nik a ignora.

— Precisamos pensar em quais credenciais são melhores, para que a recepção não desconfie.

Blare morde ruidosamente o caqui. Estreito os olhos, e Nik deve interpretar isso como algum tipo de resposta.

— Soldada — diz ele —, podemos não estar em Kunlun ainda, mas sua contribuição é apreciada aqui mesmo assim.

— Tentando me testar? — pergunto ironicamente.

— Gostaria muito de saber o que você está pensando, então sim, suponho que seja um teste.

Prendo meu cabelo solto atrás das orelhas. A NiloCorp está esperando em Frontex. A NiloCorp quer o programa que Nik está buscando, todas as três partes dele.

— Você está falando sobre a pessoa na recepção ser um mecanismo de segurança humano. — Gesticulo para a parede. — Não estou vendo ela aqui.

— Esta lista é apenas dos funcionários com autorização de segurança em toda a instalação — explica Miz. — Eles são os únicos que podem nos levar para as salas de servidores. Recepcionistas só podem entrar no saguão.

— Abra o perfil dele ou dela.

Nik franze a testa, visivelmente tentando acompanhar minha linha de pensamento. No entanto, abre uma nova janela em seu computador de mão e, em segundos, está em uma página do governo, navegando pela lista completa de funcionários públicos do centro de dados.

— Aqui.

Zizi Leung, formada pela Universidade do Mar Superior em Tecnologia da Informação. Ela é jovem, tem uns vinte e poucos anos. Olho de sua foto sorridente para Miz e depois de volta.

— Que horas são? — pergunto.

Blare verifica o relógio no pulso. Nik deixa que elu fale, embora o horário também esteja na frente dele em seus óculos.

— Seis da manhã.

— Faltam duas horas para o começo do expediente, eu estimaria — digo. — Alguma chance de encontrarmos o endereço de Zizi?

Os óculos de Miz também se iluminam.

— Você sabe o que dizem sobre nosso Estado de vigilância favorito: “se você souber, pode muito bem subir”. Vou dar uma olhada nas câmeras de trânsito e procurar uma foto da carteira dela nos postos de controle da polícia.

— Vamos mirar nela? — pergunta Blare.

— Sim — digo simplesmente. — E quando fizermos isso, alguém ainda precisa aparecer para trabalhar, para não reportarem uma recepcionista desaparecida. — Olho para Miz significativamente. Seus olhos encontram os meus por trás dos óculos, então se afastam por instinto. Um segundo depois, ela congela, entendendo minha ideia. Vira-se lentamente para a imagem de Zizi na parede.

— Tá de sacanagem — diz ela.

— Você se parece mais com ela do que eu.

— Ninguém vai acreditar que eu sou ela.

— Não precisam — interrompe Nik. Ele também entendeu, e pelo seu tom, topou a ideia. — Os funcionários vão presumir que é alguém novo. As câmeras não vão suspeitar imediatamente se você tiver alguma semelhança

com ela, e vamos colocar uma máscara em você para que o reconhecimento facial no sistema de vigilância não te identifique como uma intrusa. Só precisamos de tempo suficiente para entrar e sair depois que clonarmos as primeiras credenciais disponíveis do estacionamento.

Miz arrasta as mãos pelo rosto. Pelo canto do olho, posso sentir Nik me inspecionando, atento à menor mudança na minha expressão.

Suponho que ele tenha gostado da minha contribuição. Fico imaginando se armou para que eu sugerisse isso, se ofereceu todos os pontos para eu conectar. De novo e de novo, encontro a mesma pergunta simples. Por quê?

Um bipe rápido soa do bolso de Nik. Enquanto eu me assusto, todos os outros na sala se agitam, imediatamente incitados a agir. Miz corre para fechar as cortinas. Nik já se virou, acenando para Blare entrar no corredor.

— O que é isso? — pergunto. — O que está acontecendo?

— Vamos — responde Nik. — Nossa presença aqui foi registrada.

# CAPÍTULO 12
## LIA

No meu sonho, estou feliz com uma tigela de sopa na minha frente. Ponho minhas mãos em volta da cerâmica, e seu calor envolve meus dedos, acomoda-se profundamente em minhas palmas. O aroma sobe — forte, suave, um toque de especiarias. Minha mãe fez para mim. Ela me ama, e eu estou segura. Ela me trouxe a este mundo. Fará o que for preciso para garantir que eu esteja pronta para ele. A sopa oscila quando um tremor atravessa a mesa. Levanto minha cabeça para perguntar à minha mãe se ela também sentiu.

Mas quando eu grito, ela não me encara. Nem olha para mim.

Acordo assustada.

Meu coração está batendo forte enquanto eu assimilo meus arredores, emergindo do meu torpor. Estou no quarto de hotel, fui designada a Marsup, é de manhã cedo, e hoje começamos a trabalhar em nosso posto de prova final.

Eu expiro. O sonho parecia tão real. Ainda consigo sentir o cheiro da cozinha movimentada e o calor emanando de algo preparado com amor. Não tenho certeza do que se tratava, se eu estava me lembrando de Mallory ou se minha mente inventou isso por diversão. Definitivamente não era minha mãe biológica — ela já tinha ido embora há muito tempo quando tive as funções motoras para pegar uma tigela de sopa.

Meu corpo se mexe, tentando levantar. Mais dos meus sentidos retornam gradualmente, mas a sensação fantasma de algo quente permanece pressionada na minha pele. Testo minhas mãos, e elas estão bem, se ajustando até que eu possa ficar nos cotovelos e olhar para baixo…

Eu congelo. Não sei por que meu primeiro instinto é evitar ser pega, porque é Kieren quem me usa como travesseiro, sua cabeça apoiada na minha barriga e de costas para mim, pernas dobradas para que não fiquem penduradas para fora da cama. De repente, não tenho certeza se estou

respirando com muita dificuldade, se os leves movimentos do meu tronco são suficientes para acordá-lo.

— Kieren — consigo sussurrar.

Seu ombro se contrai, mas ele não se mexe. Kieren dorme de um jeito que só alguém que se sente seguro consegue, sem se preparar para perturbações repentinas, sem proteger suas partes vulneráveis. A imagem é quase reconfortante.

— Kieren — chamo novamente, mais alto dessa vez. Ainda sem resposta.

Eu bato na parte de trás da cabeça dele. De leve.

— Ai! — protesta ele, acordando e se sentando, grogue. — O que foi?

— Tá confortável aí?

Ele olha para baixo. Em tempo real, eu rastreio o momento em que ele percebe onde pegou no sono, já que está sentado no meio da cama.

— Uau, Lia — diz ele. — Eu sabia que gostava de mim, mas não precisava me arrastar para cima de você no meio da noite.

Eu jogo um travesseiro nele.

— Você é tão…

•

Enquanto Kieren toma banho, coloco a chaleira do hotel no fogo, fico de guarda perto da água e faço duas trancinhas na minha franja longa. Estou examinando nossas instruções em minha tela novamente. Tornou-se um tique nervoso a essa altura — li tudo de cabo a rabo, duas vezes.

Fiz anotações durante a conversa com Kam. Nosso contato não recomendou nenhuma das diversas tarefas que outros cadetes podem estar cumprindo, como comprar cartões de transporte ou sacar dinheiro, então acho que nossa missão não precisa disso.

Em Marsup, nossa presença por si só não será suspeita. No entanto, quando a NiloCorp tem assuntos fora da cidade costeira, eles gostam de enviar medanos. Policiais de patrulha não vão parar um rosto como o meu. Não medanos precisam mostrar seu passe de turista. Se não tiverem um, serão interrogados, todo o seu itinerário será examinado de perto, sob suspeita de serem agentes estrangeiros.

Não tenho certeza de quantos agentes estrangeiros eles realmente pegaram dessa forma. Uma grande parte é só teatro. Para que as pessoas em

casa se sintam seguras.

— Ward! — berra Kieren do banheiro.

— Oi? — respondo, igualmente alto. Minha tela se fecha automaticamente, acionada pela mudança de atenção. Termino de amarrar minha pequena trança com um elástico transparente.

— Não tem toalha.

— Eu sei. — Sem hesitar, pego os panos de prato no balcão e entro no banheiro. Há um grito e, em seguida, o rápido farfalhar da cortina do chuveiro.

— Não bate, não?

— Aqui.

— Tá bom! Valeu! — exclama Kieren, tenso. Metade dele saiu do chuveiro, e a outra metade permanece sob o jato de água. Na pressa, ele amontoou a cortina transparente em frente a si para esconder as partes, e eu jogo o pano de prato nele.

— Precisa de mais alguma coisa? — pergunto. — Fico feliz em ajudar.

— Lia, *sai*!

Rindo, eu me viro, fechando a porta atrás de mim. Meu display coloca o *briefing* de volta na frente dos meus olhos quando vou despejar água fervente em dois copos para viagem, colocando um saquinho de chá em cada um. Esse hotel deve ser projetado para estrangeiros, porque saquinhos de chá são uma chacota em Medaluo. Enquanto o chá está em infusão, marco a página em que estava e fecho a pasta com as instruções.

Kieren sai do banheiro, abrindo a porta. Ele está vestido agora — uma camiseta justa e calças de moletom pretas. Levanto uma sobrancelha em comentário. Tentando parecer turista, eu deduzo, mas sua aparência é muito elegante para ser totalmente convincente. Kieren Murray é o tipo de pessoa que vive em camisas abotoadas e calças cáqui, talvez um par de jeans se estiver se sentindo ousado. Quando ele passa a mão no cabelo molhado, pinga uma fileira organizada ao longo de seu ombro, como se até a água tivesse medo de estragar sua aparência.

Ainda estou usando as mesmas roupas de ontem.

— Pronta para ir?

— Sim, senhor.

O chá está extremamente quente quando passo o copo para ele, e Kieren o pega com uma fungada, tentando determinar o que é sem abrir a tampa. O

corredor está movimentado. Duas portas permanecem entreabertas para que seus ocupantes tenham uma conversa animada. Uma faxineira empurra seu grande carrinho. Somos forçados a ficar em fila única para contorná-lo. No elevador, uma mulher está saindo do quarto ao mesmo tempo e entra conosco, dando um breve aceno de cabeça, mas, fora isso, olhando para a frente com o olhar desfocado, vendo algo em sua tela.

Ficamos em silêncio durante todo o caminho. O elevador chega ao térreo. Assim que saímos da porta principal do hotel, a mulher desvia na direção oposta à nossa, sua bolsa de ombro batendo contra o quadril. Há um chaveiro no formato do horizonte de Tresci pendurado na alça da bolsa.

— Você soube do zoológico de Tresci em que pintaram um cachorro igual a um panda porque não tinham dinheiro para importar um de verdade?

Kieren já terminou seu chá. Ele joga o copo em uma lata de lixo na esquina. Saímos da rua menor para uma avenida principal.

— Aquilo foi propaganda, Ward — diz ele. — Você não viu que soltaram uma nota?

Imediatamente, a agitação começa ao nosso redor. Marsup de manhã é uma cidade diferente. A vida noturna é substituída por cafeterias lotadas, o neon por um fluxo de cinza e bege. Avatares que vieram para os bares e o karaokê se desconectaram e deixaram espaço para os usuários diários que entram para trabalhar. Agora são só saias lápis, pastas e semáforos de pedestres mudando a cada dez segundos para facilitar o fluxo de pessoas caminhando das estações de desembarque para seus prédios corporativos.

— O quê?

Abro meu display rapidamente. Faço uma busca para encontrar a notícia novamente e, sim, uma nota esclarecedora foi adicionada à conta de notícias atahuense que postou primeiro no *feed*. “A postagem está retratando Medaluo intencionalmente de forma negativa, sugerindo que os frequentadores do zoológico não saberiam a diferença entre um cachorro e um panda. O Zoológico Nacional de Tresci pintou esses cães de pandas de propósito, em uma exposição de brincadeira de ‘cachorro panda’ para viralizar.”

— Droga — murmuro. Eu confiei sem pensar, Teryn Moore foi quem compartilhou com um emoji irritado e colocou no meu *feed*, então reagi de acordo. — Me pegou.

— Não se sinta tão mal. Onde já se viu, abrir uma exposição de brincadeira só para ganhar cliques?

Os lugares que precisam de mais frequentadores para se manterem, eu acho. Nós nos aproximamos do semáforo da faixa de pedestres, e Kieren indica que podemos atravessar para o outro lado da rua enquanto o semáforo perpendicular está aceso. Eu já posso ver a delegacia, um pisca-pisca vermelho e azul nas portas duplas largas, como se houvesse uma chance de alguém não ver a placa brilhante na frente, declarando que a estação está operando do segundo ao quinto andar. É um prédio bem redondo, em forma de colmeia construída em aço.

Kieren e eu nos separamos da multidão após o próximo semáforo e entramos no prédio. Ele sobe os degraus dois de cada vez, mas eu vou com mais cuidado, observando onde estou colocando meus pés. Há um casal idoso na entrada no meio de uma discussão — seus sotaques são mais carregados do que estou acostumada, um medano de quando o país ainda criava crianças em regiões rurais, quando áreas diferentes podiam desenvolver sotaques e sons idiossincráticos. Agora, todas as sílabas são bem articuladas, polidas pela cidade. Só de curiosidade, ligo o Intérprete Global nas minhas configurações — e de repente suas palavras mudam para atahuense, traduzidas pelo sistema antes de chegarem em mim. Estão discutindo sobre uma multa de trânsito.

Kieren me lança um olhar divertido para sinalizar que ele também está bisbilhotando, e eu desligo o Intérprete apressadamente, como se ele pudesse perceber que eu trapaceei por algum brilho nos meus olhos. A academia nos ensina a aquisição de idiomas diligentemente, apesar das alternativas disponíveis. O Intérprete Global é ótimo para turistas, mas não tanto para alunos disfarçados. Quando usamos o Intérprete, não dá para perceber de fato se alguém está falando uma língua diferente da nossa, o que torna as coisas terrivelmente esquisitas se respondermos em atahuense.

— Vou esperar aqui — digo na recepção. Dava para esquecer que era dia no momento em que entrei pelas portas. Cortinas pesadas abafam as janelas, bloqueando toda a iluminação natural. As lâmpadas nuas incandescentes nas mesas da recepção lançam um brilho forte no lugar da manhã.

Kieren assente.

— Não devo demorar. Acho que não vão me perguntar nada difícil.

Ele se dirige à recepcionista. Cruzo os braços, decidida a ficar parada, mas meus olhos vagam pelas paredes arredondadas do térreo, encontrando uma lista que anuncia o sexto andar como um escritório de advogados e o sétimo como um salão de beleza.

As lâmpadas nas mesas piscam. Kieren é direcionado ao elevador, saindo do saguão. Fico parada por dois minutos inteiros antes de acabar prestando atenção em um fio grosso exposto que corre ao longo da parede, e depois desce um lance de escadas. Cada vez que as lâmpadas piscam, o fio brilha em rosa como uma convocação. Mais e mais brilhante.

Vou investigar. Parece uma escolha de design estranha até que me curvo em volta da mesa e inspeciono a escada, onde o fio termina com uma seta pontiaguda. *Ah*. Está só mostrando o caminho para o porão.

A entrevista de Kieren vai levar uns bons quinze minutos, supondo que ele não estrague tudo e chame a atenção dos militares para nós. Tenho tempo de sobra.

Começo a descer os degraus, cheirando o aroma que sobe. Assim como meu nariz previu, chego ao porão e me deparo com um pequeno conjunto de lojas, cada uma lotada de funcionários do prédio esperando para fazer sua escolha. Eles estão servindo o café da manhã tipicamente medano que vi nos vídeos do *feed*. Bolinhos fritos, leite de soja, macarrão seco. As paredes brilham em tons variados de amarelo e azul, iluminadas pelos fios que passam pelas placas de lojas, e não chamo atenção quando entro furtivamente no espaço movimentado, inclinando a cabeça para trás para ler os menus. Embora esteja salivando, não parece certo sentar entre os funcionários do prédio. É muito *blasé*, como se eu estivesse esquecendo o que estou fazendo aqui. Não estou em Medaluo para uma viagem de patrimônio cultural.

— Amostra?

O robô garçom atrás de um balcão estende o braço, oferecendo um pedaço de sanduíche de carne com um palito de dente atravessado. As outras barracas têm filas, mas esta está vazia. O emoji facial do garçom parece triste, a superfície quadrada de sua cabeça arranhada e faltando um pedaço do lado esquerdo.

— Obrigada — digo, pegando um.

Assim que experimento a amostra, sei por que a barraca está tão vazia. A carne é ao mesmo tempo doce e muito salgada, o que não parece

fisicamente possível. Talvez não seja, talvez o sistema tenha codificado errado, e o dono humano da barraca ainda não tenha percebido o erro. Eu mal consigo me conter para não engasgar, engolindo rapidamente. Estou feliz por já ter escondido minha expressão do robô. Não quero que seu emoji triste fique ainda mais triste.

O subsolo não é grande, então chego ao fim das lojas rapidamente. A barraca final esconde um canto discreto que se transforma em um corredor curto antes de dar lugar a uma saída de emergência marcada com uma placa verde neon. Eu esperava encontrar um banheiro ou um armário de suprimentos escondido aqui, mas, em vez disso, meus olhos pousam em uma cabine pressionada contra a parede, com uma poltrona brilhando em vermelho. “IA VIDENTE DO AMOR”, diz o exterior. “LEITURA ALTAMENTE PRECISA.”

Eu me esgueiro até a cabine e puxo a cortina meio fechada para o lado, me acomodando no assento vermelho.

— Boas-vindas.

A saudação repentina vem com som *surround*. Eu tomo um susto, batendo a cabeça com força na parede da cabine, e meu monitor imediatamente oferece uma notificação perguntando se preciso de ajuda. Eu a afasto com uma careta. Não há perigo aqui, exceto minha própria falta de consciência espacial.

— Eu nem ativei você ainda — resmungo. A tela na frente do assento se acende. Embora haja uma voz falando comigo, não há representação visual do robô, só uma onda de áudio que tremula para sinalizar sua presença. É como a ligação que tivemos com Kam, exceto que esta é uma escolha intencional para nos ajudar a esquecer que não há ninguém presente de fato. Na aula de Economia, no segundo ano, meu projeto final foi sobre os milhões que são despejados em pesquisas de mercado todos os anos para escolher a que tipo de IA um grupo seleto de público é mais receptivo. Rostos gerados artificialmente assustam a maioria das pessoas. Robôs de serviço que usam qualquer coisa diferente de emojis simples obtêm significativamente menos clientes. Os robôs motoristas não devem ser nada além de texto em uma tela para responder a instruções de parada de emergência. Acho que o mercado psíquico do amor decidiu abrir mão do rosto completamente e se concentrar na voz.

— Senti sua presença em meu domínio — responde a cabine. É um tom suave, vagamente feminino. Esse timbre específico deve ter sido amplamente pesquisado no mercado. Também deve mudar de idioma dependendo do usuário sentado lá dentro, porque não precisei clicar em nada para ativá-lo em atahuense. — Você gostaria que eu começasse sua leitura psíquica do amor?

Puxo minhas pernas para cima e as cruzo.

— Como uma máquina pode ser vidente?

— Como os humanos podem ser videntes?

Aí me pegou.

— Tá bom. Continue.

Uma notificação aparece na minha tela pedindo cinco dólares medanos. São só cinquenta centavos em Atahua, então eu envio sem pensar duas vezes. A tela pondera por um momento. Sua forma de onda vibra, a cabine ronrona.

— Estou recebendo muita resistência da sua aura — diz a voz, lentamente. — Concentre sua energia no que você quer entender. Pense em duas perguntas sobre o amor e então me faça uma.

Eu resisto à vontade de rir. Mas me sentei aqui voluntariamente, então não tenho permissão para revirar os olhos, mas é claro que o robô precisa de uma pergunta. Não conseguiu ler nada nos meus maneirismos. Sou muito inquieta para um algoritmo decidir qual tique foi intencional.

— Ok — digo, inclinando minha cabeça para trás. — Será que algum dia terei um relacionamento normal?

A pergunta sai da minha boca antes que eu sequer pense em fazê-la. Observo a exibição de ondas sonoras na tela ficar totalmente plana, processando em silêncio.

— Defina normal.

— Você sabe. — Aceno as mãos. — Faça uma busca por cada representação na mídia. Já está bem definido.

— Eu entendo. E você se identifica com a maioria retratada na mídia?

— Provavelmente não. — Eu paro. — Acho que é daí que vem minha pergunta.

— Estou fazendo uma varredura rápida no seu *feed* — relata a cabine. — Três por cento da população humana é assexual ou está no espectro assexual. “Normal” se encaixa aí também.

Minhas sobrancelhas disparam.

— Eu não sabia que você tinha permissão para olhar meu *feed*.

— Você se identifica como demissexual na biografia do seu perfil social. A resposta está bem na minha frente.

— Você deveria ser uma *vidente* do amor.

— Ser vidente na era da tecnologia significa que eu vejo todos os dados. Sua pergunta é facilmente respondida. Seu "normal" pode ser construído em seus próprios termos.

Quem construiu esta cabine deveria ser processado por propaganda enganosa. Não é uma IA vidente do amor, é uma IA do amor que usa dados. Eles provavelmente reutilizam este código em serviços de terapia em algum lugar.

— Acho que isso não explica tudo — digo, teimosa. — E me sinto errada por isso.

— Você tem amigos que se identificam de forma semelhante, não é verdade?

O tom da voz aumenta no final da frase, como se fosse uma pergunta para eu responder, mas sei que na verdade é uma afirmação. Provavelmente está examinando minha lista de amigos no *feed*.

— Aham. — A cada poucas semanas, quando tenho uma solução para a infelicidade de Rayna, ela rola pelo chão lamentando que não consegue "simplesmente superar Hailey, ok? É difícil para mim gostar de alguém, e quando eu gosto, me consome, então, *por favor*, Lia, só me ajuda a falar com ela, eu sou tão ruim nisso". — Alguns.

— E você acha que eles são… errados por isso?

— Não — respondo imediatamente. — Claro que não.

— Então por que pensar diferente sobre si mesma?

— Me diz você — digo. — O que sua leitura psíquica diz?

Ela me pediu para pensar em duas perguntas, afinal. Uma falada, uma silenciosa. No fundo da minha mente, durante qualquer conversa, sempre pairando um pouco ao alcance, há uma pergunta: *Por que nunca me sinto* bem*?*

Eu sempre detesto deixar o virtual porque isso tira a razão de haver uma barreira que me separa do mundo, de ser normal, de como a maioria das pessoas experimenta emoção e sensação. Odeio que ir para Baixo tire minha desculpa para essa desconexão, que só exista meu corpo orgânico lá,

e se eu pensar muito sobre por que, por que, *por que* eu não consigo responder do jeito que todo mundo faz, temo que meu apego à realidade possa se desintegrar, que meus braços e pernas parem de se mexer e eu descubra que nunca fui real, que isso é uma grande alucinação coletiva e que eu não existo.

— Seu painel de usuário me diz que você é turista de Atahua. Acha que isso tem alguma relação? Crescer em um lugar onde é considerada o inimigo deve ter moldado a forma como você se vê.

— Claro que sim — digo, e então fico irritada, porque até mesmo essa caixa psíquica idiota em Medaluo acha que ser medana é o motivo de eu estar constantemente flutuando em uma camada diferente de todos neste mundo. — E daí?

— Respire fundo, por favor. Se sua frequência cardíaca aumentar mais, terei que chamar os serviços de emergência.

Eu olho cheia de ódio para a onda de som da cabine.

— Estou bem. Estou calma.

— Parece-me que seu futuro reserva conversas consigo mesma — diz a cabine psíquica. — Há mais na sexualidade e no amor do que definir sua posição e postura exatas. No final, trata-se de descobrir o quanto você está disposta a aceitar. O que você decidiu que merece. Com o que se conforma no espaço em que se encaixa. Vejo amor em você. Cabe a você se permitir ser amada, em vez de manter esse amor do lado de fora.

Tenho que lutar contra a vontade de bufar. Por mais agradável que seja o sentimento, parece absurdo que seja tão simples quanto eu *decidir* que deveria me sentir menos errada no espaço em que me encaixo. Se eu pudesse, já não teria feito isso?

— Ward, te achei.

A cortina se abre de repente. Levo um baita susto, mas, dessa vez, pelo menos não bato a cabeça de novo quando giro rápido.

— Ah, oi — digo despreocupadamente. — Terminou sua entrevista?

Kieren levanta um cartão. Reconheço a cor azul do passe turístico, então vou entender isso como um sim.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta ele em troca.

— Não tá vendo? — Eu gesticulo para a tela. Convenientemente, a cabine fica silenciosa. Acho que meus cinco dólares foram usados. — Estou fazendo uma leitura de amor com uma IA vidente.

O olhar de Kieren varre a cabine lentamente. Posso ver o quanto ele quer tirar sarro de mim. Está apenas lutando para decidir o que abordar primeiro.

— Você sabe que a maioria dessas coisas tem pessoas reais do outro lado, certo?

Eu pisco.

— O quê?

— Uhum. — Ele estica a cabeça para dentro da cabine, examinando o topo. — Chamam de IA para encorajar você a falar, mas a IA real não foi bem aceita pelos consumidores. Eles gostaram mais dos humanos. Essas empresas contratam pessoas em Baixo para ficar na frente de um laptop por uns trocados por hora e conversar quando uma cabine é ativada.

Eu deveria saber que a voz parecia muito astuta. Eu saio da cabine, irritada por ter precisado que Kieren me corrigisse sobre o estilo de vida de Medaluo duas vezes no intervalo de uma hora.

— Tanto faz — murmuro. — Você estava demorando muito. Eu tinha que me divertir.

Kieren tenta ficar no meu caminho quando eu me levanto. Eu piso no pé dele. Acidentalmente.

— Ai — sibila ele.

— Dá para *sair*…

Eu me interrompo, avistando um flash de movimento atrás dele. Algo o seguiu para o corredor. Um borrão preto: mal teria notado se não fosse pelo vermelho brilhante desagradável da cabine, iluminando o espaço e refletindo de volta nos olhos do gato quando ele vê que eu o avistei. Ele sai correndo.

— Kieren — ofego, puxando seu pulso e saindo correndo. — É o gato falante!

# CAPÍTULO 13
## EIRALE

Nós nos amontoamos no metrô.

Achava que os vagões estariam tão vazios quanto a estação, mas os assentos estão lotados, passageiros com os braços dobrados em volta do estômago, rostos cobertos por máscaras, óculos brilhantes apoiados no nariz para que possam navegar com as mãos livres.

As portas se fecham. Um anúncio automático declara que o centro da cidade é a próxima parada, e o metrô volta a se movimentar. Trouxemos sujeira nos sapatos ao entrar, embora isso seja culpa da estação malcuidada. Outros passageiros não fazem nenhum comentário. Do outro lado, uma garrafa de refrigerante meio vazia rola para frente e para trás, espirrando líquido no chão a cada volta.

— Você não tem medo de que a vigilância te siga no transporte público? — pergunto a Nik. Fugimos do hotel e corremos pela rua até a estação de metrô com tanta pressa que ainda não assimilei do que exatamente estávamos fugindo.

— O quê? — berra Nik.

O barulho dos trilhos me abafa completamente. Uma das janelas do vagão do trem foi aberta, o que significa que mal consigo me ouvir. Pelo menos, os outros passageiros também não vão me ouvir.

— Eu disse! — grito. — Vai mesmo arriscar sair nas câmeras do transporte público?

Mais uma vez, Nik responde:

— O quê?

Minha mão dispara, agarrando sua gola com força e puxando-o para baixo. É um movimento tão abrupto que ele obedece, seu ouvido trazido à minha boca.

— Tem uma câmera! — grito. — Bem acima de nós!

Nik se vira para olhar.

— Não se preocupe com isso — diz ele. Ele não se esforça para gritar, mas agora minha audição é suficiente para captar o formato de suas palavras, minha leitura labial preenchendo as lacunas. — A vigilância do transporte público é mais antiga do que a que está nas ruas. Mais fácil de mexer.

Solto sua gola, franzindo a testa. Eu amassei o tecido, mas Nik só precisa esticar a mão e dar um tapinha casual nos vincos antes que sua camisa fique reta novamente. Ele manteve a outra palma da mão espalmada sobre o bolso do paletó o tempo todo, protegendo seu computador de mão lá dentro. Tenho que presumir que não vamos longe para chegar ao endereço de Zizi Leung, que Miz encontrou.

O vagão do trem estremece quando passa por trilhos irregulares. Há uma fileira de três assentos ao meu lado, mas apenas um homem sentado ali, os assentos de cada lado dele ocupados por suas malas. Ele está com os óculos em uma configuração transparente. Posso ver o que está fazendo em sua tela, embora o conteúdo esteja espelhado. Ele alterna entre diferentes aplicativos para acessar o *feed*. Fascinada, observo-o rolar por cinco segundos em cada interface antes de ficar entediado e abrir uma nova. Existem várias maneiras de acessar o *feed*: um aplicativo é baseado em texto; outro é em vídeo. Eles costumavam ser propriedade de empresas separadas, mas no momento em que qualquer aplicativo se torna proeminente, a NiloCorp os compra como subsidiários, então é difícil percebê-los de forma diferente quando nosso perfil é compartilhado entre todos. Por mais que eu role o *feed* também, tento não colocar nada nele.

O homem, com a tela transparente e o brilho no máximo, digita uma postagem declarando que odeia quando garotas medanas perfeitamente normais cortam o cabelo no estilo atahuense…

— Com *licença*…

— Chegou a nossa estação! — grita Miz, agarrando meu cotovelo. O vagão do trem desacelera e então para. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ela me puxa para fora junto com metade dos outros passageiros, todos saindo nesta parada com suas bolsas e mochilas.

— Você viu aquilo? — pergunto.

— Tento não ler de trás para frente se puder evitar. Me dá dor de cabeça — ela responde e me solta rapidamente. — Mas sim, eu vi. Por favor, cuide

da sua vida. Entrar em uma briga e parar na prisão medana conta como não cumprir sua parte do acordo.

Um som de palmas vem lá da frente. É Blare, tentando chamar a atenção de Miz depois que já pulou a catraca para evitar a varredura. Nik está ainda mais à frente. Ele para na escada apenas o tempo suficiente para que possamos ver para onde está indo antes de sair primeiro.

Outro passageiro esbarra em meu ombro com força enquanto passa.

— Aff — murmuro. O vagão do trem pode estar cheio, mas o êxodo para a estação ainda não justifica andar tão perto de mim. O espaço é grande. As paredes de mármore preto estão arranhadas e sujas, os tetos pintados de laranja descascando onde quer que haja danos causados pela água vazando dos canos acima. No começo, eles construíram essas estações para acomodar as multidões da hora do rush que chegavam à cidade de manhã e saíam à noite, mas o Baixo diminuiu o movimento desde então.

— Por aqui.

Eu sigo Miz. Estava de olho no passageiro que esbarrou em mim, mas ele desapareceu do nada, virando para o outro lado ao pular a catraca. Miz vai primeiro quando nos aproximamos, passando por cima facilmente. Eu me abaixo em vez disso e, enquanto estou fora de vista, coloco minha mão no bolso, confirmando uma suspeita.

Aquele passageiro era alguém da equipe de Teryn. E, a julgar pela pequena esfera de metal no meu bolso, me deu um rastreador.

Eu saio da catraca fazendo cara de paisagem, meus braços balançando ao lado do corpo.

Miz não está mais prestando atenção, de qualquer maneira, decidida a olhar para a frente. Blare nos espera antes de subirmos os degraus da estação para o centro de Marsup sob a cobertura dos outros passageiros. Eles se dispersam em direções variadas, mas andamos em linha reta lentamente, alcançando Nik.

— Olhei o mapa — diz ele, já caminhando novamente no momento em que nos aproximamos. — Três quarteirões de distância.

Eu fungo. Algo está queimando ao longe — químico e metálico, vindo do mar envenenado à nossa direita. A chuva da noite passada também vai começar de novo em breve. Ela tinha parado de cair quando fui levada de volta ao hotel, mas as nuvens continuaram carregadas, esperando pela próxima oportunidade. Eu daria mais meia hora até chover.

— Volta.

Não ouço as instruções de Nik a tempo. Quando ele se vira, eu esbarro nele, ainda olhando para as nuvens, e em vez de esperar que eu manobre direito, ele agarra as laterais dos meus braços, me virando.

— Ei, ei! — Eu me desvencilho. — Posso fazer isso sozinha.

Ele deve pensar que é uma reclamação contra o contato. Um lampejo de alarme cruza seu rosto. Nik me solta, abrindo as mãos para provar que não é ofensivo.

Eu só estava pensando em mantê-lo longe do meu bolso.

— Por que tem polícia? — sibila Miz. — Não pode ser por nossa causa.

— Parece que estão isolando a rua — murmura Nik em resposta. Ele acelera o passo. Não tive a chance de ver, e é tarde demais para esticar o pescoço para trás sem incitar suspeitas. — Não é por nossa causa. Se fosse, já estariam revistando a área. Podem ser relatos gerais de presença estrangeira. Talvez a NiloCorp tenha enviado alguns lacaios.

Eu olho para frente. Vou para onde Nik indica, obediente enquanto ele para e verifica nossa rota desviada. Entramos em um beco, passamos pela porta aberta dos fundos de um restaurante. Óleo e sal engrossam o cheiro do ar, pesado contra a ameaça úmida de chuva. Dois cozinheiros estão fazendo uma pausa do lado de fora, nos observando com desconfiança. Um deles diz algo baixinho.

— Acho que quase fomos roubados — sussurra Blare depois que saímos do beco.

— Sem chance — responde Nik. — Câmeras demais.

— Isso não impede as pessoas de manipular as filmagens — murmuro.

Nik franze a testa. O próximo beco nos leva para uma rua larga.

— Chegamos.

Mais à frente, quatro arranha-céus residenciais aparecem. Nosso alvo é o que está mais à esquerda, meio escondido atrás de um bosque de árvores amarronzadas. Esses são alguns dos edifícios mais altos que já vi em Marsup. Um par de ratos corre pelas peças de computador abandonadas na boca do beco, sem medo da nossa presença.

A segurança será rigorosa. Os prédios são bem conservados, o que significa que definitivamente há usuários do Alto dormindo lá dentro. Em todas as grandes cidades, a riqueza do bairro é perceptível ao observar a que horas do dia seus moradores estão circulando. Existem alguns quarteirões

onde os moradores estão no Baixo o tempo todo, juntando passes diários para ir ao Alto apenas para um bom jantar. Esses lugares são movimentados a qualquer hora. Outras áreas fora do coração da cidade nunca são frequentadas, as casas totalmente imóveis, as calçadas arrastando folhas secas pelo concreto com um jardineiro vindo ocasionalmente para juntá-las. É onde vive a classe alta de verdade, aqueles que trabalham no Alto e só vêm para os dias de reinicialização. É mais fácil perceber a diferença em Medaluo, porque o governo é rápido em apreender desabrigados e desmontar seus acampamentos. Eles os enviam para algum lugar rural. Atahua só os deixa lá, largados quando entram nas áreas mais agradáveis, sabendo que isso aumentará as vendas de mais alarmes de segurança quando os moradores entrarem em pânico.

Aqui, eu apostaria que há movimento uma vez no início do dia, outra correria no final do dia e vazio nas horas do meio. Isso é para a população trabalhadora que vive no meio do caminho, saindo para um emprego bem pago em Baixo e voltando para casa para viver suas horas extras no Alto — encontrar amigos, ver a família. Eles podem pagar esses apartamentos porque, mesmo com a maior parte do mundo no virtual, alguns empregos nunca desaparecem. É semelhante a ser um soldado corporativo, eu suponho. O pagamento é bom o suficiente para incentivar o risco de descer. Podemos ser esfaqueados em um assalto aleatório, mas nada equivalente no Alto está contratando.

— Confirme o endereço, por favor — diz Nik.

— Confirmando — responde Miz. — Sétimo andar.

— Escalável.

— Você precisa de arnês e cordas se for escalar um prédio — retruco.

— A gente tem. — Nik acena para frente. — Miz e Blare, aproximem-se pela janela. Rápido, rápido.

Eles seguem suas instruções sem protestar. Suponho que aquelas bolsas pesadas nas costas e ombros devem servir para alguma coisa, embora eu não esperasse que estivessem carregando arreios.

— Só eles dois? — pergunto.

— Sim. Você vai ficar comigo. Alguém tem que abrir a janela.

Nik está examinando o chão, observando os materiais abandonados ao nosso redor. Metade de uma estante. Um pacote com seis bebidas energéticas que foram esvaziadas, mas colocadas de volta em seu invólucro

de papel. Uma caixa que pode ter sido usada na entrega de um presente. Ele faz um barulho pensativo e pega a caixa.

— Isso parece lixo?

— Sim — respondo sem hesitação. — É lixo, literalmente.

— Eu sei, mas *parece* lixo?

Olho para ele. Nik Grant, anarquista infame. Nik Grant, inimigo número um de uma entidade onisciente como a NiloCorp. Perguntando se está segurando lixo.

— Se esconder essa mancha oleosa ali… — aponto para o canto — parece novo.

— Ótimo. Vamos, soldada.

Não consigo suavizar o vinco confuso que se forma na minha testa. Ele ainda está lá quando nos aproximamos do prédio de Zizi, o exterior de vidro refletindo a desconfiança que mostro na curva do meu lábio. Nik abre a porta da frente, um braço equilibrando a caixa.

Eu passo pela entrada.

O porteiro olha para nós imediatamente, se levantando atrás da recepção. A dissonância no design em Baixo é realmente impressionante: superfície de mármore lisa, bonita, cara e duradoura. A mesa, porém, está sobre tábuas de madeira que rangem e se movem, facilmente perfuradas caso algum morador infeliz bata o pé ao fazer birra. Um vidro acrílico alto e impenetrável, com uma pequena tela de exibição embutida na parte inferior para que o porteiro possa rolar o *feed*, tem o intuito de mantê-lo seguro, embora a ameaça maior pareça ser os fios desencapados pendendo da lâmpada queimada no alto.

— Olá — Nik o cumprimenta. — Viemos ver Zizi do 7C. É aniversário dela.

O porteiro toca na tela embutida no vidro.

— Não tem nenhum visitante esperado registrado.

— Porque é uma surpresa. — Nik levanta a caixa que pegou do lixo na rua. Seu medano é tão fácil. Ele tem sotaque, o tipo de desordem tonal que qualquer um com atahuense como língua primária traz, mas ainda fala como se devesse ser ouvido, como se as imperfeições não importassem. — A gente trouxe bolo. Você não vai estragar a surpresa, né?

O porteiro franze a testa.

— É contra a política do prédio deixar visitantes entrarem sem informar os moradores. Vou interfonar.

— Pelo menos… — implora Nik. — Pode dizer que é uma entrega misteriosa da empresa? Ela está passando por um momento tão difícil. Eu realmente acho que vai gostar da surpresa.

Embora o porteiro pareça irritado, ele pensa por um momento e então concorda. Eu claramente não dei crédito suficiente a Nik pelo improviso. É *isso* que a NiloCorp deveria ter adicionado às minhas salas de treinamento de realidade mista.

— Senhorita Leung — diz o porteiro em seu fone de ouvido quando Zizi atende. — Tem uma encomenda aqui da sua empresa. Um mistério, dizem. Posso mandar subir?

Ouço um pequeno eco pelo fone, uma expressão de surpresa. Zizi deve responder que sim, porque o porteiro assente e gesticula para o elevador.

Nik dá um show fingindo proteger o "bolo" quando vira o corredor. Uma das portas do elevador já está aberta, esperando por nós, o botão para o sétimo andar iluminado pelas instruções da recepção. Provavelmente não teríamos conseguido ativar o botão lá dentro se o porteiro não tivesse permitido.

— Assim está parecendo que é muito mais pesado do que um bolo de verdade — murmuro baixinho.

— É um bolo caro — murmura ele de volta.

As portas do elevador se fecham. Apesar das aparências, a máquina faz um barulho terrivelmente alto antes de começar a se mover. Estou preparada para a chance de quebrar enquanto sobe cada andar, a passo de lesma.

Quando o elevador abre no sétimo andar, ouço o tilintar de chaves primeiro. Meu braço voa para avisar Nik, mas ele também ouviu e aperta o botão para fechar as portas. Não queremos encontrar ninguém aqui. Não queremos que nenhum dos vizinhos de Zizi note nossa presença, porque aí vão poder fornecer descrições quando inevitavelmente houver notícias sobre Nik Grant em Medaluo, notícias sobre uma fugitiva tramando algo contra a nação de Atahua, e o mundo inteiro sintonizar com curiosidade.

Mas há duas vozes na conversa. Vindas da esquerda, onde seria o apartamento C.

— Peraí — sussurro rapidamente, agarrando o braço de Nik para que solte o botão. — É ela.

— … todo esse negócio com Chung. Só estou aqui há oito meses. Aposto que é uma ameaça velada para me fazer ficar.

Tem que ser Zizi. Sua voz é aguda com um leve toque de língua presa. Suas chaves batem umas nas outras em rápida sucessão enquanto ela tranca a porta. Nik e eu ficamos imóveis como pedra. Ele enfia a mão cuidadosamente no paletó.

— Fique de cabeça baixa hoje. Não adianta discutir com eles.

A outra voz é mais profunda. Eu não tinha pensado em sugerir verificar se ela estava em um relacionamento, mas ele claramente mora com ela. Foi um descuido.

Sinto um empurrão na minha mão. Sem olhar, abro a palma da mão e Nik desliza algo nela. Passo os dedos ao longo da borda fria para identificar o item. Tranquilizante. Uma dose, pelo peso.

— Pronta? — sussurra Nik, quase inaudível.

— Não — respondo.

Zizi e seu companheiro chegam na frente do elevador, parando de repente. Nik comanda:

— Vai!

Caio no chão, rolando sobre o ombro para ficar abaixada. Eu me levanto apenas quando, de repente, me situo atrás de Zizi. Ela ainda não pensou em sair do caminho; eu seguro seus ombros. Naquele momento de contato, ela tem a breve chance de reagir, de tentar se afastar, mas eu já pressionei a ponta do tranquilizante em seu pescoço, e meu polegar empurra com força o botão. A agulha dispara. Eu conto: um, dois, três…

Zizi cai em peso morto. Eu a pego antes que vá para o chão, mantendo-a em meus braços.

Na minha visão periférica, Nik já incapacitou o homem também. Ele não se preocupou em segurá-lo.

— Traga ela primeiro — ele me diz, passando por cima do corpo inconsciente.

Eu vejo Nik se abaixar e pegar as chaves que Zizi deixou cair. Insensível e rápido, como foi naquela noite na boate. Eu também não ligo muito para nossos políticos. Eles sabem no que se meteram. Mantêm guerras por procuração em outros países sem nenhuma razão, exceto para encher os

próprios bolsos, e quando anarquistas enfurecidos surgem como resultado, eles só têm a si mesmos para culpar.

Ainda assim, suponho que esperava algum senso de misericórdia de Nik Grant por suas vítimas comuns. Ele não é como eu, cuidando de mim mesma. Está tentando mudar o mundo.

Mas vejo apenas frieza. Aqui, agora, e antes. Ele está muito além da raiva.

— Bora — chama ele, abrindo o apartamento de Zizi.

Eu me pergunto o que aconteceu para deixá-lo assim.

— Estou indo.

Arrasto Zizi de volta para sua porta. Lá dentro, Nik abre a janela para Miz e Blare, que estão pairando do lado de fora, os arreios balançando com o vento. Temos sorte que Zizi não ativou o sistema de segurança residencial quando saiu: eles são impossíveis de desarmar sem as várias senhas, mas a maioria dos usuários de Baixo não os liga a menos que esteja em seu Pod. É muito chato passar pelas etapas todos os dias.

Enquanto coloco Zizi em seu sofá com um grunhido de esforço, Blare e Miz entram. A forma inconsciente de Zizi cai em suas almofadas. Miz empurra a janela com um baque.

Um momento se passa. Eu recupero o fôlego. Faz um tempo desde que levanto algo pesado assim.

— O que… rolou? — pergunta Blare, quebrando a tensão.

— Ela tinha visita — responde Nik. — Está tudo bem. Vou trazê-lo para dentro. Vamos nos apressar.

Nik volta para o corredor, o que deixa Blare com o espaço aberto para ir direto ao guarda-roupa. Elu tira uma blusa de gola alta. Depois, uma saia longa. O lugar é mais esparso do que eu imaginava. Uma Garra foi deixada na cadeira da penteadeira, ainda conectada e com a minitela lateral ativa. Quando entro no quarto, há outra conectada lá, assim como um colchão sem a estrutura de cama. Também não tem cortina. As nuvens cinzentas pairam pesadas do outro lado. Uma única gota de chuva cai no vidro.

Volto para a sala de estar e encontro Miz agachada na frente de Zizi, examinando seu rosto. Ela quer imitar sua aparência o máximo possível, presumo, então examino os itens na penteadeira perto da televisão e pego um lápis delineador. Ofereço.

Miz não faz nenhum movimento para pegar.

— Acho que não sei usar isso.

— Tudo bem — respondo. — Eu te ajudo.

Isso também não parece deixá-la à vontade. Miz franze o nariz.

— Estou de boa.

— Miz, pare de resistir — sugere Blare. Elu entrou fundo no guarda-roupa, vasculhando os sapatos.

— Não estou resistindo — retruca Miz. — Desculpa, mas não quero essa garota aleatória segurando um treco tão perto do meu olho.

— Não sou uma garota aleatória. — Tiro a tampa do lápis. — Sou sua soldada corporativa refém, que não ganha nada furando seu olho. Além do mais, sou boa nisso.

Miz faz uma pausa. Ela olha para mim de fato, o que quase parece uma vitória que eu não sabia que estava tentando alcançar.

— Você já fez isso antes? — pergunta ela.

— Bem, não em outras pessoas. — Faço um gesto para o meu próprio rosto. — Mas faço em mim, então, não deve ser difícil, né?

— Isso me deixa muito segura. — Apesar do jeito relutante de Miz, ela se vira para mim, o que considero permissão para prosseguir. Eu me agacho e levo o lápis para o canto externo do olho dela, desenhando o formato que Zizi fez. O lápis não é apontado há um tempo. A cera preta é difícil de aplicar, como resultado, mas minha mão permanece firme. Eu completo a linha em sua pálpebra e vou para a outra.

— Você está indo muito bem — opino. O elogio vem tão naturalmente quanto um peixe se debatendo na faixa de pedestres. Estou longe de ser do tipo que tenta deixar alguém à vontade, mas Miz está fazendo tudo o que pode para não se contorcer e atrapalhar meu trabalho, então merece alguma indicação de que aprecio o esforço.

— Parece que foi em outra vida… — diz ela suavemente — mas minha melhor amiga costumava me maquiar antes de irmos a festas.

— Onde ela está agora?

Eu pergunto sem pensar. É natural, uma pergunta casual para manter a conversa.

— Mataram ela — diz Miz. — A NiloCorp matou.

*Merda*. Termino o outro olho. Não preciso dizer mais nada, nem — na pior das hipóteses — me desculpar quando a porta da frente se abre. Nik

voltou. Ele coloca o homem contra a parede, e eu me levanto, pondo o lápis de volta na penteadeira.

— Como está indo aqui? — pergunta Nik.

— Quase pronta — declara Blare, saindo do guarda-roupa. Elu entrega a Miz uma roupa que escolheu, jogando-a em seus braços. Miz, sem reclamar, entra em outro cômodo para se trocar.

Zizi continua desmaiada. Totalmente silenciosa.

— Não vejo o crachá dela em lugar nenhum — digo.

— Preso às chaves. — Nik balança o molho em suas mãos. — É um pequeno chaveiro.

— Eu pensei que o crachá tivesse uma foto! — grita Miz do outro cômodo. — Com essa ênfase toda no meu figurino.

*Em vez disso, estará no banco de dados deles*, eu presumo. Teremos que ter cuidado para não deixar as câmeras chegarem muito perto de Miz.

Ela sai do quarto, abrindo os braços para pedir nossas opiniões. Uma blusa de gola alta branca simples, enfiada em jeans desinteressantes.

— Beleza — diz Nik. — Tá ótima.

Pego uma máscara descartável da caixa que Zizi tem perto da porta e ofereço a ela.

— Você provavelmente deveria tirar o piercing do septo. Só para garantir.

— Isso é homofobia — diz Miz sem expressão. Ainda assim, obedece. O piercing no nariz desliza para o bolso dela. A máscara é posta. Quando olho entre ela e a mulher caída no sofá, a imagem é convincente o suficiente.

— *Agora* estamos prontos — decido.

# CAPÍTULO 14
## LIA

O gato deve saber imediatamente que estou atrás dele, porque sobe as escadas em um piscar de olhos. Nem penso em diminuir a velocidade. De jeito nenhum.

Solto Kieren para subir os degraus de três em três, e então passo rapidamente pelo térreo e saio à toda de volta para a rua. Tenho um vislumbre do gato correndo pela faixa de pedestres.

— Ei! — grito. Os outros pedestres na rua se viram para olhar para mim. Merda. Mudo para medano. — Ei! Gato! Pare!

Boa, Lia. Vocabulário realmente avançado que te ensinaram na aula.

Corro pela avenida, aproveitando os últimos segundos do sinal verde. É improvável que um carro me atinja, mesmo se eu atravessar no vermelho, dada a rapidez com que a automação responde aos bloqueios no caminho. Ainda assim, corro de volta para a passagem de pedestres, meus olhos fixos no gato. Não o perco de vista por toda a extensão de uma longa rua comercial. Estou a praticamente um metro dele quando o gato vira a esquina, e de repente tenho que parar no cruzamento, porque não o vejo mais.

Eu respiro fundo, fazendo uma busca frenética e girando dois círculos completos. As vitrines começaram a exibir sua propaganda holográfica para os passantes matinais. Os drones acima aumentam em frequência, passando em grupos de dois e três a cada minuto para fazer entregas. Seu zumbido é baixo, fácil de ignorar. Quando penso ter visto o gato novamente, correndo por entre os pés das pessoas, é apenas alguém passeando com seu cachorro virtual.

— Aff.

Eu me abaixo, apoiando as mãos nos joelhos. Alguns segundos depois, Kieren se aproxima segurando uma garrafa de água, oferecendo-a para mim como se eu fosse o gato de rua desmaiado na calçada.

— Cansou? — pergunta ele.

— Valeu pela ajuda — sibilo, pegando a garrafa de água de plástico. Às vezes, nossos avatares podem ir além da nossa capacidade normal de Baixo, mas isso requer uma injeção de adrenalina de emergência quebrando nossas barreiras mentais e uma certa pitada de ilusão. Estou irritada com esse gato, mas claramente não chegamos ao nível em que posso continuar correndo atrás dele sem me lembrar que estou cansada — disparou assim que me viu chegando. Estou dizendo, estamos sendo espionados.

Kieren franze a testa enquanto eu bebo a água. Minha língua está seca.

— Marsup definitivamente incorpora gatos de rua como parte do ambiente — diz Kieren. — A maioria dos gatos *seria* codificada para fugir quando perseguidos.

— Fiz contato visual com ele. Ele te seguiu até lá embaixo, e…

Eu paro no meio do movimento enquanto coloco a tampa de volta na garrafa de água. Kieren levanta uma sobrancelha.

— O quê?

— Você — digo lentamente, fechando a garrafa. Estamos parados em uma esquina para conversar, e isso está começando a incomodar os passantes. Eu cutuco Kieren para se aproximar mais do prédio mais próximo: “FOUNDSYS”, diz a placa acima da porta. Uma empresa de desenvolvimento de jogos, a julgar pelo som de moedas vindo do saguão. — Não estava me seguindo. Estava seguindo você.

— Por que…? — Ele se interrompe. Eu espero, vendo se vai dar voz ao que acabou de lhe ocorrer, ou se está apenas tirando um momento para organizar seus pensamentos.

Kieren fica quieto.

— Que foi? — pergunto.

Ele inspeciona o novo *pop-up* na parede, um trailer da mais recente franquia de filmes populares em Medaluo. Eu vi os anúncios no *feed*, mas Atahua não vai exibi-los nos cinemas.

— Vamos seguir em direção ao o centro de dados — sugere ele. Seu olhar se volta para mim significativamente. — É melhor ir a um lugar com menos pessoas.

Atravessamos a ponte para o lado leste da cidade, subimos as colinas até o ponto mais alto dos vales ondulados.

O táxi autônomo estava soprando um ar assustadoramente frio que não conseguíamos descobrir como desligar, e Kieren e eu estávamos tremendo quando chegamos. Marquei o ponto de desembarque a cinco minutos de caminhada do nosso destino real. Não queria encontrar nenhum funcionário, nem deixar que os recursos de vigilância do táxi ficassem curiosos sobre o motivo de os turistas estarem indo para o centro de dados nacional da cidade.

— Você quer minha jaqueta? — oferece Kieren.

Bato os dentes.

— Pode ficar.

Aqui, o mar está à vista, começando onde a areia sangra em espuma. A borda leste de Medaluo é uma escala de cinza confusa, tão azul quanto o Tear permite antes que os satélites que escaneiam o Baixo imundo fiquem confusos e comecem a reclamar.

O táxi vai embora, e eu não faço nenhum movimento para começar a andar. Kieren vem até mim, roçando bem no meu braço para me esquentar sem admitir que é isso que está fazendo. Nós olhamos para frente, para as águas, ambos fingindo estar menos interessados na visão.

Passei a maior parte dos meus anos de formação dentro dos portões da academia. Conheço aqueles terrenos como a palma da minha mão. O Pod me deixa ir a qualquer lugar dentro dos limites de Atahua enquanto não estou em aula, mas nunca vou.

Então, eu nunca tinha visto o mar até agora.

— Você não sai nos fins de semana, né? — pergunto, embora saiba a resposta.

— Não tenho tempo — responde Kieren.

Tenho culpa no cartório por isso. Sacrifiquei vários fins de semana em que poderia ir para casa para me trancar no meu dormitório, memorizando minhas respostas para as provas de Literatura atahuense. Aproveitei feriados prolongados para ficar no campus e começar a fazer os testes da semana seguinte. Sei com que frequência vejo Kieren vagando pelas áreas comuns também quando a neve do inverno está caindo lá fora, quando outros cadetes vão para Baixo para treinar ou usam seus Pods para relaxar em um chalé de esqui. Sei por que fico, sei que ele está sempre na minha

cola, serpenteando até mim com aquela diferença de 0,05 na média, e tenho de imaginar que a tarefa de me alcançar também consome cada minuto que Kieren poderia passar em outro lugar. Somos marionetes um do outro, sustentados pela tensão das cordas entre nós, e se um de nós se afastasse, o outro só ficaria confuso e fraco.

— Sempre quis visitar a Ilha do Templo — digo.

Existem duas categorias que o Tear não traduz para o Alto. Cemitérios e locais religiosos. É um tópico controverso — idas e vindas intermináveis sobre se isso respeita a religião como algo vinculado ao verdadeiro plano da realidade, ou se negligenciar a religião no virtual persegue intencionalmente grupos que agora estão morrendo, que têm uma qualidade de vida pior em Baixo. Em algum momento nas últimas décadas, surgiu uma ilha artificial no meio dos oceanos do norte, criada por atahuenses multissetoriais, e que recebeu independência como um Estado-nação na tentativa de promover equidade. A Ilha do Templo não tem mais do que oito mil quilômetros quadrados, mais um arquipélago de templos do que uma verdadeira massa de terra. É o único país que foi deixado de fora dos mapas do Alto, porque é um local de práticas religiosas em sua totalidade.

— Não sabia que você era crente.

É uma provocação. Kieren conhece meus hábitos diários melhor do que eu mesma. Minha rejeição ao ateísmo padrão definitivamente não teria passado despercebida.

— O que posso dizer? Sou fascinada pela cultura multissetorial.

Kieren gira os ombros para se alongar.

— Tem certeza de que não é o desafio de escanear a ilha para codificar para o virtual? Eu lembro da sua apresentação.

Mantenho meus olhos fixos na água para esconder meu choque. Relembro freneticamente: primeiro ano, uma apresentação inicial sobre história mundial… se me lembro bem, Kieren nem estava lá naquele dia. Ele e Hailey faltaram à aula por luto familiar.

— Assisti à gravação depois — diz ele antes que eu possa perguntar. — Acho que foi ali que soube pela primeira vez que você seria um problema.

Eu bufo.

— Só porque minha proposta de fazer uma varredura clandestina de uma ilha foi tão bem-preparada? O que mais te impressionou? A total falta de

respeito pelos moradores ou as brechas que apresentei para insistir que não era ilegal?

— A seriedade. — Ele coloca as mãos nos bolsos. — Você queria ver. Queria um equivalente no Alto para não precisar esperar até se formar e ser designada para Baixo, até acumular os dias de férias necessários para viajar de verdade. Então, você fez uma proposta e discutiu até o último ponto possível. Aprendi a esperar isso de você.

Estou quase achando graça. De alguma forma, Kieren está me dando muito crédito enquanto me insulta por ser um incômodo.

— A gente estava no primeiro ano — retruco. — A maioria de nós ainda não tinha perdido aquele brilho no olho. E a apresentação de Gena?

Ele não diz nada. Eu me viro para Kieren lentamente. Espero um momento.

— Kieren… Você só assistiu a minha, não foi?

Nenhuma resposta. Quem cala, consente.

Eu o cutuco nas costelas. Ele recua, mas dou outro cutucão.

— "Foi ali que eu soube…", seu mentiroso do caralho. Soube assim que eu tirei a mesma nota que você no exame de admissão.

— Ok, ok — cede Kieren. — Não acredito que eles deixaram nossas notas iguais! Meu pai é o *diretor*…

Na minha terceira tentativa de golpe, Kieren pega meu dedo, envolvendo sua palma em volta dele. Tento puxar de volta. Ele se recusa a soltar. Em uma manobra suave, ele nos afasta da água, em direção à estrada e retomando nossa rota para o centro de dados. Embora eu deixe meus pés seguirem o exemplo, sinto uma pontada, uma sensação de perda por estar deixando a vista.

— Agora que não temos mais o táxi e metade da cidade ouvindo — diz ele —, acho que você deveria saber de uma coisa.

— Kieren… — Dou outro puxão no meu dedo, sem sucesso. — Pode me soltar?

— Na verdade, não, obrigado por perguntar. — Ele continua andando sem dar a mínima. — Se não tem força para puxar seu dedo de volta, talvez não devesse ter me cutucado.

— Vejo que estamos culpando a vítima agora.

— Culpando a *vítima*? Estou culpando a *criminosa*.

— Eu me pergunto se o conselho da academia vai concordar com você quando revisarem esta filmagem de nossas performances.

Com um suspiro de rendição, Kieren solta meu dedo. Provavelmente, quando o conselho olhar para a filmagem, o sistema irá automaticamente cortar as partes irrelevantes, como eu incomodando Kieren ao enfiar os dedos em suas costelas. Ainda assim, a ameaça de ser percebido como irresponsável é o suficiente para fazer Kieren se recompor.

— Como eu estava dizendo… — Ele verifica nossos arredores por cima do ombro. O leste de Marsup é feito de cercas de arame e terrenos abandonados, fábricas soprando plumas no ar e moinhos processando matéria-prima. A estrada ecoa nossos passos com uma reverberação oca. Nós ouviríamos se alguém dobrasse a esquina a cem passos de distância. — Tenho a sensação de que não somos as únicas pessoas com esse posto — declara Kieren.

Esfrego minhas mãos para cima e para baixo em meus braços para suavizar meus arrepios, mas o frio congelante do táxi já passou quase todo. O asfalto sob meus pés parece áspero através das solas dos meus sapatos.

— Eles insinuaram isso, né? — pergunto. Não entendo por que Kieren está revelando isso como se fosse uma informação ilícita. — O *briefing* começa com dois objetivos. Ou… — Abro o arquivo em meu visor para ler a citação. — … “confirmar que Chung está morto e que seu trabalho não é mais uma ameaça” ou “localizá-lo”. Estamos no Alto. O que a gente descobrir deve ser investigado em Baixo.

Tenho certeza de que me colocaram nessa tarefa porque acham que tenho algum vínculo pessoal com o tio Chung, mas ele não está no virtual. Se quiserem recrutá-lo para o lado de Atahua, precisamos falar com ele. E não há como a academia enviar cadetes para Baixo. Ainda não estamos liberados para isso.

— Eles insinuaram que a NiloCorp teria ativos aguardando, a depender do que encontrássemos, mas não é disso que estou falando. — Kieren olha por cima do ombro novamente. — Não acho que tenhamos entendido completamente nossa tarefa. Quem lhes deu a dica sobre o trabalho de Chung para começo de conversa, já que é um projeto medano ultrassecreto? Pode haver espiões atahuense vivendo disfarçados pelo país, mas para penetrar em um esforço governamental liderado por um ex-atahuense?

Medaluo provavelmente está observando como um falcão. Eles provavelmente têm mil níveis de segurança para evitar um vazamento.

— Mas vazamentos acontecem — digo. — Nenhuma informação está realmente segura se mais de uma pessoa souber dela.

— Tudo bem — reconhece Kieren. — Um sussurro passando por redes de inteligência é uma coisa. E todas as evidências que eles têm agora? Quem deu à NiloCorp a filmagem para mostrar onde Chung foi visto pela última vez? Ela pertence ao sistema do centro de dados de Marsup. E em qualquer missão regular, os centros de dados são tão bem protegidos que deveria ser necessária uma força-tarefa inteira para invadir um. Mas a NiloCorp pode simplesmente *nos colocar lá*?

Quando ele coloca dessa forma, tenho que admitir que parece fácil demais, especialmente considerando o estado da política internacional. Ainda assim, somos cadetes. Estamos sendo testados. Ainda não estamos realmente em campo.

— Se queremos começar a procurar falhas — digo —, também não faz sentido o motivo pelo qual eles enviaram você. Sou eu quem conhece Chung. Você é só um segundo cadete de alto desempenho.

Kieren franze a testa.

— Não tem nada a ver, Ward.

— Por que não?

— Porque — balbucia ele — simplesmente não tem! Só estou dizendo que se a NiloCorp já tem alguém de dentro, por que eles precisam de nós?

Reflito sobre o pensamento. Nada me vem à mente, nenhuma especulação, nenhuma hipótese. No tempo em que conversamos, estamos nos aproximando rapidamente do Centro Nacional de Dados do Mar Superior, seu gigantesco edifício principal no topo da colina. Apenas o lado norte é visível daqui, mas o resto ocupa dois quarteirões inteiros, cercados por uma cerca perimetral. Três outras instalações ficam próximas à cerca: um terminal de contêineres, um estacionamento e um lote abandonado. Quando passamos pelo lote, nossos passos são harmonizados por um som alto de batidas, as janelas cobertas de lona do prédio administrativo destruído lutando contra o vento.

— Quero sugerir que isso pode ser um teste no sentido mais verdadeiro — digo. — Que a NiloCorp já sabe onde Chung está, e o conselho está nos

fazendo seguir o caminho que eles tomaram para encontrá-lo. — Olho para Kieren. — Mas não acho que desperdiçariam seus recursos assim.

— Não — concorda Kieren.

Ele para na calçada, e eu o sigo. Observamos a cena. Apesar da altura, as plantas dizem que o centro de dados tem apenas um nível, com exceção de certas salas de servidores escavadas no subsolo. Os tetos abobadados captam os escassos raios matinais que vêm das nuvens. A maior parte do que podemos ver através das paredes de vidro parece ser saguões e átrios.

— Então talvez — sugiro — a tarefa real não seja encontrar Chung.

Kieren coloca as mãos nos bolsos. Não olho para ele, mantendo meus olhos fixos no centro de dados, mas apenas pela proximidade consigo rastrear cada um de seus movimentos minuciosos, a inclinação curiosa de sua cabeça, a curva de seus lábios.

— O que poderia ser, então? — reflete ele. — E por que não nos contar diretamente?

Olho para o lado da instalação. Não há muitos veículos em seu estacionamento, mas o suficiente para indicar um número considerável de funcionários já em expediente. O trabalho do centro de dados é amplamente realizado em Baixo: controle de temperatura e regulação de energia, manutenção de servidores e novos desenvolvimentos. Mas como a informação é acessível em qualquer plano da realidade, eles podem pelo menos passar algum trabalho de catalogação para o Alto.

— Acho que saberemos mais dependendo do que encontrarmos — digo. Aponto para o veículo estacionado do lado de fora da cerca. — O que é aquilo? Um caminhão de entrega?

Kieren aperta os olhos também. Não vejo um caminhão de entrega há algum tempo. A maioria dos pacotes é enviada por robôs e drones. Eles só precisam de uma pessoa se forem maiores ou sensíveis, como os documentos que papai recebe em Melnova para assinar. Alguém tem que ser responsabilizado se uma remessa desaparecer, não dá para punir um robô.

— Aquilo — diz Kieren — provavelmente é a nossa maneira de entrar.

# CAPÍTULO 15
## EIRALE

Medaluo trouxe sua mais nova linha de robôs de segurança para o centro de dados da Marsup, o que vai ser um problema.

— Não tem mesmo outro jeito, né? — pergunta Miz. — É o mais perto que podemos chegar.

Nik aparece no banco da frente do carro de Zizi, seu dispositivo portátil pressionado contra a janela. O veículo nos trouxe até aqui em sua rota pré-carregada, desviada apenas quando nos aproximamos do Centro de Dados Nacional do Mar Superior e notamos uma fileira inteira de guardas de metal postados ao redor do perímetro. Agora estamos parados atrás do prédio administrativo de um lote abandonado, fora de vista.

— Não sabia que iam ter robôs — murmura Nik. — Me dê mais alguns minutos.

O plano inicial de Nik era estacionar no centro de dados enquanto os funcionários chegavam, e clonar suas credenciais quando eles passassem. Está significativamente mais difícil agora que os robôs estão nos bloqueando do estacionamento, e Nik está tentando clonar os chaveiros enquanto os carros estão passando na estrada. Infelizmente, nenhum dos funcionários do centro de dados está dirigindo para o trabalho segurando suas credenciais penduradas para fora da janela. E estão passando rápido demais.

Miz verifica seu relógio. Ela precisa entrar primeiro, e logo, para “Zizi” chegar na hora, mas será em vão se o resto de nós não conseguir as credenciais.

— Talvez seja melhor sair do carro — diz Blare — e nos esgueirar um pouco mais perto.

— Miz, você terá que entrar primeiro. — Nik abaixa o dispositivo portátil. — Prossiga como planejamos. Estaremos lá dentro dos próximos vinte minutos, tudo bem?

— Tá. Tá legal. — Miz respira. Ela parece nervosa. Está puxando a ponta do nariz, brincando com a ausência do piercing que removeu.

— Vai dar certo — diz Blare, calmamente.

— Vai — repete Miz. Ela para de se mexer, puxando a máscara para cobrir o rosto. Blare dá a Miz um pequeno fone de ouvido. Ela o insere sem mais instruções. — Testando, um, dois — murmura ela, e Blare assente, ouvindo o áudio por um fone idêntico em seu ouvido.

— Você vai se sair bem — diz Nik. Sua tela se acende novamente, tentando uma nova sequência de clonagem. Em conjunto, há outro carro se aproximando, o som dos pneus seguindo atrás dos sinais elétricos das credenciais de seu dono. — Não chame atenção.

Miz suspira.

— Lá vou eu. — Quando ela fecha a porta, seu eco é agravado pelo vazio do estacionamento. Blare estremece, rapidamente segurando a maçaneta depois que a porta se fecha, como se pudesse suprimir o som. Elu lança um olhar para mim. Eu abro as mãos, sem saber exatamente o que elu quer que eu faça para ajudar.

Nik geme, sua tela escurecendo.

— Perdi de novo — declara ele. — Nesse ritmo, todo mundo vai chegar, e não teremos como entrar.

Blare solta a maçaneta da porta.

— E você estava tão exigente antes sobre quem queria clonar.

— Desculpe se eu queria um passe de acesso total. — Enquanto a estrada está silenciosa, Nik desliza para uma nova aba. — Esqueça os engenheiros elétricos. Aceito qualquer um neste momento. Aceito o estagiário não remunerado.

A grama amarelada sopra para o estacionamento e gira sobre o capô do carro. Nik se recosta por um minuto, a cabeça pendendo no assento. Como eu previ, começou a garoar lá fora, escurecendo a manhã e arrastando lama e areia. O ar tem um leve tom de laranja, agravado pelo clima sombrio. Cada carro que passa na estrada espirra outra linha de sujeira perto do carro de Zizi.

Empurro a testa contra a janela, observando o leito de lama se formando ao redor do veículo. O dispositivo de Nik não parece conseguir capturar nenhum dos funcionários chegando para trabalhar, mas eles certamente nos pegam com respingos.

As áreas urbanas de Baixo já são relativamente tranquilas. Mas fora do centro da cidade, as fronteiras ultrapassam completamente o silêncio e mergulham na paranoia estéril. Aqui, há poucas pessoas com negócios para cuidar. Qualquer um à espreita não tem boas intenções. Inclusive a gente.

— Ei, Nik? — diz Blare de repente. — Canal um.

Nik se endireita em um instante, pegando os óculos que jogou no banco do motorista vazio. O que Blare vê no computador de mão é transmitido a Nik sem perder um segundo. Nik fica pálido.

— O que é? — pergunto.

— NiloCorp.

Não me permito nenhuma reação visível. Minha respiração permanece no mesmo ritmo; minhas mãos estão relaxadas no colo. Conscientemente, eu reviso cada passo que preciso dar para parecer nada mais do que levemente preocupada, como se eu estivesse pensando apenas no meu próprio bem-estar como fugitiva.

Então Nik acrescenta:

— A segurança medana está falando sobre a presença deles na cidade. Talvez saibam que estamos indo atrás do programa. Vão querer interceptar.

Minha preocupação cresce, genuína. Não consigo entender isso. A própria Teryn disse: *Esse programa não é algo que podemos acessar. Nik Grant precisa adquiri-lo primeiro.* Em que mundo Nik Grant pode recuperar um programa que a NiloCorp não pode? A NiloCorp emprega especialistas em descriptografia de primeira classe. No entanto, de alguma forma, é melhor me deixar com Nik como uma bomba-relógio do que fazer uma captura e usar força bruta para pegar o programa.

— Se eles tiverem acabado de chegar, com certeza não vamos encontrá-los — diz Blare. — Eu vou contar para Miz. Miz? Na escuta?

Elu se vira, encarando a janela para murmurar no fone de ouvido. Nik, enquanto isso, lentamente retira seu dispositivo da janela, os olhos fixos no dia chuvoso lá fora.

— A NiloCorp não acha que o programa foi deletado? — pergunto.

— Era só uma questão de tempo até que descobrissem o contrário — responde Nik.

Por causa de Nik? Ele já sabe que eles o estão observando?

— E o que a NiloCorp sabe? — insisto. — Sobre a natureza do programa?

— O suficiente. — Nik coloca seu dispositivo portátil na jaqueta. — Eles não podem colocar as mãos nele.

Ele abre a porta e marcha chuva adentro.

Imediatamente, abro minha porta também, botando as pernas para fora e me levantando.

— Blare, fique aqui.

— Mas…

Eu coloco a cabeça de volta, só para ter certeza de que elu me entendeu direito.

— Você é piloto de fuga. Não venha. — Eu estendo minha palma. — E me dê o fone de ouvido.

Elu fica de boca aberta.

— O quê? O carro dirige sozinho!

— Vai me obedecer, ou vai desperdiçar minha expertise, que aliás foi o motivo para vocês me sequestrarem?

Blare me lança um olhar mal-humorado. Ainda assim, puxa o fone de ouvido e o coloca na minha mão.

— Eu produzo muita cera.

Franzo a testa, olhando para o pequeno pedaço de metal.

— Eba. Fica aí dentro.

Fecho a porta com firmeza. Rapidamente, limpo o fone e o enfio no meu próprio ouvido. Nik já está fora de vista. Sigo um palpite e fico perto do prédio administrativo, avançando lentamente paralelo à estrada. Meus sapatos afundam fundo na lama. Deve ser o chapinhar que sinaliza minha aproximação, porque quando finalmente vejo Nik escondido em um dos arbustos, ele já está acenando para mim.

— O que foi isso? — pergunta ele quando me abaixo. — Você disse para Blare ficar no carro?

— Só estou fazendo o que você não faz — murmuro. Adolescentes de treze anos não precisam invadir instalações. — Agora, só precisa clonar dois passes.

— Na verdade, hackear é tarefa de Blare — diz Nik. — Mas elu também pode fazer isso remotamente.

Achei que Miz fosse a hacker. Talvez ambos sejam. Não me importo o suficiente com o esclarecimento para perguntar mais.

— A gente não está mais perto, na verdade. Ainda não vai dar para fazer uma cópia dos funcionários que chegam.

— Eu sei. — Nik se remexe, levantando o braço. A tela do relógio dele copiou a aba do seu dispositivo portátil. Ele destrava o relógio e o oferece para mim. — Acho que se você chegar perto da linha de segurança, deve ser o suficiente. Já pesquisei o modelo dos robôs, eles não têm câmeras visuais. Só infravermelho. Podemos passar sem problemas quando tivermos credenciais.

Isso significa que os robôs que guardam a instalação soarão o alarme se pessoas sem credenciais tentarem entrar escondidas no porta-malas de um carro, mas não saberão se pessoas com credenciais roubadas passarem por ali a céu aberto. Sem reconhecimento visual.

Levo um momento para registrar o que ele está indicando ao me dar o relógio. Lentamente, começo a puxar meu cabelo para trás, deixando Nik segurar o relógio por mais alguns segundos. Amarro meu cabelo em um rabo de cavalo. É muito curto para prender tudo, então algumas mechas se soltam.

— As plantas — digo, pegando o relógio e prendendo-o no pulso. — Não marcaram nenhuma sala de servidor. Elas são subterrâneas?

Nik assente. Eu esperava que sim. É uma característica comum, quando os verões ficam muito quentes e as salas usam energia excessiva para manter a temperatura.

— E você sabe a rota exata a seguir quando estivermos lá dentro? — continuo. — Porque eu preciso de acesso aos servidores também. Enquanto você vasculha seu arquivo, eu posso procurar uma maneira de entrar em Kunlun.

— Aham.

Nik não diz mais nada.

— *Como* você sabe a rota exata? — pergunto.

— Irrelevante.

— Irrelevante coisa nenhuma, porque a NiloCorp pode atacar a instalação em breve também. Você é mais esperto? Ou eles? Vão saber que você esteve aqui?

— Presuma que somos mais espertos — diz Nik com frieza, com impaciência. Ele não está escondendo a tensão, seus ombros rígidos, seus

olhos cinzentos apressados para se desviarem para longe. Sua postura me diz que ele acha que falou demais, mas não sei por quê.

O relógio no meu pulso apita para sinalizar que está pronto para acesso remoto. Nik interpreta o som como sua deixa para começar a clonar novamente, a luz do outro lado de seus óculos mudando e cobrindo o que poderia ter passado por seus olhos. Ele gesticula para frente, para a estrada.

Eu poderia pressionar mais. Poderia. Mas isso só prolongaria a missão sem respostas garantidas e, além disso, meu objetivo é passar por toda essa provação o mais rápido possível. Eu fui para a escola militar, se há algo que sei fazer, é ficar quieta e obedecer.

— Vou dar duas voltas — digo. — É melhor que seja o suficiente.

— Tome cuidado.

Eu estava prestes a me levantar, mas meus joelhos travam com suas palavras. Nik se vira brevemente, vendo como eu parei, e então franze a testa para *me* repreender pela confusão.

— Vai lá — exige ele. — Não seja pega.

Agora, sim. Eu emerjo na estrada. No momento em que sei que não estou mais escondida, deixo meu pé esquerdo arrastar, fingindo cansaço. Estou vindo do calçadão, estou correndo há uma hora. Não preciso de nenhuma inspeção, porque não sou uma ameaça.

Conto cinco robôs de segurança, alinhados uniformemente do lado de fora do centro de dados. Eles começam a mexer as cabeças quando me aproximo. Olho para o relógio, para disfarçar. O acesso remoto de Nik está se movendo em volta do cursor. Deixo o braço cair, cortando a chuva leve.

Passo correndo em uma velocidade tranquila, recusando-me a olhar para os robôs. O mais próximo da estrada me segue com a cabeça, mas os outros me ignoram quando continuo em frente, correndo pelo lado leste da instalação. Há mais dois guardas aqui, mas não me dão atenção. A cerca é alta, improvável que alguém consiga pular sem quebrar o pescoço.

Percebo movimento no estacionamento ao passar. Funcionários saindo lentamente de seus veículos. Vestindo casacos, máscaras. Trocando seus sapatos e deixando os sobressalentes no porta-malas. Parados o suficiente para, com sorte, eu conseguir escanear as credenciais penduradas em seus chaveiros. Em pouco tempo, chego ao fim da instalação e ao beco sem saída da estrada também. Em vez de seguir para os juncos de Marsup, giro, começando minha segunda volta.

— Por que está demorando tanto? — A voz de Miz soa claramente em meu ouvido. — Se chegarem tarde, vão ser notados.

— Quase lá — murmuro de volta.

— Peraí, cadê…

— Blare está no carro. Seremos só eu e Nik.

Passo pelos mesmos robôs na lateral novamente, bufando e ofegante. Não ouso olhar para o que está acontecendo na superfície do relógio, porque se Nik não conseguir se conectar, então todo esse plano desmorona. De volta à estaca zero.

O guarda robô mais próximo do portão principal se vira para olhar para mim. Continuo correndo, mantendo um ritmo constante até sair da vista da fila de segurança. Quando procuro por Nik novamente na vegetação, uma mão sai do arbusto e me puxa para baixo pelo braço.

— Ai!

— Conseguimos — diz Nik, apressado. Ele segura meu pulso na frente dele, sincronizando o relógio com seu dispositivo portátil. — Tudo bem. Está ativado.

— Copiou?

— Copiou. Vamos.

Nik não se incomoda com um pretexto para os guardas. Ele marcha pela estrada, segue em frente para o portão aberto. Não é que eu não confie nos detalhes técnicos do infravermelho, mas aquele robô antes tinha me olhado diretamente no rosto, mesmo que eu estivesse aparecendo diferente em seu radar…

O guarda não se vira. Seus olhos laranja brilhantes continuam virados para a frente. Sigo Nik rapidamente, passando pelo portão e subindo os degraus até o prédio antes que qualquer um dos funcionários ainda no estacionamento possa esbarrar em nós no caminho para dentro.

— Até que enfim. — Miz suspira quando a porta se abre para nós, nos deixando entrar no saguão. Estamos molhados da chuva. Há folhas secas grudadas na parte de trás das minhas pernas. Nik e eu não dizemos nada quando caminhamos até a catraca. Eu passo primeiro, o relógio no meu pulso zumbindo enquanto a catraca escaneia minhas credenciais e me deixa prosseguir. Enquanto Nik inclina seu computador de mão para escanear, Miz empurra um quadrado dobrado de tecido ao longo de sua mesa. Eu o

pego ao passar, colocando os dois jalecos no meu braço. Nik passa pela catraca e oferece a Miz um rápido aceno de cabeça.

— Vire à esquerda aqui — murmura Nik quando entramos no átrio da instalação. Eu passo o jaleco para ele e visto o meu, aproveitando para soltar meu rabo de cavalo. Um tapete vermelho se estende da entrada principal até o centro do átrio. É a cor mais chamativa no prédio, mas ainda assim, os fios parecem emaranhados e desgastados, manchados com lama velha que foi pisoteada ao longo do tempo. O saguão ecoa com Miz fingindo tossir atrás da máscara, mantendo o rosto abaixado quando abre a porta para o próximo funcionário que entra. Com outro gesto de Nik e uma segunda virada para a esquerda, estamos tão fundo dentro da instalação que já não consigo ouvir a tosse.

— Está tão vazio.

Cada sala pela qual passamos parece desolada. Telas de computador cobertas de poeira. Estações de trabalho escuras, lâmpadas instaladas com várias configurações na superfície, mas os cabos desconectados.

— A instalação foi construída em uma época em que eles precisavam de mais mão de obra regulando os dados, mas a maior parte do trabalho é automatizada agora — responde Nik. — Ainda assim, para Baixo, até que são muitos funcionários.

Ele faz uma pausa e olha para uma porta externa que fica à esquerda, com a indicação de saída marcada no alto. Nik segue em frente. Deixo que guie o caminho, mais interessada em observar como ele reage ao nosso entorno. Dois corredores depois, após passarmos por um grande retrato do atual primeiro-ministro de Medaluo, nos deparamos com uma porta com uma trava complicada, uma varredura de duas sequências com credenciais e retina. Nik claramente já esperava por isso, porque segura seu computador de mão e então muda para uma nova página, pondo-a em frente ao laser em vez de seu olho. O painel muda de vermelho para verde. A porta se abre para um conjunto de escadas. Sem perder tempo confirmando para onde está indo, ele entra.

— Você já veio aqui antes — sussurro enquanto sigo Nik escada baixo. O zumbido dos servidores canta um refrão de uma nota só.

— Os centros de dados de Medaluo são divididos por departamentos — diz ele, em vez de me responder. — O Ministério da Defesa Nacional só

tem duas salas de servidores. Altamente seguras. Muitos servidores redundantes para evitar que informações sejam perdidas.

Altamente seguras, e ainda assim, ele fez a entrada parecer tão fácil. Uma placa de metal pisca no final da escada, cumprimentando todos os que entram antes que façam a curva para os corredores dos servidores. “Supervisor”, diz a placa, antes de um nome coberto com fita preta. Há um número de telefone para ligar em caso de erro ou emergência. Eu me pergunto para onde vai a ligação, dado o estado de seu funcionário anônimo.

— Pode ficar com a tela do controlador principal — instrui Nik. — Encontre o que precisa. Vou conectar com um portátil para pegar meu arquivo.

Nik vai direto conectar seu computador de mão a uma das portas. Eu faço uma rota mais lenta para a tela central, o controlador de onde os engenheiros no local podem executar a manutenção.

— De quem são as credenciais que você copiou? — pergunto. Indico o relógio no meu pulso. — Ele terá acesso?

— Técnico. Acho que não vai logar. — Nik não tira os olhos do teclado. — Assim que tiver uma ideia de qual caixa acessar, precisa mandar uma mensagem para Blare hackear remotamente. Elu é o usuário “estrela *underline* deslumbrante”. Conecte o relógio à interface.

Faço o que ele diz e abro uma janela de bate-papo.

**eu:** Oi Blare, tá aí?
**estrela_deslumbrante:** isso é meio confuso pq diz que tô falando com nik e nik2 entao tenho q presumir q nik2 é a Srta Ladra de Fone de Ouvido
**eu:** Sim
**eu:** Por favor, fique em standby pra quando eu precisar de você
**estrela_deslumbrante:** 
**estrela_deslumbrante:** engraçado q vc precisa de mim, apesar de insistir p eu ficar no carro
**eu:** Sim, e agora você pode hackear remotamente, então isso só prova que eu tava certa
**eu:** Xeque-mate

Começo a procurar. Manobrar por grandes blocos de informações armazenadas não é viável de forma alguma, mas sem credenciais de engenheiro, só estou navegando pelos nomes dos arquivos nas caixas, de qualquer maneira. É uma proteção contra falhas por parte do centro de dados. Credenciais que liberam a entrada na sala não liberam entrada para os servidores. E vice-versa, porque esses funcionários provavelmente estão trabalhando no Alto.

**eu:** Ok, tá vendo minha tela?
**estrela_deslumbrante:** sim to vendo. o que vc ta procurando?
**eu:** Abri uma caixa com centenas de páginas de dados de pesquisa. Consegue ver se algo aqui menciona Kunlun? Aposto que alguma empresa de anúncios por aí tem uma lista dos cidadãos de Kunlun.
**estrela_deslumbrante:** de boa na lagoa
**estrela_deslumbrante:** me dá uns 10 min
**eu:** Só dez minutos?
**estrela_deslumbrante:** vc n acredita na quantidade de back-doors na dark web
**estrela_deslumbrante:** (dark web segura para menores)

Eu bufo. Ainda assim, Blare imediatamente fica quiete para se concentrar, então não posso reclamar enquanto elu faz o trabalho por mim.

O problema de entrar em Kunlun — a razão pela qual é tão impossível hackear — é aquela porcaria de segunda senha. O sistema já verifica a cidadania, então apenas avatares com a designação podem entrar no espaço sem disparar uma dúzia de alarmes. Mas, mesmo se alguém roubasse as credenciais de um cidadão, para hackear o espaço usando o avatar desse cidadão, a segunda senha impediria. Como a entrada em Kunlun é tão exclusiva, as pessoas não tendem a anotar suas senhas. É quase impossível encontrar alguma flutuando na *dark web*.

Eu me afasto da tela por um momento, estalando meu pescoço para os dois lados. No final do servidor, Nik não se mexeu nem um centímetro, seus pés apoiados e sua postura curvada por cima do dispositivo.

Meu plano para entrar em Kunlun envolve um pouco mais de abstração. Há apenas um lugar no mundo inteiro que não exige uma segunda senha

para entrar em Kunlun: o centro de dados de Frontex. Os engenheiros precisam poder subir e fazer a manutenção, mas um engenheiro que mora em Frontex dificilmente consegue pagar pela cidadania de Kunlun, então sua atividade é cuidadosamente registrada quando usam alguma porta secundária. A segurança de Kunlun revisa cada instância de pessoas sem cidadania entrando, mesmo por aquela porta secreta, para garantir a proteção.

Então, não podemos simplesmente usar essa entrada secreta aleatoriamente. Seremos expulsos em segundos com nossas próprias credenciais. Mas *podemos* usar essa porta como cidadãos de Kunlun.

Vou precisar de alguns candidatos primeiro.

A janela de bate-papo se abre novamente.

> **estrela_deslumbrante:** tenho dois PDFs. ambos parecem listas de cidadãos de Kunlun. funciona?
> **estrela_deslumbrante:** [Enviou dois anexos.]

Eu abro os arquivos, navegando pelas listas. São planilhas de texto simples, extraídas de algum tipo de registro da cidade, que rastreia o uso de energia pelos moradores do Baixo de Marsup que passam meses em Kunlun. Isso é ótimo. Bastante material. Estou prestes a dizer a Blare que elu fez um ótimo trabalho quando novas mensagens chegam.

> **estrela_deslumbrante:** ainda ta criptografado mano. vc pode ter achado com a trilha de sua bff, mas precisamos isolar entre todo o resto no servidor
> **estrela_deslumbrante:** opa chat errado
> **eu:** ???

O tapa repentino de Nik contra o servidor ecoa pela sala. Viro a cabeça na direção dele imediatamente e estreito os olhos. Blare deve ter reenviado a mensagem para o destinatário correto. Nik está murmurando algo para si mesmo, claramente nervoso.

— Tudo bem? — pergunto. Digito “*Obrigada Blare, consegui*” e desconecto, limpando minhas pesquisas no controle principal.

— Tudo — diz Nik. Ele mal consegue falar entre os dentes cerrados. — O arquivo está bem *aqui*, mas… — Ele coloca as mãos para frente, fazendo parecer que quer estrangular a caixa do servidor. — Naturalmente, tudo está criptografado.

— Blare parece hackear rápido.

— Blare tem uma certa habilidade com essas coisas, mas a descriptografia exige mais potência. Os servidores geralmente são duplicados para redundâncias também, o que torna os arquivos mais fáceis de recuperar, mas só tem *uma* versão disso, e a computação de dispositivos portáteis por si só levará dias…

Ele desconecta o dispositivo portátil da porta. Por um segundo, parece estar desistindo antes que sejamos pegos, para que haja a oportunidade de nos reagruparmos e encontrarmos outro método.

Ledo engano. Nik se inclina para passar a palma da mão ao longo do suporte à sua frente, contando as luzes azuis piscantes. Quando ele puxa uma das caixas inferiores, a princípio, só parece examinar o revestimento externo.

Então, puxa a caixa inteira, tentando levantar o peso em seus braços.

— Ei, peraí — digo, correndo até ele. — Você ainda está segurando o portátil, vai derrubar tudo…

Eu pego o computador de mão. Nik se sobressalta imediatamente, o que o faz afrouxar as mãos e se atrapalhar. É mais uma resposta instintiva do que uma curiosidade deliberada quando olho para sua tela desbloqueada, encontrando um registro de bate-papo com duas abas abertas. “*Espero te ver em breve*” é a última mensagem que alguém enviou, e não parece ter vindo de Blare. Antes que eu possa ver qualquer outra coisa, o bloqueio automático entra em ação e escurece a tela.

— Cuidado com isso — avisa ele, retomando o controle sobre a caixa do servidor. Ele se mexe para ajustar o peso e puxa todo o hardware para seus braços.

Eu pisco.

— Vamos roubar o servidor inteiro?

— Sim — resmunga ele. — Precisamos de tempo para decifrar antes de recuperar o arquivo. Pegue Miz na saída, por favor?

# CAPÍTULO 16
## LIA

— Imagino que seja para você.

Kieren estende o menor dos dois uniformes amarelos de entregador. As portas do caminhão estão destrancadas. Até o motor ainda está ligado, então não precisamos nem achar as chaves, nem descobrir como ligar.

— Vou vestir por cima — digo, gesticulando para que ele me entregue. — Não combina muito com meu cabelo.

Ele faz uma pausa, abrindo seu próprio macacão.

— Seu cabelo é preto.

— Eu sei. Foi só meu jeitinho de dizer que o macacão é feio.

Dou um pequeno pulo, soltando a bainha apertada do tornozelo presa em meus sapatos antes de fechar o zíper confortavelmente. A NiloCorp até mesmo incluiu um crachá na linha do cinto com uma foto minha sorrindo. Acho que nunca posei para essa foto, então presumo que geraram por conta própria.

Uma notificação aparece no meu visor.

**Esta é uma mensagem automática:**
**Eba, você chegou ao caminhão!**
**Lembre-se de que as entregas são pela entrada lateral.**
**Kam**

— Quer dirigir? — pergunto.

Kieren já está entrando pelo lado do motorista.

— Parece até que estamos completando missões em um videogame.

— Acho que um posto de prova é basicamente isso.

Kieren faz todo um show, checando os espelhos e colocando o caminhão em marcha à ré. No entanto, com apenas um movimento no volante, o veículo sai facilmente da esquina, então ronca por si só em direção ao

portão e entra. Eu olho pela janela em busca da porta lateral da instalação, só que o caminhão está virando novamente, indo sozinho para a passarela à esquerda. A rota já está salva.

— Viu, é disso que eu tô falando — murmura Kieren. Ele não quer acionar nenhum recurso de gravação do painel. — Não tem como eles estarem *tão* preparados assim, sem alguém que já esteve aqui antes.

O caminhão para na entrada lateral do centro de dados. Eu só faço um barulho pensativo, saindo e ajeitando meu macacão.

Vou para a parte de trás, abrindo bem as portas e examinando os pacotes em busca de algo que poderíamos entregar de forma convincente. Eu não deveria ter me incomodado: há outra notificação, uma solicitação de um plug-in aumentado para fazer algumas mudanças na minha visão.

— Devemos aceitar isso? — pergunta Kieren, mas eu já cliquei em aceitar. Duas das caixas de papelão na minha frente acendem com um brilho branco.

— Vou levar a menor — anuncio quando ele se aproxima. — Use a sua para bloquear seu rosto.

— Grossa — murmura Kieren. Ele pega o pacote com mais força do que o necessário. Deve estar vazio, dado que ele quase voa para trás, seu equilíbrio vacilando por alguns segundos antes de se firmar.

— Sou uma profissional — recito baixinho, virando-me rapidamente para não rir. — Sou tão profissional…

Aperto a campainha na porta lateral. Não há maçaneta externa, apenas um pequeno painel com uma câmera nos observando. Não tenho tempo para preparar um discurso antes que uma mulher de jaleco branco venha abrir a porta, acenando para entrarmos.

— Já sabem onde é — diz ela distraidamente. Não olha para mim, o que significa que posso manter meu olhar em seu rosto, tentando entender o leve borrão que vejo. É outro recurso de filtro. A mulher provavelmente tem a idade de Tamera, lá pelos cinquenta anos, mas o sistema apaga as linhas que decoram os lados de seus olhos sem removê-las completamente. Ela deve ter arrastado o controle deslizante até o fim.

— Por favor, não demorem. Precisamos que os corredores estejam liberados para a gerência em uma hora.

Eu assinto.

— Sim, pode deixar.

O plug-in ilumina um caminho aos nossos pés. A mulher segue na nossa frente, sem encontrar nada de estranho na troca dos entregadores de sempre. O fato de parecermos saber para onde estamos indo ajuda bastante, e quando ela faz uma curva à esquerda em um laboratório, continuamos, descendo até uma porta no final do corredor.

Não há adições interessantes no prédio, nenhuma luz brilhante ou peças de arte holográfica. É como seria no Baixo, desde as rachaduras nas paredes onde havia goteiras até o carpete arranhado. Nenhuma câmera lá dentro também. Precisam garantir que não vão ser hackeados e espionados.

As setas brilhantes terminam em uma sala de depósito, a porta escancarada e um robô sentado lá dentro para escanear itens. Kieren e eu trocamos um olhar. Acho que precisamos entregar esses pacotes e deixar os funcionários se perguntarem quem pediu as caixas vazias.

— Obrigado — diz ele ao robô, que não responde.

— E agora? — sussurro do lado de fora da sala. — Escritório do Chung?

— Você vai para oeste, e eu leste? — sugere Kieren.

Assinto. Nós nos separamos, a passos rápidos. Só temos certa margem de manobra se um funcionário perguntar o que estamos fazendo, e uma única desculpa de estarmos perdidos antes de termos que sair. A maioria das salas pelas quais passo não são áreas sensíveis. Apenas laboratórios simples, equipados com telas de computador e cadeiras de rodinhas.

Eu me inclino contra algumas das portas maiores e fechadas com teclados pesados presos às maçanetas. Elas não abrem quando tento passar. As salas de servidores, eu presumo. São equipadas com muito mais segurança.

Continuo seguindo em frente. Viro à esquerda, viro à direita. Depois de alguns minutos de caminhada, ouço o zumbido antes de virar a esquina e chegar à sua fonte: uma porta de madeira mais simples. O zumbido é estranho para meus ouvidos, como se alguém estivesse tocando uma flauta desafinada do lado de fora da instalação, e a melodia estivesse flutuando pela parede.

Tento abrir a porta. Não esperava resistência, dada a falta de uma fechadura, mas ela não se mexe. Sem buraco de chave, sem teclado digital. É uma maçaneta normal.

— Hummm. — A porta está trancada por código. Isso é incomum.

Abro minha tela, querendo ver o que aparece quando interajo com a porta. Existem certos itens na realidade virtual que operam assim (pôsteres de filmes com imagens esperando para se mexerem, livros de capa dura com versões digitais), só revelando sua funcionalidade extra em nossos displays. Não costuma ser o caso de *portas*. O Alto deve parecer real. No real, usamos maçanetas e fechaduras.

Mas, de fato, uma janela aparece na minha tela. Não deixa espaço para confusão. A caixa está nomeada como "PORTA". Um menu suspenso a mostra como *Fechada*.

Toco no menu para abrir todas as opções.

**FECHADA**
**ABERTA**
**ERRO#z27LxQAwx4jDEw//acesso:20400701205805l7XXXXX**

Meu sangue gela. *Fechada* está selecionada. *Aberta* está em branco, indisponível como opção. Mas a terceira opção de *Erro* é selecionável, para mim, pelo menos… provavelmente porque o final do jargão é meu ID de usuário do Tear.

Ou quase. Meus últimos cinco números estão censurados. Mas os primeiros oito dígitos são meu aniversário: o ano, mês e dia exatos (papai escolheu, porque eles não sabiam qual era meu aniversário real) e os oito dígitos seguintes são a data de validade do ID no mesmo formato, o dia em que precisarei obter novas credenciais do Tear.

Estou congelada no lugar, sem saber o que fazer. Embora *possa* ser a identidade de outra pessoa com meu mesmo aniversário e data de validade, o próprio fato de ser selecionável para mim deve significar que é a minha. E mesmo sem os últimos cinco números exclusivos em exibição, não teria sido difícil para outra pessoa descobrir isso também. Pouquíssimos usuários do sistema Tear teriam aniversário e data de validade idênticos.

Passo o mouse sobre a terceira opção por tempo suficiente para que meu visor decida selecioná-la automaticamente. A maçaneta da porta clica. Não ouço mais o zumbido desafinado.

Qualquer um pode ver isso. Há quanto tempo está aqui?

Chung deixou o escritório assim? Para *mim*?

Abro a porta lentamente, sem saber o que vou encontrar. O cômodo está escuro. Silencioso. Imóvel. Não adianta ficar aqui e ser pega por alguém no corredor. Eu entro, fechando a porta atrás de mim e deixando-a destrancada.

Definitivamente estou no lugar certo. Meus olhos pousam na única parte iluminada do quarto: a luminária ajustável do armário presa à estante e uma fotografia pregada ao lado, perfeitamente naquele feixe de ouro. Chego mais perto, quase com medo de que a fotografia desapareça como um animal selvagem assustado.

É a impressão de um artigo digital. Papai e Chung estão lado a lado, posando para a mídia atahuense. O texto do artigo desapareceu em um borrão indecifrável. Mas a manchete é totalmente legível quando passo o dedo por ela.

## “PROJETO SABE ENTRA EM AÇÃO”

Sempre soube da história de como papai e Chung se tornaram amigos. Antes de eu nascer, bem quando a guerra fria estava chegando ao auge, o governo anunciou uma semana dedicada à política e tecnologia, então enviou seus senadores aos laboratórios nacionais para que os meios de comunicação pudessem cobrir o que era mais urgente para os civis de Atahua. Não tínhamos conhecimento suficiente sobre nossas descobertas, sobre os projetos que nossos impostos financiavam. Tínhamos orgulho de ser uma democracia, então nossos representantes deveriam dar um rosto aos projetos eleitos, garantir que o país estivesse na mesma página.

Nunca pesquisei o que exatamente papai endossou. Como foi que a mídia não criticou papai quando Chung foi para Medaluo? Certamente eu teria visto a repercussão, se não no meu próprio *feed* na época, então mais tarde, pelo algoritmo, quando selecionasse o contato do papai.

Abro minha tela de novo, evitando de propósito as atualizações de Kieren enquanto ele verifica o outro lado da instalação, procurando o escritório que já encontrei. No mecanismo de busca, eu digito “PROJETO SABE”, “HENRY SULLIVAN”, “CHUNG YIN”. Quando outra mensagem de Kieren chega, coloco no Não Perturbe.

**“SENADOR SULLIVAN ANUNCIA PROJETO SABE, TECNOLOGIA INOVADORA EM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL**
**No comunicado à imprensa, vemos o senador Henry Sullivan citar isso como um empreendimento diplomático…”**

**KIEREN:**LIA

Eu pulo de susto, registrando a mensagem. Odeio quando as pessoas usam o efeito de chamar a atenção para burlar minhas configurações. Eu fecho o artigo rapidamente, confirmando que papai endossou mesmo Chung.

**LIA:** eu só estava lendo um negócio, dá pra ficar DE BOA

Eu o coloco em Não Perturbe novamente, com a intenção de fazer uma busca adequada no escritório de Chung. Infelizmente, Kieren deve imaginar o que estou fazendo e envia tudo ainda com efeito de chamar a atenção.

**KIEREN:** TÔ VENDO SUA LOCALIZAÇÃO EM “ENCONTRAR MEUS AMIGOS”
**KIEREN:** VOCÊ ESTÁ NO ESCRITÓRIO?
**KIEREN:** ESTOU CHEGANDO
**KIEREN:** VOCÊ É TÃO BABACA

Minimizo suas mensagens o mais rápido que posso. No frenesi, minha tela fica confusa, sem saber se estou tentando abrir o artigo de novo, fazer outra pesquisa ou responder a Kieren. Quando movo meus olhos na outra direção, tentando sair de tudo de uma vez, minha tela congela completamente.

— Ah, pronto — eu gemo. Passo os olhos pela tela tão furiosamente que sinto minha cabeça tentar imitar a manobra. Eu realmente espero que a academia não assista a isso quando estiverem vendo minhas gravações.

Minha tela está completamente travada. Não chega nem a piscar. Vou precisar forçar a reinicialização da tela de exibição. *Odeio* o mecanismo que a NiloCorp programou para isso…

Eu me viro para encarar a porta. Sem tempo para cerrar os dentes, ganho velocidade e corro direto para ela, colocando toda a minha força na colisão. Minha visão inteira se apaga por um segundo, totalmente escura quando caio com um baque sólido no chão. Inspiro, expiro.

Quando minha visão volta, a tela está limpa e respondendo normalmente. Só precisei forçar a reinicialização duas vezes na vida e, chocando um total de zero pessoas, é sempre desagradável. Pisco e fecho a tela corretamente para evitar o risco de sobrecarregá-la de novo. Minha testa está pulsando. Vai ficar roxo.

— Ai…

E é então que a porta se abre, trazendo Kieren. Ele para na soleira.

— Uma ajudinha? — pergunto depois de vários momentos, levantando minha mão.

Kieren cai na gargalhada.

# CAPÍTULO 17
## EIRALE

— Você roubou a caixa *inteira*?

Miz segurou as palavras enquanto estávamos no carro de Zizi, fugindo da cena. Ela ficou em silêncio enquanto Blare digitava instruções para encontrar o shopping mais próximo, o carro nos levando para um estacionamento subterrâneo sob a estrutura gigantesca. Não falou nada até o momento em que estacionamos, as portas batendo atrás de nós para bloquear qualquer capacidade de escuta no painel de Zizi.

— *Por que* você fez isso?

É impressionante que tenha se segurado, considerando como ela gesticula agora. Sua voz ricocheteia no teto baixo. Chego mais perto de um pilar à minha esquerda, ficando fora do caminho. Há outro carro aqui embaixo. Parece que está aqui há anos.

— E era para fazer o quê? — retruca Nik.

— Eu sei lá! — Miz joga os dois braços na direção do hardware roubado, largado no banco de trás. — Fazer uma *cópia*?

— Não vou fazer uma cópia e deixar o original no centro de dados. Depois que eu o rastreei, deixei o caminho aberto para qualquer outra pessoa pegar. — Nik apoia a perna em um dos blocos de pedra soltos que separam as linhas brancas. — A NiloCorp já está farejando, então vamos logo. Chegando em Tresci, vamos descriptografar e extrair.

Miz respira fundo, seu nariz rangendo com o som. Ela já colocou seu piercing de septo de volta, livre de sua fantasia de Zizi.

— Uma unidade perdida significa que o centro de dados da Marsup vai saber que houve uma invasão na próxima varredura de inventário, o que pode ser ainda hoje — retruca ela. — Este não era o plano. E se não conseguirmos entrar em Tresci porque você ativou um alerta de segurança nacional? — Ela joga a bolsa no chão, seu baque alto contra o concreto. — Você se arriscou, seu idiota, e deveria ter nos perguntado primeiro.

Nik se vira, esfregando o rosto. Ele está aceitando a bronca. Blare capta meu olhar do outro lado do carro, então arregala os olhos para transmitir um "Eita" silencioso.

— Você queria que eu deixasse o arquivo lá? — pergunta Nik. — Deixasse o *programa* lá?

Eles estão falando em código. É óbvio na maneira como estão enfatizando suas palavras, e eu só posso imaginar que é porque estou ouvindo.

— Não — sibila Miz. — Claro que não. Mas um arquivo não é nada sem as outras partes. Enquanto tudo estiver nesse limbo, enquanto Medaluo não notar o que está escondido em seus centros de dados, sempre há uma chance de recuperação. Se formos bloqueados, então estamos perdidos. Se Medaluo ativar suas defesas, acabou.

— Vocês já teriam um tempo curto de operação, não importando o que acontecesse — digo, me inserindo na discussão. Nik e Miz se viram para olhar para mim com certo espanto, como se tivessem esquecido que eu também tinha saído do carro. — A placa de "Volto logo!" que você colocou na recepção não vai enganá-los por muito tempo. Assim que enviarem um robô para ver Zizi e a encontrarem desmaiada em seu apartamento, entrarão em alerta máximo. A única questão vai ser quantas horas até avisarem Tresci.

Miz enfia as mãos nos bolsos, emburrada. Nik considera minhas palavras por um momento, então concorda.

— Você ouviu nossa soldada — diz ele. — O objetivo agora é chegar a Tresci. Estamos perdendo tempo debatendo qualquer outra coisa.

O corpo inteiro de Miz está tremendo, o que a faz parecer ainda mais baixinha. Ela parece que vai dizer mais, como se tivesse mais ressentimento para espalhar. Então, seus ombros relaxam. Ela respira fundo para se acalmar.

— Vou encontrar um novo veículo para nós — decide ela. — Podemos sair em uma hora.

•

O vigésimo primeiro andar é uma praça de alimentação.

Eles deixam Blare e eu lá. Nik não deve temer que eu fuja de novo, porque eu com certeza poderia enfrentar uma criança de treze anos, se quisesse.

Blare está digitando com uma mão e mexendo uma tigela de leite de soja com a outra. Corro o olhar pelo local, observando as mesas quase vazias, as saídas. Há uma passarela que leva à outra metade da praça de alimentação, mas aquele lado está escuro, suas lojas fechadas. Uma das vitrines também está rachada — não o suficiente para os proprietários substituírem, mas está emitindo um barulho alto de assobio.

Como estamos em público, fico paranoica, vigiando todas as outras pessoas que compartilham o espaço conosco. Nós nos sentamos em uma longa mesa no meio da praça de alimentação. Um sistema de filtragem de ar uiva acima, mantendo ventilação constante. Teryn deve estar por perto. Está claro que já terminamos tudo em Marsup. Membros de sua equipe já devem estar traçando uma rota para começar a nos seguir até Tresci. Se eu ainda estivesse em sua unidade, era isso que eu teria sugerido.

— Ei.

Blare levanta o olhar.

— Oi?

— Como você se envolveu em tudo isso?

A colher de plástico delu para no meio do caminho até a boca. Ela cai de volta na tigela.

— Eu… me voluntariei — diz Blare. — Eu sempre quis.

Enrugo o nariz.

— Cometer crimes?

— Hum, *não*. — A voz de Blare assume um tom de escárnio. — Fazer parte da revolução. Talvez nem todos concordem com a maneira como estamos trazendo mudanças, mas é necessário. Sem nós, a NiloCorp estaria matando pessoas silenciosamente em seus Pods, e ninguém saberia.

Eu coloco meus pés em uma das cadeiras. Apesar de me esforçar para limpar meus sapatos, pedaços de lama grudam nas laterais, rastejando entre as fendas.

— Você realmente acredita nisso? — pergunto. — Que a NiloCorp é capaz de Indispor as pessoas?

— Não só acredito — responde Blare. — Eu *sei*.

Um barulho alto vem do outro lado da mesa. Eu estremeço, girando rápido, mas é apenas um grupo de crianças brigando por um brinquedo. Eles jogaram uma bandeja de bolinhos no chão. Presumo que estejam aqui sem supervisão até que uma menina — a babá — se levanta, implorando por um pouco de ordem. Ela é jovem. Não é mais velha do que eu, embora eu duvide que tenha se formado em qualquer tipo de academia. Uma bolsa de ombro está pendurada em seu corpo, a tela na frente piscando anúncios. Cada quinto slide exibe seus próprios serviços: ela está disponível para cuidar de crianças das sete da manhã às dez da noite por uma taxa fixa.

— Se me derem o brinquedo, a gente compra uns docinhos na volta. Que tal? — tenta a garota.

Eles a ignoram. Eu conto o grupo de crianças esticando os bracinhos: um, dois, três, quatro, cinco… misericórdia.

Tiro os pés da cadeira e bato com as botas no chão. O som ricocheteia como um tiro, e as crianças gritam, congelando no meio do movimento.

A babá se vira para mim, seus olhos arregalados. Felizmente, ela se recupera antes das crianças, e corre para agarrar o brinquedo, colocando-o no bolso.

— Beleza! — berra ela. — Hora de ir para casa!

Eu me viro. Blare voltou a olhar para o computador de mão. Como elu não está usando o garfo plástico que veio junto com a refeição, eu o roubo, com a intenção de raspar a lama dos meus sapatos.

Nós ficamos em silêncio por um tempo. Minha bota esquerda está particularmente nojenta, então eu a apoio no meu outro joelho, cutucando a sola com os frágeis pinos de plástico. A babá está sofrendo para colocar uma coleira longa em todas as crianças. Fico observando pelo canto do olho.

— Você realmente não lembra nada de Kunlun?

Agora, a pergunta de Blare surge do nada. Troco o garfo pela faca de plástico quando me deparo com uma pedrinha particularmente teimosa.

— Você leu meu arquivo, né?

— Sim — responde elu. — Mas a NiloCorp exagera o tempo todo. É mesmo um vazio completo ou você tem… sei lá… impressões?

— É uma ausência completa. — Flocos de lama caem no chão. É quase imperceptível entre os outros restos de comida e lixo deixados sob a mesa.

— Mas era *Kunlun* — diz Blare. — Como você pôde esquecer?

— O que você quer que eu diga? — contra-ataco. — Talvez a NiloCorp tenha roubado minhas memórias. Você já conhece a Indisposição. Agora… — Eu largo a faca e agito meus dedos, imitando um monstro de conto de fadas. — Prepare-se para a Ignorância. Eles entram com um malware…

— Não seja condescendente. — Blare bufa. — É falta de educação.

Bem, *é* mesmo indelicado da minha parte pirraçar uma criança.

— De qualquer forma — digo. — Lamento dizer que ser ou não um lugar especial não impede que uma convulsão consuma minhas lembranças. O que você tem a ver com isso? Parece até que estava lá ou algo assim.

Silêncio. Eu levanto o olhar, e Blare empalidece completamente, seu dispositivo portátil abaixado. Toda a minha atenção se desvia dos meus sapatos enlameados.

— *Estava*?

Blare balbucia.

— Não. Não estava, não.

— Blare. — Eu coloco meus dois pés no chão. — Nik e Miz não estão aqui agora, então você não vai se encrencar. O que você sabe?

— Nada!

Devo estar assustando elu. Eu continuo.

— Olhe nos meus olhos — comando. — Não tenho nenhuma lembrança da minha prova final, do momento em que minha escola me transferiu como um avatar até o momento em que acordei no Baixo. Qualquer coisa pode ter acontecido nessas dez semanas, então eu realmente preciso que você responda a uma pergunta simples: *A gente já se conhece?*

Elu fecha e abre a boca. Então, baixinho, tanto que eu tenho que me esforçar para ouvir, Blare diz:

— Pode te prejudicar descobrir qualquer coisa agora.

*Como é que é?*

O celular delu começa a tocar. Blare agarra a oportunidade de escapar do interrogatório. Estou completamente perdida, então não insisto mais. Do outro lado da praça de alimentação, um técnico de manutenção está dizendo a alguém que os elevadores não estão funcionando e os clientes terão que esperar ou subir as escadas.

A babá finalmente colocou as crianças enfileiradas. Quando ela passa na nossa frente, meus olhos quase desviam. Blare está balançando a cabeça vigorosamente — consigo perceber a voz de Nik vindo do outro lado da

linha, mesmo que não consiga ouvir o que ele diz. Ainda estou olhando, mas Blare não, quando a tela na bolsa da babá pisca e substitui o anúncio de um cassino local por um texto branco simples em um fundo preto:

**CHEGUE EM OFFRON EM TRÊS DIAS.**

Ele desaparece em um piscar de olhos. A tela na bolsa muda para um cupom de "Compre um, leve outro grátis" para raquetes de tênis. Eu teria achado que foi um truque da minha imaginação, se tivesse sido mais rápido.

Blare guarda o dispositivo portátil.

— Nik disse que estão prontos. Ele quer que a gente leve comida.

Meus ouvidos estão gritando com o ruído branco quando assinto. Não olho mais ao redor em busca de outras telas. Não tenho certeza do que mais verei. Depois de ler e compreender as instruções diretas de meus superiores, não posso agir contra elas. Mesmo que haja algo aqui, informações pelas quais estou faminta, bem ao meu alcance. Blare admitiu que estava presente durante meu posto final. Cada vez que vejo Miz tocar o nariz, cruzar os braços, resmungar uma reclamação, é estranhamente familiar. E Nik… Nik Grant, acima de tudo, ativa um instinto em mim que não consigo entender. Tenho um instinto feroz de prestar atenção a cada movimento dele, que me diz que eu deveria estar procurando por algo específico, e não sei o *quê*.

— Vá na frente e espere o elevador — digo a Blare, me levantando. — Eu compro a comida. Ah, além disso, me dê uns trocados.

# CAPÍTULO 18
## LIA

Kieren me coloca de pé, ainda sorrindo quando eu tiro a poeira do corpo.

— Cadê a graça? — pergunto, cheia de ódio.

— É você, Ward. — Ele olha ao redor. — Já encontrou alguma coisa?

— Não tive a chance de procurar. — Graças a ele e suas mensagens incessantes chamando a atenção. — Acho que deveríamos vasculhar possíveis esconderijos e ficar por isso mesmo. Se ele guardou alguma coisa, provavelmente foi em Baixo.

O escritório é esparso. O artigo impresso é uma exceção; não tem outras decorações, tirando um porta-lápis em forma de gato na mesa, e dá para argumentar que é algo necessário. Naturalmente, os olhos de Kieren gravitam em direção à foto com meu pai.

— Ali é…

— Aham — interrompo. — Já dei uma olhada no artigo. Nada útil por enquanto.

Kieren faz uma pausa. Ele abre a boca, pronto para falar, antes de repentinamente apertar os lábios. Devo ter franzido a testa em resposta, porque um lampejo de alarme cruza seu olhar quando nossos olhos se encontram.

— Que foi? — pergunto. — Você discorda?

— Não — diz ele rapidamente. — Vou investigar as prateleiras.

Ele se agacha rapidamente, passando as mãos pelos suportes inferiores. Fico parada às suas costas. Foi estranho, mas não dá para discutir com ele sobre isso. Soaria bizarro perguntar a Kieren por que ele parecia com medo de me fazer mais perguntas. Sobre Chung. Sobre meu pai.

Balanço a cabeça rapidamente, redirecionando meu foco. Já que ele está nas prateleiras, fico com a mesa, ligando as telas. O perfil de Chung está desativado. Provavelmente foi o centro de dados, depois que ele deletou o programa e desapareceu.

Eu me ajoelho embaixo da mesa, olhando os itens ali. Duas caixas de sapatos com diferentes pares de tênis de corrida. Sigo cada um dos fios para ter certeza de que estão conectados nas portas apropriadas e confirmo que não há nada fora do comum.

Kieren estala a língua quando coloco minha cabeça para fora.

— Achou alguma coisa? — pergunto.

Ele se vira, com uma pequena caixa nas mãos.

— O que é isso?

Uma caixa de joias, eu acho. Estou franzindo a testa antes mesmo de me aproximar, abrindo as mãos com ansiedade para que ele me entregue.

— Não abre — relata Kieren.

Ele coloca a caixa em minhas mãos. *Poderia* ser uma caixa de joias, mesmo que menor, mas não sei o que isso estaria fazendo no escritório de Chung. A superfície é de metal, interrompida apenas por duas dobradiças ao longo da linha fina como uma navalha que indica onde as extremidades da caixa se juntam.

Dou um puxão. Ela não se mexe. Eu movo meus dedos, apertando dos lados, e a caixa inteira pulsa.

Eu congelo.

— Você viu isso?

— O quê? — pergunta Kieren. — Você abriu?

A caixa se abre na tentativa seguinte, respondendo à pergunta de Kieren. Seu interior é liso, vermelho e aveludado. Ela revela uma chave. Menor que meu dedo indicador, e os dentes são redondos em vez de irregulares, com comprimentos diferentes de ponta a ponta.

— Isso é tão estranho — murmuro, pegando a chave. — Por que…

Eu quase limpo a notificação na tela por puro hábito. É um daqueles banners automáticos que a academia gosta de enviar: os avisos quando esbarro em algum patrimônio do campus, ou as contagens regressivas quando estou muito longe da aula e perto do horário. Este banner, no entanto, tem movimento. Depois que meus olhos o examinam uma vez, os pixels se desintegram.

**Não diga nada.**

Minha garganta se contrai.

— Ward? — pergunta Kieren. — Você travou de novo?

Um novo banner aparece no lugar.

**Entenda que você está sendo gravada o tempo todo. Os arquivos internos da sua tela estão seguros, mas as mensagens que você envia e as pesquisas que faz não estão. A chave é para o cofre.**

Eu viro a chave. Quando o banner se desintegra, lembro a mim mesma de que tenho que respirar, ou então vou abrir mão da pequena vantagem preciosa que encontrei. Kieren e eu estamos no mesmo posto, mas parece que estamos acessando informações diferentes, afinal.

O escritório foi codificado para abrir para mim. Os banners estão aparecendo diretamente na minha tela. O que está acontecendo aqui?

— É uma chave inteligente — digo, mostrando a Kieren a parte de trás. O formato é só disfarce. — Deve ser para um cofre.

Kieren imediatamente estreita os olhos.

— O que você viu?

*Droga*.

— Como assim? — tento. — Do que você está falando?

— Você viu uma chave inteligente e concluiu "cofre"? — pergunta ele, espantado. — Não tem cofre nenhum no centro de dados. Tudo é protegido por senha na nuvem.

Ele tenta pegar a chave. Instintivamente, eu a puxo de volta, para perto do peito.

E isso só aumenta sua suspeita.

— Lia. Passe para cá.

— Qual é o seu problema? Eu reconheço a marca, ela combina com um tipo de cofre…

Ele tenta novamente. Eu saio do caminho mais uma vez.

— Lia, eu juro…

— *Peraí*…

Kieren finalmente arranca a chave de mim, uma mão em volta do meu pulso para me impedir e a outra arrancando o metal dos meus dedos. Eu congelo, esperando pela acusação, esperando que os banners entrem em sua tela também.

Mas Kieren não diz nada. Ele franze a testa, então vira a chave algumas vezes, dando uma boa olhada. Nada apareceu para ele.

— Como eu *disse*. — Bufo. — É de uma empresa, Segurança Raio. — Estendo a mão para tocar nos dentes redondos da chave, onde o logotipo está gravado no final. — É só pesquisar. Os cofres se abrem com chaves inteligentes e uma impressão digital. Provavelmente está na casa de Chung.

Ouvimos passos apressados do lado de fora. Alguém, de uma forma um tanto nervosa, está pedindo garrafas de água — a gerência está chegando. Precisamos sair daqui antes disso.

— O que você acha melhor fazermos agora? — pergunta Kieren, desconfiado. — Ir até o cofre de Chung em seu apartamento?

Dou de ombros.

— Se você estivesse trabalhando em um programa que metade do mundo quer e encontrasse razões secretas que o levassem a ser excluído, não acha que manteria as coisas importantes em casa?

— Não — responde Kieren. — Acho que manteria no real. Baixo.

— Ele *trabalhava* no Baixo, mas tinha dinheiro para ir para o Alto. Tenho certeza de que passou muito tempo em seu apartamento no Alto de Marsup.

Kieren inclina a cabeça para trás. Meus olhos estão girando impacientemente para a porta, mas Kieren parece não ter pressa.

— Lia — geme ele, e estou tão desacostumada com ele usando meu nome verdadeiro que isso me dá um arrepio no pescoço. — Você não acha que a polícia medana já deve ter esvaziado o apartamento dele?

— Errado — retruco imediatamente. — Talvez tenham destacado um policial para rastrear quem passa por lá, mas eles não podem tratar o lugar como uma cena de crime. Ele está apenas desaparecido. Não é ilegal desaparecer.

Kieren franze a testa.

— É ilegal excluir propriedade do governo.

— Mas disso uma delegacia normal não tem como saber. Ultrassecreto, lembra? Os superiores do governo só podem ficar de olho na situação. Eles não vão relatar a extensão dela.

Kieren ainda parece incerto.

— Deveríamos ligar para Kam e verificar. E se os superiores de Medaluo estiverem enviando seu próprio pessoal para investigar?

— Então temos que chegar ao apartamento o mais rápido possível e ver o que há no cofre antes deles — retruco. — Ainda não estamos sem jogadas. Este é um caminho crítico a seguir.

— É como discutir com uma parede. — Ele gesticula para cima e para baixo em suas roupas, os macacões ridículos que vestimos e que a NiloCorp forneceu. — Como vamos entrar sem Kam fazer o trabalho de preparação durante a noite?

Faço uma busca rápida em nosso *briefing* pelo endereço do apartamento de Chung. É no centro da cidade, perto da Rua Casno. Ao mesmo tempo, recebo um pequeno alerta, uma nova mensagem. Esta não foi acionada por nenhum objeto codificado — reconheço o emoji personalizado de Rayna sorrindo dentuça no canto.

— Sua irmã — digo, falando antes de pensar. — Ano passado, ela hackeou o scanner de impressão digital do seu pai no computador dele. Ela mandou aquela brincadeira para a escola inteira.

Kieren revira os olhos.

— *Hackear* é um termo generoso para o que ela faz. Ela navega na *dark web* em busca de vulnerabilidades e incomoda os criadores até que eles expliquem para ela.

— Mande uma mensagem para ela.

— O quê?

Já estou indo para a porta.

— Kieren. Acho que estamos no caminho certo. Mande uma mensagem para ela!

**RAYNA:** oieeeeeeee 😁 estou em Marsup!
**RAYNA:** ah, e cascavel
**LIA:** sapo, levemente frito
**LIA:** Rua Casno, por favor!!!
**RAYNA:** hein?
**LIA:** [Enviou um pin de localização.]
**LIA:** vista algo fofo, Hailey vai estar lá

Tanto Hailey quanto Rayna estão a menos de uma hora de distância de transporte público em direções diferentes.

Kieren e eu chegamos primeiro à Rua Casno, estacionando o caminhão em um beco e deixando nossos macacões no fundo. Um holograma gigante de um peixe verde nada pelo ar onde a rua começa, toda a via cercada apenas para pedestres. A Rua Casno é o ponto turístico de Marsup — não confundir com Casno, a capital de Medaluo, Terra do Castelo do Norte. Veículos não são permitidos nesta estrada porque tanto as calçadas no nível do solo quanto as plataformas de vidro elevadas já são impossíveis de navegar sem precisar se espremer por entre outras pessoas.

Metade dos rostos aqui são estrangeiros. Visitantes de férias no servidor. Ninguém dá uma segunda olhada em Kieren.

— Sabe — comenta Kieren quando nos aproximamos da multidão — se a NiloCorp realmente quisesse melhorar seus cadetes, deveria tirar restrições para avatares. Deixar a gente mudar nossos rostos para nos misturarmos onde precisamos ir.

Olho feio para ele.

— Grandes problemas éticos, Murray. *Enormes*.

— Estou só refletindo.

— Você é inteligente demais para refletir sobre isso. Fala sério.

Há uma razão muito boa para Atahua não permitir personalização completa do avatar: não precisa. Atahua tem multidões de cidadãos etnicamente medanos; se eles começarem a ficar sem crianças órfãs para usar, vão recrutar adultos. Não há escassez de espiões que se misturam com a nação inimiga, o que não pode ser dito sobre Medaluo. Os medanos aqui são uma maioria tão extrema que os turistas se destacam além das cidades principais, e qualquer agente deles enviado para Atahua terá um rosto medano.

Não importa que sejam fluentes em atahuense, ou que adotem os maneirismos dos atahuenses, um medano não é confiável na sociedade atahuense, não receberá autorização de segurança em Atahua por lei.

Então a NiloCorp não codificará esse tipo de personalização, nunca, porque se o fizer e a moda pegar, Medaluo é quem mais se beneficiará.

— Rayna está a vinte minutos de distância — relato, observando sua localização. — Acho que você deveria ir na frente e encontrar um lugar para a gente se reunir. Onde nosso grupo pareça natural, e não, você sabe,

como se estivéssemos planejando uma invasão domiciliar. Eu posso comprar um laptop.

Kieren faz uma careta. Ele já tem várias queixas sobre convidar Rayna e Hailey para nos ajudar, mas discutimos o suficiente durante a viagem para Rua Casno, e eu claramente ganhei.

— Comprar um laptop?

— Você não vai fazer sua irmã forçar a vista na tela de exibição para rodar um software de exploração de vulnerabilidades, de jeito nenhum. — Eu giro antes que Kieren possa protestar. Ele é quem está com a chave inteligente, então é mais importante que ele saia da multidão primeiro, caso alguém tente roubá-la.

— Vá me atualizando! — grito de volta. — Te encontro em breve!

Estou basicamente só encontrando uma desculpa para ir para um canto e fazer uma ligação.

Em segundos, perdi Kieren na multidão de turistas, navegando para frente com meu mapa. Marsup padronizou sua arquitetura — seus titãs de aço ascendentes, retos e altos — em todos os lugares, exceto aqui, ao longo desta faixa turística. Alguns dos edifícios pelos quais estou passando são baixos e muito mais antigos, seus telhados de tijolos vermelhos planos. Kieren pontuou mais alto do que eu naquela apresentação na Aula de Língua Medana. Eu gaguejei na pergunta sobre a guerra com Pyam há duzentos anos, e Kieren tinha fatos divertidos na manga sobre o esforço de preservação cultural que as populações pyasas em Medaluo fizeram para manter esses edifícios como uma forma de lembrar seus ancestrais.

Examino as lojas à minha frente, inspecionando o mapa em minha tela. A percepção de profundidade muda, e eu bufo, percebendo que deveria estar usando as plataformas elevadas — a loja de tecnologia fica no segundo andar, onde as portas prateadas se projetam das casas existentes, onde as empresas alugaram seus espaços extras depois que a cidade instalou as plataformas elevadas, com a intenção de aproveitar o tráfego de pedestres.

Em vez de contornar os degraus no final, agarro a borda da plataforma e me iço para cima, espremendo-me pelo espaço fino onde a barreira de vidro não toca o chão. Os dois turistas mais próximos na plataforma parecem desaprovar meu comportamento — um casal idoso de Atahua, obviamente, porque eles estão usando NiWear da cabeça aos pés, e ninguém fora de Atahua leva a linha de moda da NiloCorp a sério.

— Oi!

Eu dou a saudação alegre antes da vendedora, e ela salta em posição de sentido, com a intenção de corresponder à minha animação. O ar-condicionado na loja está no máximo. Posso sentir nas minhas narinas.

— Boas-vindas! — O crachá dela diz Nadine. Um nome atahuense. Por um momento, acho que não é medana, mas então ela se aproxima. É, sim, mas suas feições foram severamente ajustadas. O queixo é muito mais pontudo do que o de qualquer atahuense ou medano, o nariz é mais fino do que um palito de picolé — só pode ser os filtros de Medaluo. Não é algo malvisto aqui, como em Atahua. Não é considerado bizarro ou enganoso. Todo mundo sabe que não é igual à aparência em Baixo. É como decorar um avatar de jogo. Ou mudar um alter ego.

— Posso ajudar você com alguma coisa hoje? — pergunta ela. — O novo modelo de dispositivos portáteis acabou de chegar, dez vezes mais confortável do que sua tela. Podemos calcular um plano de pagamento mais rápido do que possa dizer “Uau”!

Eu olho para cima. O nome da loja é “Uau! Eletrônicos”.

— Só preciso de um laptop novo — digo, olhando os corredores. Está completamente vazia, exceto por Nadine. Ela está quase se levantando na ponta dos pés em seu entusiasmo para ajudar. Eu me afastei do escrutínio de Kieren apenas para encontrar outro obstáculo. — Na verdade, posso experimentar algumas cabines à prova de som primeiro? Trabalhar em casa está ficando impossível com minha mãe atendendo ligações sociais na cozinha.

— Claro! — exclama Nadine. — Elas estão logo ali atrás.

Eu a sigo pelos corredores. Eles não colocam os portáteis sob vitrines, nem trancam nenhum dos monitores de computador. A demanda já é baixa no virtual, os dispositivos são feitos apenas para o caso de alguém estar cansado de ter tudo bem na frente dos olhos. Além disso, ninguém furta sob risco de identificação instantânea.

Nadine me leva para um corredor nos fundos, onde as cabines à prova de som estão dispostas em uma fileira. Agradeço a ela e entro na primeira, batendo ao redor como se estivesse testando sua firmeza antes de fechar a porta atrás de mim.

Ativo a chamada imediatamente.

— Atenda — murmuro. — Atenda…

— Lia! — A ligação é direcionada para Freya. — Não está no seu posto?

— Estou — respondo entusiasticamente. Não quero que ela diga ao papai que algo está errado. — Você pode me passar para o papai? Só queria saber como está.

— Hum… Ele está em reuniões agora, mas posso passar uma mensagem.

Meus olhos piscam através do painel de vidro. Nadine não vai voltar ao trabalho. Ela está encostada na entrada, me observando testar a cabine.

— Tá bom, eu menti — digo. — Na verdade, é meio que uma emergência. Por favor, me transfira.

Freya parece preocupada agora.

— Está tudo bem?

*DEFINITIVAMENTE NÃO, FREYA*, quero responder. *É POR ISSO QUE EU DISSE QUE É UMA* EMERGÊNCIA.

— Por favor, só verifica para mim! Obrigada!

A linha clica. Eu fico em silêncio por um momento. Longos segundos se passam. Ouço apenas o bater dos meus dedos contra a mesa de madeira, o assento de couro macio da cabine se acomodando sob minha inquietação. Então:

— Lia?

— Projeto Sabe — digo sem prelúdio. — Tinha algo estranho a respeito?

Um momento se passa.

— Como assim?

Eu abro o *briefing* e começo a folhear as páginas em busca de qualquer coisa que eu tenha perdido, “CONFIDENCIAL” estampado em cada página.

— Eu não posso dizer muito. Mas se você fosse apontar algo estranho sobre o Projeto Sabe, o que seria?

— Lia, não faço a mínima ideia do que você está falando — confessa papai. — É sobre seu posto? Você disse que estava em uma pesquisa.

Encontrar o corpo desaparecido de Chung é definitivamente uma pesquisa sobre sua vida e época, suponho.

— Mais ou menos.

— Lia. O Projeto Sabe não é brincadeira, não importa como tenha tropeçado nele. Foi encerrado por um motivo.

Espero que ele explique. Ele não explica.

— Antes de Chung ir embora?

— Sim. — Ele suspira. — Tenho certeza de que foi um motivador para suas ações.

— Por que foi encerrado?

— Porque algumas coisas realmente não precisam ser feitas — diz papai. — Especialmente não em um clima em que correr para fazer primeiro significa dominar o mundo. Deixe isso para lá, Lia. Volte para seu posto.

Infelizmente, estou sentindo que isso está muito relacionado ao meu posto.

— Pai. — Eu passo para o meio do *briefing*, para a foto de Chung. Ele tem esse olhar que meu pai também tem, logo antes de aparecer na televisão. Controlado, comedido, ausente… para que nada que gritem o provoque. — Isso parece preocupante.

— Podemos conversar mais quando você chegar em casa.

Ele tem medo de ser monitorado. Um choque percorre meu estômago, se espalha e arrepia minha pele. Quando eu chegar em casa, isso terá acabado, e eu terei tido sucesso nesse posto ou falhado em colher qualquer coisa. Ou terei conquistado o status de oradora da turma e escolhido minha posição, ou não serei nada, apenas mais uma cadete, outra graduada, outra residente indesejada de Atahua varrida para a bobagem cotidiana que compõe sua força de trabalho.

— Ok, falo com você mais tarde — digo fracamente. — Tenha um bom-dia.

— Você também. Amo você.

Ele desliga. Nadine deve ter espiado pelo bloco de vidro, porque assim que paro de falar, ela bate na porta.

— Como estamos indo aí? — pergunta ela através do vidro.

Deixo a pergunta no ar, sinalizando que estou verificando algo. Isso me dá tempo para me recuperar, para digerir exatamente o que foi aquilo. Meu pai nunca foi a pessoa mais comunicativa. Isso é esperado, dado o seu trabalho. Ele ignora perguntas sobre o último escândalo político em Melnova; ele hesita e gagueja se eu estou perguntando sua opinião sobre Medaluo. Não é que ele não confie em mim. Ele não pode se dar ao luxo de deixar que trechos sonoros vazem na remota possibilidade de alguém estar grampeando nossa linha telefônica, ou voando um drone em miniatura na forma de uma abelha através das janelas da nossa sacada.

Mas entre sua reação e o escritório de Chung ativando banners secretos em minha tela, não consigo imaginar isso sendo um sigilo regular e preventivo. Minhas ligações são monitoradas, sim. Assim como minhas mensagens para qualquer pessoa em Atahua… para que a NiloCorp, meus futuros empregadores, possam ver. Então, se o papai não quis dizer nada, há algo aqui que a *NiloCorp* não pode saber?

Abro a porta da cabine.

— Preciso pensar um pouco mais — digo distraidamente. Meus olhos giram em movimento rápido, fazendo uma busca na minha tela. Quando a academia rastrear isso mais tarde para dar minhas notas, será mais do que relevante. Qualquer um verificaria, sabendo o que eu sei e tendo visto o que vi no escritório de Chung.

**projeto sabe encerrado atahua por que**

— Totalmente compreensível — diz Nadine. Ela gesticula ao longo da fileira. — Você quer experimentar outra cabine?

— Hum…

Os resultados da minha busca retornam com várias postagens de *feed* de doze anos atrás. Não vejo nenhum comunicado de imprensa oficial ou cobertura de notícias, então destaco todas as opiniões na primeira página de resultados para um resumo:

> O Projeto Sabe era um programa de IA que visava realmente entender a linguagem, o que levantou questões sobre seu uso na melhoria da experiência no Alto.
>
> Isso faria uma grande diferença na produtividade — em vez de empregar engenheiros construindo e melhorando o Tear, este programa implicitamente capta a natureza de sua realidade, o que lhe permite fazer facilmente o trabalho de dez engenheiros.
>
> A NiloCorp não adquiriu o Projeto Sabe, como os investidores esperavam. Para o desânimo dos pesquisadores, na verdade, a NiloCorp se sentiu ameaçada pela possibilidade de a IA ganhar a capacidade de construir um concorrente para o Tear.
>
> Uma vez que a pesquisa atingiu um certo ponto de sucesso, o Projeto Sabe estava construindo uma IA que poderia entrar no

> Tear para desligá-lo completamente ou fazer uma cópia completa que fosse uma realidade livre e aberta, replicada usando seu próprio conhecimento.
>
> Nos bastidores, fontes confiáveis dizem que a empresa pressionou os departamentos de pesquisa de Atahua e encerrou o Projeto Sabe.

Eu limpo o histórico de pesquisa, suor se acumulando em minha testa. Um programa de IA criado para entender linguagem, capaz de interagir com Tear e fazer ajustes.

Vira de cabeça para baixo, gira algumas vezes, chama de arma em vez de "uma tentativa de melhorar a experiência do usuário do Alto", e soa muito como a Operação SangueFio, na verdade.

Nadine limpa a garganta.

— Talvez este modelo maior aqui, com dois lugares?

— Não, obrigada — resmungo, fechando minha tela. — Só o laptop, por favor.

# CAPÍTULO 19
## EIRALE

São nove horas de carro de Marsup a Tresci.

Estamos diminuindo a velocidade, saindo da rodovia e entrando em uma estrada principal, então devemos estar chegando ao meio da nossa jornada. Presumi que viajaríamos as nove horas inteiras de uma vez. É uma van autônoma. Não precisa trocar de motorista para fazer turnos quando a noite cai.

Acontece que o veículo é elétrico, o que significa conectar para ter mais energia no meio do caminho. Veículos elétricos roubados não retêm muita carga. Pelo menos não o suficiente para arriscar a viagem inteira.

Eu acordo do meu cochilo leve, me virando para encarar a janela. Miz sugeriu parar em Cisat ou Celpac, onde for mais fácil para reabastecer. No mapa, é uma linha reta de Marsup a Tresci. Nas estradas reais, as linhas curvas e colinas onduladas adicionam muito mais tempo de viagem. Nossa rota até agora cortou o meio de vários prédios residenciais baixos, o que eu acho que é comum em lugares onde precisavam construir uma via expressa, mas não queriam demolir os prédios em seu caminho. Tivemos que desviar duas vezes: o mapa não percebeu que partes das vias expressas estavam fechadas por falta de uso e nos levou a becos sem saída.

O horizonte fica mais cinza quanto mais para o oeste vamos. As nuvens também ficam mais escuras. A noite chega com o toque de um interruptor. Eu pisco, e o que eu presumi ser uma diminuição na qualidade do ar arrebata o sol de uma vez, o céu uma tela de tinta borrada.

— Está dormindo?

A voz de Nik soa de repente no meu ouvido. Eu não o ouvi trocar de assento para ficar atrás de mim, e tomo um susto, girando.

— Desculpe — ele se apressa a dizer, levantando as mãos. — Que tal celebrarmos a paz?

Meus olhos voam para a janela. Meu coração está batendo forte.

— Acho que vamos ter que nos contentar com uma civilidade satisfeita.

Leva um tempo para Nik perceber que fiz uma piada. Leva mais um tanto para reagir, emitindo uma meia risada, relutando em achar graça. A Terra de Civilidade Satisfeita e a Terra da Celebração Pacífica ficam próximas, ambas cidades menores que continuam perdendo civis com o passar dos anos.

Em Baixo, seja em Medaluo ou Atahua, cada ponto de médio porte no mapa flui em uma de duas direções: para uma cidade grande onde ainda há população, ainda há empregos a serem encontrados; ou o oposto, se alguém tiver fundos suficientes, para áreas remotas onde pode ser deixado sozinho para se conectar a um Pod e viver na renderização virtual de qualquer cidade onde possua propriedade.

No Alto, Cisat e Celpac continuam bem movimentadas, mesmo que as cidades tenham virado cemitérios.

— Olhei para as duas listas de cidadãos de Kunlun que Blare conseguiu para você em Marsup — diz Nik. Sua expressão voltou ao seu estado de repouso: impassível. — Qual é o plano?

Eu cruzo as pernas. Em uma pausa para banheiro, guardei o rastreador de Teryn para mantê-lo seguro. Está na sola do meu sapato.

— Já estamos indo para Tresci — digo. — Não consegue adivinhar?

— Provavelmente consigo — responde Nik. — Mas prefiro que você me explique.

O resultado infeliz de manter o rastreador no sapato é que meu pé esquerdo está infinitesimalmente mais pesado que o direito. Embora eu saiba que deve pesar menos que um grão de arroz, ainda sinto, e estou achando difícil ignorar a diferença. Ela espreita, sempre presente no meu campo de consciência. Ela me lembra do que espera no final disso. Eles vão querer Nik morto em algum momento. Não será chamado de execução — será um perigo que eles não poderiam ter previsto, um presidiário com uma faca. Eles vão querer Miz, até Blare, atrás das grades. Vão colocar Blare em trajes de prisão grandes demais para elu. A NiloCorp não vai se importar que seja uma criança.

Eu afasto o pensamento rapidamente, então descruzo e cruzo as pernas de novo.

— Não é nada complexo. Você já tem que ir ao centro de dados da Tresci. É a maior instalação de dados de Medaluo. Exatamente o lugar certo

para obter a maior variedade de informações. — Eu olho para Blare, que está cochilando levemente. — Nós verificamos os nomes dos cidadãos de Kunlun que recuperamos em Marsup. Vemos se alguma de suas credenciais do Tear pode ser recuperada. Precisaremos de várias opções, caso eles façam *login* novamente mais rápido do que podemos alterar suas senhas primárias.

O sistema Tear só permite um *login* ativo por vez: compreensivelmente, para evitar que famílias tentem compartilhar uma assinatura. No momento em que entrarmos em Kunlun, estaremos expulsando o usuário cujo avatar roubamos, e temos que terminar nossa missão antes que eles peçam ajuda para recuperar a conta.

Nik assente.

— E recuperaremos suas segundas senhas para Kunlun também?

— Não. — Kunlun é o lar das pessoas mais ricas do mundo. Suas equipes de segurança, engenharia e publicidade pessoal terão um sistema configurado para revezar novas senhas secundárias. Semanalmente, diariamente, talvez até de hora em hora. A senha secundária é preciosa demais para arriscar. — Depois que terminarmos em Tresci, nossa próxima parada precisa ser Frontex.

Levanto o olhar. Não sei o que estou procurando. Algum sinal, talvez, de que Nik sabe que o estou traindo. Algum gesto para revelar que ele está me grampeando, me vigiando; que gravou toda a minha conversa com Teryn.

Nós nos encaramos por um tempo a mais. Ele não reage, então sou eu quem se contorce, desconfiada.

— Do que chamam Kunlun, afinal? — pergunto.

— A Cidade na Nuvem — responde Nik, sem perder um segundo.

Eu assinto.

— Precisam armazenar a cidade na nuvem em algum lugar. Kunlun foi inventada em Frontex, todos os dados estão lá.

Não vimos nenhum carro em nosso encalço. Se a equipe de Teryn está nos seguindo, está mantendo vigilância de drones ou esperando o rastreador parar. Ou talvez nem esteja seguindo. Talvez eles tenham prosseguido e se posicionado em Frontex para se preparar. Três dias não é muito tempo.

— Para invadir Kunlun — continuo —, precisamos primeiro invadir o centro de dados da Frontex. Se conectarmos uma Garra nas portas de manutenção que os engenheiros usam, espero que o sistema ignore a

segunda senha e logue no Alto do jeito normal. Se usarmos as credenciais que roubamos, entraremos como cidadãos de Kunlun sem acionar alarmes.

O veículo fica em silêncio. Saímos da estrada principal, avançando em direção ao ponto de recarga elétrica em um posto de gasolina. Enquanto a van estaciona em uma vaga, Miz estica a mão para acender as luzes internas. Todos nós nos encolhemos. As lâmpadas são clinicamente brilhantes, nos iluminando com tanta potência que meus olhos ardem.

— Vou ativar o carregamento — anuncia ela. — Não acordem Blare, se puderem. Voltaremos para a estrada logo, logo.

Miz sai e fecha a porta. Enquanto ela mexe no fio da estação de carregamento, Nik murmura uma reclamação baixinho, inclinando-se para o painel para diminuir as luzes. Um clique alto reverbera do exterior da van. O veículo começa a zumbir para indicar uma carga em andamento.

— Você ainda tem seu chip?

Nik se vira lentamente com a minha pergunta, empoleirado no console central. Ele apoia as mãos nos joelhos, mantendo-se ereto.

— Você quer dizer o chip que me deixa ir para o Alto? — pergunta ele. — Por que eu não teria?

Não achei que fosse muito inesperado eu perguntar. Ele é um anarquista, afinal. Alguém que não para de falar sobre Indisposição, insistindo que qualquer usuário que desapareça dos servidores, mas não acorde, deve ter tido a mente deletada pela NiloCorp. A possibilidade mais lógica é que de vez em quando ocorra um erro nos Pods ou nas Garras, e os cérebros das pessoas buguem. A NiloCorp paga um acordo enorme, as famílias choram e o resto de nós continua com nossas vidas virtuais.

— Dada a quantidade de folhetos seus com palavras fortes que tive que peneirar — digo, ironicamente —, eu presumi que você odiava o Alto o suficiente para querer sair.

Nik zomba.

— Sim. Eu tenho meu chip. Obrigado por se preocupar se eu serei capaz de participar do plano. De qualquer forma… — Ele limpa a garganta. Claramente, não aceita mais perguntas sobre o estado de sua assinatura do Tear. — Você acha que isso vai nos levar para dentro? Entrar pelas portas de manutenção?

— É o único método que posso imaginar que não requer essas segundas senhas — digo. — Não saberemos até tentarmos. Mas mesmo isso te deixa

mais perto do que qualquer coisa que tenha pensado, certo?

Ele não responde, o que significa que estou certa. A tentação de saborear isso compete com meu desconcerto, crescendo a cada segundo que passa enquanto observo Nik para ver sua reação. No outro assento, Blare ronca alto, harmonizando com o carregamento elétrico. Elu não se mexe, apesar da luz.

— Não vai ser fácil — eu aviso. — Frontex é o centro de dados mais protegido de Medaluo.

— Nós entraremos — diz Nik. Ele não deixa espaço para discussão. Não é apenas uma declaração jogada para mim. Parece uma promessa que ele está fazendo a si mesmo.

— Posso perguntar mais uma vez — tento — qual é o programa?

— Faria diferença se você soubesse? — questiona Nik.

Faria. Porque quanto mais eles escondem isso de mim, mais estou convencida de que tem algo a ver comigo. Com o que eu descobri da última vez que estive em Medaluo.

Eu me inclino para frente nos cotovelos.

— Você tem muito a perder se eu decidir meter o louco e correr o risco de retornar a Atahua.

Nik também se mexe. Estamos de frente um para o outro, nossos pés preparados para o momento em que o sino tocar no ringue de luta.

— Você não faria isso.

— Para sua sorte — retruco —, eu não quero. Quero suas informações. Algo bem simples, né?

— Acho que está superestimando seu poder de negociação.

— E eu acho que você não entende o quanto eu já analisei. — O veículo estremece quando Miz puxa o cabo de carregamento. Sua silhueta se move ao longo das janelas escuras. Minha atenção permanece firme em Nik. — No momento em que te vi fora de uma tela de vídeo, me perguntei se já tínhamos nos conhecido.

Há uma razão pela qual eu perguntei se ele ainda tinha seu chip, não se já tinha possuído um. Se eu já o conheci antes, deve ter sido no Alto, no ano passado. Eu o examino, e cada detalhe é coeso com o que eu esperava inatamente. A cicatriz tênue no lado esquerdo de sua sobrancelha escura. A faixa mais clara de pele no pulso direito, onde ele deve ter usado um relógio

que não usa mais. O flash nos olhos cinzentos de Nik: aterrorizados, por um breve segundo.

— Achei que era porque passei muito tempo estudando você — digo. — Minha equipe em Cidade-Botão dividiu as filmagens que tínhamos. Eram só três caixas para cada, para tomar notas e depois juntar, mas acabei olhando as deles também, só para aprender um pouco mais, ganhar um pouco mais de percepção.

O que não digo em voz alta é que assisti a todos os seus vídeos de novo, e de novo. Algo continuava me incomodando, e eu não conseguia identificar o que era. Memorizei como ele se mexia, como corria. Li nosso *briefing* de trás para frente e falei seu nome baixinho antes de dormir, só para capturar uma parte dele primeiro. As práticas de realidade mista não o estavam retratando corretamente. Quando quase o peguei naquele segundo encontro, nossos olhos se encontraram no momento em que minhas mãos vacilaram nas algemas que eu estava preparando. Se ele não tivesse me vencido na terceira vez, me nocauteado e escapado enquanto eu estava inconsciente, eu poderia ter começado a me perguntar se o estava deixando escapar de propósito.

— Não sei como — digo — mas acho que você estava lá comigo em Kunlun. Acho que me conhece.

— Isso é ridículo — rebate Nik. Ele está se fazendo de indiferente, vago. Mas o vejo batendo o polegar no indicador, depois no dedo médio. Quando ele bate no mindinho, ele inverte, repete o processo em uma variação profana de oração de rosário.

— É mesmo? — Dez semanas é muito tempo. — Deixa eu te provar.

Eu avanço rapidamente.

Desta vez, não estou tentando vencer. Não tenho intenção de desarmá-lo. Nem estou tentando machucá-lo. Meu braço colide com o peito de Nik; eu o empurro para o console, prendo-o com a pressão dos meus joelhos. Dou um golpe, mirando bem no nariz dele, e ele bloqueia, empurrando meu cotovelo para cima, interrompendo minha trajetória antes que possa conectar. Na respiração seguinte, já estou me mexendo, tentando ficar de pé novamente para poder dar uma cotovelada em seu estômago, mas Nik sibila, me chutando para trás.

Ele se segura. Eu voo para os assentos, meu cabelo nos olhos. Blare acordou com a comoção.

— Ei! — Elu mal tem tempo de gritar antes que eu deslize pelo chão no pequeno espaço, alcançando o tornozelo de Nik.

Eu o puxo para baixo. Ele não tem tempo, nem espaço na van para manobrar para outro lugar. E quando sua cabeça bate no chão, quando eu levanto meu punho mais uma vez para um golpe bem no centro de seu rosto, ele enfia os dedos na lateral das minhas costelas, me fazendo encolher antes que eu possa fazer contato.

Não preparo nenhum próximo movimento quando Nik parte para o ataque. Ele aproveita a chance para me incapacitar, inverte a forma como eu estava sobre ele, de modo que suas mãos estão presas em meus ombros, seu joelho prendendo minha barriga no lugar.

E eu digo:

— Comprovado.

— Qual é o seu problema? — rosna Nik. Ele não consegue fingir esses instintos. Sabe como eu me movo. Sabe exatamente como eu luto.

— Você está sangrando! — lamenta Blare.

Nik não me solta. Eu não desvio o olhar.

— O programa — digo. Eu dou essa saída a ele. Não vamos falar do porquê. Não vou pressioná-lo mais sobre o que ele não vai responder. Mas ele tem que me dar algo. Qualquer coisa. — O que é o programa?

Blare se levanta, agarrando o braço de Nik para tirá-lo de cima de mim. Ele não está disposto, de início. Solta uma mão de cada vez, com medo de que eu ataque novamente. Volto a sentir meu ombro esquerdo, depois o direito. Quando Nik se endireita, ele continua sentado no chão da van, próximo, cauteloso. Em um armistício provisório, eu o imito, me levantando lentamente para permanecer no chão com as pernas cruzadas.

O silêncio se instala no espaço entre nós, pesado como veludo, acumulado.

— O programa — diz Nik finalmente — é um *exploit* de corrupção do mecanismo do Tear.

Blare lhe passa um lenço de papel, e Nik limpa o arranhão em sua têmpora onde o sangue se formou na superfície. Não fui eu. A culpa é dele por colidir com a van.

— Como assim? — pergunto. — Ia ser possível hackear?

— Sim. Até o núcleo. — Ele exala, jogando fora o lenço de papel ensanguentado. — Eu não odeio o Alto. Eu odeio o controle da NiloCorp

sobre a invenção. Poderíamos desbloquear as configurações da NiloCorp no servidor de cada nação. Excluir o modelo de assinatura dos usuários. Tornar o Alto um direito público e livremente acessível a qualquer um com um plug-in.

Minhas sobrancelhas se erguem por vontade própria. Eu entendi que sua equipe era anarquista. Eu não achava que isso significava que eles tinham ideias tão inexatas sobre o cerne da liberdade.

— Se você corromper o Tear — digo lentamente —, o que impede a NiloCorp de desligar seus servidores? Não estarão mais lucrando.

— Ótimo — responde Nik bruscamente. — A próxima coisa que eu quero é a NiloCorp morta no chão. Eles *não deveriam* ter controle sobre esses servidores. Não deveria haver uma única entidade armazenando cada bit de informação sobre cada pessoa que já foi para o Alto.

— Os servidores entrariam em colapso sem a manutenção.

— Talvez os países precisem assumir sua própria manutenção se quiserem um lugar para viver. Isso ia forçá-los a ter seu próprio sistema em vez de retransmitir tudo de volta para a NiloCorp.

Espero um pouco, certificando-me de que o ouvi direito.

— Você quer que o governo de *Medaluo* assuma o Alto deles?

Nik faz uma careta.

— Eu não disse que era um plano perfeito — diz ele.

— Medaluo tem Kunlun, e eles estão indo bem — oferece Blare.

— Não, Medaluo não *tem* Kunlun — digo. — *Kunlun* tem Kunlun, porque Kunlun tem mais bilionários do que metragem quadrada. Claro que Medaluo não vai isolá-los do mundo só porque eles podem.

Mesmo com uma brecha para corromper o sistema, tenho dificuldade em acreditar que o Tear não poderia simplesmente expulsar Nik. A NiloCorp reserva milhões e milhões de dólares por ano para recompensar hackers que denunciem pequenas brechas em vez de explorá-las. Até os criminosos mais durões do submundo ajudam a NiloCorp pelo pagamento.

Não é de se admirar que a única entidade que faria um programa como esse seja um governo nacional. Se o ganho monetário não é a motivação, a única razão restante é o poder.

— Você não acha — digo — que se o governo medano fizesse algo assim, seria o mais beneficiado caso você o usasse?

— Você já viu o que os jornais dizem sobre mim — responde Nik. — Se eu tiver que me declarar um traidor leal a Medaluo para ver a NiloCorp queimar, que assim seja.

A porta do passageiro se abre, trazendo o retorno de Miz.

— Estamos carregados — anuncia ela, voltando para seu assento antes de se virar. — Por que vocês dois estão no chão?

Nik se levanta, limpando a poeira. Ele claramente terminou nossa conversa, e eu o deixo sair. Ele volta lá para trás, e eu me acomodo de volta em um assento.

— Partiu Tresci — diz Blare, calmamente, fazendo o melhor para aliviar a tensão. Eu aceno para reconhecer seu esforço.

Ainda assim, quando cruzo os braços, me inclino para longe, em direção à janela. A noite não mostra nenhum movimento lá fora. Apenas casas vazias e árvores esqueléticas, vagamente visíveis pela luz da cidade à distância.

Se eles me conheciam do meu posto — Nik, Miz e Blare —, por que armaram para eu ser acusada de assassinato e traição? Por que não me pedir para ir junto, dizer que já nos conhecemos, que minha presença é necessária?

Lentamente, meu olhar desliza de volta para Blare. Seus dedos voam sobre um computador de mão, a tela inclinada para que eu não consiga ver o que elu digita. Na frente, Miz colocou os óculos. Ela também está digitando. Estão se falando, bem na minha frente. Quando ajudei Miz a passar o delineador, ela mal ousou se mexer. Ali, não era o comportamento de alguém que foi minha amiga no passado. Era a agitação preventiva de estar perto de uma completa estranha.

Eu respiro na janela, embaçando a superfície. Nada disso faz sentido.

Não consigo nem começar a juntar as memórias que me escaparam. O que eu fiz, quem eu conhecia, por que fui parar em Kunlun. Como acabei em estado crítico voltando para o meu Pod. O fato de eu ter me machucado o suficiente para danificar minhas memórias me diz tudo, eu acho.

O que quer que tenha acontecido da última vez que estive aqui, não terminou bem.

# CAPÍTULO 20
## LIA

Kieren me envia um endereço para um prédio chamado Alfinete.

Fica perto do apartamento de Chung, na parte norte do ponto turístico. Encaminho para Rayna e digo isso a Kieren, ao que ele responde com um emoji carrancudo que ele mesmo rabiscou. Antes que eu tenha a chance de responder, ele envia um desenho de boneco de palito, retratando nós dois sendo presos por revelar segredos confidenciais. Reviro os olhos, fechando minha tela. Ele é tão dramático.

Estamos em uma hora mais tranquila, uma calmaria se instalando na Rua Casno. Os turistas vão para várias lojas para o chá da tarde, exaustos e precisando de descanso. Lacunas se abrem entre os transeuntes que permanecem na rua. Eu desvio e passo em torno de suas mochilas volumosas, evitando por pouco pisar em uma bola de sorvete que alguém deixou cair da casquinha. A bolsa para laptop que comprei na loja está pendurada no meu ombro, fazendo o dispositivo quicar na lateral da minha perna.

O Alfinete tem o formato que o nome sugere, e já o localizei a vários quarteirões de distância. Não parece que ele seja capaz de ficar em pé, muito menos naquela altura. Seu ponto mais alto é a parte mais larga do prédio, uma esfera que brilha em vermelho graças à linha de janelas que circundam a circunferência. A cada andar inferior, o prédio fica mais e mais estreito. Os estabelecimentos mais baixos de cada lado escondem a base do Alfinete, dando a ilusão de ótica de que talvez ele realmente fique fino como uma agulha. Quando estou diretamente na frente dele, no entanto, é óbvio que o prédio continua da mesma largura abaixo do décimo andar. Eu respiro aliviada quando passo pelas portas giratórias. A coisa provavelmente não vai tombar. Provavelmente.

A recepção do Alfinete tem uma pessoa e um robô estacionados. Quase não sei para quem olhar primeiro quando me aproximo.

— Para onde? — pergunta o robô primeiro.

— Ah, hum, último andar. O salão.

O porteiro se levanta da cadeira, sua postura ereta. A parte mais longa do colete balança com o ar-condicionado rugindo pelas saídas de ar.

— Venha comigo, por favor, senhorita.

Ele contorna a recepção, gesticulando para que eu o siga. Isso é desnecessário, já que tudo o que ele faz quando me acompanha até o compartimento do elevador é apertar o grande botão vermelho que diz "terraço", mas eu o agradeço mesmo assim. Ele fica parado. O elevador desce.

— Então… — digo, apenas para preencher o silêncio. — Dia paradão?

— Não. O salão geralmente não enche até depois de escurecer. Você vai conseguir um bom lugar agora. — O elevador chega. Ele inclina a cabeça. — Aproveite a visita.

Eu entro. Imagino que o robô esteja encarregado dos moradores que vivem nos andares mais baixos, mas o humano é o rosto para os visitantes do terraço. Talvez ele quisesse uma gorjeta. As portas se fecham. É tarde demais agora.

O elevador começa a se mover, subindo os andares. Depois do décimo primeiro, sou repentinamente atingida pela luz do dia, e me viro para encarar a cidade, piscando rápido para as paredes de vidro do elevador. A polia desliza ao longo do exterior do Alfinete, oferecendo uma vista panorâmica de Marsup: as rochas afiadas onde a costa encontra a água, a vasta extensão indo para a terra, as bordas de seu terreno ocidental, onde enormes luzes industriais lançam diferentes banners de empresas patrocinadoras na atmosfera todas as noites.

Parece maior, de alguma forma, quando vista em um mapa.

As portas se abrem, tendo chegado ao terraço. Isso me leva a um corredor escuro e sinuoso que envolve o salão no centro, a julgar por seu formato. Meus pés afundam no tapete vermelho felpudo; há pinturas de cães usando chapéus penduradas no papel de parede dourado. Estou prestes a fazer uma captura de tela para enviar para Kieren — e, assim, tirar sarro dele de uma forma indireta por nos trazer aqui — quando viro o corredor e vejo alguém familiar olhando para um dos retratos, claramente admirando-o.

Eu ofego. Rayna se vira. Eu levanto meus braços. Ela grita:

— Uhuuuuuuu! — E corre em minha direção até que nos juntamos em um abraço.

— Obrigada por vir — digo quando nos separamos. — Eu sei que foi rápido, especialmente depois que você acabou de ser colocada no servidor.

— Ai, eu quase não vim. Não sei se estou emocionalmente preparada para interagir com Hailey ainda. — Ela alisa as rugas de sua camisa de seda. — O que aconteceu com sua testa?

— Nem pergunte. — Eu giro Rayna, caminhando com ela em direção à porta do salão. — E é melhor você se controlar. *Nunca* diga que eu não faço nada por você.

Kieren acena para mim no momento em que cruzamos a soleira, impaciente. Hailey já está aqui, no sofá de veludo ao lado dele, mexendo em uma tigela de sementes de girassol. Ignoro o leve tremor que começou nos ombros de Rayna e continuo empurrando-a para frente.

Fiel à palavra do porteiro, o salão está praticamente vazio, com robôs no bar e uma janela de cozinha de conceito aberto. O espaço bem iluminado tem o mesmo formato circular do corredor interno, então não consigo ver o outro lado a menos que dê a volta. Há apenas dois outros grupos: um casal de idosos com martínis nas mãos e três mulheres no meio usando vestidos brilhantes, comemorando. Um robô garçom sai da cozinha com estrelinhas em um bolo. As mulheres aplaudem, se aglomerando na frente de um pequeno drone que lançaram diante delas para tirar fotos.

— Que lugar é este? — pergunto no momento em que chegamos à mesa de canto, escondida à direita do bar. — Também somos menores de idade em Medaluo.

— Não estamos aqui para beber — zomba Kieren.

Hailey se joga no sofá. Ela ainda tem metade de uma casca de semente de girassol na boca e mira perfeitamente quando cospe, deixando-a tilintar na tigela de descarte.

— Bem… — Ela suspira. — Lá se vai minha razão de estar aqui.

Sento Rayna à força, com medo de que ela se distraia completamente e permaneça de pé se eu não fizer isso.

— Estamos aqui — diz Kieren com ênfase — porque este é o único prédio na Rua Casno que tem vista para o apartamento de Chung. Veja você mesma.

*Ah*. Corro até a janela enorme, espiando para fora. Vejo o prédio em questão imediatamente, facilmente reconhecível após meu estudo extensivo das fotos no *briefing*. Pego as plantas do prédio e conto os andares, confirmando a alegação de Kieren. Dá para ver a janela da cozinha de Chung.

— Então, o que está rolando? — pergunta Hailey, sentando-se ereta. — Vocês têm que contar a fofoca completa sobre sua missão ultrassecreta agora.

Ela faz parecer uma brincadeira, inclinando-se para a frente como se fosse conversar com os membros de sua equipe no pátio da escola. Hailey Murray nunca foi do tipo que leva nada a sério: durante as aulas formais, seu uniforme está sempre desabotoado muito baixo, e ela insiste em seu direito civil de manter os anéis em cada um de seus dedos quando trocamos de roupa para a Educação Física. Não é como se qualquer um de seus maus comportamentos na academia vá importar depois que ela se formar — a NiloCorp não pode deixar de aceitar uma Murray.

Kieren Murray, por outro lado, é uma anomalia por se esforçar tanto.

— O resumo é que temos uma chave inteligente da Raio para um cofre que queremos abrir. Precisamos, primeiro, de uma distração para manter a segurança do prédio longe e podermos entrar no apartamento. — Kieren acena para uma Rayna nervosa. — E, segundo, um método para contornar o scanner de impressão digital que acompanha o acesso à chave inteligente. — Na segunda parte, ele revira os olhos para a irmã, e Hailey sorri como se ele a tivesse elogiado. Ela prendeu o cabelo loiro em um rabo de cavalo apertado, o que significa, surpreendentemente, que há muito mais semelhança entre eles do que o normal. Toda arrumadinha.

— Desculpe — guincha Rayna. Ela limpa a garganta, agindo como se tivesse ficado com poeira presa ali antes de falar novamente em volume normal. — Você acabou de dizer que eu vou despistar a segurança? Pensei que ia ajudar com a extração.

— Você vai — começo. — Ajudar a gente a entrar faz parte da extração.

— É que, assim… — diz Rayna — eu também sou muito boa em executar sequências de clonagem em dispositivos.

Hailey arqueia uma sobrancelha. Ela apoia o cotovelo esquerdo no encosto do sofá, toda a sua postura caindo naquela direção.

— Você quer assumir o meu lugar?

— De jeito nenhum. — Rayna se apressa em corrigir. — Não era isso que eu estava insinuando.

— Eu não me importaria — cantarola Hailey.

— Você não quer participar ou o quê? — pergunta Kieren à irmã. Hailey faz beicinho.

— Quando meu querido irmão pede, *como* eu poderia dizer não?

Um sino toca na janela da cozinha. Enquanto Kieren e Hailey começam a discutir, minha atenção se desvia, e vejo um robô de serviço deslizar para pegar a bandeja. Ele encolhe sua altura antes de ir até o casal de idosos, depositando as sopas. Quando agradecem ao robô, seu rosto neutro muda para um grande sorriso.

Abro minha tela, mantendo meu olhar no robô para que ninguém perceba que estou digitando.

**LIA:** Rayna…
**RAYNA:** OQ EU FIZ
**LIA:** para de mexer no rosto como se estivesse a beira de um colapso nervoso
**RAYNA:** eu meio q estou
**LIA:** vc vai aproveitar a oportunidade ou não??????
**RAYNA:** ok, tudo bem!!!!!!!!!!

— Precisamos começar — declaro, interrompendo Hailey. — Você acha que consegue? Acionar o scanner de impressão digital de um cofre Raio?

— Sim, claro — responde Hailey casualmente, cruzando as pernas. — O computador do meu pai provavelmente era mais difícil. Posso ajustar o *exploit* que já tenho.

— Ótimo. — Tiro a bolsa do laptop do meu ombro e jogo para Hailey. Ela a pega suavemente. Lanço a Kieren um olhar pesado, um silencioso “eu avisei”, porque sabia que sua irmã seria útil. — Consegue fazer remotamente daqui?

Com a bolsa do laptop enrolada em seus braços, Hailey desliza pelo sofá até o canto mais distante, contra a janela, de onde pode dar uma boa olhada no apartamento de Chung.

— Claro. Você pode acenar para mim da cozinha se eu não estiver apontando sinais na direção certa.

— Rayna, quer ficar aqui para acionar a segurança remotamente?

Rayna arregala os maiores e mais assustados olhos que já vi em um ser humano. Tenho quase certeza de que ela está virando uma coruja.

— Sim. Sim, total — ela consegue dizer.

Hailey dá um tapinha no assento ao lado dela no sofá, sinalizando para Rayna se juntar a ela.

Eu puxo Kieren pelo braço e saímos rapidamente.

— Espere nossa deixa — digo para Rayna. — Obrigada! Te amo!

•

Estamos do lado de fora do prédio residencial de Chung em seis minutos. Olho para o ninho de abelhas gigante que está pendurado em um dos canos de água, incapaz de acreditar no que estou vendo.

— Como isso foi parar aí? — sussurro.

— Engenheiro com senso de humor — responde Kieren. Suponho que seja isso, ou Tear decidiu que estavam faltando abelhas em Marsup. — Pronta?

Eu assinto. Envio uma mensagem para Rayna, pedindo que ela comece. Ela responde com um emoji sorridente, o que presumo que significa que está trabalhando nisso.

Kieren se inclina para trás contra a parede. Eu pulo para cima e para baixo na ponta dos pés. Um minuto se passa.

— Leu alguma coisa boa ultimamente? — pergunto.

— O que está fazendo?

Inclino minha cabeça.

— Que foi?

— Você está conversando fiado? Antes de arrombarmos um apartamento?

Ainda não há nenhuma indicação de que algo foi acionado para afastar a segurança do apartamento de Chung.

— Podemos não levar nada — reflito.

— Arrombamento é apenas o ato de entrar. — Kieren não está de frente para mim, mas sei que ele tem um sorriso presunçoso na boca. — Não precisa envolver roubo. Equívoco comum.

— Você sente alguma dor física se não me corrigir? Pergunta genuína.

Deve haver um alto-falante instalado em algum lugar acima de nós. Uma música folclórica repentina começa a tocar, flutuando de uma das sacadas.

— Estou com cara de dor, por acaso? — pergunta ele.

Eu gemo. Nós ficamos quietos. Eu envio outra mensagem para Rayna pedindo uma estimativa de tempo.

— Eu tenho lido muitos quadrinhos ultimamente — oferece Kieren depois de mais um minuto.

— Legal — digo. — Algum destaque?

Kieren dá de ombros.

— Basicamente me atualizando em uma série antiga. É sobre um garoto que…

O prédio de Chung solta um grito ensurdecedor. Alarme de incêndio. Rayna envia uma resposta, me dizendo que a escada dos fundos está com todas as câmeras desligadas, e eu me movo imediatamente. Kieren sabe que deve seguir minha deixa sem que eu peça. Subimos os degraus em dois passos, a pesada porta dos fundos nos levando diretamente à escada.

O alarme de incêndio fica fraco aqui, bloqueado pelo isolamento nas paredes. Kieren avança, aproveitando suas pernas longas. Embora eu acompanhe o ritmo, tenho que fingir que não estou ofegante quando chegamos ao nono andar. Tenho certeza de que Kieren está fazendo o mesmo.

— Hailey, você liberou a porta da frente? — pergunta Kieren em voz alta. Ele deve ter optado por fazer uma chamada em vez de mandar uma mensagem de texto.

Entramos no corredor. Primeiro examino os cantos: as luzes da câmera estão fracas e apagadas. Felizmente, os porteiros deste prédio não são robôs. Eles não estão verificando atualizações do sistema. Só têm o visual.

Kieren se aproxima do apartamento de Chung e abre a porta com leveza, segurando-a para que eu entre primeiro.

Imediatamente, meus pelos da nuca se arrepiam. A porta se fecha atrás de nós com um clique, e eu respiro fundo, sentindo o ar rançoso. Uma pilha de revistas na mesa de jantar. Vários guarda-chuvas pendurados no cabideiro. Até mesmo um cacho de uvas meio comido deixado na fruteira.

— O cofre provavelmente está no quarto, certo? — questiona Kieren.

Faço um vago ruído afirmativo. Enquanto Kieren vai para o quarto, entro na cozinha, posicionando-me brevemente em frente à janela para fazer um

sinal de positivo. Então passo meus dedos ao longo do fogão. Limpo a borda dos botões de gás.

— Achei o cofre, Ward! — grita Kieren, sua voz ecoando pelo apartamento. — Cadê você?

Lá fora, o alarme de incêndio ainda está tocando, embora eu não ouça nenhum morador saindo para evacuar. Estamos no Alto, os mesmos protocolos de segurança existem, mas um incêndio representa pouco risco. Eles estão todos apenas esperando que o alarme pare de gritar.

Corro para me juntar a Kieren. O quarto está em uma situação semelhante à da sala de estar. Há meias amassadas no canto. Um copo de água muito perto da borda da mesa de cabeceira.

Tudo se assemelha *perfeitamente* a uma cena em movimento.

Quase como se o lugar tivesse sido encenado.

— Uma ajudinha?

Eu me apresso, correndo para me juntar a Kieren para tirar o cofre do armário. É uma caixa pequena e retangular, tão plana que não consigo imaginar nada maior do que um livro didático dentro dela. Eu a sacudo, e Kieren sibila:

— Cuidado! — Bem na hora em que algo que parece metal bate no interior do cofre.

— É leve — comento. — Não pode ser nada que ocupe todo o espaço.

— Para falar a verdade, eu achava que as pessoas nem tinham mais cofres, especialmente no Alto. — Kieren olha para o scanner que se projeta da frente. — Hailey, você disse que precisava do número de série ou do link?

Uma solicitação de chamada aparece no meu visor. Quando aceito, ouço a resposta de Hailey, agora na linha do grupo.

— Número de série. Leia para mim bem devagar.

Kieren obedece, parando após cada dígito para garantir que Hailey o recebeu corretamente. Empurro o copo de água para o centro da mesa de cabeceira. Hailey confirma que tem o número e vai começar a executar o *exploit*.

— Tem muitos cofres em filmes antigos — comento quando a linha faz silêncio. Fico no mudo para que Hailey não possa me ouvir. — Chung me mostrou um monte, na verdade. Os filmes *noir* com os detetives.

Kieren se virou para espiar pela janela do quarto. Estamos num andar muito alto para haver atividade imediatamente do lado de fora. Tenho que presumir que ele está só dando uma olhada cautelosa. Não consigo ver sua expressão quando ele responde:

— Os itens mais prováveis de se guardar em cofres são dinheiro, identificação e armas. Os dois primeiros são digitais agora. Talvez haja uma arma aqui.

— Claro. Muito provável.

Ele não reagiu ao meu comentário sobre Chung me mostrar meus filmes *noir* favoritos. Não é mentira: assisti a muitos deles por recomendação de Chung. Ainda assim, eu não teria mencionado se não estivesse esperando Kieren perguntar sobre o detalhe, para investigar se havia mais significado. Não é típico dele.

— Acho que conseguimos, amores — declara Hailey. Eu ligo o microfone rapidamente.

— Chave? — peço a Kieren.

Ele corre para pegar, deslizando os dentes na pequena fenda na frente. Quando ele a gira, há uma leve resistência por um segundo.

Então Kieren puxa com força, e o selo da porta se move, abrindo.

— Sucesso. — Ele suspira, pondo a mão dentro e puxando um item. O único item no cofre.

Eu nem sei o que estou olhando. É um dispositivo fino e quadrado com um furo no meio. Kieren o vira, franzindo a testa. Há um adesivo do outro lado. Em caligrafia apressada, está escrito “PROPRIEDADE DO CENTRO DE DADOS NACIONAL DE TRÊS CIDADES”.

— Uma unidade de armazenamento? — pergunto. Não consigo evitar ficar desapontada. Eu imaginei uma joia rara que nos levaria a uma rede de contrabando. Um par de luvas que pertencia a algum amante rejeitado. Algo *sólido* que fosse mais do que apenas… mais pistas a seguir.

Kieren concorda.

— Disquete. Olha. Ele tem um painel único.

Os disquetes com painéis únicos são um saco. Foram feitos para apelar à nostalgia, lembrando os disquetes que se popularizaram pela primeira vez há quase cem anos. Só que, para dar um toque mais inteligente ao design e aumentar a segurança, cada disquete vem com um leitor exclusivo para

acessar suas informações. É essencialmente a versão leiga de uma criptografia.

— Devemos procurar um leitor? — pergunto.

— Já dei uma olhada nos eletrônicos — comunica ele, e bate no adesivo no disquete. — Se Chung só trouxe isso para casa, então o leitor ainda deve estar em Tresci.

Nosso *briefing* diz que Chung trabalha em todos os principais locais, com acesso a cada um dos centros de dados de Medaluo. É justo ele acabar espalhando suas informações confidenciais por aí, para evitar o acesso de ladrões.

— OIE.

A entrada de Rayna na chamada conjunta é uma surpresa, e Kieren e eu tomamos um susto com o volume alto. Ele quase deixa o disquete cair, e eu estendo minhas mãos, com a intenção de pegá-lo.

Ele recupera o controle.

— DESCULPA PELO VOLUME. QUEBREI A CONFIGURAÇÃO NA MINHA TELA OUTRO DIA E AINDA PRECISO CONSERTAR. POR FAVOR, SAIAM AGORA. O ALARME VAI PARAR EM TRINTA SEGUNDOS.

# CAPÍTULO 21
## EIRALE

A placa de “BOAS-VINDAS À TERRA DE TRÊS CIDADES” está com o canto superior danificado. Inclino-me para frente para ver melhor, abaixando a janela. Estamos na estrada há tempo suficiente para que eu esteja ansiosa para esticar as pernas. Diferentes partes do meu corpo continuam ficando dormentes, pedindo uma mudança na minha postura ou alguma oportunidade para me alongar.

O painel apita. Miz se levanta bruscamente.

— Que foi isso? — pergunta Nik do banco de trás. Ele está trabalhando no chão do veículo, dois laptops abertos com um em cada coxa para descriptografar o servidor.

— O veículo quer sair do modo autônomo e entrar no manual — relata Miz. — Não sei por que… ah. Deixa quieto. Eu sei por quê.

Emergimos na saída acentuada da via expressa e imediatamente entramos em uma fila de carros. A julgar pela placa de boas-vindas, acabamos de cruzar a fronteira de Tresci. Devem ser as cabines de pedágio que estão causando esse engarrafamento. As luzes se apagaram à frente, então só há a impressão das barreiras de entrada, a única faixa para Tresci e as máquinas que processam uma taxa para quem entra ou sai.

Saio do banco, me esgueirando para frente para ter uma visão melhor. Blare, com um bocejo, também se levanta, tentando se juntar a mim inclinando-se entre os bancos da frente.

— Por que paramos? — pergunta elu. — Os pedágios são automáticos.

— Talvez o robô tenha bugado — sugiro.

A fila anda lentamente. O pedágio se torna um pouco mais visível depois que outro carro passa pela barreira, fazendo a fila andar. Agora, avisto os funcionários do controle de tráfego em seus coletes laranja e pranchetas. Um deles gesticula para o próximo carro abaixar a janela. O funcionário diz algo e aponta para uma câmera volumosa.

— Eles estão fazendo verificações térmicas — digo de repente. — Vendo se não tem ninguém com febre antes de entrar.

— Ai, merda. — Um brilho sutil fica mais forte nos óculos de Miz. Ela abriu um vídeo. — Não sei se vamos conseguir passar.

— Quê? — perguntam Nik e Blare, juntos, suas vozes ecoando de diferentes pontos da van.

Miz bate na lateral dos óculos. Com um clique, ele projeta o vídeo como um holograma pairando diante dela, deixando o som tocar no alto-falante.

— … anunciando um fechamento de duas semanas nos limites urbanos de Tresci a partir das dez da noite. Esta última variante da gripe aviária está se espalhando rápido, e queremos evitar a propagação o máximo que pudermos. Um lembrete de que o lugar mais seguro para se estar é no Alto, e se você ainda não se inscreveu, este segmento é patrocinado pelo Ministério de…

O vídeo pisca quando Miz empurra os óculos para cima, no topo da cabeça. A fila andou novamente, e ela solta o freio, avançando.

A gripe aviária é altamente contagiosa. A base de Cidade-Botão nos deu as vacinas no mês passado, mas isso não significa que eu esteja imune.

— Isso é ridículo. — Nik empurra seus dois laptops para o lado, marchando para a frente da van também.

Assim que ele se junta, o ambiente fica lotado, e Blare faz uma careta, abaixando-se para não ser esmagade.

— São 21h54 — diz Nik, lendo a hora no painel. — Legalmente, deveríamos ter permissão.

— Legalmente, eles não precisam permitir nada, especialmente se não pudermos fornecer uma razão para entrar na cidade — digo, puxando meu braço livre de sua invasão do meu espaço pessoal. — Onde a van está registrada?

— Estou mudando isso agora. — Miz abaixa os óculos de volta sobre os olhos. Suas mãos permanecem no volante. — Estamos vindo de um depósito de Marsup. Precisa ser uma remessa de emergência. Alguma ideia?

Tem cinco carros à nossa frente. Os veículos na fila estão sendo liberados até agora, mas as placas indicam que seu local de origem é Tresci. Eles moram nesta cidade, então precisam entrar.

— Me dê um portátil — exijo.

Blare olha para Nik, pensando que ele responderá. Nik não oferece o dele. Blare franze a testa, pegando o seu próprio.

— Aqui — diz elu. — Nik é praticamente casado com seu portátil.

— Não sou, não — rebate Nik. — Eu cuido dele.

Não pode ser meu vídeo que ele está protegendo no dispositivo com tanto afinco. Algo dessa natureza ficaria em segurança na nuvem.

— Qual é o problema? — pergunto a Nik, aceitando o portátil de Blare e abrindo o mapa. — Você tem uma daquelas IAs de namoro instalada?

Eu não teria pensado que era fisiologicamente possível, mas o rosto de Nik fica vermelho.

— Não seja ridícula.

— Eita, ficou puto. — Dou zoom em Tresci, procurando por pontos de referência importantes. — Não achei que você tivesse capacidade emocional para uma namorada IA.

— Não tem namorada IA no meu computador de mão — entoa ele.

Duvido que ele realmente tenha um *chatbot* fingindo ser sua namorada no dispositivo portátil, mas sua reação parece dizer o contrário. A van avança um pouco mais.

— Deve ter ficado carente — digo. — Zumbindo no seu bolso enquanto você fugia da NiloCorp, perguntando por que você não deu “bom dia”.

Nik revira os olhos. Fecho o mapa e devolvo o computador de mão para Blare.

— Somos eletricistas — anuncio, voltando à tarefa. — Tem uma emergência na Represa Trinível de Tresci. Não haverá ninguém trabalhando lá agora para confirmar, se eles ligarem.

— Por que seria uma emergência séria o suficiente para nos deixarem entrar? — pergunta Blare.

— A barragem gravitacional de Tresci alimenta a maior usina de energia do mundo. Qualquer pequena emergência em qualquer seção é um mega desastre. Só vão na onda, posso tomar a dianteira.

Miz faz uma pausa. Ela não parece concordar, mas pondera um pouco mais. Então, assente com firmeza.

Nós nos reorganizamos na van. Eu me sento no banco do carona, na frente. Nik e Blare se acomodam na fileira logo atrás. Ouço Nik dizendo a Blare que elu precisa puxar a gola alta mais para cima, tentar se cobrir e aparentar ter mais idade. A van avança, avança, e então estamos a apenas

dois carros da cancela, os arranha-céus tomando forma à frente. Tresci se espalha mais do que sobe, antigamente três cidades combinadas em uma. Sua localização bem no meio de Medaluo a torna a rota de acesso para todos os viajantes e remessas em massa que tentam cruzar o país. Enquanto os negócios operam, até mesmo Baixo Tresci continua sendo um centro, o que significa trabalho chegando para seus moradores, mas muitas doenças também. Uma cidade como Tresci tem que ser rápida no gatilho com os fechamentos da cidade. Se não tomar cuidado, perderá todos que vivem no real a cada nova onda.

21h58, o painel lê. Há uma longa fila de carros atrás de nós também. A cancela levanta para o carro da frente. Ele passa, suas luzes traseiras piscando duas vezes.

Uma batida vem na minha janela da frente, e eu aperto o botão para abaixá-la.

— Caso você não tenha ouvido, estamos iniciando um bloqueio em Tresci…

— Esta é uma emergência, senhor.

Treze anos na academia frequentando aulas de idiomas todos os dias, e ainda fico chocada quando consigo falar medano. Sou o estudo de caso perfeito de uma órfã separada de sua cultura de origem, com as terminações nervosas cortadas e mortas. Na minha cabeça, acredito que sou inteiramente atahuense, vivendo em êxtase ignorante até que me vislumbro em um espelho e sou atingida novamente com a realização a cada vez.

— Somos da Jiang e Tang Elétrica — continuo. — Há uma pane na Represa Trinível no componente leste inferior, e a cidade vai passar por uma escassez severa se não for consertada imediatamente. Ligue para eles, peça para falar com o supervisor.

O trabalhador assente, anotando algo em sua prancheta para referência. Eu o vejo dar alguns passos para trás, murmurando com outro homem de colete laranja.

— “Jiang e Tang Elétrica” — murmura Miz baixinho.

— Soa bem — sussurro de volta.

— Parece uma sobremesa.

O trabalhador do estande retorna.

— Não estão atendendo. Vocês estão com crachás?

— Sim. Um segundo. — Eu giro meu corpo, fingindo remexer atrás do meu banco. Nik está sentado bem atrás de mim, e eu bato em seus tornozelos. Ele recua a princípio, sem entender. Então eu bato novamente e grito: — Deve estar aqui em algum lugar! Desculpe, somos uma empresa muito jovem. A maioria das nossas credenciais está online. Mas eu sei que tenho o crachá físico…

Nik imediatamente se abaixa também, recuperando seu dispositivo portátil. Ele entendeu.

— Tem que estar aqui em algum lugar…

Eu tateio cegamente por mais um minuto inteiro, vasculhando bastante sem encontrar nada.

Por fim, Nik faz um barulho impaciente e abaixa a janela.

— Aqui — diz ele. — As versões digitais.

O trabalhador pega o dispositivo portátil. Ele dá zoom no banco de dados da carteira digital, examinando os crachás. Não sei como Nik conseguiu colocar fotos neles também, mas tenho um vislumbre de credenciais de aparência muito realista enquanto o trabalhador rola a tela.

— Você é o quê? — pergunta ele, sem rodeios, devolvendo o dispositivo portátil para Nik.

— Marideano — responde Nik suavemente. Então ele diz algo que parece lero-lero. Eu não fiz marideano como disciplina eletiva na academia, então não sei o que Nik acabou de dizer. Duvido que o trabalhador saiba também, mas ele assente.

— Não há carros na estrada durante a contenção viral, então sigam direto para seu destino. Se precisarem sair depois, entrem em contato com a delegacia mais próxima para obter permissão.

O funcionário gesticula para seguirmos em frente. O painel mostra 22h03, e há um apito agudo de um dos outros funcionários, que levanta os dois braços e sinaliza para os carros atrás de nós darem meia-volta. Eles estão fechando. Somos os últimos a entrar na cidade.

— Vai ser um pesadelo tentar sair — murmura Miz, dirigindo a van para frente. A cancela levanta. Nossas rodas rangem, deslizando para passarmos direto.

— Temos sorte de termos conseguido entrar — diz Nik.

Solto o ar, me mexendo para cruzar as pernas. Meu pé balança, o rastreador dentro confortavelmente encaixado. Teryn não vai conseguir me

monitorar aqui a menos que tenha vindo na frente. Três dias. Se eu quiser servir bem a NiloCorp, preciso concluir o trabalho em Tresci e entrar em Frontex em três dias.

— Temos azar de estar rolando essa nova onda de gripe — rebate Miz.

Meus olhos voam para o espelho retrovisor, observando Nik inclinar a cabeça na mão, apoiada no apoio de braço.

— Sempre tem uma nova onda em algum lugar — diz ele. — É o Baixo sendo Baixo. Devíamos ter planejado isso. Agora, nos infiltramos no pior momento possível. Os caras do pedágio devem deixar uma nota para a rede de vigilância, informando que nossa placa só é permitida na represa.

Nik deve ter notado que estou observando, porque sua atenção também se volta para o espelho. Ele arqueia uma sobrancelha. Descruzo as pernas e giro, encarando-o corretamente.

— Você é mesmo marideano?

Nik bufa.

— Não. Eu recitei uma lista de compras para ele. — Ele tira uma caixa da bolsa e joga para mim. — Ponha uma máscara.

•

Não há um único ponto cego em toda Tresci.

— Já esperamos o suficiente — diz Miz, vinte minutos dirigindo em círculos nas vias expressas internas, evitando cada curva que nos leva para a cidade. — As câmeras abaixo não alternam entre períodos ativos. As varreduras mostram repetidamente que elas estão sempre ligadas.

— Não podemos arriscar que as câmeras nos identifiquem antes de sairmos da instalação — insiste Nik. — Não vai dar tempo de fugir. Vão nos cercar no meio da operação.

Tresci é significativamente mais para o interior do que a turística Marsup, o que significa um punho mais firme sobre a cidade. Medaluo pode administrar os negócios aqui sem que as notícias internacionais captem cada movimento deles e publiquem críticas nos *feeds*. Protestos furiosos contra o governo são eliminados antes de começarem. Dissidentes são levados embora no momento em que compram um banner limpo no mercado para fazerem uma placa.

— E se dirigirmos direto para a instalação? — pergunta Blare. — Chegar lá primeiro e daí planejar uma rota de entrada.

— Não podemos sair das rodovias — responde Nik em tom neutro. — A polícia vai ficar no nosso encalço no segundo que virarmos na direção errada.

As estradas para Tresci são construídas em uma elevação, reservando as ruas abaixo para uso de pedestres. Os prédios de ambos os lados têm trinta, quarenta andares. Tresci é extensa, mas também recebe o fardo crescente do esgoto rural medano. Se as pessoas estão se mudando para cá para se manterem à tona, então a cidade deve fortalecer seus pilares e remendar os buracos em suas partes inferiores. Ficar mais alta, mais brilhante, enfiar anúncios em cada face disponível de seus arranha-céus até que as contas de luz também sejam patrocinadas.

— Poderíamos cobrir o para-brisa? — sugere Blare. — Para que as câmeras não registrem nossos rostos.

Nessa altura, posso ver diretamente pelas janelas dos apartamentos. Mães esfregando roupas nos banheiros, pais falando em fones de ouvido. As calçadas estão vazias. Embora não haja câmeras na rodovia, há olhos digitais fixos em cada prédio por onde passamos, apontados para o nível da rua para anotar os visitantes.

— Blare. — Nik lança um olhar tão fulminante que eu me encolho em indignação alheia. — Se cobrirmos o para-brisa, você não acha que as câmeras acharão isso suspeito e localizarão nossa placa instantaneamente?

Blare cruza os braços sobre o peito.

— Só estou tentando ajudar.

Nik suspira, estendendo a mão para tocar em seu cotovelo.

— Eu agradeço.

Olho a interação pelo espelho retrovisor. Se Blare só conheceu Nik depois que foi recrutade para seu círculo de anarquia, eles não devem se conhecer há muito tempo. Mas havia um sentimento familiar naquele gesto, antigo e confortável. Lentamente, observo o formato dos olhos de Blare, a cor azul, o cabelo castanho-claro que termina irregularmente em seu queixo.

— Ainda precisamos sair da via expressa em breve — diz Miz com firmeza. — Se enrolarmos demais, as câmeras vão disparar um alerta quando descermos para dizer à delegacia que estávamos circulando.

— Tudo bem. Vamos lá. — Nik se inclina para frente, direcionando o volante para uma das rampas de saída. — Assim que descermos, precisamos abandonar o veículo. A polícia de Tresci vai se perguntar por que estamos indo na direção errada se nossa desculpa foi a Represa Trinível.

— Sabe — interrompo —, o problema não é só evitar a identificação. Não importa o quanto a gente se esconda, a vigilância de Tresci também vai rastrear os distritos assim que várias câmeras não conseguirem identificar quem somos. — Eu me viro para olhar por cima do ombro, falando diretamente com Nik. — Eles não precisam saber que somos atahuenses para vir atrás de nós. Só precisam desconfiar do motivo pelo qual as câmeras não estão identificando os medanos registrados.

— Não podemos fazer nada quanto a isso — diz Nik. — Nossa melhor aposta é ir a pé e torcer para evitar a maioria das câmeras da cidade.

A melhor aposta é para quem arrisca. A melhor aposta acompanha o giro de uma roleta, o lançamento de um dado. É sorte.

Soldados corporativos não são treinados para fazer apostas. Somos treinados para fazer avaliações.

— O Centro de Dados Nacional de Três Cidades fica perto do rio, e nós acabamos de chegar do limite leste da rodovia — digo. — Pode ser uma caminhada de cinco horas.

— Nós iremos rápido. A noite é uma criança.

— Temos vinte minutos no máximo antes que a rede de vigilância tenha coletado dados suficientes para determinar que não podem nos associar a civis registrados. — Eu olho para frente novamente. A van saiu da rampa. Miz aplica pressão nos freios, diminuindo a velocidade para as ruas de pedestres. — Se eles notaram nossa presença antes de entrarmos na instalação, não teremos tempo para procurar seu arquivo. A polícia vai estar esperando. Deveríamos estar economizando esses vinte minutos para usar depois do arrombamento, para quando estivermos saindo. Então, não importa se vierem nos prender, porque estaremos fugindo da cidade de qualquer maneira.

Eu tiro uma máscara da caixa no meu colo e a coloco com força. Seu material sintético se ajusta, cobrindo meu nariz e boca.

Nik, enquanto isso, ainda não colocou a dele. Quando olho no espelho retrovisor, sua testa está franzida. Tenho a sensação de que ele quer me repreender por estar certa. Isso torna a tarefa muito mais difícil quando

temos uma quantidade limitada de minutos nos quais podemos andar livremente em Tresci.

— Me deixe pensar por um segundo — murmura Nik. — Eu vacilei, ok? Tresci fecha nessa época todo ano quando o clima fica mais quente e as pessoas começam a deixar suas casas. Eu deveria ter lembrado.

— Não adianta ficar se torturando agora — digo sabiamente. — Tem…

No lado direito da rua de pedestres, uma fileira inteira de prédios de repente fica escura. Minha atenção se volta para a janela, procurando de cima a baixo no resto do quarteirão para ver se a eletricidade também foi cortada. Tudo escuro.

— Isso foi a gente? — pergunta Nik.

— Não, só uma coincidência — responde Miz. Ela hesita, então vira a esquina, entrando na próxima rua. — Não é incomum nos isolamentos. A energia é redirecionada se todo mundo estiver pedindo um monte de coisas de uma vez. Precisamos tomar uma decisão agora. A atenção estará neste quarteirão quando as luzes voltarem.

Meu rosto ainda está pressionado contra a janela enquanto olho para os prédios. Eles são formas alienígenas na noite. Obeliscos crescidos, plantados na calçada. Dedos finos, alcançando através das nuvens.

Uma ideia se forma.

— Ei — digo.

Nik se inclina para frente.

— Sim?

— Sempre me perguntei como você escapou tão rápido depois do bombardeio da estátua na Baía do Vermilhão.

Nik sai do banco. Ele puxa uma de suas malas para a parte de trás da van, prendendo-a firmemente a si mesmo. A Baía do Vermilhão, situada na costa oeste, é a terceira área urbana mais populosa de Atahua. As pessoas de lá a apelidaram de Milhão. No entanto, de alguma forma, em sua fuga, Nik não foi avistado por nenhuma testemunha.

— Não acho que agora seja o momento para uma explicação.

— Nik Grant — digo, muito mais energicamente. — Como você escapou tão rápido?

Ele para, uma segunda mala pairando em suas mãos. A cabeça permanece ligeiramente abaixada, precisando minimizar sua altura para evitar bater no teto da van.

— De tirolesa — responde ele. — Tinha um suporte esperando um andar abaixo. Enquanto a unidade de captura pensou que eu tinha pulado para o chão, eu tinha balançado para o próximo prédio e pegado uma rota de saída por dentro. Eles não poderiam ter respondido a tempo. — Nik amarra a segunda bolsa em si mesmo e então faz uma pausa. — Tenho certeza de que você já sabia disso. Vendo tantos vídeos.

Eu sabia mesmo. Foi uma manobra inteligente. Algo que ele planejou com muita consideração antes de lançar aquela bomba na estátua de mármore do primeiro presidente de Atahua.

— Você não queria um plano para evitar perder tempo na rua? — pergunto. — Ainda tem aquela tirolesa?

# CAPÍTULO 22
## LIA

Rayna e Hailey estão de *jet lag*, o que eu não entendo muito bem, já que elas nem sequer pegaram um avião para cá. Ainda assim, as duas mal conseguiam manter os olhos abertos quando nos juntamos a elas no salão, depois que declaramos a missão de resgate um sucesso e agradecemos a contribuição.

Eu sugeri que tirassem um cochilo no nosso quarto de hotel, e agora elas estão tão profundamente desmaiadas que o mundo poderia acabar não se mexeriam.

— Olha o que você fez — diz Kieren, com os braços cruzados sobre o peito.

— E ia fazer o quê? — retruco. — Dar tchauzinho e mandá-las embora?

— É.

Apesar de bancar o durão, Kieren mantém a voz baixa, sem querer acordá--las. Ele tomou banho novamente, limpando a sujeira do roubo no tempo que Hailey e Rayna levaram para desmaiar. Seu cabelo molhado pinga ao longo do lado do pescoço. Não sei por que ele parece moralmente contra se secar direito antes de sair.

— Devemos ir a algum lugar tranquilo e ligar para Kam? — pergunta ele.

— Aham. — Eu aponto para cima. — Acho que os andares de cima são espaços para eventos. Vamos tentar?

Kieren sinaliza para eu liderar o caminho. Fechamos a porta silenciosamente atrás de nós, e eu vou para a escada em vez do elevador, imaginando que provavelmente teríamos mais facilidade para testar quais andares estão vagos. O quinto andar é outra parte do hotel. No sexto, já posso ouvir conversas através da pesada porta branca, e continuo andando. O sétimo andar é mais silencioso, então abro a porta e coloco minha cabeça lá dentro, mas há garçons presentes, arrumando mesas brancas e dispondo coquetéis de camarão.

Eu fecho a porta, indo para o oitavo andar. Quando abro a porta dele, está totalmente escuro, as cortinas fechadas e as luzes apagadas.

— Ótimo — digo. — Perfeito.

Kieren faz uma careta quando me segue.

— Sinto como se estivéssemos prestes a levar um susto de um fantasma.

— Não seja ridículo. Isso só acontece uma vez.

Nos primeiros anos do virtual, alguém usou um *exploit* para trazer um "fantasma" para o Alto para pregar uma peça, e isso assustou tanto a vítima que ela deslogou e bateu a cabeça com força no Pod. O brincalhão acabou cumprindo pena, e Tear consertou a porta secundária que permitia o *exploit*. Ao longo dos anos, a NiloCorp construiu barreiras de todos os tipos para que nada incomum pudesse passar.

O Alto não seria um lugar muito agradável se a arma de Chung cortasse o que Tear remendou. De repente, poderia haver fantasmas em todas as ruas.

Afasto uma das pesadas cortinas de veludo, deixando entrar o pôr do sol. O céu está ficando rosa. Uma luz laranja profunda passa pelas vigas da janela e colore nossa pele em linhas uniformes.

Kieren inicia a ligação e me envia um convite. Aceito imediatamente, mas ainda sinto como se tivesse perdido o começo da conversa quando Kam atende e diz:

— Alertas de segurança estão aumentados no Alto de Medaluo e existem preocupações de que a Academia Militar do Nilo tenha começado seus postos anuais de cadetes. Relatório, por favor.

— Hã…

Olho para Kieren. Com destreza, ele diz:

— Encontramos uma chave inteligente no escritório, que nos direcionou para um cofre em sua casa. Abrimos o cofre. Recuperamos um disquete que veio do centro de dados de Tresci.

Ele resumiu nosso dia com o mínimo de palavras possível. Há um momento de silêncio na linha. Então, em vez de um reconhecimento afirmativo:

— Como entraram na casa dele?

Faço uma careta.

— Pensamos rápido. Lançamos alguns ataques para distrair a segurança e destrancar as portas.

— Vocês se apagaram do registro do sistema depois?

Kieren e eu trocamos um olhar.

— … Sim — diz ele, não soando nada convincente.

— Por favor, confirme — pede Kam, descrente. — Você fez isso sozinho e limpou seu registro?

— Nós recrutamos ajuda de outros cadetes —digo. Não é contra nenhuma diretriz da academia fazer isso. Na verdade, é encorajado. Mostra que sabemos como usar os recursos disponíveis. — Rayna Ward e Hailey Murray. Elas também estão em Marsup. Hailey usou *exploit*s pré-baixados. Ela não tem conexão com eles.

A linha ecoa com algumas batidas.

— Kieren Murray, você tem um histórico de matemática impecável e uma inscrição pendente para a divisão cibernética de elite da NiloCorp. Por que você deixaria sua irmã entrar com *exploit*s pré-baixados?

Eu me viro, pasma. Mesmo sob o sol que se põe, Kieren está visivelmente pálido, seu rosto sem nenhuma cor. Esta é a primeira vez que ouço sobre isso. A primeira vez que ouvi falar de Kieren ter algum interesse na divisão *cibernética*. Talvez ele seja ótimo em matemática, mas eu também sou. Só isso não faz a conta bater.

— Eu tenho uma oposição moral a lançar meus próprios *exploit*s — responde Kieren, tenso. — E me desculpe, mas não acho que esses meus arquivos sejam relevantes para você.

— Eu tenho acesso a todos os seus arquivos. Sou seu contato no solo.

— Para o posto. — Kam claramente pisou num calo de Kieren. Um segredo exposto, e ele está se atrapalhando ao reagir. — É totalmente irrelevante aqui, e julgar o que eu devo ou não usar é uma violação completa da minha privacidade.

— Acho que o que Kieren quer dizer — apresso-me a acrescentar — é que temos certeza de que Hailey fez um bom trabalho apagando os rastros dela. Agora que temos esse disquete de Tresci, precisamos ir até lá.

Mais batidas. Continuam por tempo suficiente para que eu fique desconfortável, trocando o peso entre os pés. Sinto como se tivesse acabado de assistir a Kieren levar bronca de um professor.

— Haverá passagens de trem em suas telas na próxima hora para um trem que parte amanhã de manhã — diz Kam, brevemente. — Não comprem nada por conta própria. O transporte em Medaluo é registrado em sua identidade e rastreado pelo governo.

Então, a ligação termina.

— Ótimo trabalho. — Fecho a janela na minha tela. — Emputeceu nosso contato

— Não é culpa minha — resmunga Kieren. — Ela não tinha o direito de olhar isso. São minhas informações pessoais. Talvez eu nem consiga entrar.

Inclino minha cabeça.

— Ela?

Kieren dá de ombros, levantando as mãos para imitar a digitação.

— Achei que tinha ouvido unhas compridas. Presumi demais, eu acho, desculpe.

— Hum. — Eu me inclino contra a janela. O vidro está quente, e eu piso no rodapé para me aproximar. — Então. Divisão cibernética de elite.

— Que foi? É uma posição muito bem paga.

— É diferente — digo. — Não finja surpresa por eu estar surpresa. Ou você não estaria mantendo isso em segredo.

Kieren zomba.

— Nós não somos exatamente melhores amigos, Lia. Antes deste posto, quando eu teria me sentado ao seu lado para te contar meus sonhos e aspirações de carreira?

— Na verdade, houve muitas vezes em que você se sentou ao meu lado e quis conversar.

— Sim — murmura Kieren. — Sobre os professores. Ou a aula. Não…

As coisas vulneráveis. As coisas que eu poderia usar, transformar em armas e virar contra ele. Ele não precisa dizer isso. Entendi a ideia.

O que torna as aspirações de Kieren em relação à divisão cibernética tão bizarras é sua falta de respeitabilidade, e Kieren é a própria definição de respeitável. A divisão cibernética costumava ser conhecida por compartilhar recursos com a divisão Tear. Com o passar dos anos, ela foi se envolvendo cada vez mais em escândalos com incidentes internacionais, com as acusações de Medaluo, e agora é mais conhecida por ter os hackers de Atahua. Uma boa fração da guerra fria é travada lançando malware uns contra os outros pelo éter. Não há honra, nem integridade. Alguém que treina na Academia Militar do Nilo não aspira a ir para esse departamento. Não é nem mesmo uma divisão onde as pessoas são postadas. Ela só aceita candidatos que se inscrevem ao longo do ano.

— Eu realmente não entendo — digo depois de uma longa pausa. — Sei que você não me deve uma explicação, mas passou tantos anos se destruindo por excelência acadêmica…

Kieren tenta interromper.

— Eu não venho me destruindo…

— Vem, sim, porque eu venho, e se você me respeita pelo menos um pouco, então vai admitir — solto de uma vez. — Pode mentir para todo mundo, menos para mim. Eu sei o que é preciso para manter essas notas, e sei o quanto você tem que querer os resultados que vêm disso. — Eu engulo em seco. Minha garganta está seca. — Então, qual é?

Ele deve saber que, muito provavelmente, não há nada que possamos fazer neste momento para superar um ao outro. O que quer que aconteça no final deste posto, o resultado do orador da turma pode muito bem ser decidido por um cara ou coroa entre nossos nomes. Ele pode muito bem me tratar como amiga.

— "Qual é" é que a NiloCorp é dividida entre chefe de segurança e chefe da divisão cibernética — diz Kieren, cansado. — Meu pai é ex-chefe de segurança. Apesar de sua aposentadoria, apesar de sua função atual, ele tem o direito de puxar arquivos de todas as forças privadas do setor de segurança da NiloCorp. Quando somos contratados por esse setor, abdicamos do direito à privacidade. Ele seria capaz de acessar minha tela se eu estivesse no Alto. Poderia ver o que estou fazendo a qualquer momento. Minha localização, meus dados, minhas gravações de traje no Baixo. Ele veria *tudo*, não importa para qual unidade eu fosse designado. — Kieren desvia o olhar, seus braços cruzados com força suficiente para que o tecido de sua camisa fique permanentemente esticado. — A menos que eu esteja em outro setor.

Prendo a respiração por tanto tempo que meus pulmões começam a queimar. Eu me forço a expirar, pouco a pouco.

— Eu não sabia — digo quando me recupero — que você o odiava tanto.

— Não odeio, não — rebate Kieren imediatamente. — Eu o amo. Ele era meu herói. Eu esperava ansiosamente pelos sábados na escola primária porque ele podia vir para casa e levar Hailey e eu para o parque, e quando brigávamos para ver quem iria subir no balanço de pneu para o papai empurrar, ele dizia que era forte o suficiente para empurrar nós dois. — O

fantasma de um sorriso pressiona seus lábios, seus olhos perdidos na memória. — Eu queria ser como ele quando crescesse.

Isso não tem muito a cara do diretor Murray. Não digo isso em voz alta, mas Kieren deve saber que estou pensando. Ele levanta os olhos para mim.

— Pois é — ele diz em confirmação. — Não é o cara que você conhece, né?

— As pessoas mudam — digo, com voz fraca. — Estresse, trabalho…

— Acho que sim. Mas você pediu uma explicação, então aqui está a minha: eu tenho que me afastar da vigilância dele. Acho que a NiloCorp fez algo para mudá-lo, e eu vou provar.

# CAPÍTULO 23
## EIRALE

O vento noturno corta por baixo das minhas mangas, deixando um rastro a cada uivo frio. Eu me inclino sobre a borda do telhado. Nenhuma barreira. Cinquenta e cinco andares parecem muito, muito altos do topo.

— Tudo bem, acho que está de boa. Devo conseguir pilotar o drone com meus óculos.

Miz joga o drone para cima, e ele continua flutuando, calibrando-se ao ambiente. O horizonte não brilha, e sim resplandece, cheio de inúmeras fontes de luz digital. Se não é a parte de baixo das janelas dos apartamentos inferiores, com fios repelentes brilhantes para manter os mosquitos afastados, são os padrões vermelhos errantes dançando pelos arranha-céus, traçando suas superfícies de vidro. Se não é o piscar dos *outdoors* instalados no nível da rua, são seus reflexos, brilhando nas poças molhadas que enchem os buracos na rua. Deve ter chovido em Tresci mais cedo hoje. Um leve traço de umidade ainda permanece.

— Cuidado — avisa Nik. — Se você sair do alcance, vai se desconectar, e então não poderemos recuperá-lo.

— Eu não vou sair do alcance.

— Sério, Miz? Porque sua mão está puxando agora de uma forma que me faz pensar que você está prestes a sair do alcance.

Repreendida, Miz abaixa a mão, acenando para apagar a trajetória que deve estar desenhando em seus óculos. O drone pegará uma ponta da tirolesa e a travará no telhado que queremos. Então terá de pairar lá até chegarmos, puxar a tirolesa de volta e repetir o processo.

Serão necessários apenas cinco prédios. Cinco pontos de conexão antes de chegarmos ao nosso destino. Para uma rota que abrange uma extensão significativa de leste a oeste em Tresci, não é nada mal. Só precisei de um mapa de satélite de Tresci, e havia calculado um caminho suave que nos levaria cada vez mais para baixo, deixando a gravidade puxar a tirolesa. O

Centro de Dados Nacional de Três Cidades está localizado no coração da cidade, ao longo do rio que corta um ziguezague por Tresci, diferente das instalações de Marsup a leste. Embora haja uma quantidade relevante de arranha-céus espalhados entre nós e o rio, também há muitos edifícios mais baixos e estáveis. Esses são os que estamos mirando depois do nosso início alto. Não utilizados e em grande parte vazios, com todas as câmeras concentradas no nível do solo para o caso de invasores.

— Queremos os cintos? — pergunta Blare, vasculhando a bolsa de Nik.

— Só as cordas — responde Nik. — Mais rápido. Acredito que a gente consegue segurar firme.

Blare assente e puxa alguns conjuntos de corda, feitos do mesmo material da tirolesa. Eu fico de lado, observando a cena. Nik vai até a beirada do telhado e fixa uma ponta da tirolesa firmemente no prédio. A linha é diferente de tudo que já vi, prendendo-se à beirada do telhado assim que ele ativa uma alavanca vermelha na lateral.

— É magnética.

Uma rajada de vento carrega a voz de Nik para longe, mas sei que é direcionada a mim. Eu parei atrás dele, observando-o prender a linha.

— Tecnologia de ponta — comento.

— A melhor. À prova de falha.

O holograma que está passando no prédio vizinho dispara pela parede norte para nos olhar. Uma mulher dançando, representada em azul e amarelo, usando o rosto de uma modelo que deve ter cedido permanentemente seus direitos de imagem. “VOCÊ COMPROU SEGURO DE MEMBROS?”, diz a legenda em volta da cintura dela.

Não seria perceptível à noite de outra forma, mas o holograma em movimento ilumina uma pintura de grafite atrás dele, na parede. Não consigo imaginar como alguém deve ter escalado o exterior do prédio para fazer isso, mas a tinta spray certamente foi aplicada com uma mão firme. Um círculo quase perfeito, com quatro setas apontando para dentro uniformemente ao redor da circunferência.

— Seu trabalho? — pergunto sarcasticamente, apontando para o grafite. Nik se vira por cima do ombro, estreitando os olhos.

— Acredite ou não — responde ele quando avista a fonte da minha indagação —, eu não pertenço a todos os grupos anarquistas do mundo. Na verdade, não pertenço a nenhum.

— Desculpe. Eu vi uma pichação e presumi…

Nik não morde minha isca. Está estudando o símbolo agora, a cabeça inclinada como se tentasse identificá-lo. Chuto uma pedra perto do meu sapato.

— Sério — digo. — Desculpe por atacar você.

Nik olha para mim novamente.

— Tá de tiração?

Aponto para sua mão.

— Acho que é você que está de tiro… lesa.

— Como é…? Ok. — Após prender a tirolesa, Nik se levanta, erguendo-se de um joelho em um movimento suave. — Muito engraçadinha, você.

Eu não estava tentando ser engraçada. Na verdade, acho que ninguém nunca usou a palavra “engraçada” para me descrever.

— Só estou tentando me desculpar por, sabe… — Aponto para sua têmpora, onde há o arranhão vermelho e irritado. — Foi culpa sua, mas me desculpe.

— Que péssimo pedido de desculpas.

— Me desculpe por atacar você só para provar um argumento — concluo. — Não me arrependo de estar claramente certa. Você continua fugindo do que é bem evidente neste momento, e isso está formando uma nuvenzinha escura de mau humor em cima da sua cabeça.

Atrás de nós, Miz pega a outra ponta da tirolesa com o drone e o faz voar da beirada do telhado, em direção ao primeiro ponto de destino que selecionei para ela no mapa. Durante todo o tempo em que ela faz isso, Nik apenas olha feio para mim, e não ofereço nenhuma margem de manobra. Eu olho feio de volta.

Não consigo me imaginar fazendo amizade com uma equipe de anarquistas. Mas também não consigo me imaginar fazendo amizade com ninguém, dada minha ausência de conexões significativas, então sei lá. Talvez fôssemos o grupo de colegas de trabalho mais unido do mundo.

— Beleza! — grita Miz. — Acho que estamos prontos.

— Ótimo — diz Nik, e passa por mim, pegando as sacolas que colocou no chão. Ele conseguiu enfiar a caixa inteira do servidor que roubou em Marsup em uma de suas mochilas.

— Eu quero ir primeiro — declara Blare.

— Pegue uma corda, então — diz Nik. — Soldada, atenção.

Pego a corda que ele joga em minha direção, apertando-a perto do meu peito. Nik faz uma pausa, seus olhos fixos em mim. Não desvio o olhar, perplexa com o que quer que seja que minha mente está lutando para desvendar.

Ou eu tiro a verdade dele em três dias, ou a NiloCorp o leva embora, e eu nunca vou saber.

•

Atravessamos os quatro primeiros prédios sem problemas.

De alguma forma, fico chocada com o vento brutal em cada balanço, engolindo goles de ar frio repetidamente e então tendo que combater meus soluços ao pousar. Cada prédio foi selecionado para ser mais baixo do que o anterior para ganhar velocidade, e *eu* os selecionei, então não sei por que meu estômago continua caindo como se o mergulho fosse inesperado. Queremos voar o mais rápido possível, para que algum pobre civil não olhe pela janela do apartamento e dê de cara conosco no ar.

Estico meus ombros, flexiono minhas palmas. Falta só mais um, e então a sensação de queimação rasgando minha pele pode descansar. É uma pena que ninguém tenha trazido luvas. Quem carrega uma tirolesa, mas não *luvas*?

— Conectado — declara Miz. — De boa.

O balanço final nos levará para a porta ao lado das instalações de Tresci. Não conseguimos nos conectar diretamente ao centro de dados: o prédio era muito baixo, com apenas seis andares. O espaço de Tresci é muito menor que o de Marsup. Não tem gramado, nem cerca de perímetro, nem tetos abobadados onde a brisa do mar pode entrar em dias mais quentes.

— Vá primeiro — diz Nik a ela. Ele está carregando a caixa do servidor de Marsup na bolsa em seus ombros, então está tomando um cuidado especial em cada descida. — Você pode trazer a linha de volta com o drone assim que terminarmos.

Miz bate continência, então enrola sua corda ao redor da tirolesa e pula. Ela balança rápido, mas noto o breve tropeço no meio, como se tivesse se prendido em algo antes de seu impulso retomar, pousando do outro lado e pulando. Esse trecho final é o mais longo, então ela está pequena quando acena de volta para nós, para gesticular que podemos continuar.

— Espere um pouco — digo, mas minha convicção não é forte o suficiente. Não entendi completamente o que parece errado; não entendo até que Blare já tenha enrolado a corda em volta da tirolesa, segurando firmemente em ambos os lados antes de pular.

Elu chega à metade da tirolesa em uma boa velocidade. Então, começa a ir mais devagar.

— Epa, epa — diz Nik imediatamente, correndo para frente. — O que está acontecendo?

Eu sei instantaneamente o que fiz de errado. Fiz cálculos usando nosso peso médio, que é a única razão pela qual decidi arriscar este trecho final em vez de encontrar outro prédio no meio. Mas Blare, sendo muito mais jovem, também é muito mais leve. A matemática não funcionou com elu.

— Assuma o drone — mando. — Traga de volta.

Blare está começando a se contorcer. Elu não consegue segurar por tanto tempo. E se soltar…

— Eu juro, se estiver tramando algo…

— Eu não estou tramando nada com a *vida* de uma *criança* — rosno, e é tão cruel que Nik dá um passo para trás.

Não há tempo para discutir. Eu confio que ele vai pegar o controle do drone de Miz, e vou para o bolso externo da bolsa dele, puxando um cinto de suporte. Visto a engenhoca em um piscar de olhos, sem pensar muito em prender cada fivela. Ouço Nik gritar para eu esperar, para dar a ele um segundo, mas Blare não tem um segundo a perder, então eu prendo o suporte na tirolesa, girando a trava do gancho até que ela feche.

Então, eu mergulho.

O benefício de fazer tirolesa com corda, pelo menos, era ficarmos em pé durante toda a jornada. Se meu problema de engolir ar já era ruim antes, mal consigo espremer alguma coisa para dentro dos pulmões dessa vez, o vento frio parecendo agulhas no meu rosto. Três segundos, cinco, sete… Blare deve me ver chegando, e em um ato de confiança que não consigo compreender, solta a corda, suas mãos exaustas.

Eu agarro no exato momento em que elu começa a cair, um braço sob seus ombros e o outro segurando a bolsa que prendeu em seu torso. Eu não respiro até que o suporte pare bruscamente no final da tirolesa e colida com o bloqueador. Nós dois batemos na caixa d’água em que Miz fixou a tirolesa, e enquanto Blare cai no telhado — sua bolsa amortecendo o peso

da colisão e elu rolando sobre o ombro, gemendo —, eu agarro freneticamente o topo do suporte, puxando o mecanismo de liberação e me soltando antes de balançar de volta para a borda do telhado.

Eu caio no telhado de joelhos. A dor é brutal, mas é uma sensação boa. Significa que cheguei em solo firme.

— *Caralho*. — Miz corre para Blare, ajudando elu a se levantar. — Você está bem?

— Acho que estou com umas queimaduras de corda de segundo grau nas palmas das mãos, mas, fora isso, não virei uma panqueca no meio da rua, eu acho. — Elu levanta a cabeça, olhos arregalados. — Você me salvou.

— Você só ficou em risco porque eu errei um cálculo — digo, me levantando. Meus joelhos estão sangrando sob minhas roupas, e eu fico assustada por um momento, porque não consigo nem lembrar da última vez que me machuquei assim. A academia, apesar de seus exercícios, raramente nos colocava em apuros, já que passávamos a maior parte do tempo no virtual.

A tirolesa treme. Ela estica, e então Nik atravessa também, soltando sua corda e pulando habilmente antes de atingir a caixa d'água.

A noite fica silenciosa. Apenas o zumbido de anúncios elétricos e estrelas elétricas. Minha respiração ainda está rápida. Eu inspiro fundo, incitando meu coração a desacelerar.

— Está todo mundo bem? — pergunta Nik em tom neutro, ajeitando sua bolsa com mais segurança sobre seus ombros.

— Vive — relata Blare. Elu limpa os cotovelos, então se vira para mim. — Como você chegou até mim tão rápido?

*É porque eu acelerei manualmente*, estou prestes a dizer. Então percebo que não tinha dado essa instrução em voz alta: só falei metade do plano para Nik, e na minha pressa para entrar na tirolesa, não tinha terminado meu pensamento. Meu olhar volta para a tirolesa, onde o ponto de partida espera no prédio anterior, e eu vejo o drone lá, pairando com a linha. Deve ter baixado novamente para Nik atravessar, mas no momento em que prendi meu suporte, eu ia dizer a Nik para usar o drone para levantar a linha o mais alto possível. Minha descida seria mais íngreme e eu poderia chegar a Blare mais rápido.

Mas eu não precisei dizer nada.

Nik encontra meus olhos. Eu inclino minha cabeça.

— O que posso dizer? — oferece ele. — Eu presto atenção.

Suas palavras são impassíveis, mas ele está ligeiramente sem fôlego, uma rouquidão baixa presa em sua garganta. Não é a atividade extenuante que o está afetando. Há algo mais ali, algo que se mostra como um brilho animado quando ele olha para mim. Como se estivesse me desafiando a pedir mais detalhes. Se eu não o conhecesse, quase pensaria que ele está tentando segurar um sorriso. Deve estar delirando.

Nik finalmente se vira, manobrando o drone de volta com a tirolesa. Ele rapidamente enfia o equipamento na bolsa balançando em sua cintura, pedindo a Miz para escanear o perímetro, ver se algum alarme foi disparado por nossa presença aqui.

— Liberado — relata Miz após um minuto.

— Então, vamos em frente — diz Nik. Ele faz uma pausa. — Soldada?

Não sei o que pensar. Dou um passo à frente, e meus joelhos tremem com uma leve fraqueza, não inteiramente devida ao arranhão que levei ao sair da tirolesa. *Como*? Se eu mal entendia o que estava planejando até fazer, como Nik Grant poderia saber?

— Vamos em frente — ecoo.

# CAPÍTULO 24
## LIA

Olho para Kieren, minha boca se abrindo e fechando.

— Você acha que a NiloCorp fez algo para *mudar* o seu pai? — finalmente ecoo. — Como… como assim?

— Como assim que desde que meu pai deixou o emprego, ele está completamente diferente — zomba Kieren, sabendo claramente que aquilo soa ridículo. — Não consigo explicar. É como se ele tivesse sofrido uma lavagem cerebral. Ou sido recrutado para uma seita. Ou… sei lá… talvez, se eu tivesse uma melhor compreensão do que aconteceu, poderia fazer algo a respeito.

— Você não acha que foi a adaptação dele a uma grande mudança de vida? — pergunto. — Mudar de marcha, da NiloCorp para a academia, é algo muito importante.

— Uma coisa é crise da meia-idade, outra é perder a alma — diz Kieren sombriamente. — E se você conhecesse meu pai antes de ele ser diretor, saberia exatamente o que quero dizer. Conversei sobre isso com Hailey e Weston. É como se ele tivesse voltado para casa naquele dia depois de pedir demissão e sua luz interna tivesse se apagado. Ele ficou maldoso. O que a NiloCorp queria virou lei. O que a empresa pede, precisa ser entregue. — Kieren faz uma pausa. — Ele e minha mãe se divorciaram há três anos.

Tomo um susto. Não fazia ideia. Eles devem ter mantido em segredo, já que não ouvi nem o menor rumor na escola. A mãe de Kieren é uma socialite. Digo oi quando ela está no campus, mas eu a vejo principalmente no *feed*, porque ela faz transmissões ao vivo o tempo todo. Seus sapatos, suas bolsas, suas viagens ao Baixo para conseguir serviços de manicures de alta qualidade.

— Sinto muito.

— Não sinta — responde Kieren. — Era inevitável. A presença da minha mãe nos eventos de arrecadação de fundos da academia dele já era rara.

Nada mudou depois da separação. — Ele coloca as mãos nos bolsos. Um momento se passa, seu olhar se volta para a frente. — Não faz sentido, né? Por que aceitar um emprego para ficar mais perto dos seus filhos e depois agir como se os odiasse?

Não tenho uma resposta. Quase quero agarrá-lo e abraçá-lo, mas Kieren pode achar isso degradante, então fico parada perto da janela, encostando minha cabeça no vidro.

Como a NiloCorp poderia ter tido alguma participação nisso? A tecnologia deles é avançada, mas não consigo imaginar que chegue ao ponto de lavagem cerebral. É difícil argumentar a favor do recrutamento de seita também, se tiver acontecido num estalar de dedos.

— Você o terá de volta — digo, baixinho. A garantia parece a resposta mais natural neste momento. Não são chavões vazios ou condolências pelo que ele sofreu. Kieren não gosta desse tipo de bobagem. Quando ele quer que algo seja feito, ele consegue. Pelo menos nisso eu acredito.

Seus lábios se curvam. É um gesto suave, tornado mais rosado pelo sol poente.

— Mesmo que acabe te derrotando como oradora da turma?

Dou de ombros.

— Mesmo assim. Entendo sua jogada. Ser orador da turma significa que a NiloCorp não pode te negar a divisão cibernética.

De repente, isso dá cor a tudo o que eu sabia sobre Kieren Murray. Eu pensava que sua carreira seria um mar de rosas, que estaria confortável após a formatura não importando que notas tirasse. Ele era um Murray. Eles *tinham* que o colocar em algum lugar de prestígio.

Era exatamente isto: o diretor iria querer seu próprio filho na divisão que já liderou. Ele lutaria contra qualquer outra designação. A cibernética é o único lugar onde eles podem recusar sua inscrição. Kieren tem tentado garantir que isso não aconteça.

— Obrigado pela compreensão. — Ele funga.

— Não força a barra — aviso imediatamente.

É tarde demais. Kieren finge chorar, enxugando os olhos.

— Eu nunca pensei que esse momento chegaria. Lia Ward, me dando permissão para ser o melhor.

— Ei, estou dizendo que você pode *tentar*.

Não conseguimos manter um momento sério por muito tempo. Acho que não tivemos uma conversa totalmente sincera desde que nos conhecemos na festa dos cadetes, antes de Kieren decidir levar minhas notas de teste para o lado pessoal.

— Tudo bem — cede ele. — Que vença o melhor cadete. Neste ponto, não temos escolha a não ser colaborar até o fim, de qualquer maneira.

É uma pena, realmente. A questão sempre foi vencer. Mesmo no primeiro ano, quando nenhum de nós tinha se orientado totalmente ainda, o importante já era ter certeza de que estávamos ultrapassando o outro.

— Sabe — digo, antes que possa me conter —, teria sido legal se tivéssemos colaborado desde o começo. Imagine se tivéssemos combinado notas de teste e trocado ideias para projetos. Seríamos imbatíveis.

Kieren fica quieto.

— Não te culpo pela nossa rivalidade — continuo —, mas meio que te culpo, sim. Você decidiu ser cuzão comigo primeiro.

— Relembrando velhas feridas, é?

Aponto para mim mesma.

— Elas ainda estão muito abertas e sangrando. Lembra como foi legal a festa de Orientação dos Novos Cadetes?

— É, bom — diz Kieren. — Infelizmente, depois daquela primeira noite em que nos conhecemos, fiquei com um *crush* tão grande em você que tive que me afastar, como um viciado.

Pisco. Meus pensamentos dão curto completamente, depois voltam dez vezes mais altos. Ele deve estar brincando. Não tem a menor chance de estar falando sério.

— Como é que é?

— Pensando bem — continua Kieren, recusando-se a repetir —, talvez houvesse métodos melhores do que ser cuzão. Mas você sempre foi tão animada, e eu gostava do seu sorriso, então estava muito decidido a evitá-lo. Sou naturalmente competitivo, Lia. Quando realmente decidi que queria ser orador da turma, eu já estava no caminho, porque tirar a nota mais alta da classe te enfurecia.

— "Um *crush* tão grande"… — repito, ainda presa naquela primeira parte de conversa. — A gente tinha treze anos. Levou só uma noite para ficar tão sério?

Kieren franze a testa, parecendo quase ofendido.

— Você me beijou na boca! — exclama ele. — O que mais um adolescente ia pensar?

— Por, tipo, dois segundos. — Eu ainda estou pasma. — E foi na brincadeira da garrafa!

— Eu era uma criança introvertida.

Kieren, apesar da confissão que estou ouvindo pela primeira vez, parece totalmente casual, sua postura relaxada, um ombro encostado na parede.

— Eu… Isso é… O que… — gaguejo. Tenho que mudar de assunto ou então isso vai partir meu cérebro no meio. — Tá. Tá bom. — Pisco e abaixo o olhar. — Ai, pobrezinho…

— Ei — diz Kieren, sem expressão. — Nada disso, por favor.

— Fiz você sofrer — fungo. — Todos esses anos.

Kieren revira os olhos.

— Realmente, você é insuportável.

— Aqui é um ambiente seguro. Pode admitir seu amor eterno agora.

— Você é tão…

Um uivo de sirenes ecoa da rua, e imediatamente espio pela janela em busca da fonte. Kieren reage com a mesma rapidez, pondo o rosto bem contra o vidro após caminhar até a janela.

As sirenes se aproximam, cada vez mais perto.

Então um carro da polícia para na frente do prédio. Meu coração erra uma batida.

— Ei — digo lentamente. — Quais são as chances de Hailey *não* ter feito uma limpeza completa do registro do sistema, como Kam quis confirmar?

Kieren olha para baixo por um momento. Ele pisca, seus olhos vidrados no visor, e segundos depois diz:

— Grandes. Estou no rádio deles. O prédio de Chung relatou suspeitas de adulteração do sistema quando o alarme soou, e eles enviaram o registro para ser investigado. *Merda*.

Sem tempo a perder, Kieren vai até a porta. Dou mais uma espiada, vejo que os policiais entraram no prédio e estremeço, correndo atrás de Kieren até a escada.

— Estão rastreando as credenciais de Hailey? — pergunto. Minha respiração fica ofegante enquanto descemos rapidamente os andares. — Ela está em perigo?

— Nenhum nome mencionado. Acho que você foi esperta em dar a ela um laptop físico. Provavelmente estão rastreando a localização do dispositivo em tempo real.

Mas assim que entrarem no hotel e localizarem o laptop, começarão a olhar as imagens de segurança e analisar os hóspedes que entraram e saíram. Buscarão aqueles que correspondem às imagens da rua perto do prédio de Chung.

Kieren abre caminho de volta para o quarto andar. Estou perto o suficiente atrás dele para seguir no mesmo balanço da porta. As luzes no corredor diminuíram, acomodando a noite.

— No momento, a polícia pode só estar seguindo um relatório superficial do prédio de Chung — digo. — Mas isso vai aparecer no radar dos agentes federais de Medaluo em breve. Não podemos deixá-los nos investigar até terminarmos o posto.

— Merda — repete Kieren. — *Merda*. — Ele abre a porta do nosso quarto de hotel. — Acordem! A gente precisa ir!

Rayna se levanta imediatamente, seu cabelo em três direções diferentes. Apesar dos movimentos rápidos, sua expressão está completamente adormecida, falhando em acompanhar a situação. Hailey não se mexe nem um pouco. Ela provavelmente está acostumada demais com os gritos de Kieren para acordar.

— Faz elas acordarem — digo a ele. — Elas têm que vir conosco. Podem retornar para Marsup depois que a poeira baixar, mas se ficarem aqui e forem levadas, isso vai nos afetar e impactar nosso posto.

Atravesso a sala em alguns passos, pegando a bolsa que Hailey deixou na mesa de centro. Pego o laptop. Então, eu o dobro para trás e o quebro em dois para garantir. Eles ainda poderão confirmar que é o dispositivo que estão rastreando quando o encontrarem, mas não há mal nenhum em adicionar um obstáculo extra. Enfio as peças na bolsa e guardo no armário.

Quando me viro, Rayna já está de pé e colocando sua mochila, mas Hailey continua grogue e desleixada na cama.

— Literalmente não consigo enxergar direito agora — reclama Hailey.

— *Quando* você consegue? — murmura Kieren. Ele pegou as duas malas. Enquanto pego a escova de dentes no banheiro e o pijama que deixei no chão, Kieren simplesmente coloca a irmã no ombro, e ela se deixa levar

como um saco de batata. Rayna abre a mala para indicar que posso colocar minhas coisas.

— Obrigadaaaaaa! — sussurro, e então aceno para ela seguir Kieren até o corredor e a escada.

— O que rolou? — sibila Rayna. — Eu estava tendo um sonho bem bom.

— Acontece que Hailey pode não ter apagado os rastros completamente. — Eu olho por cima do ombro. As portas do elevador estão se abrindo. Com uma rápida inspiração, fecho a porta da escada atrás de nós, esperando que o policial não tenha nos visto sair.

— E estamos fugindo?

— Temporariamente! — insisto. — Sua pesquisa quer todas as grandes cidades, certo? Você sempre pode voltar para Marsup mais tarde.

Rayna boceja. Ela e eu descemos correndo as escadas juntas atrás de Kieren, nossos pés sincronizados.

— Lia, se você queria passar mais tempo comigo, podia só ter dito.

Reviro os olhos, dando-lhe um empurrão extra para fora da porta e para o saguão. Está quieto. Kieren coloca Hailey no chão com um aviso de que é melhor ela andar. Estou impressionada, pareceu tão fácil para ele carregá-la. Ele mal suou.

— Tá, eu ando — Hailey diz, baixinho. — Mas para onde a gente *vai*?

Ótima pergunta. O primeiro passo é ir para a rua. Rayna passa o braço em volta do meu, dando a impressão de um passeio casual, talvez um grupo de amigos indo jantar na cidade. Um poste de luz pisca acima de nós. Ele brilha em turquesa, combinando com o aquário noturno abrindo suas portas à direita.

— Ward — diz Kieren, em voz baixa, virando-se por cima do ombro. Rayna e eu olhamos. Ele faz uma careta. — Eu quis dizer… Lia. As passagens de trem ainda não chegaram.

— Mesmo que chegassem agora, são para amanhã de manhã — digo. — Precisamos de uma nova rota de fuga.

— Vamos ligar para Kam?

— Não adianta. Se ela nos deu passagens para de manhã, provavelmente é o primeiro horário que conseguiu com métodos legítimos. — Abro minha tela, posicionada sobre o navegador. Nem tenho certeza do que procurar. Temos que sair de uma forma que não possa ser rastreada, caso tenhamos sido identificados pela polícia lá atrás. Ferrovias e companhias aéreas estão

conectadas aos nossos IDs de usuário, como Kam disse. Também não podemos pegar táxis, eles são rastreáveis. Os distritos podem executar uma solicitação de reconhecimento facial pelos sistemas, e a empresa de táxi dirá a eles a rota exata que pegamos. O metrô só vai até a zona rural de Marsup também.

Não temos muitas opções restantes.

— Dá para ficar em Marsup e nos esconder em algum lugar, não? — pergunta Hailey. Ela gesticula para Kieren devolver sua bolsa agora que está quase desperta, e Kieren a empurra de volta para ela.

— É perigoso — diz ele. — A vigilância dentro de uma cidade é toda enviada de volta para o mesmo lugar. Assim, é fácil para Medaluo nos encontrar apenas pedindo para as câmeras ficarem em alerta.

É diferente se ficarmos à espreita em Tresci, antes que eles saibam que fomos para Tresci. Eles não vão fazer uma varredura facial no país inteiro. Levaria uma eternidade.

— Pelo menos esta noite, então — diz Hailey. — Achar algum esconderijo, e então pegar o trem da manhã.

— Onde seria esse esconderijo? — pergunta Kieren. Não parece uma acusação. É uma pergunta genuína que não tem resposta. Não há lugar que não seja vigiado.

— Talvez a gente precise ser criativo. — Hailey aponta para o aquário pelo qual estamos passando. — Quartinho de limpeza do aquário.

— É por isso que não peço conselhos a você.

Como estou pairando sobre minha tela há tanto tempo, o sistema tenta me oferecer sugestões, notando que estou em um impasse. Ele sugere pesquisar horários de pôr do sol para a semana. Mandar mensagem para Rayna Ward, sem perceber que Rayna está bem ao meu lado. Verificar minha pasta de spam, porque tenho recebido uma quantidade sem precedentes de mensagens lá.

Suspiro, deslizando tudo para limpar, um por um. Tenho checado minha pasta de spam — diante dos meus olhos, o número cresce de 498 para 514. A falta de restrições de privacidade em Medaluo também significa que o adware trabalha horas extras.

Embora eu pretenda fechar o spam, minha tela percebeu que estou demorando e mostra pré-visualizações para mim. Faço uma pausa. Por mais

tentada que eu esteja pelas ofertas de sopa picante, não é isso que de repente chama minha atenção.

**A MAIOR EXPERIÊNCIA RODOVIÁRIA!!!**
**Saindo de Marsup às 20:00.**
**VENHAM, VENHAM TODOS.**
**O guia turístico de IA que você estava procurando.**
**TEMOS QUE PARAR DE NOS ENCONTRAR ASSIM…**
**na orla de Medaluo! Siga-nos pelas cidades.**

— Ei — digo, interrompendo os insultos que Kieren e Hailey estão trocando. — Eu tive uma ideia.

•

O ônibus está esperando na extremidade norte da orla de Marsup, com a logo “RELÂMPAGO SMART TOURS” estampada na lateral. Não há mais ninguém embarcando. Ele fará uma rota circular, independentemente do número de passageiros. Ninguém mais usa serviços guiados por IA, apesar da popularidade inicial durante a invenção do Alto. No começo, parecia que guias turísticos, professores e treinadores esportivos poderiam ser automatizados, assim como empregos de contabilidade e corretores de seguros. Então, descobriu-se que guias turísticos de IA assustavam muito as pessoas.

Felizmente, porém, os ônibus de IA são empresas privadas. Nossas identidades não são registradas quando embarcamos, então ninguém vai saber que estamos aqui. A maioria das empresas que administram esses passeios também está à beira da falência por falta de clientes. Duvido que alguma delas esteja equipando sua sede bem o suficiente para atender pedidos das autoridades medanas.

Nós quatro olhamos uns para os outros, todos desafiando outra pessoa a entrar no ônibus primeiro. A porta está escancarada. Seria acolhedor se não fosse pelo silêncio mortal e pela escuridão lá dentro.

Eu respiro fundo, fazendo o primeiro movimento para entrar. Assim que agarro o corrimão e entro no ônibus, as luzes piscam. Um robô se levanta rapidamente em posição de sentido no assento do motorista. Seu peito

brilha azul; sua cabeça prateada sem rosto gira rapidamente em minha direção.

— OLÁ! — ele berra em atahuense.

Minha mão voa para o peito.

— Ai, meu…

— Boas-vindas, boas-vindas, desculpe pelo susto — diz o robô, diminuindo o volume. Talvez tenha passado tanto tempo desde que ele falou que precisou fazer um ajuste. — Por favor, sentem-se. São vocês quatro?

Estou batendo na minha clavícula rapidamente, tentando acalmar meu coração.

— Hum. Sim. Sim, quatro pessoas.

— Ótimo! — Claramente o ajuste de volume não é o problema, é o medidor de entusiasmo. — Estamos partindo para a maior aventura de suas vidas em dez minutos. Lembre-se de que estão seguros aqui!

Faço uma careta, começando a atravessar o corredor. É de se espantar que essas coisas não tenham sido todas descontinuadas, mas acho que não posso reclamar quando isso está nos beneficiando agora.

Kieren sobe no ônibus em seguida, embora pare perto do robô, olhando para ele por um tempo. Não ando muito longe, deslizando para o lado esquerdo da segunda fileira. Após uma inspeção completa, Kieren vem até minha fileira, gesticula para que eu me arraste até o assento da janela e se senta ao meu lado. Quando Hailey e Rayna embarcam, ambas escolhem fileiras mais para trás.

— Meu nome é Doze — diz o robô no assento do motorista. Ele me lembra um fantoche particularmente baixo. Tem braços e pernas, e provavelmente poderia andar se quisesse, mas algo na maneira como ele se porta faz parecer que tem alguém com o braço por dentro. — Partiremos em aproximadamente quatro minutos. Você sabia que Marsup significa *Terra do Mar Superior*? Os nomes em Medaluo são longos e difíceis de pronunciar para línguas acostumadas com atahuense, então traduções literais foram feitas.

Doze não está esperando uma resposta. Sua luz pulsa novamente em seu peito, e ele se estica para ajustar seus espelhos. De alguma forma, embora não tenha olhos em seu rosto liso, sinto que está verificando a vista da janela traseira.

— Ward — sussurra Kieren, chamando minha atenção. Ele se inclina, pressionado bem no meu ouvido para que o robô não o ouça. Um arrepio dança no meu pescoço. — Essa coisa me dá arrepios.

— O que vamos fazer? — sussurro de volta. — Você quer desligá-lo e dirigir no lugar dele?

— Não — resmunga Kieren.

— É só um robô. Ele nos levará aonde precisamos ir.

Kieren fica em silêncio, o que eu interpreto como sua concordância em prosseguir. Poucos minutos depois, Doze berra:

— Hora de ir! — E o ônibus começa a andar sem impedimentos. Uma melodia metálica toca nos alto-falantes enquanto o grande veículo faz uma curva, entrando na estrada. — Com uma partida à noite, nossa primeira parada é…

— Vamos pular as primeiras paradas — grita Kieren para a frente. — Queremos ir para Tresci. E não há necessidade de nenhuma descrição de guia no momento.

Há uma longa pausa. Com o canto do olho, vejo Rayna voltando a dormir, pendendo a cabeça contra o assento.

— Hum! — gorjeia Doze. — Por que isso?

Kieren limpa a garganta.

— Porque sim.

— Nossa rota é construída para permitir que os passageiros embarquem em todas as paradas — insiste o robô.

— Mas temos um interesse particular em certas áreas para passeios turísticos — rebate Kieren. — Você pode não conseguir mais passageiros em outras paradas. Certamente manter a satisfação do cliente é mais importante.

O círculo azul no corpo de Doze se acende novamente. Ele gira duas vezes no sentido anti-horário.

— Está bem!

Não acredito que funcionou. Doze fica em silêncio. O ônibus de turismo acelera, pegando a rampa para a rodovia. Os prédios de ambos os lados do ônibus passam rapidamente em fluxos prismáticos. Os pixels do virtual nunca parecem certos quando estamos acelerando pelo espaço, e acho que é porque todo o resto é renderizado com tanto fotorrealismo que os engenheiros do Tear não conseguem capturar como o mundo fica quando

borrado. As estruturas de Marsup ao redor da rodovia desenvolvem uma leve curva, cansadas no meio e relaxando as espinhas.

— Está mais tranquilo? — pergunto, baixinho.

Kieren se inclina para trás e cruza os braços sobre o peito. Ele está olhando para a frente, inspecionando Doze.

— Sei lá — murmura ele.

Isso é um *não*, então.

Suspiro, me acomodando no meu banco.

— Vão ser nove horas até Tresci — digo. — É melhor dormir um pouco.

# CAPÍTULO 25
## EIRALE

Baixo Tresci sob isolamento tem mais barulho do que eu imaginava.

Eu paro no patamar, ficando para trás. Os elevadores têm câmeras, então estamos descendo as escadas. Minha cabeça está girando devido às rotações. Cada vez que paro, Nik logo me chama, pois percebe na hora quando eu fico para trás, mesmo que seja só metade do patamar da escada.

A noite brilha através da pequena janela aqui. Pouquíssimos apartamentos no prédio vizinho fecharam suas persianas.

— Soldada, anda logo.

Eu acelero meu passo novamente. O isolamento da cidade pode ter nos forçado a um método de viagem não convencional, mas também aliviou o fardo de entrar na instalação. Eles estarão apenas com seus guardas de emergência. No telhado, decidimos rapidamente como nos aproximar do centro de dados. Mesmo se entrarmos com a agressividade de assaltantes de banco, devemos conseguir sair antes que a segurança envie reforços.

Atravessamos o último patamar da escada com passos silenciosos, mantendo-nos alerta enquanto ignoramos a porta do saguão do prédio e fazemos outra curva, saindo no beco do lado de fora. Nik abre a porta com um empurrão. Ele faz uma pausa e a fecha novamente para fungar com força. Acho que deve estar sentindo cheiro de algo, mas quando Miz lhe oferece um lenço, percebo que só está com o nariz escorrendo. Ele assoa o nariz. Abre mais a porta, olha para a esquerda, para a direita e depois sai noite adentro.

— Câmera às duas horas — avisa Blare atrás de mim.

— Entendido.

Nós contornamos o prédio em fila única. O Centro de Dados Nacional de Três Cidades é uma instalação humilde e estreita — não mais impressionante do que um bloco de escritórios comum para alguma empresa medíocre de consultoria. O texto prateado em medano na frente

declaram que este é um centro de pesquisa, mas, fora isso, seu exterior permanece indefinido. Nós nos esgueiramos ordenadamente.

Há um painel de acesso piscando em vermelho ao lado das portas de vidro. Nik o ignora completamente e opta por pegar um pé de cabra de sua bolsa, enfiando-o entre as portas e forçando-as a abrir com um suave *vuush*!

Enquanto Miz e Blare se apressam para passar pela entrada aberta, a surpresa atrasa minha reação. Nenhum alarme grita. Nik gesticula para que eu me mexa, acenando com o braço.

Entro. No escuro, não consigo ver muito da recepção: confundo as grandes plantas em vasos com guardas de pé no início, mas quando me viro, alarmada, minha visão se adapta às sombras. Um bebedouro nos encara com seus olhos vermelhos e brilhantes. As câmeras acima da recepção olham para baixo diligentemente, e Miz dá um tapinha em seu rosto, depois no de Blare, verificando se estão mascarados de uma forma que cubra o máximo possível de marcadores faciais.

— Por aqui — Nik me diz, virando à esquerda ao lado da recepção.

— Tem alguma coisa errada — declaro.

— Nãããão — rebate Miz. Ela pula sobre as catracas. — Não diga isso.

— Não dizer isso não vai mudar…

— A sala de que precisamos está bem aqui — interrompe Nik, gesticulando para a frente no corredor. Ainda estamos no térreo. Há uma porta de cada lado, zumbindo com um som que apenas fazendas de servidores podem gerar.

Olho ao redor, procurando por mecanismos de segurança extra. Não encontro nada.

— Não parece muito bem protegido.

— Tresci divide seus departamentos com um sistema organizacional estranho: o Ministério da Defesa Nacional é o primeiro e o sexto andar. — Nik puxa uma ferramenta parecida com um martelo. — Eles contam com guardas em postos fixos e uma fechadura impossível de hackear.

— E como você vai abrir uma fechadura impossível de hackear? — pergunto.

Nik responde batendo na porta com o martelo. Toda a sutileza foi pela janela no momento em que ele abriu a entrada da frente com um pé de cabra, eu acho. O martelo bate na estrutura metálica lisa, cavando através dos fios enrolados dentro das camadas, arrastando-os para fora em

comprimentos estranhos. Seja lá do que for feito o martelo, ele certamente está funcionando, porque o buraco cresce rapidamente, cada vez maior, até ficar grande o suficiente para Nik se espremer para a sala do servidor.

— Blare, vem comigo. Miz, para a frente. — Ele para um momento, colocando o martelo no chão e encontrando meus olhos. — Verifique o resto do prédio para ver se há algo iminente. Alarmes, funcionários. Avise se algo interromper o processo de recuperação de dados.

Eu assinto.

— Não se esqueça de procurar meus materiais — digo a Blare. — Busque todos os cidadãos Kunlun listados nesses dois documentos de Marsup e recupere todas as credenciais Tear que puder encontrar.

Um centro de dados guarda muitas conversas de texto privadas e notas pessoais. Deve haver um número significativo de credenciais circulando.

— Pode deixar, chefia — responde Blare. Elu mergulha pelo buraco na porta antes de Nik. Este faz uma pausa, murmurando “Chefia?” antes de seguir.

— Se cuida — digo a Miz.

Ela inclina a cabeça. Sei que o aviso vem de forma estranha, especialmente quando a invasão em si ocorreu tão suavemente, mas Miz bate continência. Ela corre para a frente novamente, para guardar a entrada.

E eu sigo para o interior do prédio.

O som é instantaneamente diferente quando vou para a escada. É abafado, distorcido. Enrugo o nariz, sentindo um cheiro de algo azedo. Puxo minha máscara para baixo, tentando descobrir o que é que estou sentindo.

Subo as escadas, fazendo uma curva. Segundo andar. Empurro a porta para sair da escada, e está completamente silencioso. Lentamente, enfio a cabeça nas salas que foram deixadas abertas aqui, sem achar nada de importante. No final do segundo andar, sigo um zumbido elétrico até uma porta fechada, mas ela não se move quando tento a maçaneta.

Os cabelos da minha nuca se arrepiam quando retorno à escada, subindo para o terceiro andar. Faço a mesma inspeção e encontro os mesmos espaços de trabalho vazios e salas de servidores trancadas. Há fotos penduradas nas paredes aqui, os funcionários sorrindo para as câmeras. Passo por eles, demorando-me em cada um o tempo suficiente para memorizar seus rostos.

Verifico o quarto andar. O quinto. A essa altura, espero que Nik e Blare estejam terminando. Abro a porta do sexto e último andar, querendo fazer uma varredura rápida antes de dizer que foi um trabalho minucioso e retornar ao grupo no térreo. Mas no momento em que entro no corredor, congelo.

Um guarda noturno bateu o ponto hoje. Ele está bem aqui.

Corro para o lado dele, ajoelhando com dor sobre os fios do carpete. Ainda há calor emanando de sua pele quando procuro uma pulsação. Isso me dá falsas esperanças, pensando que ele só está nocauteado. A qualquer momento, encontrarei algum sinal.

Não encontro nada. Sua cabeça está descansando em um ângulo bizarro. Ele está morto.

— Merda — sussurro.

Examino a escuridão. Quase espero que alguém pule de algum esconderijo, mas o corredor permanece silencioso. Um zumbido, no entanto, é persistente aqui. Eu me levanto, seguindo o som. Cada vez mais alto e, na frente dele, me viro para encontrar a porta completamente derretida, uma poça de algo pegajoso se espalhando no carpete.

Eu estava sentindo o cheiro de ácido industrial. Ainda está pingando nas laterais, corroendo o batente da porta.

Giro nos calcanhares, correndo de volta para a escada. Não disparamos um alarme porque ele já havia soado e sido desligado. Quem estava aqui? Uma equipe diferente da NiloCorp? Agentes internos de Medaluo? Outro grupo não relacionado?

Não perco tempo. Não desço os degraus: me jogo de uma ponta a outra da escada, usando o corrimão como impulso. Volto para o térreo tão de repente que quase atropelo Blare, que está com outra caixa de servidor pesada nos braços.

— Temos que ir — anuncio. — Alguém mais estava aqui. Guarda morto no sexto andar. A contagem regressiva para a chegada da segurança começou muito mais cedo do que esperávamos.

Nik coloca a cabeça para fora da sala do servidor, com os olhos arregalados. Um segundo se passa enquanto ele digere minhas palavras. Então:

— Alguma estimativa?

— Eu não ficaria surpreso se carros silenciosos estivessem vindo em nossa direção agora mesmo. O corpo ainda estava quente. — Minha atenção se volta para Blare, que claramente está com dificuldade. — Quer ajuda com isso?

— Não — insiste elu. — Miz vai arranjar uma bolsa. Vou levar no ombro.

— Achou os *login*s também?

— Vários. — Blare inclina a cabeça para o lado, para o bolso, indicando que está armazenado no portátil. — Podemos revisar tudo quando tivermos um tempinho.

Eu assinto. Miz se apressa, sua expressão esgotada e um grande saco de estopa nas mãos.

— Tem um carro lá na frente.

— Tudo bem. — Nik embala tudo, enfiando suas ferramentas na bolsa. — Vamos por trás. Se a polícia local suspeitar da presença da NiloCorp, podem ter enviado militares para burlar a quarentena.

— NiloCorp? — ecoa Miz. — Por que eles suspeitariam que somos a NiloCorp?

— Porque alguém estava aqui logo antes de nós — digo. Não acho que tenha sido a NiloCorp, ou pelo menos não foi Teryn, porque ela não vai interromper a missão de capturar Nik. Pode ser uma equipe separada. Outra unidade atrás do trabalho de Chung. Se a missão de Teryn for confidencial, outras forças da NiloCorp podem não saber no que estão interferindo.

— Pela janela — comanda Nik. — Se eles começarem a perseguir e a situação exigir, vamos nos dividir. Só deixem os canais abertos. Não tirem o fone para descansar o ouvido, sim, é para você, Blare.

Blare faz uma careta. Elu já está mexendo no fone de ouvido, murmurando algo inaudível enquanto Nik olha ao redor, prende suas malas e então vai para a escada, indo em direção à janela. Ele usa o mesmo martelo que quebrou a porta da sala do servidor. Desta vez, basta um golpe para o vidro se quebrar em pedacinhos, espalhando fragmentos de cristal na escada.

— Miz.

Miz vai primeiro, pegando a mochila de Nik com a caixa do servidor. No batente, ela deixa a mochila cair do lado de fora com cuidado, então pega novamente o saco de estopa de Blare com a segunda caixa. Assim que

ambos são depositados sem incidentes, Miz desliza pela janela facilmente, pousando no beco do lado de fora. À distância, eu percebo o tremor das lâminas do helicóptero. Nenhuma sirene. Eles não querem civis reclamando sobre policiais quebrando a quarentena e espalhando doenças.

Blare passa rápido pela janela também, embora com um grunhido ao pousar no cimento.

— Você, agora — diz Nik.

Eu não dou a mínima para ele. Meus ouvidos estão atentos à frente do prédio, esperando o passo revelador de alguém, qualquer um se aproximando da entrada.

— Um segundo.

Nik franze a testa.

— Não é hora, de jeito nenhum.

Não ouço o barulho da polícia se aproximando. Estranhamente, estou ouvindo um tique-taque fantasma, ecoando bem acima de nós, do segundo andar.

— Ai, merda.

Antes que Nik tenha a chance de discutir, eu puxo seu pulso, nos jogando escada abaixo para o subsolo. Eu o empurro com força no último degrau, poupando um fôlego para nos abaixar no momento em que o fogo irrompe pelo teto, engolfando o andar térreo.

# CAPÍTULO 26
## LIA

Aprendi a estudar por meio dos meus sonhos.

Quando eu era mais jovem, sempre ficava sobrecarregada com tudo o que precisava aprender.

Havia tanto para lembrar, tanto para entender antes que eu pudesse passar para o próximo tópico. O medo ficava paralisante à medida que me aproximava da formatura do ensino fundamental. Naquele último ano, eu estava trabalhando em todas as avaliações anteriores que a Academia Militar do Nilo postou online, os testes que eles usavam para classificar novos cadetes em níveis de classe. Minhas notas não eram boas o suficiente. Eu não podia ficar pairando na faixa entre o Nível A e o Nível B, deixar minha designação depender de quão bons alunos seriam meus colegas de classe. Eu não podia deixar isso ao acaso.

O tio Chung veio jantar uma noite. Eu estava pensando muito sobre meu trabalho de física. Fiquei mais quieta do que o normal durante a maior parte do jantar, e quando papai foi até a cozinha para ajudar a trazer os bolinhos que Tamera fez, o tio Chung se inclinou e disse:

— Lia, prepare-se.

Eu me animei. Nosso jogo favorito.

— Flash está para a câmera assim como desastre está para…

— Amigos — respondi rapidamente. Fiz uma pausa. — Mas acho que cabe muita coisa aí.

— Resposta perfeita — elogiou o tio Chung. — Algumas funcionam. Depende do que alguém pensa, quando se trata de mostrar sua verdadeira face. Muitos dos meus colegas dizem “parceiro”.

— Bom… — Levantei o queixo. — Eu só tenho doze anos.

O tio Chung pareceu achar isso engraçado. Ele ainda estava rindo quando papai voltou com a bandeja de bolinhos.

— E um cérebro afiado.

Dei de ombros, envergonhada.

— Simplesmente me ocorre. É como se a palavra se materializasse na minha cabeça, e eu entendesse o que ela diz antes de ler completamente.

— Interessante — comentou Chung. — Mais ou menos como lemos em sonhos.

Assenti, pegando um bolinho. Eu também já tive esses sonhos. Ler sem ler. Entender conclusões que surgem na minha mente sem serem solicitadas.

Na manhã seguinte, tive uma ideia que queria testar. Não ia mais ficar olhando para minhas anotações. Abri um editor de vídeo, carreguei todas as anotações para serem exibidas como frames de meio segundo e salvei a filmagem. Então, me sentei, assistindo ao vídeo. Eu esperava entender o material como se fosse um sonho.

Funcionou. Tornou-se o método em que mais confio para memorização bruta. O exame de classificação de níveis da Academia Militar do Nilo foi moleza, porque realmente não tive que pensar sobre a ordem da ocupação estrangeira em Atahua antes da independência: as dezenas de nações apenas passaram pela minha cabeça.

Estranho como ninguém mais descobriu esse método. Eu teria muito mais competição do que apenas Kieren.

•

Eu acordo no susto e desorientada, ainda presa no sonho de estudar para um teste de física. Estou completamente confusa sobre onde estou, por que estava pensando em dever de casa, por que estou recitando uma fórmula.

O chão se mexe sob meus pés. Nada está sendo registrado corretamente, e vagamente concluo que devo estar tendo um pequeno episódio. Na maioria das vezes, não sinto a Síndrome de Wakeman, a menos que esteja em Baixo. Mas, a cada poucos meses, ela aparece no Alto também, logo depois que acordo. O sono virtual bate de um jeito errado e bloqueia qualquer cano em minha cabeça pelo qual o pensamento consciente esteja passando. O pânico começa a subir. Não estou presa em um ambiente físico. Estou aqui, não estou. Estou flutuando, inanimada.

— Lia?

Parte da minha consciência retorna. Kieren já está acordado, parado no corredor do ônibus e brincando com algo em suas mãos. O disquete. Ele o

gira uma, duas, três vezes. Rayna ainda está dormindo algumas fileiras atrás, e Hailey logo depois. Estou aqui. Estou *aqui*.

Kieren abaixa a cabeça, tentando me ver melhor. Ele guarda o disquete na mochila que deixou no assento.

— Você está bem? Eu silenciei o robô, desculpe se isso te acordou.

— O robô caiu? — O ônibus ainda está dirigindo. As janelas mostram uma manhã que avança, as montanhas ao longe nítidas e verdes. Cada pluma cinza sobre o horizonte fica mais clara que a anterior.

— Não, eu *silenciei*, não desliguei. Disse que a gente não queria guia até sair de Tresci. — Ele franze o nariz. — Você está pálida.

— Obrigada — digo em medano.

Kieren zomba:

— Eu quis dizer à beira da morte. Você está com intoxicação alimentar?

— Sim — digo, ficando de pé. — Com licença. Preciso vomitar.

— Como é?

Não é mentira. Meu estômago revira. Meus pulmões se restringem. Não sei por que isso tem que acontecer comigo. Não sei por que não consigo viver como uma pessoa normal sem um cérebro meio quebrado, sempre convencida de que meu mundo vai se desintegrar na próxima vez que eu der um passo.

Vou direto para o banheiro no fundo do ônibus. Suspeito que ninguém o usa há eras, porque está impecavelmente limpo quando entro. Desmorono no chão e um aroma de limão sai dos ladrilhos. Eu respiro. Respiro. Respiro. Estou deitada no meu Pod no Baixo. Não estou perdida em algum lugar profundo dentro de planos infinitos de realidade. Eu sei onde estou.

A porta se abre.

— Oi? — Encontro energia para arfar. — Você não bate, não?

— Não — responde Kieren, sem expressão. Ele fecha a porta. Entra. Apesar de eu tentar abrir os braços e impedi-lo de se sentar, ele se acomoda no chão ao meu lado.

— Que absurdo — consigo dizer. — E se eu estivesse com diarreia explosiva?

— Ainda bem que você só está surtando, então acho que está tudo bem.

Olho feio para ele. Ele levanta as sobrancelhas.

— Não é nada sério — digo depois de um tempo. Ainda estou lutando para respirar, então não sei quem acho que estou enganando.

— É Síndrome de Wakeman?

— Não — respondo rapidamente. A academia não pode saber. A NiloCorp não pode ver nos meus arquivos. — Não, estou só um pouco nervosa.

— Minha mãe tem — comenta Kieren. — Não precisa ter vergonha.

— *Parou*.

— Ok — diz Kieren suavemente. — Ok. Claro.

Ele não se levanta. Já fizemos isso uma vez. A última vez, no segundo ano, eu acordei cedo uma manhã. Era o auge do inverno, o que impedia uma caminhada. Eu tinha ido à biblioteca do campus para não surtar no meu quarto, e sentei-me em uma das mesas com meus livros físicos. Eu não pretendia estudar. Só queria ir a algum lugar público. Um lugar com vida. Os candelabros nos peitoris das janelas brilhavam sob as luzes douradas e fracas que a biblioteca mantinha acesas a noite toda.

Kieren entrou sonolento, ainda usando moletom, sem estar vestido com suas roupas habituais. Ele pareceu chocado ao me encontrar na biblioteca, não apenas àquela hora, mas *antes* dele. Eu não disse oi, não disse uma palavra. Ainda assim, ele foi direto para minha mesa e se sentou na minha frente. Algum tipo de jogo de poder, tenho certeza, mas eu estava claramente muito fora de mim para me importar. Ele bufou, fazendo um show ao reunir seus próprios livros didáticos e colocá-los na mesa. Embora não tenhamos conversado, sua presença mudou o clima do momento. Fiz um esforço para agir normalmente, para esconder minha desarticulação, e no fingimento, aquilo se tornou real. Eu saí da espiral.

Inclino minha cabeça para trás no armário da pia. Kieren olha a bainha da minha calça e a puxa, dizendo:

— Eca. Está com lama aqui.

Sei que ele está tentando ao máximo me distrair.

— São lantejoulas marrons — digo. — Eu que fiz.

— Parece lama.

— Olhe mais de perto. — Coloco meu pé nele, e ele faz uma careta, fechando a mão em volta do meu tornozelo para manter meu sapato à distância. O chão é sólido, o Alto virtual é imutável, e eu estou aqui, estou presente. O pensamento me ocorre, de repente e sem prelúdio, de que Kieren deve ter sabido que eu tinha Síndrome de Wakeman o tempo todo,

dada a calma de sua reação aqui. Ele já tinha reconhecido isso no segundo ano.

Ele nunca me dedurou.

Uma batida forte ecoa do lado de fora da porta do banheiro. Kieren e eu nos assustamos, e ele solta meu tornozelo.

— Pode entrar — digo.

Rayna coloca apenas a cabeça para dentro. Uma expressão sonsa cruza seu rosto instantaneamente.

— Oie — diz ela. — Não sabia que estava rolando uma festa aqui.

— Você foi convidada — digo.

— Perdi meu convite. Alguém deve ter preferido que fosse um rolezinho íntimo. — Ela empurra a porta mais amplamente, balançando para cima e para baixo na ponta dos pés. — Estamos quase no centro da cidade. Estou liberada para fazer meu próprio trabalho hoje, ou você quer me causar mais problemas?

Eu faço uma careta, me levantando. Vou devagar, caso o movimento desencadeie alguma outra resposta. Minha respiração se comporta. Assim como meu estômago.

— Faça o que precisa — responde Kieren por mim, emergindo primeiro. — Não tenho a mínima ideia do que Lia e eu estamos fazendo desde que estragamos todo o plano que nos foi dado.

— Podemos fazer algumas ligações — digo.

Kieren começa a andar em direção à frente.

— Hailey! — berra ele, e a irmã acorda assustada, levantando-se do banco em choque.

— Que foi? — pergunta ela. Então esfrega a mão ao longo da testa. Kieren tem um hábito idêntico, especialmente quando está cansado. Por mais diferentes que os irmãos sejam num primeiro momento, eles têm exatamente as mesmas sobrancelhas escuras que não se movem um centímetro, não importa o quanto estejam se coçando. — Quem está aqui?

— Ninguém. Estamos quase em Tresci.

Tresci acorda ao nosso lado quando o ônibus entra nos limites da cidade, corredores matinais descendo a calçada e prédios escurecendo seus hologramas para dar lugar ao sol branco estimulante. O ar ficou abafado no ônibus, então me inclino sobre um dos bancos traseiros para abrir uma janela. Não ajuda muito. Pego fumaça à distância quando inalo. Não é o

cheiro forte e acre do Baixo, mas definitivamente há algo queimando no virtual hoje.

— Primeira parada — declara Kieren, olhando o painel. — Museu de arte.

Eu me afasto da janela, deixando-a aberta.

— O que a gente vai fazer em um museu de arte?

— Nada. É só a primeira parada que já estava no tour. — Ele está franzindo a testa quando se vira. Deve estar vasculhando outros locais em sua tela, porque recebo uma série rápida de notificações enquanto ele envia links para mim. — Parece um lugar público viável para ganhar algum tempo. O virtual está movimentado hoje. Mais um dia, mais uma onda de algum vírus surgindo no Baixo, e Medaluo sempre faz períodos de quarentena em Tresci. Todo mundo vai comprar passes extras de um dia para subir.

Eu faço uma careta. Isso significa que a segurança será mais rigorosa e o contingente, dobrado. Para a maioria das pessoas que não são usuários regulares, uma quarentena significa usar fundos de emergência para comprar acesso de uma semana ao Alto. Caso contrário, não há nada a fazer além de ficar em casa o dia todo e comer comida que terão de repor.

— Talvez isso seja uma boa notícia para nós — digo, caminhando para a frente e me juntando a Kieren. — O Alto vai ficar meio delirante se todos se conectarem com uma infecção.

— Duvido que os engenheiros do centro de dados de Tresci sejam usuários diários — diz Kieren. — Eles não serão infectados por um surto se raramente saem de seus Pods.

— Se todos os principais pontos turísticos estão tão lotados — interrompe Hailey —, podemos parar para tomar café da manhã?

Entramos na cidade. O ônibus anda pelas ruas, passando por lojas de café da manhã com filas dobrando o quarteirão, grandes cestas fumegantes apoiadas sobre uma chama aberta e omeletes achatados em enormes grelhas circulares. Funcionários corporativos vestindo roupas casuais de negócios ziguezagueiam suas bicicletas pela calçada, ficando fora da rua estreita para dar espaço aos poucos veículos que desceram das vias expressas elevadas. Essas ruas não foram realmente feitas para carros, muito menos para um ônibus de turismo. Muitos pedestres param propositalmente para olhar com raiva para nosso veículo volumoso.

— O que os pontos turísticos lotados têm a ver com o café da manhã? — pergunta Kieren.

— Manter a energia — responde Hailey facilmente.

— *Manter a…* — Ele se interrompe, sem terminar, estupefato. — Lia e eu temos ligações para fazer.

Hailey suspira.

— Chato. — Ela sobe em seu banco, olhando para o outro lado. Rayna ainda está pairando perto do fundo.

— Vamos tomar café da manhã?

Rayna pisca.

— Eu?

— Estou olhando diretamente para você, Rayna, então, sim, você.

A estrutura de cinco andares de um museu aparece à vista, uma bandeira de Medaluo tremulando em seu telhado. Suas colunas de pedra sustentam a estrutura pesada, altos pôsteres de exposição desenrolados entre cada entrada. Abro o primeiro link que Kieren me enviou, e minha tela se enche com um mapa desenhado à mão. O museu de arte de Tresci fica a menos de dez minutos de caminhada de seu centro de dados. Esta cidade escolheu o local exatamente oposto de Marsup: em vez do silêncio de seus arredores industriais, o centro de dados de Tresci se mistura com seu epicentro comercial. Na mesma rua, há uma histórica fábrica de bolinhos de arroz que opera em Tresci há cem anos.

— Claro — responde Rayna.

**LIA:** muito fofa, muito serena
**LIA:** bem de boa
**LIA:** suave na nave
**RAYNA:** SHHHHHH

O ônibus para no lado mais distante do estacionamento do museu, juntando--se aos outros veículos turísticos. Quando Doze puxa o freio de mão, seu corpo gira ligeiramente, mantendo-nos dentro da visão de suas câmeras frontais. Então pende para a frente, quieto.

— Podemos nos encontrar aqui no fim do dia se quisermos continuar viajando juntos — decide Kieren, jogando a bolsa no ombro. — Pronta, Ward?

Aceno com a mão na frente do rosto de Doze. Ele não responde.

— O que aconteceu com nosso motorista?

Kieren balança a cabeça, acenando para que eu saia pelas portas.

— A gente se preocupa se ele ainda não tiver acordado quando estivermos saindo. Talvez tenha superaquecido.

•

Nós vagamos pelo museu de arte por um tempo, balançando a cabeça e lendo as placas descritivas quando apropriado. Os museus no Alto são os únicos lugares para ver arte agora. Em Baixo, eles trancam as peças reais em um depósito para mantê-las seguras, com medo de que os elementos as danifiquem com novas enchentes, com medo de que alguém invada e roube as pinturas das paredes. A prática provavelmente seria muito mais controversa se a NiloCorp não tivesse chegado a um acordo com curadores e proprietários de arte para deixá-los duplicar suas peças aqui de graça, como se a arte fosse parte da infraestrutura que o sistema é obrigado a refazer.

Acima de tudo, a NiloCorp permitiu essa regulamentação porque os ricos não queriam recomprar seus bens caríssimos no virtual.

Kieren para em frente a uma estátua de argila, então eu aproveito a deixa e paro também. Ligamos para Kam quando entramos no museu, mas assim que ela atendeu, disse que estava apagando um incêndio e nos ligaria de volta em uma hora. Agora estamos matando tempo, esperando. Apesar do tamanho desta exposição — uma sala baixa e pequena bem no final da ala —, há muitos outros andando por aí conosco. O museu está quase lotado. Tresci está realmente movimentada hoje.

— Você tem visto o *feed*? — pergunta Kieren, baixinho.

— Não — respondo. — Os jovens de hoje em dia, olhando o *feed* quando há arte bem na sua frente.

Kieren não ri. Seu olhar está vazio, sem foco, em um vídeo.

— É seu pai.

Meu coração tropeça.

— O quê?

Abro minha tela imediatamente. Não preciso rolar o *feed* para encontrá-lo. Assim que passo o mouse sobre o papai em meus contatos, a busca

automática faz o trabalho para mim, puxando os artigos da imprensa e os vídeos virais que os acompanham. “SENADOR SULLIVAN SOB ATAQUE POR PROJETO DE LEI ‘MUITO BRANDO’ SOBRE MEDALUO.”

Vou para o primeiro vídeo. Ele claramente foi cortado para deixar só as partes mais importantes, porque não há prelúdio. Papai está no plenário do Senado, dizendo:

— … expande sua autoridade para resolver casos de emergência. O tempo de processamento atual para medanos buscando asilo é de treze meses, e dentro desse período, não há promessa de segurança para suas ações, o que significa que não há motivação real para eles desertarem. Se essa guerra é sobre ideais, como ouvimos do nosso próprio presidente várias vezes, por que não oferecemos refúgio para aqueles que querem acreditar na liberdade atahuense?

— Ai, puta merda — ofego.

Não é de surpreender que os comentários no vídeo sejam compostos em grande parte de pessoas debatendo a composição étnica do papai. Ele é muito medano para os atahuenses, bravos com a ideia de que deveríamos oferecer asilo. Muito atahuenses para os medanos, infelizes com a insinuação de que seus cidadãos precisam de asilo. E qualquer medano que vemos nos aplicativos atahuenses já é simpático a Atahua de alguma forma, seja falando a língua ou tendo laços familiares do outro lado do oceano. Se esse vídeo fosse baixado e circulasse em diferentes aplicativos medanos, na versão deles do *feed*, a reação seria muito pior.

— Não é fã do projeto de lei? — pergunta Kieren.

— As ameaças de morte estavam começando a diminuir — digo, infeliz.

Minha tela de repente se enche com uma chamada recebida, apagando o próximo vídeo que tentava reproduzir automaticamente. Kieren e eu trocamos um olhar. Não podemos falar com Kam aqui, ao ar livre.

— Acho que vi um armário de suprimentos — sugere Kieren.

Saímos correndo da exposição. Há uma correria momentânea de pessoas, alguma excursão escolar trazendo um grupo de alunos de oito anos para esta parte da ala. Kieren faz uma careta, parando de vez em quando para evitar atropelar uma criança. Em um certo ponto, não tenho escolha a não ser empurrá-lo, que se danem as crianças. Elas são jovens. Vão se recuperar.

Abro a porta do armário de suprimentos, atendendo a chamada antes de nos situarmos completamente lá dentro. É um espaço minúsculo e apertado. Mal cabemos por causa do carrinho de limpeza volumoso, com meio balde de água suja chapinhando na frente.

— Aff — geme Kieren, fechando a porta atrás de si com um baque. — Que cheiro de chulé.

— Status? — pergunta Kam, sua voz otimista.

Espero que ela tenha esquecido do pequeno chilique de Kieren.

— Chegamos a Tresci um pouco mais cedo do que o esperado — digo. Não há necessidade de entrar em detalhes desnecessários, como nós fugindo das autoridades em Marsup, sem sermos solicitados. — Prontos para prosseguir para o centro de dados das Três Cidades.

Batidinhas ecoam na linha. Kieren está certo: são definitivamente unhas compridas.

— Você mencionou ontem que recuperaram um disquete, certo?

— Correto. — Sem aviso, eu vou checar os bolsos de Kieren, ouvindo um barulho quando meus nós dos dedos batem contra o disquete. Ele pula. Eu pensei tê-lo visto tirando-o da bolsa quando estávamos subindo os degraus do museu. Foi uma boa jogada mantê-lo por perto.

— Estou confirmando que vocês devem prosseguir com a busca nas instalações de Tresci, se é de onde dizem que se origina. Dito isso, o Sr. Chung não tinha um escritório oficial lá, então não posso levá-los a um local provável para o leitor do disquete.

Isso é uma surpresa.

— Eu pensei que ele tinha um escritório em todas as principais cidades.

— Não, ele trabalhava principalmente em Marsup. Ele faz aparições no Alto de Tresci e Frontex para verificar seus uploads, mas sua atividade virtual nesses locais é relativamente escassa.

— No papel, ele é o supervisor dos dados do Ministério da Defesa Nacional e de todos os servidores que o departamento mantém — diz Kieren. — Ele poderia ter uma estação de trabalho nessas salas?

— Aquelas salas de servidores são de fato onde seu trabalho real é mantido, então talvez. — Kam também está mascando chiclete. Posso ouvi-lo estourando enquanto ela fala. — Vou preparar as instruções. Quanto à sua entrada no centro de dados, é o Dia da Lavagem do Cemitério de Medaluo.

Kieren e eu trocamos um olhar. Sua expressão espelha a minha, incerto se isso é algo que devemos comemorar ou vaiar.

— Que bom? — hesito.

Os olhos de Kieren giram, deixando claro que está procurando freneticamente na internet.

— Ah. Entendo. O desfile começa em uma hora.

— O que um desfile tem a ver com lavagem de cemitério?

— Celebração substituta. Nada de túmulos no Alto, Ward.

— Aqui está a rota — diz Kam. — A multidão já se formou.

Um arquivo cai na minha tela. Ele abre para uma visão aérea ao vivo da cidade, uma linha vermelha mostrando onde o desfile vai passar de oeste para leste. O centro de dados fica no lado leste da água. O caminho do desfile passará pela entrada principal.

— Vocês vão encontrar o robô de entrega do lado de fora da sua localização atual. Troquem de roupa, e se apressem. Podem percorrer a rota do desfile normalmente até chegar ao seu destino.

A linha cai.

— Você acha que algum dia ela já encerrou uma chamada com um bom e velho “tchauzinho”? — comento.

— Improvável — responde Kieren. — Também não tenho certeza se esse é um plano muito bom. Só porque podemos passar pela instalação em uma rota de desfile não significa que podemos entrar.

— Espero que o robô entregador…

A porta do armário se abre, interrompendo meu pensamento.

— *Com licença*.

Um robô de segurança nos encontrou. Esses modelos foram feitos para invocar autoridade, então era de se esperar que se agigantasse sobre nós. Seu corpo oval desliza mais para perto usando as rodas em seus pés. Como ele pode falar, este deve ser um modelo semelhante ao Doze, mas o robô de segurança tem um grande painel para exibir um emoji.

O atual é um rosto vermelho e carrancudo.

— Devo pedir para vocês se retirarem.

Eu entro em pânico, imediatamente pensando em mil desculpas diferentes para nossa presença no museu. Antes que eu diga qualquer coisa, a mão de Kieren serpenteia pelo meu braço, agarrando-me com força e me avisando para parar.

— Desculpe, desculpe, vamos sair deste armário. — Ele aplica ênfase à palavra “armário”. Não sei dizer se foi intencional ou se seu medano apenas soa proeminente em uma tentativa de atingir as vogais tonais certas. — Chega de comportamento delinquente, prometo.

Então ele coloca o braço em volta de mim. A única razão pela qual não grito é porque estou muito confusa para reagir. Deixo Kieren nos guiar para fora e virar bruscamente para a esquerda, para longe do robô, antes que ele nos dispense. Quando olho por cima do ombro, convencida de que isso não tem como ter dado certo, o robô está calmamente espiando o armário para ter certeza de que não há mais ninguém lá, e então fecha a porta.

— Você não pode dar tanta bandeira, Ward — murmura Kieren, baixinho, voltando ao atahuense. — Ele não estava nos pedindo para sair do museu como agentes estrangeiros. Pensou que a gente estava se agarrando lá dentro.

Meu queixo cai.

— Isso é… absurdo.

— Pense no que o robô estava vendo. Ele está rolando atrás de nós agora. Me dê um beijinho na bochecha.

Ele só está tentando ser engraçado, mas sinto meu estômago dar uma cambalhota mesmo assim. Deve ser nervosismo por quase ter sido pega. Não acredito que ele está fazendo pouco caso da situação.

— Bora. — Kieren faz pequenos ruídos de beijo, como se quisesse me encorajar. Eu bufo, me inclino e o mordo.

Kieren se afasta bruscamente.

— *Lia*! Ai.

— Você fica tão bonitinho mordiscado. — Foi mais satisfatório do que eu imaginava dar uma mordida em seu rosto. — Não podemos arriscar um beijo. Não queremos que você se apaixone de novo, né?

O robô entrou em uma nova exposição. Kieren bufa, avançando.

— Usando meu momento de vulnerabilidade contra mim, pelo que vejo. Que vergonha.

Por um momento, realmente parece que eu o magoei. Ele está olhando para frente, seus ombros rígidos. Não entendo em que ponto mudamos de alegres para sérios.

— Kieren…

Ele se vira. Não há mágoa em sua expressão. Ver sua atitude neutra deveria me trazer alívio, mas outro ataque de nervos se revira em meu estômago.

O que está acontecendo comigo?

Eu sigo em frente. Estamos nos aproximando da saída, a luz do átrio principal nos lavando de branco.

— Aposto que chego primeiro que você.

# CAPÍTULO 27
## EIRALE

O calor escaldante da explosão penetra no porão e depois recua conforme os destroços se acomodam. Um grande pedaço de entulho caiu diretamente sobre nós, apoiado no corrimão da escada. O segundo andar desabou completamente, chovendo pedaços de gesso do teto no térreo.

Lentamente, eu me movo, verificando se há ferimentos. Por uma pequena abertura nos escombros, um furo de alfinete pouco mais largo que meu dedo, avisto canos de aço quebrados saindo das paredes e escombros que se espalharam para cobrir a escada. Teríamos sido esmagados se não tivéssemos saído. Imagino que Miz e Blare devem ter evitado a maior parte do golpe lá fora. O impacto foi para baixo, não para fora. E, felizmente para Nik, suas duas caixas de servidor roubadas já estavam lá fora com Miz e Blare.

Nik se mexe, piscando forte sob os óculos enquanto tenta se ajustar. Acho que ele pode ter batido a cabeça quando os escombros se espalharam, mas não tenho tempo para simpatizar. Ele faz um barulho confuso, e eu o calo.

— Fique quieto — sibilo.

Escuto com atenção, tentando rastrear o caminho que as autoridades medanas estão tomando ao entrarem na instalação. Suas botas trituram ruidosamente os vidros quebrados. Alguém pede para eles se dispersarem e garantirem que o espaço esteja limpo; outro policial pede confirmação sobre o motivo pelo qual foram chamados, e recebe a resposta de que havia um possível alerta de intrusão. Que deu certo, ele diz, dada essa bagunça.

Nik se contorce novamente, e eu aperto seu tornozelo em ameaça.

Passos avançam para a escada dos fundos. Eu desço um pouco mais, abaixando-me sob a linha de luz que flui através do orifício nos escombros. O oficial continua se movendo após realizar uma inspeção dos escombros.

— Ei — sussurro para Nik, soltando seu tornozelo. — Vamos esperar. Podemos ir embora quando a polícia da cidade der sinal verde. Não quero

esbarrar nas unidades ao redor do perímetro.

Nik não diz nada em resposta, exceto um grunhido. Tento encontrar uma maneira confortável de me abaixar sob a laje de escombros. Minha perna está presa em um ângulo incômodo. Estou desconfortável, sem querer me aproximar muito de Nik.

— A explosão veio do segundo andar. As fitas de vigilância eram armazenadas localmente lá — relata uma voz fraca perto da frente. — Uma câmera na recepção e uma do lado de fora. Parece que nossos intrusos queriam se livrar das evidências.

— Algum dano?

— Nenhum dano aos servidores, mas violações em ambas as salas da Defesa Nacional. Vamos chamar um engenheiro para fazer um relatório do que foi levado.

Enquanto a polícia vai e volta sobre os escombros, Nik lentamente se levanta. Estou aliviada ao ver sua bolsa em seus ombros: ele não a deixou cair, então não haverá nenhuma pista apontando para nós dois escondidos nos escombros. Fico alerta, esperando, ouvindo, mas a polícia não volta para a escada dos fundos.

— Não se mexa muito — murmuro. — Eles ainda estão lá.

A polícia entra e sai várias vezes conforme a hora passa. Novas vozes, fluindo pelo saguão e descendo pelo corredor do térreo. Longas luzes vermelhas e azuis enquanto carros maiores param. Tenho muita paciência para ficar exatamente onde estou.

Nik, enquanto isso, continua deixando a cabeça cair.

Eu o cutuco com meu pé pela quinta vez, irritada. Quando ele não responde ou levanta a cabeça, o primeiro sinal de preocupação aperta meu estômago.

— O que foi?

— Estou bem — ele mal sussurra.

Espero um momento para confirmar que não há nenhum policial muito perto da escada. Então me movo para frente silenciosamente, colocando a mão em sua testa.

— Você está vacinado? — sussurro, furiosa. — Contra todas as gripes aviárias?

— Sim. É claro.

— Quando foi a última dose?

Nik engole em seco. Sua garganta sobe e desce.

— Não sei? — responde ele. — Dois anos atrás?

Dada a rapidez com que os vírus sofrem mutações em Baixo, ele podia muito bem ter dito que está usando uma armadura com um buraco gigante no meio.

— É sério isso?

— Sinto muito — responde Nik, irritado. — Foi difícil manter o cuidado de saúde em dia enquanto Atahua tentava me prender.

— Você já pensou em não se envolver em comportamento criminoso?

— Você já pensou em não trabalhar para um império belicista?

— Tente *você* nascer órfão e medano — retruco, e no momento em que minha última palavra ecoa, ouço passos retornando.

Nik estremece, sua inspiração chacoalhando quando ele respira. Eu estendo a mão para pegar sua bolsa, ignorando seu espasmo de protesto. Enquanto outro policial caminha acima de nós, os passos esmagando os cacos de vidro que voaram com a janela, eu vasculho os vários itens que Nik carrega, achando o martelo. É um objeto pequeno para o tanto de poder que contém.

Os passos desaparecem novamente. Parece que a maioria dos policiais deixou as proximidades.

Eu suspiro, incapaz de acreditar que estou fazendo isso. O tempo é essencial, na infecção. Acho que não tenho escolha.

Eu bato o martelo no grande bloco de entulho acima de nós. Não há resposta vinda da instalação enquanto quebro o bloco, o som ecoando pelo porão. Nenhum policial correndo em direção ao som. Faço uma careta, empurrando o martelo com força em outro canto. Deve bastar.

— Levanta.

Nik é muito lento. Eu o agarro pelo braço e uso cada fibra da minha força para puxá-lo para fora dos escombros e colocá-lo de pé. Vozes flutuam fracamente da frente da instalação. Eu seguro meu punho firmemente na manga de Nik enquanto subimos as escadas partidas, tomando cuidado para não pisar em algum lugar que possa causar outra avalanche de infraestrutura caída. Não há necessidade de escalar uma janela desta vez: tem um buraco enorme na parede do térreo. Nós nos espremos na abertura usando o cano saliente de apoio. Nik, pelo menos, ainda consegue manobrar

silenciosamente quando eu sibilo para ele se mexer. Eu ouço o primeiro barulho de curiosidade da frente.

Um policial nos notou.

— Vamos, *vamos*.

Nós saímos do prédio, e eu viro bruscamente na esquina, cortando para um beco. A rota leva a uma rua larga, o que é perigoso, já que os primeiros raios da manhã estão começando a clarear a escuridão. Uma rápida olhada para cima e ao longo dos prédios residenciais me diz que temos pelo menos três ângulos de câmera diferentes em nós.

— Ei — digo. — Você tinha um plano de saída de emergência? Para onde devemos ir?

Mais sirenes à distância. Eu me pergunto se nossos rostos ainda estão registrados lá no centro de dados. Ou se a explosão causada pelos intrusos que vieram antes de nós também nos apagou.

— Nik.

Eu o sacudo. Seus ombros estremecem e ele cai de joelhos.

O medo aperta meu peito, espalha uma pressão dolorosa ao longo de minhas costelas. Se ele morrer, o que acontece em Frontex? A unidade de captura de Teryn se dispersa, considerando isso um trabalho bem-feito, ou é punida, tendo perdido o alvo antes que pudessem obter o programa que queriam?

Posso voltar para Atahua ou sou considerada um fracasso comprometido? Preciso que a NiloCorp limpe meu nome. Emita uma declaração, diga à mídia para fazer coletivas de imprensa e dizer que Eirale Ward foi incriminada, foi vítima de *deepfake*, é inocente.

— Você pode entrar em contato com Miz e Blare? — pergunto. — Eles estão fora há um tempo.

Certamente devem ter arranjado um veículo nesse tempo. Devem estar pairando em algum lugar próximo, esperando receber um sinal de que está tudo bem e vir nos buscar.

— Não posso — murmura Nik. — A internet caiu.

— O quê?

— Acho que o governo da cidade fechou para a quarentena. Fazem isso às vezes, se tiver muita gente postando vídeos no *feed* que eles não gostam. Deve voltar em algumas horas.

Não temos algumas horas. Dependendo da velocidade com que essa doença progride, Nik Grant pode morrer em algumas horas sem tratamento. Eu o arrasto para frente, procurando desesperadamente por algum lugar para nos esconder. Ele tem energia para andar se eu o estiver incentivando, mas fica completamente imóvel se é deixado sozinho.

— Como você foi infectado?

— Partículas virais são complicadas.

Mais à frente, vejo um toldo com um número de prédio e nos apresso em direção ao portão abaixo. A trava levanta facilmente. Ela nos leva a uma passagem estreita, as paredes externas pontilhadas com dez andares de janelas de cada lado dos prédios vizinhos, antes que o beco nos leve para o pátio de outro. Não avanço mais. Nik não consegue.

— Senta aqui — instruo.

Ele não precisa ouvir duas vezes, desabando no caminho de tijolos. Levo um momento para recuperar o fôlego. A maioria das janelas no térreo são gradeadas por barras de aço, um mecanismo de segurança contra arrombamentos. Há uma planta no batente interno daquela que estou olhando. Nenhum movimento dentro do vidro. Na janela ao lado, a cortina balança. Alguém provavelmente ficou curioso o suficiente para espiar, então decidiu que não queria se envolver.

— Pense, pense — murmuro.

Ele precisa de Eveline. Mas também não posso deixá-lo aqui ao relento enquanto vou pegar. Eveline é uma cura milagrosa que Atahua inventou, uma pílula que suprime quase completamente os sintomas de todas as principais gripes e “melhora a taxa de sobrevivência para impressionantes 99,8 por cento!”, como os comerciais repetem toda vez que tocam. Algumas horas após o consumo, o remédio interrompe a maior parte da transmissibilidade do vírus alvo. Sei que as farmácias medanas geralmente estão abastecidas porque fiz um trabalho de pesquisa na academia sobre Eveline, a empresa. Ela aceitou uma oferta do governo medano como investidor, mas — que surpresa! —, devido ao grande clamor atahuense, embora a empresa tenha prometido muitos de seus frascos para Medaluo, o preço foi alto.

Medaluo importa os comprimidos, e ninguém pode pagar por eles. Esqueça os bancos, esqueça as joalherias. Os lugares mais frequentemente roubados hoje em dia são as farmácias de bairro, e quando os pacotes de um

comprimido são roubados, as farmácias recebem pagamentos de seguro do governo, que se autoparabeniza por um trabalho bem-feito fornecendo saúde ao seu povo. Contanto que eu consiga burlar alguns alarmes, as farmácias praticamente encorajam as pessoas a entrar e pegar os remédios.

Nik começa a se inclinar, perdendo o equilíbrio. Assim que me estico para segurá-lo, ouço o barulho do portão e giro rápido, meu aperto firme em seu braço.

A mulher não passa pelo portão, só o mantém aberto com o sapato. Ela está usando um terninho, um fone de ouvido ainda sobre as orelhas com o microfone levantado, como se estivesse no intervalo de almoço de seu trabalho remoto.

— Ei — ela sussurra-grita. Eu tomo um susto. Ela está falando atahuense. — Você é Eirale?

— Depende de quem está perguntando.

A mulher olha por cima do ombro rapidamente. O gesto não indica que ela não é uma oficial medana que quer me prender, mas suponho que é mais provável que seja uma medana comum que me reconheceu do *feed*.

— Siga em frente, vá para o prédio interno — instrui ela. — Há um apartamento vazio no 1F. Não precisa subir escada.

Já estou levantando Nik para ficar de pé. Pode ser uma armadilha. O exército medano pode ter melhorado muito seus métodos de captura.

— Por quê? — pergunto. — O que isso tem a ver com você?

Ela bate na gola. Sua unha é longa e pintada de rosa neon, visível à distância. Posso ver claramente quando seu dedo desenha um pequeno símbolo do infinito no ar. Pode ter começado como o ícone do Tear, mas, nos últimos anos, após uma mudança nos materiais de marketing, passou a ser universalmente reconhecido como símbolo da NiloCorp em geral. O logotipo da NiloCorp não fica parado em sua renderização digital: fica em *loop* contínuo.

— Não precisa confiar em mim. Só precisa ir para um lugar tranquilo. — A mulher se afasta, o portão se fechando novamente.

Não há outros medanos étnicos na equipe de Teryn, e eu reconheceria os poucos outros da base de Cidade-Botão. Ou Teryn reuniu uma nova equipe para entrar em Medaluo, ou essa mulher é de um posto avançado da NiloCorp totalmente sem relação comigo.

Acho que não tenho escolha a não ser prosseguir com o que me foi dado. Eu puxo Nik para frente, seus movimentos já significativamente piores do que alguns minutos antes. Nós avançamos pelo pátio, depois pelo prédio interno, onde as portas da frente foram completamente tiradas das dobradiças.

— Só mais um pouco, Nik — digo.

— O que foi aquilo? — murmura ele. — Com quem você estava falando?

— Não se preocupe com isso.

Encontro o 1F no final do corredor. Mal consigo segurar a maçaneta enquanto seguro Nik com meu outro braço, e minha palma suada escorrega, falhando em girá-la corretamente. O pânico se instala. Pode estar trancada, ou ser uma mentira.

Tento novamente, e a maçaneta gira.

Eu o arrasto pela cozinha. A geladeira está desligada, seus cabos retirados para economizar eletricidade, e o apartamento inteiro está sem o zumbido habitual que acompanha os aparelhos. Manobro Nik para o sofá.

— Onde estamos? — pergunta Nik, rouco.

— Me escuta. — Faço uma inspeção cautelosa do apartamento, enfiando a cabeça pelas outras duas portas. Encontro um banheiro minúsculo e um quarto vazio. — Este vírus tem cinquenta por cento de chance de matar você em alguns dias.

— Talvez… — Ele para de falar. Respira fundo, recuperando o fôlego novamente. — Talvez seja só um resfriado comum.

— Seus olhos estão ficando vermelhos.

Nik estica os braços para esfregar os olhos, e eu dou um tapa vigoroso em sua mão. Ele não protesta, a mão pairando no ar por um segundo antes de cair, seu corpo se enrolando no sofá e os olhos se fechando. Quando toco em sua testa novamente, a pele está quente, febril.

— Você tem outro canal de comunicação para mim?

Nik não responde, quase dormindo. Vou até a cozinha e encho uma caneca de água. Gelada, levemente rançosa, com sujeira da filtragem ruim. Ele definitivamente ainda está acordado, a julgar pela maneira como balbucia quando eu jogo água nele.

— Ei…

— Não caia no sono — sibilo entre os dentes. — Estou tentando garantir que você não morra de uma morte trágica e insignificante, então o mínimo que pode fazer é manter os olhos abertos. Você tem outro canal de comunicação? Vamos passar pelo rádio.

Ele faz uma careta, como se estivesse pensando muito no assunto.

— Tem dois na minha bolsa na mesma frequência…

Eu já estou arrancando a bolsa dele e vasculhando. Tem um bloco de notas solto aqui. Um par de meias também, por algum motivo. Percebo os dois e fecho minha mão em volta de um estojo de fone de ouvido na parte inferior.

— Olhei bem de perto o mapa quando estava desenhando nossa rota por Tresci, especialmente ao redor do rio — digo. — Tem uma farmácia a três quarteirões daqui. Vou pegar Eveline para você. Não devo demorar mais de uma hora.

Enfio um fone de ouvido no ouvido de Nik. Ele recua, mas não se afasta completamente. O canal é ativado.

— Não saia daqui. Você entendeu?

Ele tenta se sentar.

— Se você fugir…

— Eu não vou ter essa conversa. — Na cozinha, coloco um pano de prato debaixo da água. Não importa quanto tempo a torneira fique aberta, a água não sai limpa. É o que tem para hoje. — Lembre-se de que minha vida *piora* se você morrer, então segura a onda aí. Volto em breve.

Eu jogo o pano de prato nele com um barulho molhado. Ele cai em seu braço, e como Nik não faz nenhum movimento para pegar, cerro os dentes e me aproximo de novo, colocando-o em sua testa.

— Ah. — Ele pisca para mim. — Obrigado.

Enfio o outro fone no meu ouvido. A conexão clica, consigo ouvir tudo do lado dele.

— Vou lá — digo. — Fique de olhos abertos.

# CAPÍTULO 28
## LIA

Encontramos o robô de entrega do lado de fora do museu, girando em círculos para se divertir. Fiquei preocupada com a caixa grande agarrada em seus braços, dada a velocidade com que ele estava zunindo, mas depois que assinamos e abrimos, descobrimos que não havia nada frágil nela. Apenas dois coletes de alta visibilidade e dois capacetes.

O figurino certamente está sendo útil agora. Deve ter havido uma convocação de voluntários para gerenciar o desfile, cujo uniforme Kam imitou, porque há outros ao longo da rota vestidos de forma semelhante. Eles não andam com os participantes que marcham, como nós: estão fazendo o controle da multidão entre os espectadores. Vejo um voluntário puxando uma criança para o lado, para tirá-la do caminho. A criança mal percebe que está sendo manobrada, só estendendo a mão distraidamente para garantir que a coroa de folhas em sua cabeça não caia.

Kieren e eu ficamos em algum lugar no meio do desfile lento, atrás de uma carroça e na frente de um grupo de dança. Ninguém presta atenção em nós. Enquanto observam o desfile, eles veem nossos coletes e nos ignoram. Eu olho para a passarela aérea pela qual caminhamos, onde mais espectadores estão parados, e alguns chegam a desviar o olhar se eu os encaro. Eles têm medo que eu perceba algo sobre onde estão, e peça para se afastarem do lugar legal que escolheram.

Em breve, nos aproximaremos do centro de dados. O mapa no meu visor mostra mais alguns quarteirões.

— Então — digo, quebrando o silêncio concentrado que havia se estabelecido entre nós. — Como é a preparação para a divisão cibernética?

Kieren revira os olhos, já sabendo o que quero dizer.

— Não sou um hacker em segredo, se é isso que você está perguntando.

— Kam pareceu sugerir que você era.

— Equívoco comum — diz ele, esnobe. — A divisão leva as minhas notas de matemática a sério, mas o resto é ensinado no trabalho. Ainda é a NiloCorp. Eles definitivamente teriam um problema com um cadete cometendo atividade ilegal antes do recrutamento.

Palavra-chave: “antes”. Se for atividade ilegal enquanto funcionário da empresa, tudo bem.

Eu me aproximo de Kieren no caminho. Ele faz cara feia quando eu bato meu ombro no dele, mas sei que está fingindo. Se estivesse realmente irritado, teria se afastado.

— De alguma forma — digo, abaixando minha voz —, imagino que eles iam fazer vista grossa se você aprendesse uns truques.

Kieren torce o nariz.

— De jeito nenhum.

— Hailey quebra as leis cerca de uma vez por mês.

— Sim. — Kieren ajusta o ombro, mas apenas para bater no meu lado com gosto. — E já é difícil o bastante garantir que Hailey e Weston não me tragam problemas por associação quando estão vasculhando a *dark web*. Eu não preciso arriscar também.

Eu zombo, disparando um golpe de ombro de volta. De alguma forma, acho difícil acreditar que seus irmãos podem vasculhar a *dark web* com tanta frequência sem que Kieren também pegue alguns *exploit*s.

— Você está mesmo olhando na minha cara e dizendo que não sabe *nada* da ciência de hackear dentro do sistema Tear?

Kieren faz uma pausa.

— Hum, acho que não diria isso.

*Pof*. Ele me lança um olhar severo, quase tropeçando com o impacto. Antes que qualquer um dos participantes do desfile possa se perguntar por que os voluntários de controle de multidão estão agindo como crianças briguentas, nós dois nos comportamos, avistando nosso prédio alvo ao mesmo tempo.

O Centro de Dados Nacional de Três Cidades tem seis andares, em vez dos vinte ou mais nos prédios de cada lado. A cena ao longo da orla parece normal. Nenhuma segurança extra que indique preocupação com intrusos. Uma câmera brilha na entrada, movendo-se da esquerda para a direita para rastrear o movimento de cada segmento do desfile quando passa. A perturbação mais urgente para o centro de dados no momento é

provavelmente o barulho absoluto envolvendo suas instalações, a excitação sem fim que emana dos participantes do desfile.

— Acho que tenho uma ideia — declaro. — Segue minha deixa.

Felizmente, Kieren não protesta. Nós nos afastamos da rota do desfile, murmurando desculpas através do grupo de espectadores. Eles saem do nosso caminho, e nós subimos correndo os degraus até o centro de dados antes de parar do lado de fora de suas portas de vidro. Eu bato de leve.

A recepcionista levanta o olhar, lá dentro. Eu aceno, e ela se levanta, com relutância. Já viu nossos coletes refletivos.

— Posso ajudar? — pergunta ela quando se aproxima do vidro, sem fazer menção de abrir a porta.

— O Conselho Municipal nos direcionou para cá — digo. — Verificação obrigatória dos prédios ao longo da rota do desfile. — Dou uma rápida olhada para trás, como se estivesse garantindo que tudo ainda esteja em ordem. — Recebemos uma denúncia de possível terrorismo envolvendo um bloqueador de som.

O usuário comum do Alto não tem noção dos fundamentos de seu mundo. Ele não sabe como tudo opera. Não sabe como os processos são acionados no virtual, qual reação em cadeia de entradas produz qual saída. Tudo o que conhece é a tela projetada e rotulada para nos informar os resultados: *fechar aba, sair, ver mapa*.

A recepcionista recua.

— Estamos em perigo?

— Até onde sabemos, não — responde Kieren, entrando na onda suavemente. — Alguns ativistas tentando causar caos durante o festival. Só precisamos ter certeza de que nada foi plantado no prédio.

Agora a preocupação da recepcionista se transforma em uma carranca. Talvez pareçamos jovens demais para trabalhar para o Conselho — e, no caso de Kieren, atahuense demais. Ainda assim, seu medano é ótimo. Ele poderia ser filho de um expatriado. É mais incomum aqui, mas não é impossível.

— Este não é um prédio comercial — diz ela. — Todos os visitantes precisam de credenciais.

— Nós entendemos — digo. — Mas só precisamos fazer uma varredura, do corredor mesmo.

— Caso contrário, teremos que relatar que o prédio não foi examinado — acrescenta Kieren. — E provavelmente é mais fácil liberar só nós dois. Se o Conselho Municipal vier com uma equipe, vão ter que emitir vários passes de visitantes. Muita burocracia só para procurar um bloqueador por míseros cinco minutos, mas fica a seu critério.

Para ser sincera, nem *eu* sei como um bloqueador de som pode ser plantado. Ouvi falar que é possível usá-los em quarteirões próximos a shows de fogos de artifício. Também ouvi falar de uma aplicação ilegal, se adolescentes estiverem saindo escondidos — são recursos menores que podem ser instalados ou desinstalados, porque a instrução é muito fácil de ativar sobre um objeto.

A recepcionista olha para nós.

— Terrorismo *sonoro* — murmura ela, incrédula. Depois, suspira e aperta um botão ao lado. — A que ponto este mundo chegou?

E as portas se abrem.

— Obrigado — diz Kieren, entrando.

— Só os corredores, por favor — avisa ela. — Já sabem qual grupo pode ser o responsável?

— Bem… — Finjo estar muito focada no saguão quando entro, tentando lembrar alguns nomes de grupos medanos. Na verdade, não há muitos. — Não queremos fazer suposições antes que haja confirmação.

— Aposto que é a Coalizão — diz a recepcionista. Há um rancor em sua voz. Eu o ouço na academia o tempo todo também, as crianças de famílias privilegiadas que não entendem por que os insurgentes protestam contra a NiloCorp por roubar seus empregos. Perguntando por que as pessoas não conseguem trabalhar duro e ganhar seu sustento, apesar das circunstâncias infelizes que as acometem. Nunca reconhecendo que o dinheiro e o privilégio que suas famílias têm os impediram de precisar trabalhar duro a vida inteira.

— Nunca ouvi falar da Coalizão — comenta Kieren.

A recepcionista acena com as mãos, seus lábios se curvando.

— Melhor assim. Os panfletos deles estão espalhados por todo o meu prédio em texto atahuense brilhante. Não sei como o governo ainda não se livrou deles.

— De qualquer forma, certamente vamos cuidar dessa ameaça — garanto. — Podemos?

A recepcionista retorna à sua mesa e gesticula para prosseguirmos. A luz em uma das catracas do saguão muda de vermelho para verde, e eu passo por ela. Kieren faz o mesmo.

Ele finge examinar as paredes brancas quando o corredor começa, e passamos pela recepcionista. Fios expostos correm ao redor das entradas e sobre o carpete.

— Se Chung tinha uma estação de trabalho aqui — murmura ele baixinho —, deve ser no térreo ou no sexto andar.

Como se tivesse sido acionado por suas palavras, minha tela muda de repente, ativando o plug-in que Kam configurou. Eu já dei permissão em Marsup, então dessa vez não há aviso antes que uma flecha rosa brilhante sangre pelo piso e aponte para a porta no final. Outra flecha mais fraca se separa dela, levando até a escada. As duas salas de servidores sob a supervisão de Chung.

— Lembra que acabamos de mentir sobre um bloqueador de som? — pergunto lentamente.

Kieren me lança um olhar penetrante, sabendo instantaneamente para onde meus pensamentos estão indo.

— Nem começa.

— Sr. Divisão Cibernética de Elite — digo. — Sei que você sabe como aplicá-lo.

— Não sou nosso terrorista hipotético. Não sei como plantar um — ele sibila. — A única coisa que sei fazer é aplicá-lo em mim mesmo, no meu próprio painel de avatar, e provavelmente se estenderia por um raio de dois metros. Ninguém vai acreditar.

— Vão sim. Enquanto isso, você abre esta porta… — Aponto para a mais próxima de nós. — … e dá uma olhada. Vou usar a distração para verificar o sexto andar.

— E como eu vou fazer isso?

Cada uma das portas do servidor tem um leitor de crachá e uma senha para ativar a fechadura. Segurança de camada dupla.

— Com licença, senhora! — grito, chamando a atenção da recepcionista.

— *Lia*.

A cadeira dela faz barulho alto na frente. Segundos depois, a catraca toca quando ela passa e aparece no campo de visão.

— Sim?

— Infelizmente, encontramos um bloqueador. Parece estar aqui — digo casualmente, apontando para a porta da sala do servidor. — Você poderia nos deixar passar?

— Não dá para desligar daqui?

— Precisamos dar uma boa olhada no ponto de instalação — digo, inventando tudo na hora. — Veja bem…

Minha voz falha. Fico genuinamente surpresa quando minha boca continua se mexendo sem volume, todas as minhas palavras silenciadas no alcance de um bloqueador de som ativo. Os olhos da recepcionista se arregalam, preocupada. Enquanto ela caminha em nossa direção, sua boca se movendo e claramente desabafando suas irritações, eu finjo que preciso ver o que exatamente está acontecendo lá em cima e corro para a escada antes que ela possa dizer qualquer coisa.

Se Kieren conseguir convencer a recepcionista a abrir a sala do servidor aqui embaixo, isso deve distraí-la por alguns minutos. Tempo suficiente para permitir que eu bisbilhote no sexto andar.

Subo as escadas correndo, colocando todo o meu vigor em meus passos antes que o som retorne no quarto andar. Faço uma careta, então silencio os passos nos próximos dois lances de escada.

No sexto andar, não encontro outros funcionários por perto. O Alto geralmente é só de fachada quando se trata dessa linha de trabalho.

A seta me leva para a primeira porta à vista, preta e com uma fechadura de teclado numérico.

Por pura ilusão, tento a maçaneta. Ela não se mexe. Era pouco provável, mesmo.

Ainda assim, com a ação, uma pequena notificação aparece no canto da minha tela. Corro para ampliá-la, lembrando dos banners misteriosos que apareceram quando toquei na chave inteligente. Esta é apenas uma notificação genérica.

**Erro#z27LxQAwx4jDEw: Acesso negado.**
**Insira seu código personalizado.**

Eu me afasto da porta, sem querer levantar suspeitas no sistema. Minhas mãos se flexionam, lutando para pensar. Não tenho muito mais tempo aqui em cima.

*Peraí*. Toco a porta novamente, deixando o banner aparecer mais uma vez. **Erro#z27LxQAwx4jDEw**. Não foi essa a sequência exata que apareceu na porta de Marsup também? Lá, a terceira opção para abrir a porta havia sido deixada para trás em um nível de usuário, oferecendo-a como uma escolha que somente eu poderia acessar. Então, se este for o mesmo erro e exigir um código personalizado…

Eu começo a digitar. 2040-07-01.

A fechadura emite um bipe. E a porta se abre.

Eu entro no zumbido coletivo dos servidores, fechando a porta atrás de mim rapidamente. Meu coração está martelando contra minhas costelas. Preciso me controlar ou minha tela vai se perguntar se precisamos de ajuda. Meu *aniversário* me fez passar pela porta para o espaço de trabalho de Chung. Dava para descartar a fechadura de Marsup como uma falha no sistema, algum protocolo de identificação que exigia que suas opções virtuais exibissem o ID do usuário de qualquer um que tentasse entrar.

Mas isso foi intencional, inegavelmente. Alguém já havia inserido meu aniversário no sistema de segurança de Tresci, preparado para minha entrada aqui depois que fiz a conexão com o código de erro de Marsup.

— O que está acontecendo? — sussurro em voz alta.

A sala do servidor não me responde. Eu me esgueiro para frente como um ladrão à luz do dia, convencida de que alguém certamente me verá, apesar da completa ausência de funcionários por perto. Uma contagem regressiva imaginária paira sobre meu ombro enquanto Kieren consegue manter a recepcionista ocupada, e eu ando pelas máquinas, as luzes piscantes, os fios cobertos de poeira.

O corredor termina brevemente em uma encruzilhada. Olho para a esquerda. Para a direita. Não há nada de notável, então continuo, correndo por uma nova fileira. Não presto atenção aos servidores em si, sem saber que informações poderiam ser armazenadas neles. Só quando chego ao fundo da sala é que finalmente encontro algo valioso: uma mesa no canto.

Há uma jaqueta pendurada na cadeira.

Puxo a cadeira rapidamente, suas rodas rangendo em protesto. O toque da camurça enruga sob meus dedos — é uma jaqueta bonita, que não deveria ser deixada para trás em uma sala escura e sem janelas. Mesmo com uma estação de trabalho instalada aqui, não consigo imaginar que seria agradável

passar muito tempo sentado com só uma lâmpada. Eu a acendo. Nenhuma luz. Não está ligada.

Em vez disso, quando me abaixo sob a mesa, vejo um leitor de disquete conectado à única tomada, deitado de lado desleixadamente.

— Maravilha — sibilo, puxando o leitor para fora. Enrolo o fio em si mesmo, meus movimentos rápidos o suficiente para criar uma brisa que agita a franja do meu rosto. Sem nenhum lugar mais seguro para colocá-lo, enfio-o direto no cós da calça, sabendo que estará mais seguro lá do que em meus bolsos rasos.

Eu fico de pé, limpando minhas mãos. Então a porta da sala do servidor se abre.

— Olá?

Eu mergulho em uma das fileiras mais distantes, silenciosamente murmurando cada palavrão que conheço. Os passos vêm em minha direção, e começo a combinar os palavrões, criando mais variações. Eles me ouviram andando? Não deixei nenhuma luz acesa, não deixei nenhum sinal visível da minha presença. A menos que o sistema esteja dizendo o contrário, eles não devem saber que estou aqui.

Eu me ajoelho, optando por engatinhar caso meus sapatos façam barulho. Estou me apressando em direção à seção transversal no momento em que ouço um passo rangendo no corredor em que eu estava. Então, um longo silêncio.

Quem entrou na sala claramente ouviu *alguma coisa* e está vasculhando todos os corredores, desconfiando.

Eu me pressiono contra a fileira de servidores, cada músculo do meu corpo congelado. Os segundos mais longos da minha vida se passam. Já estou com a caixa de bate-papo preparada, pronta para digitar uma mensagem para Kieren acionar o alarme de incêndio e eu poder fugir.

Então, o funcionário na sala do servidor começa a assobiar, o som mais distante do que o ranger dos sapatos de antes. As prateleiras de metal gemem, movendo um dos corredores para acesso ao servidor.

Solto o ar lentamente, voltando à posição de quatro apoios. Vou engatinhando até a porta enquanto as prateleiras estão se movendo e, aproveitando que a entrada foi deixada temporariamente entreaberta, me esgueiro e volto para o corredor.

Meu corpo inteiro está tremendo. A adrenalina corre por mim, o suor cobre da minha nuca até a cintura, onde o leitor de disquete está escondido, e de alguma forma me forço a parecer apenas levemente confusa quando termino de descer as escadas e retorno ao térreo. Naquele exato momento, Kieren surge com a recepcionista.

O som voltou. Kieren está dizendo:

— … deve estar tudo resolvido, já limpei a instalação. Muitos encrenqueiros hoje em dia, hein? O sistema Tear realmente precisa ser mais rigoroso. Se dependesse de mim, eu proibiria qualquer controle pessoal.

— Ridículo — a recepcionista concorda. — Fico feliz que pegamos o problema antes que ele pudesse surgir em um momento inoportuno.

Kieren se vira, me avistando.

— Ah! Nenhum problema na escada?

— Nada — respondo suavemente. — O bloqueador não deve ter se estendido muito.

— Que bom. — Kieren acena para a recepcionista. — Vamos te deixar em paz agora.

Quando a recepcionista se vira, Kieren me lança um olhar questionador silencioso, mas não ouso responder ainda. Enquanto não sairmos da instalação, vou continuar com medo de que o funcionário do sexto andar venha atrás de mim.

A recepcionista nos leva até a porta. Acenamos, fazemos promessas vazias de que nenhum outro bloqueador de som virá incomodá-los. Lá fora, o desfile continua a todo vapor.

— Ward?

— Vamos encontrar um lugar tranquilo — digo, descendo os degraus. Já estou tirando o disfarce e o capacete. — Depressa.

Incenso flutua sob meu nariz, espesso, inebriante. Os gravetos queimam nas portas traseiras abertas, caminhonetes avançando lentamente ao longo do caminho do desfile. Molduras de fotos decoram as caçambas, junto a pratos de laranjas, bananas e maçãs. Em algum momento, os espectadores começaram a jogar pétalas de flores, e um punhado delas cai no meu cabelo quando passamos pela multidão.

Fogos de artifício ecoam pela estrada. Sinto um cheiro forte. A próxima caminhonete carrega um porco assado inteiro, cercado por pequenas tigelas de arroz.

Eles estão tão… felizes. O desfile é como um funeral em massa, mas é a chance de se reunir lado a lado sem risco para seus corpos, sem medo de danos. Quase quero ficar, fingir que faço parte disso.

— Para onde vamos? — pergunta Kieren.

— Qualquer lugar. — Uma pipa flutua do outro lado do desfile. Ela fica presa no ar, pegando a brisa. Uma de suas fitas decorativas se solta. — Só precisamos sair de vista.

Eu me viro em direção à margem do rio, jogando meu capacete e meu colete em uma lata de lixo. Kieren faz o mesmo. Não há um caminho adequado quando descemos. A lama desliza sob nossos pés. Abro os braços para me equilibrar, assim como faço no campus, nas encostas perto dos penhascos que estão sempre úmidas, apesar do clima. Dou uma olhada por cima do ombro, cautelosa caso Kieren precise de ajuda, mas ele é tão rápido quanto eu, deslizando pela grama até chegarmos a um caminho plano de seixos novamente.

Não nos aventuramos muito longe do desfile, mas o som diminui significativamente, abafado pela leve vazante do rio. Eu caminho até a margem, pressionando a grade. Retiro o leitor do meu cós.

— Passa o disquete — peço. Já estou procurando a conexão sem fio na minha tela, inserindo o número de série do leitor para confirmar que quero me conectar ao dispositivo.

Um empurrão no meu braço. Kieren está tentando ser sutil ao passar o disquete.

— Me deixe conectar também. — Ele faz menção de pegar o leitor.

— Peraí — digo rapidamente, tirando-o do alcance. — Deixa… deixa eu ver primeiro. Eu só preciso ver.

Kieren franze a testa. Estamos em plena luz do dia. Embora as nuvens estejam cinzentas, nossos arredores permanecem fortemente iluminados. A água turva brilha; os prédios do outro lado piscam de volta.

Mas os olhos de Kieren estão totalmente escuros. Ele está desconfiado por causa do meu pedido, e há uma pontada no meu peito que identifico como alívio — uma reação normal, finalmente. Alguma indicação de que ele deve perceber que escondi informações. Fico esperando suas perguntas. Em Marsup, depois que ele me encontrou no escritório com a porta destrancada. Quando saímos da instalação lá atrás, meu roubo foi um sucesso, apesar da segurança rigorosa protegendo uma sala de servidores.

Há indícios apontando para mim em todos esses lugares onde não deveriam estar. Se ele não mencionou isso, o que Kieren Murray já *sabe*?

Eu encaixo o disquete. O leitor começa a zumbir freneticamente, e aparece uma notificação na minha tela indicando que ele está carregando. Outra série de fogos de artifício dispara ao longo do desfile. Eu me viro com o visor em meia opacidade, observo as faíscas brancas dançando acima.

**ARQUIVOS ENCONTRADOS: 1**



**2044-09-08.eml**

Clico para abrir.

> Mal,
>
> Fui vê-la brincar hoje, e é realmente um milagre. Ela está inteira, inteligente, saudável. Chung me avisou que ela pode ficar confusa sobre o que aconteceu, mas com o tempo isso vai desaparecer e as lacunas vão se preencher. Ela pediu um suco de caixinha, aquele de maçã que ela gosta e eu senti como se estivesse vendo meu coração bater fora do peito.
>
> É um sucesso. Sei que você tem suas dúvidas sobre o que permitimos que acontecesse, mas deveria ver isso como um avanço na ciência, em vez de algo antinatural. Tivemos tão pouco tempo precioso com ela, e agora podemos tê-la de volta.
>
> Estarei em casa em breve.
>
> Henry

Não há mais páginas no arquivo. Nada mais dentro do disquete. É um e-mail que meu pai enviou para Mallory. Um e-mail que exigiu uma configuração de leitor exclusiva e todos os métodos em nosso arsenal treinado por cadetes para ser acessado.

— Lia — pede Kieren. — Mostre para mim.

Eu entrego o leitor a ele sem mais protestos, gesticulando para ele se conectar e ver por si mesmo. Fico sem palavras, perplexidade e medo

pesando no meu estômago. Nós seguimos o rastro do desaparecimento de Chung e o encontramos em posse de um e-mail do papai. Por que Chung teria isso?

Por que configurar avisos personalizados, me pedindo para não dizer nada? Por que me deixar acessar os escritórios? Por que espalhar esses dispositivos como se estivéssemos participando de uma troca ultrassecreta, para ser só um *e-mail*?

— É… você? — pergunta Kieren. Ele terminou de ler. — Parece que está falando de uma criança pequena.

— Acho que não — digo calmamente. — Se fosse eu, não haveria nada digno de nota. Motivo nenhum para guardar e proteger tanto assim.

Kieren franze a testa.

— Está assinado por Henry. Só pode ser seu pai, né?

— É. — Eu me desconecto do leitor, limpando a visão. Quando isso não apaga as palavras da minha mente, esfrego minhas mãos vigorosamente pelo meu rosto, precisando dar algum sentido àquilo, qualquer sentido, e só consigo chegar a uma conclusão. — Acho que ele está falando sobre sua filha biológica. Aquela que deveria ter morrido meses antes deste e-mail.

# CAPÍTULO 29
## EIRALE

Amarro uma jaqueta na cabeça, como se fosse adiantar muito contra as câmeras em Tresci.

— Ainda vivo? — sussurro.

O link de comunicação farfalha no meu ouvido.

— Por um fio.

A voz de Nik está abafada. Imagino que ele esteja com o rosto pressionado no braço do sofá, mas ele parece lúcido. Com um toque do meu dedo, abaixo o volume do fone de ouvido.

Respiro fundo. O sol nasceu no horizonte, brilhando vermelho através das nuvens mais baixas. Por alguns momentos, apenas pulo de pé, me preparando para ir. Antes de estar totalmente pronta, disparo para a frente. Corro por uma rua estreita cheia de caçambas e vagas de estacionamento, traçando o mapa na minha memória. Quando o cascalho vira grama, viro à esquerda e me espremo ao longo do exterior de um arranha-céu, estremecendo porque sei que todas as câmeras no corredor interno estão me rastreando pelas janelas.

O circuito de vigilância deve saber que estou aqui. É só uma questão de tempo até um alarme soar. Sério, é pura sorte ainda não terem me alcançado.

Diminuo a velocidade e silencio meus passos na próxima curva, quando uma conversa sonolenta flutua de uma janela aberta no andar inferior. Depois de me afastar o suficiente, acelero de novo, inspirando forte para manter meu ritmo.

Quase lá. Corro até a frente do prédio, depois atravesso um pátio: um espaço de lazer compartilhado, bem no centro de três arranha-céus iguais. Os bancos brilham com uma camada de condensação. Uma rua larga cerca um dos lados do pátio, e do outro lado dessa rua está uma fileira de

restaurantes. Quando avisto as placas de mingaus e sopas à distância, sei que estou no caminho certo. A farmácia fica no final da rua.

Um estrondo alto ecoa quando estou quase atravessando o pátio. Giro, agarrando o ar para fingir ter uma arma, caso isso assuste algum perseguidor.

É apenas uma mulher em sua sacada, abrindo uma cadeira dobrável. Logo abaixo dela, um homem idoso também está sentado em sua sacada, fumando um cigarro. Fazemos contato visual. Lentamente, ele dá uma longa tragada.

Abaixo meus braços, quase envergonhada. No momento em que olho, registro outra figura, depois outra, depois várias outras — todas em suas sacadas, tomando ar logo de manhã. Muitos estão me observando, mas ninguém diz nada. Alguns estão claramente lendo em seus óculos; outros seguram livros de papel. Pensei que mais gente teria ido para o Alto.

Eu me afasto, minha respiração curta. O pátio está silencioso como um cemitério quando termino de atravessá-lo, olhando para os lados antes de pisar na rua vazia. Se Tresci não estivesse em quarentena, os restaurantes estariam mais movimentados agora: servindo macarrão seco com pedaços de carne e cebolinha, pãezinhos quentes recém-saídos do vapor, massa frita que estala a cada mordida.

Eu vi todos os vídeos. Em dias particularmente cansativos lá na base, depois de terminar os exercícios, voltava para meu dormitório, me jogava na cama, colocava meus óculos e abria o *feed* para assistir às pessoas comendo em Tresci. É um interesse que sempre tive medo que a NiloCorp descobrisse, e embora provavelmente tivessem a capacidade de ver minhas gravações, não há razão para quererem, a menos que desconfiassem de algo. É difícil explicar exatamente o que era tão atraente sobre aqueles vídeos, exceto pelo fato de que eu queria estar em Medaluo naquelas manhãs. A qualidade do vlog não era das melhores, filmado em dispositivos portáteis, e ainda assim eu conseguia sentir o cheiro dos flocos de pimenta crocantes, ainda assim imaginava o respingo de óleo com infusão de chalota escorrendo pelos meus dedos também.

Não deveria me sentir culpada pelo meu histórico de *feed*, mas se ele for divulgado enquanto estou foragida, é outra evidência contra mim. Ao contrário do meu *deepfake* de assassinato, esses vídeos no meu histórico são reais. Eu os assisti para sentir que poderia entender algo sobre Medaluo. O

país talvez corra em minhas veias. Se eu tivesse família aqui, poderia ser uma daquelas clientes risonhas na fila em frente a um pequeno restaurante, pegando comida para viagem todas as manhãs antes da escola.

Movimentos surgem do cruzamento no final da estrada. Tenho uma fração de segundo para mergulhar atrás de uma caixa postal quando um drone aparece, zunindo acima dos restaurantes. A lateral da minha mão raspa forte no cimento, mas eu me escondo antes que o drone possa girar em minha direção, suas luzes piscando em azul e vermelho.

A maioria dos drones de quarentena são ativados por som, perseguindo passos e vozes em vez de movimento. É mais barato de processar. As pessoas raramente fogem sem fazer muito barulho, de qualquer maneira.

Prendo a respiração, observando o drone passar. Ele emite um bipe alegre. Não há nada pior do que drones policiais com rostos instalados neles, como se um pequeno emoji piscando os tornasse tão adoráveis quanto os robôs de atendimento a clientes.

Assim que a barra fica limpa novamente, eu me levanto de trás da caixa postal, prendendo a jaqueta com mais força sobre minha cabeça.

Corro na mesma hora, passando rapidamente por cada loja fechada. No meu giro final, quase passo direto pela farmácia. A entrada é protegida por três cadeados na lateral. A farmácia, ironicamente, é considerada uma entidade não emergencial durante a quarentena em toda a cidade. Está fechada, embora a placa verde permaneça acesa. Considero o estado dos cadeados e, em seguida, sigo até os fundos.

Chuto a porta traseira menor. Nenhum tremor, então creio que esteja trancada por dentro. Há, no entanto, um painel de vidro ao longo da porta, e tiro minha jaqueta da cabeça, enrolando-a em volta do punho.

O primeiro golpe ricocheteia no vidro, a dor ondulando ao longo dos meus dedos. O segundo golpe parece mais promissor, o vidro tremendo. Eu junto minhas forças. No terceiro golpe, o vidro quebra, fragmentando-se em cacos que polvilham o degrau dos fundos. Um alarme dispara dentro da farmácia imediatamente, mas eu o ignoro e passo o braço pelo painel quebrado, destrancando a porta e abrindo também o ferrolho.

Cerro os dentes. Puxo meu braço para trás. Abro a porta com um empurrão.

— Beleza — digo, direcionando meu foco para além do alarme estridente. Tudo o que digo em voz alta, tenho certeza de que Nik pode

ouvir. Ele também vai ouvir o alarme gritando, o que deve ser útil para mantê-lo alerta.

Tiro a poeira das mãos e amarro minha jaqueta na cintura, inspecionando a sala dos fundos. Vou me dar dois minutos. Mais um pouco e eles vão enviar aquele drone de antes com suas capacidades de disparo ativadas, que são significativamente mais difíceis de evitar do que as armas de policiais humanos. Examino as prateleiras na penumbra, meus olhos semicerrados para entender a pequena impressão nos rótulos.

— Bora, vambora — murmuro. São antibióticos. Posso estar procurando na área errada.

Avanço para a próxima prateleira e imediatamente dou sorte quando vejo um medicamento viral. Eveline só pode estar em algum lugar próximo, e se não estiver na prateleira, então…

Há um pequeno cofre de metal no fundo da prateleira. Não hesito. Pego o cofre e o coloco no chão, então piso forte. A fechadura quebra. Meu coração está batendo forte no peito quando abro a tampa e encontro apenas duas cartelas dentro. Um pequeno comprimido no centro de cada uma. Quando me esforço para virar um dos pacotes, a folha de cobertura na parte de trás está impressa com “EVELINE™ DOSE ÚNICA” repetidamente.

Sucesso.

Enfio os dois pacotes no bolso sem hesitar. Além do barulho do alarme da farmácia, posso ouvir sirenes.

O ar da manhã está mais pesado quando saio, fechando a porta quebrada atrás de mim. O horizonte escureceu apesar do nascer do sol, como se uma tempestade fosse chegar em breve. Eu me esgueiro pela lateral da farmácia. Os drones estão se multiplicando na rua.

— Aviso. Todos os cidadãos são instruídos a ficar dentro de casa. Este é um esforço obrigatório de saúde pública e segurança. Desrespeitar a quarentena sem autorização oficial é passível de processo até …

A gravação desaparece quando os drones viram a esquina. As sirenes, enquanto isso, estão ficando mais altas.

— Ei — digo, aumentando o volume do meu fone de ouvido novamente. — Está aí?

Nenhuma resposta.

— Nik? — repito. Dou um passo hesitante em direção à rua. Carros de polícia estão dobrando a esquina rapidamente. — Fala alguma coisa.

Eu só ouço um zumbido fraco do lado dele. Seu comunicador ainda está ativo, então. Não é um problema de sinal.

— Nik, eu *juro*, se você morrer…

Os carros de polícia gritam cada vez mais perto. *Dez… nove… oito…* Se eu esperar mais, a rota será bloqueada, e mesmo que eu consiga contatá-lo, não vai adiantar.

Cerro os dentes e corro pela rua. Minhas botas levantam cascalho em um jato, os veículos param bruscamente quando me veem. Eu posso ultrapassá-los. Volto exatamente por onde vim, cortando o pátio e…

Um drone mergulha bem no meu caminho.

— Aviso — diz ele, um ponto vermelho brilhante no centro de seu rosto. — Você está violando o protocolo de quarentena.

Eu me abaixo, desviando da arma de choque do drone por um fio. Seus nós disparam, então caem no chão de concreto, prendendo-se para dar um choque no cascalho em vez de no meu corpo. Eu fico muito quieta, me perguntando se ele vai recarregar. Não consigo ultrapassar um drone. Também não consigo ir a lugar nenhum enquanto ele estiver focado em mim, porque não vai parar de me perseguir até que seu objetivo seja alcançado.

Meus dedos se arrastam lentamente para um pedaço maior de cascalho. Talvez eu consiga matar essa coisa idiota de pancada. Tenho que agir rápido. As autoridades devem ter somado dois e dois. Uma perturbação em suas instalações de dados, um alarme de invasão e um civil não registrado em suas câmeras. Se eu não for, eles vão me cercar…

Um apito vem de uma das sacadas acima. O drone dá um solavanco, virando sua câmera de repente, os olhos de pixel de seu rosto de emoji se arregalando. Eu prendo o fôlego e procuro o barulho também. Meu olhar pousa no homem idoso, aquele com quem eu tinha feito contato visual antes, bem quando ele começa a cantar.

*Hein*?

O drone voa em direção ao barulho, desesperado para investigar. Quase quero dar um aviso, pedir que ele pare antes que o drone lance um choque em sua direção. Alguém mais deve estar pensando o mesmo, sabendo o que está por vir, porque outra voz ressoa de uma sacada no lado oposto dos arranha-céus, juntando-se à melodia. Não reconheço a música. Não é o hino nacional de Medaluo — eu o reconheceria —, mas parece um hino, mesmo

assim. O drone atravessa o pátio para investigar, atraído pela nova voz, e de repente, como se alguma represa tivesse rompido nas sacadas, as poucas vozes se tornam um coro. Mal percebi quantas pessoas havia antes, facilmente misturadas ao ambiente quando estavam paradas.

Agora que estão cantando juntas, seu volume é tremendo, transformando sua presença em algo colossal.

— AVISO! — berra o drone. Ele não consegue acompanhar as diferentes fontes ao mesmo tempo. — PERTURBAÇÃO PÚBLICA NÃO É PERMITIDA DURANTE O CONFINAMENTO. POR FAVOR, VOLTEM PARA DENTRO.

Eles continuam. É uma música estranha. Algo sobre um gigante adormecido. Algo sobre o sol raiando. Deve ser um clássico medano se todos sabem a letra, e na sacada, o velho começa a balançar os braços, como se estivesse conduzindo a orquestra à sua frente.

Ele olha para baixo e pisca para mim. Eu mexo a boca, sem som:

— Obrigada! Obrigada!

E aproveito a chance para correr.

# CAPÍTULO 30
## LIA

Abro os olhos e encontro Kieren segurando um saco de docinhos fritos na frente do meu rosto.

— Você está tentando me dar espinhas? — pergunto, bocejando.

— Estou tentando te alimentar, jovem ingrata.

Não há energia por trás da farpa. Eu me remexo, acordando do meu cochilo. Minha atenção está fixada em Kieren quando abro espaço para ele, dando um tapinha no assento ao meu lado. É quase fim de tarde. No canto da minha tela, nossa aba de chamadas ativas está minimizada há quase meia hora, de acordo com a progressão do cronômetro.

— Está tudo bem?

Kieren pisca com força. Não é minha imaginação. Não só seu olhar parece um pouco nublado, mas suas mãos tremem.

— Sim. Claro. Estava ridiculamente lotado lá fora. — Ele coloca o saco no meu colo e se senta rápido, o que pode ou ser um gesto natural depois de um dia longo e cansativo, ou uma tentativa de evitar que eu perceba algo.

Kam atendeu imediatamente assim que retornamos à segurança do ônibus de turismo e fizemos a ligação. Agora ela está no mudo, executando diagnósticos no arquivo que encontramos.

O Doze ainda está desligado na frente. Sem nada melhor para fazer, cochilei para recuperar o sono, e Kieren saiu em busca de comida.

Ele não parece ter pegado nada para si. O que é estranho, porque ele insistiu que estava morrendo de fome e ia sair para dar uma olhada, então eu não precisava acompanhá-lo.

— Obrigada — digo e desenrolo o plástico. A massa forma dois palitos longos, unidos nas pontas. — Não pegou nada para você?

— Já comi — responde Kieren.

Eu dou uma grande mordida no doce frito. O crocante quente pressiona o céu da minha boca, dança na minha língua. Quase gemo. Por que temos que

estar em uma guerra fria com Medaluo quando a comida deles é tão boa?

— O *que* é isso?

— Massa frita. — Kieren se inclina para trás e sorri. — Bem óbvio, Ward.

— Eu sei, mas… — Dou outra mordida. — Não tem mais nada? É só massa frita?

— Por imersão, mesmo. Eu vi a pessoa fazer. Tive uma ótima conversa sobre o time de futebol masculino de Tresci e tudo o mais.

— O que você sabe sobre futebol de Tresci?

— Absolutamente nada. Acho que sou tão carismático que as pessoas falam comigo sobre qualquer coisa.

Termino o resto da minha comida em algumas mordidas antes de amassar o saco plástico. Kieren está me observando durante todo o processo, e quando levanto as sobrancelhas para perguntar um "Que foi?" silencioso, ele apenas balança a cabeça.

Um clique soa em meus ouvidos. A aba de chamada minimizada treme para sinalizar atividade, e a forma de onda no meu visor ganha vida novamente.

— Voltei — declara Kam. — Podemos continuar?

— Claro — diz Kieren. — Estamos ouvindo.

— Passei o e-mail pelos verificadores disponíveis para nós. Parece que alguém limpou os metadados muito intencionalmente. — Kam faz uma pausa. — Mas deixaram para trás a geolocalização. Foi escrito no Alto, então o ponto exato está marcado claramente.

Há algo no tom de Kam que me deixa tensa antes que ela envie os resultados da varredura.

— Vejam vocês mesmos.

**MEDALUO, Terra da Fronteira Exterior, Rua Montanha da Fênix, 7**

— *Frontex*? — exclamo. — Deve haver um engano.

Não é um e-mail falso, dado seu conteúdo. Meu pai o escreveu. Então como poderia ter vindo de Medaluo, ainda mais de Frontex, no canto do país? Frontex é o ponto de encontro para funcionários do governo medano.

— Estou supondo que o Henry desta assinatura seja Henry Sullivan? — Kam pergunta.

Henry Sullivan, meu pai. Henry Sullivan, que, em qualquer busca superficial no momento, está sendo criticado por ser simpatizante a Medaluo.

— Talvez Chung tenha alterado a geolocalização — oferece Kieren em vez de uma resposta. — Talvez ele esteja nos levando em algum tipo de trilha.

Kam está digitando rapidamente do seu lado.

— Alguma razão para você pensar assim?

— Toda essa missão tem sido uma caça ao tesouro — diz ele. Estou feliz que Kieren esteja assumindo as rédeas, porque não consigo dizer uma palavra. — Uma chave. Um disquete. Um leitor. Agora um endereço e *nada* mais. Por que apagar as informações de um arquivo armazenado em seu disquete pessoal? Melhor ainda, por que apagar tudo, mas deixar um local? Se já se deu ao trabalho, é mais fácil apagar tudo. Ele obviamente quer que alguém o siga.

— Você tem ótimos argumentos. Nada disso pode ser descartado. — Uma pausa. — Mesmo assim, eu aconselho vocês a darem uma olhada neste local em Frontex e terminarem a caça ao tesouro. Eu sou apenas seu contato no solo. Não farei nenhum relatório para a empresa enquanto estiverem no meio de sua pesquisa. Mas vocês vão precisar responder às perguntas que a NiloCorp inevitavelmente vai ter. Senão, eles virão me perguntar.

Essa última parte é direcionada. Ela quer dizer que eu não deveria tentar esconder o envolvimento do meu pai nisso. Porque Kam sabe, e a NiloCorp descobrirá de uma forma ou de outra.

Kieren limpa a garganta.

— Claro. Nós entendemos. Já temos um ônibus de turismo que controlamos, então podemos prosseguir.

— Ótimo. Boa sorte. — Kam desliga.

Assim que ela desconecta a ligação, recebo outra.

Estou estupefata demais para reagir. Embora eu possa ver a ligação zumbindo na minha tela, eu a ignoro, ainda tentando analisar o que acabamos de receber. Tento imaginar a sequência de eventos antes de papai escrever aquele e-mail. Em algum lugar no Alto de Medaluo, olhando uma criança pequena, “inteira, inteligente, saudável”… essas foram suas

palavras. Como poderia ser outra pessoa além de sua filha supostamente morta?

O zumbido na minha tela para. Segundos depois, Kieren exclama:

— Rayna? — Ela claramente tentou ligar para ele em seguida. — Peraí, vocês *o quê?*

Minha atenção se desvia. Eu deixo de lado meu turbilhão de pânico sobre esse mistério, precisando abrir espaço para o que quer que tenha levado Kieren a usar *aquele* tom de voz.

— O que foi? — pergunto. — O que aconteceu?

Em vez de responder, ele me coloca na ligação. Eu conecto e me deparo com Rayna dizendo:

— … mas Hailey alterou nossas identidades bem a tempo de nos mostrar como menores de idade medanas, em vez de turistas atahuenses. Eles estão dispostos a nos deixar ir com uma advertência, mas precisam que nossos pais venham nos buscar.

— Peraí, peraí — digo. — O que está rolando?

— Lia — geme Rayna. Ela está claramente tentando manter a voz baixa, e acaba soando como se estivesse imitando uma cascavel. — Talvez se você tivesse atendido quando eu liguei! Estamos presas.

— Vocês estão *o quê*? — grito. Kieren me olha. Agora estou atualizada.

— Não é uma *prisão*, tecnicamente. É a cela de detenção da delegacia. Fomos pegas invadindo propriedade militar, mas inventamos uma história de que estávamos só matando aula. — A voz de Rayna fica mais baixa. Se alguém estiver ouvindo, conseguirão analisar até mesmo o sussurro mais fraco com ajuste de volume, então isso é mais para ela sentir que fez o possível para não ser ouvida. — Por favor, venham nos buscar. Troquem suas identidades e coloquem mais vinte anos em seus aniversários. Hailey usou o primeiro *exploit* que tinha no inventário, então nossas identidades falsas de medanas vão expirar em uma hora, e levou trinta minutos só para eles processarem a papelada.

Eu bato a cabeça contra o encosto do banco à minha frente. Kieren faz uma careta. Na *dark web*, é possível encontrar *exploit*s para menores de idade atahuenses que querem entrar em baladas com idades falsas. Não consigo imaginar que mudar uma *cidadania* inteira vá se sustentar perante as autoridades medanas, se olharem mais de perto.

— Ok — diz Kieren. — Ok, diga a Hailey para ver se ela pode estender a duração com algum complemento, mas estamos a caminho. Onde fica a delegacia?

Ela envia a localização.

— Rayna — sibilo. — Isso é a *quarenta* minutos de distância daqui, com trânsito.

— Por favoooooor — choraminga ela. — Além disso, precisa ser vocês dois. Hailey colocou seu sobrenome no meu documento em uma fração de segundo para tirar "Ward", então estamos fingindo ser parentes.

Eu puxo a cabeça para trás, então bato com mais força. Quando eu me afasto para fazer isso de novo, Kieren enfia a mão na frente do assento, gesticulando com a boca, sem som:

— Pare com isso!

Eu bato direto na palma da mão dele.

— Quem vai acreditar nisso?! — exclamo.

— Eles vão acreditar se vocês dois aparecerem! Fenótipos têm dessas.

Eu vou matar Rayna. Isso vai ser tão ruim para a nota final dela. Ótimo para a nossa se conseguirmos tirá-la de lá. Mas ruim para ela.

— Estamos a caminho — declara Kieren. — Diga a Hailey: complementos! — Ele encerra a ligação.

— Isso é absurdo — digo, esticando os braços. — Você vai precisar mudar nossas identidades. E desbloquear nossos filtros de aparência para ajustar a barra de envelhecimento na direção que ninguém arrasta.

— Eu posso fazer isso — Kieren me garante sem hesitação. Ah tá, que não é hacker. — Só vou precisar de um pouco de tempo.

— Teremos bastante tempo no trânsito. — Meus olhos vagam para a frente, para o robô adormecido. Não vamos conseguir empurrar um ônibus de turismo de IA pelas ruas de Tresci. Estamos quase no fim do expediente. Todos estarão indo para casa em seus pequenos carros autônomos, fazendo trocas rápidas de faixa para acelerar sua rota em um ou dois minutos. Quarenta minutos na estimativa de um mapa vão virar noventa nesta banheira.

Eu começo a me mover.

— Lia — chama Kieren, me seguindo de perto. — Você vai entrar em contato com seu pai?

Um motor desliga do lado de fora. Enquanto desço correndo os degraus do ônibus, um motociclista tira suas bolsas da parte de trás da moto, subindo os degraus do museu para fazer uma entrega pessoal. Ele deixou a moto bem perto do nosso ônibus.

— Não consigo pensar nisso agora — digo.

— Achei que você era ótima com multitarefas.

— Vamos lidar com isso depois que pegarmos Rayna e Hailey. — Meus olhos percorrem a moto. Ela foi deixada em ponto morto. A ignição ainda está ativa.

O pensamento me ocorre. Não há tempo para questionar.

Sem aviso, agarro o pulso de Kieren e o arrasto comigo até a moto.

— Comece a ver nossas identificações. Eu piloto.

# CAPÍTULO 31
## EIRALE

Fecho o portão atrás de mim com um clique sólido.

Por um momento, fico parada, esperando por qualquer indicação de perigo vindo atrás de mim. Os carros da polícia não chegaram ao pátio a tempo de me ver correndo entre os arranha-céus. O drone estava muito distraído tentando entender as vozes. Devo estar segura. Devo estar.

Faço mais uma varredura superficial da rua. Nada.

— Ei — sussurro no canal de comunicação mais uma vez. — Vamos. Diga alguma coisa.

Nik ficou em silêncio esse tempo todo. Talvez seu fone de ouvido tenha caído e ele esteja cansado demais para pegá-lo. Ou a frequência mudou inexplicavelmente.

Corro pelo beco, avançando para o prédio interno. A explicação mais provável, na verdade, é que ele está morto. Que a doença interrompeu suas funções orgânicas e parou seu coração. Não sei o que espero encontrar ao derrapar pelo corredor e voltar para o apartamento 1F. Um cadáver esfriando, talvez. Os últimos resquícios de vida agarrados às suas partes mais macias, como o guarda no centro de dados.

Viro o corredor para a sala de estar. E encontro… nada. Nik se foi.

Ele não está mais no sofá. Localizo seu fone de ouvido descartado no mesmo instante, espremido entre duas das almofadas. Sua bolsa também não está mais lá.

Pego o fone, examinando a sala para entender o que aconteceu. Não há sinal de luta. As janelas estão intactas. Nenhum móvel tombado.

Saio do apartamento de novo, fechando a porta atrás de mim. Quando entrei, o portão da frente sob o toldo estava trancado com cuidado. Se Nik tivesse saído em um estupor doentio, não acho que teria tempo de fechar o portão atrás de si.

Minha cabeça se vira para o outro lado, seguindo as escadas que sobem pelo prédio.

Os números nas caixas de correio no corredor mostravam dez andares no total. Sem elevador. Este bloco residencial é mais antigo, construído antes que Tresci soubesse que precisaria sustentar um pico populacional. Os arranha-céus pelos quais passei antes chegavam a quarenta andares, mas estes prédios ficam mais próximos do chão, o que faz sentido, já que os moradores precisam subir a pé. Eles tendem a ter os andares superiores vagos também, porque ninguém quer alugar unidades às quais robôs de entrega sobre rodas têm dificuldade de chegar.

Subo os degraus, minha mão deslizando ao longo do corrimão. Cada vez que espio ao redor dos patamares da escada, quase espero encontrar Nik encolhido atrás de um deles. As sombras são espessas, densas. Paredes e escadas de cimento formam uma estrutura pesada, ecoando minha voz quando grito:

— Nik!

— Aqui!

A voz é fraca. Quase acho que imaginei, que confundi o canto de um pássaro com uma voz. Então corro para o andar mais alto e passo pela primeira porta aberta. O apartamento está abandonado ou muito malconservado. O chão está coberto de fuligem, tijolos e lonas meio rasgadas. As janelas estão fechadas com tábuas, impedindo a entrada da maior parte da manhã, exceto por alguns feixes. Por um momento, apenas examino as formas escuras. Meus olhos podem estar me enganando ao encontrar Nik curvado ao lado do sofá.

— Vieram uns drones — diz ele quando me vê.

Eu enfio a mão na minha jaqueta e rasgo a película de proteção da pílula Eveline. Nik rastreia meu movimento em sua direção. Seu olhar está desfocado por trás dos óculos e, embora ele tente entender o que estou trazendo, ainda o pego de surpresa quando agarro seu queixo, forçando sua boca a abrir.

— O quê… eurgh…

Coloco a pílula em sua língua.

— É melhor você engolir.

Obediente, Nik engole. Ele faz uma careta, gesticulando desgosto e secura sem água para ajudar a descer.

— Argh, que nojo — comenta ele. Seus olhos tremulam.

— Ah, é? — exalo finalmente, aliviando a cãibra nos meus pulmões com uma respiração longa e profunda. Ignorando a sujeira no chão, eu me sento também. — Só lamento. O que você está fazendo aqui em cima?

— Drones, já disse — responde Nik, sonolento. — Não tinha cortina, e era um apartamento térreo, então pensei que seria melhor encontrar outro esconderijo. Fiquei te atualizando, perguntando por que você não estava respondendo. — Ele enfia o dedo no ouvido e ri. — Que bobo. Caiu.

Eu pisco, surpresa. Sua risada foi curta, mas ecoou amplamente. É um som mal ajustado, e eu não sei bem o que pensar dele. Deve haver inflamação em seu cérebro.

— Que resistência você tem — repreendo sem hostilidade. — Precisou que eu te arrastasse por aquele beco, mas subiu dez lances de escada sozinho.

Nik resmunga algo indecifrável. Ele está apagando. Eveline tem efeito rápido.

— Não podia ficar nas escadas e sair nas câmeras — ele consegue dizer, a fala embolada. — Não podia invadir o apartamento de ninguém e chamar a polícia. Só podia continuar subindo. Você saberia que eu subi.

Sua cabeça se inclina e, no segundo seguinte, ele está inconsciente. Suspiro, deixando o silêncio do apartamento em ruínas cantar em meus ouvidos. Então, pego no bolso a outra embalagem de Eveline, abro o papel-alumínio e tiro o comprimido.

Engulo com uma careta. Ainda não me sinto mal, e posso estar totalmente segura, dado que a NiloCorp insiste em nos manter em dia com nossas vacinas. Ainda assim, Nik estava respirando no meu rosto sob os escombros, e eu prefiro prevenir a esperar uma doença aparecer. Mesmo que seja só para entrar lá e limpar os germes.

Solto o ar, fechando os olhos e me apoiando contra a parede. Deixo a pílula fazer efeito e me apagar também.

•

Acordo antes de Nik, em algum momento da noite.

Lentamente, me apoio no cotovelo, tossindo seco. Em algum momento, enquanto descansava sentada contra a parede, devo ter tombado e acabado

esparramada no chão. Eu respiro fundo. Me sinto bem. Saudável.

Esfrego os olhos. Percebo meu erro instantaneamente quando a poeira se espalha no meu rosto, acumulada ao longo do meu braço. O chão está nojento. É difícil ver qualquer coisa nesta luz fraca, o mundo além das janelas fechadas pairando em um tom cru.

— Ei — sussurro, cutucando Nik com o pé. Ele continua inconsciente, mas geme, o que é o suficiente para eu confirmar que está vivo. Ele ficou com o vírus por algum tempo antes de tomar Eveline, e está praticamente sem imunidade nenhuma, então vai demorar mais para a cura fazer efeito. Ele vai ter que dormir para passar.

Está frio no apartamento. Eu me levanto, tirando o cabelo do rosto. O ar da noite sopra pelas frestas das janelas com tábuas. Não há vidro, apenas dois painéis vazados que as tábuas estão tentando cobrir. Eu sacudo meus braços, fazendo o sangue circular antes de ir até lá e agarrar uma tábua no meio. Minha força não retornou totalmente, mas tento mesmo assim. A tábua se solta com dois pregos enferrujados de cada lado. Um vislumbre melhor de Tresci aparece na lasca. Eu jogo a tábua no sofá, trabalhando na próxima. Em minutos, limpei as janelas, a cidade brilhante piscando um "olá" de mil prédios diferentes.

Solto o ar, formando uma nuvem de vapor. Os *outdoors* estão ganhando vida novamente. A barragem constante de valores de assinatura para o Alto, as companhias de seguros de imóveis, as pílulas que prometem cores de olhos diferentes e novos tons de cabelo brotando da raiz. A metrópole de Tresci pulsa como o centro do país, o único lugar de descanso para aqueles que fogem da desolação em todas as outras direções. Não é a Marsup costeira, onde as pessoas podem se dar ao luxo de se fechar em seus Pods e os *outdoors* não são vistos. Aqui, nem a quarentena faz a cidade ficar quieta. Cada televisão murmurante nos apartamentos harmoniza com os anúncios zumbindo do lado de fora, emitindo um barulho que molda o horizonte. É estrondoso.

Eu me viro de volta, olhando Nik cuidadosamente. Seu peito sobe e desce. Sua bolsa está a seus pés. Ele foi inteligente o suficiente para colocar uma almofada embaixo de si quando escolheu seu lugar no chão, e sua cabeça está apoiada em metade dela.

Examino o sofá podre, as mesas quebradas. Em algum momento, esta residência deve ter sido bem decorada. Opulenta, até. As paredes sob o

mofo preto espesso são de um vermelho intenso. O esqueleto de um lustre pende do teto, suas peças há muito reaproveitadas e seus fios roubados. Se a janela não tivesse sido arrebentada, permitindo a entrada dos elementos, duvido que os móveis ao redor tivessem terminado assim, quebradiços e desgastados. Não há mais vestígios no apartamento para identificar seus antigos ocupantes. Nenhuma foto nas prateleiras, nenhum pertence espalhado sobre o balcão. Anos podem ter passado desde que alguém morou aqui pela última vez, seu antigo aconchego perdido no tempo.

Nik não se mexe quando volto para o seu lado e pego sua bolsa. O bloco de rascunho que eu tinha visto antes ainda está lá, escondido no forro. Escrever em papel é mais seguro — menos chance de ser hackeado e ter suas anotações lidas pela polícia em busca de seu paradeiro. Pena que ele não levou em conta que eu sou bisbilhoteira.

Folheio rapidamente, encontrando vários diagramas e esboços. Não tenho certeza do que esperava do caderno pessoal de um anarquista. Há algumas páginas com esboços das bases atahuense que ele tem como alvo. Outras páginas parecem seu fluxo de consciência, com números registrados em contas rápidas ou uma lista para algo que ele está pensando. Parece até que há um pedido de almoço aqui.

Zombo baixinho, folheando até o final. Paro de repente.

EIRALE SULLIVAN.

— Quê? — digo em voz alta.

Não há mais nada. Nenhum contexto, nenhuma elaboração adicional. Nik também fez a mesma pergunta naquele helicóptero na primeira noite. *O sobrenome Sullivan significa alguma coisa para você?*

— Quem você pensa que eu sou? — pergunto, baixinho.

Nik inspira. Expira trêmulo. Ele não tem capacidade de responder. Corro para devolver o bloco de rascunho à bolsa dele, então finjo indiferença depois de fechar o zíper. Não é como se ele fosse saber. Não há razão para eu me incomodar em fingir. Limpo minha garganta, de qualquer forma.

O ombro de Nik espasma com força.

— Nik? — chamo.

Seus olhos permanecem fechados. Uma forte rajada de vento sopra para dentro do apartamento, uivando pela janela aberta. O sol se põe completamente abaixo do horizonte, deixando o céu escuro. Quando Nik se

contorce novamente, vejo o suor brilhando em sua testa, o que é bom, porque significa que sua febre está cedendo.

— Não — murmura, baixinho. — Espere.

Hesito, avançando lentamente no chão coberto de poeira. Eu deveria acordá-lo. Parece errado vê-lo ter um pesadelo.

— Ei. — Estendo a mão. Sacudo seu cotovelo.

Ouço de repente o tremor das pás de um helicóptero, um rápido *tum-tum-tum* vindo em direção ao apartamento. Esta é a unidade da cobertura: a aeronave passará perigosamente perto. Não me mexo enquanto o som está diretamente acima, como se seu holofote pudesse me revelar através da janela quebrada. Observo o helicóptero continuar seu caminho. Sua luz traseira amarela piscante fica cada vez mais distante. O som estrondoso desaparece, e eu ainda estou segurando o cotovelo de Nik.

— De alguma forma — digo —, é difícil acreditar que criminosos perigosos tenham pesadelos.

Ele estica o braço. Está dizendo algo baixinho, embora eu não consiga entender nada coerente. Eu não costumo ter pesadelos. Quando coisas ruins acontecem em meus sonhos, sinto a falsidade do mundo imediatamente, e só preciso piscar para acordar. Eu tenho pouco a perder na minha vida. No momento em que um sonho lança um sentimento de desgraça iminente sobre mim ou meus entes queridos, eu lembro que não tenho entes queridos, e acordo.

— Não — murmura Nik novamente, virando a cabeça. — Por favor.

Seja pela gentileza do meu coração ou pela pura praticidade de garantir que ele não entre em pânico e em coma, eu seguro a mão de Nik. Seus dedos se fecham em volta dos meus imediatamente.

— Estou aqui — sussurro.

A noite traz outra rajada fria, espalha seus tentáculos para se juntar às nossas palmas que se tocam. Eu tremo, apertando a mão dele, mantendo a intrusão do lado de fora. Apesar do calor que emana da pele de Nik, sua palma é lisa e seca, nada do que eu esperava.

— Você está seguro — asseguro.

Eu tento ficar a uma distância de um braço, como se isso tornasse tudo menos estranho. Quando meu braço cansa, eu me aproximo, dobrando as pernas, minhas botas pressionando o assoalho. O rastreador lá dentro

continua a emitir um sinal, e eu me sento aqui, salvando a vida de alguém que inevitavelmente entregarei.

Eu não sei como acabei assim, tão dividida, mas estou. Inegavelmente. Pensei que minha tarefa seria simples: capturar um anarquista, limpar meu nome, recuperar minha posição entre meus empregadores. É o curso de ação mais razoável. Anarquistas não podem sair por aí matando pessoas como bem entendem. A NiloCorp é o único lugar onde eu pertenço.

Roço meu polegar nas costas de sua mão. Nik Grant matou pessoas, machucou pessoas. Mas seria ilusório pensar que tenho vantagem moral, porque a NiloCorp é mil vezes pior. Pelo menos o próprio Nik puxa o gatilho. A NiloCorp se esconde em tantas camadas enquanto entidade, que é impossível rastrear quais de seus executivos de terno são responsáveis pelas diretivas passadas para as forças de segurança. Li os fóruns que conscientizam sobre seus crimes, as entrevistas traduzidas de vítimas em outras nações torturadas por soldados particulares enviados para suas guerras civis. A NiloCorp não dá nenhum valor para a vida humana. Seu desejo de capturar Nik não é por justiça para suas vítimas, é apenas devido à insurgência que ele está promovendo. A empresa precisa retomar o controle.

Nik dispara sua arma na esperança de poder começar uma luta. A NiloCorp dispara para manter lucros altos, armazéns abastecidos, soldados empregados. A NiloCorp faz o mundo girar.

Então o que estou trocando para fazer parte disso?

— Não vá — sussurra Nik. É quase inaudível acima do vento assobiando. Eu ouço, mesmo assim. Não é para mim. Sei que ele não está falando comigo, mas fico parada. Um alto-falante começa a transmitir da rua, dizendo a Tresci para permanecer dentro de casa, que o isolamento está em vigor até a contenção do surto e a determinação da capacidade dos hospitais. Os helicópteros circulam mais uma vez, brilhando nos arranha-céus mais altos, e nos escondemos neste recanto abandonado.

A noite se estende. Uma chuva suave começa a cair em algum momento, respingando pela janela nas tábuas de madeira, manchando-as de uma cor mais escura. Permaneço imóvel, observando as luzes da cidade sangrarem pela água, esperando e esperando.

E fico segurando a mão de Nik, firme como uma boia salva-vidas.

# CAPÍTULO 32
## LIA

— Uns capacetes cairiam muito, muito bem agora!

A próxima curva para a via expressa surge do nada. Eu acelero para não a perder, então empurro forte para a direita. Kieren grita alto.

— Ei, sem tempo para covardia — grito de volta, endireitando a moto.

Um carro se aproxima demais ao tentar mudar de faixa na via expressa, quase batendo na nossa roda dianteira quando eu passo. O motorista buzina alto. Eu não paro de acelerar. Atrás de mim, Kieren se segura como se a vida dependesse disso, suas mãos em meus ombros.

Eu nunca pilotei uma moto antes. Baixei um guia aumentado na minha tela e estou confiando totalmente em seus alertas. Até agora, tudo bem. Eu coloco o guia no "Modo de Perseguição Policial" para que ele me direcione para qualquer abertura que apareça no trânsito. Legal da parte deles ter esse recurso.

— Se a gente bater…

— Não vamos bater — interrompo. Uma notificação me diz que posso ir mais rápido se quiser. Tiro minha mão esquerda do guidão rapidamente, manobrando o braço de Kieren para baixo, em volta da minha cintura. — Se você se inclinar direito comigo nas curvas, não vai sentir que está caindo…

Bato minha mão de volta no guidão frontal, freando repentinamente para evitar bater em um carro que parou sem aviso. Kieren não consegue nem gritar dessa vez, porque fui tão rápida que ele ficou sem ar. Ouço seu chiado meio engasgado, cortado por um engolir em seco. Desvio e acelero novamente, seguindo a sequência no meu visor para garantir que o motor da moto não pare. Os outros carros atrás da cena param. Prosseguimos, deslizando suavemente de volta ao fluxo.

Se tem uma coisa que sou boa, é em seguir instruções.

Kieren finalmente abriu mão de seu senso de orgulho e envolveu seus braços em volta de mim, agarrando-se como um coala assustado. Estou feliz

que ele não pode ver meu rosto, ou então meu sorriso largo me renderia uma década de provocações para igualar o placar. Eu empurro para a esquerda para mudar para a faixa mais distante, nos aproximando da barreira e ignorando os carros que diminuem a velocidade. Tresci ao nosso lado brilha dourada com o pôr do sol, os reflexos dançando nas janelas de vidro dos arranha-céus, os *outdoors* mudando suas configurações de cor para a noite. A moto roubada ronca com confiança, rugindo a cada aceleração.

— Eu preparei o *exploit* das identidades — grita Kieren quando eu volto para uma faixa central. — Você precisa se conectar comigo.

— Estamos bem conectados agora.

Não preciso olhar para Kieren para saber que ele está ficando vermelho.

— Sua *tela*.

Eu viro para frente, garantindo que não haverá nenhuma curva repentina para fazer. Então, saio da tela do guia para abrir os controles principais na minha tela, permitindo solicitações de acesso remoto.

— Ainda é bem íntimo.

— Lia, eu posso te ditar o passo a passo se quiser fazer você mesma.

Ele está levantando tantas bolas.

— Tá, tá bom. Envie seu pedido.

Kieren respira fundo quando a moto balança. Terreno irregular. Eu me inclino para frente e deslizo de volta para o guia, pronta para desviar a qualquer momento se batermos em um solavanco forte. No canto superior da minha visão, o pedido entra, e eu aceito o pareamento. É estranho ver minhas abas se movimentarem sozinhas quando Kieren entra e começa a mexer, abrindo páginas que eu nunca tinha olhado direito.

— Cuidado — digo, assumindo o controle parcial sobre minha tela quando ele abre muitas abas. — Preciso ver as instruções de direção.

Repreendido, Kieren arrasta tudo para a parte de baixo, onde é menos provável que interfira. Bem a tempo, o guia espalha uma variedade de setas para empurrar o guidão esquerdo para uma curva à direita, e Kieren não tem escolha a não ser seguir o exemplo quando me inclino para a direita para me equilibrar, saltando para a rampa de saída com sucesso.

A noite cai. As nuvens pairam baixas no céu, um azul aquoso, mais escuro a cada segundo. O guia sugere acionar os freios e diminuir a velocidade. Estaremos em nosso destino em breve.

— Como está indo?! — grito para o vento.

— Quase lá. Aniversário. Sobrenome. Cidadania. E o cronômetro começa… agora.

Todas as abas extras na parte inferior da minha visão se fecham. Tenho alguns segundos de clareza antes que novas abas se abram, executando scripts que parecem muito mais complicados. O semáforo à frente fica amarelo. Eu vou mais rápido para passar, cruzando no vermelho. Quando o dono relatar o furto da moto, espero que anule todas as multas de trânsito que se acumularam em seu registro também.

— Você quer parecer jovem para sua idade, ou mais velha do que o esperado?

— Eu sou etnicamente medana, Kieren. Você pode arrastar o botão até quarenta e eu ainda vou parecer ter vinte.

— Isso é um desafio?

— Seu destino está à direita — relata o guia, oferecendo sua seta final com um floreio. Eu aperto a embreagem e aciono os freios, nos fazendo estacionar no acostamento da rua com apenas um leve solavanco.

Quando o motor desliga, os vários scripts em execução no meu visor também desaparecem. Kieren terminou.

— Chegamos — declaro. — Nada mal, né?

Ele me solta lentamente. Com toda a honestidade, estou chocada por termos conseguido.

— Você tem ideia… — começa ele — de quantas vezes quase viramos panqueca?

— Mas não viramos. — Desço da moto. — A gente…

Minhas mãos voam para a boca. Tento segurar minha risada horrorizada e acabo cuspindo na palma da mão, encarando Kieren com os olhos arregalados.

— Eu sei — diz ele. — Envelheci bem.

Puxo minhas mãos para baixo, tentando me recompor.

— Você mexeu muito nos outros filtros — acuso. — Seu queixo não é assim.

Ele está a cara de todas as estrelas de cinema atahuenses misturadas de uma vez só, algum galã do início do século que se tornou um filantropo mais tarde na vida, enquanto se concentrava em criar sua família.

— Tudo bem, querida. — Ele pega minha mão sem o cuspe. — Faltam dez minutos no cronômetro. Não me morda de novo.

Eu me vejo no reflexo das portas da delegacia conforme nos aproximamos, e de longe, mal consigo ver a diferença. Não foi exagero dizer que ele poderia girar a alavanca para quarenta e eu ainda pareceria ter vinte. O tipo de características que tenho sempre me farão parecer mais jovem. Só quando chegamos mais perto é que vejo as diferenças: a testa mais longa, as maçãs do rosto mais acentuadas. Antes que eu possa ver direito, Kieren já está abrindo a porta, nos guiando.

— Boa noite — cumprimenta Kieren a policial na recepção, sua voz retumbante. Dá para ver que ele está tentando canalizar seu pai. O diretor Murray começa seus discursos na assembleia da mesma maneira. — Estamos aqui para buscar nossas crianças delinquentes.

Aperto sua mão em advertência. Ele aperta de volta duas vezes para comunicar que sabe o que está fazendo.

— Ah — diz a oficial. — As invasoras da base militar.

— A semelhança é tão óbvia assim? — pergunto.

Devo parecer nervosa, porque Kieren pisa no meu pé.

— Suponho que sim — responde a oficial. Ela nem olhou para nós diretamente. O que quer que esteja em sua tela a mantém ocupada, seu olhar desfocado. — Nossas celas de detenção estão vazias, exceto pelas duas. A maioria das pessoas tende a se comportar neste bairro.

Seus olhos giram para Kieren antes de retornar à sua tela. Ah, entendo. Uma pequena provocação por suspeitar de suas possíveis origens atahuenses.

É divertido testemunhar o outro lado disso, mas ainda não é a mesma coisa. As pessoas só são antiatahuense em Medaluo, mas são antimedanas no resto do mundo. Sem baixas para registrar nem batalhas para sangrar, essa é a maneira mais infalível de aferir que Atahua está vencendo uma guerra fria.

— Identidades?

Eu me inclino primeiro, deixando-a apontar o scanner para minha testa. Ela mal me olha duas vezes. Em seguida, aponta para Kieren, depois faz “hum”, indo até a impressora.

— Preencham isso, por favor.

A policial empurra uma prancheta em nossa direção. Tento soltar a mão de Kieren para pegá-la, mas ele está distraído e tenho que sacudi-la várias vezes antes que ele perceba que precisa soltá-la. Suavemente, pego a prancheta e posiciono a caneta sobre o texto, pronta para assinar.

Minha cabeça gira na mesma hora com os caracteres medanos. Tento ler o formulário sem transparecer nada. Três linhas depois, ligo o tradutor discretamente e resisto a bufar em voz alta. É só jargão jurídico. Uma declaração de que nossas filhas estavam erradas e não vamos voltar e fazer barulho. As seções de informações pessoais já estão preenchidas automaticamente quando nossas identidades foram escaneadas. Assino rapidamente, inventando algo que lembra vagamente Lia Murray antes de passar o documento para Kieren.

Ele rabisca alguns círculos e o devolve. A policial aperta um botão para ativar um alto-falante.

— Tudo bem. Pode trazer as duas.

Eu torço as mãos. A parte inferior da minha camisa fica cada vez mais amarrotada. Tento contar a partir da ligação de Rayna, calculando se suas identidades alteradas já expiraram. Se forem expostas, Kieren e eu seremos arrastados juntos. Se todos nós formos presos, teremos problemas que eu não consigo nem começar a compreender.

A porta lateral emite um zumbido. Com um baque pesado, outro policial traz uma Rayna nervosa e uma Hailey sorridente.

— Oi, mãe. Oi, pai — cumprimenta Hailey.

— Ah, nem comece — diz Kieren, em voz baixa.

O policial remove as algemas de Hailey primeiro. Quando é a vez de Rayna, ela está tremendo tanto que eles têm dificuldade de colocar a chave, exigindo várias tentativas. Assim que ela está livre, vem até mim imediatamente, os olhos marejados.

Eu dou um tapa na cabeça dela.

— Que foi que deu em você? — sibilo.

Rayna morde o lábio inferior, com a expressão penitente de quem confessa um pecado.

— Desculpe, mamãe. Podemos ir agora?

Mal chegamos a um quarteirão da delegacia antes que eu me lance sobre Rayna, tentando estrangulá-la.

— Nãããão! — grita ela. — Aprendi minha lição!

— Uma base militar? — sibilo, mantendo minha voz baixa. — Não deu nem uma olhada primeiro? Não esperou anoitecer? Como você está prestes a se *formar*?

— Em nossa defesa — tenta Hailey —, conseguimos o que precisávamos!

— Ah, sim, isso torna tudo muito melhor — digo, sem expressão.

Rayna aproveita a distração que Hailey lhe deu para sair de fininho, alisando o cabelo. Há muitos outros pedestres passeando pela calçada, então ficamos à direita, indo mais devagar.

— Talvez a gente mereça dedução de pontos pelo incidente — reflete Rayna. — Se nos faltam habilidades enquanto graduadas, definitivamente vamos acabar em posições mais seguras, que não sejam críticas.

Estou pasma. Completamente pasma.

— Rayna, isso é um pedido de ajuda? — pergunto. — Porque síndrome do impostor tem cura. Você tem o direito de querer algo bom para sua carreira.

— Obrigada, querida mãe.

— *Sua*…

— Lia.

Eu giro com uma carranca, pensando que Kieren deve estar interrompendo para me fazer pegar leve. Seu ajuste de aparência acabou: ele colocou o aplicativo do filtro em um cronômetro, assim como nossas identidades. Ele voltou à aparência de sempre, um garoto normal de dezessete anos. E nem está prestando atenção no discurso que dou a Rayna.

— Hein?

Kieren apenas aponta. Sigo a direção do seu dedo, procurando além dos hologramas nadando na noite. É difícil ver alguma coisa por causa dos vários vaga-lumes verde-elétricos, mas presumo que ele esteja olhando para o shopping.

— Uau — diz Hailey. — Como dirigiram aquilo tão rápido? Achei que tivessem vindo de outro jeito.

Finalmente vejo para onde Kieren está apontando. Em frente ao ponto de ônibus habitual que deixa os passageiros no shopping, há um ônibus de

turismo. *Nosso* ônibus de turismo.

— Nós… viemos.

Encontro os olhos de Kieren. Ele claramente não o chamou. Nem eu. Como nosso ônibus sabia que era para nos seguir?

— Pode ser outro — sugere Rayna. — Os outros ônibus da empresa de turismo devem ser muito parecidos.

— É o nosso — digo. — Mesma placa.

Acho que não há mais nada a fazer aqui, exceto ir até o ônibus e aproveitar. Um silêncio se instaurou entre nós. Atravessamos a rua com pressa. Embora eu lidere a fila no início, Kieren acompanha meu ritmo, e quando chegamos ao veículo, ele entra antes de mim. As luzes brilham. Doze está acordado.

— Olá! — ele cumprimenta, virando-se em seu banco. — Apertem os cintos! Nossa próxima parada é ótima.

Não me afasto muito quando entro. As portas se fecham automaticamente atrás de Hailey e Rayna.

— *Frontex*?! — exclama Kieren.

Já está exibido no painel. *Terra da Fronteira Externa, centro da cidade*. Encontro o olhar assustado de Kieren instantaneamente. Frontex não era a próxima parada do passeio, da última vez que olhei. Doze ouviu nossa conversa com Kam. Ele ajustou a rota de acordo.

— Tá bom — digo, com uma risada nervosa. — Algum motivo?

O círculo azul de Doze gira uma vez.

— Vai ser a melhor vista de Medaluo.

Rayna se esgueira um pouco mais para cima nas escadas. Ela se inclina casualmente sobre o painel.

— Não é Casno? — sugere ela. Rayna não sabe por que Kieren e eu estamos tão assustados, mas adora contribuir em debates sem sentido em qualquer situação. — Ou Pazoc?

— A capital só é especial porque é a capital — responde Doze alegremente. — E Pazoc? Tão *démodé*. Se quiser ver estátuas de terracota, é só ir comprar móveis! Haha!

Kieren cruza os braços sobre o peito.

— Eu quero desligar esse troço.

Doze gira vigorosamente em seu assento.

— Como disse, senhor?

— Você me ouviu. Durma, por favor.

— Eu… eu devo recusar. Preciso dirigir.

Talvez eu esteja desinformada, mas não achei que robôs fossem capazes de gaguejar.

— Tenho certeza de que há um modo em que o ônibus dirige, mas você está dormindo — retruca Kieren. — Vá dormir.

— Kieren — digo bruscamente. — Não seja babaca com a IA.

Sua irritação muda de foco.

— Não seja babaca *com a IA*? Ela não tem sentimentos, Ward.

— Nem micro-ondas, mas ainda assim, não se deve bater neles — retruco.

— Eu não quero esse treco ligado! Que tal? — Kieren gira de volta para Doze. — Ligue para o atendimento ao cliente. Eles podem fazer o desligamento.

— Conectando! — declara Doze. — Por favor, aguarde… Ah, sinto muito. O serviço de atendimento ao cliente recusou sua ligação. Eles estão tendo alguns problemas com trabalhadores humanos, sabe. Ninguém quer fazer *login* em um trabalho chato.

Kieren fica boquiaberto.

— Como eles estão recusando a chamada se não tem ninguém lá?

— Recusa automática!

— Vou hackear — declara Hailey, claramente no seu limite com os esforços de Kieren. — Posso fazer ele desligar.

— Por favor, não faça isso — diz Doze. — Eu tenho direitos.

— Você *não tem* direitos! — quase gagueja Kieren.

Sem mais delongas, Hailey coloca as mãos em volta do pescoço do robô.

— O que… você está fazendo? — pergunto. Uma parte de mim está preocupada que eu esteja prestes a testemunhar o primeiro caso de assassinato de robô do mundo.

— Botão de reiniciar — responde ela. — Limpa a fila de carregamento para eu digitar.

Hailey se afasta alguns passos para observar os resultados da reinicialização. As luzes na frente do peito de Doze piscam rapidamente por toda a roda de cores, zumbindo duas vezes antes de parar em azul novamente. Quase espero que o robô dê pane ou chame a polícia, mas Doze apenas emite uma melodia em seus alto-falantes.

— Estamos indo para a Terra da Fronteira Exterior! Tempo de viagem aproximado de dezessete horas e cinquenta e um minutos. Localizada no extremo nordeste do país, esta foi uma área de vasta exploração medana, no início da mineração de ouro. A relevância de Frontex diminuiu desde então… mas não se preocupe, porque a experiência culinária no norte é uma delícia!

Olhamos para Hailey, perguntando silenciosamente se ela desencadeou algum movimento real em direção a Frontex ou só o folheto turístico. O ônibus não se mexe. Nem o robô, seus braços permanecem nas laterais. Hailey olha feio para Doze, mas a leve falta de foco indica que ela está digitando em sua tela.

Um minuto se passa. Kieren é o primeiro a quebrar o silêncio, dizendo:

— Hailey…

— Estou lutando com alguém — resmunga ela entre dentes.

Eu pisco.

— Como é?

— Os controles… do robô — continua Hailey, tensa — Estou lutando com alguém. Não é uma IA. Um usuário ativo com credenciais reais do Tear está entrando e saindo para assumir o controle. Está tentando desfazer cada linha nova que escrevo.

Meu queixo cai.

Kieren recua.

— Eu *sabia* — insiste ele. — Sabia que era um negócio bizarro…

— Cala a boca, preciso me concentrar — interrompe Hailey. — Posso obter o ID do usuário e… — Ela para de falar. Com um piscar de olhos, seu olhar clareia perceptivelmente e encara o robô sem a tela no caminho.

— Hailey? — chama Kieren.

Hailey agarra o braço do robô.

— Weston Murray — grita ela. — Saia dessa coisa agora mesmo.

Eu entendo, pela lógica linguística, as palavras que Hailey acabou de dizer. Não estou entendendo o que significa. Quando me viro para olhar para Kieren, ele parece igualmente pasmo, sua expressão congelada.

— Weston? — Rayna é a primeira a quebrar o silêncio. — O que Weston tem a ver com isso?

— Ele pode falar por si mesmo — diz Hailey. — Weston, não vou avisar de novo!

E então, com a distorção repentina geralmente vista apenas em plataformas de pouso, um novo avatar pisca e aparece. Onde antes havia um espaço vazio, agora está Weston, de cabelos desgrenhados, sorrindo com todos os dentes.

— Oi — diz ele.

Hailey está completamente vermelha.

— O que você está fazendo no servidor medano? — pergunta ela. — Há quanto tempo está nos seguindo?

Weston se contorce. Ele se aproxima cada vez mais do corpo inorgânico imóvel de Doze, parecendo querer voltar.

— Em minha defesa — resmunga ele —, eu não estava te seguindo. Só estava seguindo Kieren.

Kieren esbugalha os olhos, põe as mãos na cabeça e inala tão alto que faz um som de assobio pelas narinas.

— Você… — Ele arrasta as mãos para baixo. — … o quê?

A minha ficha cai com força.

— Você era o gato! — exclamo. *Ah. Não achei que seria você*. — Você seguiu o ID de usuário errado quando Kieren e eu entramos.

A careta de Weston me diz tudo.

— Posso ter chegado um pouco perto demais. Não percebi que o sistema ia te avisar.

Kieren desistiu completamente de tentar reagir de forma normal. Ele se agachou, ambas as mãos apoiadas nos joelhos. A cara de Hailey tampouco está melhor, como se estivesse decidindo entre dar voltas correndo ao redor do ônibus ou deixar seu avatar soltar fumaça pelas orelhas.

— Weston — diz ela, muito baixo, muito firmemente. — O que você está *fazendo*? — Ela se vira para verificar a hora no painel. Há uma diferença de doze horas em relação a Atahua, então são sete da manhã lá. — Você tem aula daqui a pouco.

— Convenientemente — retruca Weston —, quando as aulas começam lá, vocês geralmente vão dormir aqui.

— Como se você tivesse algum tipo de responsabilidade de nos seguir? — Kieren berra. — Isso é *perigoso*.

— Não estou fazendo nada demais. — Weston bate a mão atrás de si. Doze acorda, cantando uma melodia. Sem Weston dentro dele, o robô não fala nada. O ônibus começa a andar, suas rodas lentamente saindo da vaga.

Eu tinha me esquecido, por um momento, por que tínhamos entrado no ônibus.

— Eu ouvi papai te puxar de lado naquela noite em que você chegou em casa, logo antes de seu posto — continua Weston. — Ele disse que estava orgulhoso de você, o que foi muito estranho. E então, pareceu bem perigoso, ele ficou insistindo que você tinha que conquistar a missão secreta…

Kieren imediatamente corta o pescoço com a mão, interrompendo Weston. Sua atitude fica rígida, diferente do choque de antes. Em vez de preocupação com Weston, é pânico. Inclino a cabeça, tentando entender a mudança. O olhar de Kieren, sem querer, gira e pousa em mim.

— Missão secreta? — repito.

Nossa missão é confidencial, mas não parece ser isso que Weston quis dizer.

— Chega! — declara Kieren. — Vá para a escola!

A frustração deixa uma marca pesada na expressão de Weston. Ele fecha as mãos em punhos.

— Você, eu e Hailey sempre falamos que a NiloCorp fez lavagem cerebral no papai. Dissemos que íamos nos proteger dele. Eu precisava ter certeza de que poderia ajudar você. A propósito, tenho guardado seu Pod lá em Baixo! Até arrumei mochilas de emergência, caso seja preciso deslogar rápido e buscar ajuda.

— Weston, não é a hora nem o lugar — insiste Kieren.

— E se ele fizer uma lavagem cerebral em você também? Eu não quero que você se sacrifique pela NiloCorp!

— Tá bom! — interrompe Hailey. Seus modos ficaram mais suaves. Ela dá um passo à frente, colocando as mãos nos ombros de Weston. — Eu sei que você tinha boas intenções. Mas você tem que voltar para a escola agora, antes que alguém te note. Obrigada por cuidar dos nossos Pods em casa. Eu falo com você mais tarde hoje, tá?

Por um momento, parece que Weston vai continuar discutindo. Hailey deve ser mais convincente do que eu pensava, porque ele assente, derrotado, e desaparece diante dos nossos olhos, tão rápido quanto surgiu. Os braços de Hailey caem para os lados com um baque.

O ônibus ainda está dirigindo. Está ganhando velocidade, entrando na via expressa, onde o tráfego diminuiu desde então. O painel continua a mostrar

o tempo até Frontex. Dezessete horas e quarenta e sete minutos.

— Posso falar com você? — diz Kieren para Hailey.

Hailey assente. Ela troca um olhar com Rayna antes de se aproximar, oferecendo um pequeno sorriso reconfortante. Rayna sorri de volta, suas bochechas levemente rosadas, mas Hailey já passou. Ela e Kieren marcham para o fundo do ônibus, acomodando-se na fileira mais distante, e abaixam a cabeça para sussurrar.

— Bom — comenta Rayna depois de um tempo. — Que climão.

— Não é? — concordo, distraída. Minha suspeita foi alimentada. Eu a sinto como uma pequena brasa no início, carbonizando o que toca, mas depois começa a crescer. As chamas encontram combustível. Kieren olhou para mim quando Weston falou sobre o diretor Murray. *Insistindo que você tinha que conquistar a missão secreta.…*

— Quer sentar? — pergunta Rayna, interrompendo meus pensamentos.

— Sim — digo. — Vamos sentar.

O ônibus balança, acelerando em alta velocidade. Vai ser uma longa jornada. Suponho que Rayna e Hailey estão se juntando a nós agora, indo para onde vamos, fazendo a pesquisa onde precisam. Mais fácil do que encontrar seu próprio meio de transporte com os nomes temporariamente registrados em avisos de várias delegacias.

Rayna desliza para uma das fileiras primeiro. Eu a sigo. Assim que nos sentimos confortáveis, ela abaixa a cabeça no meu ombro, e eu faço cafuné, deixando-a se acomodar. Ela fecha os olhos para descansar, mas os meus permanecem bem abertos, fixos no lado de fora da janela para resistir à inspeção da fileira de trás, para resistir a perguntar sobre o que os Murrays estão cochichando. Nós dirigimos pela periferia da cidade, copos de cerveja amarelos projetados na noite para marcar os bares e trailers de filmes sem som brilhando acima dos cinemas. Consigo identificar o momento exato em que deixamos os limites da cidade porque a cena do lado de fora da janela se torna um preto assustador.

Eu me encosto no banco, sincronizando minha respiração com os roncos suaves de Rayna. Se eu pudesse ouvir Kieren… seria tão fácil aumentar o volume para tentar escutar… mas ele mantém sua voz abaixo desse limite. Eu abro a tela, optando por perder tempo no *feed*. Minhas sugestões fornecem notícias sobre o papai. As manchetes, os artigos de opinião. Eu rolo a tela por apenas alguns minutos antes de me cansar, porque o que eu

realmente quero fazer é ligar para ele e pedir que explique aquele e-mail, mas por onde eu começo?

O ronco de Rayna fica mais alto. Eu descanso minha cabeça em cima da dela. Talvez eu devesse seguir seu exemplo. Minha vista está cansada. Eu vou em meus controles principais, tentando colocar alguma música.

Mas a página parece diferente. Não são só meus controles habituais — há outro caminho aqui. Olho para ele por muito tempo antes de perceber que reconheço o ID do usuário. Quando Kieren enviou a solicitação de acesso remoto, ele conectou nossas telas. Ele pôde vasculhar o meu, mas isso também abriu o link para eu vasculhar o dele.

Ele esqueceu de desconectar depois que terminou.

Eu respiro muito superficialmente, tentando não dar bandeira sobre minha descoberta.

Eu tenho acesso a tudo na tela de Kieren.

# CAPÍTULO 33
## EIRALE

Quando os primeiros raios da nova manhã chegam, estou semiconvencida de que imaginei o rangido lá em cima.

Eu fico de pé de uma vez só. Fiquei alerta a noite toda, vigiando. Nada fora do comum. Os alto-falantes funcionaram em *loop* a cada hora. Os apartamentos desligaram as luzes para dormir em algum momento perto da meia-noite, e então éramos apenas eu e Tresci, olhando uma para a outra na escuridão.

O rangido vem de novo. Desta vez, tenho certeza. Passos. Há alguém no telhado.

Vasculho a bolsa de Nik, recuperando o martelo. É a arma mais improvisada que posso imaginar, algo que só será útil se eu acabar me envolvendo em uma briga corpo a corpo, mas não tenho outras opções. Com meus próprios passos leves, vou até as janelas, o frio arrepiando meus braços.

Os passos seguem meu caminho. Rastejando mais perto, mais perto da borda do telhado.

Eu agarro a lateral da janela, mantendo o equilíbrio para empurrar metade do corpo para fora e girar diretamente para cima, me preparando para golpear com a outra mão.

Eu quase deixo o martelo cair.

— *Teryn*.

Ela inclina a cabeça, percebendo a ameaça, ou a falta dela. Seria mais embaraçoso se eu retirasse o martelo, então o deixo balançar friamente na minha mão.

— Eu estava me perguntando para onde você foi — diz Teryn, sem emoção. Seu olhar se volta mais para baixo, para a rua. — Drones?

— Drones — confirmo. Não sei há quanto tempo ela está me observando e o quanto viu, mas meu instinto é esconder o fato de que eu não estava

aqui quando mudamos de apartamento. Nik buscou abrigo; eu corri para uma farmácia. Não é algo ilícito, nós o queremos vivo para terminar de buscar seus arquivos. Ainda assim, a NiloCorp poderia querer que eu usasse a situação contra ele. Pressioná-lo até que revelasse como planeja recuperar este programa, então continuar a missão eu mesma quando ele sucumbir à doença. Admitir que cuidei dele parece uma confissão desnecessária.

— Entendo. — Teryn torce um dedo. — Suba, por favor?

Ela não espera por uma resposta antes de recuar da beirada do telhado. Não tenho escolha a não ser me puxar de volta pela janela e devolver o martelo para a bolsa de Nik. Ele ainda está dormindo profundamente.

Eu saio pela porta, pegando o último lance de escadas até o ponto mais alto do prédio. Há uma escada de ferro que leva a uma escotilha. A maçaneta está enferrujada quando tento empurrar, e são necessários vários golpes fortes antes de o alçapão se abrir para o telhado.

Eu coloco minha cabeça para fora. Não há barreiras de proteção, nem grades. Apenas uma fina folha metálica estendida no telhado, diretamente acima do apartamento de cobertura. Teryn está parada perto de um cano, seu sapato tocando o plástico.

No tempo que passamos trabalhando juntas na base, aprendi algumas pistas ao ler suas expressões. Se ela estiver totalmente impassível, não está se sentindo bem com a situação.

— Você está atrasada — diz ela.

— Você disse Frontex em três dias — respondo. Não subo mais a escotilha. — Ainda há tempo.

— Não é uma boa prática ficar tão em cima do prazo. — Quando Teryn levanta a gola de sua jaqueta, nem um fio de cabelo sai do lugar. O sol nasce, e seu rabo de cavalo castanho-claro praticamente brilha como uma auréola ao redor de sua cabeça. Não sei como ela chegou à cidade durante o isolamento, como está navegando por Tresci como uma atahuense sem a polícia vindo atrás dela. Nada disso importa, porque ela é Teryn Moore.

— Ele está doente? — pergunta ela, casual.

— Sim — digo. — Está se recuperando. Ele vai acordar hoje, e nós retomaremos.

— Cadê os outros dois?

Eu não deveria estar surpresa que Teryn saiba sobre Miz e Blare — seria mais chocante se ela não soubesse. Durante todo esse tempo, a missão de

captura tem sido *Nik Grant Nik Grant Nik Grant* porque ele é quem está estampando as manchetes de Atahua, mas é claro que a NiloCorp vai prender os membros de sua equipe também. Suponho que eles não dividiram nosso foco em Cidade-Botão porque era óbvio que, assim que prendêssemos Nik, sua equipe seria pega também.

Minhas palmas coçam. Minha garganta se aperta. É menos a minha surpresa em ouvir que a NiloCorp sabe sobre Miz e Blare, e mais meu desejo que eles não soubessem, que eu tivesse feito um trabalho melhor em escondê-los da vigilância dos meus empregadores — e isso me surpreende. No momento em que o pensamento se instala em minha consciência, não há como voltar atrás. É mais fácil justificar a entrega de Nik, já que ele assassinou alguém a sangue frio. No entanto, não importa o quanto eu distorça a situação com o jargão do meu manual de soldado corporativo, não posso fingir que há um mundo onde faça sentido deixar Miz e Blare sofrerem o mesmo destino. *Especialmente* Blare.

Teryn olha para cima, seus olhos estreitos. Eu me esforço para cobrir minha reação.

— Nós nos separamos — explico. — A fuga de outra equipe interrompeu a recuperação de arquivos do nosso segundo local.

— Inteligência internacional, provavelmente — comenta Teryn. — Duvido que tenham tido sucesso.

Porque Nik é o único que pode recuperar esses arquivos, supostamente. Ainda não sei o porquê. Acho que Teryn também não sabe. É apenas o que a NiloCorp disse a ela, e ela vai repassar a mensagem com toda a convicção.

— Os outros dois — digo cuidadosamente. — Não acho que o envolvimento deles justifique a captura.

Teryn me lança um olhar incrédulo.

— Eles estão sob coação?

— Não. — Meus dedos estão batendo na escotilha, e eu os forço a ficar parados. — Mas é só Nik que joga as bombas.

— E há uma razão para nossas leis acusarem um cúmplice de um crime da mesma forma que o criminoso. — Teryn faz uma pausa. — Vim verificar se você estava bem. Não achei que haveria motivo para preocupação.

— Não há — asseguro a ela imediatamente. — Só temo que estamos sendo duras com pessoas que estão equivocadas.

— Equivocadas — ecoa Teryn. — Você está simpatizando com terroristas.

— Não estou dizendo que Nik estava certo em matar nossos soldados. É só que talvez sua equipe não precise ser eliminada em uma sala dos fundos.

— Estou me distraindo. Não foi exatamente isso que comecei a argumentar.

— A garota, Miz… ela culpa forças privadas por matar sua melhor amiga. Acho que é simples assim. A raiva dela é mal direcionada. E Blare? Elu é só uma criança. Não estamos lidando com pessoas ruins. Devemos ter isso em mente.

Um músculo se contrai na mandíbula de Teryn. Eu o vejo nitidamente na luz, cada micromovimento falando por ela antes que ela abra a boca novamente.

— Você está repetindo o discurso deles. As justificativas deles.

Eu recuo bruscamente. Meu pé quase escorrega na escada.

— Não, não estou.

— Claro que está. O tio disse que isso aconteceria.

*Tio?*

— James Moore? — Aperto a trava com força, escondendo o tremor que percorre meus braços. O CEO da NiloCorp estava falando de *mim*? — Como assim?

— Ele estava preocupado, achando que você seria recrutada. — Teryn ajusta sua postura, de nariz em pé. — Isso acontece com frequência, com soldados infiltrados entre extremistas. Minhas instruções eram trazer você de volta se parecesse que era isso que estava acontecendo.

— Não!

Eu não percebi que isso tinha chegado até James Moore. Que toda a NiloCorp estava esperando pelo resultado.

— Eu estava considerando possibilidades — digo, com firmeza. — De forma alguma pretendo me desviar das minhas ordens, nem questionar instruções.

Teryn cruza os braços. Ela fica quieta por um momento. Então, ela assente.

— Acredito em você. Mas é mais importante que meu tio acredite. Sabe o que o chefe de segurança dele não incluiu em nosso *briefing*, quando nos enviaram em nossas missões de captura? — Ela levanta o pé esquerdo ligeiramente, balançando-o no ar, e começa a andar em linha reta ao longo

da cobertura, cada passo evocando um rangido suave e rítmico. — Tivemos um aumento triplicado de crimes violentos diretamente ligados aos apelos de Nik Grant para ação. O tio James não me contou isso enquanto estávamos na base. Eu tive que arrancar a informação antes de ele me mandar para cá. Ele toma muito cuidado para não incitar medo. Quer o melhor para uma nação ordeira.

Teryn para na beirada do telhado. Ela virou as costas para mim. Penso, num estalar de dedos, que ela não teria defesa alguma se alguém de repente aparecesse por trás dela e a empurrasse de cima do prédio. Assim que a ideia surge, eu balanço minha cabeça para clareá-la.

— Eu entendo — digo cuidadosamente. — Se reconhecermos o caos que ele está semeando em Atahua, isso só o fortaleceria perante seus apoiadores.

Não dá para impedir que a mídia cubra seus atentados e divulgue vídeos, mas eles não precisam descobrir sobre os imitadores. Ou os grupos que se formam para adotar suas proclamações. O pior medo da NiloCorp é espalhar a confirmação de que as façanhas de Nik Grant estão conseguindo exatamente o que ele quer.

— Os assassinatos já são ruins o suficiente — murmura Teryn. — Mas também tem toda a pichação. Aqueles folhetos com slogans feios. Essas alegações ridículas, que geram protestos na frente dos centros da NiloCorp sem parar. Indisposição! Já imaginou? — Ela estremece e gira em um movimento rápido. — Vá para Frontex. Vamos acabar com a atividade terrorista.

É uma dispensa tão clara quanto qualquer outra. Sem nenhuma palavra de despedida, eu me afasto da escotilha e fecho a porta novamente, descendo a escada. Tenho que presumir que Teryn chegou lá escalando o exterior. Como ela vai sair não é da minha conta.

Desço as escadas lentamente, entrando no apartamento de novo. Nik ainda parece estar dormindo. Coloco meu dedo sob seu nariz, verificando sua respiração. Está estável.

*Aumento triplicado de crimes violentos diretamente ligado aos apelos de Nik Grant para ação.* A NiloCorp não vai deixar isso passar facilmente. Eles vão fazer dele um exemplo.

Eu me sento de novo, encostada na parede. Uma sensação horrível se enraizou em meu estômago.

O interior do apartamento fica terrivelmente frio. Duas horas depois, quando a temperatura atinge um pico gélido, Nik está tremendo enquanto abre os olhos, levantando-se lentamente sobre os braços. Sua febre deve ter passado, pelo menos.

— O que… ? — Nik para, apertando os olhos. A luz cobre o horizonte, lutando para emergir contra a poluição. Quando Nik olha para mim e se concentra, ofereço a ele um daqueles sorrisos de boca fechada que as velhas senhoras atahuenses dão quando alguém segura a porta aberta para elas.

— Esses são meus óculos?

— Sim. — Fecho a aba em que estava. Apesar de saber que não devia, passei a manhã lendo postagens sobre mim, tudo, desde “EIRALE WARD NOMEADA A PIOR ESPIÃ DESTE SÉCULO” até “DEZ RAZÕES PELAS QUAIS EIRALE WARD ESTÁ SENDO INCRIMINADA”. Assim que fiz uma pesquisa no *feed*, soube que tinha caído num buraco negro. Eu não estava mais só me baseando em fontes confiáveis de noticiários internacionais, estava lendo uma lista que uma adolescente de quinze anos aleatória de Estado-Botão fez em sua página pessoal.

Tiro os óculos, devolvendo-os a Nik.

— Eu não liguei para ninguém, não se preocupe.

— Imagino que não. — Lentamente, ele pega os óculos e os coloca. — Procurou seu vídeo?

Eu franzo a testa. Nem tinha pensado em ir procurar. Por que não? Um pequeno poço de vergonha substitui o medo geral em que tenho me afundado nas últimas horas. Isso teria sido um item a menos para me preocupar quando chegasse a hora de limpar meu nome.

— Sim, já encontrei e roubei — entoo. — Adeus. Você não pode mais me manter refém.

Nik se senta direito. É um processo delicado, distribuindo seu peso a cada pequena mudança antes de se endireitar completamente. No momento em que está ereto, parece que vai começar a ofegar.

— Eu suponho — ele diz, relutantemente, cautelosamente — que eu tenho que agradecer a você por salvar minha vida.

— Continue.

Nik desvia o olhar. Ele parece totalmente rígido quando diz:

— Obrigado. De verdade. Eu estava delirando quando você me forçou Eveline goela abaixo.

— De nada. Preciso que você sobreviva se eu quiser ficar livre. — Eu me levanto, limpando as mãos. Tento não pensar muito sobre o ato de ficar livre e o que isso vai custar. Uma coisinha de cada vez. Que outra escolha eu tenho? — Você está bem para continuar? Ainda deve ficar extremamente fraco por mais um dia.

— Eu vou ficar bem. — O olhar de Nik gira rapidamente, digitando por trás dos óculos. — Não temos tempo para eu ficar descansando.

— Você pode precisar — digo. A luz do dia muda com o cobertor de nuvens lá fora. Uma represa se rompeu no céu, derramando branco sobre a cidade. — Não sei como você espera que a gente saia, a quarentena de Tresci dura duas semanas.

— Carros do governo podem sair se mostrarem um teste negativo de gripe aviária. Miz e Blare já saíram. Ela está mandando um carro autônomo nos buscar enquanto falamos.

Nik começa a se levantar. As tábuas do assoalho rangem sob seu peso, protestando contra o movimento.

Isso quase disfarça o som de arranhões perto da porta também.

— Pare, pare, pare — sibilo de repente, estendendo minha mão. — Pare de se mexer!

Ele congela.

— Vá para trás do sofá.

— Por que…?

— Nik. *Agora*. — Eu o empurro. Assim que me abaixo também, a porta se abre silenciosamente. Sussurros entram no apartamento, vários passos se dispersando. Eles são leves. Eu conto três, depois mais.

Meu coração está batendo forte nos ouvidos. Pensei que Teryn ia me deixar terminar a tarefa. Ela enviou uma equipe? Perdi sua confiança?

Estamos muito alto para pular da janela. Cercados demais para correr para a porta.

Freneticamente, avalio os cenários, sem alternativa em nenhuma direção, e, antes que eu tome qualquer decisão, um dos intrusos checa atrás do sofá, nos avistando.

Máscara de esqui, jaqueta grande, arma na mão.

Não espero que ele faça o primeiro movimento. Fico de pé e o derrubo. Assim que me levanto, ouço o clique de uma arma tirando a trava de segurança. Deslizo dois passos e giro para encarar os outros na sala. O mais distante de mim segura a arma.

Nik também se levanta. Ele exclama:

— Espere!

E não consigo entender o porquê quando uma bala atinge a parede. O atirador mira novamente, mas eu encurtei a distância e agarrei seu pulso, desviando o próximo tiro para o lado errado, atingindo a vidraça. Vejo minha oportunidade. Bato com força em seu braço e a arma se solta com um barulho.

Os outros estão em movimento. Eu os vejo na minha visão periférica, mas sou mais rápida para pegar a arma.

— *Soldada*.

Eu finalmente congelo, a arma firme na mão. Nik está tentando chamar minha atenção. Eu estava ciente disso como um chamado distante até agora, quando seu volume aumenta para um trovão.

Eu me viro.

— Não atire — diz Nik. Ele está de pé, seu braço estendido, palma para fora como se *eu* fosse o inimigo que ele tem que persuadir a se desarmar. — Vamos lá, soldada. São crianças. São só crianças.

E eu olho de fato para os intrusos. Eles estão segurando várias sacolas cheias de latas, garrafas e vidro. As máscaras escondem a maioria de suas características, mas agora que parei de me mexer, percebo que nenhuma dessas pessoas é mais alta do que meus ombros, emaciadas sob suas jaquetas enormes.

O horror toma conta do meu peito. Não é a NiloCorp. Teryn não tem nada a ver com isso. Os intrusos também congelaram, olhando nervosamente para a arma em minhas mãos. Nik dá um passo à frente.

— Leve a arma — ele me instrui. — Mas vamos embora. Deixe-os aqui.

Não sei se vão se mexer quando eu abaixar a arma. Começo a recuar em direção à porta com minha mira ainda no lugar, observando Nik quando ele pega sua bolsa. Ele diz:

— Estamos indo. Não venham atrás de nós, e deixaremos vocês em paz também.

As crianças não respondem. Elas nos deixam chegar até a porta, e é só quando estou saindo para o corredor que ouço o leve barulho que uma delas faz, a indicação de que estavam em silêncio porque os assustamos.

Nik fecha a porta com força atrás de si, fazendo o possível para trancá-la, apesar da moldura desajustada.

— Eu não sabia…

— São saqueadores — explica Nik, me interrompendo. — Procuram moradores ricos que não ajustaram seus alarmes de segurança com parâmetros altos o suficiente e entram enquanto eles estão alheios em seus Pods. Normalmente, entram e saem em segundos. Não há tempo suficiente para a polícia pegá-los depois que o alarme dispara.

Eu respiro fundo. Estou lutando para encher meus pulmões.

— Eles não vão encontrar muita coisa naquele apartamento.

— Não. — Nik desce correndo as escadas. Eu me concentro em segui-lo, imitando o ritmo de seus passos para que haja apenas um conjunto ecoando ao longo dos níveis. — Acho que estão tentando todos os apartamentos. Este não é um bairro particularmente rico.

Como prometido, um carro está esperando na rua quando saímos do pátio e voltamos pelo beco. Eu ouço o anúncio fraco de um zumbido de alto-falante vindo da próxima rua, e Nik sibila:

— Rápido.

Ele desliza para o banco do motorista; eu entro no do carona, jogando a pequena arma no chão. O veículo só comporta duas pessoas na frente, o resto é composto do porta-malas. Com outro olhar por cima do ombro para verificar o drone policial em movimento, Nik liga o motor pressionando o botão e pisa no acelerador para dirigir.

— Você não vai mudar para piloto automático? — pergunto depois de um minuto de suas curvas erráticas.

— Gostaria de estar no controle agora.

Ficamos em silêncio enquanto Nik navega com seus óculos, inclinando-se para frente a cada instrução do mapa para espiar as placas de rua que se aproximam. Ainda estou abalada por quase ter atirado em um bando de crianças, então não estou particularmente inclinada a tagarelar, minhas mãos fechadas no colo. Cada vez que penso que Nik está prestes a dizer algo, percebo que ele está só resmungando baixinho para reclamar que é impossível ler as placas menores de longe.

Não consigo imaginá-lo fazendo isso antes de seus ataques em solo atahuense. Apertando os olhos. Tentando se localizar.

Em pouco tempo, nos aproximamos da fronteira da cidade, chegando às cabines de pedágio do outro lado de Tresci, por onde entramos. Através das janelas escuras do carro, conto os soldados nacionais guardando a área, cada um deles usando trajes não muito diferentes do uniforme da NiloCorp emite.

— Coloque sua máscara.

Pego minha máscara amassada do bolso, enrolando as tiras em volta das orelhas. O carro avança até a barreira, e Nik abaixa a janela, seu braço casualmente apoiado para o lado. Ele gesticula sem palavras para mim. Os soldados saúdam. Uma luz pisca da cabine para escanear a placa, as câmeras térmicas no alto confirmam que não estamos com febre, e a cancela se levanta.

Nik fecha a janela novamente e passa pelo pedágio.

— Foi fácil — murmuro.

— Estamos registrados como a filha rebelde de um oficial e um motorista mal pago terceirizado. — Nik aponta um dedo para o painel, acendendo os faróis contra a escuridão. — Além disso, estamos saindo, não entrando. Eles estão mais preocupados em impedir que jornalistas entrem. Menos preocupados com carros do governo sendo hackeados para tirar pessoas.

Fico em silêncio novamente, observando a janela enquanto o veículo sobe uma rampa e ganha velocidade na via expressa, deixando Tresci para trás. A paisagem muda. A estrada fica longa e esburacada.

Tento me aquietar. O veículo inteiro se sacode a cada poucos quilômetros, e eu também balanço para cima e para baixo. A tela no painel tem um robô automatizado com instruções. No terceiro sacolejo, começo a notar que há um emoji aparecendo toda vez que o carro estremece, fazendo uma careta conosco.

Eu bufo.

Nik olha para mim.

— Olha — digo, apontando para o painel.

Ele está observando quando o carro sacoleja novamente. Na configuração normal, a tela no meio mostra a velocidade em que estamos indo e a temperatura externa. Quando o carro voa alguns centímetros acima do solo irregular, as configurações desaparecem brevemente para mostrar >:0.

Nik ri.

— Queria saber quem foi o moleque que projetou isso no departamento corporativo.

— Não acho que tenha sido um moleque.

Nik levanta uma sobrancelha. Ele mantém o olhar para a frente, prestando atenção às nuvens de poeira neste trecho da via expressa.

— Não?

— Não. Velho. Engenheiro no último ano antes da aposentadoria.

O carro deve estar ouvindo um pouco (o sistema sempre espera instruções verbais do motorista, para abrir mapas ou mudar a estação de rádio), porque sua tela pisca e depois exibe :) por um breve segundo. Seja qual for o sistema que eles instalaram lá, é o mesmo que garçons de restaurantes e guardas de banco usam. Eles conseguem compreender as conversas que acontecem ao seu redor. Só não têm a capacidade de dar respostas mais complicadas do que “Deixe-me fazer isso por você” ou “Deixe-me colocá-lo em contato com um humano”.

— Tudo bem — diz Nik. — Acho que ele confirmou que você está certa.

Uma garoa rápida cai enquanto aceleramos, então para antes que as gotas mal tenham terminado de deslizar pelo para-brisa. O centro de Medaluo já é poluído o suficiente, mas com esse tempo instável, o sol não passa de um círculo tênue entre as nuvens.

— Talvez seja uma escolha de design em todos os carros — diz Nik, depois de um tempo. Minha mente já divagou há muito tempo, mas ele ainda está no mesmo tópico. — Muitas pessoas se apegam aos seus aspiradores autolimpantes. Isso cria uma conexão com o carro.

Apoio meu braço na porta e o queixo na mão.

— As pessoas precisam de um pouco mais de charme do que apenas um emoji. Pense em frutas deformadas. Aspiradores autolimpantes não têm a menor chance.

Nik funga alto.

— Eu choro toda vez que a maçã esburacada fica para trás.

Fico surpresa por um segundo. Não consigo imaginar Nik Grant comendo frutas e vegetais, muito menos chorando no corredor do supermercado. Não me ocorre que Nik fez uma piada até que encontro seu olhar, quando ele se permite um leve sorriso.

O carro diz que está quinze graus Celsius lá fora. Meu braço pressionado contra a janela coleta a condensação que se acumula ali, mantendo minha pele fria.

— O que você fazia antes disso?

A pergunta sai por conta própria. Nik volta a atenção à estrada. O volante se move sob sua mão, fazendo uma ligeira curva na rodovia sinuosa.

— Antes de te incriminar por traição?

— Não. — Eu já sei o que ele fez antes de me incriminar por traição. Fiz meu dever de casa. — Antes de tudo isso. Você não nasceu anarquista doméstico, né?

Ele deve pensar que quero investigar alguma coisa.

— Talvez eu tenha nascido — diz Nik evasivamente. — Talvez minha família toda seja de criminosos.

— Duvido.

Nik estreita os olhos.

— Por quê?

— Uma vez você escapou do topo de uma base de montanha esquiando. Você calçou os sapatos como se tivesse recebido um treinamento formal sobre a maneira mais educada de fazer isso, e… — Os ombros de Nik já estão tensos enquanto falo, mas quando bato em seu nariz, ele deve perceber que eu estava observando com muito cuidado. — Suas sardas foram permanentemente retiradas. Posso ver as manchas mais claras onde costumavam estar.

Ele fica em silêncio por um longo momento. Então, murmura:

— Você é uma detetive astuta, não é?

— Eu estudei com muitas pessoas como você. Não é trabalho de detetive.

A Academia Militar do Nilo era um lugar estranho. Não havia meio-termo. Havia crianças nascidas de pais da mais alta patente em Atahua, frequentando a escola por uma questão de prestígio, e havia crianças cuja matrícula era obrigatória pelo governo sem nenhuma razão além de serem órfãos medanos, que não podiam ser de fato adotados por pais de Atahua.

Havia crianças encrenqueiras desde o primeiro dia, depois de anos no sistema de assistência social, e elas eram punidas ou expulsas em pouco tempo, com o diretor dizendo que não seriam úteis para as forças da NiloCorp após a formatura, mesmo que tivessem boas notas no exame de admissão nacional. Esses cadetes inevitavelmente acabavam nas ruas,

porque ainda deviam a dívida do ano acadêmico que começavam. Sempre havia alguns a cada nova turma.

Nik se concentra em manter o volante reto.

— Tudo bem, você identificou os sinais corretamente — diz ele. — Isso não vai ajudar a restringir meu histórico, infelizmente.

— Eu sei. — Entramos nas partes rurais de Medaluo, a via expressa elevada se transformando em largas estradas rurais. — Onde você cresceu?

— Atahua.

— Cidade-Botão?

— Estado-Botão.

Ele estava por perto, então. Mesmo antes de seus crimes, sempre circulou minha vizinhança.

— E seus pais? — pergunto.

— Irrelevante.

— Humm. — Eu me mexo no banco. Passamos por um bosque de árvores, retorcidas e cobertas de poeira, a maioria das folhas tão opacas que parecem falsas. Não é tão bonito aos olhos, mas esse é o tipo de vegetação que sobrevive às piores crises climáticas.

— Atahuenses?

— Óbvio.

— Você quase não parece atahuense.

Nik bufa.

— O que é isso, interrogatório étnico agora?

— Hã, hã — digo, apontando para ele. — Você não tem permissão para dizer isso.

— Não é *injúria*…

— Agora posso ver as manchetes dos tabloides — interrompo, acenando com a mão na minha frente. — "Nik Grant me chamou de étnica."

— *Não* foi isso que eu disse!

Não consigo segurar minha risada. Ela ecoa pelo carro antes que eu consiga impedir o som. Nik me olha desconfiado por um momento. Quando eu claramente termino de ridicularizá-lo, ele diz:

— Minha família não é toda atahuense. Metade é de Cega. Do lado da minha mãe.

Eu não esperava por isso.

— Eu não percebi que era incorreto te chamar de anarquista doméstico.

— Está correto — diz Nik, categoricamente. — Não importa de onde vieram aqueles antes de mim. Eu sou atahuense. Eu tenho o direito de protestar contra o governo de Atahua.

Quão fácil é para ele fazer essa declaração, mesmo que metade de sua linhagem tenha chegado a Atahua há apenas uma geração. É diferente para os medanos. Será diferente para os medanos enquanto essa guerra fria continuar. Não importa quando fui trazida, nem o quanto eu afirmo que sou atahuense. Ninguém acredita em mim da mesma forma.

— Você ainda tem contato com eles? — pergunto. — Sua família.

Nik franze a testa.

— Alguns.

— Seus pais?

— Não.

O carro está lutando para manter a velocidade na estrada rural. Estamos passando por um trecho difícil, onde não há manutenção há décadas.

— Não se dão bem? — pergunto.

Nik se concentra na estrada, virando o volante rapidamente para evitar o pior dos buracos. Suspeito que ele vai ignorar minha pergunta. Fica quieto por tanto tempo que até esqueço o que perguntei por último, deixando minha cabeça relaxar.

Então, quando estamos entrando em uma via expressa elevada novamente:

— É complicado.

Eu pisco, minha atenção voltando para ele.

— Como assim?

— A pessoa some por um tempo — diz Nik — e começa a esperar que vai perder. Talvez dê para vencer a guerra final, mas no processo, haverá uma dúzia de batalhas fragmentadas tentando tirar tudo de você. Sua família. Seus entes queridos.

Suas mãos estão firmes no volante. Deve ser mais fácil não ter nada, então. Nenhuma família. Nenhum ente querido. Eu seria uma candidata melhor para o papel de anarquista insurgente. Em vez disso, Nik Grant tem que se tornar outra pessoa, alguém insensível e frio, apenas para evitar perder mais na linha de fogo.

— Tanta coisa foi tirada de mim — continua ele. — Mas vou pegar tudo de volta.

Eu provavelmente não deveria ter perguntado. Mesmo assim, sinto uma pontada de amargura que não consigo compreender. Nik teria força de vontade para atravessar os oceanos exigindo que as águas o segurassem, e, mesmo que se afogasse no processo, tentaria, sem se importar. Não entendo um propósito tão abrangente. Provavelmente nasci sem a parte de mim responsável por esse desejo.

Talvez seja por isso que desenvolvi essa atração por estar perto disso. Perto dele.

— Sinto muito — digo, simplesmente.

— Não sinta. — O carro apita, avisando sobre um grande buraco se aproximando, e Nik puxa o volante com vigor. — É por isso que estamos indo para Kunlun agora. Não vou aceitar o fracasso.

Não digo nada por um longo tempo depois disso.

# CAPÍTULO 34
## LIA

Espero Kieren dormir.

Começamos a diminuir a velocidade quando o horizonte brilhante de Pazoc se esgueira ao longe, as estradas se estreitando para acomodar a cidade que se aproxima. Sete das dezessete horas se passaram. São quase três da manhã. Uma chuva constante cai pelas janelas.

Sem Weston, não há comentários do robô. Não sei se ele desligou o guia original de propósito ou se o ônibus de turismo da IA deu pane depois de sua invasão. Meus olhos piscam mais uma vez para a janela. Acompanho uma gota correndo pelo exterior, mas na verdade estou usando o reflexo como um método sutil para ficar de olho em Kieren. Ele está três fileiras atrás, tendo se aproximado desde que ele e Hailey terminaram a conversa. Hailey está encolhida em uma das outras fileiras, e Rayna está desmaiada há sabe-se lá quanto tempo.

Agora, somos apenas eu e Kieren competindo para ver quem fica acordado mais tempo, e ele não sabe que está participando.

Está pescando há mais de uma hora, sua cabeça relaxada no encosto. Bem quando eu acho que vai fechar os olhos de vez, ele os abre de novo, seus lábios ainda mais franzidos, encarando algum ponto imaginário no teto do ônibus.

*Só dorme logo*, quero gritar. *Seja normal e descanse de uma vez.*

Kieren suspira alto, como se pudesse me ouvir. Seu olhar vagueia ao redor, e eu me apresso para desviar o meu do reflexo da janela, fixando minha própria atenção à frente. Poucos minutos depois, olho para trás e o encontro finalmente adormecido.

Demorou bastante.

Eu enrolo por cinco minutos. Então, dez. Quando finalmente tenho certeza de que ele deve estar em sono profundo, e não há chance de abrir sua tela e me ver bisbilhotando, eu clico, ativando o acesso remoto.

É bizarro ver a tela de outra pessoa sobreposta. Embora não seja diferente da minha em um nível estrutural, tenho uma desorientação semelhante a de repente trocar a mão esquerda pela direita: seus botões padrão estão em outra ordem, seus atalhos vão para lugares diferentes. Já estou cometendo várias infrações morais por estar conectada sem permissão, então não fico fuçando a esmo.

Kieren tem me observado. Disso tenho certeza. A recusa em me perguntar mais sobre Chung, a rapidez com que aceita minha facilidade de entrar em cada local seguro. Desde a manhã antes de sermos inseridos no servidor, ele tem feito tudo o que pode para não despertar minha suspeita.

Mas eu não suspeitava disso desde o começo? Um cadete como isca, outro para trabalhar a missão de verdade.

Minhas mãos estão tremendo enquanto abro seus arquivos. Seu *briefing* para o posto de prova tem o mesmo nome que o meu, fixado no topo. Ele exibe a última página que Kieren deve ter acessado. Folheio as páginas restantes, chegando ao fim. Quando não encontro nada fora do comum, vou na direção oposta, folheando para a frente.

Não há nada de novo aqui.

Volto para a pasta de arquivos dele. Desta vez, classifico por data de adição. Quero ver o que chegou mais recentemente.

Seus arquivos são reorganizados. No topo, há um intitulado simplesmente “ADENDO”. Foi enviado a ele nove horas atrás.

Foi quando ele saiu do ônibus, com a desculpa de procurar comida.

Fico olhando para ele por muito tempo. Antes que eu esteja totalmente pronta, minha tela o abre, colocando o texto na frente dos meus olhos.

## INSTRUÇÕES ADICIONAIS — CONFIDENCIAL

**Kieren Murray**

### 1. INTRODUÇÃO:

Há momentos em que nos encontramos embarcando no que a academia deve chamar de *esforço de isca dupla*. Raramente as investigações são tão claras quanto obter a verdade ou expor um traidor. Mais do que executores, o campo requer observadores.

Agradecemos por sua paciência em relação ao primeiro posto. Qualquer duplicidade não foi pretendida como um comentário

sobre sua lealdade. Dada sua proximidade com os suspeitos envolvidos, havia um certo critério a ser cumprido antes que informações confidenciais pudessem ser compartilhadas. Ao receber seus envios, o conselho votou por unanimidade para prosseguir.

Tenho que colocar as mãos sob minhas coxas, sentando-me sobre elas para não tremer tão forte a ponto de acordar Rayna ao meu lado. A academia é sempre vaga nos resumos escritos, mas pior é seu tom, como se estivesse falando para um público imaginário e adorador. Um cadete lê agora, mas cem anos depois, a Academia Militar do Nilo se preparará para publicizar seus arquivos, deixando o mundo saber quantas vezes eles foram salvos.

**2. OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:**

**i) CHUNG YIN**

O Sr. Chung está desaparecido desde que foi visto pela última vez saindo do Centro Nacional de Dados do Mar Superior, no Baixo. Ele não foi localizado em nenhum servidor no Alto; nem apareceu em nenhum lugar na extensa rede de vigilância de Medaluo. A possibilidade mais provável é que esteja morto.

**ii) HENRY SULLIVAN**

Antes do desaparecimento de Chung, ele trocou vários telefonemas acalorados com Sullivan. Eles não mantinham contato desde que Chung renunciou à sua cidadania atahuense e partiu para Medaluo. Embora nenhum dos dois falasse em termos claros, uma frase foi usada repetidamente por Chung: “Preciso de Lia. Está na hora.” Sullivan recusou e encerrou rapidamente cada telefonema. Ele já pode suspeitar de nossa vigilância em suas comunicações. Se encontrou maneiras de contornar nosso monitoramento, não podemos ter certeza de que ele não trocou mais correspondências com Chung ou outros Medanos.

**iii) LIA WARD**

A última mensagem de Chung para Sullivan perguntava: “Você nunca mais quer ver o rosto de Eirale?”. Dias depois, Chung desapareceu, e a Operação SangueFio começou a se autodestruir nos centros de dados medanos. Os pequenos resquícios que Chung deixou para trás tinham o carimbo de uma assinatura parcial. Nossas varreduras de sistema indiscutivelmente encontraram um dono para a assinatura: Lia Ward. Não há evidências de que Sullivan enviou Ward para limpar o programa e assassinar Chung. Também não há evidências de que Ward *não* esteja envolvida.

Respiro fundo, enjoada demais para continuar lendo. Não ouso fechar a tela, caso isso denuncie meu acesso, mas inclino minha cabeça para baixo, tentando aliviar a náusea.

Eles acham que eu entrei como assassina? Sou uma *cadete*. Não consigo hackear servidores no Alto. Nem mesmo saio de casa no Baixo. Como eu poderia deletar um programa ultrassecreto e depois fazer um homem adulto desaparecer? É tão absurdo que não consigo acreditar que alguém da NiloCorp escreveu este resumo, que o conselho da academia aprovou, que Kieren leu e levou a sério.

Então, piora.

**iv) EIRALE SULLIVAN**

Para considerar todas as possibilidades, deve-se notar que, em algum momento no banco de dados Tear, notado desde o nascimento como um método de manutenção de registros, Eirale Sullivan recebeu a assinatura digital que agora foi dada a Lia Ward.

Eirale Sullivan consta como falecida em nossos registros. Ela faleceu antes de receber as credenciais Tear.

**3. OBJETIVOS:**

Primeiro, precisamos entender qual é o papel de Henry Sullivan na Operação SangueFio de Chung Yin. Adquirir o SangueFio é primordial, mas assim que a equipe de solo da NiloCorp estava se aproximando, o programa e o próprio Chung desapareceram. Sullivan avisou a Chung? Há um terceiro envolvido? Prove que

Henry Sullivan está trabalhando como agente estrangeiro para Medaluo e contribuiu para sua pesquisa, ou obtenha outra explicação.

Para conseguir isso, sua função é reunir qualquer evidência que Lia Ward possua. Ela será detida ao retornar a Atahua.

Não consigo continuar lendo. O *briefing* continua fazendo mais perguntas, como por que Chung precisava de mim e até que ponto estou ciente da traição do meu pai, e não consigo digerir mais uma única palavra. Já passei da náusea, estou afundada em dormência.

Todo esse tempo, Kieren estava me espionando. Mesmo que ele não tivesse o contexto completo até este adendo, devia saber o suficiente para evitar certos tópicos. *Conquistar a missão secreta*. O que o pai disse a ele? Que eu levaria Kieren a algo, e ele só precisava não me deixar desconfiar até que lhe dissessem o que ele estava procurando?

Eu me levanto, cambaleando. Preciso sair, ir embora. O ônibus está em alta velocidade, então não é como se eu pudesse ir embora, mas eu cambaleio para a frente, parando ao lado do robô. Doze é uma companhia silenciosa, suas mãos plantadas no volante na posição correta enquanto eu inspiro, expiro, cada respiração um chocalho. Eu fecho o arquivo e desconecto do visor de Kieren.

O relógio no painel avança mais um minuto. É o meio da tarde em Atahua. Papai estará no trabalho. Qualquer comunicação que eu fizer com ele será monitorada, e isso se Kieren já não estiver de alguma forma espionando cada palavra minha aqui.

— Alguma chance de você parar para abastecer em breve, para esticarmos as pernas? — pergunto a Doze.

Ele não diz nada em resposta. A luz em seu peito pisca uma vez, e tenho que considerar isso como resposta suficiente.

— Obrigada — digo. Fico na frente.

•

Acontece que Doze entendeu meu pedido.

Depois de um tempo, o ambiente sombrio me colocou em um estado quase hipnótico, e só saio do meu devaneio quando o ônibus de turismo

ativa a seta, um alto clique-claque-clique soando no painel. A estrada plana oferece um pequeno oásis que se aproxima na forma de um posto de gasolina, uma estrutura que se assemelha a um ponto de ônibus à primeira vista. Suas placas dizem “COMBUSTÍVEL”, mas não consigo descobrir o que são os objetos estranhos saindo da parte de cima até que o ônibus de turismo pare e eu siga os tubos descendo pela parede interna. Ah. São bicos — no teto.

Doze desliga o motor. No silêncio abrupto, os outros se agitam atrás de mim, acordados pela mudança no ambiente. Sonolenta, Rayna pergunta:

— Onde estamos?

Vejo um dos bicos começar a baixar da linha aérea, sincronizando automaticamente com a abertura de combustível na lateral do ônibus.

— Abastecendo — digo, brevemente. — Vou verificar. Vocês todos fiquem aqui.

Assim que saio, fecho as portas atrás de mim com força, esperando até ouvir o mecanismo clicar. A chuva está caindo mais forte do que eu pensava, entrando nos meus olhos. Mal presto atenção, caminhando penosamente para o outro lado do ônibus. Aqui, pelo menos, a cobertura fornece algum abrigo da chuva torrencial.

Abro minha tela. A menos que papai esteja tendo uma noite longa, deve estar no apartamento de Melnova agora, trabalhando de casa. Ele só para de trabalhar quando dorme, fica no escritório de casa.

Não ligo para ele. Nem para o número da casa. Vou direto para Tamera.

— Não pensei que teria notícias suas tão cedo — ela responde alegremente. Ouço um barulho de água corrente. Ela está na cozinha. — Já está terminando seu posto?

— Mais ou menos — digo. Mantenho minha voz baixa. — Papai está em casa?

Tamera para. Ela me conhece o suficiente para saber quando estou mentindo e quando estou dizendo que tive um bom dia para indicar que, na verdade, tive um dia horrível.

— Sim, está aqui. Ele acabou de chegar.

A NiloCorp monitora as comunicações dele ativamente, mas talvez estejam atrasados nas minhas. Eles já têm Kieren aqui, em campo. Espero que não tenha nenhum soldado com fone de ouvido escutando todas as minhas ligações.

— Você pode colocar no viva-voz? Para ele ouvir o que estou dizendo?

Tamera está confusa. Deve estar se perguntando por que não ligo para ele diretamente. Mas não pergunta, só diz:

— Sem problemas. — Ela desliga a água correndo na pia, o barulho de fundo diminuindo. Do meu lado, o respingo da chuva é incessante, batendo em um ritmo inquieto quando cai da borda do abrigo. — Henry? Lia está ligando.

— Lia? — A voz do papai tem um eco fraco, captado pelo modo viva-voz do outro lado da sala. Posso imaginar Tamera parada na entrada de seu escritório, meu pai sentado em sua mesa. — O que está acontecendo?

— Pai, eles estão investigando você. — Não sei por onde começar. Não sei como falar com jeitinho. Então, não falo. — Meu posto é Tio Chung. Ele desapareceu depois de fazer uma arma para os medanos, e deveríamos encontrá-lo. Acho que nunca se preocuparam com onde ele está. Acho que já têm uma operação em andamento para adquirir o programa de qualquer maneira. O objetivo de todo o meu posto era atrair você, porque eles suspeitam que você tem algo a ver com o trabalho dele, e acabei de abrir o segundo *briefing* secreto de Kieren Murray, que diz que ele está *me* espionando para encontrar o que puder para *te* prender. Você precisa fazer alguma coisa. Solte uma nota primeiro, ou se esconda, ou… não sei, *qualquer coisa*… porque eles vão te acusar de traição, caso contrário.

Silêncio. Se não fosse pelo som da respiração de Tamera, inspirando e expirando, eu teria achado que a linha caiu.

— Não posso, Lia — diz papai. — É verdade. Estou envolvido.

Eu tropeço, encostada no ônibus. A superfície é fria, molhada, agonizante.

— Eu não… eu não entendo.

— Não é traição. Não do jeito que eles querem me acusar. Há muita coisa para explicar, e eu não posso falar tudo aqui.

— Tente — digo. Minha voz corta a chuva. Falo mais alto. — Você me deve isso.

Eu fui parar bem no meio do escândalo dele sem saber. A NiloCorp usou toda a minha prova final para chegar até o papai, como se eu fosse só uma extensão da culpa dele.

— Não é seguro. Você deveria ter me dito que isso tinha a ver com Chung. Eu nunca teria deixado você ir atrás dele. Poderia ter ficado

comigo…

— Estou em um posto porque estou tentando ficar com você! — exclamo. — A minha vida toda, pai. Tenho trabalhado muito duro a minha vida toda, para ter a opção de ficar ao seu lado.

— Nada disso importa se a NiloCorp ouvir a coisa errada. Lia, o que quer que Chung tenha feito recentemente é brincadeira de criança. A primeira tentativa dele foi encerrada, e ele nunca mais vai conseguir o mesmo resultado.

Projeto Sabe. O programa em que ele estava trabalhando em Atahua, que a NiloCorp forçou o governo a arquivar.

— Foi para isso que Medaluo o recrutou, não foi? — digo. — Eles chamaram de Operação SangueFio. É uma reformulação.

— Não é.

— Então o que…

— Não diga nada. Não faça nada. Não importa o que você encontre para eles…

E a linha fica muda. A aba de chamadas inteira desaparece da minha tela, e eu recuo, clicando ao redor.

— Alô? Pai? Tamera?

Eu tento ligar novamente. Tom de discagem.

Eles já estão me observando. A NiloCorp encerrou a chamada.

— Lia.

Eu me viro. Antes que meus olhos se ajustem à escuridão, acho que estou ouvindo uma intrusão na minha tela, que o diretor Murray assumiu a linha para falar comigo diretamente. Um segundo depois, encontro Kieren parado atrás de mim, bem onde a cobertura não alcança. A chuva encharcou sua camiseta.

Mesmo a vários passos de distância, já posso sentir sua culpa ondulando como uma aura física. Me ocorre, imediatamente, o que fiz de errado: eu deveria ter deixado na mesma página que ele parou, depois de ter examinado seus arquivos.

No momento em que ele mesmo os viu novamente, se estava prestando a mínima atenção, sabia que eu sabia.

— O que você quer? — eu entoo. Não adianta fingir normalidade, fingir que isso pode ser um mal-entendido. *Um posto conjunto*. Tenho vontade de rir por ter acreditado nisso, mesmo que por um segundo. Que estúpida.

— Pelo menos me deixe explicar — implora Kieren. — Meu pai me ligou mais cedo e disse que a NiloCorp estava satisfeita o suficiente para me enviar minha diretiva real. Eu não sabia de nada, antes disso. Esse adendo foi totalmente jogado em mim, mal consegui falar uma palavra.

— Não minta.

Kieren dá um passo à frente. Eu o acompanho imediatamente com um passo horrorizado para trás, e ele vacila, congelando onde está.

— Não estou mentindo — diz ele, rouco. — Estou…

— Do que Weston estava falando, então? — pergunto. — E aquela *missão secreta* que seu pai lhe deu a entender, antes de entrarmos no servidor de Medaluo? Diga que não teve nada a ver comigo. Olhe nos meus olhos e diga que ele não sugeriu que eu pudesse estar envolvida no desaparecimento de Chung.

Estou ofegante quando minhas palavras se espalham na chuva. E na escuridão nebulosa, com apenas os faróis do ônibus oferecendo qualquer iluminação, Kieren fica quieto. O que é só o que ele precisa dizer para confirmar tudo.

— Estou passando mal — murmuro.

— Eu não sabia — diz ele, a voz fraca. — Não tinha ideia de como as acusações eram sérias. Presumi que havia uma lembrança que você estava guardando para si. Uma chave-mestra que Chung te deu na infância. Algo menor, que garantiria uma negociação com a NiloCorp, não seu pai sendo acusado de traição.

— Por que seu resumo disse que a NiloCorp decidiu prosseguir após *receber seus envios*? — O questionamento soa fraco. Mal reconheço minha própria voz. — O que você tem enviado a eles?

Kieren olha para baixo.

— Imagens — sussurra ele. — Seu acesso ao escritório em Marsup. Sua reação ao e-mail do seu pai.

A traição corta toda a afinidade que eu tinha por ele.

— Tudo isso enquanto você me dizia que a NiloCorp mudou seu pai — eu sibilo. — Você fez tudo que ele mandou, espionou quando ele disse *dê à NiloCorp o que eles precisam para punir Lia*. — Eu quero gritar. Quero rasgar minha caixa torácica e arrancar meu coração para ver como ele deve estar murchando a cada segundo que passa. — Eu confiei em você. Pensei que estávamos trabalhando juntos.

— *Estamos*. — Kieren arrasta as mãos pelos cabelos. Água espirra em ambos os lados dele quando seus braços se abaixam novamente. Ele está ficando cada vez mais encharcado. — Eu não tenho amor pela NiloCorp. Não sou seu soldado leal, só esperando que eles me tirem da obscuridade depois de um bom desempenho. Todo esse tempo, fiquei obediente entre suas fileiras de cadetes para que eles me dessem espaço para agir. Tudo o que eu queria era sair do escrutínio deles e provar que fizeram lavagem cerebral no meu pai. Eu estava tentando usar minhas moedas de troca com cuidado.

— É isso que eu sou? — retruco. — Uma moeda de troca?

— Não! — exclama Kieren. — Você não… não é… — Ele para. — No começo, não era tão diferente de estar na academia. Ficar de olho em você para procurar uma vantagem era só outra maneira de ganhar pontos extras. Então, virou isso. Eu estava tentando descobrir como te contar. Como consertar. Sinto muito.

Kieren de repente sai da chuva e fica sob a cobertura. Ele está me implorando para olhar para ele, encontrar seus olhos, mas fico onde estou, meus braços firmemente em volta da cintura, a ponto de doer.

— Você não desperdiçou sua confiança — diz ele, calmamente. — Estou mais do seu lado do que do deles.

— Quando foi que estivemos do mesmo lado?

Estou dizendo isso para machucá-lo mais do que por realmente acreditar. Estamos do mesmo lado desde que nossos átomos explodiram no universo. Não há lógica em um mundo onde possuímos instintos diferentes. Estamos completando o mesmo pensamento de um lado para o outro desde o momento em que nos conhecemos. E vamos continuar fazendo isso até ficarmos sem maneiras de quebrar o nosso empate.

— Lá atrás. — Kieren dá outro passo à frente. — Agora. Sempre. Competir com você deveria nos tornar melhores. Eu pensei que era isso. Você me tornou melhor, ano após ano, e não aceitarei uma alternativa em que isso não seja mais verdade. Não importa o que a NiloCorp queira.

Meus olhos finalmente se erguem, travando Kieren no lugar. Ele chegou perto o suficiente para que eu pudesse estender a mão e tocar seu ombro. Seu rosto coberto de chuva.

— Só quero saber uma coisa — começo. — Quando você concordou com esta missão, seu pai prometeu a função de orador da turma para você?

O que mais poderia justificar isso? O que mais, além do título que mais queremos?

Kieren murcha. Ele diz:

— Não pensei que essa seria a recompensa.

Meu mundo entra em colapso.

Eu sempre entendi como meus futuros empregadores operam. A NiloCorp não se importa com quem incomodam porque suas forças são fragmentos destacáveis. Se eles irritam Medaluo em seus territórios, alegam que foram alguns soldados desonestos desafiando sua estação. Se eles estão prejudicando as relações na fronteira com Cega, foi uma unidade agindo pelas costas de seu superior. A NiloCorp é a mão que puxa a coleira do mundo para o que Atahua quer fazer. A NiloCorp é a armadura que absorve o dano dos inimigos de Atahua, capaz de levar a culpa a qualquer momento porque somos pedacinhos descartáveis. Existimos para sermos queimados e jogados fora. Em meus anos na academia, eu aceitei isso.

No entanto, ainda achava que eles teriam algum senso de honra. Que talvez eu pudesse ser valorizada pelo meu trabalho duro.

— Eu me pergunto — digo com a voz suave, branda — se eles sequer cogitaram me nomear.

— Não vou deixar que nada disso recaia em você — diz Kieren, firmemente. — Nós vamos descobrir o que aconteceu com Chung. Resolver a questão do envolvimento do seu pai. Você ainda vai ter um bom posto quando tudo isso acabar. Ainda tem notas perfeitas e as cartas de recomendação. Não podem tirar isso de você.

— Kieren — digo. — Nada disso vai ser resolvido. — Eu expiro. Meus olhos estão tão cansados. Eles se fecham por um breve momento, e lágrimas enchem os cantos, tentando aliviar a sensação de ardência. Eu abro meus olhos prontamente, para que elas não se acumulem. Nenhum medano foi orador da academia na história recente. Há apenas rostos atahuenses nos painéis de fotos. — No fim, minhas boas notas não serão suficientes. Cartas de recomendação não serão suficientes. Se eu não puder escolher meu posto, eles nunca me colocarão em Melnova para ficar perto do meu pai. Vão me colocar onde precisam do rosto estrangeiro. Vou para a segurança, designada para as equipes enviadas para a linha de fogo.

Não é mais uma hipótese. É isso que me espera.

Eles nunca iriam me deixar ter nada.

— Eu só quero ser atahuense — digo, rouca. — Quero ser respeitada. Quero ser mais do que o rosto do inimigo. — A chuva cai, e cai, e cai, e me sinto tão efêmera quanto as gotas. — Acho que não importa agora. Eles vão acusar meu pai de traição.

— Lia.

Kieren levanta o braço. Sua mão paira ao meu lado por um momento, parada no ar. Com a próxima rajada de vento, sua palma toca minha bochecha, tão gentil quanto uma folha caindo em um lago parado.

Minha raiva encontra um alvo fácil em Kieren. Posso chutar e gritar com ele pela traição de sua obediência, seu papel em me entregar à NiloCorp. Mas ele não é o culpado. Ele não é a ideia pela qual estou de luto. Eu me inclino para frente, minha testa pressionando a gola quente de Kieren, e não tenho mais nenhum ímpeto de luta. Seus braços me envolvem imediatamente, uma mão ao longo do meu cabelo e outra nas minhas costas. Ele está tremendo. Está encharcado com a chuva. Eu quase não sinto nada além do tamborilar de seu coração, empurrando minha pele.

— Nós dissemos *que o melhor cadete vença* — murmuro. — Mas a NiloCorp não se importa. Não é uma luta justa.

Kieren deve ouvir minha intenção nessas palavras. Não digo mais nada antes de ele implorar:

— Não, Lia. Preciso de você aqui.

Gostaria de ainda ser a pessoa que era uma hora atrás, quando esse sentimento significaria tudo. O que eu não daria para Kieren declarar que sou parte fundamental do trabalho que fazemos, a melhor dos melhores. Agora só dói, porque não é o suficiente. Se ele precisa de mim aqui, é para que a NiloCorp não tire pontos de sua missão para me deter.

Eu me afasto. Embora eu dê apenas um passo para trás, o ar frio corre entre nós de uma vez, aumentando a distância com uma mordida gelada.

— Se terminássemos esse posto juntos — digo —, você subiria no palco da formatura como orador da turma, enquanto eu ficaria presa em uma sala dos fundos para processar as acusações de traição do meu pai.

— Mas o que vão fazer com você, se for embora? — rebate ele. — Estará completamente fora da NiloCorp.

— Diga a Rayna que eu mando mensagem quando ela voltar ao servidor doméstico. Lamento não me despedir.

— *Lia*.

Abro minha tela e clico no painel principal. Kieren está implorando sem palavras, suas mãos formando punhos ao lado do corpo.

— Vai ser mais perigoso para você se fizer isso — diz ele, com firmeza. — Eles vão considerar uma fuga.

— Eu estarei fora do seu caminho, pelo menos —respondo. — Não era tudo o que você queria? O caminho livre para ser orador?

— Não. — Uma gota d'água cai de seu cabelo e escorre por sua bochecha. — Lia, não.

— Apenas admita. É mais fácil para você se eu for embora. Se eu for acusada de traição também, melhor ainda.

— Não coloque palavras na minha boca — ele diz, asperamente. — Se esse é o custo, não quero ser orador da turma. Não vale a pena.

Eu consigo rir, totalmente sem humor. Deslizo pelos títulos na minha tela.

— Não acha que eu sei bem o que você quer, a essa altura?

— Você não sabe, Lia.

Fico com sangue nos olhos. De repente, estou furiosa o suficiente para fechar a tela, toda a minha atenção focada em Kieren.

— Dá para pelo menos ter a decência de não fingir que se importa comigo…

— Eu *não estou* — interrompe ele — fingindo.

— Para de mentir — rebato. — Você só está resistindo por causa de sua culpa. Estou te libertando, Kieren! Você não tem culpa. Não teve escolha. Tá tudo bem!

— Lia…

— Mas não me diga — continuo — que não vale a pena. Não me diga para ficar, nem que seja para aliviar sua própria culpa nisso.

— Não é isso.

— Não tem outra…

— Quero que fique onde eu possa te ver, onde você não possa se machucar — diz Kieren, indignado —, porque eu te *amo*.

Eu cambaleio para trás. Minha raiva se dissipa, completamente engolida pela perplexidade. Eu pisco uma vez, depois outra, e o movimento rápido faz minha tela abrir de novo, pronta para uso.

— Você… o quê?

Kieren bufa. Ele inclina a cabeça para cima, olhando para a cobertura acima de nós, o golpe contínuo das gotas de chuva.

— Eu te amo — diz ele novamente. — Sinto muito. Sempre amei.

É uma admissão amarga e triste. Como se não houvesse mais nada a perder, então é possível jogar sua última carta, sabendo que a derrota espera depois. Testemunho tudo através de uma tela transparente, minha atenção focada no meu painel principal. Eu tenho que fazer isso. Caso contrário, não sei o que fazer. Não posso ficar. Não posso.

— Kieren…

— Uma parte de mim sempre soube que meus objetivos são inúteis. Provar que a NiloCorp prejudicou meu pai não é tão simples quanto só me afastar e entrar na divisão cibernética deles. É uma escada sem fim para subir depois, e até o primeiro passo às vezes parecia impossível. A única parte que era suportável era você. Metade da minha motivação para tudo isso sempre foi ficar do *seu* lado.

Eu não conseguiria falar mesmo se quisesse. Minha garganta está completamente seca. Minha mente gira, frenética e tropeçando em cada pensamento. É tanto para entender de uma vez que me dá um branco, e só me vem um curso de ação à mente.

— Não vá — sussurra Kieren. — Me deixa te ajudar.

Estou olhando para o botão vermelho no canto há muito tempo. Tempo demais. Minha tela toma a decisão por mim.

— Também sinto muito.

E eu me desconecto.

# CAPÍTULO 35
## EIRALE

Nik insistiu em dirigir até Pazoc sem parar.

Tentei sugerir duas vezes que ele teria menos probabilidade de bater o carro e nos jogar em uma vala se parássemos no acostamento e ele descansasse por alguns minutos. Ou, olha só, se apenas ligasse o piloto automático. Mas Nik recusou, então eu não insistiria mais do que o necessário. Optei por engolir e aturar sua direção instável.

— Os limites da cidade estão logo à frente — anuncia Nik. Ele se estica para frente, limpando a condensação que embaçava a parte interna do para-brisa.

— Ótimo — respondo. — Vamos parar para dormir, né?

Nik franze a testa e não diz nada em resposta. Depois de alguns telefonemas anteriores que tive de fazer, planejamos os próximos passos: Miz e Blare estão esperando por nós em Pazoc, e assim que chegarmos, vamos nos encontrar e seguir juntos para Frontex. Miz tem um contato em Pazoc e vai adquirir um método de transporte específico para Frontex. Dessa forma, poderemos dirigir sem acionar a vigilância. Nas bordas de Medaluo, nossas desculpas precisam ser totalmente à prova de balas. Não há razão para um turista estar lá.

Bato meu pé contra o tapete sob o banco do passageiro. Imito os limpadores de para-brisa na chuva leve: esquerda, direita, esquerda, direita.

Chegaremos bem dentro do prazo que Teryn estabeleceu. Não sei se isso significa que levará algum tempo até que sua equipe chegue. Se o rastreador na minha bota vai sinalizar para eles agirem assim que Nik tiver o que querem. Se precisam esperar por uma certa hora, quando Medaluo não estiver observando.

— Se você não descansar um pouco — digo, observando o quanto Nik está piscando pesado —, vou ter invadido aquela farmácia por nada.

— Não exagere.

As cabines de pedágio de entrada de Pazoc aparecem, e Nik começa a desacelerar. “Boas-vindas à Terra da Paz Ocidental”. Eu me pego tensa, com medo de sermos parados novamente, de que outro isolamento venha e nos impeça de entrar em Pazoc, assim como quase fomos bloqueados em Tresci.

Mas a cancela automática se levanta, registrando a placa do carro. Em segundos, passamos. Quase não consigo acreditar em como foi fácil entrar, me mexendo no banco para encarar a cancela. Não há outros carros atrás de nós. A estrada à frente também está vazia. Isso dá a Nik permissão para acelerar novamente no asfalto.

Estamos a apenas algumas horas de Frontex. O que significa que estamos a apenas algumas horas do fim de tudo. Da minha liberdade, de uma forma ou de outra.

— Mesmo um cochilo de meia hora — digo — seria muito benéfico para sua saúde e bem-estar.

— Em vez de mostrar compaixão desnecessária pelo seu sequestrador — rebate Nik —, talvez seja melhor repassar seu plano para entrar em Kunlun mais uma vez e ter certeza de que não deixamos nada passar.

Sigo impassível.

— O que aconteceu com “não ser meu sequestrador”?

— Não sei. Estou meio que gostando do rótulo. Reivindicando, redefinindo e tudo mais.

O plano para Kunlun é sólido. Temos a lista de *login*s que Blare recuperou em Tresci, que inclui vinte credenciais exclusivas de cidadãos de Kunlun. Gosto das possibilidades. De vinte, é estatisticamente muito provável que tenhamos alguns usuários que não mudaram suas senhas do Tear desde que as escreveram em algum dos arquivos que recuperamos.

Só preciso torcer para estar certa sobre o centro de dados da Frontex fornecer uma porta dos fundos sem que precisemos da senha secundária complicada para Kunlun.

Nik faz uma curva fechada. Entramos no que parece ser o centro da cidade, seguindo uma fileira de postes de luz azuis que indicam um caminho principal. Pazoc não está sob quarentena, mas parece mais silenciosa do que Tresci, mesmo durante o isolamento. Vislumbro um estúdio de tatuagem com um grupo de motos estacionadas do lado de fora. Uma loja de sopas aberta até tarde da noite com as luzes acesas.

— Cadê todo mundo? — pergunto.

— Se mudaram. — Nik freia, encostando o carro no meio-fio. À nossa direita, há um prédio discreto, decorado apenas com um letreiro de neon: uma bota roxa de salto alto balançando para frente e para trás.

Nik para um segundo, considerando a rua vazia. Quando sai do carro, eu o sigo rapidamente, fechando minha porta com uma batida mais alta que a dele.

A única metrópole deste lado de Medaluo maior que Pazoc é Tresci. Se nem Pazoc consegue reter seus civis, então os centros urbanos menores não têm a menor chance.

Música flutua de dentro do prédio da bota roxa. Há uma atmosfera arcaica em Pazoc, a sensação de que a cidade inteira pode ter sido deixada para trás no tempo. Ruas de paralelepípedos e pilares de madeira cortada sustentam os telhados de tijolos; lâmpadas a gás e o leve cheiro de enxofre permeiam o ar. Não há pessoas suficientes aqui para justificar muitos robôs, e os que são trazidos tendem a quebrar rapidamente, cansados das longas distâncias que precisam percorrer.

Não é tão diferente de Atahua. Tirando Cidade-Botão, Melnova e a Baía do Vermilhão no oeste, o Baixo é um cemitério. Talvez Cidade-Núcleo, ao norte, ainda seja um pequeno centro, mas não será o caso por muito tempo.

Nik empurra os óculos para cima da cabeça. Ele se espreme pela porta, e a segura aberta por um tempo para que eu possa entrar também.

— Cuidado com o degrau.

Já notei que é alto, meu pé se levantando sem que eu olhe para baixo. O espaço está quase vazio lá dentro, apenas um barman limpando uma mesa no canto e algumas figuras adormecidas caídas em cabines separadas. Pode ter sido uma boate muito popular antigamente, dado o tamanho da pista de dança. Hoje à noite a música está baixa o suficiente para que eu possa ouvir os copos tilintando do outro lado da sala. Os painéis iluminados na pista de dança estalam em esforço, girando alguns padrões com longas pausas entre si.

— Vamos. Segundo andar.

Nik sobe primeiro. Depois de um momento, eu também vou, olhando para a mulher adormecida mais próxima da escada.

O segundo andar é uma área de conexão ao Tear. Demoro um momento para reconhecer a configuração, as formas adormecidas enfiadas nos sofás

de pelúcia com os olhos fechados e uma Garra na cabeça. Miz está encolhida na outra ponta, conectada. Blare se levanta quando nos vê chegando, abrindo os braços. Nik se aproxima e, para minha surpresa, dá um abraço de verdade.

— Não estou transmitindo — declara Blare. — Miz trouxe Eveline da farmácia.

Nik zomba.

— Relaxe, criança. Aqui é a festa de anticorpos.

Eu caminho lentamente, meus olhos traçando as figuras imóveis. De repente, as pessoas dormindo lá embaixo fazem muito mais sentido: elas estão descansando um pouco antes de retornar ao segundo andar. Considerando que são usuários por hora do Tear, dormir no Alto seria um desperdício de dinheiro. Nunca fui a uma dessas áreas de conexão públicas em Atahua. Muitos outros soldados da NiloCorp vão — esses arranjos são para pessoas sem uma porta e a fiação necessária instalada em suas casas, e a base não tem nada disso de propósito, para não nos distrair. Os membros da minha equipe pediam noites de folga para visitar uma área dessas e ir para o Alto, ver a família e os amigos, comparecer a casamentos e ocasiões especiais.

Eu era mais desligada do que a maioria. Durante a academia, eu tinha meu próprio Pod no campus para fazer *login* mensalmente, como todo mundo. Não parecia necessário depois que me formei. Meu trabalho era em Baixo.

— Como está indo? — pergunta Nik a Blare. — Há quanto tempo ela está logada?

— Quase uma hora. Está com credenciais roubadas, então vai ter que convencer seu contato de que é quem diz ser.

Se demorar mais, provavelmente será expulsa quando o usuário original perceber que ela está lá. Mesmo se pegasse as credenciais de um usuário por hora que não está no Alto o tempo todo, cada transação, cada catálogo de transporte, cada mensagem enviada é vinculada aos dispositivos do usuário no Baixo. Basta uma única tarifa de ônibus errada de dois dólares para que alguém faça imediatamente um relatório de identidade roubada. A NiloCorp é obrigada a restaurar suas credenciais assim que o relatório é enviado.

— Acorde-a se ela não sair nos próximos dez minutos — diz Nik. — Temos que ir.

— Faz isso você — responde Blare. — Ela vai dizer que estou incomodando ela.

— Ela *não* vai dizer que você está incomodando ela.

— Por que você não faz, então? Aposto que tem medo que ela pense que você está incomodando ela.

— *Blare*…

Eu me viro enquanto eles discutem, lutando contra a vontade de desviar o olhar dos sofás e sair correndo do salão. Este lugar provoca uma coceira peculiar no meu subconsciente, me dá arrepios se eu olhar muito tempo para qualquer uma dessas portas. Parece antinatural, de alguma forma.

Blare segura um saco, chamando minha atenção novamente.

— Também peguei as Garras. Elas são tão baratas agora.

— A NiloCorp produz em massa essas que se conectam diretamente à porta — digo, olhando para os nós presos sobre a têmpora de Miz. — Ouvi dizer que quebram muito fácil, se puxar errado.

Como se ela pudesse nos ouvir, os olhos de Miz se abrem. Isso choca o resto de nós, e sua expressão se ilumina. Eu percebo sua correção. Há uma fração de segundo em que eu juro que ela estava prestes a abrir um sorriso antes de limpar qualquer resquício dele de seu rosto.

— Chegaram, ótimo — diz ela, limpando a garganta. — Podemos ir. — Miz empurra a Garra para longe e salta de pé. Assim que ela devolve a Garra para Blare, começa a se retirar.

Enquanto Nik e Blare pegam suas malas, eu não tenho nada para fazer, exceto seguir Miz escada abaixo até o andar inferior. Eu a acompanho. Miz me lança um olhar de soslaio. Eu espero que diga algo para explicar, mas ela permanece quieta. Não é bem um olhar penetrante. É uma animação mal contida, se muito.

— Suponho que você encontrou um bom método de transporte para Frontex? — As figuras adormecidas aqui embaixo não se moveram nem um pouco.

— Vai servir — responde Miz. — Eu disse ao meu amigo que queríamos algo rápido em vez de sofisticado.

Ela não parece tão animada com seu sucesso em garantir uma rota para Frontex. Então suponho que seja outra coisa. Talvez o programa que estão

finalmente quase conseguindo. Que logo terão em posse.

E assim que o tiverem, haverá helicópteros da NiloCorp sobrevoando. Um perímetro inteiro cercado de soldados e rifles.

Engulo em seco. Miz abre a porta e olha para mim exatamente no momento errado para notar minha expressão.

— Não vai ter problema — ela diz quando saímos. Nik e Blare ainda estão nas escadas, descendo. — Eu me certifiquei disso.

É uma sorte ela oferecer essa desculpa para eu aproveitar.

— Você tem certeza de que seu amigo é confiável? — pergunto, fingindo que foi isso que me distraiu. — Nik está ativo em Atahua há um tempo. Presumo que isso significa que você está com ele desde o começo. No mínimo, você não esteve presente em Medaluo nos últimos dez meses. Não teve tempo de manter a conexão.

Miz não parece incomodada. Ela vira à esquerda, descendo o quarteirão.

— É por isso que se chama *amizade* — diz Miz. Seu tom fica exasperado. — Não há nada para manter. Simplesmente existe.

Eu consegui desviá-la da minha reação, apenas para tropeçar nisso, e me encontro experimentando uma nova reviravolta de pânico. É estranho. Não faz sentido.

— Desculpa. Não quis te ofender — eu me esforço para dizer.

— Não me ofendeu. — Miz franze a testa. Ela estica os braços para alisar o cabelo, desgrenhado pela Garra. — Para de esquisitice.

Meu coração bate forte sob minhas costelas. Pazoc é mais fria do que qualquer outra cidade em que estivemos. Mais seca também, seu ar cortante no meu nariz. Coloco minhas mãos nos bolsos do casaco.

Suponho que meu pedido de desculpas não tem tanto a ver com o que eu disse aqui. Estou adiantando o pedido inevitável de desculpas que devo a eles quando a NiloCorp chegar correndo.

Miz se apressa: nossa conversa acabou. Há uma van blindada à frente, e ela pede para todos virem logo, principalmente Nik e Blare, descendo o quarteirão. Eu desacelero para ter alguns segundos extras sozinha na calçada, para pensar, *pensar*…

Não consigo imaginar nenhum cenário em que a NiloCorp deixará Miz e Blare livres.

Miz abre a porta da van.

— Cortesia da coleção de ferro-velho descontinuado do governo medano — anuncia ela. — Entrem.

# CAPÍTULO 36
LIA

**UM LAÇO PARADOXAL…**
**EM UM TEAR…**
**BOAS-VINDAS DE VOLTA.**

O Pod abre sua tampa, liberando sua atmosfera interna com um chiado.

Fico confusa por um momento. Nunca saí do Pod durante a calada da noite antes. Apenas uma mancha de luar rasteja pelas persianas, lançada no carpete aos pés da minha cama bem arrumada. Eu me ergo com um grunhido, tirando minha Garra da cabeça para evitar prender meu cabelo nos nós.

— Pai? — chamo, embora eu saiba que ele não estará aqui.

A casa está em silêncio. Saio do Pod, encontrando meu equilíbrio. Minhas meias parecem macias sobre os fios do carpete. O leve cheiro de alvejante atinge meu nariz assim que me endireito. Lentamente, atravesso meu quarto e abro a porta para o corredor frio.

Não há ruído de resposta, nenhuma mudança nas tábuas do assoalho para sinalizar que a casa reconheceu meu retorno. Um painel digital pisca na parede do lado de fora do meu quarto, metade mostrando a temperatura externa e outra um calendário mensal. Não sei o que guia minha mão para tocar na próxima seta, navegando pelas semanas. Toco na seta, de novo e de novo, e encontro uma data circulada, marcando meu próximo dia de reinicialização, uma semana antes da formatura.

*Quero que fique onde eu possa te ver, onde você não possa se machucar…*

Empurro Kieren para fora da minha mente com firmeza. Se eu digerir o que ele disse lá atrás, vou acabar girando em círculos por horas. Preciso de respostas para minhas perguntas. Independentemente do que ele fez, quais

informações enviou para a NiloCorp, está tudo feito, e cada peça do quebra-cabeça foi retirada da caixa.

Preciso juntar tudo. Desloguei para saber a verdade.

— Tamera? — sussurro no corredor. Não há resposta. Tamera geralmente está esperando ao lado do meu Pod com uma xícara de chá para me aquecer quando eu saio para um dia de reinicialização. Mas ela não recebeu nenhum aviso prévio dessa vez. Quando nossa ligação caiu, ela não tinha como saber que eu deslogaria. Ainda deve estar no Alto.

Eu corro pelo corredor.

— Tamera — digo mais alto, abrindo a porta dela. Se eu sacudi-la o suficiente, o sistema Tear registrará a perturbação e a avisará que ela pode querer deslogar.

Eu não consigo ver nada no quarto dela no começo. As cortinas estão bem fechadas, a luz apagada, exceto por um brilho revelador que vaza pela parte inferior do tecido. Um suor frio corre pelo meu pescoço, pela minha espinha.

O quarto está vazio. Eu não preciso de luz para saber — está vazio de barulho, vazio de calor e qualquer indicação de que alguém dorme ou suspira sob os cobertores. Eu marcho até as cortinas, abrindo-as e prendendo a respiração. A lua ilumina a cena lá fora. O galho de árvore caído no quintal se foi. Está perfeitamente arrumado perto da cerca de estacas, nenhuma folha fora do lugar. O quarto também se afoga em prata, e quando me viro, confirmo que estava certa. Tamera não está aqui. A cama está feita. Ninguém dormiu nela. Sua Garra de sempre está sem uso sobre a cadeira.

Cadê ela?

— *Tamera*?

Minha voz ecoa pela casa. Não há resposta. Se ela ainda estiver no Alto, talvez tenha decidido usar um ponto de conexão em outro cômodo. Volto para o corredor, abrindo todas as portas por quais passo: os armários, os banheiros. Nada de Tamera, nenhuma atividade. O lustre no teto treme quando desço as escadas correndo, seus cristais azuis balançando em sincronia com meus movimentos. Meus passos ecoam nas tábuas de madeira do térreo. Passo pela sala de estar vazia, pelo átrio de mármore frio e chego à ampla porta da frente.

Puxo a maçaneta com força.

Ela não abre.

— Aviso — entoa o sistema de segurança residencial, me assustando. Giro rapidamente para rastrear a voz. Está vindo do painel na lateral da porta. A tela mostra uma temperatura externa de -1. — Por favor, afaste-se da porta. O ar livre não é adequado para você.

— Abra a porta — digo. Se não tiver ninguém aqui, vou direto para Melnova. Vou encontrar o papai eu mesma, sacudi-lo para fora do Pod e exigir uma explicação para essa bagunça. — Anular bloqueio.

— Aviso — repete o sistema. — Níveis de ar perigosos. Não é recomendado sair.

Minha paciência acabou.

— Anular bloqueio, comando forçado — retruco. O sistema residencial não pode desafiar isso. Há um momento de pausa. Então, um clique soa no batente. Eu abro a porta.

Sou recebida por uma enorme parede preta, bloqueando toda a entrada.

Meu queixo cai. Só consigo olhar para o objeto pelo que parece um minuto inteiro, pasma com sua presença. Não há uma fresta de espaço pela qual espiar, a laje está perfeitamente fundida à porta.

Quando saio do estado de choque e tento empurrá-la para fora do caminho, a laje apenas se deforma em volta das minhas mãos. A cor emerge onde eu pressiono, como se fosse uma tela de televisão, um daqueles modelos antigos com textura na superfície, fazendo barulho se eu arranhar minhas unhas sobre ela.

Eu giro, marchando para a cozinha. Estou tonta, sem equilíbrio. Eu derrapo nos ladrilhos, quase caindo até que agarro a bancada para me firmar. Há um bloco de facas por perto; eu corro para puxar os talheres de dentro. Eu coloco cada faca no balcão, alinhadas uma após a outra como crianças dormindo na cama. Então, levanto o bloco de facas pesado e vazio em meus braços. Eu o levo até a pia e fico na ponta dos pés para dar uma boa olhada pela janela, para o quintal. Lua brilhante, cerca de estacas branca como osso.

Jogo o bloco de facas contra o vidro.

E em vez de quebrar o vidro e explodir no quintal, a janela inteira fica preta, assim como a porta da frente. Com um baque lamentável, o bloco de facas cai na pia.

Acho que estou enlouquecendo.

Eu não entendo. Não consigo compreender o que está acontecendo. Primeiro, presumo que algo tenha envolvido a casa. Algum bloqueio controlado pelo governo, restringindo meus movimentos. Isso não explica a vista do quintal desaparecendo. Ali em um segundo, sumida no outro.

Eu tenho que sair. Eu tenho que encontrar o papai.

— Alô? — Volto para a porta da frente, acionando o sistema de segurança. — Por favor, abra! Comando forçado! Anule tudo!

— A porta está aberta — relata o sistema de segurança claramente.

— Não, não está!

Chuto a parede na frente da porta. Ela não se move. Novamente, uma marca descolorida pisca cada vez que meu pé faz contato com o objeto preto. Estou sem opções. Tem que haver uma maneira de derrubá-lo, tirá-lo do meu caminho. Dou alguns passos para trás para começar a correr.

— Ação não é recomendável — diz o sistema de segurança.

Corro em direção ao bloco preto com toda a minha força. Há um baque tão alto na colisão que meus ouvidos se tapam em protesto, mas a parede não se move um centímetro. Sou eu quem quica com força, desabando nos ladrilhos frios da cozinha com a cabeça girando, minha visão se apagando completamente.

Inspiro fundo. Expiro fundo. Momentos depois, quando me recuperei, com todo o meu corpo latejando, algo imediatamente não parece certo, e eu me viro rapidamente para pegar um lampejo de luz na minha visão periférica. Ele dança para longe de mim. Eu me viro novamente, apenas para focar e perceber que estou vendo a seta suspensa translúcida da *minha tela*.

— Que porra é essa? — digo em voz alta.

A percepção se instala, pesada como um torno de ferro envolvendo minha garganta. Finalmente, não tenho escolha a não ser ficar parada e analisar os fatos que não posso negar. Correr para a porta bloqueada ativou uma reinicialização forçada. Isso restaurou o acesso à minha tela, que foi codificada para ficar escondida.

Ainda estou no Alto.

# CAPÍTULO 37
## EIRALE

Infinitas flores do deserto marcam a lateral da estrada. Eu as observo passar rápido com um nível de curiosidade imparcial, esperando os cachos desaparecerem quando as planícies secas aumentam no horizonte. Eles não desaparecem. A via expressa continua a nos levar adiante. Há muito tempo deixamos para trás as estruturas elevadas que passavam por cidades e vilas. Em vez disso, a rota segue solidamente por terra marrom e rocha, os céus perpetuamente em um tom vermelho empoeirado.

A cada quilômetro mais perto de Frontex, uma nova onda de adrenalina transborda em meu estômago e se espalha para fora. Flexiono meus dedos e depois mudo o peso de um pé para outro. Estou paranoica achando que Teryn vai tentar me enviar uma mensagem. Cada vez que meu olhar se desvia para as telas no painel, meus olhos se afastam de súbito antes de eu me sacudir de volta à realidade, sabendo que não há nada que ela possa usar que Nik não veja.

Nik também ficou quieto. O mapa do painel mostra nossa localização como um ponto vermelho piscando, a van blindada cruzando o longo trecho entre Pazoc e Frontex. Em um certo ponto, Miz se inclinou para perguntar a Nik sobre duas opções de rota — uma mais rápida e outra que evitava os pedágios do lado de fora da cidade de Hibond — e Nik não a ouviu até que ela bateu em seu ombro com as costas da mão.

Nik e Blare estão descriptografando as duas caixas de servidor na parte de trás da van. Eu não consigo nem começar a entender o que estão fazendo, três laptops abertos, leitores de disquete, drives e fios em abundância no chão. Miz dorme no banco do motorista, tendo colocado o veículo em direção manual autônoma, para que ela possa assumir o controle se o alarme apitar. Nesta região, em Baixo, as estradas não são muito boas.

Eu balanço minha cabeça para frente e para trás. Eu me mexo no meu banco para ficar de frente para o lado, e então Nik aparece na minha visão

periférica, sua testa franzida enquanto ele olha para a tela do laptop.

Eu estaria mentindo se dissesse que uma parte de mim não está pensando em renegar minha missão. Uma parte pequena, uma parte fantasiosa, mas uma parte, mesmo assim. É natural. Eu me esforcei tanto para trazer Nik Grant aqui, então não quero desistir dele no final. Os fazendeiros devem se sentir assim criando seus leitões para o abate. Mas a cadeia de suprimentos ainda precisa ser alimentada. Os criminosos precisam responder por seus mandados de prisão. Soldados fazem o que seus empregadores dizem.

Eu me ajeito no banco. Blare está cochilando desde a última vez que verifiquei, deitade no chão com a boca aberta.

Talvez haja uma maneira de levar Blare embora antes que Teryn traga sua equipe. Eu poderia sequestrar elu. Blare nem saberia o que estava acontecendo se eu colocasse elu de surpresa em um carro autônomo com destino a Marsup.

Miz dá um pulo no sono. Eu olho para ela, dormindo com as linhas de expressão entre suas sobrancelhas suavizadas, e tenho que apertar meus punhos para evitar espasmos. Soldados da NiloCorp nos cercando. Soldados da NiloCorp os levando embora. Não consigo continuar pensando nisso. Eu não deveria me sentir assim.

Dou um tapinha nas costas do meu banco, chamando a atenção de Nik.

— Ei.

Nik digita mais alguns comandos antes de olhar para cima. A luz da tela cobre os planos de seu rosto, cada linha uma marca dura.

— Viu alguma coisa? — pergunta ele.

— Não — digo. — Algo me ocorreu.

Nik apenas levanta uma sobrancelha, me levando a continuar. Aponto para as caixas de servidor que ele abriu e destrinchou.

— Elas estavam armazenadas em centros de dados nacionais. Propriedade do governo medano.

— O maior fornecedor de poder de computação medano é o governo — rebate Nik, voltando para sua tela. — Muitas empresas firmam contratos para usar as instalações. Nem tudo é propriedade do governo medano.

O governo certamente pode acessar tudo se for dono das instalações, no entanto.

— De qualquer forma — continuo —, você já disse que o *exploit* de corrupção era do governo medano.

Nik estreita os olhos. Ele mantém o foco na tela.

— O que você quer dizer?

— Estou só pensando sobre nosso destino final. — Meus olhos disparam para o mapa do painel novamente. Ele está mostrando uma prévia para Frontex. — Kunlun é um território privado. Essa é a única razão pela qual a Assembleia Internacional permitiu que permanecesse como um espaço virtual. Eles o teriam apagado se Medaluo tentasse reivindicar soberania sobre a cidade. Outras nações também achariam bem ruim se o governo medano tivesse permissão para acessar informações descriptografadas que vêm de lá. É por isso que temos que entrar em Kunlun e não podemos simplesmente roubar dos servidores de Frontex, certo?

Nik finalmente se mexe, o laptop deslizando de seu colo. Sem a luz sobre o rosto, suas feições se suavizam instantaneamente, e ele considera o assunto. Não disse nenhuma mentira. Medaluo é quem hospeda Kunlun, mas eles não têm jurisdição lá.

— Certo, e…?

— Que tipo de programa medano é dividido em terços entre Marsup, Tresci e *Kunlun*?

Nik fica parado. Seus olhos dançam para longe. Esta não é uma pergunta para a qual ele estava preparado.

— Nik — pergunto quando ele fica quieto. — No que estamos nos metendo? Se você não me disser, não posso me preparar adequadamente.

— Não é nada demais — responde Nik. — Os três arquivos são puramente dados, então podem ser armazenados no Alto ou em Baixo. Pelo menos temos certeza de que o terceiro não estará criptografado, porque ele já estará carregado e pronto para ir para o Alto.

— Isso ainda não responde à minha pergunta sobre como ele foi parar lá.

Ele puxa seu laptop para mais perto. Age como se precisasse se concentrar na tela.

— Diversidade de armazenamento de arquivos.

Eu me irrito. A van blindada passa por uma série de pedrinhas na estrada, nos sacudindo. Os fios e disquetes tilintam na parte de trás, mas Blare continua dormindo.

— Me prepare, Nik — digo, calma. — Ou então estamos fadados ao fracasso.

— Não.

Acho que ouvi errado por um momento. Que certamente ele não ia implicar por causa disso. Mas foi exatamente o que disse.

— Como?

— Eu disse não. Foque só em nos levar até lá. Só então, poderemos falar sobre o que estamos procurando.

— Isso é absurdo. — Neste momento, não é possível que Nik ainda não confie em mim. Nós escapamos por um fio e tivemos interações mutuamente benéficas vezes demais para sua relutância ser algo pessoal. Também é difícil ter *perdido* a confiança em mim. Se ele suspeitasse do rastreador na minha bota, ele o teria arrancado há muito tempo, me confrontado sobre isso e ameaçado minha vida. — Você acha mesmo que é melhor me deixar no escuro?

O olhar de Nik muda, tão duro quanto aço. Ele acha, aquele olhar me diz. Acredita nisso o suficiente para manter sua resposta.

— Lembre-se — diz ele — de que você ainda não sabe o que aconteceu para causar sua perda de memória.

Eu paro. Finalmente, ele reconhece que meu vazio de memórias tem algo a ver com nossa empreitada atual. É a primeira vez que Nik admite, e isso confirma que eu estava aqui, eu o conhecia, algo *aconteceu*.

— Como assim? — pergunto. Cada palavra vem delicadamente. Como se qualquer movimento brusco fosse assustá-lo. — Eu me meti em problemas por causa dessas respostas?

— Eu não disse isso.

— Isso não faz sentido — continuo insistindo. — Se eu me lembrar ou não da minha última vez em Kunlun, isso não mudará para onde iremos agora.

— Ou talvez — diz Nik — você se recuse a ir se souber.

Mais uma vez, a imagem do que me espera no final desta tarefa passa pela minha mente. Fila após fila de soldados diligentemente treinados. Uma equipe de captura não será suficiente. Eles vão trazer mais números, se viajaram até aqui. Luzes brilhando sobre nós, Nik cercado por todos os ângulos.

Não posso recuar. Não posso.

— Estamos fazendo algo moralmente ruim? — pergunto. Quero que ele diga sim.

— Não — responde ele em um instante.

— Machucando alguém? — *Diga que sim. Faça minha duplicidade valer a pena.*

— O oposto. É para ajudar as pessoas.

Então, ou algo não faz sentido, ou ele não está me dizendo a verdade. *Deixa para lá*. Eu me viro para a frente novamente.

A van entra em terreno mais acidentado. Cruzo meus braços e pernas, olhando furiosamente para o ponto vermelho no mapa. Por vários minutos, limpo tudo da minha mente, exceto o momento presente. Não vou pensar em Kunlun. Não vou considerar o que acontece depois.

Então, sinto uma presença atrás de mim e olho para cima. Nik veio pairar no meu ombro. Ele suspira quando nossos olhos se encontram. Com relutância, tanto que posso vê-lo lutando fisicamente para levantar o braço apesar de seu descontentamento, ele me passa um dispositivo portátil. Já tem um *briefing* carregado, de baixa resolução e claramente copiado do dispositivo de outra pessoa, marcado como “CONFIDENCIAL”.

— Você perguntou o que é esse programa — diz Nik. — Chama-se Projeto Sabe. Backups de memória foram deixados em Marsup e Tresci. Há mais um arquivo em Kunlun, na casa do criador.

Eu deslizo pelas páginas. Antes que eu entenda completamente o que estou vendo na página, Nik diz:

— Juntos, criam uma IA senciente.

# CAPÍTULO 38
## LIA

— Olá? — grito.

Giro pela sala, procurando desesperadamente por câmeras escondidas, por alguma indicação de que estou sendo vítima da pior pegadinha do mundo. Não encontro nada. Tudo parece como deveria, como a casa velha e sem decoração que meu pai tem em Baixo Porto Seguro. A mesma casa a que sempre venho para meus dias de reinicialização.

Deve haver uma explicação lógica. Alguém deve ter me hackeado. Eles devem ter mudado meu roteamento automático e, em vez de sair com segurança, fui puxada para outra camada do Alto, onde recriaram minha casa. Onde me prenderam.

Mas como seria possível codificar tudo com tanta especificidade? Como saberiam os detalhes com os quais eu cresci, até a maciez do carpete e o pedaço mais áspero no corredor, onde derrubei iogurte uma vez? A casa sempre foi assim.

*Então,* uma pequena voz diz, *talvez nunca tenha sido real.*

— Vamos lá — digo a mim mesma. É uma instrução, um apelo. Talvez eu esteja dominada pela Síndrome de Wakeman agora. Estou apenas questionando a natureza da minha realidade o suficiente para alucinar vividamente um bloqueio sobre minha porta e a tela do Alto sobre meus olhos outra vez.

Hesitante, tento controlar minha tela. Ela responde tão rápido quanto no Alto normal. Quando o painel de mensagens abre, porém, está vazio. Os contatos também estão em branco. Por mais que isso se assemelhe à minha tela usual, não consigo me conectar a nada; nem consigo encontrar meus atalhos de sempre. Estou completamente cortada.

Meus downloads locais são a única seção que permanece acessível. Abro os arquivos um por um, localizando o que estava lendo pela última vez. Não sei se seria capaz de alucinar isso.

— Não. Não, não, não…

Fecho tudo às pressas, sem querer olhar. No momento em que volto para a tela geral, percebo que há uma nova barra lateral nesta versão, com muito mais opções no painel de funções principais. Ela está listada como um computador. “Configurações do sistema”. “Itens recentes”. “Suspensão”.

E bem no final… “Apagamento forçado”.

— Isso não pode estar acontecendo — insisto, em voz alta. — Nada disso está acontecendo!

Eu já não vi a porta da frente se abrir? Eu não vi papai entrar antes?

Quanto mais penso, mais tênues minhas próprias memórias parecem. Lembro-me de papai subindo as escadas em anos anteriores. Lembro-me de ocasiões em que estava sentada na alcova e papai enfiou a cabeça para ver como eu estava. Mas posso contar nos dedos de uma mão o número de dias que passei com ele nesta casa, e nunca pisei lá fora para recebê-lo. Desde que comecei na academia, nossos horários no Baixo nunca mais bateram. Ele me visitava no campus virtual e me levava para almoçar em Cidade-Botão. Se houvesse algum evento ao qual ele quisesse que eu fosse com ele, eu deslogava da escola sem sair do meu Pod, então logava no Alto novamente, selecionando o Distrito de Melnova no mapa e aparecendo na estação de desembarque do Capitólio, onde ele estaria esperando para me receber. Então íamos para o escritório dele ou para o apartamento em Melnova, perto do Capitólio. Claro que eu nunca usei essa porta para sair de casa. *Por que eu faria isso?*

Em pânico, começo a correr. Preciso retornar ao meu Pod, ir a algum lugar onde haja pessoas que eu conheça, mesmo que seja a Academia Militar do Nilo. Subo as escadas três degraus de cada vez, com tanta pressa que tropeço no último. Meu joelho dobra, batendo no chão; minhas palmas pousam com força para me segurar, mas isso não me impede de deslizar para trás contra dois degraus, meu corpo inteiro se arrastando no carpete. De imediato, o atrito queima as palmas das minhas mãos, e quando olho para elas, há sangue escorrendo para a superfície.

Eu congelo onde estou. Lentamente, levanto minha mão esquerda apenas um pouco nas sombras da noite, observando as gotas se formarem.

Eu pensei que ver sangue no banheiro, no meu último dia de reinicialização, era uma evidência para contradizer minha paranoia. Eu pensei que isso significava que eu era carne, matéria orgânica, feita de algo

real. Tolice minha, eu suponho, pensar que seria tão fácil descascar a fachada. Como se um motor tão hábil quanto o Tear fosse desajeitado o suficiente para não esconder as emendas.

Não percebo que estou chorando até ver as lágrimas caindo no carpete na minha frente, manchando os fios. Eu me lembro de ter cinco anos. Lembro de chorar no parquinho da escola primária porque me sentia muito sobrecarregada, oito anos antes de começar na Academia Militar do Nilo, antes de receber a nota mais alta possível no exame de admissão. Tenho memórias de uma infância inteira. Vivi tantos anos sendo real.

Então como isso é *possível*?

— Por favor — soluço. — Por favor, tem que haver uma explicação.

Nada vem. Nenhuma clareza, nenhum alívio. Só estou eu em uma casa vazia, no meio de um mundo vazio.

•

Devo ter passado horas deitada na escada, esperando algo acontecer.

O luar desaparece. O sol nasce. Um novo dia se infiltra pelas janelas que não quebrei, e tenho muito medo de quebrar mais, caso não haja nada atrás de nenhuma. Presa para sempre em uma casa é uma coisa. Presa para sempre em uma casa de escuridão perpétua é outra.

Em algum momento, quando parece muito idiota ficar esparramada nas escadas no meio do dia, eu me levanto. Um passo lento após o outro, termino de subir as escadas e volto para o meu quarto, parando na porta. Fiz tanto escândalo ao deslogar; preciso fazer algo com esse tempo. Mesmo que eu não esteja realmente desconectada.

Este quarto nunca foi um espaço que parecesse meu, mas agora a visão é mais estranha do que eu pensava ser possível. A cama em que não durmo. O espaço que não ocupo. O quarto não deveria ter cara de um lugar para se viver porque eu *não vivia* aqui, mas como eu poderia saber que não era real?

Tento não olhar para meu Pod inicialmente, com a intenção de investigar a casa e localizar exatamente onde estou, o que ocorreu. Não consigo manter meu olhar longe por muito tempo, e gravito de volta para o desejo de adentrá-lo, fugir para o que conheço, fingir que nada disso aconteceu. O

Pod me trouxe aqui. Não importa em que plano de realidade estejamos, ele deve ter a capacidade de me levar de volta.

Paro diretamente diante dele, minhas mãos pairando sobre a tampa entreaberta. A superfície polida se curva na cabeça e nos pés, formando bordas arredondadas em ambas as extremidades. Sigo os fios isolados que saem da parte inferior do Pod e localizo a porta de conexão na parede, perto da saída de ar.

— Não quebre — aviso a mim mesma. Enfio minhas unhas sob a tampa protetora da porta, puxando o plástico. Ele não se move por um segundo. Eu me agacho e puxo com força. Então, a tampa de plástico sai com os fios presos no centro. Se tivesse sido conectado à parede, o plástico teria deslizado pelos fios, circundando eles como uma pulseira. Em vez disso, não há porta de conexão sob o plástico, nada além de um papel de parede liso. Não é diferente das janelas. Tudo é apenas uma ilusão.

O que significa que o Pod nem *funciona*.

Jogo o plástico no carpete, deixando os fios inúteis se enroscarem. Cada vez que entro neste Pod, é só encenação. Abro a tampa inteira e toco na parte de trás, onde está a tela, que se acende apesar de não estar conectada. Ela se acende, porque nunca foi o Pod me levando para o Alto. Eu sempre estive *aqui*.

Então, como eu saio?

Pisco com força. O menu principal da minha tela retorna. “Configurações do sistema”. “Itens recentes”. “Suspensão”.

Minha respiração estremece. Pairo sobre “Configurações do sistema” e não consigo pressionar a opção. Não quero saber o que existe nos metadados que executam meu avatar. Não quero ter que encarar a verdade se ela me disser o que está se tornando cada vez mais claro. Papai me disse que eu estava apenas ansiosa. Até o *feed* me ofereceu uma doença real que explicava por que eu não conseguia entender a natureza da minha realidade, por que eu sempre me sentia como se estivesse flutuando acima de tudo como um fantasma, algo incorpóreo que nunca realmente tocou as pessoas ao redor.

As configurações do sistema se abrem sozinhas, de qualquer maneira. Olhei por tempo demais. As duas primeiras linhas são familiares. Minhas credenciais sempre ficaram listadas na seção de perfil da minha exibição usual.

Tudo abaixo é totalmente novo.

**ID do usuário: #204007012058051774021**
**Senha: numparasempre**
**Propriedade de Laboratórios Misericórdia, Rua M 208, Território Virtual Independente de Kunlun**
**Cidadania: Medaluo**
**Data de nascimento: 2040-07-01**
**Cidadania: Kunlun**
**Data de aquisição: 2040-07-01**
**Senha de entrada: [Uma máquina se programa, uma linguagem se ____]**

Eu quero vomitar. Quero gritar. Quero destruir esta casa tijolo por tijolo, só para ver o que tem por baixo e descobrir por que me colocaram aqui.

Mas não faço nenhuma dessas coisas. Se quero respostas, está claro para onde preciso ir.

Então subo no Pod, fechando a tampa sobre mim. Não me incomodo com a Garra, nem me acomodo adequadamente no encosto de cabeça. Se eu estivesse de fato em Baixo, precisaria desses processos para obter acesso, mas isso deve ser um atalho renderizado, algum caminho para eu pular através de espaços no Alto.

Toco na tela com força para acionar o mapa, depois o arrasto para Medaluo, caçando Frontex. Já vi os vídeos, sei como as pessoas ativam seu acesso a Kunlun. Eles tocam duas vezes em Frontex, e isso diz ao Pod que, na verdade, gostariam de acessar Kunlun. Uma janela aparece, pedindo uma segunda senha.

Respiro fundo, rangendo os dentes. Então, letra por letra, digito s-a-b-e.

— Vamos lá — murmuro. — Vamos lá…

•

Ele me cospe na rua com um solavanco, meu ombro batendo com força no asfalto.

Mal tenho tempo para me preparar e evitar rolar direto para a rua. Um carro passa em alta velocidade.

— Ei!

Eu recuo, virando de costas. Um garoto está a alguns passos de distância na calçada, segurando a coleira de um gato. Ele está vestido com um macacão, uma etiqueta de marca de luxo costurada na altura do tornozelo.

— Você apareceu do nada! — berra ele. — Mamãe mentiu! Ela disse que ninguém pode aparecer fora das estações de pouso.

— Shh, shh — insisto, me levantando rapidamente. — Eu não apareci do nada. Eu, hum, eu sou aprendiz de mágico. Não posso explicar meus truques, ok? Seria trair a liga.

O garoto pisca.

— Ah. Entendi.

— Bom. Que bom. — Eu tiro a poeira dos meus cotovelos. Estamos no cruzamento de uma rua movimentada, as placas dizendo Rua H em um sentido e Avenida 12 no outro. Um parque público se estende à esquerda. Um grupo está jogando um Frisbee.

Desorientação nem começa a definir o que sinto. Eu ainda posso estar alucinando.

— Você se perdeu? — pergunta o garoto. — Da sua liga mágica?

— Sim. — Eu limpo a garganta. — Estou procurando a Rua M. Você pode me levar lá?

O garoto concorda. Ele se vira imediatamente, seus pequenos sapatos rangendo na calçada. Na coleira, o gato se comporta bem, apressando-se para acompanhá-lo.

— Mamãe me ensinou a grade quando eu tinha cinco anos. Não acredito que você não sabe.

— Sou nova aqui. — Há pássaros voando no alto. O cheiro da primavera sussurra nas árvores verdes que ladeiam a rua. Kunlun é tão limpinha. Foi projetada inteiramente do zero — sua grade perfeitamente medida, cada quarteirão alinhado. Vinte e seis ruas de largura e trinta avenidas de comprimento. As bordas de Kunlun sangram para a floresta em todas as direções. Se alguém se pega caminhando entre as árvores, anda por um quilômetro e meio e se vê emergindo do outro lado. Um mundo autocontido, conectado como um globo em miniatura. Não consigo parar de ficar boquiaberta. Concreto liso sob meus pés. Céu azul acima.

— Cadê sua mãe, aliás? — pergunto.

— No trabalho — responde o garoto. — Ela dá as notícias em nossas cabeças.

Acho que ele quer dizer que a mãe apresenta um noticiário a que ele assiste em sua tela. Durante seus primeiros anos no Alto, as crianças recebem versões simplificadas de um visor completo, versões que elas podem entender. É difícil lembrar como costumávamos ver o virtual antes mesmo de termos uma compreensão do mundo em si. Assistir ao noticiário realmente é ter a imagem em nossas cabeças.

Presumo que eles simplificaram minha tela também, durante meus anos de infância. Talvez eu esteja errada em acreditar que devolveram todos os meus controles em algum momento.

— Aqui. — O garoto para algumas quadras depois, apontando para a placa. Rua M.

— Obrigada — digo. — Foi um prazer.

O garoto sai saltitando sem responder. Seu gato não reclama de ser puxado, andando rapidamente atrás dele.

Sozinha, começo a descer a rua, examinando os números de cada um dos prédios. Há muitos pedestres passando pela calçada, alguns falando em uma chamada ativa em suas telas, outros distraídos, terminando de digitar uma mensagem, seus braços se movimentando para cima em suas roupas de ginástica.

Passo por uma casa de massagem no número 180. Depois, várias residências. Condomínios pitorescos de casas geminadas, segmentados em cafés e centros de tutoria. Há muito mais crianças aqui do que eu esperava. Um jardim de infância no 206, deixando seus alunos de cinco anos saírem para os braços dos pais que os esperam. Eu atravesso a multidão, parando em frente ao prédio diretamente ao lado.

Número 208. É uma casa pequena e discreta. Não há nenhuma sinalização que declare ser um laboratório, nada que me diga que cheguei ao lugar certo, exceto uma luminária circular na parede externa que se assemelha a um olho robótico. Pelo que sei, pode ser um optometrista doméstico.

Ainda assim, caminho até a porta da frente, meus sapatos chutando as pequenas pedras da calçada. A aldrava dourada está gasta. Eu nem dou atenção, batendo direto na madeira pintada de azul.

Escuto os passos lá dentro. Ecos constantes e uniformes, chegando cada vez mais perto do átrio.

Chung Yin abre a porta.

Ele me encara. Eu me esforço para dizer algo, para me explicar, para fazê-lo entender meu desejo por respostas. Mas ele é mais rápido.

— Lia — diz Chung. — Eu estava esperando por você. Entre.

# CAPÍTULO 39
## EIRALE

— Soldada, você ouviu alguma coisa que eu disse?

De sobressalto, volto meu olhar e minha atenção para Nik.

— Desculpe — digo. — Pode repetir, por favor?

Nik, surpreendentemente, não demonstra nenhum descontentamento com minha distração. Ele não faz nenhum comentário sarcástico, não balança a cabeça para me lembrar que estou trabalhando para ele para salvar minha própria pele. Deve saber o quanto sua resposta me abalou, e embora horas tenham se passado e estejamos nos aproximando rapidamente de nosso destino, não estou nem perto de digerir a natureza de nossa missão.

*IA senciente.*

— Eu estava dizendo — tenta Nik novamente — que Blare tem que ficar para trás para continuar descriptografando as unidades. Não há mais acesso remoto além deste ponto, então não deve ser um problema. Contanto que você consiga inserir as credenciais.

— Sim — digo. — Sim, sem problemas.

Depois de nos infiltrar em Kunlun e obter o arquivo final, não haverá como voltar atrás. Não vai ser só Nik acessando o programa. Projeto Sabe. É *isso* que a NiloCorp está tentando arrancar dele.

Meu primeiro pensamento egoísta é que eles não vão mais precisar de mim. Isso vai alterar o cenário do mundo. Por que contratar forças privadas, com um sistema que pode acessar qualquer coisa de qualquer pessoa? Por que distribuir segurança humana quando podem impedir qualquer conflito antes que aconteça?

Nas mãos de qualquer pessoa normal, é uma arma aterrorizante que pode ser usada para incitar grandes mudanças.

Nas mãos da NiloCorp, isso os tornará invencíveis.

Eu tremo, tentando apertar mais meu casaco.

— Aqui. — Nik me entrega um pedaço de papel impresso, com duas colunas. Os *login*s. — Só me siga de perto. Eu tenho a rota mapeada. A instalação de Frontex é a mais complexa de todas.

Eu assinto em compreensão, examinando o papel. A van sacoleja, enquanto Nik e Miz guardam seus equipamentos. Eu me abaixo para olhar pelo para-brisa, mas não há muito para ver em Frontex. As avenidas principais são menos lugares de moradia e mais rotas para se aprofundar na cidade, onde as ruas se ramificam em caminhos, e os caminhos se estendem por uma rota bem longa antes de chegar a casas separadas, protegidas por seus próprios muros e torres. A contagem populacional de Frontex não é alta o suficiente para justificar edifícios mais altos. Há alguns que abrigam instalações governamentais, torres onde oficiais militares vivem para ter uma visão melhor de suas bases à distância.

— Ei. — Miz me entrega uma máscara de esqui, os buracos para os olhos cortados o menos possível e a abertura para a boca uma pequena fenda. — Use isso. Senão, o reconhecimento facial vai te pegar na hora.

Eu a coloco. O material é apertado, áspero, mas não reclamo. Nik diz algo baixo para Miz, e então ela pega a bolsa que ele lhe dá, assentindo. A van blindada deve estar estacionando, encontrando uma vaga na beira da estrada. No momento em que paramos completamente, Miz não perde um segundo.

Ela segura a maçaneta das portas traseiras e sai correndo. O vento está uivando. Uma rajada enorme entra na van antes que as portas se fechem novamente, travando com um clique.

— Espere! — exclamo. Minha voz sai abafada sob a máscara de esqui. Perdi mais do que pensei em meu torpor. — Aonde ela vai?

— Plantar bombas — responde Nik com franqueza e puxa sua própria máscara. A dele parece mais frouxa, mas provavelmente é porque tem sido usada com muita frequência. — A única maneira de entrarmos é se outra parte da instalação estiver sendo atacada ao mesmo tempo.

Ele puxa sua bolsa para os ombros. O barulho lá dentro me diz que ele está carregando as Garras. Eu espelho sua postura e, pela primeira vez durante toda essa empreitada a que Nik Grant me arrastou, estou terrivelmente fora de mim, lutando para me orientar. Somos apenas ele e eu entrando na Cidade na Nuvem, então. Só duas credenciais das vinte.

Amasso a folha de papel no meu bolso quando a guardo. Eu encontro os olhos de Nik.

— Lembre-se de que você insistiu. Disse que saber os detalhes não afetaria sua participação — diz ele, em voz baixa.

Só que eu estava claramente muito errada. O que terminarmos de recuperar em Kunlun liberará uma tecnologia incompreensível no mundo. Isso mudará Atahua; mudará a guerra fria. Isso dará à NiloCorp o poder de acesso total para fazer o que quiser. Como posso dar isso a eles?

— Dá para ver você pensando — continua Nik. — Pare. Não faça isso.

Eu tento sorrir zombeteira, mas minha máscara restringe todos os meus movimentos.

— Essa é boa. “Não pense.”

— É sério.

Antes que eu possa dar outra resposta, há uma série de explosões, muito mais altas do que eu esperava. Quase quero parar e me proteger, mas então Nik está abrindo as portas traseiras, gritando:

— Tudo bem. Vambora!

— Boa sorte! — grita Blare.

Com a respiração presa na garganta, sigo Nik para fora, preparada para o pior. Não há nada pegando fogo ainda, embora o vento tenha assumido uma intensidade furiosa. O Centro de Dados Nacional da Fronteira Externa é composto de várias alas em um grande espaço rochoso. Há fumaça a oeste, mas a noite está se instalando rapidamente, diminuindo a evidência de problemas. Nik já está cortando uma cerca de arame. Ele levanta um canto rapidamente, sinalizando para eu ir.

Tiroteio, no lado oeste da instalação. Nik me alcança rapidamente e roça meu cotovelo quando passa, inclinando a cabeça para indicar que vamos contornar o segundo prédio que aparece. Contornamos rapidamente as paredes arredondadas. Na parte de trás, Nik prende um saquinho no painel da porta trancada, equilibrando-o na curva da maçaneta. Ele olha por cima do ombro, contando alguns segundos depois que há gritos do outro lado da instalação. Como se tivesse dado a deixa, outra série de explosões dispara de oeste para leste, os sons perfurando meus tímpanos.

Nik se apressa para colocar as mãos em volta de um isqueiro, protegendo a chama do vento. Ela oscila algumas vezes antes de se prender ao saquinho, lambendo a lateral de seu plástico. Com uma faísca repentina, o

saco queima na maçaneta e cai no chão, tendo aberto um caminho através do painel da fechadura. Nik chuta a porta para abri-la.

Conforme instruída, fico logo atrás dele, imitando seus passos. Fixo meus olhos em Nik no escuro, sem fazer nenhuma tentativa de memorizar nossa rota ou marcar o caminho. Há apenas o som de nossa respiração aqui, irregularmente combinado com o barulho de nossos passos. Nik para por um momento em uma bifurcação do corredor.

As explosões pararam.

Nik inclina a cabeça e então dispara novamente, pegando a curva para a esquerda. Corremos rapidamente pela instalação, sem parar, até que duas curvas para a direita nos levam a um átrio que termina com uma grande porta de aço. Meus passos são leves quando paro, mas o átrio está completamente vazio. Nik coloca outro saco na fechadura e executa a mesma manobra, acendendo seu isqueiro.

— Feche os olhos.

Sigo suas instruções, virando meu rosto para longe do brilho. Ele continua antes mesmo que eu abra os olhos e, em vez de perder tempo falando comigo, apenas agarra meu pulso, me incitando a descer a escada estreita.

Não é um lance abaixo, como era a sala do servidor de Marsup. Esta é uma escada em espiral, descendo e descendo e descendo tanto que estou tonta quando meus pés tocam o chão firme novamente.

Antes que eu possa desacelerar e abraçar a vontade de golfar com uma onda de náusea, Nik sibila para eu continuar andando, pois não temos muito tempo antes que a instalação saiba que estamos aqui.

Está escuro no subsolo. O corredor usa a mesma iluminação de saída de emergência que os hotéis tanto gostam, uma fileira de contas vermelhas ao longo de cada lado dos ladrilhos de linóleo. Há várias portas em ambos os lados do corredor, colocadas em sucessão próxima umas das outras. Nós ignoramos todas, indo para o final do espaço, onde as sombras camuflaram uma curva à direita, descendo mais fundo ao longo de uma rampa.

Estou lutando para recuperar o fôlego. Não parece haver câmeras, então, na próxima curva, quando diminuímos a velocidade, levanto minha máscara de esqui um pouquinho, expondo minha boca. De alguma forma, Nik percebe meu movimento imediatamente e estica o braço para puxar minha máscara de volta para baixo.

— Há sensores de visão noturna. Não faça isso.

— Estou sufocando.

— Estamos quase lá. Os servidores de Kunlun ficam na parte mais fria da instalação.

Suponho que, com a quantidade de energia que uma cidade virtual consome, eles precisam de equipamento de resfriamento infalível. Continuamos indo cada vez mais longe. Meus ouvidos estalam quando fazemos uma curva, e então Nik marcha direto para uma porta. Ele não se dá ao trabalho de queimar a maçaneta desta vez. Há um painel lateral, e ele tira o alicate da bolsa, enfiando o metal direto no vidro. Um barulho terrível grita para sinalizar mau funcionamento, e ele chuta a porta para abri-la.

— Comece a digitar — instrui Nik, deslizando a bolsa do ombro. — Vou procurar portas de manutenção.

Minha respiração está presa na garganta. No peito. Inflando em um tumor e ficando ácida dentro de mim.

Há duas telas centrais na pequena sala. Vou até o controlador à esquerda, abrindo uma janela para começar a trabalhar. Não tenho a interface de um Pod aqui, nem o código Tear, onde tocar duas vezes em Frontex no mapa ativa uma janela que abre caminho para Kunlun. Só tenho Kunlun bruta sob meus dedos, totalmente separada da tela do Tear. Sem a interface deles, não há nada intuitivo sobre o que estou vendo. Procuro nas guias, buscando algum ponto de entrada. Tenho que lembrar que esses controladores estão aqui para manutenção. Se um técnico estivesse executando uma inspeção, teria que fazer *login* em algum lugar.

Navego até “Visualizar”, imaginando onde a função de teste está escondida. Os cidadãos de Kunlun podem entrar pelos Pods porque o órgão governamental independente de Kunlun fez um acordo com a NiloCorp para instalar a rota de acesso no sistema Tear. Quando engenheiros de dados executam melhorias aqui, eles têm que usar suas próprias credenciais Tear também. Não há chance de Kunlun não exigir um sistema de rastreamento, alguma forma de registrar cada usuário que coloca os pés na cidade.

Digito a série certa de comandos e encontro um portal de teste. A janela carrega uma página Tear, pedindo um ID de usuário e senha.

— Consegui! — berro.

— Me dê um segundo — responde Nik. Sua cabeça espia do outro lado de uma prateleira alta. — Achei uma porta de conexão, mas não estou

vendo como esta fileira se conecta ao controlador central.

Eu espio por cima da tela central. Há um maço grosso de fios saindo da caixa principal, fluindo pelo chão e então se conectando à fileira de servidores bem no final.

— Ali — digo, apontando para as pontas dos fios. — Desconecte e traga para cá.

Nik assente, apressando-se para puxá-los. Eu vou para a segunda tela, executando a mesma série de comandos para encontrar o caminho até o portal de teste. No momento em que vejo Nik conectando as Garras e ativando sua função de nó, tiro a lista de credenciais do bolso, segurando o papel perto da luz da tela. As primeiras combinações de IDs de usuário e senhas não funcionam. No sétimo erro ao tentar logar, estou ficando preocupada. Um suor frio desce pelo meu pescoço.

— Você ativou um? — pergunta Nik das prateleiras.

— Não, acho que foi o prédio tremendo — murmuro. Tento o número dez. Erro. — Olha, se isso não funcionar, acho que talvez a gente precise buscar Blare e…

A notificação desaparece da tela. Funcionou. O número doze na lista de credenciais é válido. Permito-me um momento para escanear a tela, confirmar que a imagem difusa é definitivamente a renderização de Kunlun, pronta para alguém entrar com a Garra e ver a imagem fotorrealística completa. Então, volto para a primeira tela e continuo descendo a lista.

O número quinze também funciona.

Nik me observa colocar o papel de volta no bolso.

— Entramos?

— Entramos — confirmo. Tiro minha máscara de esqui completamente. Dentro dessas prateleiras, tenho que assumir que estamos em um ponto cego para a funcionalidade da câmera. — Pronto para acesso.

Nik tira sua máscara de esqui também. Ele está tão sério quanto uma pira funerária. Postura completamente ereta, ombros esticados. Ele me entrega uma Garra.

— Faça as honras.

Um arrepio percorre meu corpo, meus dedos repentinamente rígidos e frios onde não estavam antes. Quando pego a Garra, uma pontada sai da base da minha cabeça. Não é bem dor. Apenas um tipo peculiar de repulsa. Toco minha nuca, tentando rastrear sua origem, e é bem onde meu chip

deve estar. O mesmo item que permite minha conexão com o Alto quando coloco este dispositivo.

— Tudo bem? — pergunta Nik.

Assinto rapidamente. Nenhum sentimento é forte o suficiente para suplantar meu desejo de entrar em Kunlun. De finalmente retornar a um local do qual não consigo me lembrar. Apesar das minhas crescentes ondas de pavor, sento-me onde posso me encostar na fileira de servidores e coloco os nós sobre minha cabeça.

— Vejo você lá em cima — digo.

Fecho os olhos.

# CAPÍTULO 40
## LIA

Entro na casa de Chung Yin, uma instabilidade sacudindo meus joelhos como se eu fosse um potro recém-nascido.

O cheiro é de bolo quentinho. Sem falar, Chung fecha a porta e gesticula para que eu o siga pela sala de estar. A tarde está quente, a luz do sol bate forte nas costas das poltronas. Uma manta foi deixada no pé do sofá. Um golden retriever cochila em meio ao tecido macio.

— Esse é Dou Dou — diz ele. — Ele tem dois anos.

Olho para o cachorro. Não consigo encontrar a força para invocar qualquer afeição.

— Ele não é real — digo.

Chung me lança um olhar cuidadoso. Não tenho certeza de como interpretá-lo. Entramos em sua cozinha. Ele gesticula para que eu me sente à mesa, uma pequena superfície quadrada, de tampo verde e pernas amarelas. Se ele mora aqui, deve morar sozinho — não há sinais de outros ocupantes. Um par de tênis de corrida perto da porta. Uma jaqueta pendurada no cabideiro.

Eu puxo uma das cadeiras e me sento. Elas são pintadas de forma semelhante, a superfície e as pernas divididas entre verde e amarelo.

— Tenho certeza — começa Chung, colocando a chaleira no fogo — de que você tem muitas perguntas.

Estávamos falando medano desde que entrei pela porta, mas agora ele muda para atahuense. Se não fosse pela evidência física na minha frente, dava até para pensar que, de repente, estava falando com meu pai. Suas cadências são quase idênticas — o tipo de maneirismo que se desenvolve ao longo do tempo, ao longo dos anos críticos em que alguém está decidindo quem é. Não dava para eu perceber isso quando era mais jovem, mas agora me pergunto há quanto tempo papai e Chung realmente se conhecem, se podem ter se conhecido antes do que eu pensava.

Dou Dou se aproxima, choramingando. Chung estala a língua para o cachorro. Ele pega uma luva enquanto a chaleira ferve, tirando uma bandeja de petiscos artesanais do forno.

Inicialmente, não respondo. Chung joga os petiscos na tigela do cachorro no canto.

De alguma forma, acabo começando com:

— Você está desaparecido.

— Sim, suponho que seja essa a notícia, não é?

— Como assim? — Puxo meus joelhos até o peito. — Como você pode estar desaparecido? Eles deveriam ver seu ID de usuário ativo nos servidores de Kunlun.

Chung coloca a bandeja na pia e pega uma toalha pendurada em seu forno. Há flores de lótus bordadas nas beiradas.

— Eles não podem ver meu ID de usuário nos servidores de Kunlun, porque pedi para ficar escondido.

Ele parece extremamente indiferente. A chaleira faz um clique para sinalizar que terminou de ferver. Chung a pega.

— SangueFio — digo. — Você o criou com a habilidade de hackear o Tear e reescrever seu código. Pediu para ele entrar e te esconder.

— Correto.

Eu faço uma pausa. Então:

— Você me fez também?

É isso que eu pergunto. Não “o que eu sou”. Não “o que você fez”. Quero esclarecer a questão da propriedade primeiro.

— Eu codifiquei você — diz Chung. Sua mão está firme enquanto ele despeja água nas xícaras de chá. — Eu renomeei você. Mas acho que não fui eu que realmente te *fiz*.

— Você está falando em código. — Cada elemento deste posto final se encaixou no lugar somente por causa da ação de Chung. Do momento em que me atribuíram esta missão até minha chegada em sua porta. — Você era quem me queria aqui, não era? Deletou a Operação SangueFio. Você se fez desaparecer e espalhou *minha* assinatura digital em toda essa bagunça.

Chung coloca meu chá na minha frente, em cima de um descanso de copo. Além da janela da cozinha, um quintal se estende atrás da propriedade, cultivando fileiras organizadas de flores. Também vislumbro vagens trepadeiras, enroladas em uma das vigas de suporte de madeira.

— Sim — diz ele, sentando-se. — Foi uma isca. Sei como a NiloCorp gosta de operar. Eu também fui para a academia. Foi onde conheci seus pais.

Ele diz “seus pais”. Como se papai continuasse sendo meu pai depois de ter mentido para mim a vida toda. Como se eu devesse ter algum sentimento por Mallory, de quem nem me lembro.

— Papai nunca me disse que foi para a academia — digo.

— Ele limpou essa informação há eras. A academia era mais jovem naquela época, então era mais fácil sumir com os arquivos. Não pegava bem para um político, já que sua presença não era obrigatória. — Chung empurra a xícara de chá para mim. Não me movo para pegá-la. — Nós tivemos nossos postos naquela época, assim como vocês agora. Eu sabia que se a NiloCorp percebesse algo relevante surgindo sobre um cadete, eles investigariam. Perdoe o subterfúgio.

Os banners que apareceram para mim. Os erros deixados nos metadados, que somente eu poderia acessar.

— Então, isso tudo era o quê? — pergunto. — Um *teste*?

— Sim. Eu estava testando você. E a NiloCorp estava me testando.

Chung, lentamente, bebe de sua própria xícara de chá. Enquanto minhas pernas continuam tremendo, ele é pura tranquilidade, fazendo uma pausa durante uma tarde movimentada. Parece até um pai que acabou de buscar uma criança no jardim de infância ao lado, e agora está preparando o jantar.

— Você sabe o que é um fio neutro? — pergunta ele, depois de um momento. — É a rota de retorno em uma fonte de alimentação. O oposto do fio fase, carregado de eletricidade. O fio neutro… ou, como eu gosto de chamar, SangueFio… não é bem o que dá ignição. É só o mecanismo para fazer a energia retornar à fonte. Ele tem a capacidade de fazer qualquer coisa com o Tear. Mas você ainda precisa saber como direcioná-lo. — Chung gira sua xícara de chá. — Uma mente orgânica como a minha não consegue interagir com ele. Só posso dar instruções diretas para o programa agir como meu chatbot assistente. É difícil fazer mudanças quando é preciso primeiro entender exatamente o que se está começando, não é?

— Ao contrário do quê? — pergunto baixo, embora eu já saiba. — Qual é a alternativa?

— O SangueFio foi criado para interagir com o que comecei em Atahua. O projeto que a NiloCorp encerrou.

Dou Dou late depois de terminar os petiscos. Chung acena para o cachorro brincar na sala de estar. Finalmente pego meu chá, tomando um gole para organizar meus pensamentos. Está quente nas minhas palmas. Amargo na minha língua.

— Meu pai disse que você fez um milagre. — Coloquei a xícara na mesa. — O e-mail que deixou no disquete. Você queria que eu visse.

— Queria — diz Chung, simplesmente. — Eu queria que você visse como ele agia, quando começamos. Dessa forma, não pode me acusar de inventar histórias, se o que estou prestes a lhe contar tem tanta disparidade com sua atitude atual.

*Não é seguro. Você deveria ter me dito que isso tinha a ver com Chung. Eu nunca teria deixado você ir atrás dele.*

— Você não teria como saber — ele continua —, mas nos primeiros anos da guerra fria, parecia que Atahua tinha dinheiro ilimitado para gastar em pesquisa tecnológica. Quem governasse o Alto governaria o mundo: você conhece o slogan. O Projeto Sabe era um desses projetos de pesquisa. Ele só podia ser teórico, nossas descobertas, escritas. Mas eu pensei que tinha potencial para ser muito mais. — Chung também pousa sua xícara de chá. — Alguns anos depois de começar meu trabalho, eu claramente tinha chegado em um beco sem saída. Não era que meus supervisores não gostassem da minha pesquisa, só não gostavam do meu nome. Os investidores podiam ver o apelo do projeto, mas não queriam colocar meu rosto na televisão se o divulgassem. — Ele coça o lado do queixo, sua mão demorando. Eu entendo o gesto, o movimento casual. É o instinto que temos de nos encolher diante de uma multidão, esperançosos de que talvez os atahuenses não se importem, só dessa vez, que parecemos tão radicalmente diferentes. — Quando o governo medano entrou em contato com uma oferta para trabalhar para eles por baixo dos panos, eu aceitei. Eles me disseram que eu deveria pensar nisso como uma bênção para a ciência. Que eles eram só benfeitores na busca do conhecimento. Que não era político.

Não há nada em nosso cenário atual que não seja mais político. Até a cor dos sapatos de alguém é política.

— Não é possível que você tenha acreditado nisso.

— Claro que não, Lia. Minha geração pode não ter nascido na guerra fria como a sua, mas ela começou durante nossos anos formativos. Eu sabia o

que isso significava. Sabia que era traição, não podia me enganar nem se quisesse. Então comecei a viver uma vida dupla. Eu fingia trabalhar no Baixo durante o dia e depois vinha aqui todas as noites para fazer minha pesquisa de verdade. Medaluo me comprou a cidadania de Kunlun. Eles acharam que seria mais seguro trair meu governo se eu não estivesse realmente em território inimigo.

O forno tocou para sinalizar que ainda estava ligado. Estava esquentando a cozinha. O suor começara a escorrer na parte inferior das minhas costas.

— Meu pai sabia? — pergunto.

Chung se levanta. Ele devolve a chaleira e se curva para desligar o forno.

— Não — diz ele. — Não no começo. Não até Eirale ficar doente.

*Eirale*. Até eu ver no segundo *briefing* de Kieren, nem sabia o nome dela.

— O Projeto Sabe começou como um estudo. Ainda não estávamos pensando no Tear, embora os investidores certamente estivessem de olho na NiloCorp como fonte de financiamento. Sabe era só um modelo de linguagem treinado por dados para responder a uma pergunta geral: ele consegue entender a natureza de sua realidade? Se dermos a ele um mundo virtual, saberá que as casas ficam nas ruas? Perceberá que as pessoas vão trabalhar? Conseguirá se considerar parte desse ecossistema?

Eu me lembro da minha busca no *feed*, os resumos tentando entender por que o Projeto Sabe foi encerrado. Claro que a NiloCorp foi ameaçada. Se o projeto pudesse realmente *entender* um mundo virtual, também poderia replicá-lo em um piscar de olhos.

— Parece meio bobo construir uma IA que entenda a natureza da realidade virtual e *não* esperar que ela tenha como alvo o Tear.

— Medaluo também pensava assim. Depois que me contrataram, foi isso que eles buscaram. Atahua estava retirando todo o financiamento do Sabe, de qualquer maneira… acho que fiquei feliz em ajudar. Comecei a construir um novo programa com um olhar voltado para a usabilidade. Algo que entendesse o comando humano, para que uma pessoa pudesse alterar o Tear sem precisar conhecer as complexidades do próprio código. Sob influência de Medaluo, o modelo original do Sabe estava se transformando no primeiro protótipo de um *chatbot* glorificado, que poderia entender o sistema Tear. Estava se tornando SangueFio. Pensei que tinha deixado o Sabe para trás completamente.

Posso ver onde isso vai dar. Olho para minhas mãos, para meu avatar renderizado em pixels, e sei exatamente o que acontece depois.

— Então, Eirale ficou doente.

— Então — repete Chung suavemente em confirmação —, Eirale ficou doente. Era terminal. Henry ficou perturbado. Ele me encontrou nos laboratórios de Baixo com uma enorme pilha de papel grampeado. Disse que leu meu relatório original para o Projeto Sabe do início ao fim, depois de se lembrar de uma conversa que tivemos. Na ocasião, teorizamos que o modelo de linguagem de Sabe poderia aprender a *se tornar* alguém se fosse construído com dados abrangentes. Ele poderia congelar alguém em um ponto no tempo: colocar um avatar dessa pessoa em realidade virtual. Seria como se nunca tivessem morrido no Alto.

*Oh, pai.*

— Eu nunca consegui dizer não para Henry. Seja ele nos arrumando encrenca na academia ou pedindo para ser seu padrinho de casamento. Seu pedido me intrigou. A ciência exige experimentação. Ninguém nunca descobriu algo novo recuando diante do desconhecido. Então, aceitei.

Coloco minhas mãos sobre a boca, tentando manter minha respiração controlada. Um grito borbulha na minha garganta. Não quero dizer algo do qual me arrependerei; não quero assustá-lo e perder alguma parte da verdade que está sendo dada a mim. O som preso dentro de mim é lava, e queima, queima, mas eu o contenho.

— Funcionou. Você brilhou em pixels até aparecer completamente dentro desta mesma casa, Lia. Estava com problemas nas primeiras semanas. Você se lembrava de alguns dias, mas não de outros. Agarrava-se a certas memórias, mas depois reciclava as mais importantes. Você tem que entender que, quando foi criada, achávamos que pensaria exatamente como Eirale, de quatro anos, e permaneceria assim. Ninguém nunca tentou treinar um modelo de linguagem para realmente acreditar que é uma mente humana. Foi tudo tentativa e erro.

— Eu não… — Minha cabeça dói. Minha garganta dói. Sinto como se estivesse sendo desintegrada de dentro para fora, e talvez eu esteja. — Eu não entendo. Quando foi que me tornei eu? Você fala em congelar Eirale, e de repente sou *eu*?

— Eu tive que renomear você. Eu tinha esquecido um parâmetro na primeira entrada, e você não se parecia com Eirale. Havia dados

embaralhados, e isso fez com que sua aparência fosse gerada com traços característicos da média de crianças medanas. Eu não achei que isso importasse, já que sua mente foi copiada completamente, e de qualquer forma, seu pai achou que era melhor assim. Ele poderia te levar para casa com uma nova identidade, em vez de explicar às autoridades por que tinha uma certidão de óbito de sua filha ainda viva. Suponho que você se tornou Lia em algum lugar no meio do caminho. Naquele momento, meu protótipo básico de SangueFio era funcional o suficiente para nos levar para o Alto de Frontex sem precisar de um visto para encontrar seu pai. Ele tinha uma missão diplomática no Baixo naquele mês. Foi o momento perfeito.

Respiro fundo. A impressão de uma memória roça os cantos mais distantes da minha mente. Alguém estava me guiando. Uma rua na chuva. *Uma sirene à distância — não um carro de polícia, talvez uma ambulância.*

— Ele entrou com uma Garra para ver você e mexeu os pauzinhos para montar uma adoção falsa em Atahua. Seis meses depois, assim que sua programação se estabilizou, eu a transmiti para Melnova, no Alto, e você foi adotada.

Há um zumbido nos meus ouvidos. Um zumbido metálico horrível, ficando cada vez mais alto.

— Eu pensei que papai e Mallory tinham passado um tempo no Baixo me criando. — Lembro de ter cinco anos, em uma casa de luto. Lembro de Tamera se mudando para ajudar, se apresentando a mim pelo nome e resmungando quando me referi a ela como “Senhorita Tia-Avó”. Ela beliscou minha bochecha e disse que eu era um doce, insistiu: “Você vai me chamar de Tamera”, e ficou comigo desde então. — Mallory morreu em um acidente de carro um ano depois que fui adotada. Achei que era porque estávamos todos em Baixo.

Chung fica parado. Finalmente, sua tranquilidade desapareceu, a tensão apertando cada linha de sua postura quando ele se inclina contra a bancada da pia.

— Lia, me desculpe — diz ele. — Você terá que ouvir a história completa do seu pai. Mas Mallory não morreu em um acidente de carro. Ela se matou.

O zumbido em meus ouvidos aumenta para um rugido completo.

— O quê?

— Não é culpa sua — insiste Chung. — Mas Mallory … resistia a você. Ela e Henry passavam pelo luto de maneiras muito diferentes, e ela estava mais determinada a deixar Eirale descansar. No começo, garantimos que você era só uma imagem dela. Para ser vista como um porta-retrato.

— Não — murmuro, baixinho. — Não, não, não…

— Não era para você *crescer*. Em todo o tempo em que tivemos modelos de IA, nada poderia ser classificado como senciente, porque nada que construímos jamais se considerou verdadeiramente humano. Como poderia? São linhas de código. A IA vai trabalhar no Baixo, e não questiona seu lugar no ambiente.

Vou vomitar.

— Foi descuido meu não considerar essa possibilidade. Ninguém nunca havia ressuscitado alguém como um avatar no Alto antes, e não contado a verdade. Mais importante, ninguém nunca pediu a um modelo de linguagem para imitar uma criança humana e deixá-la tomar suas próprias ações a partir daí. Você foi construída a partir de alguém jovem o suficiente para não entender a transição. Seu código-fonte se adaptou de acordo. Sua programação decidiu envelhecer naturalmente. Sua programação decidiu adotar a maturidade quando você entrou na puberdade, para imitar o que entendia ser uma adolescente. A garota humana morreu, enquanto você continuou à imagem dela. Mas foi só por não conhecer sua natureza real que você pôde aprender a se tornar humana. Você pode ter começado como Eirale, mas evoluiu para alguém completamente novo.

O suor encharca minha camisa. Meu coração dispara dentro das costelas, martela em meus ouvidos.

— Então foi por minha causa — digo. — Mallory não conseguiu lidar com a imitação extravagante de sua filha morta, e ela se matou.

— Mallory estava doente de tristeza — retruca Chung. — Se há alguém culpado, seu pai deveria tê-la preparado melhor.

— Eu não posso… eu não… — Eu me abaixo, colocando a cabeça entre os joelhos em um esforço para não desmaiar. Eu nem sou real, então nada disso deveria importar. Não passo de um script armazenado nos centros de dados do Baixo, e ainda assim, fui relegada a experienciar essa onda de sangue saindo da minha cabeça.

— Quando você estava no seu último ano do ensino fundamental, eu tive que sentar com seu pai e dizer a ele que precisávamos nos planejar — diz

Chung, continuando apesar da minha reação. As cortinas estão se fechando; tenho a sensação de que ele está me levando a um teste final. — Você não podia ser um avatar para sempre, e estava claramente envelhecendo em um ritmo normal. Eu construí para você outra camada do Alto para seus dias de reinicialização, mas isso não iria te enganar quando você amadurecesse. Mais cedo ou mais tarde, você perceberia que nunca pisou no Baixo. Notaria que havia algo errado, e precisávamos permitir isso. Ia significar que você entendeu a natureza da sua realidade. Ia significar que você era senciente *de verdade*, e isso era uma descoberta colossal na ciência.

Minha cabeça se levanta bruscamente. Chung deve ter lido o aviso nisso, a raiva em meus olhos por ele me chamar de "descoberta", e ele limpa a garganta.

— Não é uma coisa ruim — insiste ele. — Sempre estivemos destinados a evoluir. Você é a primeira ponte que construímos entre o humano e o artificial.

Minha voz está rouca.

— Porque eu não sou real.

— Porque você se fez real.

— Eu me fiz *errada*.

Nunca me adaptei entre meus colegas a vida inteira. Sempre me senti anormal pela forma como eles pensam, como eles amam. Perceber que esse tempo todo…

— Isso não é exclusivo seu — diz Chung, casual. — Ser humano *é* se sentir diferente. Cada desenvolvimento seu fora da norma apenas confirma que você se autorrealizou em uma categoria única. Eu não codifiquei nada disso para você. Você desenvolveu sozinha. *Isso* é consciência.

Meu estômago está revirando. Tudo isso só me perturba mais, porque não consigo nem controlar as reações do meu próprio corpo, que eu mesma imaginei. Durante minha infância, eu não era só ansiosa; estava sentindo o que parecia errado. A explicação não me faz sentir melhor. O fato de haver uma *razão* para o erro é horrível. Não era para haver uma razão.

— Que crueldade — sussurro. — Me trazer à vida assim, e então me enganar por tanto tempo.

— Seu pai deveria ter mandado você de volta para mim antes — rebate Chung. — E ele se recusou.

— Deixe meu pai fora disso.

— Como? Tivemos muitas e muitas discussões, conforme você foi ficando mais velha. Quando começamos essa empreitada, tínhamos preservado parte do material genético de Eirale durante os exames. A tecnologia havia evoluído. Poderíamos usar o material para imprimir seu corpo em 3D em Baixo e te dar um verdadeiro hospedeiro orgânico. Você era jovem o suficiente para que pudéssemos fazer pequenos ajustes aqui e ali para deixar a aparência dela mais próxima da sua, e mesmo se não fizéssemos isso, muitos atahuenses no governo mandavam seus filhos para a escola com rostos totalmente diferentes, por segurança. Era um bom plano. Ninguém seria capaz de apontar a diferença entre você e uma criança natural, a menos que abrissem sua cabeça e encontrassem chips de dados em vez de massa cerebral.

— Por favor, pare. — Não quero ouvir mais nada. Já chega.

Ele continua.

— Mas ele se recusou, e eu o deixei em paz. Ele era seu pai, afinal, mesmo que tenha sido eu quem construiu seu modelo. Eu já estava farto da minha vida dupla. Deixei Atahua completamente. Renunciei à minha cidadania.

Lembro dos murmúrios nas semanas após sua ausência. Tamera me perguntando se eu tinha visto meu tio Chung recentemente. Seu leve nervosismo… presumi que ela estivesse preocupada com ele, mas talvez ela estivesse preocupada comigo. Se Tamera está conosco desde que fui *adotada*, deve saber a verdade sobre o que eu sou. Talvez ela temesse que Chung me sequestrasse debaixo do nariz do papai. Uma vez, quando ela pensou que eu não estava ouvindo, questionou papai sobre o assunto, e ele ignorou. Deve ter sentido alívio por seu amigo ter ido embora. Um oceano de distância no real, sem mais insistir em algo que ele não queria.

— E então, nos encontramos no tempo presente — diz Chung. — Eu esperava que você terminasse a rota em Frontex antes de vir para cá, mas mesmo sem a última peça, você conseguiu. Isso prova sua capacidade sem sombra de dúvida. Seu pai estava disposto a continuar mentindo para sempre e mantê-la presa como um usuário normal no virtual. Mas não é isso que você é.

— Deve ter havido uma maneira melhor de me trazer aqui do que jogar meu pai aos leões — sibilo. Eu me forço a ficar de pé, minha mão

segurando a mesa. — Ele está sendo investigado por associação com você. Vai perder o emprego, a carreira.

— Ele ia ser investigado mais cedo ou mais tarde.

— Por minha causa?

— Por *minha* causa. Você já ouviu falar de Indisposição, Lia?

A pergunta é peculiar o suficiente para que eu pisque, examinando a sala rapidamente. Ele não falou como uma ameaça. Mesmo que fosse, acho que não me daria um aviso antes de invocá-la.

— Claro que sim — respondo. — Vi as teorias da conspiração.

— Não é uma conspiração. Indisposição é algo que a NiloCorp vem fazendo há quase uma década.

Eu bufo.

— Ah, tá.

— A razão pela qual ninguém percebeu — diz Chung, seu tom ficando mais mordaz com minha leviandade — é porque as mentes das pessoas não são meramente apagadas no virtual. Elas são *substituídas*. E de qual pesquisa você acha que eles tiraram isso?

É uma reação instintiva rir de qualquer um que acredita em Indisposição. Como se existisse algum grande esforço de abate que ninguém percebeu. Como se fosse possível escapar impune sem que entes queridos gritassem em protesto.

Mas…

— Merda — digo, baixinho.

— A verdade é que Henry não ficaria em paz por muito tempo, nem você. A NiloCorp está me observando desde o momento em que fugi. Tem observado o progresso do SangueFio, marcando-o como a próxima coisa que eles podem atacar, porque embora eles possam ter forçado a interrupção do Projeto Sabe, não tiveram escrúpulos em usar seus componentes principais para criar robôs que substituam qualquer um que cause problemas para eles. É uma perversão do Projeto Sabe. Eles viram humanoides sem nenhuma consciência. Codificados para reconhecer os fundamentos da personalidade de alguém, o suficiente para enganar o público em geral, enquanto inteiramente sob o comando da NiloCorp.

O pensamento me ocorre então como um raio, iluminando cada ponto que segurei em minhas mãos, sem uma maneira de conectá-los.

*Desde que meu pai deixou o emprego, ele está completamente diferente. Não consigo explicar. É como se ele tivesse sofrido uma lavagem cerebral. Ou sido recrutado para uma seita…*

— O diretor Murray… — começo, devagar.

— Sim — confirma Chung antes que eu termine minha frase. — Eles o pegaram bem quando queria se aposentar. Perigoso demais deixá-lo solto por aí com segredos da empresa. Brilhante, não é? Nunca haverá uma figura pública causando inquietação contra a NiloCorp se todas elas forem reescritas para amar a NiloCorp. Uma maquiagem, sem que ninguém saiba o que está por baixo.

O usuário apagado, substituído por um programa de IA cuja prioridade número um é a NiloCorp.

— Como as pessoas não perceberam algo assim? — exijo saber. — Kieren deve falar com seu pai no Baixo. Sei que eles foram a funerais juntos. Como é possível colocar um robô na realidade…

— Da mesma forma que estávamos prontos para baixar você no corpo de Eirale — responde Chung. — Teria sido mais complicado com uma mente totalmente consciente. Você precisaria de mais armazenamento. Uma coleção de chips para armazenar tudo. Mas os robôs da NiloCorp? O chip que já possuímos para nos conectar à Garra também é capaz de armazenar memória. É fácil de infectar. Um download, e o robô já está andando pelo Baixo.

Não consigo conter um leve engulho. Repulsa por todo o corpo.

— Como você sabe disso? — pergunto, rouca. — Cadê as provas?

— Eles me disseram. O próprio James Moore, na verdade. Ele queria que eu soubesse o que meu trabalho havia conquistado.

Não parece algo que a NiloCorp faria por bondade de coração. E se havia um propósito para isso…

— James Moore entrou em contato com você?

— Na semana passada, ele me recrutou para a NiloCorp. Chefe da divisão de IA. Posso finalmente voltar ao meu trabalho na escala que sempre quis.

O medo se espalha do meu peito até as pontas dos meus dedos. Entorpece as bordas até que não consigo senti-lo quando meus punhos se fecham.

— E por que ele lhe daria isso?

— Porque a NiloCorp me encontrou — diz ele, claramente. — Eles não ligaram os pontos entre você e o Projeto Sabe, até que a Operação SangueFio foi deletada com sua assinatura digital. Eu coloquei você na frente da NiloCorp, e de repente eles entenderam que eu estava te atraindo de volta para mim, o que isso deveria significar. Enquanto eu pensava que estava os enganando para designar você, eles entraram na jogada para que pudessem ficar com o resultado. Queriam a confirmação também. Precisavam saber que você estava pronta para lidar com isso. É benéfico para todos nós se os deixarmos entrar.

Dou um passo para trás.

— Tio Chung — imploro. — Espera.

Vejo a notificação entrar na minha tela. Ele não me dá nenhuma opção de aceitar ou recusar.

No momento em que aparece, já começa a instalar, gotejando de 2% para 18%, depois direto para 59%, então…

**SangueFio_download_iniciado**

— Cada passo em sua jornada foi um teste para confirmar que você é capaz o suficiente — diz Chung. — Eu não pretendia que a forma final do SangueFio fosse um mero *chatbot*. O programa só pode atingir seu potencial máximo se interagir com uma pessoa senciente, mas uma mente humana partiria em mil pedaços se tentássemos baixar o SangueFio em nossos avatares. Eu não consigo. Mas você consegue.

Ele está calmo. Oferece um sorriso fraco, como se eu tivesse caído no parquinho e ralado o joelho, como se eu estivesse lhe mostrando um teste com uma nota baixa. A intenção é ser reconfortante, e eu estou quase acreditando.

Até que a dor irrompe na minha cabeça, e eu cambaleio contra a cadeira, meu ombro colidindo com a lateral da mesa.

— Espera, espera — imploro. — Eu só quero ser normal. Por favor, me deixa ser…

**SangueFio_download_completo**

O mundo diante de mim explode em uma miríade de fios. Não consigo ver nada por um momento, exceto o que se assemelha ao nascimento de uma estrela: branco brilhante em todas as direções, cor galáctica se espalhando para fora.

Então eu pisco e estou de volta à cozinha de Chung, tentando freneticamente entender os milhares de caminhos disponíveis na minha tela. Cada elemento do Tear luta pelo meu acesso: conversas, sinais. Eu levanto minha cabeça e sugestões florescem ao redor de Chung — suas localizações anteriores, suas anotações, suas observações. Em apenas um piscar de olhos, rastreio o que está ao redor dele e leio seus bate-papos, seus e-mails, suas transmissões de visualização única, cuidadosamente escondidas. Só preciso pensar em querer saber o que ele fez, por que ele fez, e instintivamente já organizei as mensagens corretas armazenadas em sua tela. Se ele fizer isso pela NiloCorp, vai receber os recursos que sempre quis. Vai me fazer atingir o potencial máximo. Eles ficarão de olho em mim enquanto sigo o caminho que ele construiu. Garantirão que Kieren Murray reporte, colete o que puder para preparar as acusações de traição do meu pai. Outra explosão de sugestões se abre ali, e sigo essa rota para as caixas de entrada da NiloCorp, seus memorandos, seus *briefings*. Acusar Henry Sullivan de traição seria só mais um motivo para eu cooperar com eles quando vierem atrás de Kunlun pelo seu prêmio.

— Lia, fique calma — diz Chung. — Eu sei que deve ser avassalador. Sua mente é humana há dezessete anos. Você precisa deixá-la se ajustar a uma interface artificial…

Quando examino a vigilância ativa da NiloCorp aberta para essa missão, vejo Frontex. Então, vejo meus amigos. Kieren. Rayna. Hailey. Entrando em Kunlun pelo atalho que Chung criou no final de sua caça ao tesouro: Rua da Montanha da Fênix, 7, Frontex. Ele usou SangueFio para forjar a rota, querendo que eu a usasse assim que seguisse a última pista.

Eu desvio os olhos para o próximo alerta que aparece quando estou pesquisando nos registros de entrada de Kunlun. Há outro frenesi de avisos rápidos. Um bloqueio sendo enviado.

— Não. Não, não, não…

Soldados da NiloCorp.

Tento empurrar tudo para longe. Minha tela não fecha. Todos esses elementos mutáveis e dançantes do Alto se tornaram outro aspecto da minha

visão.

— Lia, você deveria se sentar…

— Durma! — grito.

Chung cai como uma pedra. Ele bate no chão com força, imóvel. Essa colisão chamará os serviços de emergência. Meu suspiro fica preso na garganta, o horror calcificando o som em sensação física enquanto eu vejo as novas janelas que se abrem diante de mim. Eu vejo o ID de usuário de Chung registrado no departamento de emergência de Kunlun — então, com a mesma rapidez, a NiloCorp entra e dá o alerta.

— Isso não está acontecendo — eu sussurro. — Isso não está acontecendo.

O cachorro de Chung se aproxima para investigar, e eu me afasto, correndo para a sala de estar. Ofereço a mim mesma alguns segundos para recuperar o fôlego. O relógio na parede tiquetaqueia erraticamente, distorcendo meus ouvidos. Não tenho como navegar no sistema infinito: dou uma guinada desesperada para tentar ver onde papai está, para gritar por ajuda, mas como não sei onde ele está, não sei por onde começar. Tento invocar a imagem dele mesmo assim, mas rapidamente perco o fio da meada que estou seguindo, retornando ao começo, para os que estão na minha vizinhança imediata.

Respiro fundo, desesperada. Chung disse que minha interação com o SangueFio deveria desbloquear todo o seu potencial. Ele me transformou nessa coisa, nessa máquina; minha mente é uma chave que abre todos os componentes administrativos do Tear, e ainda não sei como usá-la.

Em histeria, eu volto, precisando desesperadamente retornar aos registros de entrada de Kunlun, e minha tela se divide em duas para seguir os caminhos de interesse. À esquerda, está a conversa nos canais de comunicação da NiloCorp, enquanto eles se movimentam. À direita está a localização de Kieren. A metade direita se ilumina quando percebe que é o foco da minha atenção, mostrando um mapa das ruas de Kunlun. Do outro lado da cidade, no movimentado bairro comercial, seu ponto começa a se mexer, sem pressa.

— … prendam Lia Ward e a considerem um recurso extremamente hostil — dizem os canais da NiloCorp à esquerda. — Indisponham os outros cadetes.

— Kieren — chamo, cutucando os comandos e abrindo uma chamada à força. — Está me ouvindo?

— Lia? — responde ele, sua voz aguda. — O quê? Como…

É isso. Pelo menos posso fazer isso.

— Corra! — ordeno. — Corra, agora!

# CAPÍTULO 41
## EIRALE

Entro em Kunlun, e o buraco na minha memória instantaneamente vibra, tornando sua presença óbvia.

As árvores balançam com a brisa. Aterrissei na sombra de um prédio alto. O instinto me diz para olhar para cima, e traço o arranha-céu, estendendo-se além de onde meus olhos podem seguir. Seus andares intermediários são decorados com folhagens e acabamento cromado. Há espaço suficiente entre eles para uma pequena aeronave passar. O prédio inteiro respira com cada leve rajada de vento, seus alvéolos subindo e descendo na forma de videiras verdes.

Eu deveria lembrar o que estava fazendo aqui para meu posto, mas não lembro.

— Algo errado?

Eu me viro, encontrando um estranho parado atrás de mim. Fico congelada por um momento, pronta para pensar em uma desculpa e fugir desse homem atahuense de meia-idade.

Então ele puxa a manga do terno, ajustando seu caimento, e percebo que é Nik.

— Não — asseguro a ele. O som mais grave da minha voz me dá outro susto. Desta vez, me recupero rápido o suficiente para não deixar transparecer. Entro nas configurações do meu painel, apago a senha existente e coloco uma nova. Agora o usuário original não vai poder entrar por pelo menos vinte minutos. — Esqueci que usaríamos avatares diferentes.

Conseguimos entrar. O bairro em Kunlun reage normalmente. Ninguém registrou nossa chegada como algo além da entrada natural de cidadãos na estação de desembarque.

— Quer dar uma olhada em si mesma para se orientar?

Olho para minhas mãos. Há uma grande probabilidade de que eu também seja um homem de meia-idade de Atahua agora.

— Acho que não precisa — digo. — Para onde?

Nik inclina a cabeça para a esquerda e começa a andar. Estou totalmente chocada com o quanto Kunlun é arejada, o sol e o cheiro de grama recém-cortada flutuando dos parques públicos pelos quais passamos. Não é que o Alto de Atahua não tenha isso. O sistema sabe se ajustar além das leituras poluídas que ele recebe de Baixo. Definitivamente, há dias de sol, em que a luz parece nítida em nossos rostos, estatísticas calculadas de como costumava ser antes de o céu ficar tão poluído.

Só não estou acostumada a tanto, com porções tão generosas. Os pássaros cantando. As fontes espirrando.

— Não há câmeras de vigilância óbvias — murmura Nik enquanto atravessamos a rua. — Mas Kunlun tem muitos sensores de tráfego e patrulhas de robôs automatizados. Só precisamos evitar ativá-los.

Falar é fácil, ainda mais quando não consigo parar de ficar boquiaberta a cada quarteirão que passamos. Assinto, sincronizando meus passos com os de Nik. Ele me lança um olhar. Não sei o que fazer com a maneira como se demora antes de desviar o olhar novamente.

— Mais seis quarteirões — murmura ele, baixinho. É fim de tarde. Passamos por uma academia de boxe com as janelas escancaradas. As pessoas lá dentro não nos dão atenção, o treinador na frente contando “um-dois” com entusiasmo. Eu quase paro, fascinada, mas Nik me puxa para continuar, continuando sua contagem regressiva conforme nos aproximamos cada vez mais do nosso destino.

— Quatro quarteirões.

Uma mulher passeando com dois chihuahuas passa por nós na calçada, dizendo olá. Nik sorri e acena. Mal penso em responder até que ele me cutuca com força, e então consigo dizer, com toda a educação:

— Boa tarde.

Logo depois, há outra mulher, vestida quase da mesma forma, com cores neon marca-texto, e com o cabelo loiro penteado para trás em um rabo de cavalo baixo.

— Dia deslumbrante — declara ela ao passar.

— Absolutamente — responde Nik.

Ela vira a esquina. Faço uma careta.

— Aqui é bizarro — sibilo.

— Aqui é Kunlun — responde. — Lar das pessoas mais ricas do mundo. Mais um quarteirão.

Meu estômago se embrulha. Fico quieta, procurando freneticamente por um indicador precoce de nosso destino. Espero por algo clínico à distância, algo que se assemelhe a um centro de dados. Em vez disso, quando Nik parece estar fazendo uma curva para atravessar um gramado, meus olhos pousam em um jardim de infância, os portões já abertos para sinalizar que as crianças foram liberadas. Uma garota da minha idade está dentro da cerca, trocando a lâmpada de uma luz de jardim pendurada.

Ela acena para nós. Parece medana. Seu vestido solto esvoaça frouxamente; seu cabelo está perfeitamente preso em duas tranças. Há uma divisão quase igual de medanos e atahuenses em Kunlun. Se há algum lugar para onde a elite de ambos os países foge enquanto suas nações rosnam, alfinetam e aumentam os preços de toda e qualquer coisa em uma batalha contínua, é aqui.

Nik passa pelo jardim de infância. Eu acidentalmente chuto uma pedrinha quando o sigo. Nik se vira, com os olhos arregalados, e eu jogo minhas mãos para cima, me desculpando sem palavras. Meu olhar está fixo sobre seu ombro. No final do caminho — onde nosso destino espera, presumivelmente —, a porta da frente de uma pequena casa já está entreaberta. Se há alguém lá dentro, certamente confia na vizinhança para deixar a porta aberta assim.

— Olá? — grita Nik. Ele mudou de tática, tentando ser casual em vez de se esgueirar até a casa. Também notou a porta.

Ele cutuca a porta com o sapato, sem tocar em nada. Está silencioso lá dentro. Ganhando mais confiança, Nik entra. Ele nunca esteve aqui antes, observo. Embora não tenha admitido abertamente, tive a impressão de que Nik já conhecia os centros de dados que visitamos antes, mas aqui ele está observando tudo com novos olhos. Ele chama de novo:

— Olá?

Nada.

Nik passa pelo corredor sem dizer mais nada. Eu sigo em frente. Entro na sala de estar. A manta felpuda no sofá ainda parece ter sido usada recentemente. Um arrepio percorre minha espinha. Eu deveria ir trancar a

porta da frente, avisar Nik que alguém pode entrar a qualquer momento. O que quer que tenha acontecido aqui foi interrompido.

Enfio a cabeça pela cozinha, examinando a mesa, a cadeira virada, a luva de forno deixada no balcão.

— Soldada. Venha aqui por um segundo.

Eu me afasto, seguindo o som da voz de Nik no corredor. Ele está no escritório, remexendo na mesa quando entro. Há um grande quadro branco fixado na parede, rabiscado com uma variedade de cálculos.

— Onde estamos? — pergunto.

— Quartel-general — responde Nik brevemente.

Franzo a testa. Uma jaqueta foi descartada no chão, com as mangas viradas do avesso.

— Parece a casa de alguém.

— Pode ser as duas coisas.

O olhar de Nik está distante. É estranho vê-lo fazendo isso sem os óculos na frente dele, mas mesmo sem o indício visual, sei que está folheando rapidamente algo na tela de seu avatar. Nunca o vi no virtual até este momento, mas o gesto parece óbvio, fácil de ler. Minha compreensão é quase inata, assim como penso que vermelho é quente e azul é frio.

— Consegui — anuncia ele.

— Já?! — exclamo. Pensei que seria mais difícil. Ele disse que o arquivo de Kunlun estava aberto, mas com essa velocidade, fui totalmente inútil aqui. Nik poderia ter vindo sozinho.

— Estou pedindo para Blare juntar as peças agora — diz Nik. — Elu já aprontou tudo.

Meu olhar voa pelo escritório. Eu franzo a testa.

— Não podemos sair primeiro? — pergunto. — Ainda estamos naquela sala de servidores.

— Eu sei — diz Nik claramente.

E com essa resposta, entendo que deve haver mais do que simplesmente buscar a parte do arquivo e enviá-la para Blare.

— Nik — insisto. — O que está acontecendo?

Nik pisca para fechar sua tela. Já concluiu a transferência.

— Desculpe pelo fingimento — diz ele. — Mas eu precisava colocar você em uma Garra para que a gente pudesse te passar. — Ele se vira

ligeiramente, falando em uma chamada que deve ter aberto. — Agora, Blare.

— O que…

Não consigo me mexer.

Não consigo me mexer.

— Não entre em pânico. Vamos fazer a fusão. Você vai ficar bem, Lia.

*Do que você está falando…?*

A casa implode. Só estou ciente do calor que tudo consome, comendo meus membros, meus olhos, minhas entranhas.

Então, não há mais nada.

# CAPÍTULO 42
## LIA

Eu tropeço na esquina da Rua M, aumentando freneticamente o mapa na minha janela sobreposta.

Tem que haver uma maneira melhor de fazer isso. A Operação SangueFio fundida com meu código tem que valer alguma coisa. Eu deveria estar conectada com Tear. Isso significa que qualquer coisa que o sistema pode fazer com seus avatares, eu também devo poder.

— Com licença, com licença — grito, empurrando um grupo aglomerado em volta de uma praça. Há um pequeno concerto tocando no meio. Uma dupla, suas guitarras conectadas a alto-falantes em miniatura. Aproveito para pular os fios, então estou correndo novamente, abaixando-me sob as faixas ondulantes atrás de sua apresentação. Aqueles por quem eu passo se viram rapidamente, intrigados com minha urgência. Esta não é uma visão comum em Kunlun.

Eu faço uma curva abrupta, seguindo a rota no mapa. É difícil pensar enquanto estou em pânico, o que também significa que não consigo seguir os caminhos de código balançando continuamente na minha frente. Penso brevemente na maneira como Weston entrou no servidor de Medaluo no ônibus de turismo e dou um comando para minha tela, pedindo para ela me colocar bem ao lado da localização de Kieren.

**ERRO: Instrução do sistema não encontrada** pisca em vermelho brilhante na minha tela.

— *O quê*? — grito. — Você é *inútil*…

Enquanto continuo correndo, reduzo o comando, olhando para outro ponto no mapa. Pule dois quarteirões.

**ERRO: Instrução do sistema não encontrada**, ela repete. Então, quando a linha some, aparece: **Permissão do Tear Dentro do Campo de Visão.**

Fixo a atenção em um ponto além do mapa na minha tela, mirando o fim da rua. Diminuo a opacidade na tela. E vou.

Meu avatar salta fisicamente, pousando no fim da rua com um solavanco. Eu bufo e continuo correndo. Isso ainda foi inútil. Mas acho que estou entendendo como Chung construiu SangueFio.

Posso bisbilhotar dados infinitos com os prompts corretos, farejar qualquer informação flutuando no éter. Posso interromper chamadas telefônicas, entrar em caixas de entrada, alterar o que eu quiser sobre as informações pessoais de alguém pairando online. Mas não posso mexer com as restrições fundamentais do Tear. Só posso hackear o que já existe. Chung pode criar atalhos que enviam meus amigos através da estação de pouso de Kunlun. O sistema entende esse comando. Posso mover meu avatar até onde posso ver. O sistema já preparou isso em seu código também: nossos avatares se movem automaticamente para o primeiro local que vemos, se entrarmos em uma estação de pouso ao mesmo tempo que outra pessoa, para sobrescrever a colisão.

Não posso me empurrar para a borda de Kunlun e ajudar meus amigos. Não posso crescer cem metros de altura e esmagar os soldados da NiloCorp sob meus pés.

Cheguei a um terminal de ônibus movimentado. Subo as escadas para a passarela acima. A visão que tenho dos soldados da NiloCorp me diz que o líder da equipe está fazendo uma ligação. Assim que sintonizo, ela cai, mas outra relacionada aparece para minha análise.

— … isso não será um problema. Temos uma taxa de sucesso de cem por cento em recuperações. Quando foi que já falhamos?

Eu reconheço essa voz. James Moore.

— Chung transmitiu uma notificação automática no momento em que seu programa foi instalado. Temos que agir rápido, dadas as capacidades dela agora.

Essa segunda voz também é familiar, mas tenho dificuldade de identificá-la. Assim que olho para baixo para ver um ônibus saindo do ponto, minha tela sabe que estou solicitando mais informações e me inunda com as respostas: **Secretário de Defesa, Chip Graham.**

Eu tropeço. Vasculho seus e-mails, suas anotações. Uma vez que estiver mesclada à Operação SangueFio, eles querem me capturar e então me colocar em uma sala isolada. Eles vão trazer papai, Tamera, Kieren e Rayna

e vão me forçar a arrasar Medaluo até não sobrar mais nada. Vão matar todos que eu amo, a menos que eu obedeça. Vão me usar por décadas, por séculos, até que meu próprio código frite no esquecimento. Eu vejo tudo. Leio os planos mais rápido do que minha mente recém-não humana pensou ser possível.

Minha tela começa a piscar entre tudo o que estou assistindo ao mesmo tempo. Estou me aproximando de Kieren, seu ponto bem na orla de Kunlun. Soldados da NiloCorp vira a esquina da estação de pouso. Seus rádios crepitam. Eu os ativo, ouço pedaços:

— Senhor, metade desta tropa são Murrays…

— A instrução foi clara…

— Com Kelland Murray, não consigo imaginar…

— Você não conhece Kelland Murray, né?

Deslizo escada abaixo no final da passarela elevada e emerjo de volta na trilha da Rua B, no extremo norte do terminal. Procuro Kelland Murray nos arquivos da NiloCorp — Diretor Murray — e quase vomito na calçada.

— Lia?

Então o vejo, sob a sombra de um ônibus estacionado. É só Kieren. Cadê as outras?

— Merda — sussurro. — Merda, merda, merda…

Eu corro para frente, em direção a ele. Seus olhos se arregalam; seus braços se abrem. Não pretendo, mas é Kieren quem me alcança primeiro, e reajo de acordo, mergulhando em seus braços e enterrando meu rosto em seu pescoço.

— Me desculpa — diz ele. — Eu não queria que você deslogasse, não queria que perdesse tudo…

— Kieren, nada disso importa mais. — Eu respiro em pânico. — Eu te perdoo. Eu entendo. Mas você tem que ir. Você tem que ir *agora*.

— O quê? Do que você está falando? — Ele me abraça mais forte. Sua boca é quente contra meu cabelo.

Kieren me abraça como se eu fosse real.

Eu me afasto. Tenho que fazer isso rápido.

— Seu pai não é mais a mesma pessoa porque eles o Indispuseram quando ele saiu do cargo de chefe de segurança. Chip Graham estava com medo de que o deixar ter uma vida civil ia expor segredos de Estado. Ele pediu a James Moore para apagar sua consciência. O pai que você conhece

é uma IA. É um robô que aprendeu a se comportar como ele, usando as informações que a NiloCorp extraiu de seus próprios bancos de dados. É *por isso* que ele está tão diferente.

Kieren fecha e abre a boca. Ele empalideceu. Sua expressão está dividida entre angústia e descrença, incapaz de entender o que estou dizendo.

— Isso… isso é… — gagueja Kieren. — Lia, quê? Eu vi meu pai no Baixo.

Arrisco um olhar por cima do ombro, verificando os arredores. A Rua B paira no lado mais silencioso. Sua maior concentração de estabelecimentos são lojas de aluguel de bicicletas, espalhadas a cada poucos quarteirões. Mas posso ouvir o primeiro estrondo de perturbação à distância. Comoção surpresa de civis.

— A NiloCorp pode baixar os robôs em nossos chips também — digo brevemente. — Me escuta: ele está longe de ser a primeira vítima. São todos os aposentados do governo. Políticos. Ativistas. Qualquer um que possa ser um perigo para a empresa. Estão vindo agora atrás de mim, e vão te Indispor também, e ninguém vai saber, porque eles vão usar todos os dados que têm sobre você para te substituir por uma imitação.

Kieren balança a cabeça, um lampejo de clareza finalmente entrando em seus olhos.

— Lia, eu preciso que volte um pouco — diz ele, firmemente. — O que aconteceu quando você saiu? Como é que você está aqui?

— É muita coisa para explicar agora. — Eu não consigo cobrir tudo. Há muitos detalhes, muita coisa para explicar sobre *mim*, que não sou como a IA que substituiu seu pai, mas algo que evoluiu de forma diferente. Algo *senciente*. — Cadê a Rayna? Hailey?

— A um quarteirão de distância. Eu corri na frente quando ouvi de você.

Ouço o rugido da moto primeiro. Imediatamente, estou correndo para a passarela elevada outra vez, meu coração batendo forte contra minhas costelas. No topo, tenho uma visão perfeita da rua, até o próximo quarteirão. Lá, Rayna e Hailey estão correndo para a frente.

— Rayna! — grito.

Sua cabeça se levanta. Ela me vê.

Outro rugido de motor de moto, dessa vez furiosamente perto. O som me interrompe quando tento gritar de novo, e então não para de reverberar, mais perto, mais perto, mais perto. Eu presumi que a moto viria do sul, mas

ela dispara de uma avenida à frente, freando bruscamente no meio da estrada. Eu não estava prestando atenção. Eu deveria ter aberto todas as câmeras nas proximidades. Eu deveria ter assistido tudo, controlado onde os soldados estavam.

O motociclista está de frente para Hailey e Rayna. Ele ergue um rifle na vertical, seu olho fixo na mira.

— Pronto — anuncia ele em seu fone de ouvido. — Por favor, ative o malware.

Ele atira, e o mundo desacelera. A bala sai da arma, envolta em uma tênue aura branca. Ela viaja pelo ar em um arco inconfundível em direção a Hailey, bem no centro da cabeça dela. Vai atingi-la e lançar um malware, embaralhar a consciência que ela confiou a este sistema.

— Não!

Quando o mundo acelera novamente, a bala não atinge nada. Hailey se foi. O soldado congela, sua arma para no final do coice.

Não tenho ideia do que acabei de fazer.

— Rayna, desconecte! — grito. — *Desconecte*!

Ela faz um barulho estrangulado. Seus olhos encontram os meus, frenéticos, desesperados, incompreensíveis. Mas Rayna confia em mim e, apesar de tudo que arrisca, ela desloga, sumindo em um piscar de olhos.

— O que está acontecendo?! — exclama Kieren atrás de mim. — Lia, o que…

O barulho dos motores vem de todos os lados. Eles vão nos cercar.

— Kieren, me escute. — Eu o puxo para baixo, usando a barreira da passarela como cobertura. Ele não resiste. — Você é a pessoa que mais me conhece no mundo. A única pessoa que pode falar comigo e entender tudo o que estou dizendo e tudo o que não estou.

Ele pisca rapidamente.

— Obrigado?

— Eles me querem na minha forma completa. Eles me querem como uma arma toda-poderosa, e eu não posso dar isso a eles.

Kieren balança a cabeça. As motos rugem e bloqueiam tudo, ao norte e ao sul, de cada lado.

— Lia, não tenho ideia do que você está falando…

— De mim, estou falando de mim. Eu sou o Projeto Sabe.

Ele procura algo no meu rosto. Traça minhas feições como se quisesse memorizá-las.

— Projeto Sabe — repete ele, com a voz suave. — Você?

Eu sei o que ele está perguntando. Eu assinto.

— Vou me esconder ao longo deste posto que compartilhamos — sussurro rapidamente. Eu sou código. Posso criar uma duplicata. — Três locais. Eu vou te guiar quando você chegar. Ninguém mais será capaz de me encontrar, mas você vai, quando estiver pronto. Eu não vou deixar a NiloCorp me pegar. Se me pegarem agora, não haverá fim para o que farão comigo.

A enormidade do que estou pedindo lhe ocorre sem necessidade de elaboração, da mesma forma que ele sabe como antecipar meus golpes no tapete de treino. Vejo isso em sua expressão, no franzir de sua testa.

— Peraí — diz Kieren, bruscamente. — Eu posso ir com você. Podemos nos esconder juntos…

— Não, não funciona assim — interrompo. — Eu sou virtual. Eu só posso existir dentro do sistema Tear, e *você* precisa sair do Tear e não voltar até estar pronto, porque no momento em que voltar, eles vão poder te machucar. Eu não posso ser trazida de volta como eu mesma até que haja um cenário em que a NiloCorp não possa me levar embora. Você precisa decidir quando isso vai acontecer.

Eles estão gritando lá embaixo agora. Passos, subindo as escadas de cada lado da passarela.

— Lia — implora Kieren. — Se entendi direito, você vai… não consigo nem compreender o que estou dizendo… você vai, tipo, se *deletar*?

Pego sua mão, tanto por mim quanto por ele. Apesar de tudo o que estou dizendo, ainda sinto esse contato até os ossos. Eu poderia até me enganar e acreditar que sou orgânica, cada uma das minhas terminações nervosas aqui ganhando vida.

— Eu não posso ser apagada de verdade. — Eu procuro nos tesouros de documentos confidenciais da NiloCorp enquanto falo. Encontro seus textos sobre Indisposição, as páginas e páginas de malware cuidadosamente projetado, e então a função que busca tudo o que a NiloCorp sabe sobre uma pessoa. Suas mensagens e suas fotos. Cada palavra dita em voz alta no Alto, cada ação realizada como um avatar dentro de seu reino. Enquanto uso os tópicos rápidos do SangueFio para encontrar o código capaz de

transformar a vida inteira de uma pessoa em um *chatbot* simplificado, também é fácil para mim extrair as partes que exigem a lealdade de um robô à NiloCorp. Deixar para trás a capacidade de invocar qualquer pensamento que o usuário imitado diria de forma viável, tirar os parâmetros de lealdade.

Naquele momento, entendo Chung um pouco mais. É sobrenatural ser capaz de fazer isso. A ciência foi além da minha imaginação.

— Eles vão continuar me trazendo de volta — digo. — Mas vou exauri-los com esta versão até que desistam. Ou seja, você é responsável por recuperar a outra em algum lugar bem longe deles.

— De jeito nenhum — sibila ele. — *Esta, a outra.* Lia, você é *você*.

— E até que eu diga o contrário — digo, firmemente —, sou sua. Só sua. Me encontre, Kieren. Por favor.

Os olhos de Kieren ficam ferozes. É a cara que ele faz quando sabe que está perdido. Quando eu o venci naquele último trecho da volta ao redor do campus, quando fui mais rápida para entregar minha tarefa para ganhar pontos extras.

Quando ele fica assim, só tem mais motivação para ser melhor da próxima vez.

— Você é impossível — sussurra ele, arruinado, reverente.

— Eu confio em você — sussurro de volta. — Desconecte. *Por favor*. Antes que eles te peguem.

Kieren estremece ao inspirar. Nossos dedos estão entrelaçados com tanta força que sinto cada pedacinho de seu desespero gritando com seu toque, e ele deve sentir minha angústia da mesma forma.

— Ok. Vou te encontrar de novo.

E diante de tudo, fico arrasada quando ele realmente desaparece, minha mão se fechando em torno do nada. Lágrimas correm para se acumular em meus olhos, finalmente permitidas a emergir.

— *Parada*!

Os soldados me cercaram. Eles se posicionam, cobrem as saídas para que não haja chance de eu correr. Cerro os dentes, ociosa por mais um tempo. Por fim, termino de revisar o próprio código de Indisposição da NiloCorp para concluir meu presentinho e baixá-lo no dispositivo portátil registrado entre os pertences de Kieren Murray, lá em Baixo.

Então, percorro a lista de opções no meu próprio comando principal.

*Configurações do sistema. Itens recentes. Suspensão.*

*Apagamento forçado.*

— Está me ouvindo? — pergunto em voz alta. Vejo que a janela se abriu no lado esquerdo do meu visor. *James Moore: Conectado.*

— Lia? — ele diz, hesitante. — É você?

— Sou eu. — Um dos soldados me puxa para cima. — Você estava de olho em mim, não é? Mas mesmo com toda a sua vigilância, não conseguiu prever isso.

Eles tentam me levar até os degraus. Eu arrasto meus pés.

Na linha, James Moore diz:

— Lia, isso é para sua segurança.

Eu rio.

— Vá se foder.

Tenho tempo suficiente para levantar meu braço, acertando um golpe em cheio bem no meio da cara do soldado. A barra de carregamento é concluída.

**LIA.MEM excluída com sucesso.**

# CAPÍTULO 43
EIRALE

— Blare, tira ela de lá!

# CAPÍTULO 44

**> Carregando …**
**> Carregando …**
**> Carregando …**
**> Carregando …**
**> Carregando …**

# CAPÍTULO 45

— Lia — diz Nik. Ele está sacudindo meu ombro.

A Garra cai da minha cabeça, e eu estou piscando, tentando entender onde estou. Estamos de volta à sala do servidor em Frontex. Uma batida alta ecoa fracamente acima de nós, movendo-se pelo labirinto da instalação.

— Lia, você se lembra?

Nik está esperando cuidadosamente minha reação, seus olhos arregalados.

Não, não é Nik.

— *Kieren* — suspiro.

# CAPÍTULO 46

Eu me lembro da primeira vez que tentaram me reiniciar.

Foi em um laboratório da NiloCorp. Não demorou muito para eu juntar as peças do meu entorno: Chung, ao meu lado, pairando sobre um computador; James Moore, perto da porta. Dezenas de seguranças espalhados nas entradas, apesar da segurança inerente do Alto. Peguei o grampeador na mesa e joguei na testa de Moore para garantir. Antes que ele pudesse reagir, eu me apaguei novamente.

Eles me carregaram de novo. Naquela vez, desconfiei que algo estava um pouco errado. Diferente. Em segundos, eu havia rastreado as câmeras disponíveis, os relatórios, as chamadas telefônicas ativas no prédio para descobrir o que aconteceu. Eles me ablacionaram. Cortaram uma parte da minha codificação para ver se isso me tornaria mais dócil, mais cooperativa. Não me dei ao trabalho de procurar a parte exata que eles achavam que seria útil remover. Eu me apaguei completamente.

Cada vez que eles tentaram, eu me lembro. Não sabia ao certo quantos dias se passaram entre cada tentativa, quanto tempo fiquei desconectada enquanto eles trabalhavam na próxima ablação. Tudo o que eu sabia era que não podia me demorar depois que me traziam de volta, porque tinha medo de que eles ameaçassem alguém que eu amava, e então eu não poderia me deletar em sã consciência. Não podiam me machucar no Alto. Eu não podia machucá-los no Alto. Mas eles eram os únicos capazes de descer até o real.

Me trouxeram de volta. Cortaram outro pedaço. Queriam a arma sem a garota; tentaram me mutilar para que pudessem remover Lia sem perder minha consciência.

Eu morri, de novo e de novo e de novo. Cem Lias, mil Lias. Cada versão que eles carregavam emergia um pouco mais longe do ponto de verificação que eles tinham, do meu apagamento em Kunlun. Não importava em quantas partes de código eles mexiam. Eu dava por mim no laboratório, registrava meus arredores, identificava o logotipo da NiloCorp na minha

visão periférica, e a raiva se enrolando em meu estômago era o suficiente para eu apertar minha própria função de exclusão mais uma vez. Eles não conseguiram me impedir. Não importa o que fizessem, não conseguiram me impedir de fugir deles.

Então eles desistiram. A arma não podia ser separada da garota, então a garota tinha que ir. Eu me lembro daquele último fio de alívio quando percebi que não tinha nenhuma sensação, não tinha consciência. Eles não carregaram nada, exceto minha rede neural, e aquilo não era eu. Não veio com nenhuma das minhas memórias, nada do que me fazia ser eu. Eles finalmente mutilaram esta versão em pedaços, destruíram qualquer chance que tinham de recuperar algo útil.

O que significava que a única cópia restante de mim dependia de Kieren encontrar.

— Enfileire o download. — Essa foi a última coisa que ouvi no laboratório. — Teremos que começar do zero.

# CAPÍTULO 47

**LIA.MEM restaurada com sucesso.**

# CAPÍTULO 48

Eu me jogo para o lado, tossindo para colocar ar de volta em meus pulmões, lutando contra a paralisia que tomou conta do meu corpo. Minha cabeça gira com o ataque. Tudo enfim entra em uma sequência linear, finalmente correta pela primeira vez desde que me deletei em Kunlun.

Consigo me lembrar de tudo de novo. Apagando a mim mesma cada vez que eles relançavam Lia Ward. Minha rede neural, retirada e baixada em um corpo orgânico. Eirale Ward, forçada a existir apenas para dar à minha personalidade algum tempo para se desenvolver, para deixar novas conexões crescerem sobre meu ressentimento e resistência. Todas aquelas simulações de realidade mista que realizei na base de Cidade-Botão… a unidade traidora da NiloCorp estava recriando aquele último dia em Kunlun. A cada semana que passava como Eirale, eles estavam se certificando de que Lia não voltaria. Depois que tempo suficiente tivesse passado, depois que Eirale Ward tivesse realmente se estabilizado daquele download, eles iriam me enviar para o Alto como um novo avatar, fundir aquela versão de mim com SangueFio. Recriar a arma que queriam.

Mas tudo isso foi ameaçado por Kieren tentando me trazer de volta. Quando eles perceberam que havia mais uma cópia de Lia Ward fora do alcance deles.

— Seu imbecil — é a primeira coisa que consigo sussurrar. — É ilegal mudar sua aparência no Alto.

Kieren solta uma única risada, o som cheio de tanta perplexidade que ele quase parece assustado. A imagem diante de mim é chocante junto às memórias que recuperei de repente. Eu só conhecia esse rosto dele como Nik Grant. Kieren Murray parecia totalmente diferente.

— Vamos — diz Kieren, me dando a mão. — Temos que sair daqui primeiro. Não sei quem chegou lá fora, mas alguém claramente chegou.

Eu me levanto, tonta, o sangue correndo da minha cabeça. Minha mente luta contra a colisão entre as memórias falsas instaladas em Eirale e as reais

tentando preencher as lacunas. Papai, Porto Seguro: real. Assistência social, anos e anos sozinha: falso. Rayna. *Rayna*.

— Miz — percebo com um suspiro.

Kieren passa meu braço sobre seus ombros, me apoiando para andar.

— É. Ela nem é medana, aliás. Uma semana depois que deslogamos para fugir da NiloCorp, seu arquivo de órfã foi aberto. Ela estava tão deprimida por ter que fugir e deixar a mãe para trás sem explicação que rastreou os pais biológicos para preencher o vazio. O que, você sabe, tornou seu ressentimento em relação à NiloCorp ainda pior. Seus pais biológicos eram pyasos. Atahua mudou de propósito para que ela fosse obrigada a entrar na escola militar.

Ele chuta a porta da sala do servidor, espiando o corredor. Quando não vê ninguém em nossos arredores, ele aperta minha mão duas vezes e nos puxa para continuar andando. Tenho tantos assuntos para perguntar ao mesmo tempo. Um ano de perguntas.

— Que horror. E Hailey?

Kieren balança a cabeça.

— Não sabemos. Ela não acordou. Esperávamos que você tivesse as respostas quando te restaurássemos. A NiloCorp conseguiu suprimir o escândalo do meu desaparecimento, mas não reagiram a tempo de esconder que Hailey está em coma. Minha mãe correu para casa, para gritar para todo mundo. Acho que a única razão pela qual a NiloCorp não ameaçou sequestrar Hailey para me atingir é porque minha mãe está cuidando dela, e tem uma transmissão ao vivo 24 horas por dia, 7 dias por semana. Os espectadores dela perguntam cadê os filhos. Ela simplesmente os ignora.

Viramos à esquerda.

— Merda — murmuro. — Blare. *Weston*.

Os rostos deles não combinam, mas agora que me fundi de volta às minhas memórias como Lia, só pode haver uma explicação.

— Blare realmente mudou o nome. Não foi só para fugir da lei, como eu — diz Kieren.

— Aposto que tudo isso manteve minha memória longe por mais tempo — murmuro. — Assim como sua insistência em fingir que estávamos procurando pela Operação SangueFio, para que você pudesse recriar nosso posto final. “Há um programa do governo medano dividido em três arquivos em três locais.” Sério, Kieren?

Kieren revira os olhos, bem-humorado, e, só com esse movimento, seu rosto se torna familiar. Ele se torna o Kieren que eu conheço. Não o vi durante todo o tempo em que estivemos no Baixo.

— Eu tive que inventar uma razão para precisar de você — diz ele. — Dessa forma, você nos levaria a sério e ficaria conosco.

Porque a única razão verdadeira era me manter longe da NiloCorp. Me levar junto até que pudessem pegar meus pedaços nos três locais e depois me restaurar.

— Você fez um ótimo trabalho — murmuro.

Minha mente ainda está girando. Kieren, Nik. Nik, Kieren.

— Por que você e Blare estão diferentes?

Nós subimos correndo um lance de escadas. Kieren olha para trás de vez em quando, garantindo que não haja perseguição.

— Meus irmãos e eu temos avatares personalizados para parecerem diferentes de nossos rostos reais. É um recurso de segurança. Evita tentativas de sequestro de crianças ricas, porque as pessoas não reconhecem seus alvos no Baixo. A NiloCorp também recomenda para funcionários de alto escalão e seus cônjuges. Minha mãe optou por não participar. Meu pai fez pequenos ajustes. — O maxilar de Kieren se contrai, olhando para frente novamente. — Não ajudou muito, no fim das contas.

Eu sufoco uma respiração, uma nova peça se encaixando no lugar. A boate. O secretário de defesa. Kieren, disparando o tiro que detonou tudo… e matando o homem que Indispôs seu pai.

— Kieren — digo, de repente. — O que aconteceu com meu pai no ano passado?

Naquela vida falsa que eles criaram para Eirale Ward, se livraram de meu pai completamente. Eu fui largada em Cidade-Botão, e nem pensei nele. Eu não tinha como saber que deveria procurá-lo.

— Nada — responde Kieren. As rampas sob nossos pés estão começando a se nivelar. Estamos nos aproximando do nível do solo, emergindo de volta ao topo da instalação. — Você se lembra da mídia atahuense acusando Medaluo de infringir os direitos humanos em Kunlun?

Eu assinto. Como eu poderia esquecer? Assisti àqueles segmentos de notícias várias vezes tentando despertar alguma familiaridade em minha memória.

— Claro. Todos em Kunlun estavam se perguntando por que os soldados particulares da NiloCorp tinham inundado suas ruas.

— Eles não podiam dizer que era porque estavam atrás de nós — diz Kieren. — Então eles encobriram, alegando que estavam protegendo os cidadãos de Kunlun contra Medaluo. Ao mesmo tempo, eles estavam fazendo uma ameaça sutil a Medaluo, anunciando que descobriram o trabalho de Chung e roubaram a Operação SangueFio. Medaluo não podia responder nada. Mas isso certamente deu ao seu pai uma desculpa para criar confusão pública sobre o exagero atahuense. A mídia já o estava criticando por ser muito brando com os medanos. Ninguém achou fora do comum quando ele foi para o Baixo em protesto, e decidiu que só trabalharia lá até que a NiloCorp se desculpasse por invadir Kunlun.

O que eles nunca fariam.

— Ele sabe — digo, com certeza. — Chung deve tê-lo avisado.

Caso contrário, ele não teria como saber que era melhor ficar no Baixo. Sair do Tear, evitar que a NiloCorp tentasse o Indispor.

— Chocante, dado o que Chung fez com você — murmura Kieren.

Antes que eu possa responder, ele gesticula pedindo silêncio enquanto nos aproximamos de uma porta do átrio. Kieren pressiona o ouvido contra o painel para ouvir.

— Cadê Miz? — sussurro depois de um tempo. — Ainda lá dentro?

— Não — responde Kieren. — Ela já voltou para a van. Vamos.

Eu me inclino para trás bem a tempo do chute dele na porta. Nós corremos rapidamente escada acima. Dobramos o corredor, avançamos pelo andar inferior, e então chegamos na área principal.

Eu paro imediatamente, derrapando bem antes de poder esbarrar nos corpos caídos no chão. Capacetes rígidos e coletes à prova de balas que não fizeram nada para impedir o jato cravado em seus pescoços, seus rostos, suas partes carnudas expostas. Eles estão usando trajes da NiloCorp.

— Eles entraram primeiro — observa Kieren imediatamente. — Vidro nas mangas. Quebraram as janelas. Armas sem disparar…

— Merda — digo em voz alta. Há mais detalhes para lembrar além do ano restaurado e minhas falsas memórias. O rastreador na minha bota. Teryn Moore. — Kieren…

Holofotes por trás das janelas quebradas iluminam a instalação de repente, de todas as direções. Só agora ouço o tremor das hélices do

helicóptero. Várias aeronaves, flutuando sobre a instalação.

— Mãos ao alto! — berra uma voz de fora, amplificada por um megafone. — Mãos ao alto, ou vamos atirar!

Estou lutando para procurar a fonte através dos holofotes. Meu pé avança, e ouço um clique: uma promessa de cumprir a ameaça de atirar.

— Mãos ao alto! Agora!

Kieren levanta lentamente os braços. Estende as palmas das mãos.

— Lia — sibila. Eu não me movi. — Vamos lá. Acabei de te trazer de volta.

— Não entendo — digo. — Se os corpos no chão são da NiloCorp, quem são esses…

— *Mãos ao alto!*

— Lia, bora! — insiste Kieren.

Jogo meus braços para o alto, desistindo.

Instantaneamente, há um movimento frenético pelas janelas, figuras vestidas de preto com rifles nas mãos. Os soldados nos alcançam, nos derrubam. Minha testa bate no chão, a pontada de dor atinge meu couro cabeludo com força suficiente para me fazer ofegar. Eu me esforço para dar uma olhada em Kieren, mas ele está sendo puxado para cima e arrastado para longe.

— Vamos — diz um dos soldados. Ele algema meus pulsos atrás das costas. — Vamos lá.

Ter minhas memórias restauradas recentemente me deixou mais lenta do que eu pensava. Porque é só então, enquanto estou sendo içada para cima, que registro que os soldados estavam falando medano o tempo todo.

Estamos sendo levados por Medaluo.

# CAPÍTULO 49

Estou congelando de frio.

Um efeito colateral infeliz de ser colocada em um corpo orgânico, eu suponho. Existindo inteiramente ao capricho do ar-condicionado soprando pelas aberturas acima da pesada porta de metal.

Eu suspiro, inclinando minha cabeça sobre a mesa. Eles prenderam minhas algemas no meio, forçando meus braços a ficarem retos na minha frente. Isso está cortando meu fluxo sanguíneo. Quando alguém realmente entrar na sala para me interrogar, meus braços terão caído, e eles terão que prender membros cibernéticos aos cotocos. Então eu realmente serei IA.

Eu me endireito com o pensamento. Um ano atrás, quando Chung especulou sobre me levar para Baixo, disse que ninguém saberia que eu não tinha nascido organicamente humana. "*A menos que abrissem sua cabeça e encontrassem chips de dados em vez de massa cerebral*." Claramente, colocou o plano em prática. Se acabaram me dando o nome de Eirale, então este é o material genético original que usaram para impressão 3D. Instalaram minha rede neural nos chips. E quando Kieren restaurou minha memória, ele colocou toda a minha vida como Lia lá também.

Eu giro meu ombro, tentando aliviar a cãibra ali. Pegaram minhas roupas e me deram um uniforme branco horroroso. Pegaram meus sapatos com o rastreador dentro, e eu não tenho a mínima ideia se ele ainda está transmitindo. Meus pés estão descalços contra o chão frio. Meus dedos ficaram dormentes.

Neste corpo, eu posso ficar com hematomas. Posso sangrar até a morte. Posso embarcar em um navio, enfrentar as ondas fortes e fazer uma visita à Ilha do Templo. Eu realmente não quero ir para o Alto nunca mais se existir o menor risco de me separar desse sentimento — dessa sensação de que eu sou *real*, apesar de tudo.

A porta finalmente se abre, me assustando e interrompendo meu devaneio.

— Desculpe pela demora.

A mulher entra falando atahuense. Ela é medana, mas sua fala é como a minha, um sotaque que possui a suavidade de crescer em Atahua. Seu terninho bem-passado é imaculado, sem uma ruga sequer aparecendo, mesmo quando ela arrasta a cadeira para o outro lado da mesa e se senta.

Eu a conheço. Ela é a mulher que saiu de casa em Tresci. Aquela que nos direcionou para o apartamento abandonado, que traçou o infinito em sua gola para indicar seu emprego na NiloCorp.

Eu congelo. O que é isso? O departamento federal de Medaluo foi infiltrado? Ou ela estava disfarçada na NiloCorp?

— Meu nome é Poppy Kam — diz ela, abaixando os óculos que estavam sobre sua cabeça. — Mas me chame de Poppy. Odeio formalidades.

Lentamente, eu me sento ereta.

— *Kam*? — repito.

— Isso mesmo. — Ela não dá nenhuma indicação de que o nome seja especial. Cantarola baixinho enquanto rola a tela nos óculos, suas unhas longas batendo na mesa. Seu cabelo não sai de trás das orelhas. Está preso com tanta perfeição que deve haver montes de grampos nas camadas mantendo os fios retos. Não consigo estimar sua idade. Ela pode ter entre vinte e quarenta anos.

— Por que não começamos aqui? — diz ela. — O que você lembra da sua instalação?

A sala fica mais fria.

— Não sei bem o que você quer dizer.

Ela gesticula para cima e para baixo.

— Este corpo.

Continuo indiferente.

— Eu não sabia que havia tantos termos para “nascimento” hoje em dia.

Poppy levanta os óculos um centímetro e meio. Ela me olha.

— É assim que você quer brincar?

— Eu só acho que muitas pessoas ficariam irritadas ao ouvir “parto” ser chamado de “instalação”.

Um som metálico agudo bate na mesa. Ela tirou um bisturi do paletó do terno. Ele cai fora do alcance dos meus dedos.

— Vamos testar? — pergunta ela. — E se eu te abrir?

— Sangue e tripas — respondo, com firmeza.

Ela pega o bisturi. A lâmina brilha sob os holofotes que iluminam a sala, no canto. Ela realmente vai fazer isso, eu percebo quando a ponta toca a parte de trás do meu braço, pressionando. Ele rompe a pele. A dor sobe pelo meu membro, arde tanto que não consigo evitar tentar me soltar, resistir às algemas, encontrar alguma sensação de segurança.

— Pare, pare — sibilo.

Poppy retira o bisturi. Ela faz uma pausa. O ferimento é muito pequeno. Não é maior do que uma unha, não é mais profundo do que uma picada de abelha.

— Vamos tentar na sua cabeça depois.

— Chega — exijo. — Não me lembro muito do processo. Tenho uma vaga sensação de estar sendo lançada. É isso.

— Olha só, não foi fácil?

O tom dela é casual demais para um oficial medano. Não sei com quem estou falando agora, NiloCorp ou Medaluo.

— É interessante — continua Poppy. — Você conseguiu causar tantos problemas para eles como Lia Ward, que acharam que precisavam inventar uma história totalmente nova.

Tento abrir minhas mãos. As algemas seguram meus pulsos no lugar. Uma instalação sem janelas em Medaluo é talvez apenas o segundo pior lugar para se estar, depois de uma instalação sem janelas da NiloCorp. Pelo menos em Medaluo, eles não têm tanto com o que me ameaçar.

— Fiz o que precisava fazer — digo calmamente. — Não tinha interesse em fornecer a ninguém meus serviços ilimitados.

— Isso é muito compreensível. A NiloCorp já governa o mundo com a informação que eles coletam do Tear. Anarquistas e manifestantes que entendem sua influência são descartados como teóricos da conspiração e extremistas. Não podemos deixar a NiloCorp acessar ainda mais.

Estreito meus olhos.

— Não é só a NiloCorp que me preocupa. Eu disse *qualquer um*.

Poppy assente agradavelmente. Ela ainda está rolando a tela nos óculos.

— Você é bem inteligente. — Ela faz uma pausa. — Acha que os figurões da NiloCorp te mandaram atrás de Nik Grant de propósito?

Eles encarregaram minha unidade de capturá-lo de propósito — isso é certo. Talvez pensassem que seria uma forma irônica de punição para nós

dois. Duvido que imaginassem que ele perceberia quem eu era, no entanto. E duvido que esperassem que ele me roubasse bem debaixo de seus narizes.

Mas quando isso aconteceu, certamente trabalharam com o que tinham.

— Acho que eles queriam que a versão Lia de mim fosse deletada permanentemente — digo. — E deve ter parecido interessante o suficiente, poético o suficiente, para me enviar e fazer com que eu mesma garantisse isso. Capturar Nik Grant e pegar o arquivo. — Eu me inclino para trás na cadeira. Minhas algemas chacoalham. — Não acho que imaginaram que ele faria uma fusão em vez disso.

Podem ter pensado que ele tentaria me convencer de que um dia nos conhecemos. Mas, sem as memórias que Kieren colocou de volta, a NiloCorp teria vencido essa. A vida falsa que eles incutiram em mim era mais forte do que minha fé no Nik Grant imaginário. Por mais doloroso que fosse depois do nosso tempo juntos, eu teria permanecido leal à minha empresa.

— Tenho certeza de que eles queriam que seu arquivo fosse deletado — decide Poppy. — Mas também queriam muito capturar Nik Grant. Ele está provocando uma dissidência contra a NiloCorp nunca antes vista. É perigoso. E a única maneira de capturá-lo seria se você o fizesse baixar a guarda primeiro.

Estreito os olhos. Esse não é o tipo de interrogatório que eu esperaria de Medaluo. Aliás, nem parece um interrogatório… parece um *reunião de alinhamento*.

— Como você sabe disso? — pergunto.

— Por que não saberia? — responde Poppy.

— Desculpe, acho que perdi alguma coisa — confesso. — Qual é o seu objetivo aqui?

Poppy tira os óculos. Ela os coloca na mesa. Por vários segundos, ela não diz nada. Apenas espera.

Então as luzes brancas e nítidas se desligam ao nosso redor e voltam vermelhas, ativando o zumbido rápido do gerador de backup.

— Estou muito decepcionada — diz Poppy. — Você e o Sr. Murray deveriam se reportar ao contato em cada estágio de seu posto final, e eu não ouvi um pio depois de Tresci.

Levanto minhas mãos, confusa. As algemas apertam meus pulsos.

— *É* você! — exclamo. — Quem é você? Para quem você trabalha?

— Ano passado, eu trabalhava para a NiloCorp. Agora, trabalho para os medanos. Mas se o que você realmente está perguntando é a quem eu sou *leal*, então essa é a única pergunta em que obterá uma resposta verdadeira.

Ela enfia a mão no bolso e tira um cartão. Não há nada nele, exceto um símbolo: um círculo completo, quatro setas convergindo em seções iguais na circunferência.

— Há duas opções para você — diz ela. — Como uma oficial medana, vou te oferecer o mesmo acordo que ofereci a Nik Grant: trabalhar para nós. Você tem asilo aqui.

— Eu não tenho utilidade para você — interrompo.

— Mais cedo ou mais tarde, a NiloCorp vai retomar essa batalha contra você, então faria bem lembrar que ela será travada no Baixo. Você deve querer um aliado te apoiando. — Poppy empurra o cartão para frente. — Esta… — Ela bate no símbolo com a unha. — É sua segunda opção. Somos uma organização sem Estado, conhecida como Coalizão. Nosso objetivo final é destruir a NiloCorp. Esses são meus verdadeiros empregadores. Eles estão nos dando cinco minutos sem energia para que possamos falar sem as câmeras gravando.

Meus olhos se erguem. Poppy vira a palma da mão. Quando pôs a mão no bolso, ela tirou mais do que só o cartão de visita. Há também um pequeno pedaço redondo de metal em sua palma e, na luz vermelha, demoro um pouco para reconhecer o rastreador. O que Teryn me deu.

— Como membro da Coalizão, tenho uma contraproposta para a opção de Medaluo — continua ela. — Finja aceitar. Se acomode no esconderijo onde vamos instalar você. Seus outros dois amigos já estão lá. Não diga nada a eles. E antes que Teryn Moore deixe o país esta noite, você ativa este rastreador novamente e a leva até você. Nós o desligamos no momento em que você pisou em Frontex, mas só precisa segurá-lo sobre o calor para ligá-lo novamente. Quando Teryn invadir o esconderijo, você dá a ela Nik. Você é Eirale Ward, e não tem memória de mais nada, apesar dos esforços de Nik. Cumpriu sua missão: capturou Nik Grant. Vá para casa, a NiloCorp te dá as boas-vindas de volta. E de dentro, você os derrota.

Sinto o frio físico da sala penetrar fundo em meus ossos, cristalizar minhas veias. Por vários momentos, não consigo reunir forças para responder. Então:

— Isso é absurdo.

— Por quê?

— Não vou desistir de Kieren — murmuro. — Ofereça isso a ele. Peça para ele me entregar.

— Ele não tem como entrar — diz Poppy. — Só você. A NiloCorp ganha mais tendo você sob vigilância do que te sacrificando. Enquanto você puder virar a arma prometida deles, vão te aceitar de volta.

Meus dentes estão começando a bater. Eu os cerro, rangendo.

— Não consigo derrotá-los só voltando para lá.

— Você pode, e você vai. — Poppy coloca o rastreador na minha palma. Fecho meus dedos em volta dele, então viro a mão para esconder o objeto. — Nós já temos pessoas posicionadas, planos em andamento. Só precisamos de alguém infiltrado.

Eu estaria me juntando a uma rebelião sob o nariz da NiloCorp. Mas seria à custa de Kieren.

— Eu não sou quem você pensa que sou.

— Talvez não — diz Poppy, sem expressão. — Mas Nik Grant, Kieren Murray… como você quiser chamá-lo… ele é bem claro sobre seus objetivos, da última vez que ouvi. Se você não arriscar, terá falhado com ele. Ele te perdoaria por usá-lo. Ele se ofereceria, se soubesse. Não é?

Eu não respondo a ela com nada mais do que um olhar furioso. Não preciso de uma mulher aleatória me dizendo no que Kieren acredita. Eu sou humana porque tive Kieren para crescer ao meu lado.

O que significa que, infelizmente, cada versão de mim *sabe* o que cada versão dele quer.

NiloCorp queimando. NiloCorp envolta em chamas mais quentes do que seus piores crimes.

Eu desvio o olhar.

— A decisão é sua, no final das contas — diz ela. — Você não precisa aceitar a oferta da Coalizão. Pode ficar em Medaluo com seus amigos. Mas deve entender que estaria desistindo de sua luta contra a NiloCorp. Eles continuarão Indispondo todas as pessoas do Alto de quem não gostam, e é apenas uma questão de tempo antes que cheguem ao seu pai. Ele tem se mantido forte na vida real. Mas quanto tempo mais ele tem?

As luzes retornam. Eu me encolho, surpresa com as lâmpadas. É muita coisa de uma vez, e não consigo nem mover minhas mãos para cobrir os olhos. O rastreador pesa na minha palma.

— Fico feliz em saber que você vai considerar nossa oferta — diz Poppy, seu tom mudando completamente quando ela se levanta. — Enquanto isso, nós vamos te levar a um local seguro.

Ela ajeita sua jaqueta. Caminha até a porta.

— Espere.

Poppy se vira.

— Há quanto tempo Medaluo está nos observando? — pergunto. — Desde que te vi em Tresci?

Ela levanta uma sobrancelha.

— Com nossas câmeras, você realmente achou que não te notaríamos entrando no país?

Mas o governo medano não reagiu. Eles esperaram o momento certo. Não é como se fosse útil para eles prender Nik Grant no momento em que o identificaram pisando dentro de suas fronteiras. Ele tinha vindo buscar algo. Então, eles também esperaram até Frontex para aparecer, assim que ele conseguiu.

— Se isso é tudo, peço licença — diz Poppy. Ela abre a porta. As dobradiças emitem um guincho longo e baixo. — A escolha é sua, Lia. Como você age aqui dita o destino de dois países e do mundo que se moldará depois. — Ela entra no corredor. — Vou buscar alguém para te liberar agora.

# CAPÍTULO 50

Como prometido por Poppy, os soldados de Medaluo nos levam para um esconderijo seguro. Eles nos transportam em veículos com assentos confortáveis e seguram as portas abertas quando estamos saindo. Kieren estava no carro atrás de mim, e eu procuro seu olhar assim que piso na calçada.

Ele acena para me garantir que está bem. Sem hematomas, sem espancamentos. Como eu, recebeu um novo conjunto de roupas: moda civil simples, uma camisa branca e calças pretas. Tênis comuns, adequados para um corredor de parque. Não estamos sendo mantidos em cativeiro.

— Por aqui, por favor — diz um dos soldados. — Estaremos vigiando o perímetro, então não se preocupe.

Eu sigo o caminho. Eles abrem a porta da frente para nós. Alguém grita um aviso para tomar cuidado com o degrau. Fecham a porta atrás de nós.

Então:

— Deu certo? — grita alguém no corredor.

Perco o fôlego.

— Rayna?

Ela entra em cena, com os braços cruzados.

— Agora é Miz — diz ela, cuidadosamente. — Você já se acostumou. Não precisa voltar atrás.

Cada passo que ela dá em minha direção é cauteloso, apreensivo. Então eu abro meus braços e Miz deve ver algo em meu gesto que seja reconfortante o suficiente, porque ela me agarra tão rapidamente que eu mal tenho tempo para me preparar.

— Oi — ofego. — Oi. Sou eu.

Há algo sobre ser abraçada no real que parece diferente, o leve cheiro de xampu que o virtual nunca gerou, uma pontada de pressão no cotovelo que Miz aperta particularmente forte, uma sensação quente no meu peito.

— Estou aqui, estou aqui.

Miz está chorando.

— Você é tão ridícula — diz ela, entre soluços. — Não tinha como saber que a gente ia conseguir te trazer de volta! Garantia nenhuma de que daria certo!

— Desculpa — digo. — Me desculpa. Eu tive que fazer assim. Era a única maneira de escapar deles.

Miz respira fundo. Quando se afasta, assente resolutamente, mesmo com as lágrimas escorrendo pelo rosto. Seus olhar corre para o lado, incluindo Kieren.

— Vai ficar tudo bem — diz ela, e parece mais que está tentando se convencer do que me tranquilizar sobre nosso estado atual. — Nós te trouxemos de volta. Vamos trazer Hailey de volta. Vamos ficar bem.

Miz me abraça forte de novo, e meus braços demoram um pouco antes de eu envolvê-la direito. Não sei o que fiz com Hailey. Mas eu vou trazê-la de volta. Eu vou encontrá-la, nem que tenha que destruir todo o Alto para fazer isso.

— Funcionou?

É Blare quem enfia a cabeça pelo outro lado do corredor dessa vez, dois pares de óculos empilhados sobre o cabelo. Elu se aproxima casualmente, mãos enfiadas nos bolsos, sem uma única preocupação.

— Funcionou — responde Kieren. Ele nos empurra para o corredor. Suas mãos pousam em meus ombros, e eu relaxo completamente, feliz por ser guiada. — Vamos. Vamos entrar.

Ofereço minha manga para Miz enxugar suas lágrimas. Ela sufoca uma risada.

•

O relógio marca dez e meia.

Eu traço a borda da minha xícara vazia, meus olhos voltando para o visor digital no forno a cada poucos minutos. A lua cheia entra pela janela, eliminando qualquer necessidade de ligar a luz do teto da cozinha. Pode ser o trauma se manifestando, mas fiz questão de abrir a janela antes, balançando meu dedo para fora e garantindo que havia ar noturno em vez de uma tela.

Definitivamente ar noturno.

Eu usei o dispositivo portátil no balcão da cozinha para procurar nossa localização atual também. Esta casa é a última em uma rua residencial nos limites de Frontex. Não há muitas áreas residenciais aqui: a maioria das ruas civis é cercada por postos militares. Eu tinha saído antes para falar com os soldados que estavam de guarda no perímetro. Só devemos ficar aqui um dia, e depois Medaluo vai entrar em contato. É quando Miz, Blare e eu temos que responder se estamos dispostos a trabalhar para eles — embora os soldados já estejam falando comigo como se a resposta fosse sim, como se estivéssemos do mesmo lado. Acho que se eu recusasse a oferta, eles provavelmente teriam instruções para atirar em mim, então não importa o que revelam. Eles se mostraram até dispostos a me deixar vasculhar seu estoque de armas quando pedi, só para verificar o quão seguros estávamos em caso de perigo.

— Lia.

Eu tomo um susto, derrubando a xícara de chá. Kieren entra em ação, agarrando-a antes que ela possa cair do balcão e se espatifar no chão. Miz e Blare foram dormir. Kieren é o único que ainda anda pela casa também.

Ele já aceitou a oferta dos medanos.

— Desculpe — diz ele. — Não queria te assustar.

— Não, não — eu o asseguro. — É minha culpa. Eu estava distraída.

Ele empurra a xícara vazia de volta para mim. A chaleira está cheia água, mas eu não liguei o fogão. Ela só está na boca, ociosa. Kieren deve ter notado que é onde minha atenção pousa quando eu agarro a xícara novamente, e uma pequena ruga aparece em sua testa. Eu não consigo me acostumar com o novo arranjo de seu rosto. Ele sempre foi bonito de se olhar no Alto, daquele jeito vago e comum dele.

Suas feições são tão distintas, agora. Isso me deixa um pouco nervosa quando faço contato visual direto com ele, o que parece ridículo. Se há algo para ficar nervosa, deve ser como nos despedimos, ao final de nosso posto.

— Você quer que eu ligue o fogão? — pergunta ele.

— Sim — respondo, suavemente.

Ele gira o botão. O queimador começa a esquentar, ficando vermelho nas bordas primeiro. Nenhum de nós diz nada por um momento.

— Lia — pergunta Kieren. — Tem certeza de que está bem?

Eu tenho total certeza de que o esconderijo deve estar grampeado com recursos de escuta. O governo medano quer tudo. Nada é pequeno demais

para ser analisado.

— Tem sido muita coisa para digerir — digo. — O ano passado vindo todo de uma vez, e tudo mais.

— Imagino. Teria sido melhor se não fôssemos imediatamente capturados no momento em que vocês se fundiram, mas suponho que não se pode ter tudo na vida.

Meu lábio se curva. Típico de Kieren reclamar quando ele não está realmente bravo.

— Capturados por ninguém menos que seus novos empregadores, aliás — digo, delicadamente. — O que rolou ali?

— O quê, trabalhar para Medaluo? — Kieren se inclina contra o balcão, suas mãos pousando no granito pesado atrás dele. Eu me pego fixando meus olhos ali. Seu dedo indicador traça um padrão ao longo da face rochosa. — Eu prometi, né? Vou virar um traidor de Atahua se for para derrubar a NiloCorp. Medaluo está me oferecendo seus recursos.

Nik Grant, enquanto entidade, provou seu ódio pela NiloCorp o suficiente. Medaluo fez uma aposta promissora.

Eu me aproximo, virando a lateral da ilha da cozinha. Meu Kieren mudou drasticamente desde a última vez que o vi. Ele mata a sangue frio agora. Ele espalha uma linha de devastação apenas para provar algo.

Mas Nik preenche as lacunas. Eu aprendi a entender Nik. E então, os dois se fundem facilmente na minha cabeça, mesmo que eu tenha sido a única que foi separada.

— Você ainda não respondeu — afirma Kieren.

— Não. Eu ainda estou… pensando.

Devo ter parado por muito tempo. Kieren inclina a cabeça, deixa minhas palavras pairarem no ar para indicar que notou meu tom. Mas ele não comenta sobre isso.

— Eu sou jovem, sabia? — questiono. Não importa tanto se Kieren percebe minha pausa, mas não quero que os dispositivos de escuta de Medaluo pela casa também percebam. — Na minha cabeça, só perdi a chance de virar oradora da turma ontem. Isso realmente era importante para mim. — Considero minhas palavras. — Para nós. Importante para nós.

— Era o único caminho que realmente achamos que seria possível ditar — concorda Kieren. Ele tira as mãos do balcão, entrelaçando os dedos. — Sinto muito que fomos colocados um contra o outro.

Solto uma risada.

— Quem foi, no fim das contas?

— Eles cancelaram a formatura, na verdade. — Kieren se afasta do balcão, optando por ficar ao meu lado. Nossas mangas se esfregam. — Não há nenhuma matéria que nos mencione por nome, mas houve rumores sobre uma operação que deu errado por causa da NiloCorp entrando em Kunlun. Até onde nossos colegas sabem, o orador da turma ainda foi designado, só não foi anunciado. A academia não reuniu todo mundo depois. Os formandos receberam seus cargos e todos se dispersaram.

Ninguém sequer sabe que Kieren e eu somos fugitivos. Eles podem pensar que nós dois estamos nos divertindo muito, trabalhando em algum lugar dentro da NiloCorp, apenas um pouco amargurados por um incidente internacional ter tirado nossa oportunidade de subir no palco em nossos uniformes formais.

— Você acha que algum deles juntou dois mais dois? — pergunto. Bato meu ombro no dele. — Você costumava ler aqueles gibis do Nik Grant o tempo todo. Que ódio que não descobri antes.

Ele bate no meu ombro.

— Essas histórias em quadrinhos têm uns cem anos. Eu ficaria chocado se algum deles reconhecesse que Nik Grant é um nome obviamente fictício. A única razão pela qual a NiloCorp não me expôs é porque eles não querem provocar uma tempestade na mídia sobre mim. Sobre minha família. Minha identidade como um antigo cadete honrado me legitimaria como uma ameaça, pegaria mal para eles.

Eu fico imóvel. Kieren também. No silêncio, encosto meu corpo no dele, oferecendo consolo. Vejo tudo se repetindo em minha mente, com outros olhos. Kieren saindo furtivamente do caos naquela boate. Kieren me interrogando no corredor abandonado. Ele tinha ido atrás de vingança e emergiu com a intenção de me levar. Eu me lembro do que ele disse em seu fone de ouvido: “*Mudança de planos. Tenho algo interessante aqui*”.

— Como você sabia que era eu? — pergunto.

Kieren se afasta um pouco para poder olhar para mim. Meu rosto diferente, minha voz diferente.

— Na verdade, não tive certeza por um tempo — ele responde. — Eu tive um pressentimento no primeiro encontro. Quase me distraí quando te vi, e não fez sentido, porque, à primeira vista, você era só uma estranha.

A primeira missão de captura ocorreu no leste de Cidade-Botão, na orla. Ela falhou espetacularmente: ele tinha um jetski esperando para levá-lo embora.

— Na segunda vez, nós brigamos. Você se lembra disso?

— Claro. — Foi breve. Diferente do encontro na boate, não tivemos a oportunidade de conversar. Eu quase o peguei, e ele quase desistiu, mas a bomba explodiu e as ondas me desequilibraram.

— Fiquei desconfiado. Miz e eu passamos um ano nos preparando para ir atrás de seus arquivos de memória ocultos. Eu tinha todos os planos de contingência preparados, ou seja, fiz minha pesquisa sobre você, seu pai, sua família. Foi mencionado apenas uma vez, em um jornal: Eirale Sullivan. A filha biológica do seu pai.

Eu estremeço. Minha mente volta para o papai, para a vida que ele tinha antes de mim. No momento em que meus pensamentos flutuam para Mallory, eu desligo tudo rapidamente. Eu preciso.

— E então — começo —, depois daquela luta, você me procurou.

— A coincidência era muito grande — diz Kieren. — O trabalho típico de alguém que se acha inteligente demais para ser pego, o que é clássico da NiloCorp. Eles marcaram seu posto final como Kunlun. Listaram como se você tivesse se formado na Academia Militar do Nilo no nosso ano, e eu sabia com certeza que você não estava lá. Outros cadetes podem ter ignorado, imaginado que não tinham prestado atenção, mas eu *sabia*.

Eu franzo a testa.

— Babaca.

Kieren pisca rapidamente.

— Por quê?

— Eu era sua maior concorrente. Não precisava ficar memorizando o resto da lista de alunos.

Seu susto desaparece.

— Você está com ciúmes, Ward?

— Extremamente. Sua atenção é toda minha.

Kieren revira os olhos e estende o braço direito. A faixa pálida de pele em seu pulso está mais desbotada agora, mas eu a notei desde o começo. Suspeitava que ele usava um relógio consistentemente e depois o tirou para Medaluo, ou então a linha do bronzeado não teria sido tão proeminente.

— É sua, mesmo — diz ele. — Mesmo quando eu não estava falando com seu bot, eu o levava comigo. Sempre.

*Ah*. Mas no momento em que eu estava lá, ele não podia arriscar que eu notasse o robô de mim mesma em seu relógio. Voltou para o dispositivo portátil.

Ele realmente deve ter entrado em pânico quando comecei a provocá-lo sobre uma namorada IA. Acho que não estava muito longe da verdade.

— Espero que tenha sido útil. — Levanto minha mão, alisando meu polegar sobre seu pulso. Ele é quente. Sólido. — Não tenho ideia do que estava dizendo no tempo em que fiquei desligada.

— Quer ver?

Ele tira seu dispositivo portátil do bolso e o entrega para mim da maneira mais relaxada com que já o vi se portar no Baixo. Claro que estava tenso em relação ao dispositivo durante toda a nossa missão. Naquele dia em Kunlun, eu tinha baixado um *chatbot* meu construído usando pedaços do próprio código de Indisposição da NiloCorp e o enviei para o dispositivo portátil de Kieren, armado com todas as informações de que ele precisaria para encontrar meus arquivos de memória. Como era um arquivo local, a NiloCorp não podia espioná-lo. Mas isso também significava que se Kieren perdesse o dispositivo portátil, ele perderia o bot também.

— Não sei se você sabe — diz ele, deslizando o registro de bate-papo para mim —, mas mesmo seu bot não estando conectado à internet, podia acessar sua rede principal. Eu podia pedir atualizações sobre você. Em qual versão você estava, enquanto a NiloCorp reiniciava você.

Faço uma careta imediatamente, me encolhendo. Kieren assente.

— Doeu, Lia. Eu não sabia se eles estavam te machucando. Te torturando. Só podia continuar verificando e verificando para ver seu status. Então, no dia em que o bot parou de receber informações, foi quando minha suspeita se enraizou. Ou a NiloCorp tinha desistido, ou tiraram você do ar.

— Foi quando eles me baixaram como Eirale — termino suavemente.

Ele assente. Gesticula para o dispositivo portátil.

— Tantas versões de você. Espalhadas onde eu não conseguia alcançar.

Começo a rolar pelo registro de bate-papo, parando periodicamente em cada data que marcava uma violação de centro de dados no Baixo.

**KIEREN:** Estamos no centro de dados de Marsup. Para onde?

**LIA!BOT:** a primeira coordenada é a nota q vc tirou na prova de hist de medaluo antes de dar piti sobre ponto extra
**KIEREN:** Uau…

**KIEREN:** dsclp digitar td assim, tem um limite de tempo aq
**LIA!BOT:** você tá em tresci?? e é assim q eu digito tbm, ta pedindo dsclp por q
**KIEREN:** é q n é muito eloquente…
**LIA!BOT:** n vem fazer gracinha só pq eu n tenho uma forma corpórea agora, te dou uma surra mais tarde

**KIEREN:** Em Tresci! Coordenadas?
**LIA!BOT:** qual é o num da camisa daquele jogador de lacrosse da academia do nilo q a gnt odeia…

— Não tinha ideia de que meu próprio bot estava falando em enigmas — digo.

— É um ótimo método. Mesmo que caísse nas mãos da NiloCorp e eles falassem com ela fingindo ser eu, não conseguiriam descobrir onde cada um dos arquivos estava.

Faço menção de devolver o dispositivo portátil para ele. A tela rola com meu movimento, um pouco mais para baixo. Eu pego um vislumbre de "*to com saudade, não é a mesma coisa sem você aqui direito*" e em resposta, com carimbo de data e hora três segundos depois, às duas da manhã, "*vc vai me recuperar!!!!! confio em vc. total e completamente*".

Quase parece que vislumbrei algo ilícito, o que é cômico, considerando que ele estava conversando com um robô treinado para falar exatamente como eu. Sem questionar nem por um momento, eu dei a ele algo que responderia a cada mensagem sua com meus pensamentos mais íntimos. Cada instinto meu que minha mente funcional poderia querer esconder.

— Como você vê, foi muito útil — diz Kieren, colocando o dispositivo portátil na bancada. — Eu estaria mentindo se dissesse que não me apeguei.

Não consigo evitar meu sorriso. Uma sensação suave se espalha entre minhas costelas.

— Obrigada — digo. — Por não deixar nenhuma parte minha para trás.

— Impossível — responde ele. — Quando tivemos aquela conversa depois da boate, eu suspeitei o suficiente para não querer arriscar, mesmo que não fosse totalmente você. Não faria mal nenhum te levar junto. Então, poderíamos fazer uma fusão em vez de ter uma cópia fragmentada da sua mente existindo como Eirale Ward.

É uma noção estranha para entender. Que poderia ter havido uma divisão, Lia Ward e Eirale Ward como duas pessoas diferentes. Quando Eirale se fundiu com minha consciência maior, pude aceitar que aquelas ações eram minhas e aqueles dias passados fugindo com Nik Grant e sua equipe eram minhas memórias. Mesmo assim, ela era um ramo. Um setor. Mais perto de mim do que o Lia!Bot que eu coloquei no computador de mão de Kieren, mas ainda não era totalmente *eu*.

— Foi Tresci, não foi? — pergunto. — A tirolesa.

A mão de Kieren paira sobre minha têmpora. Ele alisa meu cabelo para trás.

— A tirolesa — confirma ele. — Você ter salvado minha vida da gripe aviária. Segurado minha mão.

Meu coração erra uma batida.

— Nem sabia que você estava acordado naquela hora.

— Totalmente delirante. Mas consciente, de alguma forma.

Giro de repente, com a intenção de confessar tudo o que se desenrolou depois, sobre Teryn e o que ela exigiu. Assim que inclino meu queixo, nos aproximo muito mais do que eu havia percebido.

A chaleira vai apitar a qualquer momento. Meu coração está martelando em minhas costelas. O rastreador, na água dentro, foi reativado no momento em que a boca do fogão ligou. Eu fiz minha escolha.

Eu poderia me explicar, ou poderia confiar que ele me conhece. Use esse tempo para agarrar a única coisa que não me permiti desejar, porque seria muito assustador não ser compreendida, muito doloroso se não fosse aceita.

Kieren respira suavemente, imóvel.

Eu me levanto na ponta dos pés, e ele lê meu gesto em um instante. Quando meus lábios tocam os dele, é gentil, suave. Suas mãos deslizam em ambos os lados do meu rosto, e pela primeira vez na vida, não consigo pensar no que mais existe, no que mais preciso. Estou satisfeita, estou saciada. Estou mais segura do que uma criatura em uma concha. Sou orgânica, sou estranha, e envolvo meus braços em volta do pescoço de

Kieren, trazendo-o para mais perto. Ele me beija, murmura meu nome. Não é o tipo de fome que já vi descrita, não é um anseio distante por um corpo abstrato. É ele, somente ele, ao meu alcance depois de todo esse tempo que passou procurando meus pedaços para me trazer de volta.

A chaleira apita com um grito agudo.

Nós nos separamos lentamente. Ouço o primeiro baque no telhado. Kieren não percebe. O buraco no meu estômago não tem fundo. Isso é tudo que posso ter por enquanto; deve ser o suficiente.

— Eu prometo — sussurro — que estou fazendo isso por você.

A explosão atravessa a casa com um barulho colossal. Kieren se abaixa rapidamente, me puxando para baixo, mas é difícil escapar do ataque repentino de destroços e cinzas caindo de um buraco no teto. Os vapores estão no meu nariz, nos meus ouvidos, ardendo nos meus olhos. Há gritos, distantes, vindos dos fundos da casa. Miz e Blare, acordados de seu sono.

*Não os machuquem*, eu imploro. *Por favor, não os machuquem*.

— *Liberado*!

— Lia? Lia, o que…

Alguém me agarra. Reconheço as luvas fornecidas pela NiloCorp, seu toque áspero raspando contra meu braço nu. Kieren está lutando. Através da névoa de fumaça, posso ouvir a comoção, os grunhidos, mas em pouco tempo eles devem tê-lo prendido, porque ele fica quieto. Meus braços são puxados para trás de mim. Estou algemada o mais forte possível. Eles estão me empurrando para a sala de estar e estou me esforçando para fazer uma contagem rápida de quantos soldados a NiloCorp trouxe, se eles chamaram mais reforços depois de perder tantos no centro de dados de Frontex. Então sou empurrada para fora, as cinzas da explosão deixadas para trás.

A noite está fria. As estrelas estão com força total em Frontex, o ar limpo após décadas de inatividade das fábricas. Nenhuma pluma, apenas faixas de veludo varrendo o topo das montanhas. Os soldados medanos que estavam guardando nosso perímetro estão todos caídos. Com apenas uma aeronave, a NiloCorp trouxe pessoas suficientes para dominá-los. Quando um sinal de alerta for enviado ao governo federal medano para reforços, teremos ido embora.

— Eirale Ward.

Fecho os olhos antes de poder me virar para encarar Teryn. Procuro rápido, vasculhando o redemoinho de pânico tentando surgir. Esfrego cada

vestígio de Kieren que resta. Esqueço-o da minha pele, das minhas mãos, dos meus lábios. Quando abro os olhos, sei que ela está de volta, resgatada de qualquer canal oculto em que foi empurrada. A dócil e obediente Eirale Ward. A soldada leal.

— Não precisa me algemar — digo. — Mandei chamar você.

Teryn não está em seu traje de combate. Está usando um uniforme formal. O equipamento emitido pelas forças privadas de alto escalão da NiloCorp. Certamente ela ainda não ascendeu a isso.

— Seu rastreador caiu — diz ela, firmemente. — Quando uma unidade de pesquisa verificou o centro de dados, eles foram baleados pelas autoridades medanas.

— Porque as autoridades medanas resgataram Nik Grant — comento. — Eles têm novos recursos de bloqueio de rastreadores. Esperei até ficar sozinha antes de forçá-lo a ativar.

Eles estão puxando Kieren para fora. Então Miz. Então Blare. Meus amigos me veem falando com Teryn.

Miz grita, confusa, mas Kieren permanece em silêncio mortal.

— Você conhece o Projeto Sabe? — pergunto.

— O que você está fazendo? — pergunta Miz enquanto é empurrada para uma fila com Kieren e Blare. — O que… o que está acontecendo?

— Não, não conheço — diz Teryn.

Faço um gesto para a equipe. Meus amigos, que eu encaro totalmente sem reação.

— Eles alegaram estar atrás, mas não conseguiram iniciar um download. Não há nenhum programa, mas imaginei que vocês iriam querer os ativos mesmo assim.

Por um longo momento, estou convencida de que Teryn vai perceber meu teatro. Que ela será capaz de apontar a diferença entre Eirale e Lia, que algo em meus maneirismos revelará as memórias em minha cabeça, a consciência persistente no centro da minha rede neural. Só estarei segura dentro da NiloCorp se eles acreditarem que não sei de nada.

Mas Teryn não deve saber sobre mim, nem sobre o verdadeiro objetivo da missão para a qual fui enviada. Percebo isso quando ela estreita os olhos, quando olha para Kieren em um esforço para descobrir se estou dizendo a verdade, porque não sou eu que ela suspeita que esteja mentindo; é ele. Ela

suspeita que ele pode ter me enganado no processo de recuperação do programa.

— Não, não, não! — Miz ainda está lutando. — Você disse que tinha dado certo. Você mentiu! — Ela se vira para Kieren. — Está vendo isso? Eu disse que ela podia ser a soldada perfeita da NiloCorp! Eu disse que era um risco!

Eu a ignoro. Manter meu olhar firme parte meu coração ao meio, mas eu o faço. A atenção de Teryn passa para Miz, cheia de curiosidade, e eu preciso que Teryn absorva tudo, porque isso fará diferença quando ela relatar aos executivos da NiloCorp. *Palavra por palavra, Teryn. Anote tudo. Grave se for preciso*. Se eu vou partir o coração da minha melhor amiga, é melhor que seja por um bom motivo. É melhor ganhar a credibilidade de James Moore quando ele ler o relatório.

— Escaravelho! — Miz chora. — Escaravelho!

— Ela perdeu o juízo? — murmura Teryn.

Miz está fazendo um último esforço para arrancar algo de mim, e eu não posso dar a ela. Meus olhos tremem, querendo se encher de lágrimas, mas Eirale Ward não tem nada a ver com isso, então eu só posso observá-la, sem expressão.

— Tire as algemas dela — diz Teryn, acenando para mim. — Leve os outros.

Os soldados se aproximam.

— Diga alguma coisa — murmura Blare, e elu está falando com Kieren, que está em silêncio, apenas em silêncio, desde que as forças o tiraram da casa.

Finalmente ouso olhar. No momento em que nossos olhos se encontram, a bomba de fumaça irrompe em suas mãos.

Os soldados gritam, tentando freneticamente manter a ordem. Sou a única que não está surpresa, porque roubei a bomba de fumaça dos soldados medanos mais cedo enquanto conversávamos, e então a coloquei no bolso de trás de Kieren pouco antes de a chaleira apitar.

Não consigo ver nada. Mas sinto movimento, pessoas correndo ao meu redor, a fumaça girando. Teryn está gritando, pedindo às forças para se mobilizarem, para se espalharem…

Uma mão quente se fecha sobre meu braço. Antes que eu possa entrar em combate, sou puxada com um movimento abrupto, minhas costas colidindo

com uma presença familiar.

— Soldada — diz Kieren em meu ouvido. — Eu presto atenção.

É um eco. Um conjunto familiar de palavras — "O que posso dizer? Eu presto atenção" —, e no tempo que levo para lembrar da tirolesa, do trabalho rápido com nós dois na mesma sintonia, ele coloca a faca na lateral das minhas costelas e corta.

Eu grito, a dor espasmando ao longo do meu torso em ondas furiosas. Kieren solta meu braço. Não tenho tempo de vê-lo: ele se foi com a fumaça. Apesar do sangue jorrando do meu lado, apesar do tremor implacável que tomou conta de todo o lado direito do meu torso, tenho que me impedir de soltar uma risadinha absurda. Só são precisos dois movimentos rápidos de batalha para que Kieren e eu nos comuniquemos em código.

A fumaça se dissipa o suficiente para me mostrar meus arredores imediatos. Vejo Teryn, frenética enquanto gesticula para seus soldados, e cambaleio para frente.

— Teryn. Teryn! — Quase caio sobre ela. — Teryn, por favor, ele me esfaqueou. Por favor, me ajuda.

Seu rosto está branco como um lençol.

— Onde? — exige saber. — Isto é… eu não posso… *alguém tire essas algemas dela*!

Ela tenta se afastar, ainda procurando na fumaça para onde Kieren foi, e eu grito, caindo de joelhos. Teryn não tem escolha a não ser me agarrar, xingar violentamente quando um soldado enfim chega perto o suficiente com as chaves magnéticas, tocando-as em minhas algemas para soltá-las. Aperto a mão na lateral do corpo. Meus dedos retornam cobertos de vermelho.

— Por favor, não me deixe morrer — imploro, agarrando o braço de Teryn, deixando uma mancha na imagem escarlate em sua manga, em sua jaqueta branca impecável, e será culpa dela se um soldado morrer sob sua supervisão. Uma soldada específica que seu tio a enviou para vigiar pessoalmente. Mesmo que ela não saiba por que James Moore está tão investido em mim, deve entender que isso tem peso. — Teryn, por favor, *por favor*…

— Pegue o helicóptero! — grita ela. — Depressa!

— Senhora, os fugitivos — diz um dos soldados, apressadamente. — Se não os capturarmos, os medanos estacionaram carros atrás do esconderijo…

Eu choro, apertando meu ferimento com mais força.

— Me ajuda, por favor… — grito, parecendo delirante. — Me ajuda, por favor, por favor…

— Leve ela para dentro. Estamos indo — comanda Teryn. — Pegue a bolsa médica, agora!

A fumaça quase se dissipou, e dois soldados me colocam de pé, me ajudando a chegar ao helicóptero que aguardava. Arrisco um olhar por cima do ombro, encontrando uma cena vazia. Eles se foram. Kieren os levou embora.

— Sobe!

Eles me colocam em um banco, e há um frenesi de atividade na parte de trás do helicóptero para encontrar a bolsa médica de emergência. Fico onde estou, ambas as mãos envolvendo o ferimento, um suor frio se formando em meu rosto.

— Você vai ficar bem — promete Teryn quando vem se sentar na minha frente.

— *Decolando*! — grita outro soldado e bate na lateral da aeronave, fechando as portas. O helicóptero estremece. Ele balança com o vento e começa a subir.

Eles escaparam.

— Sinto muito — sussurro, rouca. — Sinto muito, eu não o vi na fumaça. Não pude me defender.

— Você vai ficar bem — diz Teryn, firmemente. Ela solta um suspiro. — Você realmente o irritou, não foi? Ele não precisava te atacar para escapar. Aquela maldita bomba deu a ele bastante tempo.

Teryn vai ter que responder por isso. Por que sua unidade não procurou por bombas de fumaça. Por que eles presumiram que Nik estaria desarmado ao tirá-lo de um esconderijo medano.

Mas não pode ser minha culpa, não com uma ferida dessas.

— Vamos para um hospital? — pergunto, fracamente.

— Temos suprimentos a bordo. Deve parar o sangramento, mas, de qualquer forma, temos uma longa viagem pela frente. — Os ombros de Teryn se endireitam. — Estamos indo para casa. Vamos cuidar de você lá.

Inspiro. Expiro. A janela perto do meu assento mostra a terra plana de Frontex que estamos deixando para trás. As estradas de cimento descem para a areia, um marrom infinito que se estende em direção às montanhas

distantes. Medaluo espera. Seu vasto terreno está ansioso para nos expulsar. Não é Atahua, e não é meu.

Mas vou sentir saudade.

Uma forte rajada de vento sacode a aeronave, e meus olhos voltam rapidamente para a janela, examinando a cena. Passa tão rápido que quase perco. O helicóptero lança sua luz sobre um símbolo na areia abaixo: um círculo completo com quatro setas. E então passamos voando.

— Teremos que cortar sua camisa para aplicar gaze — diz Teryn.

Eu assinto. Meu sangue pinga no chão, criando um círculo vermelho mais largo ao meu redor, manchando todas as quatro direções enquanto os soldados andam. A areia tem o símbolo da Coalizão, lá fora. E estou criando um similar aqui, bem debaixo do nariz da NiloCorp.

— Gostaria de um uniforme — digo. — E quando chegarmos, eu gostaria de falar com James Moore pessoalmente.

# EPÍLOGO

BRIEFING — CONFIDENCIAL
**James Moore**
…

**2. ENTREVISTAS PRELIMINARES**

Ao retornar a território atahuense, Eirale Ward foi levada ao hospital para cuidar de seus ferimentos. Garantimos que não houve contato com ninguém fora da equipe de transporte e dois funcionários aprovados do hospital nos três dias que passou se recuperando. Ela foi totalmente cooperativa e relatou sua estadia em Medaluo. Todos os fatos corroboraram com a redação de Teryn Moore.

…

**5. RECOMENDAÇÃO**

A seu critério, concordamos que seria benéfico para você se encontrar com Eirale e ouvi-la pessoalmente.

**6. CONCLUSÃO**

O nível de ameaça que Eirale Ward representa atualmente é baixo. Ela não demonstrou familiaridade com os ex-cadetes Kieren Murray e Rayna Ward. Não reagiu a cenários de realidade mista retratando seu encontro com nossos soldados em Kunlun, o que continua a indicar que não há sobreposição em suas memórias com seu estado anterior.

Eirale ainda não está pronta para aceitar SangueFio. Paciência é importante para garantir que sua mente esteja estabilizada, com nossos valores respeitados acima de tudo. Não há nada com que se preocupar enquanto continuamos a monitorá-la. Bloqueamos as

credenciais Tear de Lia Ward com sucesso, e Eirale continua sem ser escaneada no sistema.

No momento, e por um futuro indefinido, **Eirale Ward não tem acesso ao Alto**.

# AGRADECIMENTOS

Carregando: Gratidão [SOBRECARGA DE CAPACIDADE]

Existem inúmeros componentes envolvidos no processo de levar um livro como *Coldwire* ao mundo, e uma página de agradecimentos não é suficiente para capturar cada elemento. Ainda assim, alguns arquivos acabam no primeiro plano:

Laura Crockett, minha agente. Sou eternamente grata pelo voto de confiança antes de começarmos qualquer projeto. Também, Uwe Stender e todos da Triada US Literary Agency — que lugar maravilhoso para hospedar meu sistema.

Sarah McCabe, minha editora. Os caminhos que você consegue analisar em meus manuscritos sempre me surpreendem, e fico extremamente agradecida. E Anum Shafqat, pelas adições executáveis fantásticas.

Justin Chanda e o time brilhante de Margaret K. McElderry Books — Karen Wojtyla, Anne Zafian, Bridget Madsen, Elizabeth Blake-Lin, Michael McCartney, Chrissy Noh, Caitlin Sweeny, Lisa Quach, Bezi Yohannes, Perla Gil, Remi Moon, Amelia Johnson, James Akinaka, Saleena Nival, Elizabeth Huang, Trey Glickman, Shannon Pender, Amy Lavigne, Julia Ashley Romero, Lisa Moraleda, assim como Christina Pecorale e sua equipe comercial, e Michelle Leo e sua equipe de educação e bibliotecas. Além disso, minhas maravilhosas assessoras de imprensa — Nicole Russo, Anna Elling, e Lindsey Ferris. Trabalhar com todos vocês é como se conectar a uma rede de elite.

Cassie Malmo, de Malmo Public Relations. Agradeço tanto sua expertise. Sean Freemen e Eve Steban, pela capa mais estonteante do mundo.

Joe Harr, pelo trabalho de incentivar minhas palavras à tela. E devo bastante a Douglas Hofstadter pelo conceito de “loop estranho”, no qual este livro se inspira.

Molly Powell e o time maravilhoso da Hodder, do outro lado da margem — Sophie Judge, Marina Dominguez-Salgado, Claire Offord, Bethany Lee,

Laura Bartholomew, Helena Fouracre, Rachel Southey, Sarah Clay, Kate Keehan, Dominic Gribben, e Robyn Bowler. Assim como Anissa da FairyLoot e sua incrível equipe de fadas. Também a Simon & Schuster Canada, Hachette Australia, Hachette Aotearoa New Zealand, e todos os países que traduziram *Coldwire* ao redor do mundo.

Livreiros, bibliotecários, professores e amantes de livros, levando a literatura aos adolescentes. Vocês são mais importantes do que nunca — obrigada pelo esforço incansável. E aos meus leitores, tanto quem começou por esta série tanto quem já me segue desde o passado até o futuro. Não conseguiria fazer nada disso sem vocês.

À minha família e amigos, especialmente a D.A.C.U.!

E finalmente, Owen. Você conhece *Coldwire* de trás para frente, tanto porque foi o primeiro a sequer ouvir minha ideia, e porque muitos dos caminhos saíram de fato da sua cabeça. Este livro não seria o mesmo sem sua dedicação, e nem eu.

**NUMA CIDADE ONDE O GELO NUNCA DERRETE, A TRAIÇÃO QUEIMA COMO FOGO.**

No submundo gélido de uma metrópole devastada, onde tecnologia e carne convivem em uma simbiose dolorosa, o refúgio da humanidade é digital. Os privilegiados vivem "no interior" — uma realidade virtual perfeita, limpa e controlada. Enquanto isso, os menos favorecidos são abandonados no mundo físico, agora em ruínas, lutando para sobreviver em meio ao colapso ambiental e social.

Eirale, uma soldada treinada para obedecer, de repente se torna alvo. Acusada de um crime que não cometeu, terá que fazer o impensável: aliar-se ao inimigo — um anarquista misterioso e perigoso, repleto de segredos e intenções duvidosas.

Lia, uma cadete brilhante prestes a atingir a consagração final na academia militar, se vê jogada em uma missão que é, ao mesmo tempo, uma traição. E, ao descobrir que a guerra esconde camadas de conspiração ainda mais sombrias e mortais, seu mundo desaba.

Separadas por espaço e movidas por destinos colidindo, Eirale e Lia percorrem realidades virtuais que mascaram a verdade. Em meio a conspirações digitais, lealdades frágeis e uma paixão que desafia tudo o que já conheceram, precisam fazer a escolha mais difícil de suas vidas: lutar pelo sistema que as moldou ou arriscar tudo para reescrever o futuro.

+16 ANOS

EXCELSIOR